

1286

C.U.Dupl.

5658

E 65

# COMISSÃO DO MADEIRA.

## PARÁ E AMAZONAS.

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conselho Francisco Bernardino de Souza.

I.<sup>a</sup> PARTE.

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1874.



COMMISSÃO DO MADEIRA.

---

PARÁ E AMAZONAS

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Couego Francisco Bernardino de Souza.

1.<sup>a</sup> PARTE.

---

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

—  
1874.







Digitized by the Internet Archive  
in 2017 with funding from  
Columbia University Libraries

<https://archive.org/details/paraeamazonaspel00braz>

---

## COMISSÃO DO MADEIRA.

---

### Pará e Amazonas.

A viagem do Rio de Janeiro ao Pará poucos incidentes ofereceu-nos e nem vale a pena descrever minuciosamente o que por quasi todos é sabido.

Como porém pôde ser de alguma utilidade, aqui dou as distancias dos diferentes pontos existentes entre o Rio de Janeiro e o Pará.

Me parecem mais bem calculadas estas que apresento do que as que dá o illustrado Sr. Dr. Tavares Bastos na sua tão importante obra *O valle do Amazonas*.

Foram-me ellas ministradas pelo Sr. capitão-tenente Pedro Hyppolito Duarte, commandante do vapor *Pará*, e confirmadas por pessoas muito competentes. Incontestavelmente a distancia que vai do Ceará ao Maranhão é maior do que a que vai do Maranhão ao Pará, mas no calculo do Sr. Dr. Tavares Bastos acha-se o contrario.

	milhas.
Do Rio de Janeiro ao Cabo Frio.....	65
Do Cabo Frio ao de S. Thomé.....	92
De S. Thomé aos Abrolhos.....	276
Dos Abrolhos á Bahia.....	300
Da Bahia a Maceió.....	270
De Maceio a Pernambuco.....	120
De Pernambuco á Parahyba.....	70
Da Parahyba ao Rio Grande do Norte.....	78
Do Rio Grande do Norte ao Ceará.....	260
Do Ceará ao Maranhão.....	395
Do Maranhão ao Pará.....	350

Eram quasi 10 horas da manhã do dia 5 de Fevereiro proximo passado quando chegámos á Bahia : ahi demorei-me, seguindo no mesmo vapor os companheiros, que comigo haviam deixado o Rio.

Na tarde de 5 de Março, tomei passagem a bordo do vapor *Pará* e na manhã do dia 7 cheguei a Maceió.

Agradou-me a cidade. A' amabilidade do Exm. Sr. Dr. Mendonça devo o ter visitado a cidade e os seus principaes estabelecimentos.

Saltámos em uma excellente e muito extensa ponte acabada ha talvez dous annos. Atravessámos a parte commercial da cidade, tomámos o vagão da estrada de ferro e dirigimo-nos para a outra parte da cidade. Visitei a matriz, grande templo, sem nenhuma architectura, mas muito bem situado sobre uma pequena eminencia e em frente a uma bella praça.

Igualmente visitei o edificio em que funcionam a assembléa provincial, a bibliotheca e a alfandega.

A's 4 horas da tarde seguimos para Pernambuco (1), onde chegámos na manhã seguinte.

Nenhum panorama podia ser mais lindo do que o que se nos apresentava. O sol erguia-se do lado do oriente, dissipando pouco e pouco o nevoeiro que pairava sobre a cidade, que parecia ir surgindo das aguas.

Passámos o *lameirão*, recebemos o pratico a bordo, entrámos no estreito canal que fica entre o recife e a cidade e ancorámos no porto.

O Recife (2), capital da provincia de Pernambuco, é uma grande e bella cidade: cortada pelos rios Biberibe e Capibaribe, é a Veneza do Brazil.

Enchem-lhe o porto grande numero de navios de diversas procedencias e é grande o movimento commercial que alli se nota.

E' defendida pelos fortres das *Cinco Pontas*, *Buraco* e *Brum*, monumentos de força material, diz o Sr. senador Pompeu, porém mais ainda de gloria nacional e poesia historica: alli houveram combates dignos dos tempos heroicos; allise inscreveram com a espada, sob o impulso da coragem, as sublimes paginas de uma gloria immortal.

Cortam-lhe as ruas, em geral largas, differentes linhas de bonds, que communicam os diversos bairros.

---

(1) *Pernambuco* parece que se forma de duas palavras da lingua geral-paraná (rio) e *poka* (quebrar). Agua quebrando ou arrehentando na pedra ou quebra-mar.

A gente do povo ainda diz *Parnambuco*, que tem muita semelhança com *Paranam-buco*.

(2) A cidade do Recife está situada a 8°, 3' e 58" de latitude.

Largas e bellas pontes, sobresahindo entre elles a magnifica ponte do Recife, communicaam diferentes pontos e sitios.

Lindos são os arrabaldes, onde se ostentam bellas chacaras e palacetes.

Entre os bairros não posso deixar de fazer menção especial do da Magdalena, onde em um ponto denominado Passagem de Magdalena, ostenta-se deslumbrante e arrebatador panorama. O bairro de Santo Antonio é a antiga cidade *Mauricea*. Nelle acham-se o palacio do governo, situado em frente de uma bella e bem arborizada praça, o arsenal de guerra, o theatro, a casa de correção, que passa por ser a melhor de todo o Brazil, a assembléa provincial, a camara municipal e muitos outros edificios.

E' inecontestavelmente o Recife a princeza do norte do Brazil e quanto á belleza dos arrabaldes e sitios pittorescos, é apenas inferior ao Rio de Janeiro.

O palacio do governo, o paço episcopal, o gymnasio, a camara municipal, os conventos de S. Francisco e do Carmo, são edificios bem notaveis e sel-o-ha tambem o novo theatro, que se levanta.

A população da cidade é calculada em 100.000 almas.

Visitei igualmente a cidade de Olinda, a *Marim* dos Ca-  
hetés, antiga capital de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho e destruida e incendiada em 1631 pelos hollandezes.

E' notavel ainda não só pelas recordações historicas, que desperta, como pelos velhos monumentos que encerra, sobresahindo entre elles a cathedral, os conventos de S. Bento e do Carmo e a santa casa da misericordia.

Começava a poetica cidade a cahir em prostraçao, mas parece que lhe vai actualmente dando vida e incremento a linha ferrea que a prende á nova capital.

Não terminarei estas linhas sem agradecer muito de coração aos distinctos cavalheiros os Srs. Dr. Augusto de Oliveira e Luiz Antonio de Siqueira os obsequios e attenções que tão benevolamente me dispensaram.

No dia 9 de Março ás 6 horas da tarde, deixámos Pernambuco e ás 5 horas da manhã do dia seguinte chegámos á entrada da barra do Parahyba.

Havia chovido bastante, a cerração era forte e o mar estava muito encapellado, de modo que sómente depois das 6 horas foi que conseguiu o pratico chegar ao vapor. A's 9 horas pouco mais ou menos fundeámos defronte da pequena povoação do Cabedello, que dista tres leguas da capital da Paraíba. Tivemos de ahí ficar fundeados até depois do meio dia, visto não haver agua sufficiente na barra, por estar vasia a maré.

A população da villa do Cabedello é calculada segundo o ultimo recenseamento em 1.000 a 1.200 almas. Fica á margem do rio, em uma linda praia, bordada por um extenso

coqueiral e muitas mungubeiras (3), tamarinciros e outras arvores. As casas são pequenas, sendo cobertas de palha a maior parte dellas.

O forte do Cabedello, tão notavel na guerra dos hollandezes, está cahindo em ruinas.

Perto do Cabedello e mais na entrada do rio, ficava o celebre forte de Santo Antonio, de glorioas recordações. Ahi sustentaram os nossos um terrivel combate, ahi foram vencidos e recuaram os hollandezes.

Eis como referem os historiadores esse brilhante feito de gloria nacional:

« Em 1634, uma frota composta de 20 navios, conduzindo 1.500 soldados, sem contar as guarnições, saiu do Recife, sob as ordens do almirante hollandez Lichthardt, com destino à Parahyba, a fim de conquistar-a. Commandava as forças de desembarque o coronel Segismundo Schkoppe, e como adjuntos aos dous chefes iam o director-delegado John Gysselingh e o conselheiro politico Servatius Carpentier.

« Teve o general portuguez sciencia desta expedição com antecedencia e avisou logo ao governador da Parahyba, ordenando a Lourenço Cavalcanti, que tinha a seu cargo os moradores de Goyanna, para que com a gente que pudesse fosse em socorro da Parahyba.

« Apenas o governador desta capitania recebeu este aviso, começou a prevenir-se. Fez uma fortificação na ilhota que o proprio rio Parahyba forma e a que chamavam *Os Frades Bentos*, e em uma restinga que ella estende em frente da barra, a meia legua e quasi no meio do rio e dos fortés do Cabedello e Santo Antonio. Nesta paragem, muito apropriada para a melhor defesa de tudo, começou o governador a levantar uma bateria de sete peçás, encarregando-a ao capitão Pedro Ferreira de Barros. Na parte do forte de Santo Antonio, que já tinha artilharia em dous baluartes, fez uma trincheira com a competente estrada, forro e travessas, em um passo estreito, que de um lado tinha um pantano impenetravel, e do outro o mar que tomava o caminho por onde o inimigo precisamente havia de passar, se desenbarcasse daquella banda.

« Achava-se ainda alli o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que tendo sido solto pelos inimigos, de quem fôra prisioneiro, preparava-se para ir á Hespanha, porém abandonou o intento e ofereceu-se para servir, sendo-lhe dado o comando do forte de Santo Antonio, tendo entre outros auxiliares o indio capitão Simeão Soares.

---

(3) A *mungubeira* é uma grande e copada arvore, muito comum em todo o norte do Brazil. O fructo dá uma especie de algodão, que serve para colchões e travesseiros. Da casca interior do tronco, que é muito fibrosa, fabricam cordas de que comunmente se servem nas canoas. A madeira é semelhante á cortiça e muito quebradiça.

« No forte do Cabedello, que é da outra banda e mais perto da barra, metteu-se todo o resto da gente que havia. Disposto tudo assim, esperou-se o inimigo.

« A's 9 horas da manhã de 26 de Fevereiro de 1634 surge na altura do Cabo Branco a esquadra hollandeza que ia à conquista da Parahyba. Estava repartida em duas divisões: uma deu fundo em frente á barra e a outra foi ancorar uma legua mais ao norte, na enseada do Lucena, da banda onde ficava o forte de Santo Antonio.

« Quando veiu a noite desembarcaram as tropas, que para logo se puzeram em marcha para o forte, não supondo achar em caminho a estacada que se havia feito e defendia o passo. Ainda que ficassem surpresos ao encontral-a, não deixaram por isto de investil-a com resolução, chegando alguns a pôr-lhe a mão para saltal-a. Foram repellidos e obrigados a retroceder, mas tornaram a voltar armados de machados e marracos para derrubar as vigas, porém nada conseguiram, já achando agora mais reforçada a guarnição do ponto, e tornaram outra vez a retroceder com perda de gente, pelo que tratou de fortificar-se.

« Durante a madrugada investiram os hollandezes de novo, pela terceira vez, a estacada, na esperança de achar os nossos desapercebidos e dormindo, mas tornaram a ser repellidos.

« Durante a noite haviam elles levantado uma trincheira a tiro de espingarda da nossa, tendo nella cestões, que parecia esperar artilharia, porém como a tinham de conduzir dos navios que estavam longe, trouxeram os nossos mais depressa uma peça do forte Santo Antonio com a qual entraram a bombardear-lhe o acampamento, fazendo-lhes grande danno.

« Ao mesmo tempo que fazia-se isto, mandava o governador Antonio de Albuquerque que 300 homens, dos quaes 200 eram indios, fossem postar-se na retaguarda daquelle quartel, onde a mata era mais apropriada, para impedir ao inimigo a comunicação com os seus navios.

« Ao amanhecer viram os nossos que o inimigo se havia retirado durante a noite, havendo na sua trincheira apenas 25 soldados e um sargento, e tambem estes não se demoraram em embarcar para uma lancha, que os esperava.»

« A's 3 horas da tarde deixámos a Parahyba, ás 6  $\frac{1}{2}$  passámos pela bahia da Traição e á 1 hora da manhã do dia 11 de Março fundeámos em frente da cidade do Natal, capital da província do Rio Grande do Norte, banhada pelo rio Potengi e defendida pelo forte dos Reis Magos (4), que se acha collocado na extremidade de uma peninsula e no qual tambem está o pharol.

---

(4) O forte dos Reis Magos, muito notável na guerra dos hollandezes, está edificado sobre os recifes, que o mar cobre em maré cheia e junto á barra, tendo perto a praia, onde ha sempre comores de areia, que o vento ajunta. Foi tomado em 1633 pelos hollandezes, que lhe deram o nome de *Culen*, em honra do commandante da expedição.

Não me foi possível saltar. O mar estava agitadíssimo e chovia torrencialmente. Limitei-me a olhar de longe para as collinas de alvissima areia, que margeam o rio.

A's 8  $\frac{1}{2}$  horas da manhã levantámos o ferro e no dia seguinte, ao meio dia, descorrimos a bella cidade da Fortaleza, capital da província do Ceará, e situada a quasi 6 milhas da barra do Rio Ceará.

O mar estava agitado e ondas de espuma e de areia iam despedaçar-se violentas na praia.

O porto do Ceará é de difficilimo acesso, pela falta que ha alli de um quebra-mar que neutralise ou modifique a violencia das ondas. E' uma obra indispensavel, uma condição essencial para o desenvolvimento e progresso daquella importante localidade. Quaesquer que sejam as despezas, serão por certo compensadas pelos resultados que dahi proviriam.

A natureza como que alli está ensinando aos homens o que convém fazer para o melhoramento daquelle porto; incumbiu-se ella mesma de assentar, por assim dizer, os alicerces daquelle grande obra, pois não seria mister mais do que levantar a linha de recifes, que se estende pelo porto, começando nos Abrolhos e continuando por uma grande extensão da costa do Brazil.

A obra ha de fazer-se um dia, a questão é só de tempo, mas conviria que fosse feita desde já, em beneficio do comércio e do desenvolvimento daquelle cidade, que instantemente a reclamam.

As jangadas são alli o meio mais vulgar, mais commodo e direi tambem mais seguro de transporte. Entretanto, não é absolutamente sem perigo que nelas se embarcam os passageiros. Muitas vezes, ao aproximarem-se da praia, quando o mar se acha agitado, levantam-se vagas immensas e varrem do convés da jangada passageiros e mercadorias. Recordo-me que, ha uns 15 annos pouco mais ou menos, foi uma cantora italiana vítima de um immenso vagalhão, que cobrindo a jangada em que ella ia, fel-a desaparecer por entre as ondas.

Aproveitando-me do offerecimento que me fez o digno commissario do vapor *Pará*, saltei com elle na jangada que condizia as malas do correio.

Já estava muito proximo á praia e contava poder chegar em terra sem novidade. Nesse momento corria para nós uma vaga enorme que, por uma rapida e habil evolução do jangadeiro, passou sem offendernos, levantando a jangada a uma grande altura, mas logo em seguida surgiu uma outra maior, mais violenta que, galgando por sobre a pobre jangada, passou por nós, deixando-nos completamente molhados.

A cidade da Fortaleza, creada villa em 1726 e elevada a cidade em 1823, é talvez a mais regular e a mais bem edificada de todas as cidades do Brazil. Situada em uma planicie quasi igual, tem ruas largas, perfeitamente alinhadas e regularmente calçadas. Não ha alli um beco, nuna travessa. São ruas extensas, que se cortam, que se cruzam longitudinal-

nal e transversalmente e vão terminar em praças arborisadas. As casas são em geral baixas. Tem alguns edifícios notáveis, como o palacio da assembléa provincial, o quartel de linha, a cathedral, o hospital da misericordia, dirigido por irmãs de caridade e diversos outros edifícios. O club cearense é um bello edifício, levantado a esforços do Sr. coronel Victoriano Augusto Borges, actualmente guarda-mór da alfandega.

A população da cidade da Fortaleza pôde ser calculada em 20.000 almas.

Chovendo toda a tarde, não me foi possível examinar mais minuciosamente os diferentes pontos da cidade.

A's 8 horas da noite e apezar da chuva torrencial, que cahia, e da agitação do mar, entrei de novo para uma jangada e a custo consegui voltar para o vapor *Pará*.

Duas horas depois deixámos o porto e seguimos para o Maranhão, onde chegámos no dia seguinte ás 8 horas da noite.

Não podendo ser áquella hora visitado o vapor, dormimos todos a bordo.

Na manhã do dia seguinte dirigi-me para a cidade em companhia do Sr. guarda-mór, que teve a amabilidade de oferecer-me o seu escaler.

A cidade de S. Luiz do Maranhão, situada na confluencia dos dous rios Bacanga e Anil, e defendida por tres fortés que dominam a sua magnifica bahia, é grande, tem boas casas e alguns edifícios publicos que chamam a attenção, notando-se entre elles o palacio do governo, o theatro e a camara municipal. As ruas são bastante largas e extensas, e nellas se ostentam diversos palacetes de notável architectura.

Parece haver alli certo movimento commericial; entretanto as suas rendas vão pouco a pouco escasseando.

Em tempo escreverei algumas paginas ácerca do movimento litterario dessa cidade, não me sendo possível fazel-o agora, por me não haverem chegado ainda ás mãos certos dados e apontamentos que espero.

A população da cidade de S. Luiz do Maranhão é calculada em 30.000 ou 32.000 almas.

A's 4 horas da tarde deixámos o porto do Maranhão e demandámos a importantissima província do Pará.

Havíamos recebido a bordo dous doentes de *beriberi*, molestia terrível, quasi desconhecida, e cujo unico remedio ou o mais efficaz é mudar immediatamente de terra e emprehender uma longa viagem por mar.

Eram um homem e uma senhora, e em ambos a molestia já havia feito estragos terríveis. Vel-os, era ver dous cadáveres. O commandante do *Pará* hesitou um momento; mas, emfim, era essa a unica probabilidade, a ultima esperança de salvação, segundo havia declarado e attestado o medico assistente. O coração, pois, triumphou.

O homem achava-se realmente meribundo. Eram 5 horas da tarde quando deixámos o porto do Maranhão, e seriam 7 horas quando, subindo o commissario ao tombadilho do

vapor, onde conversava eu com o commandante, dirigiu-se a este, e com elle trocou rapidamente algumas palavras. Desceram ambos apressadamente, e poucos minutos depois me foram chamar da parte do commandante.

— Estará morrendo o homem, disse-me o immediato.

Desci promptamente, e dirigi-me ao beliche do passageiro; mas quando lá cheguei encontrei apenas um cadaver.

No dia seguinte, depois de preenchidas todas as formalidades da lei, foi lançado ao mar o cadaver do infeliz.

Era a primeira vez que eu presenciava semelhante scena. O corpo, removido para um dos camarins do navio, havia sido amortalhado, prendendo-se-lhe aos pés uma pesada barra de ferro. Os officiaes e a marinhagem estavam a postos; sobre o cadaver desceram as bençãos da Igreja; lugubre silencio reinava em torno de nós, porque até o ruido da machine havia cessado. O vapor estava parado. Então, em voz grave e triste, pediu o commandante aos vivos que alli se achavam que orassem por aquelle irmão e companheiro que se finára.

Depois, a um aceno seu, ergueu-se a prancha, e as aguas se abriram para receberem o cadaver.

E silenciosos e tristes nos retirámos; o vapor continuou em sua marcha por alguns minutos interrompida; mas foi profunda a impressão que no meu espirito causou aquella scena a que pela primeira vez tinha assistido.

A pobre senhora, que ahi vinha acommettida do mesmo mal, conseguiu chegar ao Pará, falecendo porém quatro ou cinco dias depois.

Na noite desse dia e ao approximarmo-nos do Pará, fui testemunha de um spectaculo curiosissimo e para mim completamente novo. Era o phenomeno da *ardentia*.

O mar, em uma grande extensão, estava coberto de luz phosphorescente de um effeito deslumbrante.

Era um immenso rastilho de luz, que corria, que se agitava, que se abria, tomndo fórmas phantasticas e de um effeito magnifico. As rodas do vapor, agitando e revolvendo as ondas, produziam verdadeiros feixos de luz de uma belleza admirável.

O commandante e o pratico mostravam-se contrariados, porque lhes não deixava a *ardentia* ver a luz do pharol que lhes devia indicar o caminho. Pouco depois das 9 horas, nuvens espessas cobriram o céo, o vento soprava forte, a *ardentia* foi-se pouco a pouco dissipando, a chuva cahia com violencia e eu fui obrigado a recolher-me ao meu beliche, certo de que na madrugada do dia seguinte estariamos em frente da cidade de Belém.

Não aconteceu, porém, assim; a noite tornou-se em extremo escura e chuvosa; o pratico pôde apenas por um momento distinguir a barca-pharol, perdendo-a logo depois de vista. Sendo difficult a entrada da barra, em consequencia de alguns recifes que alli existem, resolveu aprovar para o mar e esperar que viesse o dia dissipar a escuridão espessa que lhe dificultava o caminho. A's 8 horas da manhã passámos pela

barca-pharol e pouco depois das 9 horas cortava o vapor as aguas barrentas do rio Guajará (5), que perfeita e distin-ctamente se destacam das do mar.

A's 11 horas passámos em frente á pequena povoação e fre-guezia do Mosqueiro. Ahi comecei a admirar a vegetação opulenta e poderosa dessas terras admiraveis, nas immensas mattas, formadas por arvores gigantescas que margeam o rio. Ao meio dia começámos a distinguir as altas torres da ca-theedral de Belém. O calor era então insupportavel; parecia que nos achavamos esmagados sob a pressão de uma atmosphera de fogo; mas logo depois uma enorme pancada de chuva torrential modifício um pouco aquella temperatura abrazadora. A's 2 horas da tarde lançavamos o ferro diante da capital do Grão-Pará.

.....  
A cidade de Belém, capital da província do Grão-Pará, ba-nhada pelo rio Guajará, affluente do Tocantins e situada a 28° de latitude meridional, é uma cidade importante e de pros-pero e grandioso futuro. A sua actual população é calculada, segundo os melhores dados estatisticos, em 32.000 almas.

Em 1749 era calculada a população de Belém em 6.500 ha-bitantes: em 1788 cresceu a 10.600; em 1801 era de 13.200 e em 1820 era apenas calculada em 12.400.

Reflectindo ácerca desse crescimento tão lento e da di-mi-nuição havida no quinquenio de 1825 a 1830, exprime-se Baena do seguinte modo: «.... mas considerando que dentro do mesmo periodo a cidade ha sido o theatro de graves per-turbações da ordem e segurança publica e de quatro andaços de bexigas e sarampo, que atearam a peste nos habitadores, semelhante á que grassou desde o anno de 1743 até o de 1749 por toda a província, com tanto estrago da humanidade, que tirou da população a terça parte, o sobredito duplo autoriza o juizo conjectural de que se não tivera existido a funesta influencia daqnelas causas para retardar o progresso da po-pulação, a capital da província contaria no anno de 1825 uma força numerica de moradores muito maior, e hoje não seria notável a diferença de 182 fogos e de 780 pessoas, que se deduz da confrontação da Taboa de 1825 com a de 1830. »

De um jornal que em 1869 publicava-se em Belém, consta qual era a população approximada da capital em Dezembro de 1868.

Transcrevo aqui as proprias palavras do jornal, que não fez um simples cálculo seu, mas baseou-se em dados officiaes dignos de credito:

---

(5) O *Guajará* é affluente do Tocantins. Banha a cidade de Belém e tem por affuentes os rios *Mojú*, *Acará* e *Guamá*.

« *População da capital.* — Segundo se lê em um dos documentos, que acompanham o ultimo relatorio do thesouro provincial, possuímos hoje uma estatística pessoal da nossa capital, organizada no anno proximo passado pelo collector da decima urbana, em execução dos §§ 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup>, art. 1.<sup>º</sup> da lei n.<sup>º</sup> 550 de 1867.

Desse documento consta que a população da capital e de todo o perimetro da sua legua patrimonial, é de 21.916 pessoas.

Eis-aqui como ella se acha classificada :

Nacionalidades :

Brazileiros.....	18.942
Estrangeiros.....	3.474

(Dos estrangeiros : 2.558 são portuguezes.)

Condições :

Livres.....	18.120
Escravos.....	3.796

O collector com os fundamentos e factos que aponta, entende que o numero de 21.916 habitantes, é inferior ao real, não excedendo, porém, este de 30.000. Estamos nisto de inteiro accordo com as justas observações do collector. »

Em 1864, segundo os dados estatísticos colhidos pelo Sr. conselheiro Brusque, e confirmados no relatorio desse anno apresentado á assembléa provincial pelo intelligent e incansável Dr. Couto de Magalhães, tinha a província do Pará 300.000 habitantes. O Sr. senador Pompeu calcula-a em 320.000.

Creio que muito pouco ou quasi nada terá augmentado, visto como diferentes causas, que ainda terei occasião de desenvolver, lhe têm impedido o crescimento nestes ultimos annos.

O Grão-Pará, que até o anno de 1851, formava com a comarca do Rio Negro, hoje província do Amazonas, uma só província, compõe-se hoje de 11 comarcas, que são as seguintes : comarca da capital, de Bragança, de Marajó, de Macapá, de Cametá, de Breves, de Gurupá, de Santarém, de Obidos, da Vigia e da Cachoeira.

Fórmula ainda com a província do Amazonas um só bispoado, dividido em tres vigararias geraes, sendo duas na província do Pará, e abrangendo a terceira toda a província do Amazonas.

Contém a primeira vigararia geral, cuja séde é em Belém,

48 freguezias (6), tendo apenas 20 (7) a segunda, denominada do Baixo Amazonas, e cuja séde é em Santarém.

Desde a sua criação, foi a então capitania e hoje província do Pará, governada por seis capitães-móres, sendo o primeiro o seu illustre fundador Francisco Caldeira Castello Branco. (8)

E o ultimo, Bento Maciel Parente, que tão triste nome deixou á posteridade por numerosos actos de crueldade e mais ainda pela covardia com que entregou aos inimigos a fortaleza e a ilha de S. Luiz do Maranhão.

Eis em resumo a historia dessa lamentavel rendição :

« A 22 de Novembro de 1641 chegava á bahia de Araçagy, quatro leguas a leste da cidade de S. Luiz do Maranhão, a expedição hollandeza, que ia á conquista da capitania do Maranhão. Compunha-se a expedição de 14 navios, sob o commando do almirante Lichtardt, estando as tropas de desembarque sob as ordens do coronel Koin.

« Teve o governador Bento Maciel Parente notícia immediata da chegada da expedição por diversos indios alli moradores, e ordenou logo que fosse reconhecel-a n'uma lancha o capi-tão Francisco Coelho de Carvalho, que desempenhou satis-

---

(6) As freguezias que formam a primeira vigararia geral, são : Sé e Sant'Anna (na capital), Abaeté, Acará, Beja, Bemfica, Breves, Bujarú, Cachoeira, S. Caetano, Cairary, Cametá, Cintra, Curuçá, S. Domingos, Guamá, Igaraçé-mirim, Irituya, Macajá, Monsarás, Muaná, Mocajuba, Ponta de Pedras, Portel, Souzel, Vigia, Annajás, Bayão, Barcarena, Boa-Vista, Bragança, Capim, Chaves, Curralinho, Muzagão, Melgaço, Mojú, Mosqueiro, Nazareth (do Pará), Nazareth (de Bragança), Oeiras, Ourém, Quati-purú, Salinas, Soure, Tocantins, Trindade, Viseu, Nossa Senhora da Victoria de Marapanim e S. Pedro de Pederneiras.

(7) As freguezias que formam a 2.<sup>a</sup> vigararia geral, são : Santarém, Alemquer, Jurutu, Souzel, Aveiro, Gurupá, Itaituba, Monte-Alegre, Obidos, Porto de Moz, Villa-Franca, Almeirim, Alter do Chão, Arraiollos, Boim, Faro, Pombal, Prainha, Veiros e Villarinho do Monte.

(8) Havendo Alexandre de Moura nomeado a Francisco Caldeira Castello Branco capitão-mór de uma expedição, que mandou seguir para o Amazonas, afim de explorar aquelle rio e estabelecer alli os direitos da corôa portugueza, partiu este para seu destino com 200 homens e tres navios ligeiros, e tendo chegado á margem oriental do rio Mojú, lança a tres de Dezembro de 1615 os fundamentos da cidade de Belém do Grão-Pará, á mais de seis leguas acima da foz daquelle rio, que elle julgava ser o Amazonas, começando as obras por um forte de madeira, apezar da oposição de diversas tribus e especialmente os Tupinambás.

factoriamente a sua commissão, voltando a dizer, que eram quatorze as embarcações e todas hollandezas. Isto porén não alterou o governador.

« Ao amanhecer do dia 25 de Novembro entrou pela bahia de S. Marcos a frota hollandeza, a cuja chegada mandou o governador salvar, como se fossem navios amigos; mas vendo que elles não amainavam e nem respondiam e faziam prúa para o rio Bacanga, mandou então disparar-lhe toda a artilharia do forte S. Luiz, carregada de bala, que nenhum damno causa aos navios inimigos.

« Estes por sua vez fazem tambem uma descarga contra o forte, com o mesmo resultado, e vão dar fundo em frente da ermida de Nossa Senhora do Pesterro. Sem perda de tempo desembarcam logo mil hollandezes e tomam posição conveniente sem encontrar o menor obstáculo.

« Os habitantes entorpecidos pelo ocio em que os tinha a frouxidão do seu governador, só trataram de fugir para o mato com suas famílias, como unico refugio para salvar-se e salvá-las, e tão açodados faziam isto, que tudo abandonavam, deixando até o necessário á propria subsistência.

« Por sua parte correu Bento Maciel a meter-se no forte, acompanhado por cento e cincuenta soldados.

« Vendo os hollandezes o que se passava, pensaram em aproveitar o panico, afim de se assenhorearem do paiz e puseram-se em marcha sobre o forte.

« Mandou então o governador ter com elles, dizendo-lhes que aquella ilha era de el-rei de Portugal, que tinha embaixadores na corte da Hollanda e que na tyrannia de uma tal invasão fazia abominável a todo o mundo o procedimento das suas armas.

« Parou o commandante hollandez e mandou dizer como resposta, que violentado por um temporal havia buscado aquella bahia, porque sabia bem, que a sua republica se achava unida aos interesses da monarchia portugueza, e que se fizera o desembarque de alguma parte das suas tropas, em forma de guerra, fôra provocado pela oposição de tanta artilharia; mas que vendo-se ambos, se trataria amigavelmente das conveniencias de uma e outra nação.

« Aceitou Bento Maciel a proposta e sahiu a tratar com o commandante hollandez, o qual conhecendo perfeitamente o estado em que elle se achava, não custou muito em convencê-lo, que pelas ordens que tinha do principe Mauricio, governador em Pernambuco, não podia já apartar-se daquella ilha sem ordem dos Estados geraes, e assim concordava que elle continuasse no governo, até chegar resposta dos avisos que se iam mandar para a Europa; e que para quartel da sua gente nomearia o governador alguma parte da cidade, aonde lhe seriam fornecidos todos os mantimentos necessarios, que pagariam pelos preços da terra com a devida pontualidade.

« Concordou com tudo isto Bento Maciel, que sem a menor atenção á sua dignidade e honra, só procurava salvar a vida

e as riquezas que durante o governo tinha adquirido, e expediu as ordens necessarias de conformidade com o pedido do general hollandez, recolhendo-se á fortaleza.

« Os hollandezes, que já estavam todos em terra, desfilaram para dentro da cidade, praticando pelo caminho por onde passavam toda a casta de extorsão e insultos para com os moradores, que tinham ficado.

« Em quanto isto se passava, os officiaes, que estavam na fortaleza, persuadiam ao governador para que se dispusesse para a defesa, por quanto não tardaria o inimigo em buscar-o, e o mais empenhado nisto era o capitão Francisco Coelho de Carvalho, que depois foi governador do mesmo Estado; mas Bento Maciel oppôz-se a isto e até reprovou o procedimento de um artilheiro, que, sem a sua autorização, havia postado em lugar conveniente algumas peças, que estavam fóra do forte, cobrindo-as com ramos de arvores para as não ver o inimigo e carregando todas com metralha para atirar sobre elles quando avançasse.

« Não tardaram os hollandezes em se apresentarem diante da fortaleza, e o governador Bento Maciel, com a maior covardia que é possível imaginar-se, mandou abrir as portas della e lhes entregou as chaves.

« Não se demoraram em entrar, fazendo logo arrear o pavilhão portuguez e içando o seu, ao mesmo tempo que prendiam toda a guarnição, inclusive o covarde governador, que recebeu assim imnediato pagamento do seu vil comportamento.

« A 31 de Dezembro do mesmo anno fez-se de vela para Pernambuco a esquadra hollandez, deixando em Maranhão apenas uma guarnição de 600 homens, e levou consigo o governador Bento Maciel, que o Conde de Nassau mandou encerrar na fortaleza dos Reis Magos no Rio Grande do Norte.

« Pouco sobreviveu elle á sua vergonha, falecendo no 1.<sup>º</sup> de Fevereiro de 1642, com 75 annos de idade.»

Depois dos capitães-móres, foi a capitania do Pará administrada por 38 capitães-generaes, sendo o primeiro Francisco Coelho de Carvalho, que morreu em Cametá, e o ultimo Antonio José de Souza Manoel de Menezes, Conde de Villa-Flor e depois Duque da Terceira.

Depois da independencia, tem sido administrada por 35 presidentes e 32 vice-presidentes, sendo o primeiro daquelles o coronel do 2.<sup>º</sup> regimento de milicias José de Araujo Roso, nomeado por carta imperial de 25 de Novembro de 1823, o qual tomou posse da administração a 2 de Maio de 1824.

A província do Pará e em geral toda a zona banhada pelo Amazonas, é tida, não sei se com razão, por muito salubre. E' verdade que não são raros os casos de longevidade, que ahi aparecem. Nas minhas excursões por estas províncias tenho encontrado muitos velhos fortes, robustos e no gozo de todas as suas faculdades intellectuaes. A 26 de Fevereiro proximo passado falleceu em Alemquer, município de Santarém, o preto livre Domingos Ramos Vieira com 102 annos e no dia 10 de Março deste mesmo anno, falleceu uma irmã de Do-

mingos Ramos com 110 annos. Vive ainda uma outra irmã, que conta já 92 annos.

São mui frequentes, como disse, os casos de longevidade nestas provincias, onde existem muitos individuos com 90 e 100 annos e que ainda trabalham com o vigor de mocos.

Em 1856 morreu em Obidos, com 136 annos, o velho Francisco Antonio Figucira. Era ainda muito forte. Com mais de 100 annos, contou-me o seu neto, que deve ter hoje mais de 50 janeiros, ainda o velho Figueira trepava na palmeira *Assahy*, a fim de colher-lhe os fructos.

Seu filho Cosme Antonio Figueira morreu com 85 annos.

Referiu-me o Sr. tenente coronel Joaquim José da Silva Meirelles, um dos mais distintos cavalheiros com quem tenho tratado e um dos homens mais intelligentes de todo o Amazonas, que em 1872 havia falecido em Obidos um preto com mais de 120 annos, e asseverou-me o Rev. vigario dessa cidade ter conhecido uma velha tapuia, falecida alli havia pouco, com quasi 150 annos. Diz Baena, no seu *Ensaio Corographico*, e fique isto por conta delle que—consta do livro dos obitos da igreja de Cajary, que havia alli falecido uma mulher india com quasi 200 annos de idade.

Entretanto em alguns lugares da província do Pará e especialmente em Cametá (9) reinam constantemente febres de máo carácter e que dizimam a população. Emanações palustres, que continuamente se desprendem dos lugares baixos e humidos, devem ser as causas determinantes dessas febres. Bem que os habitantes do Pará e do Amazonas apregõem geralmente a salubridade dessas localidades e alguns factos lhes pareçam dar razão, o que é certo, é que as febres são, por assim dizer, endémicas nos lugares proximos ás margens dos rios e que são conhecidos pelo nome de *igapós* e nas florestas, onde se encontram pantanos e alagadiços.

« Com esse efeito, diz o Sr. Barão da Villa da Barra, que é autoridade insuspeita, em um paiz, como este, onde o vigor da vegetação se pôde medir pela força do calor e da humidade sempre constante, é forçoso crer nessas emanações delecterias, resultantes da decomposição constante de detritos orgânicos. »

Em Cametá as epidemias que por vezes têm assolado a província, têm causado os maiores estragos. Em 10 de Abril do corrente anno, escrevia o Sr. Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas para um jornal de Belém estas desoladoras palavras : « Talvez não seja exagerado dizer que não se encontram 30 pessoas sadias e vigorosas em Cametá. » A mortalidade regulava então de 60 pessoas por mez, em uma população de 2.000 almas apenas ! Nenhuma localidade soffreu mais estragos em 1855, por occasião da invasão do cholera-morbus.

---

(9) *Cametá* ou *Cumutá* foi fundada em Dezembro de 1635 com o nome de Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá.

Visitando a sala das congregações do lycêo paraense, vi alli um bello quadro commemorativo daquellas scenas de desolação e de dôr (10). A peste pareceu querer despovoar completamente a bella terra em que viu a luz do dia um dos mais distinctos luminares da igreja brazileira. (11)

Bem que collocada quasi no equador e por assim dizer no centro dessa zona que os antigos consideravam inhabitavel, por cahirem perpendicularmente sobre ella os raios solares, é entretanto mui supportavel a temperatura da cidade de Belém e de toda a província do Pará.

Os ardores do sol são alli modificados pela grande quantidade de vapores, que se erguem dos rios e lagos, que de todos os lados cercam, cortam e inundam a província.

As noites em Belém são em geral agradaveis, e algumas vezes, sobretudo pela madrugada, chega-se a sentir frio.

As chuvas constantes concorrem poderosamente para a amenidade do clima. Nunca vi chover tanto como em Belém. Disseram-me que em outros tempos chovia todos os dias—do meio dia ás 3 horas—, que é justamente o tempo de maior calor.

Durante 15 ou 16 dias que estive em Belém, apenas deixou de chover douz dias. Nos tres ultimos dias da minha estada alli, choveu torrencialmente, de modo que uma parte da cidade tornou-se quasi intransitavel.

Fallando das chuvas desses ultimos dias, dizia o *Diario do Grão-Pará*:

« Nos ultimos dias de Março, cresceram tanto as aguas do rio Guajará, que a parte mais baixa da cidade ficou inundada. »

Affirmaram-me que em 1872, apenas em 92 dias tinha deixado de chover. Em 1870 o mez de Janeiro teve 29 dias de chuva.

Aqui damos a tabella das observações udometricas, feitas durante o anno de 1870, no pequeno seminario de Santo Antonio, em Belém.

---

(10) Este quadro commemorativo daquellas scenas de luto e de dôr, é obra de um notavel pintor paraense o Sr. Constantino Pedro Chaves da Motta, hoje professor de desenho no lycêo. Mede o quadro 16 palmos de largura e 13 de comprimento. Representa o presidente Angelo Custodio Corrêa indo a Cametá levar soccorros aos cholericos. O pincel revela naquelle quadro um habil pintor.

(11) O Marquez de Santa Cruz, D. Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo da Bahia.

Dellas resulta que foram de chuva 196 dias.

Mezes.	Dias.	Dias de chuva.	Quantidade de chuva.
Janeiro. ....	31	29	0 <sup>m</sup> ,480,644
Fevereiro ..	28	25	0 <sup>m</sup> ,233,943
Março.....	31	25	0, 451,612
Abril.....	30	26	0, 365,760
Maio.....	31	26	0, 254,000
Junho.....	30	19	0, 357,886
Julho.....	31	11	0, 418,618
Agosto.....	31	12	0, 083,820
Setembro ...	30	6	0, 033,020
Outubro....	31	9	0, 099,314
Novembro..	30	3	0, .042,418
Dezembro...	31	5	0, 081,280
	365	196	2 <sup>m</sup> ,302,306

Somma da chuva cahida durante o anno de 1870:

Em pollegadas inglezas (1 poll. ingl.—0<sup>m</sup>,0254).—90.642 pollegadas.

Maximo mensal, Março.....	0 <sup>m</sup> ,451,642
Minimo idem, Setembro.....	0 <sup>m</sup> ,033,020
Maximo idem dos dias chuvosos, Janeiro....	29
Minimo idem idem idem, Novembro.....	3
Quantidade média diaria repartida sobre os 365 dias do anno.....	0 <sup>m</sup> ,006,37
Quantidade média repartida sobre os 196 dias de chuva. ....	0 <sup>m</sup> ,011,746
Dias sem chuva.....	169

O minimo da quantidade annual da chuva em Praga na Bohemia, é de 0<sup>m</sup>,37,884; o maximo da mesma em S. Domingos, 2<sup>m</sup>,73,035; no Rio de Janeiro, é a quantidade annual de 1<sup>m</sup>,50,453; em Paris, é a quantidade annual de 0<sup>m</sup>,57,000; o numero dos dias chuvosos 147 e a quantidade média diaria de 4<sup>mm</sup>.

Dous dias depois da minha chegada ao Pará, dirigi-me pela estrada de ferro a um dos mais lindos passeios da cidade—O marco de legua—assim chamado por haver alli um marco que indica o termo da legua patrimonial da municipalidade.

Passei pelo pittoresco arrabalde de Nazareth, onde ostentam-se algumas chacaras que parecem querer imitar as dos arrabaldes do Rio de Janeiro.

O bairro de Nazareth é o da aristocracia paraense. No centro de uma praça ergue-se a modesta capella da Virgem, sob a invocação da Senhora de Nazareth. A festa que aí celebram, é a mais popular e concorrida da capital. A gente da cidade para alli afflue; por muitos dias duram os folgueiros, com todas essas diversas peripecias, com toda essa suave poesia que costumam ter as festas do campo e que são desconhecidas nas nossas festas da cidade.

O passeio ao marco da legua é um dos mais agradaveis passeios de Belém.

E' uma estrada larga, direita, tendo uma legua de comprimento, marginada em quasi toda a sua extensão por uma inata de magnificas arvores, nas quaes se manifesta em toda a sua força a seiva poderosa daquelle sólo uberrino. Neste passeio matinal que ahi fiz , parecia-me respirar a vida por todos os póros e dilatava-me o coração suave tranquillidade.

Esqueci-me naquelle momento das tempestades que me têm agitado a vida e parecia que a brisa da bonança me afagava a fronte, que os cuidados e os contratempos têm sulcado.

Continuando essa bella estrada, que leva á cidade de Bragança, encontra-se a 14 ou 15 leguas um aldeamento occupado pelos indios Tembés. Houve nesse lugar em outro tempo um quilombo de negros fugidos, que no dia 6 de Janeiro de 1863, no tempo da administração do conselheiro Brusque, foram perseguidos e batidos por uma partida commandada pelo então capitão e hoje tenente coronel José do O' de Almeida. Os negros do quilombo, vendo-se atacados ; oppozem serìa resistencia, ficando dous mortos e diversos feridos. Dos soldados apenas dous ficaram feridos. Disse-me uma testemunha occular, que no principio do combate bateram-se os negros com muito denodo, mas depois de haverem caido mortos os dous que mais ousados pareciam, delles se apoderára o terror e deixando cabir as armas, fugiram em debandada.

Havia no quilombo para cima de 300 negros. Tinham formado um nucleo de povoação com casas sofrivelmente regulares e uma igreja ainda não terminada e situada em uma collina denominada de Belém. A povoação era á margem do rio Maracanan e cultivavam elles uma área maior de duas leguas. Affirmaram-me que rarissimas vezes commettiam roubos e violencias e acredita-se que tinha o quilombo quasi 80 annos de existencia. Consta do interrogatorio a que se procedeu, que tencionavam elles depois de terminada a capella, roubar o vigario de S. Domingos, freguezia situada á margens do Guajará, na confluencia dos rios Guamá e Capim, para constituirem-no parocho da sua igreja.

O phenomeno da *pororoca* devia particularmente atrahir minha attenção. Tanto nelle tinha ouvido fallar, tantas descripções pomposas havia lido a respeito, que não podia deixar passar essa occasião sem testemunhal-o. A época era a mais favoravel; estavamos em fim de Marco e as pororocas do equinoco são justamente as maiores. Quiz ver a mais notável de todas, que é a da ilha Caviana, na foz do Amazonas e junto ao cabo do Norte. Foi-me porém impossivel encontrar transporte para alli. Resolvi, pois, ir ver a de S. Domingos, na confluencia dos rios Guamá e Capim.

A's 11 horas da noite de 25 de Março, sahi de Belém com direcção á fazenda do Sr. tenente coronel José Geraldo Barroso da Silva, em S. Domingos, de onde podia admirar o assombroso phenomeno.

Alli cheguei ás 11 horas da manhã do dia 26, fazendo o va-

por *Mojú*, onde havia embarcado e de cujo asseio e disciplina pouco bem poderei dizer, apenas quatro milhas por hora.

São nui poeticos e pittorescos os sitios que margeam o rio Guajará até a freguezia de S. Domingos.

Encontram-se alli verdadeiras matas das palmeiras denominadas,—*assahy* (12), *guaruman* (13), *jupaty* (14), *caraná* (15), *bacabá* (16) e outras. Arvores enormes erguem-se altivas, como querendo tocar no céo e de quando em vez, em meio de extensos cacaoes, surgiam algumas cabanas cobertas de palha ou algumas casas de telha, a cuja porta assomavam vultos de homens ou de mulheres, que vinham ver o vapor que passava.

A fazenda do Sr. tenente coronel Geraldo fica em uma posição magnifica, dominando um lindo panorama. Em frente o rio, e na margem opposta ha uma extensa linha de arvores gigantescas. Quando cheguei á fazenda, já havia tido lugar a pororoca. Sómente dahi a doze horas é que se renovaria o phenomeno.

Nesse mesmo dia á tarde, dirigi-me em uma montaria e em companhia do mesmo Sr. tenente coronel Geraldo, a um sitio pertencente a pessoas de sua familia.

Internámo-nos por um estreito *ygarapé*, que me disseram ser bastante abundante de jacarés (reptis da ordem dos *saurios* e do genero *alligator*).

E' extraordinaria a quantidade de jacarés, que infestam os rios e lagos, que abundam nas duas provincias do Pará e do Amazonas. Affirmaram-me e terei ainda occasião de verificar pessoalmente a exactidão do que me referiram — que muitas vezes são as montarias, que cortam os rios, obrigadas a passar por entre alas numerosas desses temíveis amphibios.

Ha muitos de um tamanho descommunal e que são verdadeiros monstros dessas paragens perigosas.

---

(12) *Assahy* (*euterpe edulis*), é uma palmeira esguia e elegante. Da baga ou fructo fazem a celebre bebida ou vinho de *assahy*, de uma côr roxo-escura, muito saboroso e que passa por muito fresco. Dizem ter as propriedades nutritivas do chocolate e pôde suprir qualquer alimentação.

(13) *Guaruman* é uma palmeira pequena, muito fina e esguia, de que fazem urupembas, paneiros ou cestos, etc. Ha tres variedades — *guaruman-assú*, *guaruman-mirim* e *membecca*. Estas duas ultimas servem para trabalhos mais delicados.

(14) *Jupaty*, outra especie de palmeira, que abunda á margem dos rios. (*Rhaphia*.)

(15) *Caraná* (*mauritia acuriata* e *mauritia horrida*) ambas com o nome de *caraná*. Servem as folhas para cobertura de casas e duram de 12 a 16 annos.

(16) *Bacabá* (*enocarpus-bacabá*), outra palmeira, de cujo fructo muito oleoso fazem uma especie de bebida bastante saborosa e cuja côr semelha chocolate com leite.

Nas montarias muitas vezes atacam os homens, que as tripulam, mórmente quando se veem perseguidos e arpoados. Tornam-se então furiosos e vibram com a enorme cauda taes pancadas nas montarias, que as quebram e fazem-n'as virar. Referiu-me um dos maiores destros pescadores de Obidos e homem sisudo, que arpoando uma vez por engano um jacaré, investira este furiosamente contra a montaria em que se achava e com tal força agarrárá á borda da canôa, que despedaçou-a e victimas seriam do monstro, os que nella se achavam, se a mão possante de um remador não vibrasse contra a cabeça do monstro um golpe violento e certeiro, que atordou-o, obrigando-o a largar a preza e a submergir-se no fundo do rio.

Como este, muitos outros factos me foram referidos. Afirmou-me Fr. Samuel, superior dos missionários capuchinhos, em Manáos, e um dos homens mais conheedores das regiões banhadas pelo Amazonas e seus affluentes, que nas cabeceiras dos rios e nos lagos interiores, são em extremo ferozes os jacarés, investindo contra as jangadas e montarias e assaltando os tripolantes.

Os jacarés do Amazonas são em geral mui grandes, medindo alguns 24 e mais palmos. A cabeça é immensa, alongada e pesada, constituindo só ella quasi a terça parte do seu comprimento. Os olhos superiores á superficie do casco, parecem mostrar a malicia e a ferocidade de que são dotados. A guela é enorme e tem armadas as queixadas de uma ordem de dentes muito fortes e ponteagudos. O corpo é sustentado por quatro patas cobertas de uma casca durissima. O dorso, de côr escura, é coberto de escamas espessas e tão duras, que offerecem resistencia ás balas de espingarda, que nella se achatam, como no couro do bufalo ou do rhinoceronte.

Para matal-os é mister que seja feita a pontaria nos olhos, nos ouvidos, na parte inferior da garganta ou no ventre. Como tem as vertebras da garganta arredondadas e unidas umas ás outras por falsas costellas, sentem grande dificuldade em se moverem ou em mudarem de posição. Em linha recta correm com a rapidez da flecha, mas custam muito a se moverem em diferentes posições, de modo que é facil evitar-lhes a perseguição, cortando-lhes o caminho e correndo em zig-zag. Em terra são muito mais ferozes do que n'agua, e dizem que depois de se acostumarem á carne humana são perigosíssimos, porque assaltam com muita temeridade.

Ao passo que é tão feroz e terrível o jacaré para com o homem, é covarde e pusillanime com a onça.

Parece incrivel o que vou referir, mas é a verdade e facto muito commesinho que todo mundo conhece no Pará e no Amazonas.

A onça agarra o jacaré pela cauda e devora-o, sem que este se atreva a fazer a menor resistencia; salta no rio ou no lago, puxa-o para terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe na queixada, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á imitação do gato antes de devorar o rato. Depois de haver assim martyrisado aquele imenso e possante amphibio, que alli

está quieto, immovel e como fascinado, pula sobre elle e comeca a devorar-o pela cauda. Terminada a primeira refeição cobre com folhas a parte encetada e afasta-se da victima, que ainda vive, e retira-se certa de que a encontrará no mesmo lugar quando voltar.

Se por ahí acontece passar alguma pessoa, embravece-se o jacaré, abre a guela enorme e ameaça atirar-se contra a pessoa; entretanto que espera, sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devorar-o.

Referiu-me o Rvd. vigario de Silves, o Sr. padre Daniel Pedro Marques de Oliveira, que uma vez encontrou em seu sitio uma onça devorando um enorme jacaré. Ao aproximar-se do lugar em que se achavam ambos, fugiu a onça, deixando a preza com a cauda meio comida. Vendo-o, tornou-se furioso o jacaré, mas retirando-se o vigario e occultando-se a uma certa distancia em uma moita cerrada, que alli havia, viu voltar a onça, que aliás não era muito grande, e acabar de devorar a preza que alli havia ficado como é sua espera.

Não sei explicar essa especie de fascinação que exerce a onça sobre esse gigante dos lagos, e dos ygarapés. Creio que duvidosa não seria a victoria em favor delle, se ousasse travar luta corporal com a onça, porque é prodigiosa a força que tem o jacaré na cauda e nas queixadas. Entretanto, não ha exemplo de haver elle tentado semelhante acometimento; deixa-se covardemente agarrar pela onça e morre sem tentar a mais pequena resistencia.

Parece a onça reconhecer a fascinação que exerce sobre elle, assim como parece respeitar a terrivel phalange de dentes, que lhe enchem as queixadas. Antes de saltar n'agua, quando tem de atravessar algum rio ou lago, urra duas ou tres vezes, como para annunciar a sua passagem, e os jacarés, que seriam capazes de a devorar, se a não conhecessessem, fogem espavoridos para o fundo dos rios ou dos lagos.

Para atacarem mais a salvo, costumam os jacarés occultar o corpo debaixo d'agua, ficando-lhes sómente os olhos proximos á superficie della, de modo a poderem espreitar a preza, sem correr o risco de serem vistos, e assim assaltam as pessoas que descuidadas se vão banhar á margem dos igarapés e dos lagos.

Os lugares mais frequentados por elles são em geral nas proximidades das povoações.

Durante a vasante dos rios e quando as praias ficam a descoberto, costumam sahir dos lagos e rios as femeas dos jacarés, a fim de irem depositar os ovos nas praias e igapós. D'entre todos os animaes são talvez os jacarés os que mais variam de tamанho no estado adulto. Um jacaré talhado para 20 ou 24 palmos começa a multiplicar sua especie antes de haver attingido 8 ou 10 palmos. Na época propria sahe a femea do jacaré do lago ou do rio e procura na praia ou no igapó um lugar abrigado, cava com as patas dianteiras um

buraco na areia e alli deposita os ovos, que geralmente são de 20 a 60, em camadas regulares, cobrindo-os depois com folhas secas. Triste do imprudente que tivesse a infelicidade de surpreendê-l-a nesta operação. A não fugir com a rapidez da flecha, seria devorado pelo monstro em uma luta corpo a corpo.

Quasi nunca se afasta o jacaré do lugar em que se acham depositados os ovos, e quando a femea tem necessidade de ausentar-se, ahi fica o macho de guarda, para preserval-os de qualquer perigo, defendendo-os com furor de qualquer aggressão. Não se encontra aqui o celebre *ichneumon*, que dizem ser o destruidor dos crocodilos ou jacarés do Nilo.

Asseveraram-me diversas pessoas que os jacarés nunca atacam no fundo dos rios e lagos, e que se pôde passar impunemente por elles e até abalroal-os. Disse-me o Sr. tenente coronel Meirelles, de quem acima falei, que conheceu em Villa Bella um tapuio que muitas vezes, armado de uma faca afiada, atirava-se ao rio, mergulhava e começava no fundo a matar jacarés, enterrando-lhes a faca na parte molle do ventre.

No Amazonas ha muita gente que aprecia a carne de uma especie de jacaré (*tinga*). Dizem ser um prato muito saboroso. Que lhes faça bom proveito. Tanto esta especie, como as outras, exalam de si um cheiro activissimo de almiscar, que é realmente insupportavel.

Passei o resto do dia, conversando com o Sr. tenente coronel Geraldo, que com a maior amabilidade prestava-se a darm-me quaesquer informações, que delle exigia. Vi alli pela primeira vez a celebre *seringueira* ou arvore da borracha e de que para diante terei muitas vezes occasião de fallar. Mostrou-me tambem o Sr. tenente corcnel Geraldo uma pequena arvore que cresce á margem dos rios e que dá um fructo semelhando cachos de uva de uma côr esbranquiçada e d'onde extrahe-se um liquido perfeitamente semelhante á gomma arabica. Dão-lhe o nome de *sombra de boi*. Vi tambem alli e depois em Obidos e em diversos outros lugares uma pequena palmeira denominada *pacova-catinga* e de cujo fructo de côr vermelha extrahem uma excellente tinta violeta.

A's 10 horas da noite do dia 26, renovou-se o phenomeno da pororoca. Hayia chovido, a noite estava escurissima e pois não me era possivel distinguir o movimento e a elevação das aguas do rio. Ouvei um som longinquo, como um ruido subterraneo. Parecia o trovão muito prolongado, mas muito distante. Depois o ruido foi-se tornando mais distinto... caminhava com extrema velocidade.

Aquelle ruido prolongado e que gradualmente se ia augmentando, o silencio e a escuridão da noite, aquelle céo pêjado de nuvens grossas, a immobilitade das aguas do rio, que pareciam esperar tambem o espantoso phenomeno, que ahi vinha fremente, rugindo,—tudo isso me impressionava de um modo singular.

Nada via, nada podia distinguir por entre a cerração da

noite ; ouvia sómente o rugido do monstro, que passava, que corria com espantosa velocidade. Depois foi diminuindo pouco a pouco o som, as aguas do rio agitavam-se revoltas e formando ondas que se despedaçavam na praia. Minutos depois tudo era immobildade e silencio. Fechei a janella e atirei-me na rête, scismando no phenomeno, que não pudera ver, mas cuja voz distintamente ouvia.

Que mysterios ha ahi ? Que segredos são esses ? Que causa motiva tão espantoso phenomeno ? Já tinha ouvido aquella voz poderosa ; tinha agora anciedade de ver o phenomeno em toda a sua pujança e grandeza.

No dia seguinte levantei-me muito cêdo e depois de um passeio pouco prolongado pelas circumvizinhanças, visto como tornára a chuva intransitaveis os caminhos, voltei para casa.

Seriam quasi 11° horas da manhã quando pareceu-me ouvir um ruido surdo, como o do trovão que echôa muito ao longe. Approximei-me da janella e nada pude distinguir. As aguas do rio Guajará corriam tranquillas, como se não esperassem ou se não temessem a invasão do inimigo, que se aproximava. A vasante era completa, deixando a descoberto, como corâas, os baixos e espraiados. O dia estava claro. Na extremidade do horizonte vi como formar-se uma ligeira linha de espuma, que ia rapidamente crescendo e engrossando. O ruido havia-se tornado perfeitamente distincto. Houve como que uma suspensão nas aguas do rio, que corriam ainda havia pouco serenas e tranquillas. Dir-se-hia que tinham presentido o inimigo e comprehendido o perigo. A linha de espuma ia crescendo espantosamente e descrevendo como um semi-circulo em que prendia o rio. Era una muralha de espuma, uma vaça gigantesca, que enovelava-se e estoirava com fragor medonho. Depois aquelle immenso semi-circulo, por uma subita e admiravel evolução, formou uma grande linha, como uma diagonal, de uma perfeição completa e caminhou rapida, ameaçadora, fremente, rugindo, levantando espuma e levando adiante de si grandes troncos de árvores, ramas, tudo, em uma palavra, quanto encontrava no caminho. Em frente á casa em que me achava, desapareceu de subito, parecendo como mergulhar, indo surgir mais violenta, mais ruidosa, em linha recta, mas tomado direcções diversas, algumas braças mais adiante.

Não pude mais vê-la; formava ahi o rio uma volta ou covello, que me tirava a vista. Disseram-me que assim continuava a *pororoca* até a juncção dos rios Guamá e Capim, em uma distancia de nove milhas pouco mais ou menos, dividindo-se em duas partes, internando-se cada uma dellas pelos dous rios.

Calculam a marcha da pororoca em 18 a 20 milhas por hora.

Immediatamente depois da passagem da pororoca, tornaram-se as aguas extremamente agitadas, levantando ondas, a que dão o nome de *banzeiros* e que quebravam-se violentas na praia. O rio encheu-se subitamente, de modo que em tres

ou quatro minutos a agua havia crescido de quatro a cinco pés.

Muito se tem escripto ácerca da pororoca, mas ainda ninguem pôde explicar satisfactoriamente esse assombroso phemoneno.

Diz-se geralmente que o impulso das aguas do rio e a repulsão que soffrem estas das aguas do mar, é o que motivá a pororoca. Entretanto manifesta-se ella em alguns rios e em algumas paragens, nas quaes é absolutamente nulla a influencia do mar. Asseverou-me o Sr. tenente coronel Labre, de quem terei ainda muitas vezes de fallar, que no rio Purús e na distancia de 690 milhas da foz, dá-se o phenomeno da pororoca. A que eu vi, nasce ou levanta-se de uma ilha formada pelo rio Guajará (é outros dizem que de umas pedras que ficam perto da ilha) e a mais de 80 milhas da sua foz. Levanta-se, no momento em que começa a enchente, uma onda que cresce e corre, caminhando para a nascente do rio. Na occasião da vasante, acham-se completamente descobertas as praias que circumdam a ilha, e de repente, do lado que olha para a nascente do rio, forma-se a onda, que se transforma em pororoca.

Eis o que a respeito da pororoca escrevia o illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, no *Diario do Grão Pará* de 8 de Março de 1860 :

« Vou fallar do phenoneno chamado pelos naturaes do Brazil *pororoca* e pelos portuguezes da Ásia, *macaréo*, como se pôde ver em João de Barros, decada 3.<sup>a</sup>, livro 5.<sup>º</sup>, cap. 1.<sup>º</sup>, e em Diogo do Couto, decada 6.<sup>a</sup>, livro 4.<sup>º</sup>, cap. 3.<sup>º</sup>.

« A pororoca não se passa sómente *em alguns rios perto do mar*, como julga o Sr. Varnhagen. Este estupendo phenomeno observa-se tambem longe da costa, a 30 e 40 e talvez 50 leguas do mar, taes são o Guamá, o Moju, o Capim, o Arary e outros. Tambem é certo, que se manifesta com toda a regularidade *nas marés vivas* perto da costa, em quasi todos os rios da Guyana Brazileira ou terras do Cabo do Norte, especialmente no Araguary e no Amapá. E não é menos certo, que nunca foi visto esse phenomeno no rio Amazonas, o que é explicavel pelo que se segue :

« A primeira condição para que se dê a pororoca é a presençā das marés vivas e da sua enchente, em cuja occasião *rebentam as pororocas*, como se explicam os naturaes da terra. A segunda é a de um rio, cujo leito tenha pouco declive, seja bastante razo e sem embraços ou cachoeiras na sua corrente, desde a foz até o lugar assinalado para a pororoca.

« Succede então, que as aguas do rio represadas pela maré, que vai enchendo e ganhando força de momento para momento, são vencidas por ultimo na sua marcha, saltandolhes por cima a maré com grande estampido, que se ouve a tres e quatro leguas de distancias e formando ondas tão altas e encapeladas, e um rebojo d'aguas tamanho, que alaga em poucos minutos espacos enormes e tudo destrõe quanto diante de si encontra, enchendo de prompto o que havia vasado em horas !

« Já se vê que, para se dar o facto da *pororoca*, não é preciso a concurrenceia da agua salgada ou do *poderoso mar*, como pensa o Sr. Varnhagen, para se estabelecer o triumpho nessa luta, entre as aguas do monte e as da maré, que nem sempre são salgadas. »

As provincias do Pará e do Amazonas, são dotadas pela natureza de um solo uberrimo e fertilissimo, assim fosse elle aproveitado pelos habitantes.

A natureza ahi ostenta-se em toda a sua pujança e grandeza.

Encontram-se por toda a parte arvores immensas, colos-saes, verdadeiros gigantes das florestas, que parecem querer topetar com os céos.

Rios caudalosos cortam as duas provincias em mil diferentes direcções e entretêm a fertilidade do terreno.

« A provincia do Pará, diz Baena, é uma região amena e fertil, que a natureza acobertou de vícosos vegetaes munidos de raras virtudes e de selvas magestosas, povoadas de excel-sas arvores, todas proprias do serviço nautico e civil, e que talhou de maximos lagos, de altas serras, de espinhaços de montes e de vastas veigas : o numero dos rios capitaes e dos seus affluentes, que formam a sua admiravel hydrographia, é portentoso : seria ingreme empreza formalizar uma lista hydrographica de todos elles com a indicação da addição das nascentes vizinhas e da natural desfluencia de uns em outros, com a sua respectiva posição geographicá. »

« O torrão em geral é formado pelas terras mais capazes de premiar desvelos exercidos em cultival-as : a natureza as dotou de qualidades as mais proprias para a producção e fer-tilidade : elles podem ser florentes e abundantes ; assim os seus habitantes, mais efficazmente se aproveitem dellas. »

E' admiravel sem duvida a quantidade e a variedade de arvores, que formam as matas dessa zona em que domina o magestoso rio, que mais semelha um oceano de agua doce, como já chamou-o alguem.

Não são sómente admiraveis pela grandeza e dimensões colossaes ; mas tambem pelas virtudes medicinaes de muitas dellas, e pelos diversos misteres e usos que lhes pôde dar a industria.

Agora mesmo que traço estas linhas, tenho sobre a mesa diversas raizes e sipós aromaticos e de virtudes mais ou menos medicinaes.

Não posso resistir á tentação de mencionar alguns mais notaveis.

Iratassihôa.— Raiz bastante aromaticá com que costumam perfumar a roupa e lavar a cabeça.

Mucuracá.— Raiz tambem aromaticá, e com que perfumam a roupa. Dizem que é empregada com bom resultado no tratamento de certas febres.

Sipó-pocá.— Raiz aromaticá : empregam-na com bom re-sultado nas paralysias.

Puraqué-caá.— Batata aromaticá com que perfumam a roupa.

Sipó-iuira.—Raiz cheirosa e medicinal: serve para banhos em certas enfermidades.

Corimbó.—Sipó muito aromatico: tambem serve para banhos.

Com muita dificuldade consegui obter, por emprestimo, um relatorio da exposição agricola e industrial da provin- cia do Pará em 1861, no qual encontrei uma lista circum- stanciada e minuciosa das diferentes madeiras que figura- ram naquella exposição.

Resume esta lista quasi todas as madeiras qne enriquecem a provincia. A ella addicionarei algumas outras mais. Bem que seja extensa, não duvido transcrevel-a integralmente, porque é conveniente que saibamos minuciosamente tudo quanto nos diz respeito e conheçamos as riquezas que pos- suimos:

Abiurana do Rio Branco.—4 palmos de grossura e 6 de comprimento: emprega-se na construccion civil.

Abricó.—4 palmos de grossura e 50 de comprimento: tem pouco uso na construccion.

Acapú.—3 a 10 palmos de grossura e 30 a 70 de compri- mento: emprega-se na construccion naval e civil.

Acapurana.—Idem; emprega-se em marcenaria.

Acariçoara.—Idem; na construccion civil para esteios.

Almecega.—3 a 4 palmos de grossura; 40 a 45 de compri- mento; para construccion civil.

Amapá.—3 a 4 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; idem.

Amaparana.—Idem, idem.

Anany.—4 a 6 palmos de grossura, 40 a 70 de compri- mento; para construccion naval e civil.

Anauerá.—4 a 6 palmos de grossura, 50 a 100 de compri- mento; para construccion naval.

Andiroba branca.—10 a 12 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; para construccion naval e civil.

Andiroba ferrea.—4 a 7 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construccion civil e do fructo extrahe-se azeite para luz.

Dita da varzea.—Idem, idem.

Dita vermelha.—5 a 6 palmos de grossura, 76 de compri- mento; para construccion naval e civil.

Andirobarana.—10 a 12 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; para construccion civil e da casca extrahe-se azeite para luz e sabão.

Angelim.—12 a 16 palmos de grossura, 50 a 100 de compri- mento; para construccion naval.

Angelim pedra.—Idem, idem.

Angelim vermelho.—Idem, idem.

Dito da varzea.—5 a 6 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construccion naval e civil.

Araçarana.—1 palmo de grossura, 20 de comprimento; para construccion civil e a sua casca é excellente lenha.

Dita da mata.—Idem, idem.

Araracanga.—4 a 5 palmos de grossura, 36 a 40 de comprimento ; para construcção naval e civil.

Ararambiú.—6 a 7 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento ; para construcção civil.

Armim.—4 a 5 palmos de grossura, 36 a 40 de comprimento ; idem.

Assacú.—4 a 7 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; não tem por ora applicação nas construcções.

Bacury.—8 a 10 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento ; para construcção naval e civil.

Bacurypary.—Idem, idem.

Batinga da varzea.—2 a 3 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento ; para marcenaria.

Breu branco.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; para construcção civil.

Buiussú da varzea.—1 a 2 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento ; pouco usado nas construcções.

Buxo.—4 a 6 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento para construcção naval, civil e marcenaria.

Cabacinho da varzea.—1 a 2 palmos de grossura, 10 a 20 de comprimento ; tem pouco uso nas construcções.

Cajú do mato.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento ; idem.

Carauatá.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento ; para construcção civil.

Caripirana da varzea.—4 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; para construcção civil.

Castanheiro.—6 a 10 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento ; para construcção naval ; do seu entrecasco prepara-se excellente estopa para calafetos.

Cauré.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento ; para construcção civil.

Cedro vermelho.—8 a 10 palmos de grossura, 100 a 140 de comprimento ; para construcção civil, naval e marcenaria.

Coquilho.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; para construcção civil.

Cuaxingubeira.—1 a 3 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento ; tem pouco uso nas construcções.

Cuiaraná da varzea.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; idem.

Cumarú.—3 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento ; para construcção civil e marcenaria.

Condurú.—3 a 4 palmos de grossura, 60 a 70 de comprimento ; para construcção civil.

Cupáuba.—5 a 7 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento ; não tem por ora emprego.

Cupiuba.—6 a 7 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento ; para construcção naval e civil.

Dita amarella.—Idem.

Dita preta.—Idem.

Cupuáy.—Idem, idem ; para marcenaria.

Curumy.—Idem ; para construcção civil.

Envireira branca.—6 a 8 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; tem pouco uso nas construções; da sua casca fazem-se cordas.

Dita preta.—Idem, idem, idem.

Faveira de Santo Ignacio.—8 a 12 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construção naval.

Dita da varzea.—Idem, idem; para construção naval e civil.

Faiu.—4 a 5 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; para construção civil.

Flor amarella.—3 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; idem.

Genipapeiro.—4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para marcenaria, coronhas de espingarda e fôrmas para calçado.

Geniparana vermelha.—5 a 7 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construção civil.

Guaíabarana.—4 a 6 palmos de grossura, e 30 a 40 de comprimento; para construção naval.

Guajarahy da varzea.—8 a 10 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; tem pouco uso nas construções.

Guariuba.—4 a 8 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; para construção civil e naval.

Dita amarella.—Idem, idem, e na tinturaria emprega-se a casca, de que se extrahe tinta amarella.

Gurajuba.—4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construção civil e naval.

Inajaruna.—20 a 40 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construção civil.

Ipé da varzea.—2 a 4 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construção civil.

Itaúba amarella.—10 a 14 palmos de grossura, 90 a 110 de comprimento; para construção naval e civil.

Dita vermelha.—Idem, idem.

Dita preta.—Idem, idem.

Dita pinima.—Idem, idem.

Jabuty-pé.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; para marcenaria: madeira nova e por ora pouco conhecida.

Jacarandá.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; para construção naval, civil e marcenaria.

Jacareúba.—10 a 14 palmos de grossura, 110 a 130 de comprimento; para construção civil.

Juarataciú da varzea.—4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Jutay da varzea.—4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Dita de envira.—4 a 5 palmos de grossura, 40 a 50 de comprimento; idem.

Lacre.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; idem, e da resina se extrahe lacre.

Limão-rana.—5 a 7 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construção civil e marcenaria.

Louro abacate.—8 a 10 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Dito amarelo.—Idem, idem.

Dito cumaru.—Idem, idem.

Dito branco.—Idem; para construcção naval e civil.

Dito pardo, dito passarinho, preto e vermelho.—Idem, idem.

Macacatuba.—4 a 6 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento ; para construcção naval, civil e marcenaria.

Dita da mata, da terra firme e da varzea.—Idem, idem.

Macucú.—2 a 4 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento ; para construcção civil.

Macaranduba.—12 a 14 palmos de grossura, 100 a 120 de comprimento ; para construcção naval e civil.

Dita da mata e vermelha.—Idem, idem.

Maparajuba preta.—6 a 8 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; idem.

Dita da varzea.—4 a 6 palmos de grossura, 40 e 60 de comprimento ; para construcção civil.

Matamatá da mata.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 20 de comprimento ; para construcção civil.

Dito preto e da varzea.—Idem, idem.

Maúba da mata.—4 a 6 palmos de grossura, 16 a 30 de comprimento ; para marcenaria.

Mongubeirana.—4 a 6 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento ; para marcenaria.

Moreira de espinhos.—2 a 3 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento ; para construcção civil e marcenaria.

Morotó da varzea.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 28 de comprimento ; pouco usado nas construções.

Muireçacaca.—2 a 4 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento ; idem.

Muireçacaca-canga.—2 a 4 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento ; idem.

Muiracutiara.—2 a 5 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento ; para marcenaria.

Dita cabocla.—Idem, idem e tambem para construcção civil.

Muirapauá.—6 a 9 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento ; para construcção naval, civil e marcenaria.

Muirapinima —1 a 2 palmos de grossura, 10 a 15 de comprimento ; para marcenaria.

Muirápiranga.—6 a 8 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento ; para construcção naval, civil e marcenaria.

Muirapixuna.—2 a 4 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento.

Muirarema da varzea.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 30 de comprimento ; pouco usado na construcção.

Muireúba da mata.—4 a 5 palmos de grossura, 50 a 60 de comprimento ; para construcção naval e civil.

Muruxy.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 28 de comprimento ; para construcção civil ; a casca é empregada nos cortumes e dá excellente tinta vermelha.

Mututy.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 28 de comprimento; para marcenaria, e como madeira summamente leve e molle, é tambem usada como cortiça.

Oleo de moça.—2 a 3 palmos de grossura, 25 a 30 de comprimento; para construcção civil.

Pacapcrá da varzea.—1 a 2 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento; é pouco usado nas construcções.

Pão amarello.—6 a 8 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Pão d'arco.—12 a 14 palmos de grossura, 80 a 150 de comprimento; idem.

Pão de breu.—1 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Pão de breu da varzea.—3 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; idem.

Pão cruz.—1 a 2 palmos de grossura, 10 a 25 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Pão laranja.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Pão marsim.—Idem, idem.

Pão mulato.—2 a 4 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para marcenaria.

Pão olco.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Pão rainha.—1 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Pão rei.—Idem, idem.

Pão rôxo e rosa.—Idem, idem.

Pão santo, pão santo macaco e pão setim.—4 a 6 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; idem.

Papo de mutum.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção civil.

Paparatuba.—2 a 5 palmos de grossura; 30 a 50 de comprimento; para construcção civil e marcenaria.

Paracáuba.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Dita das ilhas de Macapá.—5 a 6 palmos de largura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval e civil.

Paracaxi.—5 a 6 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; para construcção civil.

Pataná (palmeira).—De 2 a 4 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para marcenaria.

Paricarána.—3 a 4 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; para construcção civil.

Pariry.—4 a 5 palmos de grossura, 40 a 50 de comprimento; para marcenaria.

Pepino do mato.—1 a 2 palmos de grossura, 13 a 16 de comprimento; para construcção civil.

Piquiá.—10 a 12 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção naval e civil; da casca extrahe-se tinta preta.

Dito preto.—Idem, idem.

Piquiarana.—Idem, idem.

Piriquito da varzea. — 5 a 6 palmos de grossura, 50 a 80 de comprimento; para construcção civil.

Pitaicica. — 3 a 5 palmos de grossura, 80 a 90 de comprimento; para construcção naval e civil.

Pitombeira. — 1 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Raiz de cédro. — Para construcção naval, civil e marcenaria.

Sabuarana. — 4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para marcenaria.

Sabuarana rosa. — Idem, idem.

Sapucaia. — 10 a 12 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção naval.

Dita da varzea. — Para construcção naval, civil e marcenaria.

Sapupira branca e preta. — 8 a 10 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval e civil.

Sebolinha da varzea. — 1 a 2 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento; é pouco usada na construcção.

Seringueira. — 10 a 12 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; não é por ora usada na construcção; do seu leite se prepara a gomma elastica. (17)

Sorva. — 6 a 7 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção civil.

Sucuruba da mata. — 5 a 6 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; para construcção naval e civil.

Sucuúba da mata. — 2 a 3 palmos de grossura, 40 a 45 de comprimento; para construcção civil.

Tamanqueira de espinho. — 4 a 5 palmos de grossura, 40 a 45 de comprimento; para construcção civil.

Tamacuaré. — 8 a 10 palmos de grossura, 40 a 45 de comprimento; para construcção civil.

Patajuba. — Idem, idem; para construcção naval e civil e tambem para tinturaria.

Patajubarana. — 5 a 6 palmos de grossura, 60 a 65 de comprimento; para construcção civil.

Patapiririca. — 3 a 4 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção civil.

Tanary branco. — 5 a 6 palmos de grossura, 90 a 95 de comprimento; para construcção naval e civil.

Timbórana. — 4 a 5 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; para construcção civil.

Tinteira. — 3 a 5 palmos de grossura, 10 a 40 de comprimento; para construcção naval e tinturaria.

Ucuúba da mata. — 4 a 5 palmos de grossura, 60 a 70 de comprimento; para construcção civil.

---

(17) Terei occasião para adiante de fallar mais detidamente da seringueira.

Ucuúba branca.— 4 a 5 palmos de grossura, 60 a 70 de comprimento; por ora não é usada na construcção; da sua fruta extrahe-se uma materia sebacea, propria para velas.

Umíry da varzea.— 6 a 7 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção naval e civil.

Dita da mata.— Idem, idem.

Umary: — 1 a 3 palmos de grossura, 16 a 21 de comprimento; para marcenaria.

Uxi.— 3 a 5 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção naval e civil.

Uxirana da varzea.— Idem, idem.

Ventona da varzea.— 4 a 5 palmos de grossura, 45 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Xurú.— 5 a 6 palmos de grossura, 90 a 95 de comprimento; idem.

Além destas arvores, devo tambem mencionar as seguintes, que não constam do relatorio da exposição:

Andá.— E' arvore de 25 palmos de comprimento e dous de grossura. A madeira leve e esponjosa serve para jangadas e temancos. Dá uma amendoa oleosa e purgativa, que embebida e mata o peixe. E' a *arbor brasiliensis nucifera, fructu geminum nucleum continentem*, de Pison e Maregravius.

Pão Brazil (*Brasilicum lignum Pseudo-santulum rubrum, de Maregrave, ou Ibirapitanga, seu lignum rubrum, de Pison*).

— E' uma arvore de 60 e mais palmos de comprimento e 2 a 3 de grossura, armada de espinhos curtos.

Biriba.— E' arvore de 50 a 100 palmos de comprimento; de um amago preto durissimo; é a pederneira dos indigenas, que della extrahem fogo pelo attrito. Serve para mastros de barcos e para taboado de forro de embarcações, por isto que é menos atacado dos buzanos. Tambem serve para esteios de casas. Da casca extrahe-se estopa para calafeto, a qual tem o nome de *estopa da terra*.

Marupá.— Espécie de pinho.

Entre os estabelecimentos publicos que visitei em Belém, devo fazer menção especial do arsenal de marinha, hoje sob a administração do Sr. capitão de fragata Manoel Carneiro da Rocha.

Admirei a ordem, a disciplina e o asseio que alli encontrei. O Sr. Carneiro da Rocha tem lutado com grandes dificuldades nos melhoramentos e reformas, que alli tem podido introduzir; mas a realização dos seus esforços prova que tudo pôde conseguir uma vontade tenaz e perseverante.

Eis em resumo a historia da criação do arsenal de marinha do Pará, segundo os dados officiaes, que me foram ministrados.

Em Junho de 1761 escolheu o governador do Pará, general Manoel Bernardo de Melo e Castro, a ribeira e praia do Hos-picio de S. Boaventura para estaleiros da primeira náo, que se devia denominar *Belém*, e que projectava construir. Para isto, pois, mandou levantar telheiros e officinas proprias de construcção naval, para o que requisitou e lhe foram enviados da Ribeira de Lisboa os operarios necessarios.

Em virtude da carta régia de 6 de Julho de 1761, regularam o governador o serviço das officinas, que se compunham das de calafate, polieiro, ferreiro, carpinteiro, serrador e tanoeiro, havendo mais 50 serventes, um patrão da galeota e 20 remadores.

Em 1790 foi collocado um guindaste, semelhante aos de Lisboa, sobre um caes de pedra. De ha muito que não existe esse guindaste, que foi substituído por um outro vindo da Inglaterra em 1858, e que suspende e pesa em balança própria até 10 toneladas de carga.

Foram até o anno de 1800 construidas no arsenal de marinha do Pará, 4 fragatas de 44 peças, 3 charrúas, 3 bergantins, 12 chalanas canhoneiras, além de uma infinitade de embarcações miudas para transporte, segundo attestou-o o capitão general do Estado do Grão-Pará D. Francisco de Souza Coutinho, em seu relatorio dirigido ao governo da metrópole.

Em 1803 foi confirmada a nomeação de patrão-mór e em 1811 foi criado o lugar de capellão.

Em 1817 foi lançada no estaleiro a quilha de uma fragata de 46 peças, com o nome de *Leopoldina* e que caiu ao mar na primeira oitava da Paschoa em 1822, com grande pompa, sendo então intendente o chefe de divisão Joaquim Epiphânio da Cunha. Creio que foi nesta mesma fragata, que retirou-se da província, depois da proclamação da independencia, o então capitão-tenente João Pascoe Greenfell.

Desde essa data, que de tanto progresso e gloria lhe foi, tem ido desinhando o arsenal de marinha do Pará, que actualmente se limita a concertar embarcações e a construir lanchas e escalerias.

« Longe e bem longe, escrevia em 1863 o Sr. conselheiro De Lamare, está o arsenal de marinha do Pará do que deve ser e mesmo do que foi em tempos coloniaes. De feito, quem conhecer os recursos naturaes, que offerece aquella província, quem se recordar das importantes vantagens que dali tirava a marinha portugueza em navios e madeiras, quem attender a que sómente nas margens do rio Acará, que vem desaguar na bahia, que banha o littoral de Belém, vegetam belas madeiras de construção, em quantidade suficiente para abastecer por muitos annos o arsenal de maior movimento, por certo lastimará a decadencia e completa insignificancia a que está reduzido aquelle estabelecimento.

« Tiral-o desse torpor, dar actividade e movimento ás suas officinas, eleval-o ao grão de prosperidade a que elle pôde naturalmente attingir, é prestar um incontestável serviço á marinha de guerra, fomentando ao mesmo tempo os justos interesses e engrandecimento futuro de uma das províncias do Imperio, que pela fertilidade do seu solo, pelas riquezas com que prodigamente a aquinhhou a Providencia, pôde mais amplamente compensar os disvelos e cuidados, que lhe forem largueados. » (18)

« Ninguem desconhece, continua ainda o Sr. conselheiro De Lamare, quanto importa dar vigoroso impulso a este estabelecimento, unico situado de Pernambuco para o norte, e que de tão valioso auxilio pôde vir a ser á marinha do Estado e á dos particulares, em uma província como aquella, onde a industria privada não oferece os necessarios recursos, e que por sua posição geographica tem de tornar-se o centro de uma força naval respeitável e de um importante commercio marítimo, principalmente sendo realizada a idéa da livre navegação do Amazonas. »

Actualmente parece existir mais actividade no arsenal de marinha do Pará, não só pelos esforços do intelligente inspector, como porque, attendendo o governo imperial a uma palpitante necessidade, houve por bem augmentar os jornaes dos mestres e operarios.

Occupa este estabelecimento uma superficie de 89 braças de comprimento; a contar da entrada do portão, na praça de Bagé, ao portão que dá para o igarapé de S. José; tendo de fundo 71 1/2 braças da prea-mar média ao muro que separa o arsenal da entrada.

Lançando-se a vista para o lado do sul, depara-se com o riacho ou igarapé de S. José, antigamente denominado *Come-dia dos peixes-boi* e que borda uma ilha.

No centro da casa do inspector, acha-se collocada a capella do arsenal, a qual já existia antes da edificação daquella casa, que encerrou-a em seu ambito. O orago é S. Sebastião.

Foi ella antigamente convento de S. Boaventura, levantado á beira mar pelos religiosos da Conceição da Beira e Minho, no anno de 1706, no sitio então denominado *Porto do Tição*, em 66 braças de terreno doadas para essa fundação.

Pouco direi, por ora, ácerca da instrucção publica no Pará. Demorando-me alli apenas 15 dias e tendo de examinar diferentes cousas, não dispuz de tempo sufficiente para estudar esse ponto importantissimo e que tanto interessa ao futuro engrandecimento da província.

Reservar-me-hei para quando voltar da minha excursão ao Amazonas, consignando apenas agora o que tão por alto pude colher.

Parece que as administrações que tem tido o Pará, se não têm esquecido de promover e derramar a instrucção pelo povo. Ha nesta província 164 escolas publicas de ensino primário, sendo 85 para o sexo masculino e 72 para o sexo feminino, frequentadas as primeiras por 4.500 alumnos e as segundas por 1.200. Além destas ha ainda 18 escolas particulares, sendo 13 para meninos e 5 para meninas.

Funciona na capital um bem montado estabelecimento, sob a denominação de *Lyceu Paraense*, no qual, regidas por habeis professores, existem as aulas de grammatica latina, latinidade, francez, inglez, grammatica philosophica, rhetorica, historia, geographia, philosophia, technologia, physica, chimica, mathematicas, escripturação mercantil, desenho e

musica. Comprehende dous cursos o tirocinio neste lyceu : o de humanidades e o commercial, compostos ambos de 42 cadeiras e percorridos o primeiro em seis e o segundo em tres annos.

Além dos dous estabelecimentos episcopais, o pequeno e o grande seminario, sob as vistas e direcção do illustradissimo prelado da igreja paraense e frequentados por grande numero de alumnos, ha ainda não menos de sete collegios particulares, perfeitamente montados e com crescido numero de alumnos. Tambem achou écho na província o pensamento das escolas nocturnas para adultos, que vai produzindo resultados magnificos. Em 1872 foram elles frequentadas por 268 alumnos e consta-me que no corrente anno o augmento foi de mais de metade. Ha tambem uma escola nocturna destinada exclusivamente ao ensino de escravos e que em 1872 era frequentada por 55 alumnos.

A' expensas suas creou o Sr. bispo diocesano, no antigo convento do Carmo, um asylo para as meninas pobres da província, e que ahi recebem esmerada educação. Tive occasião de visitar esse estabelecimento, que é vastissimo, tendo talvez capacidade para accommodar mais de 200 pensionistas. E' pena que os poucos recursos de que dispõe o prelado lhe não permittam dar maior desenvolvimento áquella utilissima instituição.

Merce tambem menção especial o collegio de Nossa Senhora do Amparo, para educação das meninas, e mantido á custa do thesouro provincial e de uma subvenção geral.

De um trabalho publicado no almanak do Pará, de 1871, colhi os dados seguintes, ácerca deste importante estabelecimento :

A ideia e o começo da realização de tão util casa, deve-se ao bispo D. Manoel de Almeida Carvalho, de saudosissima memoria. Em 1824 começou este estabelecimento a receber 200\$000 da fazenda nacional, que de 1826 a 1830, por ordem do governo, fornecia tambem carne, farinha e luz ao collegio.

De 1830 a 1833 foi este fornecimento substituido pela somma annual de 600\$000, que em fins de 1833 foi reduzida a 400\$000. Em 1837 ou 1838 foi esta quantia elevada a 800\$000 e logo depois a 2:000\$000, que tem subsistido até hoje.

Foi originariamente instituido o collegio para educação de indias menores. Com o andar dos tempos, porém, foram sendo pouco a pouco admittidas meninas apenas descendentes de indias, depois as mestiças, mais tarde as brancas pobres e por fim chegou tambem á vez das brancas ricas serem admittidas, o que era evidente signal da transformação do instituto.

Quando em 1824 ou 1825, chegaram as cousas a este ponto, o digno bispo Souza Coelho, que já tinha feito muito sacrificio no empenho de manter o collegio, exigiu que as filhas dos homens abastados, que fossem admittidas ou que já existiam no estabelecimento, pagassem 25\$000 de comedorias, vestindo-se e calçando-se á custa de seus pais.

Foi o meio mais acertado e o unico de sustentar o instituto.

Assim o exigia e aconselhava a necessidade. Desde então não teve o prelado de fazer sacrificios como d'antes ; as quotas das meninas abastadas, que affluiam ao collegio, as que o governo imperial fornecia e algumas esmolas importantes, saldavam a maior parte das despezas.

Uma vez assim transformado o edificio de sua primitiva organização, era facil prever que o estabelecimento estava proximo a passar a outras mãos e a outros directores, e effективamente assim aconteceu, logo ou pouco depois do falecimento do bispo D. Romualdo de Souza Coelho.

Hoje, este collegio que é, pelo menos, um dos mais bellos estabelecimentos de educação de meninas em todo o norte do Imperio, é mantido por tres diferentes fontes de renda: por seus proprios reditos, pela subvenção do governo imperial e principalmente por quotas votadas annualmente pela assembléa provincial.

Diversas sociedades scientificas e litterarias promovem tambem na capital do Pará, a disseminação dos conhecimentos. A grande imprensa é alli representada pelo *Diario do Grão Pará*, *Jornal do Pará*, *Diario de Belém* e *Liberal do Pará*, que são diarios. Ha mais a *Boa Nova*, que se publica duas vezes por semana, o *Pelicano*, que é semanal e diversos jornaes de pequeno formato, como a *Tribuna*, o *Tacape*, a *Patria*, a *Luz da Verdade*, o *Santo Officio*, e outros. Annunciava-se o apparecimento proximo de um novo jornal, que seria denominado *Jornal do Commercio*.

Na noite do 1.<sup>º</sup> de Abril, embarquei no vapor *Arary*, com destino a Manáos, capital da província do Amazonas.

Pertence o *Arary* á companhia de navegação a vapor (Limitada) do Amazonas.

« Na província do Pará, disse o Sr. conselheiro Corrêa de Oliveira, e eu acrescentarei, na província do Amazonas, onde ha uma vasta rede navegavel, um labyrintho de grandes e pequenas vias fluviaes, que cortam a terra em todos os sentidos e direcções, parecendo constituir um archipelago, era necessário juntar á grande obra da natureza a facilidade de transporte para tantos productos espontaneos, que ahí estão desafiando a colheita e extracção. A esta necessidade tem o governo attendido, subvencionando as companhias de navegação e commercio do Amazonas, a fluvial Paraense, a costeira do Maranhão, a fluvial do Alto Amazonas e a empresa de navegação do Tocantins e Araguaya. »

São incalculaveis os serviços prestados por estas companhias, sem as quaes não teriam as duas províncias tido occasião de desenvolver os immensos recursos com que dotou-as a providencia.

A primeira e a mais importante de todas e que cada dia mais se vai desenvolvendo e prosperando, graças á direcção intelligente do infatigavel gerente o Sr. M. A. Pimenta Bueno, é a companhia fluvial (Limitada) do Amazonas.

Foi ella incorporada no Rio de Janeiro em 1852 pelo Sr. Barão de Mauá e começaram os seus vapores a funcionar no 1.<sup>º</sup> de Janeiro de 1853.

Em principios de 1852, o negociante João Augusto Corrêa, Paraense recommendavel por sua actividade e relações commerciaes e que a morte tão prematuramente roubou ao desenvolvimento da terra que o viu nascer, apresentou ao governo imperial uma proposta, obrigando-se, mediante a subvenção de 96:000\$000, a estabelecer a navegação do Amazonas por barcos a vapor. Não julgou porém conveniente o governo aceitar a proposta, visto como não se obrigava o proponente a fundar os nucleos coloniaes, que o governo tinha em vista.

Nos termos da lei n.º 586 de 6 de Setembro de 1850, por decreto de 30 de Agosto de 1852, concedeu o governo imperial a Irinêo Evangelista de Souza, hoje Barão de Mauá, a faculdade de incorporar uma companhia com o capital de 1.200:000\$000, para o fim de sustentar a navegação regular por navios a vapor entre a cidade de Belém e a de Manáos e entre esta e a povoação de Nauta, no Perú.

Do importante trabalho do Sr. Dr. Domingos Antonio Raiol, intitulado *Abertura do Amazonas*, extraímos os seguintes e curiosos apontamentos:

« Foi concedido á companhia o privilegio exclusivo por 30 annos para só ella poder navegar em barcos a vapor entre Belém e Manáos e Manáos e Nauta.

« Além disto o governo imperial nos primeiros 15 annos se obrigou a prestar-lhe uma subvenção annual de 160:000\$000 pelo serviço da primeira linha, garantindo a subvenção, que lhe dêsse o governo do Perú pelo serviço da segunda, a cujo pagamento se obrigára até o maximo de 40:000\$000.

« Durante os 30 annos do privilegio, a companhia era obrigada a fundar nas imediações do Amazonas e dos seus confluentes 60 colonias de estrangeiros ou de indios, devendo ser aquelles da nação, que o governo designasse.

« Para este fim lhe seria concedida gratuitamente a porção de terreno necessário p'ra as colonias ou aldeamentos, não podendo cada um destes estabelecimentos ocupar menor espaço do que o indispensavel para a sustentação de 3.000 habitantes.

« As colonias que a companhia fundasse, gozariam de todos os favores, que já tivessem sido concedidos ou que se concedessem a iguaes estabelecimentos no Imperio, salvas as restrições das localidades e do regimen administrativo.

« O governo não concorreria com despeza alguma para fundação de colonias ou dos aldeamentos, mas obrigava-se a dar á companhia toda a protecção e auxilio necessário para facilitar o contracto, vinda e estabelecimento tanto dos colonos como dos missionarios que a companhia tivesse de transportar e bem assim para remover quaequer embaraços imprevistos, que se oppozessem á marcha e desenvolvimento da empreza.

• • • • • « Este contracto foi innovado por outro que baixou com o decreto n.º 1445 de 2 de Outubro de 1854.

« Foram então concedidos gratuitamente á companhia 70

territorios de duas leguas em quadro, cada um, em terrenos devolutos, sendo 10 em ambas as margens e lagos adjacentes do Purús, 20 nas margens do Amazonas, 10 nas do Madeira, 10 nas do Rio Negro e Tapajós e 10 em quaequer outras margens dos affluentes do Amazonas em que conviesse á companhia formar, com approvação do governo imperial, aldeamentos de indios ou estabelecimentos agricolas industriaes.

« Os territorios concedidos seriam medidos á custa da companhia na fórmula do regulamento de 8 de Maio de 1854, e em compensação ficou a companhia obrigada a fundar 12 colonias, sendo uma na margem do Javary, duas nas margens do Purús, quatro nas do Amazonas, quatro nas dos Rios Negro e Tapajós, e uma á margem do Madeira, nos lugares que fossem approvados pelo governo imperial.

« Cada uma destas colonias teria pelo menos 600 colonos importados á custa e diligencias da companhia, todos de origem europea e das nações que o governo imperial designasse expressamente para cada uma. A metade do numero das ditas colonias seria fundada pelo menos dentro dos primeiros cinco annos e o resto dentro dos outros cinco ao mais tardar.

« As colonias, que a companhia fundasse, gozariam das mesmas vantagens concedidas ou que se concedessessem á iguaes estabelecimentos no Imperio, uma vez que se não oppozessem ás circumstancias especiaes das localidades e ás conveniencias administrativas. O governo imperial daria á companhia efficaz protecção, na qual se comprehendia o auxilio de destacamentos militares, precedendo reclamação da mesma companhia e sendo verificada pelo governo a necessidade das providencias.»

Do exame que fizemos dos relatorios desta empreza, colhemos os seguintes dados sobre a historia desta colonização, dados que copiámos quasi textualmente:

A companhia procurou cumprir as obrigações que lhe eram impostas por este contracto, mandando logo, mediante salario, buscar colonos em Portugal, em numero sufficiente para abrir as colonias, construir habitações, fazer derrubadas e plantações, assim como para dar principio aos estabelecimentos industriaes, que tinham de alimentar as futuras necessidades das mesmas colonias.

Feitos estes primeiros serviços, como preparatorios dos 12 nucleos de povoações a que se tinha obrigado, pretendia então a companhia dar começo á verdadeira importação de colonos que viessem estabelecer-se desde logo como foreiros nas terras de que ella tomasse posse por concessões do governo, conforme o contracto, ou por compra que fizesse a particulares, conforme autorizára á gerencia, com a condição de que fossem situadas as terras em localidades convenientes e por preços insímos.

Dentro de um anno da data do contracto, importou a companhia 1.061 colonos portuguezes e 30 chins. A primeira colonia que fundou foi a de *Mauá*, no lugar denominado *Furo*, abaixo das Lages, nas proximidades da capital da província do Amazonas, em um dos territorios concedidos pelo governo.

imperial, tendo a companhia obtido por compra 12 terrenos encravados no perimetro da colonia.

Até 31 de Dezembro de 1856 montaram a 67:000\$000 as despesas de passagens, engajamentos, férias, comestiveis e ferramenta dos colonos, compra de terrenos, gado e utensílios, construções, medições, embarcações para o serviço da colonia, ordenados e sustento dos empregados.

A segunda colonia que a companhia fundou foi a de *Itacoatiara*, em terrenos comprados nas immediações de Serpa, contíguo aos quaes fez depois o governo imperial a concessão de um territorio. Foi ahi estabelecida uma serraria com todo o machinismo necessário, assim como uma olaria, mantendo as despesas de ambas até o fim de 1856 á somma de 50:000\$, além das despesas das férias, passagens, sustento, ferramenta de colonos, compras de terreno, gado e utensílios, embarcações, construções, ordenados e sustento dos empregados; despesas estas que importaram em 78:000\$000, perfazendo o total de 128:000\$000.

Incluidas as dívidas dos colonos que se evadiram e as despesas feitas com outros que foram empregados em diversos misteres, tinha a companhia até Junho de 1856 despendido com a colonização a somma de 263:000\$000 !

E todo este dinheiro foi perdido; a colonização não vingou; os nucleos coloniaes viveram vida ephemera e extinguiram-se por si.

O ilustrado Sr. Dr. Tavares Bastos, pensa que as experiências coloniaes da companhia do Amazonas foram mal sucedidas por não terem sido dirigidas com perseverança, nem com o propósito resoluto de levar-se ao cabo a tentativa.

« Não sabemos dos esforços que empregou a companhia para desenvolver esses nucleos de colonização, diz o Sr. Dr. Raiol, nem podemos entrar nas intenções, que teve neste ramo de serviço a seu cargo. O que, porém, nos parece fôra de dúvida, é que o sistema adoptado não fôra o mais conveniente. »

O Sr. Barão de Mauá, tratando do mau resultado da colonização, exprime-se do seguinte modo:

« A grande questão da colonização, que aliás importa um interesse brasileiro de primeira ordem, carece ainda de muito estudo para ser satisfatoriamente resolvida: a propria riqueza das magnificas regiões amazonicas é um obice, por assim dizer, insuperável á realização do estabelecimento de nucleos coloniaes.

« Não basta termos terras, que em fertilidade igualam, excedem mesmo ás melhores do mundo; não basta que essas terras abundem em produções naturaes que despertam a cobiça do trabalhador menos ambicioso, mostrando-lhe a natureza seus valiosos fructos promptos a serem colhidos; não basta que esses terrenos se achem em parte cobertos de annosos troncos, de frondosas arvores que só esperam ser derrubadas pela mão do homem para fornecerem as melhores e mais preciosas qualidades de madeira ao com-

mercio e ás artes ; não basta, finalmente, a vontade a mais tenaz para conseguir um grande fim, pois que, sem embargo de todos os elementos, nossos esforços só deram em resultado uma completa decepção.

« Tão pouco se pôde attribuir o máo exito desses esforços a erros administrativos nos meios de que se lançou mão. Para atrahir a verdadeira colonização era preciso dispôr os elementos necessarios, e pois contractar um forte numero de trabalhadores que viessem derrubar as matas, fazer plantações dos principaes generos de alimentação vegetal, levantar cabanas e estabelecimentos industriaes de natureza a satisfazer as necessidades primitivas de futuras povoações agricultoras, pareceria na verdade o meio mais racional, senão o unico, de conseguir-se mais tarde o fim que tinhamos em vista. Tudo porém falhou, não só porque o pessoal dos colonos por sua má indole não satisfez, como mesmo pelo principio economico de que o trabalho procura o emprego de que pôde auferir maior proveito, sendo certo que no Amazonas o braço vigoroso que traballic por sua conta, encontrará por longo tempo uma remuneração mais proveitosa, do que o mais pingue salario que a industria ou a agricultura possam pagar. » (19)

Malograda a colonização e attentos os prejuizos sofridos pela companhia pediu o Barão de Mauá innovação do contracto, a qual lhe foi concedida por decreto de 10 de Outubro de 1857, ficando a mesma companhia exonerada das obrigações dos contractos anteriores ácerca da colonização e com pleno dominio a todos os terrenos, que lhe tinham sido concedidos.

Da tabella annexa ao mesmo decreto, constam todas as concessões de terras feitas á companhia pela maneira seguinte :

1—por aviso de 6 de Outubro de 1854, á margem do Rio Negro, entre os furos abaixo das Lages e a cidade de Manáos, na província do Amazonas.

3—por aviso de 12 de Novembro de 1855, sendo um na ilha das Araras, no rio Madeira ; um na margem direita do Solimões, e meio nas immediações de Serpa, na província do Amazonas ; meio a quinze milhas de distancia de Belém na província do Pará.

13—por avisos de 23 de Outubro de 1855 e 3 de Janeiro de 1856, sendo 2 no Javary, 2 no Purús, 2 no Madeira, 1 em Maués, 1 em Cararaueú, 1 em Maracanã, 1 em Villa Bella, e 3 á escolha da companhia, no Rio Negro, província do Amazonas.

---

(19) Relatorio da companhia do Amazonas, de 1857.

5—por avisos de 23 de Outubro de 1855 e 3 de Janeiro de 1856, sendo um em Monte Alegre, um na Prainha, um em Villa-Pobre, um em Itaqui, um em Tapajós, província do Pará.

1—por aviso de 3 de Janeiro de 1856, no rio Trombetas, província do Pará.

O estado actual da companhia de navegação a vapor do Amazonas é assaz florescente.

Tem a seu cargo nove linhas de navegação, mantendo todas com a necessaria regularidade.

A 1.<sup>a</sup> linha vai de Belém a Manáos com escala por Breves, Gurupá, Porto de Moz, Prainha, Monte-Alegre, Santarém, Obidos, Villa Bella e Serpa; tem duas viagens mensais, sahindo os vapores do porto de Belém nos dias 2 e 18 de cada mez e voltando nos dias 15 e 30.

A segunda linha vai de Manáos a Loreto, no Perú, tocando nos portos de Cudajaz, Coary, Teffé, Fonte-Boa, Tocantins, S. Paulo e Tabatinga. Tem uma viagem mensal.

Percorrem a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linha uma distancia de 1.813 milhas (3.358 kilometros, ou em viagem redonda 3.626 milhas).

Eis a distancia em milhas dos diferentes pontos em que tocam os vapores da primeira linha:

	Milhas.
De Belém a Breves .....	146
De Breves a Gurupá.....	123
De Gurupá a Porto de Moz.....	48
De Porto de Moz á Prainha.....	96
Da Prainha a Monte-Alegre.....	44
De Monte-Alegre a Santarém.....	60
De Santarém a Obidos.....	68
De Obidos a Villa-Bella.....	95
De Villa-Bella a Serpa.....	137
De Serpa a Manáos.....	110

São estas as distancias marcadas na tabella da companhia.

Um distincto official da marinha brazileira e que ha muitos annos commanda um dos vapores da mesma companhia, teve a bondade de fornecer-me a seguinte tabella, afiançando-me ser ella a mais bem calculada:

	Milhas.
De Belém a Breves.....	148
De Breves a Itaquara.....	84
De Itaquara a Gurupá.....	35
De Gurupá a Porto de Moz.....	47

	Milhas.
De Porto de Moz á Prainha .....	98
Da Prainha a Monte-Alegre.....	41
De Monte-Alegre a Santarém.....	63
De Santarém a Alemquer.....	45
De Alemquer a Obidos.....	48
De Obidos á Villa-Bella.....	95
De Villa-Bella a Serpa.....	138
De Serpa a Manáos.....	110
Os passageiros de 1. <sup>a</sup> classe que de Belém vão a Manáos, pagam....	100\$000
Os de 2. <sup>a</sup> classe, pagam.....	50\$000
Os de 3. <sup>a</sup> classe.....	25\$000
Os menores de 9 annos de 1. <sup>a</sup> classe.....	50\$000
Os menores de 3 annos.....	\$

Eis a distancia em milhas dos diferentes pontos em que tocam os vapores da 2.<sup>a</sup> linha :

	Milhas.
De Manáos a Cudajás.....	155
De Cudajás a Coary.....	84
De Coary a Teffé.....	107
De Teffé á Fonte-Boa.....	133
De Fonte-Boa a Tocantins.....	140
De Tocantins a S. Paulo.....	95
De S Paulo a Tabatinga.....	104
De Tabatinga a Loreto.....	63
Os passageiros de 1. <sup>a</sup> classe, que vão de Manáos até Tabatinga, pagam.	80\$000
Os passageiros de prôa.....	20\$000
Os menores de 9 annos da 1. <sup>a</sup> classe.	40\$000
Os menores de 3 annos.....	\$

A terceira linha vai de Belém a Cametá com escala por S. Domingos e Abaeté, tem duas viagens mensaes ; sahem os vapores a 10 e 25 de cada mez e voltam a 12 e a 27.

A quarta linha navega nas aguas do Perú e nas do grande estuario do Amazonas. Atravessa duas vezes este estuario ; uma, da foz do Anajaz para Maçapá, e outra, da ponte da Pedreira (Barra N. do Amazonas) para Chaves, que fica na barra Oriental. Neste ultimo trajecto atravessa tambem o equadore e toca na ilha Caviana.

A distancia da linha é de 498 milhas.

A quinta linha é de Belém a Tapera, no Arary, sahe e volta o vapor no dia 6 de cada mez.

A sexta linha é de Belém a Soure ; tem uma viagem mensal no dia 3 de cada mez.

A setima é de Belém a Obidos, com escala por Breves, Gurupá, Porto de Moz, Prainha, Monte-Alegre e Santarém; faz uma viagem mensal no dia 12 de cada mez.

A oitava pertence exclusivamente ao Baixo Tapajós, entre Santarém e Itaituba.

A nona faz a navegação entre Santarém e Faro, com escalas por Alemquer, Obidos e Maracanassú (Jurutu) d'onde penetra, para chegar a Faro, por um paraná-mirim do Amazonas, que vai ao Jamundá.

A extensão total das 9 linhas é de 4.532 milhas (viagem simples) ou 9.064 milhas em viagem redonda, correspondendo a 16.786 kilometros, extensão quasi igual a New-York a Valparaízo, passando pelo cabo de Horn.

Além de um grande e bem montado trapiche e das officinas bem apparelhadas para concerto e fabrico de embarcações, possue a companhia 10 vapores bem construidos e com excellentes accommodações para passageiros.

Eis os nomes dos vapores:

*Arary*.—De força de 200 cavallos e 738 toneladas.

*Manáos*.—De força de 200 cavallos e de capacidade para 684 toneladas.

*Belém*.—De igual força e capacidade.

*Obidos*.—De força de 100 cavallos e capacidade para 5.000 arrobas.

*Tcjadurá*.—De força de 250 cavallos e de capacidade para 840 toneladas.

*Soure*.—De força de 100 cavallos e capacidade para 414 toneladas.

*Inca*.—De força de 100 cavallos e capacidade para 414 toneladas.

*Icamiba*.—De força de 100 cavallos e capacidade para 414 toneladas.

*Tapajós*.—De força de 200 cavallos e capacidade para 751 toneladas.

*Aturiá*.

O estabelecimento das officinas tem sido de grande utilidade á província do Pará, visto como são alli admittidos aprendizes que se dedicam á profissão mecanica, tendo já sahido dalli alguns bons machinistas.

No relatorio que apresentou á assembléa provincial do Pará, assim exprimiu-se o Sr. vice-almirante De Lamare:

« Tão identificada está a companhia do Amazonas, com o commercio do valle do Amazonas, que se não pôde tratar deste sem fazer referencia áquella empreza; e pois, que é ella que, pelos seus grandes resultados, mais de perto interessa ao assumpto de que me occupo, é dela tambem que tratarei com maior desenvolvimento.

Contractada em 1852 com o governo imperial, que procurava arrancar esta província do abatimento em que jazia, a companhia inaugurou seu serviço em Janeiro de 1853.

« Até essa época todo o trafico dos generos de commercio era morosamente feito em canoas, que raras vezes realizavam uma viagem redonda de Belém à Manáos, em menos de cinco mezes, viagem que hoje se effectua em 13 a 15 dias, quando muito, comprehendidos os cinco dias de demora em Manáos, e nos dez pontos intermedios.

« Os fretes que eram caros nos barcos á vela, sendo calculados de accordo com os comerciantes carregadores para a navegação a vapor, ficaram muito reduzidos; as distancias quasi desappareceram; as communicações tornaram-se rápidas e commodas; as transacções tornando-se mais activas, multiplicaram-se, e, como consequencia immediata, o commercio ampliou o campo de suas especulações, á medida que novos recursos avultavam; e o valle do Amazonas viu, enfim, entrar por suas portas a riqueza, a prosperidade e a civilisação, ha tantos séculos esperada.

« As rendas publicas que acompanharam de perto a mar-cha do commercio, começaram igualmente a participar das vantagens resultantes da revolução económica e pacifica, produzida pelo vapor nas aguas do Amazonas. »

Depois de entrar em alguns pormenores para demonstrar que o desenvolvimento das rendas públicas é devido principalmente ao estabelecimento da navegação a vapor no Amazonas, assim conclue o Sr. conselheiro De Lamare :

« Resultado immenso para uma região tão grande em territorio, como pequena em população, e onde a industria e a agricultura eram desconhecidas e quasi nullas até a época em que começou aquella navegação.

« E' pois, com razão que se tem dito, que do estabelecimento da navegação a vapor no Amazonas data o extraordi-nario desenvolvimento da riqueza publica do Pará, ou como se exprimiu ha pouco um distincto escriptor, nosso compatriota : « *A verdadeira descoberta do Amazonas data de 1852.* »

« A companhia auxiliada pelo governo imperial em seus esforços, pôde lisongear-se de ter satisfeito as vistas do inesmo governo, concorrendo assim directamente para o rapido desenvolvimento do commercio, para o progresso da industria e das rendas publicas, ao mesmo tempo que foi descortinando e preparando o terreno para os novos empreiteiros, que provavelmente hão de vir de diversas partes do mundo para desfructar comnosco os bens de que a natureza encheu esta vasta região, cuja vida, força e actividade estão essencialmente no movimento quasi animado desse grande agente do progresso material das nações — o vapor.

« Os dous seguintes quadros, que se acham no relatorio apresentado em 20 de Junho de 1868 pelo Sr. Joaquim da Fonseca Guimaraes, vice-presidente da companhia, dispensam outro qualquer commentario para provar que a subvenção que os governos imperial e provincial prestam a esta empreza, é uma das despezas mais productivas, que figuram tanto no orçamento geral como no provincial. »

1.º periodo de 1838 a 1852 :

<i>Quadros.</i>	<i>Valores.</i>
Renda provincial.....	3.184:289\$401
Renda da alfandega.....	5.396:204\$163
Valor da importação.....	22.361:723\$737
Valor da exportação.....	17.689:541\$663

2.º periodo de 1853 a 1857 :

<i>Quadros.</i>	<i>Valores.</i>
Renda provincial.....	8.004:705\$546
Renda da alfandega.....	21.516:754\$324
Valor da importação.....	64.587:783\$862
Valor da exportação.....	75.304:084\$799

Augmento havido no periodo de 1853 a 1857 :

Renda provincial.....	4.817:416\$145
Renda da alfandega.....	16.120:550\$161
Valor da importação.....	42.226:060\$125
Valor da exportação.....	57.614:543\$136

No periodo de 1858 a 1864, segundo o relatorio do Sr. Dr. Couto de Magalhães :

	<i>Importação.</i>
1858—1859.....	3.946:363\$957
1859—1860.....	4.709:895\$560
1860—1861.....	5.704:745\$464
1861—1862.....	3.618:976\$206
1862—1863.....	4.471:313\$633
1863—1864.....	5.227:895\$281

	<i>Exportação.</i>
1858—1859.....	3.917:403\$688
1859—1860.....	5.912:860\$040
1860—1861.....	5.341:303\$713
1861—1862.....	4.602:299\$657
1862—1863.....	5.573:768\$971
1863—1864 .....	5.827:243\$079

O valor total das transacções commerciaes no exercicio de 1863—1864, calculado pelos dados officiaes, os direitos a que são sujeitos os generos e mercadorias importadas e exportadas montaram á somma de 13.897:338\$621.

Comparado com igual valor do exercicio de 1862—1863, 12.042:425\$801, temos em favor de 1863—1864 o augmento de 1.854:912\$820 ou 15,4%.

O valor official da importação, foi em 1869—1870.....	7.215:524\$240
O valor official da exportação foi em 1869—1870 .....	13.429:261\$800

Estes algarismos fallam muito alto em favor dos benefícios trazidos ao commercio pela companhia do Amazonas principalmente.

Em 1869 transportou a companhia 13.386 passageiros, obtendo a receita de 151:918\$513. A dos fretes foi de 425:266\$547, elevando-se a receita total a 517:185\$060. O valor da importação foi a 6 902:422\$535, mais 619:293\$462 que em 1868, e o da exportação foi de 8.531:384\$450, mais 1.976:470\$469 que naquelle anno.

Terminarei esta breve e incompleta noticia ácerca da companhia do Amazonas, com o seguinte topico do relatorio do Sr. Dr. Couto de Magalhães:

« A subvenção de 720:000\$000, que o Estado despende para garantir e firmar esta grande empreza, é sem duvida alta; mas essa despesa é compensada annual e progressivamente pelos benefícios e bons resultados que colhe a província do Pará e por conseguinte o Imperio, pois que o paiz inteiro ganha sempre com a prosperidade de qualquer das suas partes.

« O estado florescente desta província, o augmento constante das rendas da sua alfandega, a propagação de machinas de vapor nas fabricas de assucar, a facilidade das communicações entre esta província e a do Amazonas até á fronteira imperial de Tabatinga, e da maior parte dos diversos pontos do interior com esta capital, são resultados e benefícios provenientes da existencia da navegação a vapor estabelecida pela companhia do Amazonas, garantida por aquella subvenção do governo. São documentos vivos que provam [a grande utilidade dessa empreza, documentos que de certo não têm sido consultados por aquelles vossos concidadãos, que não estudaram bem o estado desta província antes e depois do estabelecimento da companhia de navegação a vapor. »

A companhia fluvial paraense foi incorporada pelo negociante João Augusto Corrêa, que obteve da assembléa provincial uma subvenção sufficiente para realizar aquella empreza, a principio em ponto pequeno, porém a que elle soube dar desenvolvimento rapido na qualidade de director, cargo que desempenhou até falecer.

Tem esta compñhia sete linhas de navegação e cinco vapores, que partem de Belém para os seguintes pontos:

1.<sup>a</sup> Para Cairary, no rio Mojú, fazendo escala pela freguezia de Mojú.

2.<sup>a</sup> Para a freguezia do Acará.

3.<sup>a</sup> Para S. Miguel de Guamá, fazendo escalas por Bujarú e S. Domingos.

4.<sup>a</sup> Para Mazagão, fazendo escalas por Boa-Vista, Curralinho, Breves, Anajás e Macapá.

5.<sup>a</sup> Para Portel, com escalas por Muaná, Boa-Vista, Curralinho, Oeiras, Breves e Melgaço.

6.<sup>a</sup> Para Igarapé-mirim, fazendo escala por Abaeté.

7.<sup>a</sup> Para Bayão, no rio Tocantins, fazendo escala por Caçatá, Mocajuba e Tocantins.

carregada de oleo, que por si mesma o expelle, aromatizando o ar na sua circumvizinhança.

*Oleo de amendoim.* — E' extraido do fructo deste nome. E' fixo, de côr loura e de cheiro específico.

E' usado como meio culinario e é tambem empregado como meio medicinal contra as affecções rheumaticas.

*Oleo de jacare-cupahyba.* — E' oriundo do Alto Amazonas e extraido da arvore *calaphilum brasiliense*, da familia das *clusiaceas*.

E' fixo, de côr verde escura ou quasi preta e tem um cheiro forte e desagradavel. E' empregado no calafeto das embarcações com melhores resultados do que o breu e alcatrão, segundo affirmam as pessoas praticas nestes trabalhos.

*Oleo de jupati.* — E' extraido por decocção ou pela expressão da polpa do fructo daquelle nome, produzido pela palmeira *Sagus taedigera*, da familia das *palmaceas*.

E' fixo, de côr vermelha e muito amargo. Seus usos não são ainda conhecidos, mas sendo muito semelhante ao oleo de *dendê*, tambem servirá provavelmente para o fabrico do sabão.

*Oleo de mucajá.* — E' extraido do fructo da palmeira deste nome, que abunda no valle do Amazonas.

E' concreto e de côr amarella. A sua applicação não é ainda conhecida.

*Oleo de patauá.* — E' extraido por decocção do fructo da palmeira *ænacarpus distichus*, da familia das *palmaceas*.

O fructo é um coquinho do tamanho de um cajá; maduro é de côr rôxo-escura, ou quasi preta, dispolpado dá um leite agradavel ao paladar, quando misturado com assucar, e é mui nutritivo.

Da polpa é que se extrahe o oleo, que é fixo, amarello claro e transparente, quando bem purificado e quasi inodoro.

E' empregado na arte culinaria, onde substitue perfeitamente o oleo da oliveira em todos os seus usos. No mercado do Pará é muitas vezes vendido em lugar do outro.

*Oleo de cacáo.* — E' extraido das sementes do fructo assim denominado.

E' concreto e de côr branca. A medicina emprega-o com vantagem.

Nos districtos de Cametá fabrica-se o sabão conhecido pelo nome de *sabão de cacáo*, por ser preparado com as cinzas energicas das cascas deste fructo. Esta industria pôde dar grande interesse aos productores; ella faz esperar que mediante processos mais perfeitos e attenta a boa qualidade do material, venha-se a obter facilmente o sabão de um modo que rivalise com o melhor que apparece no mercado.

Em 1863 a exportação deste genero para o mercado do Pará foi de 2.384 arrobas, que, segundo os preços medios, produziram o valor de 9:536,5000.

*Oleo de Copahiba.* E' extraido, por meio de incisões, da arvore *Cupainira officinalis*.

E' fixo, de cor branca amerellada, transparente, de um cheiro forte e sabor acre.

E' empregado nas artes e na medicina, onde seus effeitos são bastantemente conhecidos.

Este producto natural constitue um interessante artigo de commercio e sua colheita tem ido sempre em augmento desde 1836.

Já não abundam estas arvores nas proximidades das margens dos rios navegaveis e conhecidos; é mister ir a longas distancias para encontrar-as em estado de serem aproveitadas. Não é porque tenham de todo desapparecido destas paragens sob o peso da mão destruidora do homem, que lhes arranca até a ultima gota a seiva da vida; mas porque acredita-se que a arvore que uma vez contribuiu com o contingente do oleo, que lhe extrahiram, não torna mais a produzil-o. Entretanto, parece mais natural suppôr, que, completamente esgotada, a arvore tem necessidade de longos annos para recuperar a seiva perdida e por isso se mostra avara da pouca, que posse, áquelle que já uma vez feriu-a mortalmente.

Seja como fôr, a colheita deste producto deve decrescer em um futuro, que não está remoto. Entregue aos indios semi-selvagens, que são os que principalmente della se ocupam, continuará á mercê de sua imprevidencia e ignorancia e a natureza succumbirá por certo aos duros golpes da rude destruição.

Eis o que consta da estatística da exportação deste artigo.

O termo médio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos, que decorreram de 1836 a 1852, segundo dados officiaes, é o seguinte:

Termo médio 3.660 canadas, na importancia de 26:891\$970.

Nos annos, que decorreram de 1852 a 1862, regulou a exportação do modo seguinte:

Annos.	Canadas.	Valores.
1852—1853 .....	8.215	53:597\$725
1853—1854 .....	23.984	174:055\$000
1854—1855 .....	8.142	53:602\$000
1855—1856.....	6.030	34:262\$713
1856—1857.....	3.438	33:525\$000
1857—1858.....	3.385	45:547\$500
1858—1859.....	4.064	67:726\$500
1859—1860.....	4.893	86:453\$500
1860—1861 .....	3.394	98:990\$070
1861—1862.....	2.868	76:997\$452
Termo médio do decennio de 1852 a 1862.....	22.571	72:455\$746
Coinparada com o periodo de 1836 a 1852.....	3.660	26:891\$970
Diferença para mais.....	18.911	45:563\$776

dicos do Pará e um dos moços mais intelligentes que conheço, subi á tolda do vapor, onde já diversos passageiros haviam armado as rôdes e tendo tambem como elles, realizado igual processo, deitei-me, sem entretanto poder conciliar o sonno.

As rôdes são o leito de que geralmente se servem os habitantes das provincias do Pará e do Amazonas e muitas vezes constituem a unica mobilia da gente mais pobre. No principio custei a habituar-me a esse genero especial de dormida; no Pará não tive necessidade de acostumar-me a elle, por me ter sido dada uma excellente cama; mas depois, obrigando-me a necessidade a aceitar a rôde, porque mui raras vezes encontrava outra cama, cheguei por fim não só a acostumar-me a ella, como até a achal-a bem commoda e bem apropriada para a terra.

Os vapores das diferentes companhias que navegam nos rios das duas provincias, são dispostos de modo a poderem os passageiros armar as rôdes na tolda. Sómente as pessoas doentes e uma ou outra senhora, aproveitam-se das camas dos beliches.

A' 1 hora da madrugada levantámos o ferro e o *Arary* cortou ligeiro e garboso as aguas do Guajará.

A noite estava muita escura e tempestuosa e a chuva cabia com força, açoitando a cobertura da tolda e os flancos do navio.

Ao passar não sei por que ponto da bahia de Marajó, e que é bastante perigoso, julgou prudente o commandante parar, visto como não lhe permittia a escuridão espessa que envolvia o vapor, seguir com a necessaria segurança.

A's 5 horas da manhã suspendemos de novo o ferro.

Os passageiros eram em geral negociantes de Manáos, que tinham ido a Belém aviar mercadorias, e alguns individuos que iam procurar fortuna nos scringaes do Madeira.

Tambem se dirigiam á capital do Amazonas douz distinctos officiaes da marinha peruana e membros da commissão de limites entre o Brazil e o Perú e com os quaes tive a fortuna de travar, em pouco tempo, relações da mais cordial camaradagem.

O commandante do vapor, o intelligent Sr. Talisman de Vasconcellos, caválheiro não menos distincto pelas qualidades do coração, como pelo tracto fino e delicado, fez tudo quanto delle podia depender para tornár-nos a viagem facil e agradável.

Cumpre nesta occasião um dever, que me é assaz caro, agradecendo-lhe a obsequiosidade do tratamento, assim como a amabilidade com que se prestava a fornecer-me todos os esclarecimentos e notas, que lhe pedia.

Estava eu ancioso por entrar nas águas do magestoso rio, que tantos segredos ainda encerra.

A's 4 horas da tarde passámos por uma povoação, que foi, ha seis annos talvez elevada á freguezia, com o nome de S. João Baptista do Curralinho. Tem uma igreja que não me pareceu má; a forma é elegante. As casas, que são contiguas

á igreja, me pareceram boas, posto que um pouco baixas. São em geral de telha e novas.

Ás 10 horas da noite fundeámos no porto de Breves, pequena villa, situada á margem norte do furo Paraúáu, em uma ponta de terra, que corresponde á pequena enseada em cujo fundo se acha o furo que dá comunicação dali para Melgaço.

Acredita o Sr. Ferreira Penna que deveu esta villa o nome que tem a um antigo estabelecimento que alli possuiu, em tempos passados, um portuguez chamado Breves, o qual com seu irmão monopolisava quasi todos os generos de commercio dos districtos vizinhos, as vantagens que dahi tiravam concorreram para dar importancia a seu estabelecimento, ao pé do qual, ha 40 annos, começaram a levantar barracas os seringueiros que para alli eram attrahidos pela abundancia da borracha.

Em 1850 a nova povoação augmentava com muitos habitantes de Melgaço e de outros lugares que para ella se mudavam, merecendo ser então elevada á categoria de freguesia e ein 1851 á de villa.

Collocada entre as aguas do Amazonas e do Pará, esta villa teria tido grande incremento se as febres lhe não dizimassem os habitantes. Pela sua posição é o centro a que vai ter o commercio de Portel e Melgaço e dos rios Anapú, Jacundá e Anajás e da maior parte do estuario que se estende ao norte, sul e sudoeste da ilha de Marajó.

Todos os vapores e barcos que seguem do Pará com destino a qualquer ponto do Amazonas, têm de passar por Breves. O seu porto é um dos melhores para vapores, podendo estes atracar em qualquer ponte ao longo da margem.

Não me foi possivel ir á terra, e visitar a villa, não só por ser tarde, como porque me disseram que, em consequencia das copiosas chuvias dos ultimos dias, as ruas se achavam transformadas em verdadeiros lamaçaes. As casas me pareceram velhas e arruinadas.

A comarca de Breves, de que é cabeça aquella villa, compõe-se de quatro municipios, que são: Breves, Portel, Melgaço e Curralinho.

No dia seguinte, ás 10 horas, pouco mais ou menos, entramos no Amazonas, e ás 3 horas e 20 minutos da tarde passámos por Gurupá, antiga *Mariocay* e aldêa da missão dos capuchinhos da Piedade.

Fica á margem do Amazonas, a 42 milhas acima do canal, do Tagipurú.

A comarca de Gurupá, de que aquella villa é cabeça, consta dos municipios de Gurupá e Porto de Moz. Aquelle comprehende as freguezias de Santo Antonio de Gurupá, Nossa Senhora da Conceição de Almeirim e Santa Cruz de Villarinho do Monte; este as freguezias de S. Braz do Porto de Moz, Nossa Senhora do Rosario de Arraiolos, S. João Baptista de Veiros, S. João Baptista de Pombal e S. Francisco Xavier de Souzel.

Era encantador o spectaculo que apresentavam as mar-

gens do Tagipurú. A natureza se ostentava alli em toda a sua força e belleza. Verdadeiras mattas de palmeiras, erguiam-se elegantes, causando admiração pela sua variedade e quantidade. Entre elles sobresabiam o *assay*, a *popunha*, cujo fructo de côn avermelhada tem uma massa oleoginosa; o *patauá*, que dá um fructo de côn roxo-eseura e de cuja polpa se extrahe um azeite fino e claro como o azeite de oliveira e de que se pôde fazer o mesmo uso.

De quando em vez extensos cacoaes indicavam a aproximação de alguma easa ou feitoria. Foi o *cacáo* e temos fé que o será ainda, um dos grandes ramos de riqueza das províncias do Pará e do Amazonas. Ainda hoje constitue a sua cultura a ocupação regular dos habitantes dos municípios de Cametá e Obidos. Actualmente e apezar da grande alta que tem tido, pois que, valendo de 1840 a 1855—de 1\$800 a 3\$000 a arroba, custa agora 7\$000 e 8\$000, vai sendo pouco a pouco alandonada a sua cultura nos outros pontos das duas províncias, em consequencia da falta de braços para serem nella empregados, visto como absorbem os seringaes toda a gente que se podia empregar nesse mister.

Ao incançavel Sr. Domingos Soares Ferreira Penna peço licença para extrahir do seu trabalho ácerea do *cacáo*, alguns apontamentos, a fini de unir a esta notieia.

Desde os primeiros annos da descoberta da America, foi o cacáo conhеido pelos europeus. Os indios do Mexico e principalmente os de Guatemala, que davam-lhe o nome de *caca-hualt*, faziam constante uso delle, desfeito em fórmula de chocolate.

A facilidade com que se encontrava o cacáo, o seu sabor e sobretudo a carestia ou falta de outros generos de alimentação, fizeram com que os hespanhóes residentes na America o apreciassem como um dos productos mais utcis e tão grande era a sua estima que durante longos annos os fructos maduros serviram de moeda corrente na America hespanhola e até no Pará.

Antes do fim do seeulo XVI, segundo o testemunho do padre Joseph d'Acosta, a exportação do cacáo era já muito considerável, indo navios carregados delle para a Hespanha, e um corsario inglez em 1588 queimou no porto de Guatulco mais de cem mil cargas dessa mercadoria.

Cultivado mais tardé nas colonias hespanholas e descoberto em grande quantidade nas margens do Toeantins e do Amazonas, tornou-se o cacáo um producto preeioso, quer como principio de alimentação para o indigente, quer como um regalo para as classes abastadas.

Em 1739, disputava no Pará o cacáo aos novellos de algodão a honra de representar a moeda corrente, e uma ordem régia desse anno expedida á requisição do governador e capitão general, mandou reservar para pagamento do fardamento da infantaria a sua colheita na costa desde o rio Jary até o cabo do Norte.

Em 1728 só o collegio dos jesuitas recebeu em seus armazens 2.492 arrobas e 12 libras de cacáo.

Refere Baena que a camara do Pará pedira em 1749 ao governo que mandasse mais navios para levarem a grande quantidade de cacáo, que se estava perdendo, havendo então em cultivo mais de 700.000 pés daquella planta.

Em 1753 levou um navio para Lisboa 37.425 arrobas e 18 libras de cacáo em sementes e 4 arrobas e 3 libras em chocolate.

Parece, diz o Sr. Ferreira Penna, que o chocolate era tão estimado pelos indios e europeus que habitavam a America, quanto mal visto pelos hespanhóes na Europa; é o que claramente dá a entender o historiador padre Joseph d'Acosta, nas seguintes palavras:

« O principal beneficio deste cacáo é uma bebida que fazem, chamada chocolate, pela qual são loucos os moradores daquella terra; aos que não estão habituados a elle causa asco, pois tem por cima uma espuma e fermentação como de fézes, e é preciso ter fé robusta para tragal-o, mas lá é uma bebida apreciada com que os indios mimoseam as pessoas de distinção, que passam pela sua terra. Os hespanhóes, principalmente as hespanholas acostumadas no paiz, dão a vida pelo negro chocolate..... Seja como fôr, o que é verdade, é que não o appetecem aquelles que não são creados nesta opinião.»

A despeito desta repugnancia do paladar hespanhol universalisou-se o uso do chocolate e Linêo o ennobreceu, dando-lhe o nome scientifico de *theobioma* (alimento dos deuses).

Transcrevo aqui, tirado da memoria do Sr. F. Penna, o trecho da carta do Sr. Brunet, ácerca do modo de melhorar o cacáo.

« As sementes devem ser acondicionadas pela maneira seguinte: tendo-se colhido os fructos e tirado com cuidado o involucro das sementes para obstar sua fermentação, limpa-se e faz-se seccar durante um dia, na sombra, essas sementes, que ao depois são introduzidas em uma caixa de madeira, no fundo da qual se deposita uma camada de terra fina e peneirada, ligeiramente humida ou de terra vegetal com duas pollegadas de espessura. Sobre esta primeira camada de terra se faz uma outra de sementes de uma pollegada de espessura, pouco mais ou menos.

« Continúa-se assim alternando as camadas de terra com as de sementes, separadas umas das outras por uma pollegada de espessura pouco mais ou menos até a altura de um pé. Cobre-se a ultima camada de terra com palha bem secca e disposta de maneira que encha exactamente a caixa sem impedir a penetração do ar e obste que a terra e as sementes se misturem durante a viagem. A caixa assim preparada é fechada com uma tampa tambem de madeira com grande numero de pequenos buracos e posta a bordo no convés do navio, em lugar onde esteja abrigada das aguas do mar, que têm a propriedade de alterar as sementes.

« As sementes assim acondicionadas, sendo postas no porão do navio, ou em caixas fechadas ou perto das caldeiras da machina do vapor, se deterioram igualmente.

« Logo que a caixa tiver chegado ao seu destino, será im-

mediatamente aberta, e as sementes greladas durante a viagem, plantadas em terreno fresco e preparado com antecedencia, em qualquer lugar apropriado.

« Quanto á remessa dos filhos de cacáoeiros, eis o methodo expedito e pouco dispendioso, do qual por vezes tirei resultado: depois de ter arrancado com as convenientes precauções para não damnificar as raizes, e tirado as folhas, excepto a que é vizinha do botão terminal, mettem-se estes vegetaes em uma caixa de folha de Flandres, que tenha o seu comprimento, na qual são dispostos sem terra nem palha e sufficientemente apertados para que não seja possivel entre elles movimento algum durante a viagem. Fecha-se hermeticamente a caixa, betumando as bordas com uma camada espessa de breu, resina ou outra qualquer substancia propria para obstar a penetração do ar na caixa. Dest'arte conservei plantas vivas durante tres meses; mas é preciso evitar de introduzil-as nas caixas, quando estejam molhadas com aguas de chuva ou orvalho.

« Finalmente para maior segurança, pôde-se mandar ou trazer consigo os ditos filhos de cacáoeiros em caixas com vidraças na parte superior, guarnecidias com uma grade de arame de ferro, no fundo das quaes se introduz uma camada de terra ligeira, pouco humida, onde estejam plantados aquelles vegetaes; sustenta-se a terra com palhas secas mettidas entre ellias. Estas caixas devem vir no convés do navio em lugares distantes das caldeiras da machina de vapor e abrigadas do sol quanto fôr possivel. »

Eis-me enfim em pleno Amazonas, o *Paraná-assu'* dos indigenas, o maior rio do mundo em extensão, posto que em largura seja um pouco inferior ao rio Negro, que é o seu maior affluente.

E' realmente o Amazonas um verdadeiro mar d'agua doce, como chamou-o Vicente Pinzon, e mui raras vezes se lhe vêm ao mesmo tempo as duas margens, em consequencia da grande quantidade de ilhas que nelle abnndam.

As aguas são barrentas, toldadas e continuamente arrastam em sua correnteza, mórmente na enchente, verdadeiras ilhas de canarana e enormes troncos de cedro e outras madeiras, que frequentemente abalroam com os vapores e tornam um pouco arriscada a navegação. As ilhas de canarana, vogando á mercê da corrente, fazem parar ás vezes os vapores, impedindo-lhes o movimento das rodas.

Como disse, são barrentas e toldadas as aguas do Amazonas; depositadas em uma vasilha, deixam cahir no fundo um pouco de sedimento e tornam-se então claras e de sabor agradavel. Dizem que podem ser bebedas a qualquer hora e que nunca fazem mal.

Quem pela primeira vez entra no Amazonas, fica absorto ante a magestade daquelle rio gigante, de margens tão largas e de um tão grande volume d'agua; mas depois de algumas horas, vem a monotonia e o cansaço. E' sempre a mesma cousa. Largas bahias e depois *estreitos* ou *furos* formados pelas ilhas e em cujas margens crescem embaúbas, suma-

úmas, macacaúbas e de quando em vez algumas palmeiras, entre as quaes sobresahem o jauary, o tucuman e o marajá.... eis o que continua e constantemente descortinam os olhos(20).

Foi Vicente Pinzon quem em 1500 primeiro descobriu a foz do Amazonas, tomando posse delle em nome da corôa portugueza. Pretendem os hespanhócs que foram suas cabeceiras descobertas pelo capitão Maranhon, que fazia parte da expedição de Pizarro e dahi o nome do rio Maranhão, que ainda muitos lhe dão, desde a confluencia do Ucayale, até Tabatinga. Quarenta annos depois da descoberta de Pinzon, dcu Francisco Orellana a este rio o nome de Amazonas, pelo qual é nniversalmente conhecido, por haver, segundo pretende, encontrado na foz do Nhamundá, que se lança á margem esquerda do grande rio e a 530 millias da sua foz, mulhere guerreras, com as quaes affirmou haver combatido. Os indigenas chamavam-nas *Icamibas* (21) e Orellana deu-lhes o nome de *Amazonas*. Suppunha-as elle habitadoras das cabeceiras do Nhamundá, na scrra Itacamiaba e guardadas por varias tribus extremamente ferozes, como os Parquis, Tagaris, Guacaris e outras, que habitavam as margens do Jamundá.

A existencia das amazonas é ainda um desses problemas complexos, que a historia não tem podido resolver. E' verdadeira ou falsa a narração de Orellana? Existiram ou não as amazonas? Ha quem affirme a sua existencia, assim como ha quem considere a narração do viajante hespanhol como uma das muitas fabulas de que está incada a historia.

Seria possivel a existencia dc um paiz, de uma republica exclusivamente composta de mulheres, que tivessem achado meios de se conservarem e progredirem, sem que as fatigasse o exercicio das armas e o estado violento em que se achariam collocadas? « Se fôr isto admittido, diz um escriptor brazileiro, já meio resolvido estará o problema. »

A existencia das amazonas ou mulheres guerreiras constituindo uma republica, e dirigindo-se por si sós, sem o auxilio de homens, é tradição que remonta á mais remota antiguidade.

Eis o que a respeito refere o historiador Justino, citado pelo Sr. Gonçalves Dias, em um bello trabalho apresentado ao instituto historico.

« Dous principes scyths Ylinos e Scolopito (22), expulsos

---

(20). As arvores que mais abundam nas margens alagadas do Amazonas, são: *Embaúbas*, *Aueranas*, *Mongubas*, *Sumarimás*, *Louro*, *Mututy*, *Paracaíba*, *Macacaíba*, *Assacú*, *Muiratinga*, *Ingá*, *Mary-mary* (*Cannafistula*), *Catauáry*, *Castanha de macaco*, *Sapucaia*, *Envira*, *Paricá*, etc.

(21) No idioma tupi são chamadas *Cunhátesecuyma* e *loniapuyara*, que quer dizer mulheres que vivem sem maridos e grandes senhoras.

(22) Just. Hist. L. 2, E. 4.

da patria pela facção dos nobres, arrastaram comsigo grande numero de mancebos (*Ann. Mund.* 1808), e se estabeleceram nos confins da Cappadocia, perto do rio Thermodonte, sujeitando e occupando os campos Themiscyrios. Alli viveiram por muitos annos no costume de depredarem os seus vizinhos, até que por fim morreram nas emboscadas que lhes armaram os povos conspirados contra elles.

« Suas mulheres, viuvas além de exiladas, tomam as armas, defendendo ao principio as suas fronteiras, e logo depois atacando as dos contrarios ; renunciam ao casamento, que chamam antes servidão que matrimonio, e ousando um feito sem exemplo em seculo algum, consolidam sem homens a sua republica, e delles se defendem ao passo que os desprezam.

« E para que umas não parecessem mais felizes do que outras, matam os poucos homens que restavam entre elles, e logram vingar a morte dos conjuges, com a dos seus confríantes. Depois, quando com as armas já tinham conseguido paz, facilitam aos vizinhos os seus leitos.

« Matavam os filhos varões (acrescenta Justino), e as filhas educavam ellas a seu modo, não no ocio e em ocupações mulheris, mas no trafego das armas, da equitação e da caça, queimando-lhes na infancia o peito direito para que tivessem mais felicidade no tiro da sétia, d'onde lhes veiu o nome de amazonas.

« Houve entre ellas duas rainhas : Marpezia e Lampeda, as quaes dividindo entre si a nação, que já tinha crescido em forças, faziam alternadamente a guerra ; e bastava cada uma de per si para conter os adversarios.

« Diziam-se descendentes de Marte, para realçar o merito de suas victorias com a autoridade da religião.

« Depois de subjugada a maior parte da Europa, apoderaram-se tambem de algumas cidades da Asia. Alli edificam Epheso e muitas outras cidades e licenciam uma parte do seu exercito, que volta para a patria carregado de despojos.

« A outra parte que tinha ficado na Asia para a defesa de suas conquistas, foi aniquilada com a morte da rainha Marpezia por uma erupção de barbaros.

« Quem acreditará, diz Strabão, que tenha já mais existido exercito, cidade ou nação, composta só de mulheres, que de mais á mais invadiam paizes estranhos, conseguindo não só bater os seus vizinhos, como tambem passar á Jonia, chegando a enviar exercitos além do Ponto-Euxino, até no paiz da Attica ? E' a mesma cousa que se alguem dissesse que os homens eram mulheres e as mulheres homens ! (23) »

Entretanto a crença das amazonas, por mais disparatada que fosse, nunca desapareceu completamente, de modo que a relação de Orellana achou facilmente quem nella acredi-

tasse, mesmo entre aquelles que menos apaixonados se mostravam do romantico e do maravilhoso. Colombo acreditava na existencia das amazonas ; Raleigh espalhou essa crença na Inglaterra ; Hernando Herrera asseverou que a ouvira no Paraguay, porém foi La Condamine quem se incumbiu de generalisal-a.

Eis o que ácerca deste assumpto escreveu no diario da sua viagem ao Amazonas :

« No decurso da nossa viagem questionámos por toda a parte aos indios das diversas nações, e delles nos informámos com grande cuidado se tinham algum conhecimento daquellas mulheres bellicosas, que Orellana pretendia ter encontrado e combatido ; e se era verdade que ellas vivessem fóra do commercio dos homens, não os recebendo entre si senão uma só vez por anno....

« Todos nos disseram tel-o assim ouvido a seus pais, a juntando mil particularidades, muito longas de se repetirem, todas tendentes a confirmar que houve neste continente uma republica de mulheres, que viviam sós, sem homens e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro, ou por um dos que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão.

« Um indio de S. Joaquim de Omagnas nos disse que por ventura encontrariamos ainda em Coari um velho, cujo pai vira as amazonas. Soubemos em Coari que o indio que nos tinha sido indicado havia fallecido ; mas fal-lámos a seu filho, homem de 70 annos, e commandante de outros da mesma tribu. Este nos assegurou que seu pai tinh-a visto passar na entrada do Cuchiara, vindas do Cayamé, que desagua no Amazonas, do lado do sul, entre Teffé e Coary ; que tinha fallado a quatro d'entre elles, que uma trazia um filho ao peito ... que, deixando o Cuchiara, atravessaram o *Grande Rio* e tomaram o caminho do rio Negro. Omitto certas minudencias ponco verosimeis, porém que nada importam ao essencial do assumpto.

« Abaixo do Coary nos disseram os indios a mesma cousa, variando só em algumas circumstancias ; porém quanto ao ponto principal estavam todos de accordo.

« Um indio de Mortigura, missão vizinha do Pará, offereceu-se para mostrar-me um rio, pelo qual, segundo entendia, se podia subir até a pequena distancia do paiz em que naquelle actualidade se encontrariam amazonas. Era este rio o Irijó ; e dizia o mesmo indio, que quando tal rio deixava de ser navegavel por causa das cachoeiras, era preciso para se penetrar no paiz das amazonas, caminhar muitos dias pelos matos para a banda de oeste, e atravessar um paiz montanhoso.

« Um veterano da guarnição de Cayena, assegurou que, sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1726, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita além das cabeceiras do Oyapock, e junto ás de um outro rio, que desagua no Amazonas, e que alli vira ao pescoco das mulheres as taes pedras verdes

(24); e que perguntando aos indios de onde as tiravam, responderam estes que lhes vinham do paiz das mulheres que não tinham marido, paiz que ficava a sete ou oito leguas de distancia para o lado do occidente. »

Reflectindo ácerca deste extracto de La Condamine, faz o Sr. Gonçalves Dias as seguintes ponderações:

« O que disto se conclue, é que La Condamine, em principios deste seculo, achou no Amazonas a tradição dessas mulheres que ninguem vira, e sómente lhe asseverava um indio de 70 annos que isso acontecera a seu pai. Note-se agora que, segundo a propria relação de La Condamine, quem devêra ter visto as amazonas era o avô deste indio, como seu pai affirmava; mas morto este ultinio, já o neto dizia que não era o avô, mas o proprio pai que as vira. »

No diario da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez em 1774 e 1775 o ouvidor e intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sam-paio, encontrâmos as seguintes linhas relativas ao assumpto:

« Tinha eu lido, diz elle, no diario de Mr. de La Condamine, que illustrou esta povoação com a sua presença, as diligencias que este erudito academico fez aqui para averiguar a verdadeira origem das celebres amazonas, que deram causa ao nome deste famoso rio. O que me suscitou tambem a lembrança de fazer as minhas averiguações. O dito Condamine relata que fallara neste lugar com um indio, que teria 70 annos de idade, e que occupava certo posto naquelle povo; e este o assegurára que seu avô, achando-se na povoação de Cuchiúuará (uma das bocas do Purús) vira umas mulheres amazonas, que tinham vindo do rio Cajamé, com as quaes tratára e communicára.

« Perguntando pelo dito indio, achei que era o sargento-mór da ordenançā José da Costa Pacorilha, já fallecido: porém outro indio do dito lugar, chamado José Manoel, alferes da ordenançā, homem já de 70 annos para cima e de bom proposito, natural da dita antiga povoação do Cuchiúuará (que já hoje não existe, por se ter mudado para este lugar de Arvellos), me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado sargento-mór o que este disse a Mr. de La Condamine, assegurando-me além disso, que era neste rio constante entre os indios a tradição da existencia das mulheres amazonas, do qual se retiraram, entranhando-se nas terras do norte delle, da boca do Rio Negro para baixo. »

O padre Christovão de Aenuha, na relação que fez da viagem do capitão Pedro Teixeira, exprime-se assim ácerca das amazonas:

« Estes mesmos Tupinambás nos confirmaram tambem o rumor, que corria por todo nosso grande rio, das famosas amazonas, das quaes tira o seu verdadeiro nome, e pelo qual

---

(24) Destas pedras fallarei mais adiante.

é conhecido, depois que foi descoberto até o presente, não sómente pelos que o têm navegado, mas pelos cosmographos, que delle têm tratado. Seria cousa bem estranha, que este grande rio tomasse o nome de Amazonas sem algum fundamento racionavel; mas as provas que temos para assegurar que ha uma provincia de amazonas nas margens deste rio, são tão grandes e fortes, que não se pôde disso duvidar sem renunciar a toda a fé humana. »

Depois de referir as averiguações feitas em Quito e Pasto sobre esta materia, continua o padre Christovão de Acunha:

« Mas eu não posso calar o que ouvi com meus ouvidos, e que quiz verificar, logo que me embarquei neste rio Amazonas. Disscrei-me pois em todas as povoações por onde passei, que havia mulheres no seu paiz como eu lh'as pintava, e cada um em particular me dava dellas signaes tão constantes e uniformes, que se a cousa não é assim, é preciso que a maior mentira passe em todo o mundo novo pela mais indubitavel de todas as verdades historicas. »

Continuando a asseverar a existencia das amazonas, apoiado em informações, que considera dignas de fé, ainda acrescenta o mesmo historiador:

« Trinta e scis leguas abaixo da ultima aldêa dos Tupinambás, descendo pelo rio Amazonas, encontra-se da parte do norte outro, que vem da provincia das amazonas e que é conhecido pela gente do paiz com o nome de Cunuriz.

« Este rio toma o nome dos indios, que habitam mais proximos á sua boca.

« Superiores a estes estão os Apotos, que fallam a lingua geral do Brazil, mais acima estão os Tagaris, e depois os Guacaris, que é o povo feliz, que goza o favor das valerosas mulheres Amazonas. Têm as suas povoações sobre montes de prodigiosa altura. Estes montes existem no lugar indicado, e se chamam vulgarmente a cordilheira da Goyana, que corre ao longo do Amazonas; entre os quaes ha um chamado Tacamiába, que se eleva extraordinariamente sobre os outros, e que é esteril por ser muito batido dos ventos.

« Estas mulheres se têm conservado sempre sem socorro de homens, e quando seus vizinhos lhes vêm fazer visita no tempo assinalado, ellas os recebem com armas na mão, que são arcos e frechas, para não serem surpreendidas; mas logo que os conhecem, vão todas de tropel ás suas canôas, aonde cada uma pega na primeira itamáca (25) que encontra e vão prendel-a em sua casa, para nella receber o dono.

« No fim de alguns dias, voltam para as suas casas estes novos hospedes e não faltam de fazer igual viagem na mesma estação. As filhas que nascem deste congresso, são criadas pelas mães, instruidas no trabalho e no manejo das armas: quanto aos filhos não se sabe bem o que fazem delles; porém

---

(25) Itamáca (*rêde*).

eu ouvi dizer a um indio, que se tinha achado com seu pai nessa assembléa, sendo ainda rapaz, que no anno seguinte dão aos pais os filhos machos, que pariram. Comtudo commumente se crê, que ellas matam todos os machos, o que eu não sei decidir. Seja o que fôr, elles têm thesouros no seu paiz, capazes de enriquecer todo o mundo.

« A barra deste rio, em cujas margens habitam as amazonas, está em dous gráos e meio de altura meridional. »

Mas qual seria o verdadeiro lugar que habitavam as amazonas, se é que existiam?

Viu-as Orellana no rio Nhamundá ; mas o indio de que falla o Sr. de La Condamine, asseverou que as tinha visto em Cuchiúuará e que tinham ido do Caiamé, que dista do Nhamundá para cima de cento e tantas leguas, e onde as não vira Orellana.

Mas se não existiram as amazonas, que motivos tiveram Orellana e o padre Christovão d'Acunha para nos asseverarem a sua existencia? Porque então essa tradição constante, uniforme entre os indigenas da America? Foram estes que a transmittiram aos europeus, ou pelo contrario receberam-na delles? Ainda no tempo em que o mundo scientifico e litterario se ocupava com a dissertação de La Condamine, perguntou-se a Humboldt, diz o Sr. G. Dias, se elle seguia a mesma opinião do viajante francez. Humboldt, que por si nada tinha podido verificar, porque não comprehendia a linguagem dos indigenas, julgou que se não devia rejeitar uma tradição tão geral, bem que perfeitamente aventasse quaes os motivos que puderam ter levado á exageração os escriptores que deram mais voga ás amazonas. Apresenta comtudo um testemunho que elle reputa de algum peso e dá uma explicação que suppõe satisfactoria. O testemunho é do padre Gili e a explicação é com pouca e bem pouca diferença a mesma de La Condamine.

« Perguntando, escreve o padre Gili, a um indio *quaquá*, que nações habitavam o rio Chuchivero, elle nomeou-me .... e os *aikeambenanos*. Sabendo bem a lingua tamanaque, comprehendi sem dificuldade o sentido desta palavra, que é composta, e significa *mulleres vivendo sós*. O indio confirmou a minha observação e contou-me que os *aikeambenanos* era uma reunião de mulheres que fabricam longas sarabatanas e outros instrumentos de guerra.... e que matam de pequena idade os filhos varões.... »

Quer Humboldt que esta historia se resinta das tradições dos indios do Maranhão e dos Caraybas; mas o mesmo autor acrescenta que o indio de que falla o padre Gili, ignorava o castelhano, não tinha estado em contacto com os brancos, e não sabia de certo que ao sul do Orenoco existia um rio que se chama dos *aikeambenanos*, ou das mulheres que vivem sós.

Humboldt conclui então: « as mulheres fatigadas do estado de escravidão, em que eram tidas pelos homens, se reuniram, como negros fugidos, em algum *palenque*, onde o desejo de conservar a sua independencia as tornaria mais guerreiras, receberiam depois visitas de algumas tribus vi-

zinhos e amigas, talvez menos methodicamente do que o refere a tradição.»

Inclinar-me-hei tambem para a opinião de Humboldt, diz o Sr. G. Dias, de que não devemos rejeitar inteiramente uma tradição tão vulgarizada; é mesmo possivel que ella tenha algum fundamento na historia da aniquilação dos nossos indigenas, mas por outro lado, ser-me-ha permitido estabelecer ao mesmo tempo com o autor das *Investigações Philosophicas* não ser possivel que em tempo algum tenha havido nem no novo mundo, nem em qualquer outra parte, uma verdadeira republica de mulheres confederadas e unidas por um pacto social, por leis e constituições particulares, que tenham propagado a sua descendencia e o seu imperio durante muitas idades, não admittindo homens em sua companhia senão uma só vez por anno.

E pois que só com as da America nos occupamos, vejamos se poderão ter existido verdadeiras amazonas.

« As verdadeiras amazonas, continua o Sr. G. Dias, deveram ter vivido em uma completa separação do outro sexo. Comtudo Orellana affirma tel-as visto em companhia de homens, a quem elles dirigiam no combate, impondo-lhes mesmo no campo a pena dos cobardes.

« Segundo em antigos historiadores se lê, exemplos ha de povos entre os quaes predominava o sexo feminino. A este proposito Virey appella para o testemunho de Diodoro o Siculo, e da obra que se intitula *Embaixada ao Thibet*. Ainda em tempos posteriores, como nos affirma um viajante moderno (26), as mulheres das Marianas exerciam em tudo e por tudo o commando, excepto na guerra e na manobra de uma canôa. Mas sendo verosimil, como pretende Carli (27), que Diodoro o Siculo se tenha deixado illudir, quando refere que as amazonas tinham imperio sobre os homens do seu paiz, parece tambem certo que entre os marianeze deu-se o mesmo facto que nos tempos feudais e cavalleirosos da Europa, em que os homens mostravam extrema deferencia para com as mulheres, sem que d'ahi se possa deduzir que ellas tenham exercido imperio em tempo algum.

« Por outro lado não é possivel crer, que os homens de uma nação se deixassem avassalar e subjuguar completamente pelas mulheres, porque seria preciso para isso que todos elles fossem muito poltrões, e todas ellas muito resolutas, e que de um momento para outro se achassem todas com a consciencia de uma superioridade que bem se lhes pôde contestar, enquanto que os homens se sentissem aniquilados pela revelação fulminante de sua inferioridade, cousa que os proprios barbaros seriam os primeiros a não admittir.

« Sustenta Paws que podem os homens submeter-se ao im-

---

(26) *Rienzi.—L'Univers—Océanie*, t. 1.<sup>º</sup>, pag. 395.

(27) *Litt. Anc.*, tom. 2.<sup>º</sup>

perio de uma mulher, mas não á aristocriacia olygarchica do sexo feminino. De facto, se as conveniencias de alta politica reclamam ás vezes a derogação da lei salica da humanidade, nunca as inulheres, ou por força ou per astucia, poderiam chegar a identicos resultados.

Entretanto que motivos obrigaram Orellana a vulgarizar semelhante historia ?

Reflecte Ribeiro de Sampaio, que, tendo Orellana desertado do exercito do seu general com a mais feia perfidia, necessitava encontrar alguma capa com que pudesse cobrir o seu delicto, fazendo-o ao menos esquecer com fingidas e maravilhosas narrações, de sorte que o mundo o tivesse como um homem prodigioso. O que assim lhe sucedeu na corte do imperador Carlos V, para o que concorria o genio do seculo, em que faziam ruido as descobertas da America e os animos desejosos recebiam com admiração toda a qualidade de novidades, que d'ahi partiam. E qual outra mais propria para atrahir a attenção universal, que a historia das amazonas ?

Eis o que a respeito de Orellana escreveu Robertson, na sua *historia da America*:

« A vaidade natural aos viajantes que percorrem terras desconhecidas ao resto dos homeas, e o artificio de um aventureiro, com sagacidade de engrandecer o seu proprio merecimento, concorreram para dispô-lo a enxertar, em extraordiuarias proporções, o maravilhoso á narrativa de sua viagem. Elle pretendeu ter descoberto nações tão ricas que o pavimento dc seus templos era alastrado de placas de ouro ; e descreveu uma republica de mulheres guerrciras e bellicasas, que tinham avassallado consideravel trato das ferteis planicies por elle visitadas. Por mais extravagantes que fossem estes contos, bastaram para dar origem á opinião de que uma terra, abundante de ouro, famosa pelo nome de *El-Dorado*, e uma republica de amazonas, podiam ser vistas nesta parte do novo mundo, e tal é a propensão do genero humano para dar credito ao maravilhoso, que só lentamente e com muita dificuldade é que a razão e a observação têm feito desprezar semelhante fabula. Esta viagem com tudo, mesmo desbastada de embellezamentos romanticos, merece ser lembrada, não sómente como uma das mais memoraveis occurrencias daquellea época aventureira, mas tambem como o primeiro successo que fez conceber algumas noções menos imperfeitas das terras extensas, que se prolongam para o oriente desde os Andes até ao mar. »

« E tão perfeitamente conhecia elle o genio da sua época e dos sens concidadãos, acrescenta o Sr. G. Dias, tanto contava com o efecto que sobre elles produziria a narração de suas aventuras assim exageradas, que, como nos conta o padre Manoel Rodrigues (28), foi a terra das amazonas o que elle

pediu ao imperador Carlos V; e foi isso o que lhe mereceu o despacho que requeria, porque obteve—cita patente de governador generalissimo do rio das amazonas—para o recompençar de as ter subjugado em nome de sua magestade catholica.»

Ha entretanto um argumento em favor da narração de Orellana e que aqui apresento, sem contudo tomar absolutamente a sua defesa.

Orellana commandava um navio; não foi o unico a combater as amazonas, não se achava só, acompanhava-o a guarnição do navio, que se não compunha exclusivamente de marinheiros rudes e soldados ignorantes, que facilmente pudessem ser illudidos, mas também de officiaes, que é de presumir tivessem certa educação, conhecimentos e criterio. Seriam outros tantos protestos que se levantariam contra a fabula engendrada por elle e em seu unico proveito. Entretanto não consta que um só se erguesse desmascarando o embuste, e a narração de Orellana correu mundo, sem que qualquer dos seus companheiros a contradisse e desmentisse. Com elles chegou á patria, onde referiu o maravilhoso successo em que deviam todos ter tomado parte, e estes que sem duvida teriam sido interrogados, não desmentiram, não contradisseram o facto.

Estariam todos peitados? Teria havido accordo prévio entre todos elles, de modo que nunca trahissem a promessa que mutuamente se haviam feito? Semelhante hypothese parece ser ainda mais difícil de verificar-se, do que a possibilidade da existencia dessas mulheres, que constituiam uma república e viviam na mais completa independencia de homens.

Apreciando a questão em todas as suas diversas faces, faz o Sr. G. Dias as seguintes ponderações que me parecem muito valiosas, mas não absolutamente concludentes e decisivas.

« Entre os indigenas eram escassos os meios de subsistencia; por este motivo não havia grandes fócos de população, e apenas pequenas aldeias de algumas mil almas, e todavia não se distrahiam homens para a laboura, que era ocupação quasi privativa das mulheres. A republica das amazonas devia ser igualmente muito limitada, e mais escassos os seus meios de subsistencia, por não haver classe alguma incumbida especialmente da agricultura. Ora, da mais populosa aldeia *Tupinambá*, deduzidas as velhas e as muito jovens, apenas se poderiam extrahir mil mulheres com animo e disposição bastantes para tentarem semelhante aventura. Supondo que estas logo depois de estabelecidas encontrassem *Gargaris* com os quaes se alliassem, haveria contudo causas para que fosse espantoso o decrescimo da sua população.

« Em primeiro lugar, nem todas seriam fecundas, nem todas conceberiam logo; por outro lado demonstra a estatística, que nascem mais homens do que mulheres; além disso, a experiecia confirma a observação do vulgo, de que nos primeiros annos do matrimonio nascem quasi exclusivamente homens: as amazonas, variando annualmente de ma-

ridos, teriam mais filhos do que filhas, que unicamente aproveitavam.

« Depois, concebendo todas ao mesmo tempo, estavam pouco aptas para resistirem á aggressão dos inimigos, que não deixariam de se aproveitar de tão favorável ensejo.

« Devendo pois nestes tempos críticos velar nas armas com mais assiduidade, e ocuparem-se da propria subsistência, esses exercícios violentos deveriam occasionar maior quantidade de abortos.

« Se emfim considerarmos que a raça americana era e é a menos prolífica de todas, que as mães gastavam tres annos com um filho, antes de se poderem ocupar com o segundo, concluiríremos por ventura, que é impossível que em tais circunstâncias subsista uma república de mulheres.

« Ainda mais claramente : de 1.000 mulheres ficariam grávidas 800 ; e a proporção lhes é excessivamente favorável: destas 800, abortaria a quarta parte e seria maravilha que não abortassem todas ; temos porém 600 ; os filhos da maior parte destas serão homens, porque nascem mais homens do que mulheres, temos 350 homens ; nascem porém nos primeiros tempos do matrimonio quasi exclusivamente varões, temos então resultado de mil mulheres, quando muito 150 filhas.

« Occupando-se a mãe com uma só filha por tres annos, porque sendo gemelas, uma delas, como dos filhos, tinha de ser sacrificada, vemos que a reprodução não podia deixar de ser trienal.

« Deduzidas as que morressem até a idade de 15 annos, as amazonas que succumbissem de enfermidades, por acidentes ou nos combates, temos que antes que as primeiras filhas chegassem á idade de poder encurvar um arco, já deixaria de ter existido semelhante república.

« Nem nos podem dizer, continua o Sr. G. Dias, que sejam por este cálculo desfavorecidas as amazonas, se exceptuarmos o postulado de que cada uma delas gastaria tres annos com a alimentação de um filho, e este não nos pôde ser negado, porque é a imperiosa necessidade da vida selvagem.

« Digo que não é o cálculo exagerado contra as amazonas, porque é preciso que as circunstâncias sejam antes mais do que menos favoráveis, para que uma população se possa duplicar no espaço de 30 annos, attendidas as naturaes quantidades do sexo e da idade.

« Ora seria isto o que aconteceria quando em qualquer povo de 1.000 mulheres nubcis, nascessem 150 filhas, que passassem dos 15 annos. Tornemos mais claro o exemplo. Em uma população regularmente constituída, de 5.000.000 de almas, mais de metade, isto é, mais de 2.500.000 são mulheres ; porque supposto nasçam mais filhos do que filhas, como estes na primeira idade morrem em maior numero do que aquellas, chegam á idade pubere mais mulheres do que homens. Destas 2.500.000 mulheres (calculamos pelo mínimo) tirando-se as demasiadamente jovens e as que teriam passado a idade da concepção, podemos calcular que ficariam 4.000.000 de mulheres de idade de 12 a 40 annos. Ora, se

1.000 mulheres produzem 150 filhos, 1.000.000 produzirão 150.000 ou 4.500.000 perto de 5.000.000 no espaço de 30 annos.

« Dever-se-hia ainda duplicar este numero, pois se attendermos a que as amazonas teriam engeitado os filhos va- rões, dobrariam por esta forma a sua população em 15 annos.

« Se attendermos por fim a que consideramos que quasi toda a população das amazonas era prolífica sem velhos, nem crianças, nem mulheres que não estivessem em idade de ter filhos, concluiríamos que se pôde dar o caso de se dobrar uma população em cerca de tres annos: o que por certo seria mais estupendo que a propria existencia das amazonas. Foi isto o que dissemos: que 1.000 amazonas poderiam ter 500 filhos por anno ou 1.500 em 3 annos!

« Ainda assim dissemos: não poderiam subsistir por muito tempo; porque as guerras, as molestias, as fadigas demasiadamente asperas para o sexo, os abortos provenientes de taes excessos, o incentivo que teriam os vizinhos para to-marem d'entre elles escravas e mulheres, todas essas causas concorreriam para diminuir rapidamente semelhante populaçao, e enfraquecendo-a aggravariam mais a sua condição com tornar mais precaria a sua sorte. Com a total aniquilação de taes insensatas, se vingaria a lei eterna da Proví-dencia que creou os homens para viverem em familia. »

Nas minhas excursões pelo valle do Amazonas ouvia constantemente fallar de umas pedras verdes, de maravilhosas virtudes, a que dão o nome indígena de *mueiraquetan* e que me diziam serem exclusivamente preparadas pelas amazonas. A quantos encontrava, perguntava pelas ditas pedras e todos me asseveravam, sem discrepancia, que eram preparadas pelas mulheres sem marido ou amazonas. A essas pe-dras atribuem propriedades maravilhosas e afirmam que curam certas enfermidades, como a pedra, a colica nephritica, a epilepsia, as molestias de figado e outras e que até preservam dellas os que as trazem.

« Mas estas mesmas pretendidas virtudes, diz o Sr. G. Dias, talvez não sejam senão uma recordação da crença popular da antiguidade ácerca de outras que taes pedras verdes. Os antigos, Gregos e Romanos, compraziam-se com o verde brilhante da esmeralda, mais bella, no dizer de Plinio, do que o verde da primavera; pedra sempre brilhante, escreve elle, sempre acariciadora dos olhos, quer vista ao sol, quer á sombra, quer de noite ao reflexo das luzes. A ellas tambem, além da belleza, attribuiam-lhes inumeras virtudes.

« Se porém os antigos, Plinio e Theophrasto, davam o nome generico de esmeralda a todas as pedras verdes, a mais estimada, a mais bella de todas, a verdadeira esmeralda, era a pedra do paiz das amazonas a esmeralda da Scythia. Quero crer, portanto, não só que a intima correlação da historia das pedras verdes com a das amazonas, é uma recordação da antiguidade, como que é desse facto que se originou a fé nos seus pretendidos milagres.

« Sei que em cada amuleto ou patuá se encontrará sempre um fragmento de mineral. Sei que se se escrevesse a história dos feitiços entre todos os povos, grande parte dela seria ocupada com a crença no pretendido poder de certas pedras. Assim, com o que levo dito, longe estou de negar a importância que na sua infancia os povos têm dado ás pedras, que se afastam do comum, como a todos os objectos, que por alguma singularidade se destacam d'entre as produções da natureza. Mesmo na America do Norte parece que a pedra verde foi venerada debaixo de uma significação religiosa. »

Rarissimas como são hoje as *mueiraquetans* ou pedras verdes, já porqne os indios e muitas outras pessoas que nellas acreditam e as apreciam, guardam-nas como verdadeiras preciosidades e já pela exportação que dellas se fez e se faz para a Europa, foi com grande dificuldade que consegui vê-l-as.

O Sr. J. Barbosa Rodrigues, com rara felicidade, pôde obter duas, que examinei e pela minha parte tenho promessa de uma, que se me fôr dada, como espero, apressar-me-há em envial-a para o muzeu nacional. As que posse o Sr. Barbosa Rodrigues divergem na côr; uma é quasi branca e a outra é de um verde amarellado. Tem ambas a forma de um cylindro de duas pollegadas de comprimento e meia de diâmetro e perfuradas longitudinalmente.

Que pedras serão estas? de que materia se compõem? Buffon dá-lhes o nome de *jade*, pedra nephritica; Omalius classifica-as na familia das silicides, como a especie de um subgenero, a que conserva o nome de feldspath. Humboldt, porém, diz que o que nos gabinetes se chama *amazonen-stein* (pedra das amazonas), não é jade, nem feldspath commun. Comtudo, affirma este grande naturalista ter visto uma dessas pedras, que era uma saussurite, verdadeiro jade, que orictognosticamente se approxima do feldspath compacto e que forma uma das partes constituintes do *Verde di Corsica* ou do *Gabbro*.

« Ora, diz o Sr. G. Dias, discordando tanto os autores na classificação desta pedra, que, sendo em extremo dura e rara, é apezar disso confundida com a pedra de acha (*Beilestein de Werner*) muito menos tenaz, não é muito que a descreva cada um a seu modo e lhe attribua natureza e caracteres diferentes. E assim é. Em quanto Omalius a classifica como uma silicide, Buffon a considera como uma materia mixta, servindo de transição entre as pedras quârtizosas e as nicaceas ou talquozas. Baseando-se nas experiencias do chimico d'Aret, de que o jade se enrigece ainda mais ao fogo, persuade-se Buffon que a pedra das amazonas não é produzida immediatamente pela natureza, mas que depois de trabalhada deverá ter sido empregado o fogo para lhe dar a extrema dureza que a caracteriza; pois que estas pedras resistem ás melhores limas e só cedem ao diamante. »

Humboldt, negando que semelhantes pedras sejam naturaes do Amazonas, descreve-as como recebendo um brilhante polido, tomando a côr verde esmeralda, translúcidas nas

bordas, extremamente tenazes e sonoras, e tanto que talhadas em tempos antigos pelos indigenas em laminas muito delgadas, perfuradas no centro e suspensas a um fio, dão um som metallico quando percutidas por outro corpo duro, motivo por que foram por Brongniart comparadas ás pedras sonoras que os chinezes empregam nos seus instrumentos de musica, a que chamam *king*.

Seja o que fôr, o que é certo é que as *mueiraquetans* existem por aqui, outr'ora em grande, e hoje em mui pequena quantidade, guardadas como verdadeiras reliquias e geralmente attribuida a sua preparação ás amazonas. Os que combatem a possibilidade da existencia dessas mulheres, não podem e não sabem explicar a verdadeira procedencia dessas pedras. Grande era a quantidade que dellas havia, e é tradição entre os indios que em certa quadra do anno, a tribu que com as amazonas mantinha relações de amizade, ia buscal-as em mão dellas. Hoje com o desapparecimento dessas mulheres, tambem desapareceram as pedras.

Isto me não parece ainda uma prova concludente e decisiva em favor da existencia das amazonas brasileiras, mas é certamente um argumento mui valioso e capaz de fazer vacilar o espirito.

D'onde vinham aquellas pedras ?

Se não eram as amazonas que as preparavam, como explicar a sua procedencia e o seu actual desapparecimento ?

Antes de estudar esta questão, confesso que recusava peremptoriamente crêr na existencia das amazonas, que eu então considerava como uma dessas muitas fabulas, dessas narracões extravagantes de que está cheia a historia, e Orellana, em minha opinião, não passava de um visionario e de um impostor. Hoje, porém, meu espirito vacilla, e posto que não tenha ainda razões muito decisivas para crêr, tambem me não parecem absolutamente convincentes as razões dos que negam e combatem a possibilidade da sua existencia.

Repugna-me hoje lançar a Orellana o epitheto de impostor, ainda quando se pudesse provar de modo indubitavel que nunca houvera existido a tribu das amazonas.

Em muitas tribus indigenas exercem as mulheres misteres e occupações que, parece, deviam ser da competencia exclusiva dos homens.

Era possivel que Orellana travasse peleja com alguma tribu na qual de parceria com os homens, tambem combatessem as mulheres.

« Os que tivessem algum conhecimento dos costumes dos selvagens da America, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio (29), não ignoravam que habitam nella algumas nações, em que as mulheres pelejam juntamente com os homens, o que presentemente succede com inumeraveis.

« Os muturicús, que de quatro annos a esta parte hostili-sam as nossas povoações do rio Tapajoz, trazem consigo as mulheres, as quaes na occasião do conflicto lhes subministraram as flechas, como se observou no combate, que com aquella bellicosissima nação teve o anno passado o commandante da fortaleza daquelle rio, no qual sustentaram valorosamente o fogo, que se lhe fez por um largo espaço de tempo. A nação ottomáca, uma das mais celebres do Órinoco, leva as suas mulheres á guerra. O officio destas é aproveitar as flechas, que os inimigos disparam e hervam, as quaes entregam aos seus para novamente as lançarem aos inimigos. »

Basta de amazonas.

Onde nasce o Amazonas ?

Diversas têm sido as opiniões ácerca do lugar preciso em que nasce o grande rio ; porém a mais seguida é que nasce no lago Hyauricocha ou Laurcocha, no distrito de Huanuco, do departamento de Tarmá, a 32 leguas N. N. E. de Lima, capital do Perù, com o nome de Tunguragua, que, partindo da extremidade oriental do dito lago, segue em direcção do N. N. O. entre as montanhas dos Andes, começando a ser nave-gavel do ponto em que se lhe reunem o Guanamá e o Pulcão, e até Jaen de Bracamoros só o é em pequenas canoas que possam passar por sobre as cachoeiras.

De Bracamoros se inclina a N. N. E., e a navegação tor-na-se então mais franca até o Pongo, augmentando-se o vo-lume de suas aguas com os affluentes Chinchippi, Chacha-puias e S. Thiago, e tendo já então 250 toezas de largura.

Sessenta milhas abaixo do Pongo, que é um canal de seis milhas de comprimento e poucas braças de largura, recebe os rios Morona e Pastasa, que se suppõe nascerem nas proximi-dades do volcão de Sangay. Mais adiante recebe pela mar-gem direita o Gualhaga e o Ucayale e pela margem esquerda o Chambira e o Tigre.

Começa então a ser conhecido pelo nome de Maranhão.

Toma a direcção de N. E. por espaço de 90 milhas, aug-mentando o volume de suas aguas com o Nonai e o Napo ; in-clina-se depois para leste, recebe o Cassiquim e entra no ter-ritorio brasileiro em Tabatinga, tomando então a denomi-nação de Solimões até receber o Rio Negro. (30)

Nasce o Napo nas abas da cordilheira do Antizana, a 18 leguas de Quito, correndo por entre grandes rochedos. É navegavel até o povoado do mesmo nome (Napo), de onde

---

(30) O Amazonas toma a denominação de Solimões, talvez por causa dos indícs Sorimões, que o habitaram desde a con-fluencia do Rio Negro até as fronteiras de Tabatinga.

La Condamine porém diz que o nome de rio dos Solimões (rio dos venenos) foi-lhe dado provavelmente por causa das flechas envenenadas de que usavam os indícos habitantes de suas margens.

passa-se a Archidona. Algumas pessoas que o tem navegado em canoas de commercio, informam que o seu leito é consideravelmente obstruido de bancos de areia na estação da vazante. As viagens de Orellana em 1539, de Pedro Teixeira em 1638, e a *relação do novo descobrimento do grande rio das Amazonas* pelo padre C. d'Acunha, deram tal ou qual celebriade a este rio.

Na distancia de 70 dias de viagem da sua foz, chega-se á confluencia do rio Coca, onde Pizarro fez construir o barco em que Orellana desceu o Amazonas.

Segundo H·rndon, é de 80 braças a largura da foz deste rio. La Condamine calculou-a em 455 braças acima das ilhas que dividem a foz.

Calculou-a Mow em 210 braças e Smith em 50 braças.

O calculo de Mow parece ser o mais aproximado á exactidão.

Seis milhas abaixo de Tabatinga recebe o Javary, que divide o territorio do Brazil do dos Estados do Equador e Perú.

Uma linha recta, tirada de Tabatinga até a margem direita do Japurá, defronte da foz do Apaporis, é a divisa entre o Brazil e o Perú, segundo o art. 7.<sup>º</sup> da convenção de 23 de Outubro de 1851.

As margens do Apaporis eram habitadas pelas seguintes tribus:

Jaúnas, Jupuar, Detuanás, Taninbuca-tapuias, Jabahanas, Macunas, Tocandiras, Uerimás, Barabatanas, Macús, Jacunas, Cumacumans e Juris, sendo todas elles pacificas á excepção dos Macús.

Recebe mais o Solimões o rio Içá ou Putumaio, Jutahy, Ju-ruá, Japurá, Teffé, Coary, Purús e Rio Negro, tomando então dahi em diante o nome de Amazonas.

Nasce o Iá ou Putumaio nas cordilheiras proximas á cidade de Pasto, na republica do Equador, corre do occidente para o oriente, inclinando-se para o sul, em um leito desigual e pedregoso.

Communica com o Japurá por dous canaes, um superior ás cachoeiras e que tem o nome de Peridá e outro inferior denominado Pureus.

Por este rio, fazemos tal ou qual commercio com a Nova Granada

Os negociantes de S. Paulo de Olivença e de Teffé, sobem até Mocoá, capital do territorio de Caquetá, e para alli levam mercadorias, como ferragens, bebidas, panno grosso de algodão, etc., e os granadinos descem até Teffé, trazendo salsa, breu e diversas outras drogas, que colhem nas matas e margens deste rio, habitadas em geral por indios pela maior parte pacificos

No lugar denominado Japacuá existia ainda em 1849 uma aldeia de indios : Passés e Juris.

Meia milha abaixo da foz do Içá ou Putumaio, em lugar pouco elevado, assentaram os Hespanhóes um posto militar, denominado de S. Joaquim, por occasião de tratarem com a

corôa portugueza ácerca da demarcação de limites ; mas em 1766 abandonaram-o, reconhecendo que em extremo critica era a sua situação alli.

Dous annos depois, 1768, o governador e capitão general do Estado do Pará, Fernando da Costa de Atayde Teive, mandou fundar no mesmo lugar uma povoação com a denominação de S. Fernando (31), com indios cayuvicenas e parianas.

O Jutahy ou Hiutahy parece que nasce nas montanhas do Cusco. Quanto se sabe deste rio, e bem pouco é, estriba-se em informações incompletas e vagas dadas pelos indigenas.

Diz o capitão-tenente Amazonas, que em 1560 Pedro de Orsúa, em demanda de minas auriferas e producções indigenas, desceu do Perú por este rio, do qual passou ao Juruá, entrando por elle no Amazonas.

Ha tambem noticia de haver um jesuita hespanhol entrado no Amazonas por este rio e por elle subido aos seus estabelecimentos do Marañon.

Nasce o Juruá do lago Rogagualo, no Perú. São escuras as suas aguas e desigual e pedregoso seu leito.

« Presume-se facil navegação para o Perú, diz o capitão-tenente Amazonas, subindo por este rio e passando-se delle para o Jutahy: tal foi a que fez Pedro de Orsúa em 1560, e a mesma emprehendia em sua retirada, quando foi assassinado por seus officiaes insurgidos. »

« Ha engano manifesto nesta asserção, diz o Sr. Wilkens de Mattos, porque é facto historico, que não admite controvérsia, que em 1559 o marquez de Canete, vice-rei do Perú, fez partir Pedro de Orsúa á frente de uma grande expedição em procura da cidade do *El-Dourado* e do lago *Parimé*; que este official, sahindo de Cusco para o norte, chegou a Lamas, pequena povoação á margem boreal do rio Mayo, affluente do Huallaga e ahi fôra assassinado pelo seu ajudante e companheiro, o tenente *Lopo de Aguirre*; que tencionando este proseguiir na empreza confiada á sua vigilancia, descêra o Huallaga e o Amazonas até a sua foz, e navegando ao longo da costa das Guyanas e de Venezuela, apossou-se da ilha *Margarida*, onde reforçou a sua tropa, e foi desembarcar na cidade *Cumaná*, com o fim de conquistar um imperio no continente; mas sendo ahi batido pelas forças hespanholas, foi conduzido preso para a *Trindade*, onde por ordem de Philippe II o justiçaram.

Nasce o Japurá ou Hyapurá nos Estados de Nova Granada ; corre a E. S. E., em leito desigual e pedregoso, de onde deita um braço para o Orenoco, e começa a regar o territorio brasileiro.

E' este rio navegavel por espaço de 160 ou 180 leguas, acima da sua foz, começando então as cachoeiras, que o obstruem.

---

(31) Já não existe essa povoação.

Pelos tratados de 1750 e 1777 era pelo veio deste rio e do seu confluente Cumiari, que limitavam as possessões portuguezas e hespanholas o mais occidentalmente.

Foi nelle que em 1781, se deu principio aos mais serios trabalhos de demarcação por parte das ditas potencias, os quacs se paralysaram, diz o capitão-tenente Amazonas, pela suspensão do commissario portuguez Chermont, por haver este assignado com o hespanhol Requena o celebre termo de 20 de Maio de 1781, para se limitar a demarcação no rio Apaporis, e não se estender ao Cumiari, como cumpria, segundo a letra dos tratados.

Foi tambem nelle que se submetteu a nação Mura, ajustando paz com o director de Maripi, Mathias José Fernandes.

Comunica-se o Japurá, em diversos pontos, com o Uapés e o Rio Negro, a saber : Subindo-se o Uapés e té o seu affluente Jacari ou Purureparana, e por este acima até uma estrada, que da margem occidental passa para o Cananari, que afflue no Apaporis.

Da foz do Uapés até a do Purureparana, gastam-se de 25 a 28 dias e passam-se 26 cachoeiras. Dizem ser este rio bastante abundante de peixe.

A passagem do Purureparana effectua-se em 3 horas, e a do Cananari em 3 dias, tendo-se de passar nove cachoeiras.

Da foz do Cananari, descendo pelo Apaporis até as malocas dos indios cumacumans, gastam-se 12 dias, e dahi por terra, passa-se ao Japurá em menos de meia hora.

Do Rio Negro para o Japurá ha seis communicações :

1.<sup>a</sup> Pelo rio Capuri subindo, sahe-se entre o rio Teraira, que se lança no Apaporis, pouco acima da sua foz. Tem o rio Capuri muitas cachoeiras.

2.<sup>a</sup> Pelo rio Marié com 3 dias de viagem, sahe-se em um braço denominado Uanin, pelo qual sóbe-se durante dez ou doze dias, e desembarca-se na margem esquerda, d'onde se atravessa em dous dias por terrenos alagadiços até encontrar-se a margem do rio Mamorité, pelo qual se desce ao Japurá em menos de um dia.

3.<sup>a</sup> Pelo rio Chiuará ou Teia pôde-se passar para o Puapuá, que desagua no Japurá.

4.<sup>a</sup> No fim de 8 a 10 dias de viagem pelo Uneini acima, desembarca-se na margem esquerda, e por um trajecto de pessimo caminho, que se pôde vencer em dous dias, entra-se em um igarapé, pelo qual se desce em duas horas ao rio Puapuá, do qual em seis horas pode-se ir ao Japurá.

5.<sup>a</sup> Sobe-se em oito dias pelo rio Urubaxi, e atravessa-se por uma estrada, que leva ao rio Marajá, affluente do Japurá.

6.<sup>a</sup> Pelo igarapé Queiçara, entre as cachoeiras do Pirá e os indios Manibas, sobe-se e com um dia de viagem, chega-se a um porto do qual se atravessa em dous dias para as malocas dos indios Cauiaris, na margem do Cananari ; desce-se por este em meio dia e sahe-se em outro ponto de terra, que se vence em um dia, encontrando-se o rio Piraparana, pelo qual se desce em quatro ou cinco dias ao Apaporis, passando-se

deste ao Muritiparana, que se lança no Japurá, acima da cachoeira Copati.

Esta comunicação é muito mais vantajosa do que a que se faz pelo Jucari, por evitar a cachoeira do Cananari, e a do Salto, no Apaporis, que fica proxima da grande cachoeira da Furna.

Baena, em seu *Ensaio Corographico*, assigna a este rio oito diferentes bocas, que são:

- 1.<sup>a</sup> Da parte oriental, chamada Cudajás, que dista seis léguas do Cochiará, terceira foz do rio Purús. (32)
- 2.<sup>a</sup> Sem nome conhecido.
- 3.<sup>a</sup> Cupiná.
- 4.<sup>a</sup> Uananá.
- 5.<sup>a</sup> Em frente da ponta da ilha Parauari.
- 6.<sup>a</sup> Uaranapú.
- 7.<sup>a</sup> Manhana.
- 8.<sup>a</sup> Anatiparana.

« Não parece a quem observa o movimento das aguas nestes canaes, diz o Sr. Wilkens de Mattos, acertada a denominação que lhes deu o autor do *Ensaio*; porque para que pudessem alguns delles, que comunicam o Solimões com o Japurá, ser considerados como bocas deste rio, seria preciso que elle por elles despejasse suas aguas no Solimões. Pelos tres canaes superiores (Auatiparaná, Manhana e Uaranapu) não acontece isso. »

Os Hespanhoes dão ao Japurá a denominação de Caquetá. Spix e Martius em 1819 subiram este rio até a cachoeira Araracoara (cauda de Arara), de onde regressou este, tendo Spix, por incommodo de saude, fixado no lugar denominado *Porto dos Miranhas*.

Affirmam estes douos notaveis escriptores que a foz do Japurá, quasi fronteira a do Teffé, offerece a largura de uma milha, pouco mais ou menos.

Os indios que habitavam as margens do Japurá eram: Pureus, Pacés, Juris, Homanas, Maparis, Juamis, Miranhas e Coretús.

Os miranhas são antropophagos e distinguem-se pelo olhar defeituoso, empregando o artificio para isso. Pelo contrario os Coretús são em extremo humanos e hospitaleiros. Em 1782 recommendaram-se elles por actos taes de humanidade para com os commissarios portuguezes e hespanhoes da demarcação de limites, que mereceram delles as maiores demonstrações de estima e respeito.

Fallando do Japurá, assim exprimiu-se o meu bom e illustrado amigo o Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda.

---

(32) O padre C. d'Acunha, citado por Southey, tomou esta como a principal foz do Purús.

« A' vista do que foi outr'ora, pode-se considerar este grande rio presentemente deserto.

« Da foz, na margem esquerda do Solimões, aquelle seu affluente, existem apenas 12 choupanas com 70 habitantes, contando-se entre elles muitos Miranhas resgatados. Esta grande tribo estende-se do rio Caynari, a 6 dias de viagem do Apaporis, até a cachoeira de Maracanan Coara, que é a ultima, ocupando a margem direita, e, segundo alguns praticos, do affluente Cuemani em diante, pela margem esquerda.

« Nem um só Pacé ou Xomana encontra-se já no Hyapurá (Japurá), apenas se observam algumas raras reliquias das importantes tribus Hyury e Coretú, e outros poucos Caixanas que costumam alli apparecer em busca de cacáo. A maior parte destes ultimos vive nas cabeceiras do rio Mocó-mirim, á 5 dias de viagem da foz, no Hiapurá. Ficando mais proximos do Tocantins entretem relações com os mercadores deste rio.

« Um só Macuna não existe hoje no Hyapurá. Ainda em nosso territorio, entre aquelle e o rio Negro, vagam os Macús, tribo que ainda se conserva no estado nomada.

« O rio Meçay, a que se refere o tratado de limites de 1777, entra pela margem esquerda do Hyapurá, dous dias de viagem á quem da cachoeira de Arajacoara ou 10 além do Cupaty. Os praticos dão com tudo o nome de *Cachoeira grande* a de Arara-coara e a de Cupaty.

« Na Corographia de Baena e no diccionario topographico do Amazonas, é designada a primeira cachoeira do Apaporis com o nome de Cupaty, quando é elle hoje dado á serra e á primeira cachoeira do Hyapurá.

« Produz alguma confusão esta troca de nomes, que a meu ver poder-se-ha remediar, comparando o resultado das novas observações astronomicas com as feitas em outro tempo pelos commissarios de limites de Portugal e Hespanha.

« Quando se houver attendido a necessidade do mesmo genero em lugares que mais de perto o reclamam, não se deverá perder de vista a conveniencia de estabelecer uma missão no Apaporis, ou melhor, nas proximidades da serra do Cupaty, para serem ahí reunidos os Miranhas e outras tribus, não só do Hyapurá, como do Apaporis. A sorte desses indios e a situação da fronteira ficarão assim mais ao abrigo de qualquer emergencia.

« O lugar em que naquelle rio foi collocado um destacamento em certo tempo, fica situado na margem direita, oito milhas á quem do Apaporis. O terreno é alto, muito fertil e cortado por um igarapé. Uma collina proxima permite observar o rio na extensão de 3 a 4 milhas aquem e além. Mas a circunstancia de ficar em frente de uma grande ilha, a do Iuambú, torna-o inproprio á fiscalisação. Pelo Paraná-mirim, que separa a ilha da margem esquerda, passam canoas em grande parte do anno, e é preciso muita vigilancia para que sejam vistas na entrada e na sahida. Esta mesma razão tira toda a importancia ao lugar para ser fortificado.

« Na margem esquerda até perto do Apaporis, o terreno é alto e presta-se bem ao estabelecimento de uma povoação e de um forte. Houve alli outr'ora uma aldéa de Curetús. Em frente e pela margem direita passa o Paraná-mirim da Motuca, que não é tão fundo como o do Inambú, e entra, além disto, pouco acima das barreiras, observando-se dahi facilmente as canoas quando passam.

« Em frente á terra, na primeira cachoeira, o Apaporis tem apenas 70 a 80 braças de largura e é impossivel o passo, achando-se as margens fortificadas. A serra alta de 1.240 palmos, é uma excellente atalaia em meio da planicie. De seu pincaro avistam-se as serras do Rio Negro, e a collina de S. Paulo de Olivença, no Solimões. Em uma hora, por meio de fôgos, pôde-se transmittir qualquer noticia do Alto do Rio Negro ao Solimões, por intermedio do Cupaty.

« Nessa altura, a distancia entre o Apaporis e Hyapurá é de 700 braças, mais ou menos, que se transpõe em meia hora. A serra fica entre os dous rios e domina-os perfeitamente.

« Na margem esquerda do Cupaty ha excellentes terrenos de lavouras, que se prolongam muito além, podendo servir a um grande povoado, que tanto convirá ao Brazil possuir naquelle ponto. Acham-se alli duas malocas de Curetús, que poderiam servir de nucleo á povoação, que se tentasse fundar.

« No Mirity-paraná existem tambem pequenas aldéas dos mesmos indios. São activos e revelam boa índole. O povoado que alli se estabelecesse, viria a ser no futuro o emporio de todo o commercio do Alto Hyapurá e da grande região banhada por seus affluentes. Até a primeira cachoeira podem chegar barcos a vapor de mediana grandeza. »

No rio Hyapurá, diz o infatigavel Sr. Dr. Continho, existe ouro, mas não se sabe em que circumstancias. Até certo ponto pôde-se admitir que seja abundante, porque os indios que desconhecem os processos aperfeiçoados para a extracção, apresentam ás vezes algumas porções em troca de ferramentas e fazendas.

Os regatões que negociam no Hyapurá, informam que os indios usam grosseiramente da bateia, o que revela que anteriormente andou por alli alguém que entendia da materia.

Ignora-se qual o lugar preciso em que nasce o Teffé, que desagua em um lago do mesmo nome, que communica com o Solimões. O seu comprimento é consideravel. Parece mais que é o rio, que alargou-se muito, 10 leguas antes de chegar á foz, do que um lago que recebe o rio na parte superior.

As aguas do rio Teffé são de cor preta, e seu curso, segundo os melhores praticos, pôde ser estimado em 450 milhas.

Os unicos indios que ainda habitam as suas margens são os Catuquinas. Na estação da cheia facilita a comunicação, mediando um pequeno trajecto por terra, com o Purús e com o Juruá.

Tambem é conhecido exclusivamente dos exploradores de drogas. Pelo inverno podem subir grandes navios até quasi as suas cabeceiras e pelo verão navegam sem obstaculo ca-

nôas de seis palmos de calado. Segue a direcção de N. E. O lago communica com o Solimões por meio de dous canaes; o maior fica do lado de E. e por elle transitam os vapores da companhia; o segundo dá passagem pelo inverno sóniente e acha-se do lado opposto.

Grandes navios podem navegar no lago durante os quatro meses de maior enchente e pelo verão, quando a vasante não é extraordinaria e nadam bem canoas de seis a sete palmos de calado. Em qualquer ponto pôde-se dar fundo com segurança.

« Corre o rio Teffé com magestade, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio; porque uma ilha da parte do poente, mas ainda no Amazonas, engrandece a sua barra, estreitando-se depois algum tanto, segue-se o largo, que vem sahindo da grande bahia que este rio forma com largura de legua e meia.....»

« O Teffé desce do sul para o norte. E' navegavel até dous meses de viagem. . . . .

« Produz salsa parrilha e por elle navega o gentio Mura. »

Para que os leitores comprehendam as referencias que constantemente faço ácerca do phenomeno da vasante e enchente do Amazonas e seus afluentes e de outros phenomenos, assim como de algumas expressões peculiares e locaes, abro aqui um parenthesis e soccorrer-me-hei sobretudo, para facilitar o meu trabalho, do excellente relatorio do meu amigo o Sr. Dr. Adolpho de Barros.

A pequena differença de nível do terreno da província do Amazonas, que é pouco maior de 56 milimetros na direcção E. O. e a diminuta elevação do solo, as chuvas copiosas e prolongadas de Novembro a Maio e a diversidade das aguas, determinam esta admiravel disposição hydrographica, que constituirá, quando no futuro convenientemente estudada e aproveitada, o maior elemento da riqueza da província e da grandezza do Imperio.

Os braços da margem direita do Amazonas têm as suas cabeceiras 340 leguas distantes das dos que correm pela esquerda. O Ucayalle, Juruá e Tapajoz chegam a 12° de lat. S, e ainda mais adiante avançam o Madeira e o Purús. Os rios Negro e Branco vão a 3° e 4° N.

As chuvas começam no sul e caminham para o norte, acontecendo por isso que as vasantes e enchentes não coincidem nos diferentes rios: quando os da margem direita estão vasios nas cabeceiras, tem ainda os da esquerda grande volume d'agua.

O Hyapurá, Içá, Napo, Maranhão (continuação do Solimões) Ucayalle e Hallaga dimanam da cordilheira dos Andes. Nestes, portanto, as enchentes dependem simultaneamente do degelo e das chuvas.

Como porém tais phenomenos deixam quasi sempre de realizar-se ao mesmo tempo, acontece muitas vezes que, quando alguns daquelles rios têm apenas attingido o termo da vasante, outros já se aproximam da maxima enchente, segundo a maior ou menor massa de suas aguas.

Por esta razão o Amazonas recebe, por muito tempo, em

seu immenso seio um volume consideravel d'agua e não experimenta desfalque sensivel, quando alguns dos seus numerosos tributarios lhe faltam opportunamente com a quota devida, pois que outros se apressam em offerecer-lh'a completa.

O valle do Amazonas até as cachoeiras de seus affluentes, pôde ser considerado como um plano horizontal, attenta a insignificante diferença de seu nível, inferior, em todas as direcções, a um e meio palmo por legua. As aguas têm por isso corrente fraca logo que cessam as chuvas nas cabeceiras. Nos mezes de maior baixa parecem até estagnadas nas barras.

E' sempre maior que a dos seus tributarios a corrente do Amazonas, calculada em tres milhas por hora, termo médio. Para este phenomeno contribue a circumstancia de não coincidir a época da oscillação daquelles.

Começa quasi sempre a enchente em Novembro e termina em Junho. Em 1861, o Rio Negro declinou a 25 de Junho no porto de Manáos e em 1862 a 5 do mesmo mez. Nos annos do 1859 a 1860 foram extraordinarias as enchentes, igualando-as as vasantes de 1861 a 1862. A amplitude da variação chegou a 67 palmos, entre as maximas oscillações.

Não se encontra tradição de terem as aguas transposto os limites a que subiram em 1861 a 1862; e pois pôde-se admitir como exacto o *maximum* de 67 palmos, o *medium* de 57 e o *minimum* de 40. Os limites de 1861 guardaram entre si a distancia de 44 palmos e 2 pollegadas. A enchente desse anno foi 10 palmos menos que a do anterior, e a vasante excedeua na mesma proporção o termo ordinario.

A enchente deste anno (1873) foi tambem uma das maiores e á hora em que escrevemos estas linhas, já tem ella baixado mais de douz palmos.

O movimento ascensional das aguas do Amazonas é quasi insensivel no começo da enchente. Espaços iguaes vão sendo logo apôs percorridos em prazos cada vez menores. De dia para dia accelera-se a subida e avulta o crescimento. Desapparecem primeiramente as praias nuas, alagam-se em seguida os terrenos baixos, cobrem-se depois as ilhas de recente formação; mergulham as arvores, alundam as barreiras, estreitam as ribanceiras, as aguas se espriam, as inargens recuam os horizontes se alargam, e em meiodos de Março approximadamente esse inconcebivel e fabuloso assoberbar do rio, tem chegado a igual distancia dos pontos extremos.

Então, a pouco e pouco, torna-se a marcha mais lenta, e vai até tornar-se quasi insensivel nas proximidades do limite superior. Nos mezes de Novembro a Dezembro o crescimento é alimentado a expensas dos tributarios mais proximos á foz, e como estes sejam pequenos, não avulta muito o reforço. As aguas das cabeceiras e dos principaes affluentes chegam no começo, e é isto o que produz naquelle época uma tão pronunciada diferença de nível.

De Abril a Junho os pequenos rios podem ser navegados por grandes navios. Nesses mezes a navegação não se limita ás correntes: sobre as margens passam em muitos lagares,

canôas de 8 a 10 palmos de calado: e é varando-as pelo centro das florestas, que se atalham as maiores voltas dos rios. A estes caminhos de travessia fluvial dá-se no paiz o nome de *furos* ou *paranas-mirins*; e o de *igapó* ao terreno baixo das margens, que fica alagado em grande extensão. As *varzeas* são tambem terras baixas, mas só alagadas pelas grandes enchentes.

A subida e descida das aguas caminham, termo médio, 40 milhas em 24 horas. No Solimões a distancia percorrida nesse espaço de tempo é um pouco maior.

A pequena elevação do solo e a grande altura a que chegam as aguas determinam esta extraordinaria submersão de uma parte do territorio das duas províncias banhadas pelo grande rio. Na província do Amazonas é avaliada em mais de metade de sua extensão a superficie coberta pela enchente. As *varzeas* ficam encharcadas, os igapós convertem-se em outros tantos lagos, os igarapés em rios caudalosos, e estes trasbordando do seu leito e galgando as margens, espraiam-se livremente, inundando ás terras em uma extensão que varia de uma até 20 leguas.

E' por isto que muitos affluentes de primeira e segunda ordem que correm proximos e parallelos, communicam-se entre si por meio de braços, ordinariamente encabeçados nos lagos, que lhes ficam de permeio e que de suas aguas em parte se alimentam. Os chamados lagos são verdadeiras bacias desses canaes. Esta disposição é mais notável e frequente entre o Rio Negro e o Japurá, entre o Juruá e o Purús, entre este e o Madeira e, etc. A's mais das vezes é necessário transpor alguma distancia por terra.

Quando mais tarde a população espalhar-se pelo interior, diz o Dr. A. de Barros, e a industria exigir em toda a parte o aperfeiçoamento dos transportes, poder-se-ha com pouco dispendio canalizar quasi toda a província, evitando-se por largos annos as estradas, os mais custosos dos caminho sobre-tudo no Amazonas.

Por mais de um ponto se pôde penetrar nos rios, na quadra da enchente, em consequencia da inundação dos terrenos. Deu esta circunstancia lugar ao erro commettido por alguns viajantes, principalmente a respeito do Japurá, a quem quasi todos dão oito barras, quando realmente, segundo asseveraram os homens mais entendidos e praticos, não tem mais do que duas bocas. (33)

Os canaes que durante a estação das chuvas dão ingresso aos rios, independentemente de suas barras, seccam pelo verão; mas enquanto tem agua são aproveitados com vantagem, visto como encurtam as distancias e permitem evitar a corrente dos rios, que é forte na enchente.

---

(33) Relatorio do Exm. Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda, de Maio de 1865.

O termo *Paraná-merim* (rio pequeno) é applicado ao braço mais estreito dos rios no lugar onde há ilha, ou aos canaes que serpenteiam pelo interior, ligando entre si os lagos e pantanaes. Muitas vezes as suas embocaduras acham-se na distancia de 50 leguas uma da outra.

Entre o Purús e o Javary é onde se encontram os mais extensos *paranás-mirins*, por ser essa a região mais baixa do Amazonas.

As margens dos rios são geralmente baixas e raras as barreiras ou terras altas.

Só os igarapés são bordados de terra firme em maior extensão e por este motivo preferem-nos os raros habitantes, que se dedicam a algum genero de cultura.

Quando o Amazonas enche, represa os tributarios na estensão de dous terços do seu curso, phenomeno facil de verificar, em razão da diminuta correnteza nas proximidades das embocaduras, bem como pela circumstancia de conservar-se inalteravel a cor das aguas junto a foz dos rios pretos. Em começando a vasante, tem lugar o escoamento, cresce a corrente dos affuentes e cursam então as suas aguas.

Nessa época, da confluencia do Rio Negro até quasi a villa de Serpa, distingue-se cada vez mais pronunciadas, duas gradações na cõr das aguas do Amazonas: uma mais amarelenta junto á margem direita, outra escura do lado opposto. Figuram dous rios correndo unidos no mesmo leito, mas confundidos inteiramente. Esse combate gigantesco prolonga-se por quasi 30 leguas. Na enchente não succede o mesmo: não se vê no Amazonas o menor vestigio das aguas do Rio Negro. Sómente mui perto da foz deste, observam-se a espacos algumas largas manchas escuras, que sobrenadam nas aguas barrentas do grande rio.

A causa da enchente dos tributarios é, pois, dupla, resultando dahi elevarem-se elles em certo tempo perto da foz, ao passo que já tem baixado consideravelmente na parte superior.

Dahi se deve inferir que o Amazonas durante a cheia, não recebe grande tributo dos affuentes de Tabatinga até a foz.

Logo, porém, que começa o periodo das declinações, isto é, quando vão secando as fontes, accodem-lhe os volumosos braços inferiores com o contingente de suas aguas e o gigante sustenta se na mesma altura por algum tempo ainda. Se o Amazonas enche, os seus tributarios hão de encher tambem, ou melhor, hão de entumecer, nas proximidades da confluencia, embora realmente estejam vasando.

A largura média do Amazonas é de 2.000 braças e a corrente ordinaria de duas e meia a tres milhas. Em alguns lugares, entretanto, por virtude da interposição das ilhas, as margens se afastam, guardando a distancia de mais de quatro ou cinco milhas. O ponto mais estreito do Amazonas, e que até tem a denominação de *garganta*, é em frente á cidade ou antes em frente ao forte de Obidos. A largura de rio ahi é, segundo Montrayel, de 1 milha apenas, e segundo o Sr. en-

genheiro Aguiar Lima, de 860 braças ou 1.892 metros. A sua profundidade é alli calculada em 70 a 80 metros.

O Sr. Aguiar Lima, para achar a medida da largura do rio nesse ponto, mediu uma base e achou o resultado mencionado, que é o mais aproximado possivel do de 869 braças, medidas ha mais de um seculo, segundo o testemunho do padre Dr. Noronha. A diferença de 9 braças pôde provir do periodo da estação em que foram operadas as duas medições. Eis os resultados obtidos por aquelle distinto engenheiro brazileiro e por elle comunicadas ao Sr. D. S. Ferreira Penna :

« Do reducto ou fortim no lume d'agua à margem opposta em rumo 25° S. O., 860 braças.

« Do forte do rumo 18° S. O. ao mesmo ponto da margem, 860 braças.

« Do forte a outro ponto acima, no rumo 84° S. O., 1.120 braças.

« Do porto de cima ao mesmo ponto antecedente no rumo 74° S. O., 1.146 braças. »

Os lagos mais notaveis formados pelo Amazonas são: os de Saracá, Manacapurú, Manaquiry, Cudajás, Autazes, do Rei, Derury e Anamá, na província do Amazonas. Todos elles comunicam-se com o grande rio, mesmo no verão. Só nas vasantes extraordinarias seccam completamente alguns cañaes.

Pelo inverno, no interior dos lagos, de que alguns tem mais de 40 palmos de profundidade, navegam grandes canoas. E' nos lagos que durante o verão fazem-se as mais abundantes pescarias, principalmente do pirarucú, que constitue um ramo importante do commercio da província do Amazonas.

Em geral os navios podem fundear sem perigo em qualquer ponto do Amazonas, evitando-se todavia os lugares de forte correnteza e os que tem fundo de pedra. Durante o inverno é perigosa a vizinhança das barreiras por causa do esboroamento das terras, o que tem sido causa de não poucos sinistros. No intuito de evitá-los, convém procurar sempre as partes convexas das margens, onde, da mesma forma que nas abas dos bancos e nos remansos, o fundo e a corrente não são grandes.

Os bancos do Amazonas, como acontece em todos os rios, são mui variaveis, mas o volume d'agua é tal que os conserva profundamente submersos grande parte do anno, permitindo livre direcção mesmo aos navios de maior calado. Pelo verão, o caminho torna-se mais extenso, porque é preciso acompanhar as voltas do canal; porém o excesso da distância é compensado pelo enfraquecimento da corrente.

Os bancos movediços, em geral formados por uma cheia e que outra os faz desaparecer, são raros na entrada do Amazonas. Os fixos, isto é, os que existem há muitos annos, também modificam-se com o andar dos tempos, crescendo ou diminuindo, levantando-se ou abaixando-se e deslocando-se em partes, segundo a maior ou menor violencia das correntes, mas conservando sempre certo aspecto que os faz reconhecer.

Nos paizes adiantados ha sempre pharões, balizas e outros signaes, que indicam ao navegante os escolhos que deve evitar e o caminho que convém seguir.

Nos Estados-Unides, por exemplo, encontram-se pharões tão multiplicados e tão habilmente collocados, que muitos rios ha, em que nenhuma necessidade ha de praticos.

Aqui no Amazonas ainda não sucede assim; ainda nenhum ou quasi nenhum trabalho indica aos navios a entrada e a navegação do grande rio. Em toda aquella immensa embocadura, em todo aquelle gigantesto delta, que tem mais de cento e quarenta milhas de largura e centenares de ilhas, conta-se apenas um pharol, o das Salinas e mais 5 pharoletes. O pharol das Salinas, ameaçado de desmoronamento, em consequencia das escavações que o mar vai fazendo na barranca em que está edificado, acha-se situado na costa do oceano de modo tal; disseram-me diversas pessoas entendidas, que quem vem da Europa, só o pôde reconhecer, passando além da entrada do rio.

O trecho do Amazonas em que se encontra maior numero de bancos é entre Teffé e o rio Jutahy. Este phenomeno é produzido, na opinião dos profesionnaes, pela circumstancia de confluirem quasi fronteiros, nessa região, os dous grandes rios Juruá e Japurá.

Termino aqui o longo parenthesis, que abri.

Ainda não é bem conhecida a nascente do Coary. Desagua no lago do mesmo nome, que dista 132 milhas da foz do Purús. Tem o lago 12 milhas de comprimento e 5 de largura. A antiga freguezia de Alvellos, creada cm 1758, esteve assentada no extremo sul, na confluencia dos tres rios Coary, Urucú-parauá e Ourané. O Coary é o maior e fica do lado de E. Conhecein-no sómente as pessoas que se empregam na colheita e extracção de drogas. Tem-se chegado a caminhar por elle 35 a 40 dias. No inverno, de Março a Julho, navegam grandes canoas de 8 a 10 palmos de calado. No verão, como o abaixamento é mui consideravel, só passam igaritéis na parte superior. O seu curso não é longo; segundo o testemunho dos praticos, pôde ser estimado em 85 a 90 legoas.

« Alguns indios, diz o Exm. Sr. Dr. Adolpho de Barros, tem passado do Purús para o Coary, e dão noticia de existirem campos de grande extensão nas cabeceiras deste rio, os quaes vão confinar na margem esquerda. No Purús ha um lugar chamado *Campina*, distante da foz 63 leguas. Alli não se vê nada que justifique o nome do lugar, porém para o interior informam que ha campos agrestes, que já tiveram principio de cultura. E' provavel que sejam estes os campos de que dão noticia os indios. Em geral, os terrenos altos do valle do Amazonas, pela sua constituição prestam-se á abertura de campos, como a experienzia tem provado em muitas localidades. Nas varzeas acontece o mesmo em alguns pontos. »

O Coary não tem cachoeiras; as suas aguas são pretas, bem como as dos outros dous rios, que com elle correm para o lago.

Ha um só canal que communica o lago com o Solimões; fica do lado oriental e tem 2 milhas de extensão. Só nas vasantes

extraordinarias é que não permitte a passagem de navios que calem de 8 a 10 palmos.

Diz Baena que acima da foz do Coary acham-se as ilhas Jurupari e Juçaras, onde constantemente fazem as tartarugas o seu desovamento.

Ainda até hoje é desconhecido o ponto em que nasce o rio Purús.

Sendo o mais consideravel de quantos entram no Solimões por sua margem austral, diz o capitão-tenente Amazonas, é de presumir, venha de mui longe, ou seja, como pretendem muitos, o desaguadouro do lago Rogaguallo. Corre de oeste para leste, e lança-se no Solimões 45 leguas acima do Rio Negro.

As sondagens feitas dão-lhe diferentes profundidades: no inverno ou na occasião da cheia só de 30 a 40 metros; no verão ou durante a vasante desce, conservando a profundidade de 20 a 5 metros, segundo a maior ou menor distância de sua foz á barra do rio Ituxy. As aguas, na vasante, baixam 20 metros pouco mais ou menos do nivelamento da cheia ao da vasante; a largura é de 250 a 500 metros, de sua foz á barra do Ituxy.

O nome *Purús*, diz o meu amigo o distincto Sr. tenente coronel Labre, em seu interessante trabalho de que me hei de muitas vezes servir, deriva-se de *purú-purú*, que quer dizer pintado (ou *myra purú-purú*, gente pintada, em lingua geral).

Em tempos idos, assim a gente do Amazonas e Rio Negro, chamavam os selvagens da nação Pamary, moradores neste rio, por serem elles pintados ou manchados de branco.

« Tornam-se foveiros, diz o capitão tenente Amazonas, os indios que habitam suas margens, defeito sem o qual nascem, e que se communica por contagio. »

Com o andar dos tempos denominou-se o rio—*Purús*—, simplificando-se a palavra. O nome primitivo dado ao rio pelos Pamarys, era *Wainy*; e os outros selvagens, que o habitam, dão-lhe diferentes nomes, conforme o seu dialecto.

Para melhor precisar as distâncias e localidades, divide-se o rio em Baixo-Purús da sua foz até o rio Tapanha, 505 milhas; Médio-Purús da foz do Tapanha ao rio Mamoryha-Grande, 385 milhas; e Alto-Purús da foz do Mamoryha-Grande ás cabeceiras do mesmo Purús, mil e tantas milhas.

Por diferentes vezes tem organizado o governo expedições, com o fim de descobrir as cabeceiras deste rio. Uma das primeiras expedições, senão a primeira, foi dirigida por um certo João Cametá, que sómente chegou até a embocadura do Ituxy, percorrendo apenas 700 milhas.

A segunda foi effectuada em 1852, por um individuo de Pernambuco, chamado Seraphim Salgado, que percorreu 1.300 milhas, mas, á excepção dos nomes e grandeza apparente de poucos tributarios ou affuentes do Purús e a noticia importante da ausencia de cachoeiras, nenhum resultado valioso offereceu a sua viagem.

A terceira expedição foi em 1860 levada a effeito por Ma-

Manoel Urbano, homem bastante intelligente e ousado, que entretanto não partiu com o fim de explorar as cabeceiras do Purús, mas de descobrir o canal, que, segundo se dizia, comunicava o Purús com o Madeira, acima das cachoeiras deste rio.

Em 1862 nova expedição foi mandada, mas voltou sem conseguir resultado satisfactorio. De Junho de 1864 a Fevereiro de 1865 procurou o Sr. W. Chandless explorar o rio em busca de suas cabeceiras, mas apezar de ter avançado mais que o pratico Manoel Urbano, não logrou resolver aquelle interessante problema hydrographico. Chegou até  $10^{\circ} 5'$  de Lat. S. e à distancia de 1.620 milhas geographicas da foz. Sendo de 715 milhas, segundo o calculo do Sr. Dr. Coutinho e de 705 segundo o do referido explorador, a distancia da foz ás barreiras de Hyutanahan, onde aquelle chegou, foi o rio estudado pelo Sr. Chandless em muito mais do duplo da extensão que primitivamente tinha sido.

A 1.555 milhas da foz, no paralelo de  $10^{\circ} 44'$ , divide-se o Purús em dous braços quasi iguaes, nenhum dos quaes representa, entretanto, a metade do volume de ambos, quando reunidos. Até esse ponto tem ainda o Purús bastante largura, mas é em geral muito raso, mesmo em Dezembro.

De 11 a 23 desse mez, subiu o Sr. Chandless o braço direito, que apresentava no principio uma largura de 32 a 36 braças e mui pequena profundidade, sendo ás vezes preciso arrastar a canoa. A 60 milhas do entroncamento, esse braço subdivide-se em dous pequenos rios, quasi de identicas proporções.

O maior, com 6 a 8 braças de largura, não pôde ser percorrido em distancia superior a 8 ou 9 milhas, em virtude do pouco fundo e fortissima correnteza.

O braço do N., posto seja mais raso, é, até 20 ou 25 milhas, mais largo que o primeiro e parece alguma cosa maior. Tem além disto um affluente, o que não se encontra no outro. O leito de ambos é obstruido por pequenas cachoeiras.

Acredita o Sr. Chandless que a nascença delles não pôde estar muito longe do ponto a que levou a sua excursão e talvez não ultrapasse de  $11^{\circ}$  de Lat. S.

Até a embocadura do Curumahá, que desagua na margem esquerda e na distancia de 1.430 milhas da foz do Purús, tem este a largura média de 60 a 100 braças, com 2 a  $2 \frac{1}{2}$  de profundidade.

Dahi para cima adquire a corrente immensa velocidade, em virtude da diferença de nível, que é, entre esse lugar e o em que o rio se divide n'uma distancia de 425 milhas, de 470 palmos ou de 3,5 palmos por milha, sendo que a altura das aguas, no ponto da bifurcação, sobe a 1.508 palmos acima do nível do mar.

Uma tão aspera inclinação explica a rapida oscillação do rio, quando succede desabarem fortes aguaceiros. O Sr. Chandless teve occasião de observar um desses curiosos phenomenos e refere-o do modo seguinte:

« Esta enchente offereceu-me exemplo da extrema rapidez

com que elles se operam no Alto-Purús. A chuva começoou ás oito horas e meia da manhã e viajou rio acima. Ás duas horas da tarde começoou o rio a encher; ás duas e meia enchia quatro palmos por hora. Mais tarde a força da correnteza não nos deixou viajar. No outro dia pela manhã começoou a vasante: ao meio dia tinham as aguas baixado 12 a 13 palmos; de tarde estava o rio baixo, como d'antes, e outra vez estavamos arrastando as canoas. » (34)

Isto confirma a suposição de que as fontes do Purús se despenham de grandes alturas. Sem contrariar essa idéa, não hesita entretanto o Sr. Chandless em assegurar que o Purús não parte dos Andes, confirmando-o nessa crença a circunstância de não se encontrar em seu leito ou em suas margens pedaços de rocha granítica ou vulcânica, ou mesmo de schistos silureanos.

Dahi deduz que, se o rio que seguiu é o verdadeiro Purús, como não ha duvidar, este não pôde ser o Madre de Deus, o qual com maior somma de probabilidade cahe para o Beni e Madeira.

Ainda menos fundada parece a opinião de que seja o Aquiry a cabaceira do Purús, pela diferença das aguas, mais claras e frias que as deste, como foi reconhecido pelo pratico Manoel Urbano, que o percorreu durante vinte dias, no fim dos quaes teve de retroceder por falta d'água.

Seguindo esse caminho, o Aquiry, o limite navegável foi aproximadamente de 1.058 milhas da foz do Purús; seguindo até o fim o rio conhecido por este nome, a navegação estendeu-se a 1.620 milhas.

A diferença, pois, de 562 milhas para mais estabelece a decidida primazia do segundo e exclue a opinião que assinala e que parece todavia compartilhar o Sr. Chandless.

Na sua breve mas interessante memoria ácerca do Rio Purús exprime-se do seguinte modo o incansável Sr. tenente-coronel Lâbre, de quem terei ainda muitas vezes occasião de fallar:

« O Purús comporta um grande volume d'água por sua largura e grande extensão percorrida; é branca a cor de sua agua; mostra muitas sinuosidades no seu curso, deixando de verão á descoberto muitas praias e altas ribanceiras. De inverno, na sua maior enchente, sobe a transbordar, cobrindo uma zona de nunca menos de 12 a 15 milhas, nivelando-se com as aguas dos seus inumeros lagos, os quaes excedem de cinco mil. O Hayapuá e o Jary são os maiores, devendo ter mais de 30 milhas de circunferência. Ha algumas ilhas, sendo a de Uajaratula a principal: mede 4 milhas de largura, termo médio, com uma extensão de 18 a 20 milhas. Deita-se o rio em um leito de areia e barro, tendo algumas pedras nas barreiras das terras altas, porém deixando franca a navegação. »

---

(34) *Chandless's. Notes on the River Purús*, pag. 23,

A extensão percorrida por este caudaloso rio, continua o Sr. tenente coronel Labre, das cabeceiras á sua foz, é por uma superficie de pouca declividade (como se vê de sua declinação) por entre uma floresta densa e não interrompida. O solo ás margens se divide em terras altas e baixas; estas são cobertas d'água periodicamente, de inverno, e aquellas são isentas de inundação.

As terras sujeitas ás inundações são misturadas e de côr parda com grandes camadas de estrumes vegetaes, e tendo no fundo das baixas e lagos grande quantidade de argilla. As terras altas são de barro vermelho granitado e terrenos mui porosos; e nos lugares povoados de palmeiraes são pardacentas na superficie e misturadas ligeiramente de areia e boas camadas vegetaes, sendo o fundo de barro vermelho.

Os invernos ou *chuveiros* ahi são longos; as chuvas são copiosas, especialmente nos mezes de Fevereiro, Março e Abril, tempo da grande cheia e transbordamento do rio, cuja enchente começa no mez de Outubro e sóbe até fins de Março. A vasante tem lugar em principio de Abril até fins de Setembro; isto no médio Purús. As enchentes e vasantes do Purús são periodicas e regulares; é uma pequena imitação do Nilo; são porém alteradas de lugar a lugar, segundo as distâncias, pela grande extensão percorrida, alternando-se tambem as estações, começando o inverno e o verão mais cedo nas cabeceiras. Ha muita electricidade atmospherica, especialmente em principios e fins d'água, produzindo estrondosas detonações, precedidas de quedas de fluidos electricos: as chuvas se prolongam até o mez de Julho e recomeçam em Setembro.

São sensiveis ou conhecidas ahi sómente duas estações, inverno, que se deve contar de 15 de Novembro a 15 de Junho, e verão, de fins de Junho a principios de Novembro. Os invernos são pautados pela cheia do rio e copiosidade das chuvas. Chove em todo o verão, á excepção do mez de Agosto, e são chuvas criadoras. Em todos os mezes ha cerração, sendo mais frequentes no inverno.

Nos mezes de Julho, Agosto e Setembro ha dias frios que duram de 2 até 8, e occasões ha em que não se vê o sol durante esses dias. Chamam a estas alternativas de temperatura—friagem. O thermometro de Réaumur baixa a 14 grãos durante esses dias, descendo mais á noite.

Os ventos sopram mais de nordeste e tambem de noroeste e norte, e ha constantes virações tanto no verão como no inverno. Apparecem tambem tempestades e horrascas.

Entram no alto Purús, pelo lado direito, tres grandes affluentes; o Aracá, o Hyuacú e o Aquiry. (35)

O Aracá é na embocadura mais estreito que o Purús; não

---

(35) O Sr. tenente coronel Labre, dá a este rio o nome de Acre.

augmenta sensivelmente a largura deste, mas chega quasi a duplicar a sua profundidade.

O Hyacú é tambem mais estreito, porém alguma cousa mais fundo; e nada lhe acrescentando nesta relação, augmenta-lhe todavia consideravelmente a largura. O Aquiry, sendo tão largo como elle, e um pouco mais fundo, posto que de menor curso, despeja as suas aguas, de enchente e vasante, com dobrada velocidade e impulso.

Da margem esquerda os principaes affluentes são: o Memoryha-Grande, o Panynam e o Inauynam, que ainda não foram explorados.

Da *noticia* do Sr. tenente-coronel Labre, transcrevo aqui a seguinte lista dos affluentes mais conhecidos do Purús e das distancias de sua foz. « Os affluentes do rio Purús, diz elle, constantes deste mappa, são os principaes e cuja foz serviu de ponto de observação ao viajante geographo W. Chandless, marcando as suas distancias em milhas inglezas. Além destes ha outros muitos de menor importancia e de inferior grandeza; em cujo numero entram os canaes (ou furos) dos lagos que são innumeraveis. »

<i>Nomes dos rios e affluentes.</i>	<i>Milhas inglezas.</i>
Paraná-pixuna.....	306
Jacaré.....	360
Tapanhá.....	505
Mucuy.....	590
Mary.....	653
Ituxy.....	692
Mamuryha-Miry.....	745
Sipatyny.....	762
Memoryha-Grande.....	870
Pauvny.....	978
Inauuyu.....	1.073
Acre .....	1.104
Canguity.....	1.170
Hyuacú.....	1.244
Aracá.....	1.445
Taranacá.....	1.494
Curynahá.....	1.560
R Xalá.....	1.618
Curumahá.....	1.648
Urbano (36).....	1.745
Pat's.....	1.785
Divisão do Purús (37).....	1.792

(36) Chandless deu a este rio o nome de Urbano, em honra do pratico Manoel Urbano da Encarnação.

(37) E' neste ponto que se divide o Purús em dous braços, um—braço norte do Purús, e outro—braço sul do Purús. Tem 1.088 pés de elevação do nível do mar.

A feição que apresenta o Purús até Hyutanaian é a mesma, com pouca diferença, que oferece daí por diante. Sómente, como é natural, á proporção que diminue a largura do rio, tornam-se as curvas menores e mais numerosas.

A extensão do igapó, especialmente no baixo Purús, mostra a enorme mudança do canal do rio em tempos recentes. A varzea mal resiste á força da correnteza nas enseadas. Além disto, as aguas superficiais da varzea alagada penetram, no tempo da vasante, até cañadas de barro pouco permeaveis, e sobre estas passam para o alveo, desprendendo e fazendo escorregar grandes massas de terreno com a vegetação em pé.

Assim, o rio vai levando sempre a varzea, e aumentando as praias até chegarem a altura propria para a vegetação, e se converterem então em igapó, com o que aumenta também a tortuosidade e comprimento do canal.

Segundo o Sr. Chandless, pertence á classe terciaria a formação geognostica do Purús. Como quer que seja, a parte superior das barreiras, que são altas e sucessivas, consiste sempre em barro colorado, sem stratificação : abaixo deste, e ordinariamente abaixo da linha da enxente, encontram-se varias camadas de areia e barro stratificadas, algumas bastante inclinadas, e em certos pontos deixadas alli antes da deposição das camadas superiores.

Nos regos pequenos produzidos pelas chuvas, na base das barreiras, bem como nas praias, existem pedaços de quartz arredondados ; mas não ha notícia de alguma pedra ignea.

Em um pseudo conglomerato, não de pedra, mas de concreções de barros, com 2 ou 3 palmos de grossura, acham-se, especialmente acima do Aquirý, pequenos pedaços de pão petrificado ou meio petrificado.

Também tem-se descoberto pedaços de ossos fosseis, gastos pela agua e mesmo alguns inteiros. Um ou outro desses exemplares de fosseis contém algum azufureto de ferro, já decomposto, e com o sabor de sulfato de ferro.

Nenhuma concha fossil foi ainda encontrada na bacia do Purús ; o que, em falta de mamíferos, de que também não ha suficientes vestígios, serviria para determinar com a exactidão necessaria a condição geognostica do terreno.

Descrevendo o Purús, exprime-se assim o tenente-coronel Labre :

« De enchente ou vasante o Purús oferece ao viajante vistas mui soberbas, pittorescas e agradaveis : no transbordamento do rio limitam-se as aguas ás verdejantes matas de arvores altaneiras e frondosas, mostrando o seu berço estendido entre perpetua verdura.

« Pelas margens aqui e acolá, levantam-se e esvoaçam aves ribeirinhas e cruzam no céo inumeras outras multicores que se transportam de uma á outra parte e vice-versa, chilrando de mil modos em seu transito.

« Durante a vasante, novas vistas, espectaculo novo ; ambas as margens cobrem-se de um tapete de verdura ; aqui e acolá, pelas sinuosidades do rio, notam-se bonitas praias de

branca e solta areia, onde pousam innumeros bandos de diversas aves ribeirinhas, que grasmam, pião e chilram de mil modos. Algumas, como a gaivota, fazem os ninhos sobre a areia; é curioso ver-lhes as niahadas; umas preparam os ninhos, outras chocam os ovos, e já em outros ninhos a nova geração sahe do seu envoltorio, piando imprimido pela sensação da vitalidade, e finalmente outras já vestidas correm dos ninhos medrosas pian-tó, pedindo socorro, o que, ouvi-lo, acode numerosa phalange de defensores impotentes, esvoacando sobre as cabeças dos visitantes ou inimigos, ginchando á toda voz, e fazendo o seu protesto á modo dos fracos contra a violencia e extorsão dos grandes e poderosos.

As terras que margem o Purús são em sua totalidade cobertas de vastas florestas virgens e poucos campos. Divide-se em altas (terra firme) e baixas (varzea), que são inundadas pelas aguas da cheia. Estas servem para plantar-se de verão; são bem estruimadas e prestam-se perfeitamente para a cultura da canna, do arroz, cacáo, urucú, banana, seringa e outras plantas.

As terras altas ainda se dividem em duas qualidades distintas, terras frescas e poderosas, de barro vermelho granitido e terras menos porosas e mais secas, bem estruimadas por uma boa camada de humus levemente misturado de areia, com fundo de barro vermelho, mostrando, porém, na superficie cõr pardacenti, em consequencia das camadas de terra vegetal, accumuladas pela açã do tempo. São povoadas de arvores magnificas, entreneiadas de um vasto palmeiral, e banhadas por pequenos regatos em diferentes sitios, e que fornecem boa agua potavel e crystallina. Estes terrenos são quasi planos, aparecendo de quando em vez pequenas collinas com declividades pouco sensiveis, cortadas ou divididas por baixas de muita profundidade; são mais adaptadas para a cultivaçao e prestam-se especialmente para o plantio do algodão, da mandioca, milho, arroz, feijão, batatas, café, salsa e diversas outras culturas.

As terras porosas não têm palmeiraes, constantemente humidas durante o inverno, seccam com a derrubada e prestam-se especialmente para a cultura da canna, arroz, milho, cacáo, café, guaraná, salsa, etc.

Ha poucos campos conhecidos para a criação de gado, um dos maiores, posto que ainda pouco explorado, dizem que demora entre os rios Purús, Ituxy e Madeira, estendendo-se de oeste a leste, desde o Ituxy, passando pelas cabeceiras do Pacihau até as cabeceiras do Mucuhy, 100 milhas pouco mais ou menos, e na distancia de 10 a 12 milhas da povoação fundada ha pouco tempo pelo Sr. tenente-coronel Labre e que já tanto promette.

Muitas riquezas e productos naturaes, já conhecidos do comércio e dos industriais, abundam nas margens do Purús e seus affluentes.

Muito interesse deixa a sua extracção, depende porém tambem muito de actividade e pratica dos exploradores. Os

trabalhadores actuaes levam uma vida e habitos especiaes, grande parte delles ou quasi todos vivem com habitos e costumes de povos nomadas; as suas cabanas são mal construidas e sem nenhuma das condições hygienicas, não plantam e nem criam, de modo que todos os generos alimenticios, inclusive a farinha, são levados das praças do Pará e de Manáos, que tambem os importa, vendendo-os por preços fabulosos.

De semelhante assumpto fallarei mais largamente quando tratar dos seringaes e da extracção da borracha, que, seja dito de passagem, é a maior e a mais funesta praga do valle do Amazonas.

Viaja-se da foz do Purús á do Ituxy, diz o Sr. tenente-coronel Labre, e não se vê uma plantação, a não serem alguns pés de bananas e canna e difficilmente nas goteiras de algumas casas (barracas) alguns pés de mandioca e uaiipy. (38)

E' uma irrisão a industria agraria em terras de tão prodigiosa uberdade com uma população superior a 5.000 habitantes de gente civilisada

O paiz não é pedregoso, sendo muito escasso de pedras em suas margens e adjacencias, excepto para o interior das terras altas e rios affuentes da direita, onde existe infinitade de pedras diferentes.

Nas margens do rio Acre, no tempo da vasante, mostra-se nas ribanceiras grande quantidade de salitre.

Encontra-se em toda a parte barros ou argillas diferentes com propriedade para o fabrico de tijolo de alvenaria, telhas e toda a especie de louça grossa.

Acima de Yabituriá existe a ultima maloca da tribo Jubery. A grande nação ypuriná ou ipurinan, habita desde o médio até o alto Purús.

E' tribo muito numerosa. Bellicoso por indele e sempre preparando ou esperando o ataque, o hipurinan larga muito poucas vezes o arco e flexa, desconfiando de quantos não conhece.

Entretanto guerreia mais os de sua propria nação e seus vizinhos do que as outras tribus.

Apezar de serem completamente selvagens, são por natureza doces e delicados.

Fazem muito pouco commercio, em troca de salsa, seringa e óleo que vão aprendendo a colher.

Na margem esquerda do Purús, não muito distantes do rio, vivem os Jamamandys, entre o Mamoryha-Grande e o Pauynim; porém na margem direita não se conhecem outros indios senão os Ipurinans. Filhos do mato e não do rio, como diz o Sr. Dr. Adolpho de Barros, elles preferem morar no centro das terras. Mesmo os que já são mansos (e o devem

---

(38) No sul chamamos *aipi* ou *aipim*.

Em geral, em todo o norte dão-lhe o nome de *macachéra*.

ao pratico Manoel Urbano) estabelecem as suas malocas cerca de meia legua para o interior. Sómente na época das tartarugas, sahem todos do centro e installam-se nas praias, onde se abrigam do sol e da chuva sobre uma ligeira choça de braços de Oicana.

Vivem completamente nus e a polygamia, que na maior parte das outras tribus é privilegio quasi sempre dos tchachanas ou chefes, é geral entre esses indios, no meio dos quaes a mulher occupa por isso condição muito inferior.

Apezar desses defeitos, parece que a catechese dos Ipurinans dará grandes resultados.

Nenhuma outra nação do Purús é tão grande e nenhuma promette tantas vantagens, sem exceptuar os Pammarys, infelizmente já muito entregues ao vicio da embriaguez, fructo talvez do seu primeiro contacto com a civilisação basta-  
rada, que lá os foi procurar. Os Ipurinans são ainda como os matos virgens, têm todas as boas disposições da indole pri-  
mitiva, porém branda, sem os vicios e a depravação dos meio-civilisados. Amansados e doutrinados, serão no Purús o que são os Mundurucús no Tapajoz.

São baseados em informações officiaes e em particulares mui fidedignas os esclarecimentos e noticias que abi deixo, ácerca dos Ipurinans, entretanto mui diversamente se pronuncia a seu respeito o Sr. tenente-coronel Labre. « Têm indole perversa e maus instintos os Ipurinans, diz elle, e são verdadeiros antropophagos ; entregam-se exclusivamente aos negocios e práticas da guerra, pilhagem e as-  
sassínato.

O Sr. Chandless tem ácerca do Ipurinans a melhor opi-  
niā .

O Hyuacú é o limite dos Ipurinans. Dahi em diante co-  
meça a região habitada pelos Manetenerys, encontrando-se na distancia de 6 a 7 dias de viagem daquelle rio a estrada de que se servem estes, quando atravessam para o Jurúa, que desemboca no Solimões ; travessia que tambem realizam pelo pequeno rio Tarauacá.

Os Manetenerys são uma nação d'água. Abandonam fre-  
quentemente as malocas, mudam muitas vezes de habitação, e a maior parte do tempo gastam-no em viagens ou antes em passeios. São entretanto trabalhadores, cultivam o funio, de que fazem uso, colhem a salsa e o algodão que fiam e tecem com admiravel esmero e delicadeza, dando-lhe cores variadas e seguras. Com elle preparam as camisolás compri-  
das com que se vestem e os capuzes com que se cobrem, trajo que bem revela o antigo contacto desses indios com os missionários catholicos.

Mansos e intelligentes, vão alegres ao encontro dos brancos e acolhem-nos sem desconfiança, mas com certa sobranceria. As mulheres são mui claras, de olhos grandes e tornam-se notaveis pela sua belleza e modestia. Infelizmente, se os Manetenerys são mais civilisados que os Ipurinans, tambem são mais corrompidos. Furtam, quando podem, o que se lhes não quer dar ou vender, e mercadejam sem escrupulo com a

honra das mulheres, que aliás são tratadas por elles em certo pé de igualdade.

Empregam os Manetenerys diversas palavras de lingua hespanhola, pelo que julgam muitos que pertenciam elles ao territorio boliviano do Alto Purús.

Quasi todos fallam mais ou menos no Juruá e poucos o fazem ácerca do Ucayale. Parece estar verificada a suposição erronea do pratico Manoel Urbano, quando julgou ter chegado pelo Purús perto de Sarayaco. Sem duvida quizeram esses indios dizer-lhe que não estava longe do ponto em que então se achava elle pratico o varadouro para o Ucayale, por cujas aguas costumam descer para aquella povoação peruaña.

Como quer que fosse, a posição geographica do Purús e a de Sarayaco afastam a idéa de semelhante proximidade.

Refere o Sr. Chandless que de um velho Manetener y ouviu que gastara douis dias em varar as canoas e 10 dias, rio abaixo, pelo Ucayale até Sarayaco, onde conhecera o padre Antonio e vira fazendas de gado.

« Um dos mais velhos da tribu, fallou-me de um padre Antonio, a quem conhecera em Sarayaco, descrevendo-me a sua tonsura, imitando-lhe os gestos nas ceremonias da missa e repetindo mui distintamente ou antes cantando, as palavras « Espírito-Santo. »

E mais adiante :

« Disseram-me em Manáos, que esse padre Antonio era um frade italiano, que havia muitos annos tinha partido para explorar o Ucayale, induzindo ou obrigando a maior parte dos indios a se estabelecerem em aldeas, e que muitos, não se querendo sujeitar a isto, abandonavam o Ucayale e iam estabelecer-se á margem dos rios que ficam para leste. » (39)

Do rio Curyuá até o Rixalá, não ha indios. Das proximidades deste ultimo em diante começa-se a encontrar os Canamarys. Esta raça, que não é bonita, tem muito boa indole. Tão civilisados como os Manetenerys, embora menos emprehendedores, não são todavia, como elles, desmoralizados e emprehendedores. Usam de camisolás iguaes ás daquelles, e tambem fabricam panno, posto que inferior. Na cabeça, em vez de capuz, trazem ornatos de pennas escolhidas e de côres brilhantes.

Entre elles, tem o Purús o nome de Pacayá.

Além da foz do Caimahá existem os indios Catianás trajados como os Canamarys, ornados de pennas na cabeça como estes, porém no mais semelhantes aos Manetenerys, de cuja indole participam, posto não sejam com elles parecidos nem nas feições, nem na estatura, que a têm menor.

Cultivam o fumo, o algodão, o milho e colhem a seringa, que alli se encontra em abundancia e com a qual se allumiam.

Essa tribo é a ultima do Alto Purús. Dahi por diante raros vestigios se observam da existencia ou antes da passagem de indios. Todavia parece que outras tribus habitam o interior das terras, que mui raras vezes abandonam, ou o fazem temporariamente para virem ao rio em busca d'agua, quando na maior força do verão, seccam provavelmente os fontes e igarapés.

Disto persuade a existencia de trilhos estreitos e quasi obstruidos, partindo das margens para o centro.

Diz o Sr. tenente coronel Labre, que lhe consta haverem no alto Purús mais as tribus seguintes : Auainamary, Cujigenery, Cachapan, Imainanan, I-pinó, Cuxixiniiry, Carunan, Cigananery, Turumaty, Paicyey, Xiapuniry, Miriximandy, Mamury, Hymaniry e Araras para o interior ; e que além destas ha outras de cujos nomes não se sabe, nos affluentes do Purús não explorados.

As tribus Pamanan, Simarunan, Caripuna, Cathanichys, Pamary, Jamamandy, Caxarry e Uatanary, habitam as margens do médio Purús e de seus affluentes.

Os Pamanans vivem nas terras altas do rio Ituxy e parecem ser os mesmos do rio Mucuhy : são pacificos e indolentes.

Os Simarunans e Caripunas habitam as margens do rio Mucuhy e são pacificos.

Os Cathanichys, habitam as margens dos rios Mucuhy, Mary e Pacihan e as terras altas. São pacificos por indole, assieados, bem apessoados e claros. São cultivadores e fabricam louça de barro, que pintam e de que fazem commercio mui limitado.

Os Pamarys que habitam actualmente o médio Purús, habitavam outr'ora o baixo Purús.

Vivem nos rios e lagos, alimentam-se especialmente de peixe e tartaruga ; as suas cabanas são feitas nos lagos em jangadas ou balsas.

São destros remadores, entregando-se ao trabalho do mar; são verdadeiros canoeiros ; as montarias de que se servem e que têm o nome de ubás, são por elles perfeitamente trabalhadas. Fazem algum trabalho na extracção dos productos naturaes, que trocam por mercadorias e bebidas, especialmente a cachaça. Aquelles que estão mais em contacto com a gente civilisada, andam vestidos, porém voltando para as selvas andam nus. São os selvagens mais conhecidos desses lugares, por se não arredarem das margens dos rios e lagos. São asquerosos e repellentes pelas molestias de pelle, que soffrem, as quaes se têm tornado hereditarias ; tornam a pelle escabrosa, produzindo uma conichão horrivel. São manchados ou pintados de branco, tornando-se foveiros, especialmente as mãos e os pés.

Temem muito as tribus guerreiras e quasi nunca se batem.

Os Jamamandys têm os mesmos habitos e costumes e vivem em terras altas e nas mesmas condições que os Cathanichys ; são agricultores ; não fazem commercio e fogem do contacto civilisado.

Os Caxarryys e os Uatanarys habitam o alto Ituxy, vivendo em grandes aldêas: são plantadores e pacíficos

As tribus, Muza, Curuhaty, Simaniry, Catuquina e Cipó, habitam o baixo Purús.

Os Curuhatys habitam o Paraná-pichuna; são corpulentos e reforçados.

Os Simaniryys, Catuquinas e Cipós habitam as matas do rio Tapanha.

Sem uma só cachoeira que lhe interrompa o curso, oferece o Purús uma navegação regular e franca até a distância de 400 leguas da foz e em uma grande parte do anno, com exceção sómente dos meses de maior vasante.

Em meia altura das águas, a profundidade perto da foz é de 8 a 9 braças no canal, e 250 leguas acima, encontra-se ainda o mesmo fundo no tempo da enchente. Calculando-se com um abaixamento médio de 50 palmos, vê-se que, ainda no limite da vasante, os maiores navios podem chegar a essa distância, pois que a inclinação do leito do rio é diminuta até o rio Muenim e só se torna bastante pronunciada do rio Pauynim em diante.

Em alguns lugares acima de Hyuntanahan, encontra-se rochedos encostados às margens e poucas vezes no meio do rio. Os mais notáveis são o baixio de Camary, formado por uma lage e que nos annos de secca rigorosa dificulta a passagem; e as pedras de Yabiturihá, que não impedem a navegação, visto como passa um bom canal pela margem direita. Sobre todas as mais, qualquer vapor próprio para essa navegação pode passar livremente na meia vasante. Na enchente, não há o menor perigo, porque sobre elas passam 4 a 4 1/2 braças d'água. No termo da vasante ficam à descoberto e com facilidade são evitadas.

E' por conseguinte o Purús o mais importante afluente do Amazonas até hoje conhecido. O Juruá, segundo as informações dos praticos, não faz grande diferença deste, mas ainda não foi devidamente explorado. Sem cachoeiras, sem grandes correntezas, sem ilhas que lhe obstruam o leito, diminuindo a profundidade pela divisão das águas, o Purús não só oferece livre e mais extensa navegação do que qualquer outro dos tributários do grande rio, como estabelece comunicação para a parte mais rica da América do Sul.

« Traçai na imaginação, diz o Sr. Tavares Bastos, o quadro grandioso dessas enormes correntes d'água, que se despejam no Amazonas, que descem do centro da América do Sul em linhas paralelas e próximas! Pesai na phantasia os designios do Creador que dotou esse imenso paiz de tantos recursos! Não é realmente o paraíso das gerações futuras, como disse Humboldt?»

Terinino esta breve e incompleta notícia sobre o grande afluente do Amazonas, transcrevendo aqui o officio que com data de 24 de Novembro de 1861 foi dirigido ao presidente do Amazonas pelo Sr. Dr. Coutinho, relativamente à viagem do pratico Manoel Urbano explorador do Purús.

« No dia 19 do corrente, chegou à esta capital (Manáos) Ma-

noel Urbano da Encarnação, que por ordem de V. Ex. exarada em officio de 27 de Janeiro deste anno, fôra incumbido de examinar a communicação que diziam haver entre o rio Purús e a parte superior das cachoeiras do Madeira, sem o menor obstáculo.

« A ser verdade o boato que corria, estava resolvida a grande questão da navegação livre para Mato Grosso, de extraordinario interesse ao Imperio. Theoricamente fallando, essa comunicação entre o Alto Madeira e o Purús, sem o embaraço das cachoeiras, parece quasi impossivel; no entanto a noticia devia ser verificada, porque importava um melhoramento de ordem superior, e tanto mais quanto a despeza do primeiro reconhecimento era insignificante.

« Segundo as informações de Manoel Urbano, gastou elle na viagem da foz do Purús ao seu affluente Ituxy 55 dias em canôa mediana, subindo A distancia, pelo que se pôde concluir da navegação em canôas, deve regular de 120 a 130 leguas proximamente.

« Do Ituxy seguiu no dia 19 de Abril e navegou 100 dias, tendo passado por 26 malocas de indios, 17 da tribu Ipurinã, 2 da Jubery, 2 da Jamamandy, 1 da Canamary, 3 da Mantenery e 1 da Ipurinã e Canamary.

« Não continuou a viagem em razão de ter encontrado dous indios, que informaram não distar muito a povoação boliviana de Sarayacó, de onde vinham e da qual é pastor o padre Antonio; havendo, além delle, outras pessoas civilisadas.

« Até o ponto a que chegou, informa Manoel Urbano, que podem, na época da enchente, navegar vapores de 6 a 8 palmos de calado. Em certos pontos encontram-se pedras no leito do rio; mas não é embaraço que impeça a navegação.

« A viagem de Ituxy em diante devia ser muito demorada, como foi, caminhando regularmente 5 leguas por dia, o que dá 500, que junto a 120 perfazem a somma de 620 leguas de navegação.

« A distancia que vai da foz do Madeira á ultima cachoeira é de 250 leguas, pelas voltas do rio: dando-se o mesmo desconto para o Purús, vê-se que, ou este rio volta ao poente, a partir de 200 leguas, segue bordando o platô que a essa distância se levanta no interior, e que occasiona as cachoeiras do Madeira e de outros rios á quem deste, que affuem no Amazonas pela margem direita, ou que, correndo paralelamente ao mesmo Madeira, a elevação do terreno é pouco sensível, tanto assim que o curso deste é interrompido por cachoeiras, e aquelle não tem senão algumas pedras no leito.

« Manoel Urbano, chegando ao affluente Aquiry, que dista 33 dias de viagem de Ituxy, foi informado pelos indios desse rio, que o Madeira se comunicava com élle. Seguiu, pois, em suas aguas; mas, não tardou em reconhecer que era falsa a informação, porque o canal, que diziam vir do Madeira, dimanava de um outro affluente do Purús.

« Apezar disso, continuou a navegar o Aquiry, durante 20 dias, no fin dos quaes voltou, porque as aguas tinham baixado muito.

« Nas margens deste rio acharam-se douos esqueletos de grandes dimensões, dos quaes trouxe Manoel Urbano, duas vertebras, uma costella e douos dentes. A costella teve de ser lançada ao rio, porque a canôa não accomodava tão grande volume.

« Não é possível determinar-se, mesmo aproximadamente, a especie a que pertencem os animaes, á vista dos ossos que vieram.

« A partir do affluente Seuinim, na maloca Cachapá, apparece grande quantidade de sáes de potassa e sóda e sulfureto de ferro, nas margens do Purús, e assim nos seus tributarios, principalmente no Aquiry.

« Ahi sente-se frio, as aguas são muito salobras, e não havendo cautela soffre-se de febres e dôres intestinaes.

<i>Margem direita.</i>	<i>Distancia a Ituxy.</i>
<i>Sepatynim</i> .....	6 dias.
Tem 100 braças de largura e fundo de 15 palmos.	
Aqua preta.	
<i>Aicimam</i> .....	7 »
Tem 40 braças de largura ; sécca pelo verão. Aqua preta.	
<i>Tomehan</i> .....	10 »
Tem 15 braças de largura ; sécca. Aqua preta.	
<i>Mamuriá-apé</i> .....	12 »
Tem 50 braças de largura e fundo de 6 palmos.	
Aqua preta.	
<i>Seriuinim</i> .....	15 »
Como o antecedente.	
<i>Aquiry</i> .....	33 »
Tem 130 braças de largura e 20 palmos de fundo.	
Aqua branca.	
<i>Tiquirimam</i> .....	49 »
Tem 20 braças de largura ; sécca pelo verão. Aqua preta.	
<i>Hyuacú</i> .....	58 »
Tem 200 braças de largura e 20 palmos de fundo.	
Aqua pardacente.	
<i>Aracá</i> .....	75 »
Tem 60 braças de largura e 8 palmos de fundo.	
Aqua branca.	

<i>Margem esquerda.</i>	<i>Distancia a Ituxy.</i>
<i>Mamuriá-mirim</i> .....	4 dias.
Tem 40 braças de largura e 6 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Pauynim</i> .....	17 »
Tem 420 braças de largura e 15 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Seuynim</i> .....	19 »
Tem 50 braças de largura e 9 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Inauynim</i> .....	26 »
Tem 200 braças de largura e 20 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Canguity</i> .....	48 »
Tem 40 braças de largura, sécca pelo verão. Agua branca.	
<i>Taranacá</i> .....	81 »
Tem 30 braças de largura e pouco fundo. Agua branca. Informam que este rio communica-se com o Hyuruá na época da enchente. Sendo assim, passa além das cabeceiras do Coary e Teffé, o que de alguma sorte combina com a cāta da America meridional, organizada por Dufour.	

<i>Margem esquerda.</i>	<i>Distancia a Ituxy.</i>
<i>Curian-han</i> .....	88 dias.
Tem 25 braças de largura e pouco fundo. Agua preta.	
<i>Rixala</i> .....	91 »

• Chegando ao Rixala e não sabendo em que altura se achava, não podendo por falta de recursos seguir acompanhado do comboi, Manoel Urbano resolveu continuar a viagem em montaria, deixando nesse ponto as canôas maiores. Tinha caminhado seis dias quando encontrou os dous índios, que deram notícia da povoação de Sarayaco. Destas informações conclue-se até certo ponto o que a razão já havia demonstrado, que é impossível passar-se do Purús ao alio Madeira sem obstáculo de cachoeiras.

• A população indígena das margens do Purús calcula-se em 5.000 almas. A ultima tribo que encontrou Manoel Urbano, denominada Manetenery, é a mais numerosa ; planta algodão, fia e téce pannos para confecção de roupas e vestidos

que têm muita semelhante com os que usam os bolivianos, que descem pelo Madeira. As mulheres trazem sómente uma tanga. Vivem fartos, têm grandes pacovas á margem do rio, e são, com geral, bem feitos e bonitos. A habitação fixa desta tribo é no interior. Manoel Urbano suppõe que ella não pertence ao Brazil, não só pela grande distancia a que está do Amazonas, como também pelos costumes, que são todos bolivianos.

« A' esta succede a tribo Canamary, muito propensa á agricultura. Tambem planta algodão e as indias fabricam rêmudas de boa qualidade. Os homens andam nus e as mulheres usam de tanga.

« Os Ipurinãs, que vêm apôs, occupam uma grande extensão do Alto-Purús; não plantam regularmente, nem usam de vestuario; as mulheres trazem apenas uma folha verde sobre as partes genitales. São inclinados á guerra, empregando grande parte do tempo em seus preparativos e enfeites: As outras tribus respeitam-os. Alguns que se têm domesticado são doceis e muito propensos ao trabalho, não desmentindo até hoje a boa fama de que gozam.

« A tribo Jamamandy, vizinha da Ipurinã, é numerosa e muito inclinada á lavoura, empregando-se tambem na caça. Só as mulheres usam de tanga.

« Os Juberys soffrem de impingens e outras molestias de pelle, talvez devido á moradia em giráos sobre terras alagadas e encharcadas. Homens e mulheres são feios e asquerosos. Fazem pequenas roças, e não ha quem lhes vença na pesca. As tribus guerreiras não perseguem os Juberys, por causa da humildade natural destes indios e a vocação que têm pela musica; soffrendo e cantando abrandam a ferocidade dos inimigos.

« No Ituxy vive a tribo Pamanã, que applica-se muito ao trabalho agricola; os indios são claros, bem feitos e bonitos. Os instrumentos que empregam os indios na lavoura e na fabricação do fio e pannos, são preparados por elles; usam do machado de pedra e não têm conhecimento das nossas ferramentas.

« Manoel Urbano informa que elles desejam a civilisação e não offendem ás pessoas que lá vão, como aconteceu nesta viagem.

« E' uma verdade incontestavel, que o indio é naturalmente bom. As tribus que resistem presentemente á catechese, que não creem no interesse que tomamos pelo seu bem estar, pagando o beneficio com ingratidão; essas experimentaram já a má fé e brutalidade dos exploradores dos nossos sertões, á malefica sombra das Bandeiras; e sem o discernimento preciso para distinguir a acção do individuo, julgam ver um inimigo no primeiro civilizado que se lhes apresenta.

« Com os indios do Purús, quasi no estado primitivo, seria conveniente ensinar-se a catechese bem entendida, que tem por base a educação moral, o trabalho proporcional ás inclinações do indio, o respeito a Deus e ao proximo. »

A questão preliminar das cabeceiras do Amazonas, alterou completamente o plano que eu havia formulado na confecção deste trabalho, ou antes creio que me não seria possível seguir um plano certo e invariável, em consequência do modo tão amoral por que realizo esta comissão, sendo obrigado a andar constantemente de um para outro ponto e sem poder fixar-me em lugar certo e estavel.

Hei de ir pois escrevendo, segundo as impressões do momento e segundo a ordem por que me forem chegando os apontamentos e esclarecimentos de que tiver necessidade.

Se me fôr possível um dia, se o destino que inexorável me acompanha como a sombra ao corpo me permittir algum descanso, hei de então reunir e coordenar estes apontamentos, que ahi vou deixando no papel, sem ordem, sem nexo e sem methodo, e formarei com elles um livro, que talvez possa ser lido com attenção e interesse.

E' um serviço que pretendo e que desejo prestar ao meu paiz.

Ainda recebe o Solimões, a 908 milhas da foz, tomando então o nome de Amazonas, o Rio Negro, que é um dos seus maiores affluentes e dc maior largura do que elle.

Nasce o Rio Negro ao Oriente de Popayan, na Nova Granada ao N. E. do Caquetá, na latitude de  $2^{\circ} 30' N$  e  $36^{\circ} 49' O$ , de Olinda, segundo o Sr. capitão tenente Amazonas.

Davam-lhe os indigenas a denominação de *Quiary* e ainda a de *Guriguacurú*, e na parte superior a de *Ueneyá*.

Corre na direccão de E. S. E. e vem confluir com o Solimões em  $3^{\circ} 9' de lat. S.$  e  $25^{\circ} 17' de long.$  Neste lugar estreita consideravelmente, de modo a não exceder de uma milha, quando á alguma distancia de sua confluencia alarga tão consideravelmente, de modo a ter de quatro a seis leguas de largura ou como diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, de sete para oito leguas, na distancia de duas leguas da foz.

Sem duvida nenhuma que a côr das aguas deste rio, que contrastam com as do Solimões, foi que deu motivo a lhe terem dado a denominação de Rio Negro. « Ellas ( as aguas ), diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, vistas no rio sâo de um escuro tão fechado, que parecem um lago de tinta preta; porém a sua verdadeira côr é de alambre, como se conhece quando se tomam em um copo. Pelas observações optico-phisycas se vêm no claro conhecimento daquella côr preta, que se deve procurar nas razões, de onde se tiram as causas da opacidade dos corpos. Uma só superficie ou lamina daquella agua é de côr de alambre e transparente, mas unindo-se diversas laminas e superficies turbam a transparencia e causam a opacidade, e por consequencia quanto maior fundo, tanto maior será o escuro. O que bem se observa, reparando-se que á borda da agua até tres palmos de extensão, em que o fundo não chega a um, mostra a agua a côr de alambre. A causa desta côr de alambre conjectura-se provir dos bitumes, que encontra o rio nos grandes e multiplicados rochedos por onde passa em quasi todo o seu curso, descendo das cordilheiras do Popayan. Outros querem que esta côr provenha das ar-

vores, que inunda, por ser todo cheio de ilhas alagadiças: o que não parece improvável. »

« As aguas, diz La Condamine, mostram aos olhos um es-  
curo tão carregado, que mais parece um lago de tinta preta.  
Não é difícil de conceber que, unindo-se muitas laminas ou  
superficies desta agua, hão de turvar infallivelmente a sua  
transparencia; e quanto mais alto fôr o fundo, tanto maior  
deve ser o escuro: daqui vem que junto á beira, onde o  
fundo é mais baixo a agua quasi mostra a sua cor natural. »

O terreno que forma o valle do Rio Negro, segundo o rela-  
tório do Sr. engenheiro Joaquim Leovigildo de Souza Coelho,  
e que temos á vista, pertence á terceira formação geologica.  
A rocha predominante é o psammito mais ou menos decom-  
posto. Em toda a extensão do rio encontram-se duas camadas  
bem distintas de argilla; uma inferior de argilla branca,  
fina, muito plastica, e outra superior, colorida de vermelho  
pelo óxido de ferro.

Em muitos lugares esta ultima camada, em vez de ser de  
argilla vermelha pura, é um composto della e de areia e cons-  
titue uma camada argillo-arenosa. Em Thomar, Moreira e em  
toda a extensão do valle do Rio Negro, que fica entre estes  
dous lugares, esta camada argillo-arenosa é bas'ante espessa  
e tem em grande quantidade sido levada pelas aguas do rio;  
por sua consistencia esborrâ-se ao nível d'agua, que infil-  
trando-se a amollece e faz cahir. As duas povoações acima  
estão edificadas em barreiras; e a agua todos os annos faz  
cahir parte do terreno que está a pique.

Em S. Gabriel esta camada ainda tem areia, porém não tão  
fina, como nos outros lugares; ahí a argilla está misturada  
com uma especie de cascalho fino. No mesmo lugar ella tem  
uma espessura consideravel em alguns pontos, porém no  
porto de desembarque dos navios que descem o rio, não se  
lhe encontra vestigios, existindo sómente a de argilla branca.

Na margem esquerda do rio, no sitio Ananacá, que fica  
entre a povoação de S. José e o lugar em que existiu a de Ma-  
çarabi, acontece o mesmo: todo o porto só tem a camada de  
argilla branca, faltando-lhe a outra, ou por ter sido levada  
pelas aguas, ou porque no tempo em que ella se depôz, acha-  
va-se o terreno nesse lugar acima do nível d'agua.

Um exemplo ainda mais sensivel da falta desta segunda ca-  
mada de argilla envermelhada pelo óxido de ferro, é o que  
se nota em uma ilha entre a cidade de Manáos e a freguezia  
de Tauapessassú, e mais perto daquella. A ilha tem o nome  
de Boia-assú, por se achar na bahia do mesmo nome. Ahí o  
terreno é argilla branca sem traços de outra camada, que  
existe sempre acompanhando-a em quasi todo o valle do rio  
e tambem sem vestígios de terra vegetal. Entretanto nessa  
ilha encontram-se arvores immensas. Em grande parte da  
margem direita do rio, de Moreira para a sua foz, vê-se per-  
feitamente a linha de separação das duas camadas.

Convém notar, diz ainda o Sr. engenheiro Souza Coelho,  
que em alguns pontos da camada branca, a argilla está colo-  
rida de amarello e algumas vezes de rôxo.

Em todo o leito do rio encontram-se pedras ora reunidas e salientes, formando ilhas em cujos intervallos se depôz a terra acarretada pelas aguas e tem crescido arvores ora isoladas, algumas vezes salientes, outras vezes mergulhadas.

Em alguns lugares, o porto é formado por um rochedo em pequena inclinação para o leito; em outros, toda a base da povoação é um rochedo, sobre o qual em alguns lugares existe argilla vermelha. Todas as rochas desses lugares são graníticas.

Na fronteira do Cucuhy, são de granito, não só a serra do mesmo nome, como grande parte das denominadas Mussüm, Curicuriari e Jacamim. A do Cucuhy é toda de granito e um dos seus montes, o de S. José, tem quasi a configuração do Pão de Assucar da barra do Rio de Janeiro, com a unica diferença de que o Pão de Assucar afina-se mais para o zimo do que aquelle.

Nas margens do Rio Negro, de Barcellos para baixo, encontram-se pedras de origem sedimentaria, nas quaes predomina a cal ou argilla. Ellas apresentam-se em pedaços arrumados sem ordem; pela acção das aguas foi levada a camada de argilla sobre que estavam; os diversos stratos, e não se podendo mais sustentar na posição que ocupavam, cahiram e despedaçaram-se uns sobre os outros e dahi provém a maneira por que estão atirados, bordando toda a praia.

No Aracary, lugar de uma povoação abandonada sobre uma camada, que se eleva regularmente a duas braças sobre o nível d'agua do rio (em principios do mez de Outubro), e em alguns lugares a quatro braças, formada de areia com alguma consistencia, existe outra de psammito em decomposição. A primeira por sua pouca consistencia foi esburacada pelas aguas e apresenta diversas arcadas, começando umas mais abaixo do que outras, de modo que com a de tres palmos de espessura, que fica-lhe por cima, aparece de longe, fingindo diversas casas e uma igreja; pelo que dão a este lugar o nome de igrejinha.

Pode-se dizer que de Barcellos para baixo só existe o psammito e que do mesmo lugar para cima é o granito que predomina.

A formação de todo o valle do Rio Nengro é a mesma que se observa em Manáos, em que em alguns lugares vê-se a camada de argilla vermelha sobre a branca, resultado da decomposição do psammito, havendo contudo camadas de argilla plastica intercalladas.

Em 1637 o celebre capitão-mór Pedro Teixeira, em sua subida a Quito, descobriu a foz do Rio Negro e praticou com os Uaranacoacénas (40)

---

(40) A 12 de Dezembro de 1639 chegou a Belém (capital do Pará) de sua viagem a Quito o capitão-mór Pedro Teixeira. Este preclaro cidadão, diz um chronista, chegou a Quito nos fins de Setembro de 1638, sendo recebido com grande enthu-

Em 1658, entrou pela primeira vez o Rio Negro o jesuita Francisco Gonçalves, segundo pretende o padre Antonio Vieira em uma carta datada de 11 de Fevereiro de 1660 e dirigida a rainha D. Luiza de Gusmão, regente durante a menoridade de D. Afonso VI.

Em 1669, sob o governo do capitão-mór do Pará, Paulo Martins Garo, o capitão Pedro da Costa Favella, famoso por ter sido um dos officiaes que acompanharam Pedro Teixeira à cidade de Quito, e mais ainda pela celebre expedição do rio Urubú em 1665, tendo notícia de que no Quary ou Rio Negro habitava a nação dos Tarumãs, a foi procurar em companhia do padre Fr. Theodosio, religioso mercenario, e por intermedio dos Aruaquis foi admittida á pratica e se fundou a primeira povoação do Rio Negro, com a denominação de aldêa de Tarumã, na sua margem septentrional.

Em 1670 Francisco da Motta Falcão fundou a fortaleza de S. José da Barra do Rio Negro, na distancia de tres leguas acima da sua confluencia.

Em 1693 o sargento Guilherme Valente, da guarnição da fortaleza da Barra do Rio Negro, penetrou este rio até a boca do Caburiz, alli travando amizade, chamou á civilisação os Caburicenas, os Carayahis e finalmente os Manáos, com os quaes fundou a aldêa de Aracary, casando para melhor conseguir o seu empenho com a filha de um dos principaes da tribu.

Em 1695, entraram os religiosos carmelitas o Rio Negro (41) e começaram a sua missão pelos Uaranacoacenas, com os quacs fundaram o terceiro estabelecimento do Rio Negro.

---

siasmo e bom agasalhado de todos e saiu de lá em 16 de Fevereiro de 1639, depois de se ter demorado quasi cinco meses. No seu regresso para Belém acompanharam-no os douz jesuitas Fr. Christovão da Cunha, reitor do collegio de Cuenca e Fr. André de Artieda, professor de theologia no seminario de Quito e os mercenarios calçados Fr. Pedro de la Rua, Fr. João das Mercês e outros.

O bom resultado desta viagem produziu grande contentamento e abalo nos moradores de Belém, os quais se agrupavam em todos os lugares para saudar e festejar o navegador audacioso. Poucos dias depois partiu Pedro Teixeira para o Maranhão, a dar conta da sua commissão ao governador geral do Estado, que alli se achava.

(41) Os religiosos carmelitas, diz Baena, principiaram a transfundir nos sylvicos do dito rio (Negro) a doutrina de Jesus Christo optimo e maximo; e a banhar do mais radios luzeiro aquellas cabildas de homens boscarejos, de cujos costumes selvagens e ferinos o espectaculo é amargoso e lamentavel, porque dá a entender quanta alluvião de erros investe com a misera humanidade, se destituida se vê do conhecimento das sciencias e do presidio da fé diyina.

Em 1725, segundo o capitão tenente Amazonas, ou em 1743 e 1744, segundo o ouvidor Sampaio e outros, varias bandeiras exploradoras ou tropas chamadas de resgate, munidas das ordens necessarias e á expensas do governo, subiram o Rio Negro e assentaram seus arraiaes nas margens do Yauitá, seu confluente, acima do Cassiquiare, de onde expediram explorações a todos os confluentes, pelos quaes conhecerao que comunicava o Orenoco com o Rio Negro pelos canaes Iniridá, Paraná, Pacavicá, Tumbu e Cassiquiare, antes que destes tivessem os hespanhóes a menor notícia.

« Pelo contrario, diz o Sr. Ignacio Accioli, duvidavam inteiramente desta communicação. O jesuita Gumilla, superior das missões do Orenoco, na sua obra *Orinoco illustrado*, 1.<sup>a</sup> parte, cap. 2.<sup>o</sup>, pag. 17, diz assim: « *Ni yo, ni Missionero alguno de los que continuamente navegan costeando el Orinoco, hemos visto entrar ni salir al tal Rio Negro. Digo ni entrar, ni salir, porque, supuesta la dicha union de rios, restaba por averiguar de los dos, quien daba de beber a quien. Pero la grande y dilatada cordillera que media entre Maranon y Orinoco, escusa a los rios deste cumplimento, y nós otros de esta duda.* »

Na mesma obra, depois de fazer uma minuciosa descrição do Orenoco e seus affluentes, nada diz da parte superior, nem do Paraná, e menos do Cassiquiare. Nesse Paraná e no Cumucumã, a que chamam *rio das Esmeraldas*, pelas que ahi se descobriram, fundaram os hespanhóes algumas povoações.

Em 1744, Francisco Xavier de Moraes, tendo entrado com uma força ou *bandeira* no rio Orenoco pelo Cassiquiare e sahido pelo Paraná, recebeu no seu arraial de Avidá o jesuita Manoel Romão, primeiro hespanhol que viu e convenceu-se de tão importante commuicação.

Entre as correntezas e quedas d'água, que no Rio Negro tomam o nome de cachoeiras, sómente merecem semelhante denominação as do Tarumã, Camanáos, das Furnas, abaixo de S. Gabriel e as de Curuby e S. Gabriel, na povoação deste nome.

A maior parte das cachoeiras e correntezas ficam entre S. Gabriel e a cidade de Manáos. Acima daquella povoação sómente existem as seguintes: Paraná-pecuma, Pequiara-pe-cuma, Matapy, Amary, Ponta do Remo, Caldeirão de S. Miguel, Carangueijo e Tamanduá-bandeira. Mesmo esta ultima fica no rio Uapés, perto da sua foz.

De todas estas as maiores são as do Caldeirão, de S. Miguel e Carangueijo. A primeira é perigosa para as montarias e igarités, por causa do redenho que nella existe e que se forma de dous em dous minutos. Fica pouco acima de S. Gabriel, na mesma margem em que se acha situada esta povoação e no lugar em que existiu a de S. Miguel de Ipirama.

A outra, a do Carangueijo, tambem causa medo ás montarias, por ser muito tortuosa e de grande largura. Fica na margem direita.

Abaixo da povoação de S. Gabriel, ficam as seguintes cachoeiras, a contar de Manáos: Taranuman, Maçaraby, Joa-naby, 2.<sup>a</sup> Joanaby, Maribidá, outra sem nome, Guariba, Ca-manáos, mais tres sem nome, Marixiqui, Mabê, Perra do Veado, Pederneira, Santarém, Tapajós, Cujobim, Kikirui, Inambú, Furnas, Mão e Arapassú.

A cachoeira do Taruman (42), talvez a mais linda das ca-

---

(42) A cachoeira do Taruman, conhecida geralmente em Manáos pela denominação de Cachoeira-grande, para differenciar de outra mais proxima á cidade e a que dão o nome Cachoeirinha, é um sitio de tradicionaes recordações para os habitantes do lugar. Diversas lendas me referiram, que com ella tem mais ou menos relação. Entre outras ha a lenda da *Uyara*, tão popular no Amazonas e que não possa resistir á tentação de tambem referil a aqui. Vai pouco mais ou menos como me foi contada.

Desculpe-me o leitor se me não fôr possivel dar-lhe aquella feição local e pittoresca, aquella poesia singela, que tanto realçam e embellezam semelhantes composições:

A UYARA.

*Lenda.*

Era na *taba* de Manáos, hoje a altiva princeza do Rio Negro.

E um dia, um moço tapuio, filho do *tuchaua*, dirigiu-se em uma *igara* ao pequeno regato, que banha a ponta do Taruman.

Era um moço lindo, e mais lindo d'entre todos os moços da sua tribu.

Valente e ousado como elle nenhum outro havia apparecido.

Ninguem com mais destreza manejava a *zarabatana* temivel, cuja flecha envenenada cortava em meio dos ares o vôo da *aracuan*.

Ninguem com mais coragem brandia o *tacape* e entesava o arco.

Nos jogos com que celebravam as festas, sempre a palma da victoria cabia ao moço tapuio, ante quem os proprios anciãos se curvavam respeitosos.

Era o orgulho da tribu e o digno successor do velho *tuchaua*, que tantas vezes fizera morder a poeira aos ferozes mundurucús.

E um dia o moço tapuio dirigiu-se em uma *igara* ao pequeno regato, que banha a ponta do Taruman.

Era uma tarde lindissima e o sol que descambava já por trás da collina sombreada por espessa mata, reflectia-se bri-lhante nas aguas da vasta bahia, formada pelo Rio Negro.

O céo estava limpido e transparente do horizonte, formavam as nuvens uma orla de ouro e de rosa.

E a *igara* em que ia o moço tapuio cortava ligeira as aguas buliçosas do rio.

choeiras do Rio Negro, fica a quatro leguas pouco mais ou menos de Manáos. Domina uma elevada ribanceira toda

---

E triste como o canto da hiamara, assim o semblante do moço tapuio.

Voltando do passeio bem tarde, havia atado a igara ao tronco da *mamaurana* e a noite levou-a sentado á soleira da maloca, pensativo, taciturno e proferindo de quando em vez palavras entrecortadas e sem sentido.

E a velha tapuia que amava-o com esse estremecimento das filhas das selvas, chorava silenciosa ao ver a tristeza profunda, que sombreava o semblante do filho

« Ouve, māi, disse o moçó, ouve, porque só a ti me atrevo a contar as tristezas, que me pungem a alma.

« Era uma moça tão linda . tão linda, como ainda não encontrei assim entre as filhas dos Manáos.

« A tarde era bella e a igara vogava ligeira em direcção á ponta do Taruman.

« De repente ouvi como um cantar longinquo, como uma voz harmoniosa que se confundia com o susurrar da brisa por entre as folhas das palmeiras.

« E a igara cortava ligeira as águas do rio e mais distinatos me chegavam aos ouvidos os sons daquella voz que cantava.

« E depois eu vi... Como era bella, māi ! Como era bella a mulher que alli se achava !

« Estava sentada á margem do rio. Tinha os cabellos louros como se fossem de ouro, presos por flôres de *morerú* e cantava e cantava, como nunca ouvi cantar assim.

« Depois ergueu os olhos verdes para mim, sorriu-se um momento, estendeu-me os braços, como se nelles me quizesse enlaçar e desapareceu cantando por entre as águas do *igarapé*, que se abriram para recebel-a.

« Māi, como era linda a moça que alli vi... Como eram melodiosos os sons daquella voz que cantava ! »

Dos olhos da velha tapuia cahiram pelas faces tostadas duas lagrimas silenciosas.

« Filho, murmurou, não voltes mais ao *igarapé* do Taruman. A mulher que alli vistes é a *Uyara*, filho ! ... Seu sorriso é a morte... não lhe ouças a voz, para que não cedas ao encanto. »

E o moçó tapuio, sentado á soleira da maloca, deixeu pender para o chão a fronte pensativa.

E no dia seguinte, ao pôr do sol, a igara descia de novo ligeira as águas do Taruman

Nella ia o moço tapuio, esquecido dos conselhos maternos.

O que lhe aconteceu depois, ninguem sabe, porque tambem ninguem mais o vira. Diziam porém alguns pescadores, que ao passarem pelo *igarapé* do Taruman em horas mortas da noite, viam ao longe um vulto de mulher, que cantava, e ao lado della um vulto de homem.

E quando algum mais ousado se aproximava, abriam-se as águas do rio e nellas os dous vultos se atiravam.

feita de pedra; tem oito braças em sua queda e a correnteza é de quatro milhas. E' formada por um verdadeiro parallelogrammo tão simetrico, que mais parece obra esmerada da mão do homem do que da natureza. As margens são armadas de magestosos arvoredos e o fundo da cachoeira é todo como matizado de pedras delicadas.

A pancada é tão forte que chega-se a ouvir na distancia de duas leguas o nevoeiro que se desprende das aguas reflectido pelos raios solares, fórmam um dos mais lindos e deslumbrantes panoramas.

A cachoeira de Camanáos fica em uma ponta formada por uma grande pedra na margem esquerda do rio.

E' em um lugar desta ponta que descarregam as canôas e igarités, que depois de haverem assim passado a cachoeira por meio de esprias, são de novo carregadas acima da mesma cachoeira.

A das Furnas é uma das mais bellas cachoeiras do Rio Negro. Ha no lugar da cachoeira um rochedo de faces planas e perpendiculares, de duas a tres braças de largura e duas de altura, acima do nível d'água e que se estende da margem esquerda para o centro do rio em fórmula de muro. Na extensão de 12 braças da praia acaba verticalmente. Mais adiante e na mesma direcção existem grandes pedras tendo algumas tres braças de comprimento. E' entre o muro e estas pedras que fica a cachoeira das Furnas, e a agua corre ahi com extrema velocidade pela pequena passagem que lhe deixa o muro.

Para quem sóbe o rio, antes de chegar ao dito muro de pedra, ha um porto de desembarque e uma pequena picada que conduz á uma praia acima da cachoeira.

As duas cachoeiras de Camanáos e Furnas ficam nas margens esquerdas do rio e felizmente não se estendem a mais de 10 braças para o centro, perpendicularmente á direcção do leito, de modo que pôde um vapor passar pelo canal, sem sofrer o effeito dellas.

Na cachoeira de Camanáos descarregam as igarités, a fim de mais facilmente poderem ser puxadas á espia. O mesmo dá-se de S. Gabriel ao Cucuhy.

Nas rochas que constituem as cachoeiras cresce uma planta de folhas carnudas e mui salitrosas, a que os naturaes dão o nome de *cururé*. Desenvolve-se em grande abundancia e fórmam assim sobre as pedras um como colchão macio por onde facilmente escorregam as canôas, sem que sofram a menor avaria. Os moradores vizinhos, principalmente os índios, aproveitam-se della para extahirem o sal de que fazem uso; de modo que o *cururé* é um recurso inestimável para os povos do alto Rio Negro.

Entre os tributarios ou affuentes do Rio Negro avulta o Rio Branco, que com elle perfeitamente contrasta pela cor das aguas. E' o maior dos tributarios do grande tributario do Amazonas. Entra, na margem esquerda, 54 leguas acima da foz, seguindo a direcção geral do sul. Pretendem alguns, que se forma este rio da juncção do Uraricoera com o Tacutú;

outros que o Uraricoera seja a sua continuaçāo e o Tacutū apenas um confluente ; seja como fôr, sómente depois da dita juncção é que toma elle o nome de Rio Branco. Percorre vastas e ferteis campinas, nas quæs se vai de alguma sorte desenvolvendo a criaçāo do gado até a distancia de 70 leguas da foz, onde se acha a cachoeira grande. E' muito distincta a linha de separação das aguas deste rio das do Rio Negro até uma grande distancia. A' excepção dos mezes de vassante, chegam até este ponto navios que demandam de 6 a 7 palmos de calado ; na parte superior navegam tambem canoas grandes durante a enchente. De Maio a Junho, que é quando chegam as aguas á maior altura, evita-se a passagem da Cachoeira-grande, seguindo o furo do Cajubim, na margem esquerda. Por ahí passam batelões carregados de gado e quando o furo secca, não permittindo mais a navegaçāo, muitos canoeiros descem mesmo na *pancada* da cachoeira, o que prova não ser insuperavel o ob-taculo.

Na época da maior vassante, tem o salto 5 palmos de altura e na enchente poderiam por alli navegar canoas medianas, removendo-se algumas pedras que ficam submergidas, occasionando correntes fortes em sentidos diferentes. Seis leguas além da cachoeira graude, ha uma restinga denominada Cachoeirinha que não oppõe o menor obstaculo á navegaçāo.

Depois da juncção do Uraricoera com o Tacutū a 98 leguas de distancia da sua foz, recebe o Rio Branco pela margem direita os rios Cauamé, Mucajahi, Jarani e Coratirimani, e pela esquerda os rios Uanauau e Macoaré.

« Mediante algumas horas de trajecto, por terra, diz o capitão-tenente Amazonas, se passa de seus confluentes superiores ao rio Repunuri, confluent do Ecequebo, que facilitam a communicação com as colonias ingleza e hollandeza e o Estado de Venezuela.

« Arroja o Rio Branco (43) bastante cabedal de aguas, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, que lhe communicam muitos rios e lagos de grande extensão, que nelle desaguain, e sendo os principaes pela parte do nascente o Macoaré, os lagos Uauduaú e Curiacú, Uaricuri e o rio Uanauau, seguindo-se o maior delles que é o Tacutū, que dirige as suas correntes do nascente e no qual desemboca o Māho e neste o Pirara, por onde, passado meio dia de viagem por terra, se entra no Rupumoni.

« Paralelo ao mesmo Tacutū corre o rio Rupumoni, que desaguando no Essiquibi dá communicação ás colonias da Guyana hollandeza, mediando tambem unicamente meio dia de viagem por terra do Tacutū ao dito Rupumoni ; o que deu motivo á communicação antiga das indios do Rio Negro com as mesmas colonias.

---

(43) Os indios davam a este rio o nome de *Queceuéné*.

« Pelo occidente desagua no Rio Branco o rio Coratirí-mani. O braço do occidente, que se une ao Tacutú, tem o nome de Uraricoera, o qual se julga ser o Rio Branco continuado, e nelle desagua o Parima, famoso pelo nome, mas não pela grandeza, pois é de pequena consideração. »

O Uraricoera forma-se de diferentes jorros, principalmente da serra Paracaina, que para elle affluem com os nomes de Majari, Idume e Uaricapará. E' caudaloso e banha campinas lindissimas.

As margens inferiores do Rio Branco (abaixo das choeiras) bordadas de lagos, são por demais ferteis para a cultura do algodão, arroz, cacáo, café e tabaco.

Suas matas contém requissimas madeiras e drogas preciosas, como baunilha, breu, cravo, oleo de copahiba, salsa, etc.

O Sr. Gustavo Wallis, que em 1863 percorreu o alto Rio Branco, entre muitas outras curiosidades, deu noticia da existencia de uma arvore gigante, da familia das *bombaciáneas*, que até certo tempo admittia-se como subdivisão das *malvaceas*.

As dimensões desse colosso, segundo o Sr. G. Wallis, são espantosas e ainda superiores, affirma elle, ás do celebre *boabab* da Senegambia, ás *Araucarias* das provincias do sul e ás *Sequoia-wellingtonias* da California e da Sierra Nevada. (43)

---

<sup>1</sup> (43) O professor Brewer, da academia das sciencias de Washington, mediu na California, uma arvore cahida, que tinha 275 pés de comprimento. A maior arvore medida pelo Sr. Brewer, tinha 20 pés de diametro a 4 ou 5 pés acima do solo.

Na California vêm-se muitas arvores, que sobem direitas até a altura de 200 pés, sem nenhum ramo, e ahi então abreem-se ostentando a mais espessa e luxuriante folhagem.

A Australia possue arvores que nas dimensões excedem muito ás da California. Dizem que a sua grandeza colossal forma um notavel contraste com a pequenez dos animaes que lhe povoam as matas. De uma excellente brochura escripta pelo Dr. Ferdinand Mueller, de Melbourne, e que é talvez o homem que mais beni conhece a flora australiana, extraimos as seguintes curiosas noticias: « Desde que, diz elle, a chusma dos exploradores de ouro abriu-nos o caminho das gergantas tão remotas de nossas montanhas, muito se têm ocupado os homens da sciencia com tudo quanto tem relação com a maravilhosa grandeza de certas arvores da Australia e em particular de Victoria. Temos á vista cifras fabulosas e que nem por isso deixam de ser verdadeiras, visto como basêam-se em medidas tomadas com o maior cuidado. A arvore que até agora se julgava ser a mais alta d'entre todas, era o karri-eucalyptus (*eucalyptus colossea*), medido pelo Sr. Pemberton Walcott em uma das gargantas do rio Warren: tinha de altura quasi 400 pés e na concavidade do tronco podiam estar muito á vontade tres cavaleiros. A pedido meu, o Sr. D. Bayle mediu nos desfiladeiros

A arvore do alto Rio Branco mede 260 palmos de diametro na copa; o que dá 780 de circumferencia, abrangendo assim 50.700 palmos quadrados de superficie. Sob esse immenso tecto de verdura, podem-se accommodar perfeitamente 40.000 homens e sem constrangimento podia viver uma familia empregada na laboura. O *tuyuyu*, passaro admiravel pelo tamanho (44), escolhe os ramos da grande arvore para livrar-se das settas do indio, e já nos pincares zomba até da polvora.

Essa arvore, tão notavel pelas suas dimensões, é a *Sumameira*, mui conhecida nas duas provincias do Pará e Amazonas, e que geralmente se encontra nas margens dos rios de agua branca.

O *boabab* da Senegambia pertence á mesma familia da sumameira. Tem de diametro na copa 162 palmos e por consequencia 576 de circumferencia, ocupando assim uma superficie de 27.300 palmos quadrados. Religiosamente venerado, está além disso o *boabab* sob as vistas da autoridade. Supõem os naturaes que essa arvore conta 5.000 annos de existencia. Com 50 annos a nossa sumaumeira adquire as dimensões, que mencionei.

A palmeira, que dá a *piassaba*, é abundantissima no Rio Branco e em geral em todo o valle do Rio Negro. Dizem que

---

de Dandenong um *Eucalyptus amygdalina*, já cahido, e achou que tinha 420 pés de comprimento. A 10 milhas inglezas de Healsville, o Sr. G. Klein achou um que media 480 pés.

Em Dandenong, um *eucalyptus amygdalina* forneceu ao Sr. B. Hayne as seguintes dimensões: comprimento do tronco, do chão ao primeiro ramo, 295 pés; diametro do tronco na altura do primeiro ramo, 4 pés; comprimento do tronco desde o primeiro ramo até o ponto em que quebrouse, 90 pés; diametro do tronco no ponto da fractura, isto é, a 385 pés do solo, 3 pés; circumferencia do tronco a 3 pés do chão, 41 pés.

Finalmente, na cadêa de montanhas, que se ergue por trás de Berwick, perto das cabeceiras dos rios Yarra e Latrobe, ha um *eucalyptus amygdalina*, cujo comprimento o Sr. G. Robinson calcula em 500 pés e a circumferencia em 81 pés, a 4 pés do chão. O mesmo Sr. Robinson viu um *fagus cunninghami* com 200 pés de comprimento e 23 de largura.

(44) O *Tuyuyu*, diz Baena, é uma ave ribeirinha, de corpo branco e aza e olhos pretos: sustenta-se de peixes. Edifica o ninho no cocuruto da grenha das arvores mais proceras: não põe mais de um ovo e dizem os curiosos que uma vez nasce femea e outra macho e que andam com as mãis até formarem um casal. Os *tuyuyus* andam em bandos e ha lugares, como nas vistosas praias do Solimões, aonde apparecem em alas concertadas. Ha *tuyuyu* que tem de peso para cima de 20 arrateis.

o fructo é bastante oleoso. A tona é composta de juncos mui delicados e flexiveis, avermelhados, que cingem o lenho em voltas multiplicadas. Esta produçao vem ao mercado em rama, e manipulada em espias e amarras de varias bitolas, que exportam geralmente para o Pará. E' de muita utilidade na marinha de guerra e mercante, tanto para o fabrico de cordoalhas proprias para espias, como tambem para o de vassouras e escovas para o uso de bordo e domestico.

A fazenda nacional teve já por sua conta em Bararóá (hoje Thomar) uma boa cordoaria, que bem conveniente seria restabelecer, a fim de ser aproveitado um producto tão procurado e de tanta applicação na marinha nacional.

O *tucum* é tambem extraido de uma palmeira de tronco bastante espinhoso e sem ramos, e que abunda nas margens do Rio Negro e seus affluentes ou antes em todo o valle regado pelo Amazonas. Do seu cimo partem cinco a sete folhas recortadas das quaes se extrahem filamentos muito semelhantes ao linho, sujeitos á mais delicada fiação, embora um pouco mais escuros. O *tucum* manipulado em delicados cordeões serve no fabrico de lindas maqueiras, para redes e linhas de pescar e muitos usos domesticos ; em cordoalhas torna estas muito superiores ás fabricadas com o linho e canhamo europeu, tanto pela sua flexibilidade natural e resistencia, como tambem pela sua duração exposta ao tempo.

Tambem é ahí vulgar o *carauá*, de uma planta bastante fibrosa, de onde se extrahe uma especie de linho muito alvo, porém mais aspero que este. Quando preparado em cordoalhas, torna estas bastante resistentes. São, porém, sujeitas a pouca duração, quando expostas á humidade. Julga-se que manipulado o *carauá* com alcatrão poderá servir no apparelho de navios e em outros usos.

Igualmente ahí se encontra, como em quasi todo o valle do Amazonas, a *castanheira*, arvore magestosa e de grandes sapupemas, a qual produz ouriços, contendo doze a vinte castanhas. E' um dos ramos de grande exportação das provincias do Pará e Amazonas. A madeira serve para construção naval, e a tona, depois de bem macerada e limpa, é a estopa da terra, que é como a denominam e vem ao mercado em pannos de maiores ou menores dimensões, para ser empregada no calafeto de embarcações. Dos fructos, que tambem serve para a alimentação, se extrahe um excellente oleo proprio para a illuminação, pintura, e sobretudo muito util nas fabricas de machinas metallicas e cutellaria, pela propriedade que tem de impedir a oxidação de qualquer peça untada com elle. A grande quantidade de castanheiras que possue o Amazonas facilitaria muito o obter-se semelhante materia em tal quantidade que não haveria necessidade de importar outras do estrangeiro. A casca dos ouriços é um excellente combustivel.

E já que ahí mencionamos alguns specimenes de prodigiosa vegetação das margens do Rio Branco, ou antes de todo o immenso valle do Amazonas, vem tambem a pello mencionar diferentes outras producções que ahí abundam, dotadas de

maravilhosas virtudes therapeuticas, e cujo estudo tanto aproveitaria á sciencia e á humanidade.

Ahi vão os seus nomes e as suas diferentes applicações, segundo os profissionaes e as pessoas praticas do lugar, com as quaes tenho conversado.

— *Cumbarú* ou *cumarú*, ou *barú* ou ainda *cumbary* (*dip-terix odorata*). E' uma arvore colossal, de folhas pennadas e foliolos alternos; as flores são papilionaceas terminaes, dispostas em racimos; o fructo é legume ovoide, formado de um tecido esponjoso, contendo uma unica semente branca por dentro e coberta por uma pellicula escura. Esta semente é de sabor amargo, cheiro aromatico particular e comparavel ao do meliloto, porém mais activo. Com as sementes ou favas costumam aromatisar a roupa, e preserval-as assim dos insectos. Tambem deitam-nas no rapé, para dar-lhe bom cheiro.

O Dr. Martius é de opinião que as favas podiam ser empregadas como nervino, analeptico, cordial, diaphoretico e emmenagogico. Guiburt demonstrou que a materia gordurosa contida na fava era um principio immediato particular, que denominou *Coumarina*; esta é aromatica, branca, crystallina e approxima-se muito aos oleos essenciaes.

A amendoa é empregada em tintura alcoholica, na dose de um a dous escropulos; a casca de uma a duas onças em decocção, internamente.

A tintura aproveita na amenorrhéa e o cozimento da casca na syphilis, podendo com muita vantagem substituir o guaiaco.

— *Cipó-guira* (*Bignonia guira*). — Planta que vegeta no Alto Amazonas, onde a sua raiz é empregada em cozimento como drastico.

— *Cipó-carurú* (*Eschites carurú* ou *echites elexicaca*). — Pertence á familia das *apocynias*. E' uma pequena planta leitosa. Caule annual, erecto, quasi simples sublenhoso, garnecida de poucas folhas, de palmo e meio a dous de altura; flores terminaes solitarias ou dispostas em paniculas de mui poucas flores; a corolla é monopetala, tubulosa, grande e côr de rosa.

As partes do vegetal empregadas são: o lenho ou cipó, a sua acção é resolvente e drastica, em alta dose.

Toma-se em infusão ou decocção na dose de meia a uma onça.

Serve contra a dyspepsia, o enfarte das visceras abdominaes, a constipação do ventre e a febre gastrica.

— *Cuáxinguba* ou *lombrigueira* ou *Huapiim-uassú*. Pertence á familia das artocarpeas, segundo Martius, ou á das urticaceas, segundo Duchesne.

As partes empregadas do vegetal são: o leite ou gomma-resina liquida, e acção ou virtude é anthelmintica e caustica.

Toma-se de um a dous escropulos em café ou agua pela manhã em jejum, por alguns dias consecutivos.

O seu efecto é real, mas é tambem bastante arriscado o

seu emprego, porque pôde produzir uma violenta gastroenterite ulcerosa, em consequencia da propriedade caustica que possue e causar a morte em poucos dias. Na capital do Pará deram-se tres casos ha annos; em uma das victimas procedeu-se á autopsia e encontrou-se o tubo intestinal completamente ulcerado. Isto porém succede ordinariamente quando se dá o leite em maior quantidade do que a prescripta.

— *Puchiry* ou *Puchury* ou *Puchury-mirim* ou ainda *Pechurim*. (*Nectandra puchury major et minor*, segundo Nees, ou *Ocotea pichury*, segundo Martius.) — Pertence á familia das laurinéas. E' uma arvore, que produz uma grande noz, que encerra duas amendoas a que dão o mesmo nome da arvore. Ha duas especies de puchiry, grosso e miudo: este é mais delicado assim no gosto como no aroma. Esta arvore é peculiar do Rio Negro e seus affluentes. O seu fructo, segundo Baena, foi colhido a primeira vez em 1775.

Emprega-se o fructo ou antes a semente a que dão o nome de fava.

Toma-se internamente em pó, na dóse de um escropulo a uma oitaya e emprega-se com resultado contra a diarréa, a dysenteria, a leucorrhéa, a colica e o cholera.

— *Amapá*. (*Mapouria guyanensis*, segundo Aublet, ou *De-liocarpus soramia*, segundo Decandole.) — Pertence á familia das *rubiaceas*.

E' uma arvore alta, que cresce geralmente á beira dos rios. Dá um fructo muito doce e de côr avermelhada.

As partes empregadas são as folhas e o leite ou gomma resina liquida. A sua acção é resolutiva. A decocção das folhas é usada em locções e collyrios contra as ophtalmias; e o leite em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão aproveita nas dôres artríticas.

— *Avengão* ou *Samambaia-acú*. (*Adiantum brasiliatum*?) — Pertence a familia das *filices*, ou fetos. E' um arbusto de ramos grossos e folhas semelhantes ás da artemisia.

A massa branca, contida dentro do tronco delgado do arbusto, em decocção, formando uma especie de caldo gommoso, é empregada com vantagem no tratamento das molestias pulmonares, nos catarrhos chronicos do peito, nas rouquidões, na consumpção purulenta, nas vomicas do pulmão, assim como tambem nas convalescenças demoradas.

— *Anani* ou *Uanani* ou *Nani*, ou ainda *Mani*. (*Moronobea coccinea*, segundo Aublet ou *Sympmania globulifera* segundo Linnêo filho.)

Pertence á familia das *clusiaceas*, segundo Martius, ou á das *guttiferas*, segundo Duchesne.

As partes do vegetal empregadas são a resina ou melhor gomma-resina, a que dão vulgarmente o nome de leite, e que é extrahido por meio de incisões feitas na arvore e a casca. O leite é resolvente e a casca é purgativa.

Com algodão faz-se do leite emplastro e da casca meia onça para decocção em uma libra d'agua.

Emprega-se nas dôres osteocopas, rheumatismas e pleuro-

dinicas; nas pleurites chronicas, nos enfartes glandulares, nas obstrucções do fígado ou baço, e em geral nas molestias chronicas.

— *Muirapuama*.—Pertence á familia das *putaceas*. Emprega-se toda a planta e particularmente a raiz. E' nm brando tonico. Erradamente considerado por alguns, como estimulante do sistema nervoso e aphrodisiaco.

E' tomado internamente em decocção, na dóse de uma onça para libra e meia d'água; e externamente em proporções maiores para banho geral. Serve contra a frouxitão dos nervos e fraqueza dos membros.

— *Cedro ou acayacá* em lingua tupy. (*Cedrus deodara*, *cedrus brasiliensis*, e segundo o Sr. G. Wallis—*cedrela odorata*.) — Pertence á antiga familia das *coniferas*, e modernamente á das *abietineas*. Emprega-se a casca e tambem o lenho, e a accão é febrifuga, tonica e diuretica.

Toma-se internamente na dóse de uma onça para libra e meia d'água em decocção; e externamente em maior quantidade para banhos parciaes ou geraes, e em carvão reduzido a pó, para formar pomada com gordura ou óleo de anta.

Como febrifugo, especialmente depois de combatidas as febres intermitentes; por espaço de vinte e mais dias de uso consecutivo do cozimento duas ou tres vezes por dia. Externamente em banhos locaes ou geraes, para debellar as orchites, algumas inchações, e mesmo a anasarca.

A pomada é bastante proveitosa contra as dydimites ou orchites chronicas com endurecimento do orgão. Dizem que as folhas verdes da arvore gozam de propriedade emménagogas, diureticas e diaphoreticas.

Ha duas qualidades de cedro, branco e vermelho. E' preferido este ultimo.

— *Piraiuauara ou pimenta de buto*.—E' uma arvore de terra firme e pouco alta. Os fructos nascem em cachos e agarraados á arvore desde a base até o cimo. São de côr vermelha, e semelhantes á pimenta. Ralados e bebidos em agua morna, aproveitam nas diarréas, vomitos e dôres de estomago.

— *Pataqueira*.—Pertence á familia das labiadas; a sua accão é excitante. Emprega-se externamente em decocção na dóse de uma e mais libras para banho geral. Serve para combater as dôres rheumaticas, as metrites chronicas, as edemacias das articulações e os enfartes das glandulas lymphaticas.

— *Uácataca ou Paracutaca*.—Arvore frondosa que dá fructos em ouriços. E' da terra firme. O fructo ralado de modo a ficar reduzido a pó e bebido em agua morna, é excelente contra as hemorragias.

— *Apehi ou contra-herva, ou acariçoba, ou ainda herva do capitão* (*hydrocotyle bonariensis* ou *hydrocotyle umbellata*). — Pertence á familia das *umbelliferas*.

Emprega-se toda a planta, especialmente a raiz e os caules. Cresce espontaneamente pelos campos e é tambem encontrada nas provincias do Ceará, Pernambuco, etc.

A sua accão é aperiente, diuretica, peitoral, e em alta dóse é emetica.

Toma-se internamente em decocção na dose de meia onça. Tambem se emprega em agua distillada, em xarope e em succo expresso.

E' applicada contra os enfartes do figado, rins, e em geral das viscerae abdominaes, contra as tosses e os catarrhos pulmonares. A agua distillada é usada contra as manchas e éphelides da face.

— *Castanheiro ou zabucajo ou jacapuacajo*, ou ainda *sapucaya* (*bertoletia excelsa*, *leychthis grandiflora* ou *leychthis zabucajo*).— Ha duas variedades. A sua acção é tonica, anti-icterica, desobstruente e diuretica,

Toma-se internamente em decocção na dose de uma a duas onças, só ou acoimpanhada de camapú ou abutua, para libra e meia d'agua.

E' muito aproveitavel no tratamento da hepatite chronica, da ictericia, em geral das affecções chronicas ou sub-agudas das vias gastricas, e toma-se consecutivamente depois das febres intermitentes, por 15 a 20 e mais dias, o cozimento, pela manhã e á tarde.

— *Macaranduba*.— Entro em duvida, diz um distincto botanico brasileiro e do qual tenho tomado a maior parte destas noticias, se esta gigantesca arvore será o *Galactodendron utile* (de Humboldt e Bonpland), o qual abunda na cordilheira dos Andes, especialmente na Columbia e que estes dous naturalistas classificaram na familia das artocarpeas. Os habitantes da cordilheira lhe chamam *Palo de vacca* ou arvore vacca.

As partes empregadas são: o leite ou gomma-resina líquida. A sua acção é resolvente e peitoral.

Toma-se internamente combinado com algum cozimento emotiente ou peitoral (partes iguaes); e externamente em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão.

E' empregado com aproveitamento nas molestias do peito. Os emplastos neste caso costumam applicar-se entre os omo-platas e sobre o sterno ao mesmo tempo.

A gente do sertão usa como alimento do leite desta arvore, que extrahem por incisões feitas na casca da arvore e o misturam com café, chá e outras bebidas. O mesmo praticam os habitantes da cordilheira dos Andes com igual leite, que tiram da sua *Galactodendron utile* por igual processo.

Este leite coagula-se dentro de 24 horas, e assemelha-se á gutta-percha ou gettania, que tambem se extrahe por incisões de outra arvore pertencente á mesma familia das sapotaceas (*Isonandra gutta*), a qual vegeta em Bornéo e varias ilhas do archipelago malaio. A diferença consiste apenas em ser a gutta-percha trigueira, enquanto que esta substancia é branca; gozam porém ambas do mesmo grão de elasticidade. A ingestão deste leite no tubo alimentar produz constipação de ventre.

Eis o que a respeito do leite da *Galactodendron* escreve o Dr. Maout em sua obra de botanica:

« E' branco e espesso, oferecendo todas as propriedades physicas do melhor leite e além disso um cheiro balsamico

muito agradavel. A sua composição chimica differe da do leite animal ; a manteiga é substituida pela cêra, o cassum por uma substancia azotada analoga á fibrina do sangue, o sêro por um liquido assucarado, porém não é menos nutritive do que o verdadeiro leite. Se o fazem evaporar brandamente ao fogo converte-se em uma especie de frangipana e a parte fibrinosa, que se torna espessa, exhala o cheiro de carne frita em unto.

— *Caferana ou raiz de jacaré-aru ou de jacuruaru ou quassia do Pará* (*tachia guyanensis*).— Pertence á familia das gencianeas. E' da altura de um homem ; tem as folhas oblongas acuminadas, attenuadas na base ; flores solitarias, axillares, rentes e amarellas ; a raiz é grande e vertical, quasi simples, de sabor muito amargo. A sua acção é tonica e anti-febril.

Emprega-se para uso interno em infusão na dóse de meia a uina onça para libra e meia d'agua ou em tintura na dóse de uma a duas oitavas, duas vezes por dia. Pôde suprir com vantagem a quina. Encontra-se nas matas do rio Japurá, no municipio de Villa Bella da Imperatriz e na freguezia de Borba, no Madeira. Dizem que na ilha de Marajó tambem se encontra.

— *Guaraná ou guaraná-uba*, em lingua geral (*paulinea sorbilis*).— Pertence á familia das *sapindaceas*. Planta vivaz, trepadeira em forma de sipó. Contém grande quantidade de caffeina, gomma, gmidó, materia gorda e tannino. Emprega-se o fructo, reduzido á massa sob diversas formas.

E' refrigerante, calmante, adstringente e sub-tonico ; é tambem reputado como anti-febril. Toma-se internamente reduzido a pó tenue e fino, por meio de uma grossa, na dóse de 2 a 4 oitavas para uma libra d'agua fria ou tepida adoçada com assucar.

Pôde repetir-se varias vezes no dia esta mesma preparação.

E' empregado com grande proveito nas diarréas, dysenterias, cephaléas, nas molestias das vias urinarias precedentes de relaxamento dos orgãos e nas excitações nervosas. O uso continuado do guaraná produz insomnio. Da raiz, que é amargosissima, usam os indios em infusão como preventivo das febres intermitentes, e dizem que colhem bom resultado desta pratica. Diz o Dr. Martius que o guaraná cohibe a demasiada sensibilidade do plexo intestinal, corrobora o estomago e os intestinos e impede a excessiva evacuação do muco ; excita algum tanto os movimentos do coração e arterias, e augmenta a diaphorese.

E' hoje introduzido na materia medica européa e empregado com vantagem nas diarréas, cholera, dysenteria, indigestão e enxaqueca ; mesmo contra tísica tem sido aplicado com vantagem ; é considerado como anaphrodisiaco.

O fructo dá em cachos á semelhança dos da uva, e quando está maduro é de uma bella côr vermelha rutilante. A massa conhecida pelo nome de guaraná, prepara-se da seguinte maneira : a amendoa, que é escura e quasi do tamanho de uma avelã, torra-se, tritura-se bem em um pilão, amassa-se de-

pois com agua e dá-se-lhe então a forma ou de magdaleões ou outra qualquer, para por ultimo ser levada ao forno a seccar e endurecer. Assim preparada dura annos sem alteração. Abunda nos municipios de Maués e Villa Bella da Imperatriz.

— *Agrião do Pará* ou *Jambú* ou *Jambú-açu* ou *Jamburana*, ou ainda *Pimenteira do Pará*. (*Spilanthes oleracea* ou *radi-cans*.)—Pertence á familia das compostas, *synanthéreas*, segundo Martius, ou á das radiadas, segundo Duchesne. E' planta de caule ramoso e diffuso, de folhas oppostas pecioladas, largamente ovaes, com a base obtusa ou subcordadas de um verde-arroxado, crenadas, quasi dentadas ; pedunculos terminaes unicephalos, excedendo as folhas, flôres dispostas em capitulos esphericos um pouco conicos, de meia pollegada mais ou menos de diametro, quasi compactos ; flôres amarellas. Toda a planta, principalmente as flôres, contém um principio estimulante, o qual reside em uma resina molle. E' além disto anti-scorbutica, sealagóga, odontalgica e vermicifuga. Tambem passa por lithontriptica. Mastigada produz na boca a mesma sensação que costuma produzir a raiz de pyrethro, e como elle excita tambem a secreção da saliva.

E' applicado em infusão e em xarope, asssim como em locções, gargarejos e collutorios.

E' empregado com vantagem contra o scorbuto, as ulceras, que participam deste vicio, os vermes intestinaes e contra as dôres de dente. E' tambem procurado para os usos culinarios. Nasce espontaneamente pelos lagos, igapós e margens dos igarapés.

— *Manacan* ou *Manacá* ou *Geratacaca* ou *Jerataca*, ou ainda *Mercuro vegetal* (*Francisia uniflora*).—Pertence á familia das scrofularineas. E' um arbusto de folhas alternas, oblongas, acuminadas, inteiras, onduladas e curtamente pecioladas ; flôres solitarias e terminaes, corola monopetala, limbo dividido em cinco lobos arredondados e de perfume semelhante ao narciso. Toda a planta é principalmente a raiz é impregnada de um principio amargo e enjoativo, que estimula a garganta.

Emprega-se internamente em decocção de meia a uma onça em libra e meia d'agua, ou em tintura alcoholica ou em infusão em vinho branco.

E' um poderoso excitante do sistema lymphatico e modificador energico da indiosyncrasia escrophulosa ; é muito recomendado na syphilis, no rheumatismo e na frouxidão dos membros thoracicicos e abdominaes. Tambem se emprega como antidoto nas mordeduras das cobras venenosas.

Desafia grande salivaçao e extraordinario movimento convulsivo nos labios, lingua e fauces. Dizem que promove o aborto. Dado em dóse elevada obra como veneno acre. E' planta aqui muito usada pelas curandeiras e pagés com tal on qual resultado. Ha duas qualidades desta planta, uma de folha semelhante á do café e outra de folha mais comprida semelhante á da mangueira. A esta ultima dão o

nóme de *Manacan de veado*, em virtude de um preconceito popular. Refere Baena que os indios acreditam que alguém embriagando-se com ella e conversando depois com mulher pejada, lhe passa a embriaguez e indo ao mato caçar veados, acha-os e apânhá-os sem dificuldade, porque estes não correm, nem fogem.

O extracto do *manacan* é empregado por algumas tribus do Alto Amazonas para envenenar as settas.

— *Lacre ou pão de lacre*, ou *caaopiá* em lingua tupy (*vismia guayanensis* ou *vismia tomentosa* ou *vismia laccifera*). — Pertence á familia das *hypericineas*, segundo Martius, ou á das *euphorbiaceas*, segundo Duchesne.

E' uma arvore ou antes um arbusto de folhas ovaes oblongadas, pontudas, com pontos translucidos, brancas-tomentosas por baixo, flôres em racimas terminaes compostas.

Deste arbusto obtém-se um succo gommo-resinoso por meio de incisões feitas no tronco e ainda em todas as suas partes, o qual concretando-se, torna-se em bagas côn de fogo. Esta gomma-resina, chamada *Gomma lacre* ou *gomma gutta da America*, é resolvente e drastica e pôde substituir a verdadeira gomma gutta.

Emprega-se internamente em decocção na dóse de meia onça para uma libra d'água e externamente em maior porção para banhos. Aproveite nas molestias das vias urinarias.

Ha duas qualidades de lacre : branco e vermelho ; prefe-re-se o primeiro.

— *Cunamby* ou *Conabi*, ou ainda *Conawi* (*Phyllanthus co-nami*). — Pertence á familia das *euphorbiaceas*. E' narcotica e diuretica. Esta planta, de um cheiro viroso, muito usada pelos indios nas molestias das vias urinarias, na diabétis, na retenção de urina, etc., é entretanto perigosa em virtude da sua propriedade narcotica ; por isso deve ser administrada com a maior reserva e cuidado. As folhas frescas socadas e lançadas nas aguas dos rios ou lagos, embriagam os peixes e os trazem á tona d'água.

— *Guapuhi*. — E' uma planta trepadeira. Obra como tonico. A raiz crúa ou assada no rescaldo, ralada e depois exprimida, para servir o liquido nas primeiras 24 horas, é empregada com muita vantagem nas ophtalmias chronicas.

— *Jacamicaá*. — Pertence á familia das *euphorbiaceas*. Empregam-se as folhas, em infusão, contra os vermes intestinaes. O seu emprego é arriscado particularmente quando não se elimina a flôr.

Não ha certeza, diz o Sr. Dr. Coutinho, mas consta que no Rio Branco tambem existe ouro. Os indios desse rio aparecem com espingardas finas compradas aos inglezes de Demerara, e pensam algumas pessoas, julgo sem fundamento, que não é a troco de *xirimbabos* (45) nem de enfeites que elles

obtêm armas de tanto valor, e sim a peso de ouro, que todos suppõem muito abundante.

No alto Rio Negro foi achado um fragmento de sulfureto de ferro nos veeiros do quartz das rochas graniticas.

São as margens do Rio Branco, assim como os demais rios que regam o valle do Amazonas, abundantissimas de pirarucú (*vastus gigas* de Castelnau).

Este peixe salgado é um dos generos que mais concorrem a facilitar a alimentação publica em geral e quasi que constitue a base do sustento de uma boa parte da população. A lingua do pirarucú, duríssima como ferro, serve para ralar e é com ella que costumam os indigenas ralar a *guaraná*.

A pesca em geral no Amazonas é feita de diversos modos, empregando-se ora a rête ou a tarrafa, ora anzões fixos em caniços ou em linhas apropriadas, ora harpões e frechas de diversas fórmas, segundo a especie do peixe ou crustaceo, ora tapando a boca dos lagos e dos igarapés, ora finalmente embebendando-os com o summo do timbó e cunamby (vegetaes venenosos).

A pesca, porém, do pirarucú é dos seguintes modos: servem-se algumas vezes do anzol ou frecha, outras do harpão, cuja haste tem de 2 a 2 1/2 braças de comprimento, no momento dc subir á tona d'agua ou boiar, como dizem ; do *cumury*, que é uma boia com isca para chamal-o á superficie d'agua, e então harpoal-o ; ou tapando a boca dos lagos, ou finalmente empregando o *cacury*, que é uma especie de cercado.

Os demais peixes são apanhados á rête, á tarrafa, á frecha, tapando-se os lagos e igarapés ou embriagando-os com o succo do timbó e cunamby, como já disse. O *tambaqui* e o *suruby* são pescados com anzões especiaes

A pesca do pirarucú é em geral feita nos lagos e rios que communicam com o Amazonas. Se o pescador erra o peixe ou se por qualquer motivo este lhe foge do harpão, dizem que reune os filhinhos, mette-os nas guelras e com elles desaparece.

Não ha ainda medida nem regra, que eu saiba, nesta violenta caçada. Tanto o grande como o pequeno peixe morrem á fisga, ao anzol e ao harpão, e não será para admirar que este importantissimo recurso da pobreza venha a escassear em um futuro que talvez não esteja muito longe, porque accresce ao estrago feito pela mão do homem a diminuição consideravel da especie, occasionada em alguns annos pela vidente extraordinaria dos lagos. Em alguns pontos em que até então abundavam, já hoje se têm tornado raros e escassos.

Seria de summa conveniencia que as camaras municipaes respectivas, ou quaesquer outras autoridades que tivessem semelhante competencia, formulassem posturas ou regulamentos, prescrevendo a época em que esta pesca devia ser feita, e estabelecendo condições que evitassem a aniquilação da especie pelo estrago do homem. Os lagos não são mais do que vivciros, que devem ser cuidadosamente conservados para que possam abastecer a população.

Como o pirarucú ou sem duvida em muito maior quantidade abundam em algum rios as tartarugas, e como aquelle, tambem são elles victimas da mais violenta guerra. E' revoltante o que se pratica nas praias, depois que as tartarugas alli sobem para depositarem os ovos ! « Para as mulheres, diz o Sr. commandante R. L. Tavares, começa o trabalho, para os homens a mais desenfreada orgia. Milhares de milhares de ovos, desses germens de uma futura, e abundante riqueza, permitta-se-me a expressão, são sacrificados á voracidade dessas aves de rapina, para o fabrico da manteiga. Basta que se diga que uma tartaruga põe, termo médio, 100 ovos, e que para um pote de manteiga são precisos cinco mil, pouco mais ou menos. »

« O apanho dos ovos nas praias, diz Baena, é feito pelos indianos deste modo ; cada um delles, munido de um feixe de varinhas adelgaçadas na ponta, decorre ao longo da praia, cravando-as á direita e á esquerda da direcção que leva e deixando-as fixadas no mesmo sitio em que notou na extremitade dellas os vestigios da porção amarella dos ovos : e acabado este sondamento, todos elles surribam a areia da inhumação assinalada pelas varinhas e apanham os ovos, os quaes são depois pisados e fervidos em tachos. »

A carne das tartarugas é gostosa, diz o Sr. Ignacio Accioli ; estas nos mezes de Agosto, Setembro, até o principio de Outubro, sahem dos matos alagadiços, onde se nutrem de herbas e frutas : nos dias de sol quente sobem ás praias á enxugar-se, voltando depois ao rio : nos fins de Outubro é que desovam, cada uma dellas procura na praia o terreno mais enxuto a que chamam taboleiro e cavando-o na profundidade de quatro palmos ou mais, segundo o seu tamanho respectivo, ahi deposita os ovos em numero de 170 a 190, e cobrem o ninho, calcando-o com o peito. Conhece-se o lugar do taboleiro pelos altos e baixos, que fórmā na praia, porque nunca fica no nível em que a deixou a vasante, e destes ovos se fabrica o azeite conhecido por manteiga e que constitue um dos ramos fortíssimos do commercio do Pará e Rio Negro. Apezar de bem vasculhada dos ovos a praia, todavia os que ficam desenvolvem-se no mez de Dezembro com o calor do sol e as pequenas tartarugas procuram, de noite, os rios, para escaparem á voracidade dos passaros, que as esperam nesse transito. Muitas tartarugas são apanhadas vivas nas praias, outras em tapagens de rios no tempo da sua enchente, e algumas sendo frechadas por elevação, no que são insignes os indios, com frechas de ponta de aço, unida á haste por um alvadão e presa por uma linha enrolada, que chamam então *sararacas*. Os ovos são pouco menores que os de gallinha, sua casca é membranosa e da gemma e clara derretidas se fórmā o azeite: aos machos das tartarugas chamam *captoparis* e são menores que as femeas. Ha outra qualidade de tartarugas conhecidas por *tracajás*, assaz pequenas em relação comparativa áquellas, porém mais saborosas e sua carne de mais facil digestão.

O *matamalá*, pertencente á mesma familia, habita unica-

mente nos lagos: o pescoço é desproporcionado assim como a cabeça e a concha cheia de tuberosidades e excrescencias escabrosas.

Ha ainda uma terceira especie, que é a *Acambéoa*. Tem a concha quasi chata. « Costumam encovar os ovos, diz Baena, nas praias das ilhas que jazem entre a villa de Souzel e a primeira cacheira. »

A *sararaca*(46) de que acima fallei, é uma flecha empennada impellida por um arco, tendo na parte superior um encaixe, a que dão o nome de virote. E' composta de duas partes: do hastil, que é feito geralmente de canarana ou de *paracaúba*, e da ponteira, feita de madeira muito rija ou de ferro, de mais de uma pollegada de comprimento. Estas duas partes prendem-se uma á outra por uma linha de *carauá*, que é muito forte, enrolada na haste.

Armam a *sararaca* do modo seguinte: enrolam quasi toda a corda na flecha, deixando apenas uma pequena porção, depois esticam esta porção e introduzem a haste da ponteira no fundo do virote, que fica deste modo seguro na flecha.

Atira-se por elevação no lugar em que a tartaruga faz redemoinhar a agua. Calculam a distancia do animal, dão certo desconto para a queda e arremegam a flecha, que sobe a uma grande altura, voltando em seguida, fieando cravada a ponteira com a haste no casco da tartaruga. O animal foge ou mergulha, levando o harpão enterrado no casco. Em todo o caso a flecha decompõe-se (*sararaca*), o fio de *carauá* se desenrola e o hastil da flecha sobrenada, servindo de boia para indicar a carreira que a preza leva ou o lugar em que se acha.

O comprimento da corda é sempre proporcionado á profundidade do lugar em que a pesca é feita.

E' uma maneira de pesca em extremo curiosa e divertida e aqui no Amazonas muitos individuos encontrei que são nella sobremodo destros.

Hei de ainda provavelmente ter occasião de fallar das tartarugas e de descrever essa saturnal do apanhamento dos ovos, que tanto concorrerá para o despovoamento nos rios e lagos desses animaes tão uteis.

Pescam o peixe miudo com uma flexa que não é implumada, tendo na extremitade superior uma haste de madeira encaixada na flecha e que termina em uma ponta de ferro, um pouco achatada. A esta haste dão o nome de *suumba*.

Tambem o peixe-boi ou *manay* em lingua indigena, é muito commum no Amazonas e nos lagos e rios que delle se formam.

E' o *manatus americanus* de Desmarest.

---

(46) A palavra *sararaca*, quer dizer cousa que se desmancha.

A semelhança da sua cabeça, quasi identica á da vitella, lhe faz dar esta denominação. A carne, e com particularidade a do ventre, dizem ser muito saborosa. Este curioso animal atinge a 5 metros e até mais de comprimento.

Fallando ácerca do peixe-boi, escrevia no seu curiosissimo diario de viagem o bispo do Pará D. Frei Caetano Brandão:

« Entre as cousas que tenho aqui admirado, foi um chamado peixe-boi. Disseram-me que era dos mais pequenos e comtudo seria do tamanho de um novilho de um anno. Só tem o focinho semelhante ao boi; nada mais. Junto ao pescoço vêm-se-lhe dous pequenos braços e a cauda; o resto tudo é carne muito succosa; tem banhas como de porco e dellas se extrahe muita cópia de azeite, que contribue para a fartura do Estado, como tambem a carne, que é semelhante á do porco. Este animal pare os filhos e os cria aos peitos; sustenta-se unicamente de feno ou herva, que nasce nas margens dos rios.... Asseguram-me que ha peixe-boi que deita vinte a trinta potes de azeite ou manteiga. »

Affirma o Sr. Emanuel Liais, que o peixe-boi não é absolutamente herbívoro, visto comer tambem peixe.

Aqui no Amazonas todos me asseveraram o contrario.

Cem a carne do peixe-boi fazem chouriços saborosos a que dão o nome de *mixiras*.

« Ha outros peixes-boi, diz Baena, que differem destes na corpulencia, que é maior, e na gordura e toucinho, cuja quantidade é tal que mui pouca carne se lhes divisa. Á estes chamam peixes-boi de azeite, porque só para isso servem. Nos lagos de Faro ha muitos desta qualidade e alguns tamanhos, que de um se pôde extrahir quasi uma pipa de azeite. »

O peixe-boi vive em geral nos rios e nos lagos de agua doce e mesmo salgada.

« Com viagem de dous dias, subindo, diz o capitão tenente Amazonas, já se principiam a avistar, em longinquo horizonte, as elevadas serras, cujas abas, de 64 leguas em diante, obstruem o rio com cachoeiras. »

E' sobretudo nas margens do alto Rio Branco que se encontram os lindos e tão afamados gallos da serra (47). Tem bico e esporões como o verdadeiro gallo, e um pennacho quasi da formatura de um leque aberto, que lhe principia do pescoço até a ponta do bico, bordado todo o pennacho de uma orla encarnada. São em geral amarellos, menos a gallinha. No Ceará, em casa do meu amigo o Sr. de Vasconcellos, vi eu um de lindissima côr de rosa.

Eis aqui o que na sua *Corographia* e naquella linguagem que lhe é peculiar, escreve Baena ácerca desse tão notável passaro:

« E' bellissimo entre todos os passaros do sertão do Pará o denominado gallo da serra.

---

(47) O gallo da serra é o *pipra rupricola* de Buffon.

« O seu vulto, maior que o de um pombo, é emplumado de branda côr de ouro brilhante e a crista levantada da mesma côr, enfeitada na orla de vermelho. No vôo transcende o maçarico real e o seu canto assemelha-se ao clangor agudo do clarim mavorio.

« Este passaro lavra o ninho de terra no intimo reconcavo dos penhascos ou sobre a superficie das serras, esteja ou não essa superficie vertical ao horizonte; e ficam tão duros, que com sobeja dificuldade se pôde desmantelal-os; a sua figura tem parecenza de um pião de guarita de muralha.

« Estes garbosos passaros, continua elle, têm o uso de sahirem uma vez no anno do seu habitual recesso e apparecerem no contorno das paragens habitadas. Os caçadores referem que elles costumam pousar nas franças de qualquer arvore de empinado tope e dellas descer alguns para formar ao pé da mesma arvore um terreirinho bem limpo, em torno do qual deixam remanecer certos pequenos arbustos, em cujas hastes empoleiram-se e alternos passam de um para outro arbusto e descem ao terreirinho, onde travam ligeira dansa até cançar: depois remontam a grenha da arvore, da qual se arremessam outros para exercitarem a mesma coréa genial. Tendo todos acabado de brincar, arrancam d'allí, deixando um companheiro de atalaia, o qual raras vezes abandona o lugar antes de ser substituido: e se acontece que o caçador o mata, ou se elle proprio se ausenta, os gallos elegem logo outra arvore. Estes passaros são mui variaveis no alimento; diariamente buscam cibato em todas as arvores fecundas.

« O destro caçador para os prêar tece laços mui subtis no mesmo lugar que elles preparam para os seus brincos ou espreita a occasião em que elles gozam as delicias do banho nas correntes junto aos penhascos, à sombra dos quaes lhe faz pontaria para que lhe chegue o tiro. E quando por qualquerdes modos nada consegue, mette um pedacinho de folha de *ubim* (48) entre duas palhetas de *Uarumá* (49), e as applica á bocca e assopra de tal sorte que arremeda o canto do gallo da serra: e por este reclamo obtem que esta ave se approxime e venha a ser victima do som da morte.

« A femea destes passaros é totalmente diferente na côr das pennas; ella equivoca-se muito com uma gallinha preta..»

Uma outra ave, que abunda nas margens do Rio Branco é a *Acauan*, do tamanho pouco mais ou menos de um gavião

---

(48) *Ubim*, diz o mesmo Baena que é uma arvoreta uliginaria, que nasce em maior cópia nos terrenos ensopados. Tem um pequeno tronco parecido com a canna da India. As folhas são largas, curtas e bifurcadas e o talo comprido.

(49) *Uarumá*, ha de duas especies: *uarumá-mirim*, que é uma planta que cresce direita, com folhas largas, e o *uarumá-assü*, que tem o tronco grosso e poucos galhos.

real e que só se nutre de cobras e insectos venenosos. Chamam-na *acauan*, porque no grito alto e prolongado que solta parece proferir esta palavra.

As pessoas supersticiosas consideram-na agoureira de grandes males e calamidades. E' inimiga da cobra. Quando sucede avistar alguma, tem certa senha, que, usando della, aparece logo outra *acauan*: repentinamente investem ambas contra a cobra, por maior que esta seja, por diversos lados, escudando-se com uma das azas. Em quanto está a cobra ocupada com a que tem em frente, a outra fere-a pelo lado opposto, de sorte que, cançando-a assim, matam-na a seu salvo e comem-na.

Tambem infestam aquellas paragens grande numero de cobras, como, entre outras, as *cascaveis* e as *araraboias* e *parauaboias*.

A *araraboeia* é toda escarlata, ao passo que a *parauaboa* é de um verde claro. Affirmaram-me que estas duas ultimas especies são tão venenosas como o *surucucú* e *jararaca*.

E como de cobras fallo aqui, vem a pello dar noticia de uma planta denominada *Paracary* e que é geralmente no Pará e Amazonas considerada como antidoto ou contraveneno das mordeduras de cobras, picadas de arraias, lacrás e outros animaes venenosos; noticia que deve interessar sobretudo áquelles que habitam roças, fazendas de criação de gado e outros lugares em que abundam esses animaes.

Para vulgarisação desta noticia, aproveito-me de uma importante memoria escripta pelo illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, que teve a bondade de m'a fornecer.

Foi o Sr. Antonio Francisco Pereira da Costa, conhecido por Antonio Angico, e morador em Santarém, quem chamou primeiro a attenção para esta planta a respeito das suas virtudes antiveneficas e lhe deu o nome de *Paracary*, em razão della vegetar mui abundantemente no seu sitio, estabelecido nas margens do lago Paracary, na comarca de Santarém.

« Devo, todavia, declarar que não é só alli que floresce semelhante planta, diz o Sr. Dr. Castro; por toda a parte é encontrada na dita comarca e é muito de crer que o mesmo succeda pelas outras destas províncias. Nesta capital (Belém) cresce espontaneamente pelas estradas de Nazareth, S. Jéronymo e cemiterio, e em geral por todas as rocinhas (chacaras) do arrabalde: dentro dos muros do cemiterio acha-se em extraordinaria abundancia. Posso mesmo assegurar que será facilmente encontrada por qualquer, que a procure, em todos os terrenos roçados de novo, nos pastos e nas campinas ou terreiros de qualquer fazenda rural, por quanto tenho sido informado por muitos lavradores, a quem a tenho mostrado, que ella existe em suas terras, sendo alguns destes fazendeiros do Acará, Guamá, Barcarena, Cametá e Marajó. »

Em diferentes lugares de Manáos encontrei eu em abundância essa planta.

Não é pelo nome de *paracary*, que é mais vulgarmente conhecida e sim pelo de *hortelã brava* ou *hortelã do campo*. Em Belém, no Pará, dá-lhe o povo o nome de *S. Pedro-caá*,

que quer dizer *herva de S. Pedro*. Os indigenas dão-lhe o nome de *boia-caá*, que significa *herva de cobra*. Em Pernambuco é conhecida pelo nome de *meladinha*.

E' uma planta herbacea, segundo o Sr. Dr. Castro, de caule tetragono, de um, dous e ás vezes mais pés de altura, de ramos oppostos, cujas folhas são simples, oppostas e ovaes agudas; ligeiramente aromatico, quando se dilacera entre os dedos, participando do cheiro da hortelã e da melissa ou herva-cidreira; suas flores são completas, de cor arroxada, nascem na axilla das folhas e grupam-se em capitulos ou corymbos pedunculados; tem um calice gamoséphalo, tubuloso com cinco divisões; a corolla é gamopetala, tubulosa e irregular, dividida em dous labios, um superior e outro inferior: os estames são didynamicos e perfeitos; o ovario, sustentado por um disco hypoginio e quadrilobado, depri-mido no centro, de onde nasce um estylete bifido; cortado pelo meio deixa ver quatro cavidades, contendo cada uma um ovulo: finalmente o fructo é composto de quatro akenios monospermos, encerrados no interior do calice, que é persis-tente.

A' vista dos caracteres assinalados, não resta a menor du-vida, affirma o Sr. Dr. Castro, de que a planta em questão pertence a uma das familias mais naturaes e importantes do reino vegetal, qual a das *Labiadas* (Juss.), *Didynamia-Monogynia* (Linn.), grupo que conta em seu seio um numero considerável de individuos.

Eis como o Sr. Antonio Francisco Pereira da Costa chegou ao conhecimento de que antidoto contra o veneno da cobra era o *paracary*:

Sendo as margens do lago Paracary e os campos imme-diatos tão fartos de cobras venenosas, particularmente das *cascaveis*, *boiacinningas* e outras, assim como de *jacruarús* que são reptis da classe dos *sauereos* e que sómente differem do cameleão por terem a cor cinzenta e o focinho bifido, raro era o dia em que não visse o Sr. Pereira da Costa um com-bate entre animaes daquelles dous generos. Notava porém constantemente, que depois de algum tempo de luta fugia o *jacruarú* da cascavel e guiado pelo seu instincto natural pro-curava o arbusto, hoje chamado *paracary*, para delle comer algumas folhas e premunir-se dest'arte contra o veneno da cobra inoculado em seu corpo pelas feridas recebidas na oc-casião da briga. Depois de restaurado voltava ao combate e se novas feridas recebia, logo outra vez procurava o contraveneno. Uma e muitas vezes observou o Sr. Costa este facto que não passou desapercibido perante o seu espirito perscrutador, e desde logo comprehendeu que naquelle planta subsistia o remedio contra o veneno da cobra e outros animaes da mesma ordem. E pois projectou expe-rimentar a dita planta no primeiro animal mordido pela cascavel, a fim de reconhecer se realmente possuia a sin-gular virtude que suppunha ter. Foi um cão de caça, que deu lugar á primeira experienzia, e pouco depois uma vitella se prestou á segunda. Em ambos os casos foram os

resultados assaz favoraveis; os animaes sobreviveram e se curaram com admiravel rapidez. Muitas outras experien-cias se fizeram successivamente, tanto em animaes domesticos, como no homem e sempre os resultados foram satisfac-torios.

Generalisou-se pois a noticia de semelhante descoberta, acrecenta o Sr. Dr. Castro, e hoje não ha na comarca de Santarém uma só pessoa que deixe de acreditar nos beneficos efeitos de semelhante planta. A muitos criadores de gado ouvi referir casos de curas operadas por meio della em seus animaes, mordidos por jararacas, surucucús, surucucuranas, cascaveis, parauaboias e outras cobras igualmente venenosas. Consta-me que hoje é raro o caso de perda de alguma rez mordida por cobra, salvo quando não pôde ser acudida a tempo.

O seu uso ou emprego é tanto interno como externo, para destruir o veneno das cobras e arraias. Internamente tem-se applicado o succo esprímido da planta fresca ou verde, na dóse de meia chavena, duas ou tres vezes, com intervallo de hora de uma a outra dóse e externamente em cataplasma formada de toda a planta secada e posta sobre o lugar offendido, mudando-se a cataplasma, logo que esteja secca.

Contra a picada dos marimbondos ou cáuas, lacráos e outros animaes, considerados venenosos, basta usar sómente da cataplasma. O seu emprego não se tem circumscreto sómente ao homem: algumas especies de animaes domesticos, como o boi, o cavallo, o cão, etc., têm participado de igual applicação e todos têm colhido felizes resultados.

Por mim mesmo, affirma o Sr. Dr. Castro, tenho observado dous casos bem significativos do aproveitamento de semelhante planta empregada no homem. Foi um delles observado em Santarém; uma picada de cáua no dedo da mão com grandes dôres pelo braço e muito rubor ao longo da veia ce-phalica correspondente, e tudo cessou como por encantamento com a só applicação de uma cataplasma da planta secada e posta sobre o dedo ferido. Foi o outro uma ferrada de arraia, observado nesta capital (Belém), que cedeu rapidamente em poucas horas, cessando a dôr, que o doente sentia na perna e abatendo a inchação enorme, que havia no pé ferido, isto tudo alcançado por meio da mesma planta, empregada interna e externamente.

Sob a fórmula de tintura alcoholica, diz o Sr. Dr. Castro em um addendo á sua primeira memoria, é efficassissimo o *paracary* contra as mordeduras de cobras e picadas de cáuas, lacráos, centopeias, aranhas-caranguejeiras e arraias.

Applica-se externa e internamente: externamente sobre o lugar mordido ou ferido em algodão ou fios ensopados na dita tintura, e internamente diluida em agua fria ou mesmo pura. Para crianças bastará uma colherinha de chá de quarto em quarto de hora, misturada com outra igual de agua e para pessoas adultas uma colher de sopa da mesma fórmula e no mesmo espaço de tempo. Quatro a seis dósese serão sufficientes para completar a cura.

Mas não parou aqui a applicação therapeutica do *paracary*. O seu dominio alargou-se e com ella se combate não pequeno numero de doenças.

A sua accão physiologica, diz ainda o Sr. Dr. Castro, manifesta-se especialmente sobre a pelle e nos rins; naquelle por calor excessivo, grande prurido, copioso suor e phlyctenas, muitas vezes com desenvolvimento de bolhas cheias de um liquido scro-purulento e de extensas erysipelas; e no apparelho urinario por extraordinaria diurese. Além disto obra tambem sobre o sistema lymphatico e o apparelho gastro-hepatico. Parece tambem gozar de propriedade anti-syphilitica bem pronunciada.

Em virtude desta sua accão e modo de obrar, tem sido empregada interna e externamente no tratamento de varias molestias de pelle, tales como os darthros, eczemas, tinhos, nas syphiliroides e em geral na syphilis secundaria e inveterada. Internamente é dada sob a forma de tintura na dose de uma a duas oitavas, só ou associada ao licor de Van-Swieten, na dose de uma oitava em oito onças de cozimento da mesma herva, para ser tomado em duas ou tres partes iguaes durante o dia, repetindo-se esta preparação todos os dias por espaço de um, dous e mesmo tres mezes consecutivamente. Externamente é empregada ou em pomada ou em tintura, para fricções nos lugares affectados; e a tintura pode ser usada simples ou misturada com alcohol camphorado, partes iguaes.

Tambem, diz ainda o Sr. Dr. Castro, tem sido cōroada de feliz resultado a sua applicação interna no tratamento da asthma, catarrhos asthmaticos e tosses nervosas rebeldes. As formulas aconselhadas nestes casos são as seguintes :

Tintura de paracary.....	onças 5
Elixir paregorico americano (50)...	1

Toma-se uma colher de chá deste licor de manhã em jejum e outra á noite ao deitar, em uma chavena de cozimento da mesma herva paracary, isto sem interrupção, até se acabar aquella dose.

No tratamento da elephantiasis ou lepra tambem é empregada esta planta. Nas molestias chronicas dos rins, na dyspepsia, na amenorrhéa, na dysmenorrhéa e nos enfartos do fígado e baço tem sido usada com reconhecida vantagem e aproveitamento.

---

(50) Formula do elixir :

Opio bruto.....	oitavas 2
Açafrão.....	{ á á , 3
Acido benzoico.....	
Oleo essencial de aniz.....	grãos 36
Alcohol ammoniacal.....	libra 1

Filtre depois de oito dias de digestão.

Ainda uma ultima noticia de um remedio contra mordeduras de cobras : De um livro publicado em New-York e que tem por titulo *Trinta annos da vida de um caçador extrahimos o seguinte :*

« Quando um cão em nossas terras é mordido por uma cobra, abre immediatamente uma cova e mette-se nella até desapparecer a inchação. Sabendo eu isto e vendo um amigo mordido em uma perna por uma cobra, mandei logo abrir no chão um buraco de 20 pollegadas de profundidade e nelle metti a perna do doente, cobrindo-a muito bem de terra, para lhe não entrar o ar. Sentiu-se logo alliviado, mas dahi a poucos instantes, tornou-se-lhe a dôr tão intensa, que me foi preciso empregar toda a força para que se conservasse immovel. No fim de tres horas de martyrio, consegui conciliar o sonno e dormiu durante duas horas, no fim das quaes accordou muito fresco, como se nada tivesse tido. Examinou-se-lhe a perna, estava branquissima e fôra a peçonha extra-hida por uma especie de succão magica. »

Ouvi dizer que em alguns lugares da província de Minas empregam tambem esse meio.

Em 1725 celebrisou-se no Rio Branco o indio Ajuricaba, um dos mais poderosos chefes dos manáos. A natureza havia-o dotado de animo intrepido e guerreiro. Tinha feito aliança com os hollandezes da Guyana com os quaes negociaava em escravos, aggredindo os estabelecimentos portuguezes e arrebatando-lhes os indigenas, que ia vender aos hollandezes.

Governava então a capitania do Pará o general João da Maia da Gama, que, tendo noticia daquellas correrias, mandou a Belchior Mendes de Moraes com um corpo de infantaria, a fim de guarnecer as povoações invadidas.

Apenas chegou Belchior ao Rio Branco, teve logo noticia de que acabava Ajuricaba de invadir o carvoeiro, e de apri-sionar muitos indios.

Partiu immediatamente em seu seguimento e tres dias depois encontrou a esquadilha de Ajuricaba, que compunha-se de 25 canôas. Segundo as instrucções que tinha, li-mitou-se Belchior a reprehender severamente o chefe manáo e a tomar-lhe os prisioneiros.

Depois disto, deu-se pressa Belchior Mendes em guarnecer as povoações e em proceder á devassa, de cujo resultado deu conhecimento ao governador, que dirigiu-se ao governo da metropole, representando contra as violencias de Ajuri-caba, provadas pela devassa, e juntamente as de outros principaes faccinosos, como eram as dos irmãos Bebari e Bajari, assassinos de Caranuimá.

Ordenou o governo da metropole que se fizesse guerra áquelles chefes.

Tratou logo o general de cumprir a ordem, preparando um luzido contingente, cujo commando confiou a João Paes do Amaral, com ordem de se unir a Belchior Mendes. Con-seguiram estes dous capitães terminar com felicidade a guer-ra. Ajuricaba cahiu prisioneiro com mais dous mil indios,

mas sendo remettido para o Pará, teve a habilidade de provocar na canôa em que ia uma sublevação, que com muita dificuldade pôde ser suffocada. Malogrado o plano que havia formado, suicidou-se Ajuricaba, atirando-se ao rio.

« O que na verdade é mais celebre na historia de Ajuricaba, diz o ouvidor Sampaio, é que todos os seus vassallos e os mais da sua nação, que lhe tributavam o mais fiel amor e obediencia, com a illusão que fazem na phantasia estas razões, parecendo-lhes quasi impossivel que elle morresse, pelo desejo que conservavam da sua vida, esperavam por elle, como pela vinda de el-rei D. Sebastião esperam os nossos sebastianistas. »

Na margem septentrional do Rio Branco lança-se o rio Parimá, de tanta nomeada, posto que não passe de um pequeno rio. Persuadiram-se os Hespanhóes de que os Peruvianos, para se subtrahirem á sua perseguição no tempo da descoberta do Perú, emigraram levando todo o seu ouro e se refugiaram nas margens desse rio ou antes desse lago, onde fundaram a cidade de *Manoa del Dorado*. Os escriptores hespanhóes davam isto por tão certo, que muito dinheiro se tem gasto em emprezas e viagens para descobrir o famoso lago. « Jamais ribeiro tão insignificante, diz o capitão tenente Amazonas, causou tanta bulha e occupou tantas capacidades, nem tão solitario e innocent custou tanto á humanidade. » As viagens de Pizarro, Orellana, Orsua, Guesada Utre, Berrie e muitos outros, não tiveram outro fim.

Em uma carta official, apprehendida por Walter Raleigh, quando procurava descer a Guyana, lia-se o seguinte endereço: « *A Diego de Palameca, governador y capitán general de Guyana, del Dorado, y de la Trinidad.* »

Tambem os Ingleses se persuadiam daquella existencia, e é corrente que as viagens de Raleigh não tendiam a outra cousa mais do que a verificar semelhante descoberta. De todos os exploradores foi elle o mais infeliz, porque não só perdeu o filho na expedição, como foi decapitado por ordem de Jacob I, sob o pretexto de ser suggestor de emprezas frivolas e chimericas.

Vê-se de um Atlas, impresso para acompanhar a geographia de Mr. François, ser collocado o lago Parimá nas cabeceiras do Rio Branco, descripto igualmente nos mappas de Brau, Gaumilla e outros. Os proprios Hollandezes não deixavam de acreditar na existencia desse lago, em cuja procura subiu Nicolao Orstman em 1741 pelo rio Essequibo. Depois de muitos trabalhos e fadigas conseguiu sahir no Rio Negro, de onde passou-se para Cametá. Refere o ouvidor Ribeiro de Sampaio que ainda alli existia em 1743, onde o encontrou, lamentando a inutilidade da sua empreza.

Em Março de 1775 ainda tentou Le Clerc semelhante expedição, chegando a Barcellos, guiado pelos indios *Piraiuanas*.

A quem do Rio Branco recebe ainda o Rio Negro pela margem esquerda o Hyauapery, e além o Padauary e Canaberys, os quaes, posto que inferiores ao primeiro, são todavia muito importantes e podem ser navegados em grande extensão.

O Hyauapery já foi navegado 150 leguas.

O Canaberys ou Cauabury ou ainda Cabebury comunica com o canal Cassiquiare pelo rio Umarinaui, que desemboca na sua margem occidental e de cuja parte superior se passa por pantanaes ao rio Baciomoni ou Baciomonari, que desagua na margem oriental do Cassiquiari. « Além desta communicação, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, tem outras mais remotas; porque vencendo-se por terra e com jornada de um dia ou pouco mais, a grande serra que lhe fica ao poente, se chega aos riachos Baú e Uniabi, que fazem barra na mesma margem oriental do Cassiquiari. E' por semelhante modo se communica tambem com a parte superior do Rio Negro pelo rio Dimiti, que desagua abaixo de Marabitanas da margem septentrional do Rio Negro e pelos riachos Uniá e Ineui, que fazem barra na mesma margem acima de Marabitanas. »

O maior affluente do Rio Negro na margem direita é o Uapés, que entra acima das cachoeiras; depois seguem-se o Içana e o Xié ou Ixié.

Dez leguas acima da povoação de S. Gabriel e 206 da confluencia do Rio Negro, desagua pela margem direita o rio Ucayari, que, no idioma dos indios Manáos e Barés, significa rio de agua branca. E' mais conhecido pelo nome de Uapés ou Guapés, visto como os indios que lhe povoam o tronco principal chamam-se Uapés.

Pretende-se que nasça de umas serras entre os rios Cu-miari e Negro, reunindo-se-lhe pela esquerda um braço do Quiavari. Os indigenas affirmam ser o Uapés ramo de um rio caudaloso, que procura o oriente e a que chamam *Aniyary* ou *Guabiary*, que vem dos lados do norte. O padre Dr. José Monteiro de Noronha, no seu *Roteiro*, dá a esse rio, que vem do norte, o nome de *Auyiari* ou *Uaiyari*.

Corre o Uapés do occidente, paralelo aos rios Negro, Içana e Ixié, e desagua por duas bocas, que lhe fórmam a interpo-sição de uma ilha de figura triangular e de talvez 60 milhas de circuito.

Vinte e cinco leguas acima do povoado de S. Joaquim desagua no Uapés o rio Tiquié, onde em 1749 encontraram-se pedras, que depois de fundidas, reconheceu-se que eram de prata (51). Por este rio pode-se ir ao Apapuris. Tres dias de viagem acima da foz do Uapés começam as cachoeiras, das quaes a mais notável é a Ipanoré, e temiveis pelos medonhos vortices que formam.

As pedras de que é semeado o rio Uapés, ocupam o es-paço de cincuenta leguas, subindo da povoacão de S. Joaquim, e continuando depois de algum intervallo até a foz do Capuris.

A tribu dos Uapés distingue-se por terem furados as ore-lhas e labio inferior. Recomenda-se tambem por admittir

---

(51) Vid. o *Roteiro* do padre Dr. José Monteiro de Noronha.

entre si varios gráos de nobreza, a que serve de distintivo, como ordem militar, uma pedra branca, muito lisa e de figura cylindrica, furada para lhe passarem um cordão com que a trazem pendurada. O tamanho exprime o gráo de nobreza; os principaes usam de pedras de meio palmo de comprimento.

No rio Içana habitam os Banibahas e os Uurrequenas, celebres pela communicação que antigamente tiveram com os brancos conquistadores. O seu idioma comprehende alguns nomes hebraicos. São antropophagos e servem-se de uns cordões com que transmittem seus pensamentos a pessoas distantes, que entendem e sabem decifrar os respectivos nós. Tambem servem para o uso arithmeticó.

Os indios do Rio Negro e seus affluentes são os mais habeis na confecção do celebre veneno com que hervam as flechas.

« O veneno das flechas, diz o Sr. Gonçalves Dias, herva dura, curare, como dizem os viajantes franceses, ou *urari*, como dizem os filhos do Amazonas, é um instrumento de destruição como Deus creou poucos neste mundo. Qualquer animal, mesmo daquelles de maior porte, expira em alguns segundos, principalmente se o toxico se introduz nas proximidades do coração; todavia os naturalistas preparadores podem tirar delle grandes vantagens, desde que se conhece o seu antidoto tão prompto no seu contra-efeito como o proprio veneno. Este antidoto é o chlorureto de soda ou sal communum. »

O succo do limão dizem tambem ser um antidoto poderoso.

« Diz Baena que esse veneno é extrahido de um cipó chamado *Uirari*, grosso, escabroso e guarnecido de folhas parecidas com as da maniva. A sua manipulação, continua elle, consiste em mascotar a casca, borrifal-a com agua fria, destilal-a e fervêl-a ao lume, até ficar o sumo inspissado em ponto de linimento. Para augmentar a energia do toxico, addicionam-lhe succos exprimidos de outros vegetaes e cipós, que sejam de natureza venenosos. »

*O uirari*, diz o Sr. Ignacio Accioli, sem a mesma commixturação de outras partículas vegetaes e animaes, é mortifero.

Pertence á classe dos cipós, dá-se nos lugares paludosos, suas flores tetrapetalas são de côr amarella pallida, ás quaes sucedem pequenos fructos do formato de uma fava, n'uma capsula periforme. Os indios são ciosos em patenteiar a maneira do fabrico; todavia este consiste na extracção por meio do fogo dos succos venenosos da casca, que é escabrosa, e raizes colhidas no tempo de verão, tomando na accão do cozimento uma forma expressa, á qual então reunem outras substancias vegetaes venenosas e formigas tocandeiras, guardando depois o veneno em pequenas panellas, onde se conserva em continua fermentação, que perde pelo trato do tempo, tornando então a sofrer nova ebullição no fogo, misturando-se-lhe o tucupi ou summo da mandioca.

Conhece-se a perfeição da composição do veneno, tocando com qualquer ponta impregnada de sangue, adquirindo este instantanea coagulação; se porém não coagula momentaneamente, volta de novo para o fogo o veneno e são mui preju-

diciaes os vapores que exhala durante a decocção áquelles que os recebem pela boca ou nariz, operação esta que os indios, por nociva, encarregam ás velhas decrepitas e inuteis.

O animal que é ferido pela frecha impregnada de *uirari*, fica no primeiro momento como attonito e surpreso; imediatamente depois sobrevem-lhe vertigens, torpor, vomitos, se disso é susceptivel, e a morte.

No estado de torpor ou vertigem em que se acha, pôde ser sem resistencia posto em gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe depois na boca uma pedra ou melhor uma solução de sal de cozinha. Quando o animal volta a si acha-se preso, mas em um estado de prostração, que lhe não permite nas primeiras horas o menor acto de colera ou desespero.

Conservam as flechas impregnadas de veneno a sua força por longos annos e antes de arremessal-as costumam os indios mettel-as na boca para as salivarem. Nenhum mal lhes faz isto, porque o perigo está sómente no contacto do veneno com o sangue.

O mais abundante destes venenos é o *uirari* dc Tonantins, o qual é por isso mais conhecido. Comtudo são fortes todos quantos se fabricam no Solimões e seus affluentes. Os indigenas do Purús preparam-no bastante energico, e talvez melhor que o de Tonantins. No rio Japurá encontra-se de' excellente qualidade, mas é principalmente nos rios Negro e Branco onde melhor merece a sua terrivel reputação.

Hoje procuram curar o tetano por meio da acção desse veneno.

Em geral, em vez das flechas, hervam os indios pequenas settas a que chamam *Curabis*, e despedem por meio da *zarabatana*.

E' a zarabatana uma arma terrivel e certeira. Dentro dc tubo interior, introduzem uma setta de paxiúba hervada *curabi* c na extremidade superior da setta enrolam um pouco de sumáuma, de forma que tape hermeticamente o orificio do cylindro e offereça tal ou qual resistencia ao ar, para sei expellida com mais violencia.

Este meio pôde ser de muita utilidade aos naturalistas preparadores, porque nem só não se espanta o animal, acon- tecendo errar-se o tiro, nem se estraga a pelle, no caso de acertar-se; como tambem, porque, com o emprego oportununc do antidoto, podem apanhar os individuos—aves ou feras, que careçam possuir vivas.

Além dos rios acima mencionados, recebe o Rio Negro mais dc setenta tributarios de menor grandeza, sendo quasi todos de agua preta, e alimentados com as aguas de lagos princi- palmente na parte inferior das cachoeiras.

E' por esta razão que, apezar dos grandes tributarios de agua branca, predomina a côr preta no rio. Esta explicação entretanto não parece razoavel a alguns. O que é, porém, certo é que as aguas pretas provém invariavelmente dos lagos e dos terrenos pantanosos, seja qual fôr a sua consti- tuição, e as aguas brancas das collinas ou das serras. A côr preta, portanto, é devida á presença de materias vegetaes

em decomposição, e as aguas brancas ás materias mineraes.

Antes de passar adiante, direi algumas palavras ácerca da catechese e civilisação dos indigenas do valle do Amazonas.

E' triste de dizer-o ; mas, é a verdade : a catechese no valle do Amazonas muito pouco tem produzido.

Não é opinião sómente minha, é de todos quantos por aqui tém andado, de todos os que aqui vivem, e que também se acha consignada em quasi todos os relatorios dos presidentes que tém administrado as duas provincias do Pará e do Amazonas.

As sommas, embora diminutas, que despende o Estado com esse importantissimo serviço e de tão vital necessidade, esgotam-se sem deixar vestigios ou pelo menos sem que aproveitem a essas tribus selvagens, que povoam os rios que banham o valle immenso do Amazonas, e que não poucas vezes commettem actos de hostilidade contra os exploradores e viajantes que até elles abrem caminho, e contra os extractores dos productos naturaes, que por ahi abundam.

Tres seculos, diz o Sr. Dr. Adolpho de Barros, parece não terem sido tempo bastante para destas florestas vizinhas da civilização, arrancar á ignorancia barbara, em que vivem, tantos infelizes filhos da natureza.

Em um paiz christão, em um paiz civilisado, a dous passos, por assim dizer, da cruz e das livres instituições, á cuja sombra nos abrigamos cultos e tranqüillos, vagam tribus inteiras, entregues ainda, como ha trezentos annos, como ha mil, aos instintos feros e grosseiros da natureza primitiva : barbaras, pagãs e antropophagias !

Cumpre ainda reconhecer uma verdade, amarga de dizer porém que é necessário repetir. O pouco que existe feito neste elevadissimo assumpto, é pela maior parte obra de outros tempos.

« O homem das selvas, dizia ha 10 annos o Sr. Dr. F. C. de Araujo Brusque á assembléa provincial do Pará, o homem das selvas continua errante nas desertas matas que abundam nesta provincia.

« Por toda a parte, onde penetra o homem civilisado nas margens dos rios inhabitados, alli encontra os traços não apagados dessa população que vagueia sem futuro !

« E a pobre aldêa, ás mais das vezes por elles mesmos erguida em escolhida paragem, onde a terra lhes oferece mais ampla colheita da pouca mandioica, que plantam, desaparece de todo, pouco tempo depois de sua lisongeira fundação.

« O regatão, formidavel cancro que corrói as arterias naturaes do commercio licito das povoações centraes, desviando dellas a concurrencia dos incautos consumidores, não contente com os fabulosos lucros, que assim aufera, transpõe zudaz enormes distancias, e lá penetra tambem na choça do indio.

« Então a aldêa se converte para logo n'um bando de servidores, que distribue a seu talante, mais pelo rigor, do que

pela brandura, nos diversos serviços, que emprehende na colheita dos productos naturaes.

« Pelo abandono da aldeia se perde a roça, a choça desapparece e o misero indio em reeoimpensa de tantos sacrificios e trabalhos recebe muitas vezes *uma calça e uma camisa!* »

« Entretanto pouco se ha feito em favor delles. »

Em Setembro de 1862, exprimia-se assim o mesmo Sr. conselheiro Brusque:

« Em nenhuma das provincias do Imperio abundam tantas e tão variadas hordas selvagens como nesta.

« Por toda a parte, em todas as direcções, onde pela vez primeira ehegar ainda o homem civilisado, lá ha de encontrar os traços dessa população errante, que descuidada vagueia nas selvas entregue ao abandono de si mesmo.

« A indole geral das tribus conhecidas é de paz, e á excepção de algumas hordas, que permanecem em estado puramente selvagem, o indigena é de carácter brando e procura as relações de nossa sociedade.

« Entretanto nada se tem feito por elles.

« Não ha um só aldcamento regular ; os nucleos de população existentes, entregues á propria inexperiencia, reunem o triste aspecto do homem no lumiar da civilização e já rodeado de alguns vicios, que corroem a velha sociedade.

« São novas sociedades que se levantam ; mas que carecem desde o seu começo do principal elemento de sua consolidação : a religião e a moralidade.

« Outr'ora, roçando as sandalias do levita o centro de nossas florestas, se ergueram nucleos, que medraram através de ingentes sacrificios e que foram o berço de algumas florescentes povoações. Hoje em nossa terra não ha um sacerdote que se destine a esse mistér humanitario, que a religião aconselha e a civilisação reclama !... Pelo menos eu já perdi a esperança de encontral-o. »

A catechesc encontra actualmente no valle do Amazonas innumerias dificuldades e embaraços. Outr'ora , é certo , serviu ella de pretexto para frequentes e deploraveis extorsões e violencias ; mas tambem é innegavel que deixou de si alguns vestigios, alguns bons fruetos, que ainda hoje saboreamos.

O catechumeno era muitas vezes um escravo e não um doutrinando e as missões eram mais uma caçada de homens do que um apostolado. Mas a par de todos esses tristes excessos, de toda essa deploravel deturpação do mais sagrado dos ministerios e da mais sublime das virtudes christãs, muitos esforçados missionarios, verdadeiros apostolos e benemeritos da humanidade, derramaram largamente com a palavra santa crença e com a erença a eivilização no seio das tribus ferozes, que povoavam as matas.

Hoje, quem vai ao encontro do indio, no fundo de suas florestas virgens e no interior desses rios sem fim ?

Rarissimos são os missionarios que acodem a esse appello da humanidade e os poucos que existem, salva uma ou outra excepção bem rara, não penetram com a pala-

vra nos labios e a cruz erguida na mão por através dessas florestas espessas em que dorme o indio á sombra da ignorancia e da barbaria; não vão alli levar-lhe o pão do espirito e o presente sublime dessa luz benelica e creadora, que vivifica o espirito e alimenta o coração. Limitam-se a estabelecerem-se, e mesmo assim lutando com as maiores dificuldades, á margem de um rio, na boca de um igarapé e já muito fazem quando conseguem levantar uma capella em torno da qual se grupam indios, que já têm o contacto social e que com o baptismo da civilização bastarda, que lhes levou o regatão, receberam também a innoculação do vicio e dos maus habitos.

Convém entretanto que fique bem patente, por amor da verdade e da justiça, que a causa do quasi nenhum resultado que a catechese tem dado, não provém dos missionarios ou pelo menos não provém sómente delles. E' certo que para esse estado de cousas concorre também a ausencia de providencias e de recursos, sem os quaes não podem deixar de ser improductivos quaisquer esforços e sacrificios da parte desses homens.

Lutam aqui os pobres missionarios, tão reduzidos como são, com dificuldades de transporte, com dificuldades de alimentação, com um clima ardentissimo, verdadeira atmosphera de fogo e com febres paludosas e intermitentes, que abatem a coragem a mais decidida, a mais tenaz e prostram a mais robusta constituição. Na arriscadissima empreza a que se devem entregar, nem ao menos contam garantida a sua segurança individual sempre ameaçada, — já não fallo por parte dos indios que vão converter, mas por parte dos regatões, cujos interesses e extorsões contrariam; e nem lhes proporcionam meios e recursos que de alguma sorte mitiguem e attenuem as dificuldades com que vão arrostar.

O missionario é sem duvida o primeiro elemento para a catechese, é o seu mais poderoso auxiliar, mas o maior inimigo que a catechese tem, aquelle que mais embaraços lhe oppõe, que mais dificuldades lhe suscita, é o regatão. Menos barbaro que o indio, porém muito mais corrompido, vive em luta constante com os missionarios, que não permitem, que não podem consentir que elles explorem, depravem e deshonrem o pobre filho das selvas, a pretexto de comerciar com elle.

O regatão é uma das pragas do Amazonas.

• São os regatões, escrevia o Exm. Sr. bispo do Pará, em data de 21 de Dezembro de 1865 ao Exm. Sr. ministro do imperio, são os regatões negociantes de pequeno trato, que em canoas penetram até aos mais remotos sertões para negociarem com os indios. E' difficil imaginar as extorsões e injustiças, que a mór parte delles commettem, aproveitando-se da fraqueza ou ignorancia desses infelizes. Vendem-lhes os mais somenos objectos por preços fabulosos, tomam-lhes á força ou á falsa-fé os generos; quando muito compram-nos a vil preço e muitas vezes embriagam os chefes das casas para mais facilmente deshonrar-lhes as familias. Em sim, não ha

immoralidade que não pratiquem esses cupidos aventureiros.

No relatorio que em 1862 apresentou á assembléa legislativa do Pará, exclamava cheio de indignação o Sr. conselheiro Brusque:

« Dó do indio, senhores; entregue a si mesmo, não encontra sempre nos laços da nossa sociedade a fraternidade que a civilização lhe promette; mas a dissimulação, o engano e muitas vezes o rigoroso trato, que o repelle e o força a embrenhar-se de novo no silencio das matas.

« Doceis ao contacto de intelligencia mais cultivada do que a sua, o indio acolhe benigno em sua maloca aqueles que o procuram. Certos disso não faltam aventureiros, que, transpondo enormes distancias, penetrem até o lugar de sua residencia, e mediante o adiantamento de alguns objectos, que o indio reputa de subido apreço, dentro em pouco ganha imperio sobre a tribu, a qual governa a seu bel prazer. De então em diante ninguem mais alli entra e a vontade do regatão é a lei que rege, em quanto elle ahi permanecer pelo tempo necessário a seus negocios. E o pobre indio lhe obedece cegamente!...»

« Para logo os destina á colheita do oleo de castanha, á extircação da salsa e de outros productos naturaes; e quando passados tres ou quatro meses de arduo trabalho, regressa ao gremio da aldêa, elle lhe faz a conta de modo que o misero indio lhe fica devendo ainda.

« Para que possais aquilatar, continua o Sr. conselheiro Brusque, o grão de usura e immoralidade deste commercio execrando, eu vos darei a taxa do preço de algumas mercadorias vendidas ao pobre indio no alto Gurupy e no Capim, conforme ouvi de alguns indios que a instancias minhas tive commigo nesta cidade.

« No Gurupy um córte de calças de algodão ordinario, que custa nesta cidade 18000, é dado ao indio em troca de um pote de oleo de copahyba, que contém de uma canada e meia a duas canadas, e que vale por conseguinte neste mercado 20\$000.

« Uma arma de fogo ordinaria no valor de 5\$000 é dada em troco de tres potes de oleo

« Um barril de polvora que custa 17\$000 é o equivalente de 8 potes.

« Outro tanto sucede no Capim, e em qualquer outro lugar nesta província, onde o regatão commercia com o misero indio.

« Agora mesmo trilha as matas do Candirú a população inteira da aldêa dos Turys do rio Capim em busca de oleo e na caça de jabutys para certo regatão, que imperiosamente os distribuiu para estes serviços; entretanto que deixaram algumas roças de mandioca, que plantaram, e as pobres choupanas da sua aldêa no mais completo abandono.

« Ainda não é tudo. Rude embora, o indio ama à familia e prezava os teuros filhos. Pois bem, é o santuario da familia, é

o regaço do amor paternal o terreno em que o regatão exerce ás vezes sua mais brutal ferocidade.

« Quando não seduz a esposa, raptá a filha e quasi sempre arranca do gremio da familia tenras crianças, que em seu regresso aos povoados reparte entre seus comparsas !... »

« E o pobre indio sofre humilde este duro tratamento e acolhe de novo no anno seguinte o regatão, que continua seu credor e regulo da mesma aldeia ! »

« A estas causas se devem attribuir as desavénças, que tiveram lugar na aldeia *Taquateua* no alto Gurupy, no mez de Outubro do anno findo entre os indios da tribu *Tembés* e alguns regatões, das quaes resultaram a morte de nove individuos.

« Segundo as informações que cuidadosamente colligi, Polycarpo José Tavares, negociante no Alto Gurupy, maltratava com palavras e corporalmente os indigenas que negociavam com elle, pertencentes á maloca *Traquateua*, e ahi chegando Francisco Pachola, José Clemente e outros, tambem negociantes, começaram a ter o mesmo procedimento, em virtude dos exemplos de Polycarpo.

« Rafael Antonio da Silva seduziu e levou para sua companhia a mulher do indio *Tocoroy*.

« Francisco Pachola não quiz entregar a mulher de Joaquim Pocú, que estava trabalhando com elle.

« A estes factos seguiram-se imprudentes demonstrações de desprezo, provocações, ameaças e alguns espancamentos feitos nas pessoas dos indios, que mais se distinguiam nas queixas contra os autores daquelle factos, que não foram senão mais um élo da longa cadêa de vexações por que os regatões faziam passar aquella pobre tribu.

« Então sete mancebos mais destemidos executaram o plano de vingança, assassinando barbaramente alguns regatões e seus dependentes.

« A essas scenas de horror praticadas por homens selvagens sem a menor idéa da moralidade das suas acções e sem impunidade, seguiram-se outras dignas de severa repressão, por terem sido executadas por aquele mesmo, que fôra incumbido pelo delegado de policia do termo de comparecer naquelle localidade, com o fim de restabelecer a segurança individual e proteger outros regatões, que lá se achavam.

« O encarregado desta diligencia prendeu os indios que encontrou e os espancou barbaramente até revelarem os nomes de todos os que tiveram parte nos assassinatos referidos.

« Não achando ainda bastante o rigor deste trato abusivo e criminoso, arrancou do seio de algumas familias indigenas nove crianças, que remeteu para Viseu !... »

« Em resultado desta infeliz commissão a aldeia desapareceu e a choça do indio foi reduzida a cinzas ! »

Em 1864 referia o Sr. Dr. Adolfo de Barros os seguintes factos á assembléa legislativa da provincia do Amazonas:

« Pouco depois de minha chegada á provincia, vieram a esta capital o chefe ou tuchaua e alguns indios da tribu Maués.

« Trajava aquelle, camisa de ordinario riscado de algodão e calça de zuarte azul, parecendo intimamente penetrado da beleza de semelhante vestidura, porque o indio é por natureza propenso a certa instinctiva vaidade, d'onde lhe vem a predilecção aos adornos e atavios.

« Entre outras cousas, procurei informar-me do preço dasquellas peças de roupa.

« Cada uma custára ao pobre *tuchaua* a bagatella de uma arroba de *guaraná*, isto é, o valor de 25\$000 a 30\$000. »

Um outro facto:

« No rio Purús estava fundeada em certa altura a coberta de um regatão portuguez de nome A...»

« Passa um indio já meio civilisado com algumas arrobas de seringa, fructo do seu trabalho durante o anno, e destinadas ao pagamento de um seu credor.

« Propõe-lhe o regatão a compra do genero e como não fosse aceita, attrahe o indio á coberta e facilmente o embriaga.

« Nesse estalo transporta-o para a sua canôa, amarrado então á pôpa da embarcação; deixa-lhe um ou douos objectos de nenhum valor e um garrafão de aguardente; apóss-a-se da seringa; e, o que dá a esta scena de torpe espoliação um cunho de cynica perversidade, corta a amarra da canôa e deixa-a ir, levada pela forte corrente do rio, com o misero tomado do sonno profundo da embriaguez! »

« Quando no dia seguinte acordou, conheceu-se o indio roubado e na distancia de tres dias do lugar em que adormecera! Voltou a reclamar a borracha; mas nada conseguiu senão trabalhar por espaço de tres mezes para quem tão vilmente o despojara, sem outra recompensa mais do que promessas que nunca foram realizadas. »

Desta vez, felizmente, não ficou o crime de todo impune, porque, chegando o facto ao conhecimento do digno presidente da província, mandou este colligir as necessarias provas e instaurar processo ao seu autor.

Constantemente illudidos em sua boa fé, perseguidos e atormentados por esses homens sem consciencia, sem religião e apenas incitados pela mais cynica e criminosa ganancia, victimas de mil espoliações, vendo arrancados de seus braços o filho, a mulher, os parentes, não se limitam muitas vezes os indios a se embrenharem no mais espesso das matas como feras accuadas e a evitarem todo e qualquer contacto com essa *civilisação*, que de tão funestas consequencias lhes foi. Filhos da natureza, sentem a indignação queimar-lhes o sangue e procuram na vingança, não o esquecimento, mas o desabafo, mas a expansão da dor e da raiva; e as represalias começam.

Os annaes das duas províncias do Pará e do Amazonas acham-se cheios dessas scenas de violencia e de sangue, a maior partidas vezes provocadas pelas violencias clamorosas, pelas extorsões sem nome de que são victimas os pobres indigenas.

Nem sempre a vindicta dos indios reache contra aqueles que a provocaram; muitas vezes a frecha hervada erra o alvo

e vai ferir de morte a quem nenhuma offensa havia commetido. E' que o regatão deixou de si tão execranda memória, que o indiô desconfia de tudo e de todos quantes não pertencem á sua raça. Em todos os brancos, em todos os que lhe procuram as matas elle julga ver um *regatão*, isto é, um homem que não hesitaria um momento em deshonrar-lhe o lar, em raptar-lhe os filhos e em abusar vilmente da sua boa fé.

E a desconfiança é cega e não raciocina.

« Creio firmemente, disse o Sr. José de Miranda da Silva Reis (52), que grande parte dos actos de brutal e feroz barbaridade por indigenas selvagens perpetrados contra individuos ou pequenas povoações civilisadas, são menos devidos a māos instintos entretidos pela ignorancia, do que á repressalia ou desforço das violencias que alguns ambiciosos pāra com elles muitas vezes praticam, apoderando-se delleś ou dos entes a elles mais caros e forcando-os a permanecereim, como que escravizados, sem retribuição alguma em seus arduos trabalhos e talvez bem deshumanamente tratados; o que os leva a crer que geralmente os homens civilizados os perseguem como inimigos. »

Ahi transcrevo alguns dos factos mais tristemente notaveis, algumas das scenas mais lamentaveis que têm enlutado os annaes das duas provincias nestes ultimos annos:

A 22 de Outubro de 1855 os *Waupés* da aldēa do Coração de Jesus assinaram a Serafim e Miguel, que acompanhavam o mesmo director, o qual conseguiu escapar, posto que gravemente ferido.

Estes mesmos indios já anteriormente haviam assassinado os *regatões* João da Silva, José Perequeté, José Theodoro, Miguel Wilkens e Sebastião Nogueira.

Em Novembro de 1858 os *Parintintins* assassinaram a Antonio Primo de Góes e Manoel José e feriram gravemente a Bartholomeu Francisco de Góes.

Em 1860, no Crato, rio Madeira, perpetraram os *Parintintins* cinco mortes.

Em Setembro do mesmo anno, no rio Juruá, os *Colinos* assaltaram o *regatão* Innocencio Alves de Faria e seus companheiros, assassinaram a um destes e feriram a quatro.

Em 1863 os *Mameris*, do rio Jauapery, apareceram no districto de Tauapessassú e derramaram o terror na populaçāo.

Em 3 de Junho do mesmo anno foi a casa do comerciante José Francisco Monteiro, estabelecido em Baētas, no rio Madeira, assaltada pelos *Parintintins*, que assassinaram Anna Thereza de Almeida, de 60 annos de idade, e feriram a Suzana Francisca do Rozario, José Gonçalves Ferreira, Bazilio Antonio Rodrigues e outros.

---

(52) Relatorio apresentado á assembléa legis'ativa do Amazonas em 1871.

Em 1863 os *Ipurinãs*, no Purús, assassinaram o italiano Carlos, companheiro do Sr. W. Chandless.

Em Dezembro do mesmo anno os *Jauaperys* assassinaram a Joaquim Galvão e a um seu escravo.

Em 1865 um grupo de indios selvagens assaltou no rio Wariaú a dous filhos de João Galvão.

Em Março do mesmo anno tentaram os indios *Uaimiris* assaltar a populaçao de Ayrão.

A 10 de Outubro de 1866, os *Mageronas*, no Alto Javary, atacaram as duas canôas, que conduziam os membros da commissão mixta, que por parte do Brazil e do Perú exploravam esse rio para a fixação dos limites, resultando a morte do distinto capitão tenente João Soares Pinto, o ferimento grave em uma perna do secretario da comissão peruana D. Manoel Raude y Paz Soldan e o ferimento leve de mais oito pessoas.

Em 1868, no rio Jauapery, assassinaram os *Haimirys* a Manoel João e a sua familia composta de doze pessoas.

Em 1869, na foz do rio Machado, assaltaram os *Parintins* a uma canôa e mataram a flechadas dous dos tripolantes, conduzindo os cadaveres para suas malocas.

Em Setembro do mesmo anno, os *Jumas*, no Alto Purús, assassinaram a Cesario José de Mesquita e a Emiliiana, sua companheira, roubando diversos objectos, que encontraram na larraca das victimas.

Este lamentavel acontecimento é attribuido á imprudencia de um velho chamado Caridade, que encontrando-se com um grupo de *Ximaniry*s, que lhe acenaram com gestos amistosos, teve a triste lembrança de sobre elles disparar um tiro de espingarda.

Os indios, que até então não tinham hostilizado a ninguem, prometteram vingar-se.

O factio havia-se dado em 1866. Os *Ximaniry*s espreitavam occasião azada para vingarem a offensa que tinham recebido do velho Caridade, e o infeliz Mesquita e sua companheira foram as victimas dos instintos desses selvagens.

O assassinato do italiano Carlos é attribuido á ousadia que elle, tendo sido recebido com tola a hospitalidade pelos *Ipurinãs*, teve para com uma india, inui joven, e mulher de um dos principaes dessa tribu.

Os actos de barbaridade dos indios têm quasi sempre uma causa, fitha da imprudencia ou perversidade daquelles que se têm em conta de civilizados e christãos.

Mesquita e sua companheira expiram a imprudencia do velho Caridade, que tão selvaticamente procedeu para com os *Ximaniry*s, denominados talvez erroneamente *Jumas*.

Eis como o Exm. Sr. Wilkens de Mattos refere este facto :

« No dia 2 de Setembro (1869) uma horda de indios selvagens, denominados *Jumas*, atacaram a feitoria do subdito portuguez Cesario José de Mesquita e o assassinaram e a uma mulher de nome Emiliiana, que em companhia do mesmo vivia, roubaram muitos objectos que alli encontraram, e, decapitando os cadaveres das duas victimas, levaram as

cabeças, que quinze dias depois foram encontradas na maloca dos mesmos antropófagos, pelo valente e humanitário subdelegado do Alto-Purús, Manoel Francisco da Rocha, que, abandonando os seus mais graves interesses, reuniu todos os cidadãos que pôde encontrar, nacionais e estrangeiros, e com iminente risco da própria existência, atravessou densas matas e largos igapós, até descobrir a maloca dos selvagens, a quem procurou atrair; mas sendo recebido a flechadas e sucessivos ataques, teve de os repelir, tornando de assalto a casa delles, onde não só encontrou as mercadorias roubadas, como os crânios, já desecados, das duas vítimas, e mais um terceiro, que denotava ser de mulher e antigo.

« Acontecimento tão selvático e inesperado, derramou o terror na laboriosa população desse vastíssimo distrito, e trouxe não pequenos prejuizos à indústria extractiva, e, conseguintemente, ao comércio, que se alimenta dos produtos daquela; e maiores seriam sem dúvida esses prejuizos, se ao serem aqui recebidas no dia 10 de Outubro tão lamentáveis notícias, que o referido subdelegado Rocha veiu pessoalmente comunicar, não tivesse eu, de acordo com o Dr. chefe de polícia, feito partir no dia 14 desse mês para o lugar do acontecimento, o vapor *Pará*, levando armamento, um oficial e praças do corpo provisório, que chegaram ainda a tempo de evitar que o susto e o desanimo, de que se achava dominada a população laboriosa, não causassem uma total interrupção nos trabalhos extractivos, o que, se tivesse acontecido, produziria um desfalque de mais de duzentos contos nas transacções comerciais daquelle famoso rio. »

Os *Parintintins*, ainda no anno findo, repetiram os ataques, que tornam, por assim dizer, inhabitável parte da região do Madeira.

Os *Uaymirys* puseram em sobresalto há poucos meses a povoação de Ayrão e as freguesias de Tauapesssú e Moura, praticando nesta última scenas verdadeiramente deploráveis.

Communicando á assembléa legislativa do Amazonas estes tristes acontecimentos, assim se exprime o Exm. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto:

« Occupando as margens do Rio Negro, por occasião da sua vassante, como o fazem há alguns annos, começaram por assaltar as canoas que transitavam e por ultimo atacaram a freguesia de Moura, obrigando seus habitantes a se refugiar em uma ilha vizinha. De posse da povoação, roubaram e destruíram todos os objectos encontrados nas habitações, e frecharam uma criança por seus pais esquecida em uma rede.

« Tambem um cidadão, que já tinha servido no corpo provisório, caíu vítima de uma seta arremessada pelos selvagens.

« A falta de força nesti guarnição, me impediu de enviar para a localidade um destacamento de linha, logo que cor-

reram os primeiros rumores a este respeito; mas ordenei ás autoridades da guarda nacional, que destacassem uma força sufficiente a garantir as povoações e activei a vinda de práticas para completar o corpo provisório e habilitar-me a tomar providencias mais energicas, se as circumstancias o exigissem.

«Mandei um oficial ao rio Ma leira promover a reunião de guardas nacionais e o recrutamento, e quando d'alli tinham vindo alguns reforços, como de Villa Bella, Serpa e diversos pontos do Solimões, chegaram as communicações dos tristes acontecimentos referidos.»

O Sr. Dr. Peixoto fez seguir immediatamente para Moura uma força commandada pelo Sr. brigadeiro Barros Falcão.

A ida da força produziu os beneficos effeitos, que eram de esperar, restabelecendo a segurança na freguezia e garantindo os seus habitantes, que haviam abandonado casas e haveres.

Foi necessário bater as matas proximas para dispersar os indios, que, apenas retirados da freguezia, eram motivo de continuo sobresalto.

Nessa occasião houve alguns encontros entre elles e a força sem que entretanto houvesse nella alguma desgraça a lamentar.

Essas scenas, pois, de horror, esses actos de selvageria e de canibalismo são a maior parte das vezes provocados pelas violencias e extorsões que soffrem os pobres indigenas da parte dos regatões.

Bons e humildes como são os indios, supportam-nos por muito tempo, soffrem-nos por muito tempo, depois começam a queixar-se e como nem sempre ou quasi nunca lhes fazem justiça, ou porque muito distante e por consequencia muito fraca é a accção da autoridade, ou então porque coniventes são as proprias autoridades, — começam as represalias e apparece violento e selvagem o instincto da vingança.

Mas não é sómente o indio, que vive no fundo das malocas, que se queixa dos regatões.

Nas duas provincias do Pará e Amazonas ha contra elles geral indisposição.

Muitos factos me têm silo referidos de familias honestas e que viviam com certa abastança, hoje desgraçadas por esses homens, por essas sanguessugas sedentas, que se introduzem sorrateiramente na choupana do agricultor, do pescador, do indio já civilizado, e ahi levam a hediondez do vicio, a miseria e a deshonra.

Chega a um sitio a canôa de um regatão, se o dono do sitio o não procura, se lhe não oferece a casa... Não importa. O regatão já está habituado a isso, invade a choupana, embriaga os moradores, oferece-lhes as mercadorias que leva por preços fabulosos, inventa umas celebres *ladainhas*, que não são mais do que scenas de orgia, com o fim de atrair a concurrenceia, e especulando com a boa fé e com a religião dessa pobre gente e no meio da aguardente que prodigaliza, rouba desapiedada lamente o resultado do trabalho de um anno.

inteiro do pobre chefe de familia, roubando-lhe igualmente a honra da esposa e das filhas. (53)

E no dia seguinte, sem que lhe dôa a consciencia, sem sentir o pungir do remorso, embarca o regatão, deixando após si a miseria e a deshonra.

Outra vez aporta em um sitio, onde se ostenta um bello e estenso cacal.

A troco de alguns copos de pessima aguardente e de um ou outro objecto de infimo preço, o regatão alicia e seduz os escravos e os famulos e volta com a canôa pejada de cacáo que mandára roubar.

Bem que o regatão seja uma verdadeira calamidade no Amazonas, vampiro que suga o sangue, seincando por onde passa a desolação e a morte, não insistirei entretanto pela sua abolição. Não seria possivel fazel-o á vista das livres instituições que nos regem. Direi u ais, a cauôa do regatão me parece uma necessidade indispensavel na quelles desertos imensos, na quellas remotissimas paragens.

« Pretender, diz o Sr. Dr. Tavares Bastos (54), que cada productor venha aos povoados na sua canôa trazer a sua borracha ou os seus generos, e comprar os artigos de que careça; pretender que cada indio ou cada familia faça isso periodicamente, ati avessando enormes distancias, gastando muitos dias, interrompendo o seu trabalho; preferir isto ao movimento natural das transacções, segundo o qual, pela lei da divisão do trabalho, o regatão é o intermediario que economisa tempo e despesa de producção, fazendo o transporte em proveito de todos; pretender que em uma região, cujas industrias extractivas determinam e provocam a disseminação dos habitantes, a população se concentre á rota dos seus raros povoados, não me parece sensato, nem medida económica. O tempo, o abandono das actuaes industrias, os processos agricolas, a moralidade que se difundirá como o progresso da civilisação, é que hão de alterar as praticas do pequeno commercio, e suprimir os usos que hoje excitam justa indignação. »

Entretanto, em bem da moralidade, em bem do socego publico e da tranquillidade das familias, e para evitar, senão de todo, mas pelo menos diminuir essas scenas de violencia e de sangue, essas represalias de que lançam mão os indios, vendendo-se feridos no que têm de mais caro, roubados na honra e na fazenda, maltratados e ludibriados por esses homens sem fé e sem consciencia; — é necessario armar a autoridade de poderes discricionarios, e fazer pesar sobre esses

---

(53) E' raro, muito raro, dizia-me um dos caracteres mais sisudos e intelligentes do Amazonas, que não terminem essas *ladainhas* por um ou mais assassinatos.

(54) Vid. a importantissima obra *O Vale do Amazonas*, pag. 286.

individuos to lo o rigor, toda a severidade da lei. Vigie-os a justica e faça-lhes sentir to lo o seu peso, o seu maximo rigor na repressão das menores de suas faltas. Não haja tolerancia para com elles e puna-os a lei com severa inflexibilidade na perpetração dos abusos e violencias. (55)

Sem essas medidas coercitivas, que sem duvida serão muitas vezes illudidas, sem grandes exemplos de que a lei e as autoridades não transigem com os regatões, quaesquer que sejam, e por maiores e mais altas posicoes officiaes que occupem, a catechese continuará a ser uma utopia, porque não quererão os indios entrar para o gremio de uma civilização e de uma sociedade de onde sahem os seus mais crueis e perigosos inimigos.

« A consequencia desse estado de cousas, dizia o Sr. Dr. Adolpho de Barros, é que longe de progredir, a conquista pacifica dos indigenas se difficulta de dia para dia; e não só se difficulta, como até se perde a oculos vistos.

« Um numero crescido de tribus, que já haviam descendido das cabeceiras de alguns rios e outros lugares igualmente remotos, estabelecendo-se aldeados nas vizinhanças de certos povoados, tem gradualmente desapparecido, regressando ás suas solidões, e aos habitos da vida primitiva, que iam trocando pouco e pouco por costumes mais brandos e civilizados.

« Entre tantos outros exemplos, citarei o dos *Catuqueiras*, estabelecidos em diferentes malocas nas vizinhanças da foz do Jutahy, proximo ao Solimões.

« Dispersaram-se todos, não ha muito tempo, e voltaram de novo ás cabeceiras daquelle rio, perto do Mutum-paraná.

« De mais de trezentos que eram, restam apenas seis em uma das malocas mais distantes!

« Este facto, que se reproduz em muitos outros pontos da província, merece ser tomado em grande consideração.

« O receio das populações indigenas, não diante dos passos da civilização, mas diante da cobiça torpe dos aventureiros e do despotismo criminoso de certas autoridades (56),

---

(55) Quem compulsar os annaes judiciarios do Pará e Amazonas, verá que a maior parte dos crimes ahi commettidos, tem por protagonista um regatão ou pelo meno; é elle a causa proxima ou remota. Na casa do Sr. tenente coronel J. J. da Silva Meirelles, onde me acho hospedado, ha uma viúva e um orphão, que ahi foram pedir abrigo, e cujo marido e pai cahiu victimas do punhal do assassino em uma dessas celebres *tadainhas*, organizadas pelos regatões.

(56) Referindo-se aos directores de indios, escrevia ao Sr. ministro do imperio, em Dezembro de 1865, o Sr. Dr. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará :

transpõe o limite das nossas fronteiras. Foi assim que uma parte notável das tribus *Pacé*, *Hyury* e *Hamana* em vista da perseguição desenvolvida contra os *Miranhas*, que tinham avançado mais para as margens do Japurá, concentrou-se temerosa além do nosso território, nos desertos ainda não trilhados nem pelos regaços, nem pelos directores.

Como estes, temos perdido e iremos perdendo outros habitantes, que educados convenientemente, seriam de grandíssimo prestígio na nossa extensa linha de fronteira.

Cumpre e urge prover de remedio a males de tamanha gravidade. Cumpre reter esta população que se afasta, assim como aproveitar a que se concentra nos desertos, perdida para a religião, inutil para a sociedade. Cumpre ir ao encontro desses restos dispersos de tribus, que mutuamente se combatem e destroem em uma luta selvagem, reunil-os em missões, que tenham por base o ensino e o trabalho, que sejam colo-

---

« Os melhores directores parceiros (rarissimos se contam destes) são os que negligenciam as obrigações do seu cargo e não se importam absolutamente com os indios. Os demais não se hão de chamar directores, Sr. ministro, senão senhores de indios, e que senhores! Não quero contristar o animo de V. Ex. eom relatar-lhe as atrocidades, os despotismos, as injustiças clamorosas praticadas por esses funcionários em nome e sob a egide do governo..... Ando o triste indio afugentado, opprimido, despojado, escravizado, como nos tempos da conquista, e até em certos lugares vendido meio ás escondidas, eomo mereadoria de contrabando. Tenho testemunhado eu mesmo estes factos e, ainda mal, que se explicam mui naturalmente! Não oferecem em geral os pretensos directores garantias sufficientes para cargo de tal porte. As simples honras de tenente coronel com que os galardão o governo, não são sufficientes para decidir homens sisudos, intelligentes, de abonada reputação e probidade a renunciarem aos commodos da civilização para irem por aquelles immensos desertos viver eom indios boçaes.»

O finado Sr. conselheiro Furtado escrevia estas palavras, não menos energicas e eloquentes :

« Assim os encarregados de taes funcções (os directores de indios) com raiissimas excepções, ou não se importam com os indios e são os melhores, ou buscam o emprego para se locupletarem com os serviços desses desgraçados, dando-lhes em paga os tratos, que deshumanos senhores applicam a escravos desobedientes e remissos.

« Força é confessar uma triste e pungente verdade. A historia dos indios é o opprobrio da nossa civilização. Apezar de tantas leis proclamando a sua liberdade e proscrevendo a escravidão delles, ella subsiste quasi de facto! Opiniões er-

nias-missões, se me posso exprimir assim; cumpre finalmente, cuidando da sorte de tantos infelizes, estabelecer nesta parte remota do paiz postos avançados do progresso e da segurança do nosso territorio.

Não vai nisso sómente os interesses da humanidade e da moralidade publica, porém os mais positivos e immediatos do paiz.

Os unicos braços com que conta a província do Pará e sobretudo a do Amazonas, são esses selvagens acoimados de preguiçosos e incapazes ou seus proximos descendentes.

Em 1864 existiam na província do Amazonas 39 directorias de indios:

O algarismo dos indigenas sujeitos a todas elles era de 17.480: sendo 8.102 homens e 9.072 mulheres, habitando 755 fogos e possuindo 21 capellas.

---

roneas, interesses illegitimos sustentados por abusos inventados, frustram a sabedoria dessas leis. Os selvagens eram e são havidos em conta de brutos e estranhos ao gremio da humanidade, e foram sempre victimas da avidez e maldade de seculares e ecclesiasticos....

« E pôrque ao erro e ao crime não saltam advogados, a immolação e o extermínio das tribus selvagens, são apadrinhados com os mais estranhos systemas. Ora se inventa uma pretendida lei fatal da civilização, que os condena á inevitável destruição, como se a civilização, que é o livre desenvolvimento de todas as faculdades physicas e moraes do homem, sem outros limites, que os do direito e da justiça, que proclama a inviolabilidade da vida humana, pudesse aceitar como lei sua a negação da personalidade, a destruição do homem em proveito de ignobil cobiça. Ora que o selvagem é incapaz de trabalho e de civilização senão por meio da escravidão, como se a mais superficial observação e os factos mais incontestáveis não demonstrassem a aptidão do selvagem; como finalmente si a Providencia pudesse condenar uma raça inteira á destruição ou á escravidão em beneficio da outra.

« Felizmente talentos vigorosos têm profligado tão monstruosos paradoxos e seja dito em honra do governo do Império, este nunca aceitou tão odiosos alvitres.

« A civilização dos indigenas nada tem de impossível para todos os que examinarem os factos com animo limpo de prevenções e dos prejuizos creados pela ignorancia e paixões interesseiras. »

(Relatório apresentado á assembléa provincial do Amazonas.)

Eis o quadro das diferentes directorias e das tribus, que as compunham :

	<i>Directorias.</i>	<i>Nações.</i>
Rio Amazonas.	Manacapuru.	Mura.
	Acará.	Idem.
	Manacá e Juçurá.	Idem.
	Aibú.	Idem.
	Amatary.	Idem.
	Içá.	Paeé, Hyuri.
	Jundiatuba.	Mura, Tucuma.
	Catuá.	Paeé, Hyuri.
	Japurá.	Idem.
	Teffé.	Idem.
	Juruhá.	Maraná, Araus.
	Tonantins.	Cayaxana.
	Jutahy.	Mangerona.
	Tabatinga.	Tucuna.
	Fonte-Boa.	Mura.
	Anamá.	Idem.
	S. Paulo.	Idem.
	Caldeirão.	Cucama.
	Maniquiry.	Idem.
Rio Madeira.	Manicoré.	Mura.
	Auta-assú.	Idem.
	Abacaxis.	Mundurucú.
	Murumurutuba.	Idem.
	Canumã.	Idem.
	Maués.	Mundurucú, Macú.
	Andirá.	Mura, Maué.
	Sapucaia-oroca.	Idem.
	Crato.	Mura, Tará.
	S. Paio.	Mura.
Rio Negro.	Mamurú.	Maué.
	Acará.	Xiriana, Bapiana.
	Marança.	Jabana, Madacaná.
Rio Branco.	Uapés e Içana.	Diversas.
	Porto Alegre.	Sapará, Maeuxi e outras.
Purús.	Alto Purús.	Diversas.
	Ituxy.	Idem.
	Papaan.	Idem.
	Arumã.	Idem.
	Ayapuá.	Mura.

Actualmente só em dous pontos da província do Amazonas é que existem missionários incumbidos dessa grande obra da civilização e da humanidade : um é no Caldeirão, pouco abaixo de Tabatinga, na margem esquerda do Solimões ; e outro no rio Madeira, abaixo da cachoeira de Santo António.

Ambas estas missões foram fundadas por frei Samuel Mançini em 1871.

Consta-me que altos esforços, mas sem resultado, tem feito o Sr. tenente coronel Labre para conseguir missionários que se incumbam da catechese no Purús.

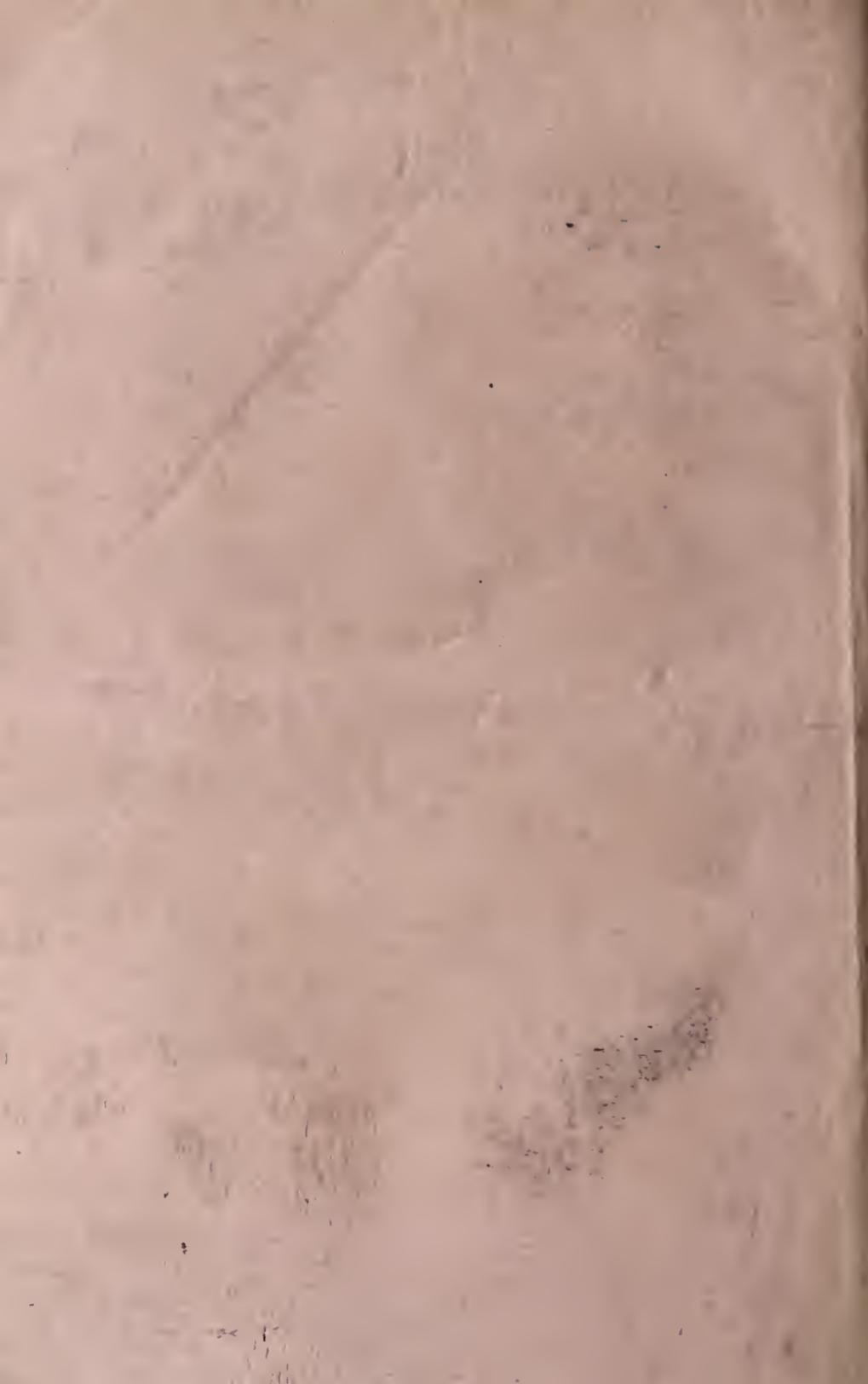
Tambem me parece que se trata de mudar a missão da cachoeira de Santo Antonio, no rio Madeira, para a secção encachoeirada deste rio, procurando-se assim localizal-a o mais proximo possível da foz do Beni, já pela conveniencia de tornar habitavel aquella região, ainda hoje ocupada por indios selvagens, e já pela vantagem politica, que resulta de atestar a nossa ocupação permanente nessa zona, por meio da fundação de uma povoação brazileira.—Conego Francisco Bernardino de Souza.











Coll. Dr. J. V.  
Pará  
Brasil

1875.128.0

# COMMISSÃO DO MADEIRA.

## PARÁ E AMAZONAS

PELO

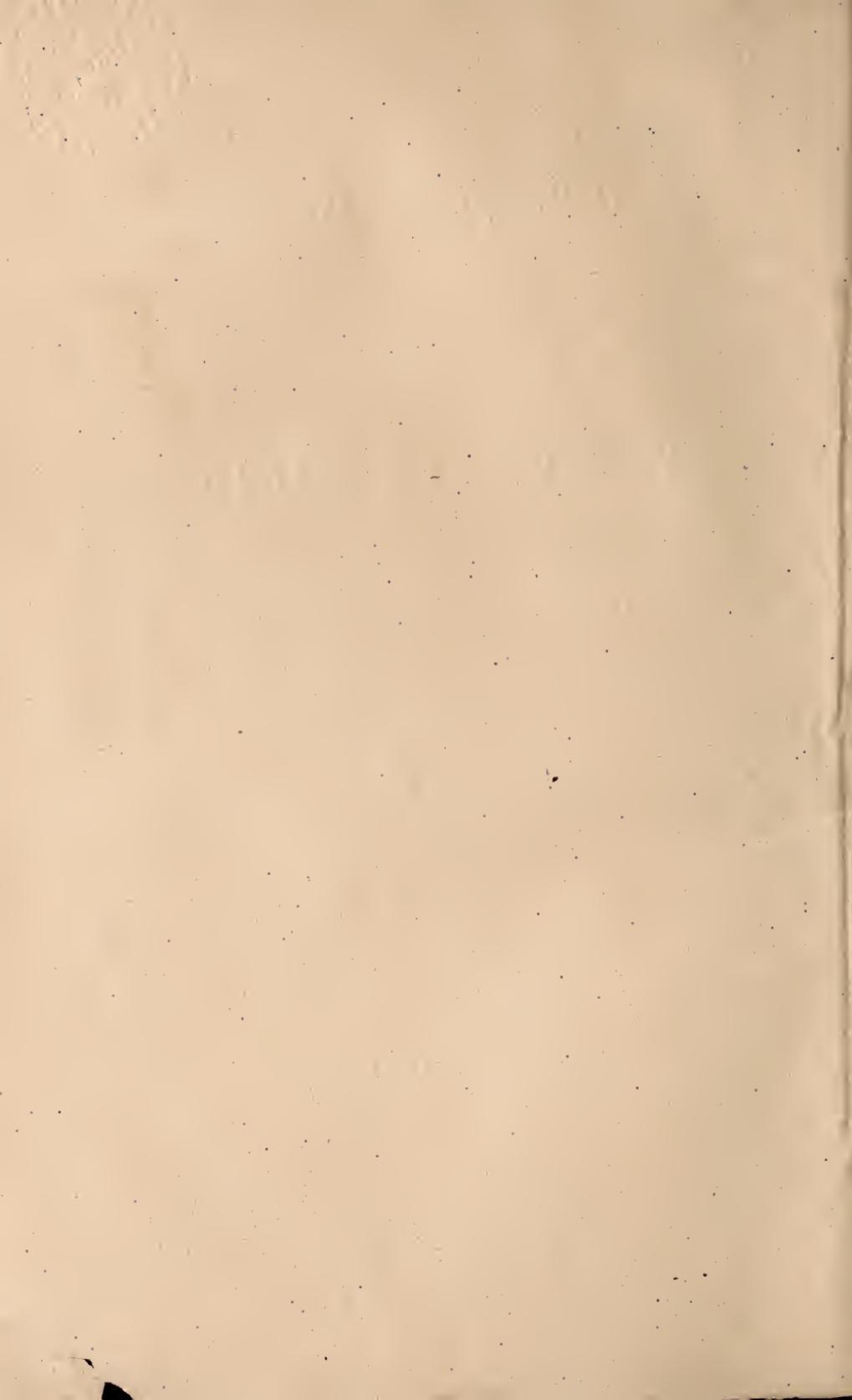
ENCARREGADO DOS TRÁBALHOS ETHNOGRAPHICOS

Couego Francisco Beruardino de Souza.

2.<sup>a</sup> PARTE.

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1875.



COMMISSÃO DO MADEIRA.

---

PARÁ E AMAZONAS

PELO

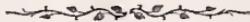
ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Couego Francisco Bernardino de Souza.

---

2.<sup>a</sup> PARTE.

---



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

---

1875.



---

## COMISSÃO DO MADEIRA.

### Pará e Amazonas.

#### I

Antes de proseguir na descripção do grande rio e de seus numerosos affluentes, procurarei patentear aos leitores algumas das maravilhosas riquezas que encerra o magestoso Valle do Amazonas. Em parte alguma a natureza é tão farta em suas variadas produções como ahi. O homem desta região, diz o Sr. conselheiro Brusque, a cada instante encontra os dispersos elementos de uma riqueza natural, que elle aproveita somente, quando se lhe não oferece maior trabalho do que seja o necessário para colher-lhe os fructos que os encerram, e quanto basta à satisfação das necessidades do presente, como se as gerações que virão depois delle não lhe pedirão contas do muito que perderam e do pouco que reservaram para elles.

Seja, porém, como fôr, ha nestas risonhas paragens productos naturaes, que n'um futuro mais ou menos proximo deverão figurar como importantes objectos de permuta nas relações do commercio exterior.

Ahi vai sem ordem e sem apparato científico uma resumida notícia de algumas produções, que se ostentam no magestoso valle—como verdadeiros presentes doados pela mão benefica e poderosa da Providencia.

**MACUCU MIRIM.** — E' uma arvore que vegeta no valle do Amazonas. Com a infusão da entrecasca desta arvore, é que dão uma especie de mordente nas cuias, sobre o qual assentam depois as tintas. Usam deste mordente na falta de outro,

que é melhor e que extrahem da arvore *cumaty*. Os pescadores molham as linhas com que hão de pescar, no succo resinoso, que extrahem da entrecasca desta arvore, assim de se lhes não desgastar tão depressa, como succede quando lhes não fazem isto.

O *macucu-mirim* nasce pelas margens dos rios, tendo a raiz debaixo d'agua.

MANACAN ou *manacá* ou *geratacaca* ou ainda *mercurio vegetal*. E' um arbusto de folhas alternas, oblongas, acuminadas e curtamente pecioladas. As flores são solitarias e terminaes e a corolla monopetala. A raiz principalmente é impregnada de um principio amargo e enjoativo, que estimula a garganta.

Emprega-se internamente em decocção de meia a uma onça em libra e meia d'agua ou em tintura alcoolica ou em infusão em vinho branco.

E' um poderoso excitante do systema lymphatico e modificador energico da idiosincrasia escrophulosa; é muito recomendado na syphilis, no rheumatismo e em outros incomodos. Tambem o empregam como antidoto nas mordeduras das cobras venenosas. E' planta muito usada no Amazonas pelos *págés* ou curandeiros com tal ou qual resultado.

Ha duas qualidades de *manacan*, diz o Sr. Dr. F. da Silva Castro, uma de folha como a do café e outra de folha comprida semelhante á da mangueira : a esta chamam *manacan de veado*, em virtude de um preconceito popular. Refere Baena — que os indios acreditam que alguem embriagando-se com ella, e conversando depois com uma mulher pejada, lhe passa a embriaguez, e se fôr immediatamente ao mato caçar veados, acha-os e apanha-os sem dificuldade, porque elles não correm nem fogem.

O extrato do *manacan* é empregado por algumas tribus do Alto Amazonas, para envenenar as settas.

GUAPUHI.— E' uma planta trepadeira. Obra como tonico.

A raiz, crua ou assada no rescaldo, ralada e depois exprimida, para servir o liquido nas primeiras vinte e quatro horas, é empregada com muita vantagem nas ophtalmias chronicas.

JUTAHY.— Dos troncos e dos ramos da arvore *jutahy* ou *jatobá* mana grande quantidade de uma resina amarellada e transparente, a que dão o nome de resina de *jutahy* ou *jutahy-cica*.

Encontra-se de ordinario enterrada na proximidade das raizes e algumas vezes em lugares onde já não existe vestigo algum da arvore, que a produziu.

E' ordinariamente em pequenos pedaços, de forma esférica, ou em grandes massas cobertas por uma camada terrea.

Sua fractura é brilhante e o cheiro aromatico, mas, pouco sensivel.

Na exposição universal de Pariz, em 1867, havia muitos bocados cylindricos desta resina, procedentes do Amazonas

e de outras partes; os maiores tinham 24 centimetros de comprimento e 7 de largura; sua côr era amarellada, cinzenta ou com veios avermelhados: fractura vitrea.

Esta resina é empregada nas artes para fazer vernizes, que são brilhantes e bastante solidos. Tambem aqui a empregam para vidrar a louça de barro.

E' remedio popular, diz o Dr. Chernoviz, contra os es-carros de sangue: usam tomal-a em pó, na dose de 20 grãos (1 gramma), misturada com uma gemma de ovo.

Diz o Sr. Gustavo Wallis que a *jutahy-cica* dos rios *Cana-mé* e *Mocajahy*, affluentes da margem direita do Rio Branco, é distinta das outras conhecidas no Amazonas e no Rio Negro.

A resina é diferente, não só pela côr mais clara e transparente, mas sobretudo por quebrar docemente, logo que se aperta entre os dentes.

**ARARANI.**—Aos *mundurucús*, que em 1804 foram ao Pará, em numero de doze, sendo dous tuchauas ou principaes e dez subditos seus, cumprimentar o governador D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, deve-se o conhecimento da arvore do *Ararani*, cujas folhas calcinadas são um remedio pederoso na cura da *hydropsia*.

**AMAPÁ.**—E' uma arvore que cresce em parte do valle do Amazonas e sobretudo nas margens do Rio Branco. E' muito apreciada pelo fructo que produz.

A fruta do Amapá, diz o Sr. G. Wallis, é um excellente producto até sem rival, substituindo de algum modo no Rio Branco a sorva do Rio Negro.

E' do tamanho de uma manga e contém uma polpa encarnada, refrigerante e muito doce. Seria propria para confeitoria, porque além da bonita côr que tem, é sobre medo assucarada.

**MAÇARANDUBA.**—(*Mimusops elata* ou *mimusops excelsa*, segundo Freire Allemão.)

E' uma arvore gigantesca, da familia das sapotaceas e que se encontra em grande abundancia no valle do Amazonas.

E' facil distinguil-a no meio das florestas em que cresce. Ergue-se do solo em linha recta, diz o Sr. Ferreira Penna, como o tronco do murity, e, como este, despida de galhos, apresentando na parte superior uma bella corôa de rama-gens. As folhas são oblongas, de 1 até 2 decimetros de comprimento, verde-escuras e lustrosas na face e de um amarello pardo no dorso, com bordos lisos e nervuras mais tenues e regulares do que as do abricoseiro, formando um tecido espesso e quasi coriaceo.

O tronco eleva-se a altura de 20 a 25 metros e é revestido de uma casca tuberculosa como a do castanheiro e cuja superficie verde-negra é alterada por numerosas manchas brancas. Seus fructos, globulosos, muito menores do que um pecego ordinario, encerram uma polpa saborosa.

A madeira é uma das melhores e mais procuradas para a construcção de casas e de embarcações de qualquer dimensão: ella resiste, mais do que qualquer outra, á accão destruidora

do tempo e da agua. E' dura e rija, fina e de facil bruni-dura.

A comissão da exposição industrial do Pará, de que fazia parte o ilustrado Sr. Dr. F. da Silva Castro, disse que entrava em duvida se era a maçaranduba o *galactodendron utile* de Humboldt e Bompstead, o qual abunda na cordilheira dos Andes, especialmente na Columbia, e que estes dous naturalistas classificaram na familia das *artocarpeas*.

Os habitantes da cordilheira lhe chamam *palo de vacca*, (arvore de vaca).

As partes empregadas da maçaranduba são—o leite ou gomma—resina liquida, que se obtém, fazendo-se na casca uma incisão transversal, que chegue á madeira.

Toma-se internamente, combinado com algum cosimento emoliente ou peitoral, em partes iguaes, e externamente em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão. E' empregado com vantagem nas molestias do peito.

No Pará e no Amazonas usam delle como alimento e tomam-no misturado com café ou chá, tornando assim mais saborosas e nutritivas estas bebedas.

O mesmo praticam os habitantes da cordilheira dos Andes com o leite que tiram da sua *galactondrendon utile* e por igual processo.

O leite da maçaranduba, combinado com a borracha ou ainda com a gutta-percha, presta-se ao fabrico de mil artefactos, como cadeias de relogio, anneis, castiçaes, bandejas, pulseiras etc. Um vaso de procellana ou de barro, diz o Sr. F. Penna, uma cadeira ou qualquer outra peça de copa ou de mobilia, que se quebre, recebendo no lugar fracturado uma camada deste leite, torna-se tão perfeitamente soldada, que toma, por assim dizer, maior consistencia e solidez do que antes possuia.

CAUXI.—E' o sedimento que no Rio Negro e em outros, mas sómente nos de agua preta, se agglomera nas raizes das arvores das margens destes rios. O *cauxi* apresenta a forma da esponja e tem propriedades causticas.

Os naturaes utilisam-se da cinza do *cauxi* para fabricarem louça, misturando-a com argilla.

ASSACU' ou UASSACU'.—(*Hura brasiliensis*.) E' uma arvore colossal, que cresce espontaneamente em todo o valle do Amazonas. Pertence á familia das *euphorbiaceas*.

Desta arvore extrahe-se por incisão um succo gommoso ou leite branco pardacento e um pouco avermelhado, que se condensa e solidifica com difficultade e vagar; quando condensado, é escuro pardacento, com o aspecto mais de gomma que de resina e mui soluvel em agua.

E' muito irritante o leite ou veneno vegetal do *assucú*, produzindo até ulcerações na pelle quando sobre ella cahe. Mata immediatamente quando tomado internamente em dose elevada. Em pequenas doses porém (ás gotas) é vomitivo, purgativo e tambem anthelmintico. E' pouco usado.

Os pescadores costumam empregar a casca da arvore e ás vezes o mesmo leite para embriagar os peixes, posto que

semelhante pratica seja formalmente prohibida pelos regulamentos municipaes.

Por algum tempo acreditou-se no Pará que o leite do *assacú* era um antídoto contra a elephantiasis; mas depois de diversas experiencias, sem resultado que satisfizesse, desvaneceu-se esse raio de esperança, essa scentelha de salvação para tantos infelizes, que ahi gemem sob a pressão cruel de tão terrivel enfermidade, condemnados á lenta dilaceração das carnes e á uma morte afflictiva...

Um facto mal averiguado, não quanto ao curativo de um enfermo supposto elephantiaco, mas quanto ao verdadeiro conhecimento da molestia curada, deu lugar a essa tão animadora esperança. Attribuindo-se ao indio Antonio Vieira Passos o curativo, na cidade de Santarém, de um fuão Gomes, que se dizia elephantiaco, foi mandado o dito indio para o hospital dos Lazaros, a fim de incumbir-se do tratamento dos doentes com o leite de assacú, com que pretendia ter curado Gomes.

Mas ainda desta vez falhou infelizmente o ensaio e foi completo o desengano.

**CARURU'.** Uma das maravilhas do Rio Negro; é uma especie de *carurú*, que cresce nas pedras das cachoeiras deste rio. Comem-no os naturaes cosido com peixe ao qual fornece o sal commum.

Deste *carurú* sabem os indios extrahir o sal com processos mais grosseiros sem duvida, mas na essencia os mesmos que outros mais civilizados poderiam empregar. Colhem a planta seccam-na ao sol, carbonisam-na depois de bem secca, dissolvem a cinza em agua, filtram em folhas secas, evaporam ao fogo e assim obtém o sal, que não é muito puro, porque o filtro que empregam, de folhas secas, não pôde reter em si todas as impurezas.

Outra utilidade desta planta menos apreciada, porém não menos real, consiste em que crescendo ella nas cachoeiras e justamente nos lugares por onde é preciso arrastar as canôas, que procuram as margens, na subida do rio, serve esta herba de leito ou almofada, sobre a qual ellas resvalam mais facilmente e sem offensa do casco.

**CUMATY.**—É uma tinta arroxada escura, preparada com a casca da arvore do mesmo nome e que se torna preta pela accão do ammoniaco em evaporação.

Serve para pintar cuias e outros objectos de uso commum.

Fallando das cuias do Pará, dizia o seguinte o Sr. Gonçalves Dias: « As indias do Pará pintam-nas de *urucú*, *carrjurú*, *cary*, *tauá*, *tabatinga*; servindo-lhes de oleo a infusão da casca da arvore *cumaty*, a qual tambem serve de mordente, porque antes de pintadas as cuias, as mettem na dita infusão, e sem isto, dizem ellas que lhes não pegam bem as tintas e não ficam bem lustrosas.

O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, escreveu a este respeito: « As que se distinguem neste genero de trabalho, são as indias da villa de Monte Alegre e as das barreiras circumvizinhas, chamadas de *curupá-tuba* (no Pará)

e no Rio Negro as do lugar do Carvoeiro. Os curandeiros applicam o dito fructo (*cumaty*) para hernias, assando-o e dividindo-o em duas metades e mettendo entre elles os testiculos, o que os faz desinchar promptamente. »

PÁO DE RAINHA.—E' uma das melhores e das mais lindas madeiras do paiz. E' originaria das florestas do Rio Branco. Apparece em ambas as margens do rio, acima da cachoeira de S. Felippe, na terra firme e de preferencia nos lugares montanhosos.

Ha algumas variedades, segundo a côr, porque além da encarnada, que é de todas a mais apreciada, ha tambem a amarella e a preta.

A madeira presta-se tanto para a marcenaria, como para a construcção naval e civil. Houve tempo em que se exportou grande quantidade para os Estados Unidos.

Se é verdade, como ouvi dizer, diz o Sr. G. Wallis, que a côr desta madeira desapparece no fim de algum tempo, talvez provenha isso de não haver cuidado no corte, fazendo-o em épocas impróprias, e quando é maior a força da vegetação, não se achando assimilada a seiva circulante e nem consolidada a fibra. Pôde ser tambem que concorra para este mau resultado o cortar a arvore ainda não completamente desenvolvida, pois sabe-se que muitas madeiras só com avançada idade adquirem as boas propriedades de que gozam.

A bella e immensa folhagem do *páo de rainha*, faz com que esta arvore sobresaia entre as outras que a cercam.

A fruta é singular: é um caroço dentro de um casulo, que é guarnecido por uma grande cauda em forma de aza e toda coberta de espinhos de uma pollegada de comprimento.

CARAJURÚ—E' o nome de uma tinta vermelha, extraída das feculas de um cipó que cresce no Rio Negro e da familia das *bignoniaceas*. E' empregada nas artes.

YPADÚ ou Padú ou Coca (*Erythroxilon coca*).—E' um arbusto originario do Perú e cultivado no Alto Amazonas e ultimamente em alguns lugares da província do Pará.

As folhas deste arbusto são oblongas, um pouco obtusas, membranosas e trilineadas na face inferior; as flores são pequenas, numerosas e sustentadas por um pedunculo curto. As folhas actuam sobre o sistema nervoso e são usadas pelos viajantes, correios e outros, que as mastigam em pequena porção, sustendendo-lhes as forças e permittindo-lhes suportar por um ou douos dias a fome e a sede.

Os indios preparam as folhas do *ypadú*, torrando-as, reduzindo-as a pó em um pilão proprio e juntando-lhes um pouco de tapioca ou cinza das folhas da ambaúba. Fazem grande uso desta preparação, conservando, como os mascadores de fumo, um pouco della no canto da boca.

O Dr. Martius reputa o *ypadú* como digno de fazer parte da materia medica, em vista do seu admiravel effeito sobre o sistema nervoso e principalmente sobre o cerebro. O Dr. Haller, em um notavel artigo publicado no *Journal de Pharmacie et Chimie*, compara sua accão á do canhamo, por causa

da dilatação da pupilla, que a produz, e á do opio pelos seus effeitos narcoticos. Refere mais que o viajante Tschudi recomenda o uso das folhas do *ypadú* aos marítimos, como meio refrigerante e de combater os máos effeitos dos alimento salgados; que tem sido observado que os indios dados ao seu uso, são isentos completamente de affeções escrophulosas e cutaneas; e que conservam perfeitamente os dentes.

O Sr. Gustavo Wallis, em um artigo publicado no *Jornal do Amazonas*, e no qual contesta a existencia da *herva-mate* nessa província, propõe o *ypadú* para substituir a esta como bebida quotidiana; attribue-lhe virtudes semelhantes ás da *herva-mate*, e julga-as preferiveis ao café, que contém partes oleosas e irritantes, o que o torna prejudicial, principalmente nos paizes quentes, e funda se, para assim pensar, em numerosas experiencias, que diz ter feito.

**PUXIRY OU PUXURY.**—(*Nectandra puchury major et minor*). É uma arvore que produz uma grande noz, que encerra duas amendoas, a que dão o nome da mesma arvore. Pertence á familia das laurinéas.

Ha duas especies de *puxiry*, o grosso e o miúdo. Este é o mais delicado, assim no gosto como no aroma.

A arvore do *puxiry* é peculiar do Rio Negro e seus affluentes. O seu fructo foi colhido pela primeira vez, segundo Baena, em 1775.

Emprega-se o fructo, ou antes a semente, a que dão o nome de fava. Toma-se internamente em pó, na dose de um escropulo a uma oitava, e emprega-se com resultado nas diarréias, desynterias, leucorrhéa, colica e cholera.

**GUARANA'.**—(*Paulinea sorbiles*, da familia das pindaceas.) É uma planta vivaz, trepadeira em forma de cipó; contém grande quantidade de *cofeina*, gomma, tanino, etc. Emprega-se o fructo reduzido á massa sob diversas formas. É refrigerante, calmante, subtonico e adstringente. Tambem é reputado anti-febril. Toma-se internamente, reduzido a pó tenue e fino, por meio de uma grossa, na dose de duas a quatro oitavas para uma libra d'agua fria ou ligeiramente tepida, adoçada com assucar.

É empregado com grande proveito nas diarréas agudas ou chronicas, nas molestias das vias ourinarias, provenientes de relaxamento dos orgãos e nas excitações nervosas. O seu uso continuado, porém, produz insomnias. Da raiz, que é amargozissima, usam os indios, em infusão, como preservativo das febres intermitentes.

Tambem é hoje empregado por medicos notaveis, contra as enxaquêcas, o cholera e até contra a tysica. O Dr. Steinhause, na analyse que fez do producto desta planta, achou-lhe uma quantidade consideravel de *theina*, que é a materia que dá ao chá o seu valor peculiar.

O fructo dá um cacho á semelhança dos da uva, e, quando está maduro, é de uma bella cor vermelha rutilante. Planta-se o *guaraná* com o cacáo; a germinação das sementes porém é mais morosa, porque só dous ou tres meses depois

de plantadas é que começam a grelar. A planta só no 3.<sup>º</sup> ou 4.<sup>º</sup> anno é que principia a dar fructos, e desde então é preciso preparar-lhe uma latada ou caramanchão, a que se possa encostar e subir.

E' cultivado o *guaraná* em grande quantidade nos municipios de Maués e Villa Bella da Imperatriz. Em Maués sobretudo constitue elle quasi que a unica industria e que tanto tem concorrido para a sua prosperidade. Tambem se encontra nas margens do Tapajoz, acima de Aveiro.

A planta *guaraná*, diz o incançavel Sr. Ferreira Penna, parece ser á companheira fiel das tribus indigenas Mondurucús, Maués, Araras, Muras e Apiacás.

A sua patria, pois que é onde mais commummente se encontra em estado silvestre, é esta magnifica região, ainda pela maior parte habitada por aquellas tribus e que o autor da *Corographia Brazilica* denominou *mundurucania*, comprehendida entre o Tapajoz e o Madeira,—região maravilhosa pela variedade e abundancia de seus ricos productos vegetaes.

Os habitantes da província de Mato Grosso e os da Bolivia, desde as margens do Alto Paraguay e do Madeira até as montanhas orientaes dos Andes, fazem avultado consumo do *guaraná*, que tem entre elles o emprego que em quasi todas as nossas províncias se dá ao café e no Rio Grande ao mate.

Tomam-no frio todos os dias, principalmente pela manhã muito cedo, em um copo ou cuia. Para se reduzir á pó a massa do *guaraná* emprega-se geralmente a lingua ossea do pirárcu, a qual substitue optimamente uma lima.

No Pará, onde ha 20 annos era uma bebida de uso geral e continuo, tem sido substituido pelo *assaiy*, que, com o ser muito mais agradavel, não tem todavia as qualidades beneficas do *guaraná*; tendo já havido quem opinasse que uma das causas da multiplicidade de molestias, que hoje reinam no Pará e que outrora eram ahi desconhecidas, está provavelmente na quasi extincção do uso do *guaraná*.

Os indios Maués, muitos Mundurucús, os Muras e os Araras tomam-no a qualquer hora do dia ou da noite, começando das 3 as 5 horas da manhã.

Cada anno descem pelo Madeira mercadores da Bolivia e Mato Grosso, dirigindo-se a Serpa e Villa Bella da Imperatriz, para onde trazem seus generos de exportação e donde recebem os de importação. Dahi, antes de regressarem, vão a Maués, donde levam mil arrobas de *guaraná*, regressando então com suas *ubás* carregadas daquelles e deste ultimo genero, que vão vender nos departamentos de Beni, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, aa Bolivia, e nas povoações do Guaporé e seus affluentes.

O preço de cada arroba de *guaraná*, comprado nos municipios em que elle se fabrica, é de 40\$000 a 50\$000.

Em Mato Grosso chega muitas vezes a ser vendido por preços verdadeiramente fabulosos.

Para a capital da província de Mato Grosso os productores só do Tapajoz exportam annualmente de 1.500 a 2.000 arrobas

O guaraná é pois incontestavelmente uma planta das mais úteis e tudo indica que o futuro da sua exportação será muito lisonjeiro para os productores. O que convém porém é introduzir na cultura e no fabrico os melhoramentos que a experiência fôr indicando.

No Tapajoz, diz ainda o Sr. F. Penna, a sua cultura tem-se propagado rapidamente, graças ao genio industrioso dos Mundurucús, de sorte que Itaituba começa a competir com Maués no suprimento ao mercado, não só de Cuyabá e Diamantino, mas tambem do Pará, donde é exportado para as províncias do Sul e, em pequenas porções, para a Europa.

As terras altas do Tocantins, Pacajás, Xingú, Tamatahy, Trombetas e as do Lago Grande são tão adaptadas á cultura do guaraná como as do Tapajóz; e eu creio que esta planta, cedo ou tarde, será encontrada no Xingú, em estado silvestre e talvez em abundancia.

Fóra da província ella pôde, segundo penso, ser cultivada com vantagem nas terras quentes dos baixos valles dos rios S. Francisco, Parahyba, Rio Doce, Jequitinhonha e em varios pontos da província do Maranhão. (1)

Eis como o preparam :

Toram em fogo brando e lento, a amendoa, que é de cor escura e quasi do tamanho de uma avelã, trituram-na bem em um pilão, deitando-lhe um pouco d'água, até ficar bem compacta, e dão-lhe então a forma de rolos cylindricos ou outra qualquer, como bengalas, castiçáes, animaes e diversas, e por fim levam ao forno para endurecer. A este ultimo processo dão o nome de *defumação*. Na torrefacção deve haver o maior cuidado, porque o calor um pouco mais forte do que aquelle que convém, queima a semente e o producto torna-se pessimo.

Em geral consideram de superior qualidade o guaraná, que apresenta uma cor parda clara no interior; posto que não seja isto signal decisivo de sua perfeição.

MUNPIQUÉRA OU AMARO DA SILVA.—E' assim que chamam uma arvore da qual extrahem leite como o da seringueira, e apresentando as mesmas propriedades chimicas.

PARACUTACA.—E' uma arvore do Alto Amazonas. Da madeira fazem os indios remos e pequenas canoas, que duram porém pouco tempo.

Nasce pelas margens dos rios, com as raizes debaixo d'água

MARUPA'-MIRI.—A raiz, em infusão, deste arbusto, é tida como poderoso remedio contra as diarrhées.

VICTORIA REGIA. Esta gigantesca *nymphacea*, verdadeira maravilha do reino vegetal, habita mansa e tranquillamente nas pacificas aguas dos lagos pouco profundos do Amazonas e de seus numerosos affluentes.

---

(1) A Região Occidental da província do Pará por D. S. F. Penna.

O celebre botanico Kaenke e Fr. Lacueva, missionario hessano hol, navegando pelo rio Mamoré, foram os primeiros europeus que tiveram a fortuna de ver a maior e a mais bella das nymphaceas. O sabio naturalista caiu de joelhos, e em acção de graças ao Ente Supremo, que creou tão portentosa maravilha, entoou o *Te Deum* ante seu companheiro admirado.

Em 1845 um viajante inglez, o Sr. Bridges, navegando pelas margens do rio Iocouma, um dos tributarios do Mamoré, deu com um lago, no qual viu com surpresa uma quasi colonia dessa planta magnifica. Em sua admiraçao e em seu amor britanico deu-lhe o nome de sua soberana, apellidando-a de *Victoria Regia*.

Os indios dão a essa flor o nome de *Uapé Jacaná* (forno dos jacanás) porque estas aves vivem pousadas sobre elas, de cujas sementes se alimentam. A *Victoria Regia* ou melhor, *Uapé Jacaná*, é nma planta aquatica da familia das nymphaceas. Suas folhas tem de 15 a 18 pés de circumferencia; a parte superior é de um verde escuro e lusidio, a inferior é de um vermelho carmezim; apresenta varias veias celulares bem salientes, cheias de ar, e o talo é coberto de espinhos molles e elasticos.

As flores elevam-se acima das aguas quasi seis pollegadas, e quando estão abertas tem de 3 a 4 pés de circumferencia. E' quasi á noitinha que costuma abrir as pétalas. A principio ostentam na cõr a mais deslumbrante alvura, mas depois, dentro de 24 horas, mudam successivamente desde a cõr de rosa até o vermelho mais brilhante. Logo ao desabrochar exhalam delicioso perfume; no fim de tres dias desmaiam, pendem da haste e mergulham n'agua para ahí aíadurecerem as sementes. Destas, quando maduras e por causa da fécula de que são ricas, fazem os indios grande colheita: torram-nas e comem-nas com prazer, por serem mui saborosas.

URUCU' (*Bixa orellana*). E' nm arbusto de 12 a 15 pés de altura; o fructo é uma capsula eriçada de espinhos, contendo muitas sementes vermelhas. Postas de infusão n'agua deixam uma tinta encarnada muito linda, com que os indigenas pintam suas manufacturas e em algumas tribus a si proprios.

Tambem empregam o urucú para misteres culinarios. Igualmente usam da semente para curar o defluxo. Preparam-na de infusão em agua fervendo.

O principal emprego do urucú é para a tinturaria. Faça este fim, diz o Dr. Chernoviz, separa-se e rejeita-se o primeiro envoltorio do fructo. Pisam-se as sementes em celhas de pão e diluem-se em agua quente; deita-se tudo sobre um peneiro. A agua passa, arrastando consigo a materia corante e alguns destroços. Deixa-se fermentar sobre o residuo; cõa-se e faz-se secar a materja á sombra. Depois de reduzida á consistencia de massa solida, faz-se com ella pães de 2 a 4 libras, que se envolvem em folhas de bananeira ou de alguma outra planta. Deve-se escolher o urucú de um bello

vermelho. Cede á agua fria um principio corante amarelo ; e ao espirito de vinho, assim como aos líquidos alcalinos, um principio corante vermelho de natureza resinosa ; este toma a cõr azul de anil pelo acido sulfurico concentrado. Emprega-se sobretudo o urucú para tingir a seda de amarelo alaranjado ; dá cõres bellas, mas pouco fixas.

Usa-se tambem para dar cõr aos vernizes, azeites, gorduras, manteiga, etc.

ASSUPA'.—Dão os indios do rio Purús este nome a um pequeno arbusto, que parece ter a propriedade febril como a quina ; produz a febre pela sensação do olphato dentro de meia hora. Temem-no os indios extraordinariamente ; presentem-no de longe e fogem delle. Não ha interesse que os faça apanhal-o ou pegar nelle, e acreditam que possue propriedades venenosas.

E' possivel que tenha esse arbusto a propriedade anti-febril, como a quina, e bom serviço prestaria á medicina e á humanidade quem se propuzesse a cstudal o.

ARARA-SIPÓ.—E' uma planta trepadeira, flexivel e forte : nasce no cimo da castanheira e fórmá como um tronco lenhoso em redor da mesma arvore.

Córtase um gomo do sipó e apara-se o liquido, que corre copiosamente : é limpido e crystallino, extinguindo a sêde, promove tambem a secreção e saída das ourinas.

BARIMBÉ.—E' o nome que dão algumas tribus do Pará a um arbusto que cresce de 6 decimetros a um metro.

Tem propriedades muito excitantes e por isso é mui usado entre os indigenas, que preparam uma bebida com o succo das raízes e folhas. Dizem que produz uma grande agitação nervosa, dando movimento e actividade aos membros e viuza ao espirito, affugentando a preguiça e a inercia. Provoça vomitos, quando a bebem.

FRUTA-PÃO.—A' margem do Amazonas crescem arvores de fruta-pão, um pouco diferentes no tamanho (são menores) e no fructo que produzem, das que são cultivadas nas provincias do sul. No interior do fructo encontra-se diversas castanhas em nada inferiores ás castanhas de Portugal.

Com o leite que extrahem da arvore, misturam um pouco de gengibre (aqui chamam *mangarataia*) e formam um emplasto, que dizem ser de prompto effeito nas dôres de cabeça, por mais agudas e violentas.

ARARA-UBÁ DA VARZEA.—E' uma arvore muito commum á margem do Amazonas.

Da casca extrahe-se uma delicada cõr de carmim, addicionando-se um pouco de pedra hume á agua em que é fervida

CARAPANÁ-UBA.—*Arvore do Carapanã*.—Cresce no valle do Amazonas e abunda sobre tudo nas margens do Trombetas.

E' a celebre e tão decantada *Anacauita*.

JATUATUBA.—E' uma arvore que produz fructos em cachos, que muito se assemelham aos da videira.

Dizem que a raiz em infusão é um remedio cathartico.

Da tona da arvore preparam um purgante, que, affirmam

os da terra, tem a propriedade de tornar prolífica a mulher que é estéril, por molestia ou por compleição.

CARAIPÉ.—Nas bahias de Camuhye e Anapú fabricam-se vários utensílios de argilla plástica, como panelas, potes, alguidares, bacias de rosto e tachos de torrar farinha. Para prepararem esta louça, queimam a casca da arvore chamada *Caraipe* e misturam os seus resíduos com a argilla, que adquire por este modo uma solidez e consistencia, que até então não possuia. A louça é submetida depois á accão do fogo, no forno ou sobre uma trempe de ferro.

SERINGUEIRA.—*Sympomia elastica*.—A celebre arvore, geralmente conhecida por Seringueira, é alta, perpendicular e de copa pouco frondosa. Cresce e vive nas varzeas.

Os indios *Cambebas* davam-lhe a denominação de *Canchú*; no commerçio é conhecida por arvore da borrocha ou gomma elastica, e o povo dá-lha o nome de seringa ou seringueira.

Mede de 20 a 40 metros de altura, tendo de grossura um metro e alguns centimetros de diametro. A folhagem imita á primeira vista a folha da maniva, por seu alongamento, divisão e côr.

Abunda no valle do Amazonas, e sobretudo nas margens dos rios Xingú, Tapajós, Anajaz, Jary, Tocantins, Madeira, Purús, Juruá e muitos outros e nas ilhas que demoram na foz do Amazonas.

Do pequeno, mas interessante opusculo do Sr. tenente-coronel A. R. P. Labre, intitulado—*A seringueira*—, e publicado em 1873, extraia a seguinte e minuciosa noticia do processo geralmente empregado no valle do Amazonas para colher e preparar o leite da seringueira com que se fabrica a borrocha.

« Para a extracção do leite, diz o Sr. tenente coronel Labre, faz-se uma estrada pelo bosque, de pé em pé de seringueira, até completar-se de 80 a 120 arvores, limpando-se com cuidado em roda de cada arvore (1).

Feito este serviço, o trabalhador espalha pelas arvores o vasilhame de colher o leite (tigellinhas), distribuidas ordenadamente de tres a oito por cada arvore até a ultima (conforme a grandeza da arvore) de 500 a 700 tigellinhas. Por essa occasião dão-se seis ou mais talhos na arvore com um machadinho, de modo que só corte a casca para correr o leite, na

---

(1) A estrada é uma picada feita a facão, para descobrir o pé das arvores, afim de facilitar a colheita do leite, dando transito ao trabalhador, e pelas arvores trabalhadas ao defumador. É feita por uma curva, de modo que as extremidades fiquem proximas umas das outras, afim de que, pregadas as tigellinhas, dê-se logo começo á colheita do leite, no principio da estrada, finalizando esta colheita ao pé do defumador, para não haver demora na defumação.

O facão para a feitura da estrada é communmente americano: melhor conviria uma foicinha americana.

altura que possa alcançar o braço, deixando cair o leite no chão, e chama-se isto *preparar a seringueira* (em que alguns gastam dous e tres dias inutilmente). Feito este preparo, no dia seguinte muito cedo deverá dar-se começo ao trabalho da extracção ou colheita do leite. Entre 5 e 6 horas da manhã segue o trabalhador pela estrada com um machadinho e um bolo de barro de antemão preparado (1), e o balde de depositar e conduzir o leite para o defumador; em cada seringueira dá o operario, na altura do braço, em roda da seringueira, tantos golpes obliquos quantas são as tigellinhas que devem ser pregadas na arvore, alguns dão dous golpes perpendiculares para cada tigellinha; é, porém, bastante um.

Feitos estes golpes ou cortes, abaixo de cada um delles prega-se á arvore uma tigellinha com um pouco de barro amassado (2) e assim se faz em todas as arvores da estrada até a ultima e volta-se immediatamente ao principio da estrada, onde deve estar o balde (3), que é alceado em um braço, e com a mão que fica desembaraçada tiram-se da arvore as tigellinhas que estão com leite, que vai sendo colhido no balde e deixam-se as tigellinhas embrorcadas no pé da arvore ou penduradas em outra arvore proxima; e assim se colhe o leite de todas as arvores, o que concluido, volta-se com presteza para o defumador, a fim de fabricar a seringa. Em chegando ao defumador (4), derrama-se o leite em uma bacia grande de zinco ou de

---

(1) O machadinho é de ferro sem aço; tem 9 centimetros de longo, é estreito, boca ou parte cortante 3 cs., elevado 2 1/2 cs. em diametro com uma manivella tubular de 80 cs. de longo.

O barro é viscoso ou plastico, preparado de antemão em quantidade de 4 a 5 kilos para o trabalho de um dia; é levado dentro de um coifinho ou enfiado n'um pão.

(2) As tigellinhas são de estanho ou zinco; antigamente eram de barro queimado. Tem a forma de um copo, com o fundo mais ou menos estreito; em diametro de boca tem 8 cs. e 5 cs. em diametro de base e 8 cs. de profundidade.

(3) O balde é de folha de Flandres e de forma cylindrica; pode ser de zinco ou de outro qualquer metal barato; tem a forma de uma lata; na boca deve caber uma mão, para facilitar a limpeza; tem de profundidade 35 a 40 centimetros; 11 cs. de boca e 66 a 72 cs. de circumferencia, com seu diametro relativo, isto ou mais, devendo ter capacidade para 16 a 25 litros de leite; tem um aro, que serve de alça, para pendurar-se ao braço, assim de facilitar a sua condução.

(4) Na extremidade terminal da estrada faz o trabalhador uma choça, onde abriga-se das chuvas por occasião da defumação, servindo tambem para impedir a introducção de grossas columnas de ar, que fariam escapar da chaminé o fumo com celeridade, impedindo o trabalho e já consumindo o combustivel com rapidez: este palhal não abriga mais do que um até dous trabalhadores; tem commummente a altura de uma pessoa ou pouco mais.

barro (1), acende-se fogo com côco (2), por baixo de uma chaminé de barro queimado, a que dão o nome de *boião*, e quando o fumo começa a evaporar-se pela valvula superior em quantidade, pega-se em uma prancha de madeira, da feição de um remo (3), e molha-se no leite por meio de uma pequena cuia, passa-se no fumo, que evapora-se pelo boião (4) e rapidamente coagula-se o leite na grossura de uma folha de papel; molha-se de novo a fôrma no leite e faz-se o mesmo serviço alternado e successivamente até esgotar o leite, cujo processo em duas horas, pouco mais ou menos, está acabado, segundo a maior ou menor quantidade de leite. Fica a seringa até o dia seguinte na fôrma, e talhada em uma das extremidades é tirada da fôrma para seccar e curtir ao sol.

Quando vai bem defumada toma uma cor amarella escura; e quando vai mal defumada, toma a cor esbranqui-

---

(1) O vaso de depositar o leite para a defumação, é uma bacia de zinco, que deve ter capacidade para 20 a 30 litros de leite. Antigamente estes vasos eram de barro queimado ou o casco de tartaruga, do qual ainda hoje se servem os indios.

(2) O côco para defumar a seringa é de todas as especies e deve estar despidio da casca e massa, que cobre a materia rija, mesmo velho e quasi pôdre serve para a defumação.

São empregados o côco de *urucury*, *inaja*, *yacy*, e o de palmeira ou côco propriamente dito (*wawassú*, em língua geral—quer dizer côco grande). O côco é colhido durante o inverno, por ser tempo de leval-o ao seringal, que durante esta estação está debaixo d'agua, facilitando por isso a sua conduccão embarcada aó centro do trabalho. Cada trabalhador pôde consumir um hectolitro por safra, pouco mais ou menos.

(3) As fôrmas são de madeira leve, tendo, porém, consistencia para supportar o peso da seringa no processo da defumação; ellas têm a feição de um remo com sua manivella feita de uma só peça de madeira: umas são perfeitamente circulares, com um diametro de 25 a 30 centimetros, pouco mais ou menos. Esta fôrma facilita mais o traballio. Outras são quadrilongas, tendo 30 centimetros de longo e 20 de largo, pouco mais ou menos.

(4) Boião ou chaminé de barro queimado. E' bojudo, da feição ou figura de um pote, aberto, porém, em duas extremidades: tem boca onde acende-se o fogo e valvula respiradora do fumo, por meio do qual se prepara a seringa: tem de altura ou profundidade 50 centimetros, 4<sup>m</sup>, 20 cs. de circunferencia no seu bojo; 10 cs. no diametro da valvula, 30 cs. no da boca, que tem uma pequena abertura de 6 centimetros para comunicar-se a ventilação, assim de facilitar a actividade do fogo nas matérias inflamáveis, dando saída ao fumo pela valvula.

Este boião é posto em cima de um pouco de lenha secca, e, depois de bem inflamada, deita-se o côco sobre ella pela valvula, e imediatamente, ao começar a saída do fumo do côco, segue-se o processo da defumação, e à proporção que o fumo vai diminuindo também de novo vai-se deitando côco. Para evitar a queda do boião, que pôde quebrar-se, como sempre sucede, é conveniente usar de uma grade de ferro, que supporte este vaso.

çada; com a ação porém do tempo toda ella toma a cor negra.

Demorada ou prolongada a defumação, por falta de pressão e actividade no trahalhador, o leite começa a saturar-se e coagula-se antes de findar a defumação.

D'isto provém as diferentes qualidades de seringa ; fina entrefina e sernamby.

A *fina* é defumada até o fim sem que o leite seja saturado ; a *entrefina* é defumada quando o leite já está saturado e em começo de coagulação ; a *sernamby* é do leite coagulado naturalmente ou por precipitação de qualquer corpo ou matéria estranha, lançados no leite, como agua, caxaça, pedaços de seringa, falta de asseio nos vasos do serventuario, etc. Todo o leite, que se derrama dos vasos ou do córte das arvores, coagulado, é *sernamby*, e tem dous terços do valor da fina. E' um trabalho valioso, porque o que se julga perdido ainda dá dous terços do seu valor real..... .

Ha outra arvore leitosa, que produz a seringa. Os trabalhadores, que a conhecem, mettem-nas nas estradas e intigellam-nas colhendo o leite como da verdadeira seringueira. Chama-se *tapurú* esta arvore. Entretanto a seringa tirada dela não tem o elasticó tão distensivo e resistente como o da seringueira ; comtudo liga-se perfeitamente com o leite desta.

No começo da extracção da seringa empregava-se o sistema denominado do—*arrôcho*, que consistia em compriinir o tronco da arvore, obliquamente, com um cipó mui grosso, fazendo-se na parte superior algumas incisões, por onde corria o leite, que era recebido em um vaso, depositado na parte inferior da ligadura.

Este processo porém matava as arvores em pouco tempo, e apezar de ser formalmente prohibido, ainda muitos o empregam, porque infelizmente a rotina cega quasi que a tudo preside aqui no Amazonas.

O processo demasiadamente lento e enfadonho da preparação da borracha por meio da defumação, e os inconvenientes não pequenos que lhe são annexos, tem chamado a attenção de alguns homens intelligentes e industriosos, que têm pretendido simplifical-o e melhoral-o por meio de outros processos mais rapidos e mais aperfeiçoados.

Em 1860 o Sr. Henrique Antonio Strauss, que já havia obtido do governo imperial, por decreto de 28 de Setembro de 1858, um privilegio para empregar o processo por elle descoberto para a preparação da borracha, offereceu-se a divulgar o segredo pela quantia de 25:000\$000, e a assembléa provincial do Pará, pela lei de 3 de Novembro de 1860, autorizou a presidencia da provincia a despender a quantia necessaria para a divulgação do processo, uma vez que se reconhecesse a sua superioridade sobre o que actualmente está em practica. O inventor apontava grande numero de vantagens do seu processo e a presidencia nomeou uma comissão, encarregando-a de estudal-as.

Os resultados do exame a que foi submettido o processo

Strauss pareceram satisfactorios á commissão, que reconheceu a superioridade do novo sobre o velho processo.

Neste processo, que é de facil comprehensão para quaequer intelligencias, a solidificação do leite da seringueira opera-se rapidamente, e os ingredientes, que nello entram, são por demais baratos, porque consistem em uma solução de pedra-hume em agua a ferver, nas seguintes proporções: 10 libras de pedra-hume para 32 frascos d'agua

Esta solução, base primordial de todo o processo, mistura-se com o leite da seringueira, na razão de 1 para 20, isto é, um frasco de solução é suficiente para solidificar 20 frascos de leite. A borracha preparada deste modo fica unito pura, com a elasticidade natural e com uma bella cor de ambar.

Entretanto o commercio prefere a borracha solidificada pela fumegação com o côco do *urucury*, talvez por conter maior porção de oxygeneo e tornar-se de mais elasticidade e de mais facil emprego nos misteres para que é destinada.

Eis as instruções dadas pelo Sr. H. Strauss para o fabrico da borracha, segundo o seu sistema:

« Cada uma feitoria, segundo suas proporções, deve estar provida dos seguintes utensílios:

« Uma ou mais tinas ou alguidares.

« Um jogo completo de medidas, de 1 frasco até meio quartilho.

« Uma espatula de madeira, do comprimento de 3 palmos.

« Um pequeno regador, com capacidade para conter um frasco de liquido

« Fôrmas de madeira, zinco ou folha, quantas forem necessárias, proporcionalmente à força ou numero dos trabalhadores, com as dimensões abaixo indicadas:

« Comprimento, 24 pollegadas (3 palmos.)

« Largura, 12 ditas (1 1/2 dito.)

« Altura, 1 dita.

Estas fôrmas devem ser collocadas umas proximas ás outras, em um girão de conveniente altura, bem niveladas, para as pelles da borracha ficarem iguaes em toda a sua espessura, sendo coberto por cima, para evitar que alguma chuva repentina venha transtornar o succo elastico, recentemente preparado.

« Para impedir a adherencia da borracha ás fôrmas, lavam-se estas pelo lado de dentro, antes de deitar-se-lhe o leite, com agua em que se tenha desfeito algum barro, pondo-as depois a escorrer, conforme se pratica com as fôrmas pelo antigo sistema.

« Disposto tudo nesta ordem, se procede á preparação do leite pela fôrma seguinte:

« Mede-se este e se lança depois dentro de uma tina ou alguidar, e á cada 20 medidas, quer seja de frasco ou outra qualquer, se deitará uma do mixto, adiante indicado, por meio do regador, mexendo-se constantemente o leite durante o processo da mistura. Isto feito, lança-se sem demora nas fôrmas, na quantidade de meio frasco, para cada

uma, desmanchando-se levemente com uma penna as bolhas que em cima afflarem, para que as pelles fiquem lisas.

« Assim concluido se deixam em repouso até o dia immedioato.

« Sendo o processo regulado conforme as instrucções, estará no dia seguinte a borracha nos termos de ser tirada fóra das fórmas, e, para esse fim, passa-se uma faca pelos lados della para a desligar de qualquer embaraço; e virando depois a fórmula em cima de uma taboa, se deixa a pelle cahir direita, lavando esta do lado que tiver estado em contacto com o barro, sem que seja necessário mover-a do lugar.

« Passam depois estas a serem depositadas em uma prensa, separadas uma das outras por meio de taboas delgadas e bem ajustadas, devendo ser a ultima mais grossa para poder resistir ao peso que em cima se lhe deverá pôr por espaço de 24 horas, cujo peso pode ser de ferro, pedras ou qualquer outro objecto.

« A prensa pode ser feita por qualquer curioso em razão da sua simplicidade; ella consiste em uma caixa do mesmo tamanho das fórmulas, com a unica diferença de ter 2 a 4 palmos de altura, furada por todos os lados amiudadamente, cujos furos devem regular de 2 a 3 linhas de diâmetro, pouco mais ou menos. Estes furos são para darem saída á parte aquosa contida na borracha e no mixto envolvido, a qual é expellida por meio da força da pressão exercida pelo peso, tornando-se por isso a borracha densamente compacta.

« Tambem se podem conseguir os mesmos efeitos da prensa por outra maneira:

« Furam-se as fórmulas em 6 ou 8 lugares nos lados proximo ao fundo, os quaes se tapam com tornos ou barro, quando se lança o succo dentro; e a taboa destinada para separar as pelles umas das outras na prensa, conforme ácima se disse, servirá neste caso para entrar dentro da fórmula, pondo sobre ella o peso necessário, abrindo-se nessa occasião os mencionados buracos.

« No dia subsequente tiram-se as pelles da prensa e se expõem ao sol, virando-se de tempos a tempos pelo espaço de dias que for preciso para ficarem secas.

« Se a fabrica fôr em grande escala, pode-se fazer o caixão da prensa mais alta, ou terem duas, para que a operação seja feita no dia em que as pelles são tiradas das fórmulas, isto é, quando seja dirigido o serviço com as prensas.

« Todo este processo é mui simples e está ao alcance de todos.

« A quantidade ácima indicada de meio frasco de succo elástico em cada fórmula, deve produzir uma pelle de duas linhas de espessura com 20 pollegadas de comprimento e 10 de largo, pouco mais ou menos, com o peso de sete e meia onças.

« Quando se queira formar a borracha logo no mesmo momento, não sendo para pelles, vai-se-lhe botando o mixto até tomar a consistencia de massa; depois concerta-se dentro da vasilha que lhe serviu de fórmula, e no dia se-

quinte, ou no mesmo, passadas 2 ou 3 horas, comprime-se com algum peso para fazer expulsar a agua e tornal-a compacta.

« Por este processo se poderá fazer as obras que se quizerem, seja qual for o seu tamanho e formatura. Quando, para fazer-se uma grande peça, não chegar o leite, pôde juntar-se-lhe no dia immediato o resto, contanto que seja sujeitada á pressão depois de se lhe unir o resto.

« Mede-se a quantidade de agua correspondente á porção que se pretende fazer de mixto; aquere-se esta em qualquer vasilha até o ponto dc ebullição (effervescencia); retira-se depois do fogo, e nesse estado de quentura se lhe ajunta sulphato de alumina e potassa (pedra-hume) em pedaços nas proporções abaixo indicadas.

Para 32 frascos de agua 10 libras de pedra-hume,

»	16	»	»	5	»
»	8	»	»	2 1/2	»
»	4	»	»	1 1/4	»
»	2	»	»	10 onças	»
»	1	»	»	5	»

« São por consequencia estas proporções reguladas a 16 partes de agua, uma dc pedra-hume; por exemplo, para 16 onças de agua, uma de pedra-hume, que corresponde a um quartilho, medida do comercio; a 16 libras de agua ou 16 quartilhos, uma libra de pedra-hume, e assim se farão as porções que se quizer em maior ou menor quantidade, guardando-se a devida conformidade.

« Deve haver todo o cuidado em não afastar e seguir exactamente as referidas proporções na composição do mixto, porque se for de mais a agua ou de menos a pedra hume, não produzirá o desajado efeito na coagulação do succo, e se for em menor porção a agua, e em maior a pedra-hume, nada aproveitará com isso, porque, depois de saturada a agua, todo o superfluo se depositará no fundo sem se diluir. Mas em todo o caso antes seja assim, porque esse sobejo poderá ainda servir para nova preparação, sem comtudo transtornar o processo da coagulação; o contrario, porém, sucederá na falta da convniente proporção.

« A primeira quantidade acima indicada do mixto, isto é, a de 32 frascos, para a qual são precisas 10 libras de pedra-hume, é sufficiente para manufacturar 40 arrobas de borracha, que pelo preço actual do mercado importam em 15560 réis, corsespondente a 39 réis por arroba, aliás preço exorbitante, porquanto regularmente seu custo nos mercados da Europa, não passa de 900 réis fortes cada uma arroba, por consequencia ficará mui reduzido para o fabricante que directamente o mandar vir.

« Esta preparação não se altera e por isso pôde reservar-se de uns annos para outros.

« A borracha preparada por este systema, não admitté fraude; qualquer que seja a mistura que se lhe faça, será

visivelmente reconhecida na pelle, por se não ligar com o succo elastico.

«O trabalhador que tentar augmentar com agua o producto que tiver extraido do leite, com o fim de illudir o patrão com mais quantidade de liquido, quando ajustado a pagar-se-lhe o trabalho pela porção, que extrahe, nada conseguirá, porquanto o leite, que fôr adulterado, jámais coagulará por mais mixto que se lhe deite. *Henrique Antonio Strauss.*»

Com satisfactorio resultado tambem o Sr. Etchegoyen descobriu um novo processo para preparar a borracha.

Empregou arbitrariamente uma pequena quantidade de cachaça sobre cerca de 25 grammas de leite de seringueira e a coagulação operou-se rapidamente.

Pensa o mesmo Sr. Etchegoyen que um litro de aguarridente será sufficiente para coagular 16 kilogrammas de leite.

A borracha assim preparada, além de coagular-se de prompto, fica completamente secca e pura de outra qualquer materia; o que não acontece com outros processos, que, além, de serem dispendiosos, tem o inconveniente de deixarem o producto sujeito á quebra do peso pela quantidade d'agua que absorve o leite no acto de coagular, e que só mui lentamente se evapora pela accão do calor.

Sabe-se pelas experiencias do Sr. Goodyear, dos Estados Unidos, que a borracha misturada com  $1/5$  de enxofre, adquire uma consistencia dura e rija, pelo que se presta a ser polida, esculpida e cortada de todos os modos, servindo assim para uma infinitade de objectos.

Na exposição nacional de 1861, na Côrte, foi vista e apreciada a gomma elastica do Pará em estado bruto e preparada em alguns objectos, entre os quaes sobresahiam uma folha imitada de arvore, um cacho imitando uvas e um transparente com relevos.

Havia mais uma caixa contendo tiras de borracha e um livro com amostras de diferentes cores, fabricadas pelo processo do Sr. Henrique Strauss.

O leite da arvore da mangaba, coagulado com solução de pedra-hume e passado na prença, dá borracha excellente, tendo sobre a da seringueira a vantagem de já ser branca, dispensando portanto a clarificação que ordinariamente faz-se com arsenico.

A mangabeira é muito abundante na ilha de Marajó e alguns outros pontos.

A gomma elastica ou borracha, que tão grande influencia tem tido nos destinos das duas provincias do Pará e Amazonas, e que representa tão importante papel nos domínios da industria, merece ser estudada desde a sua origem.

Eis em resumo a historia das diversas vicissitudes e peripécias por que tem passado, segundo o bem elaborado estudo que a respeito escreveu o eruditíssimo Sr. Ferreira Penna e que tanto me tem auxiliado neste modesto estudo.

A gomma elastica ou borracha não era ainda conhecida dos povos civilizados na época em que o famigerado Orelhudo desceu de Quito pelo Napo e Amazonas até o Oceano,

nem mesmo quando o capitão Pedro Teixeira subia do oceano pelo Amazonas e Napo até Quito.

Os missionarios portuguezes, que viviam entre os indios do Solimões, parece que foram os primeiros europeus que della tiveram conhecimento.

Com effeito, parece que a primeira noticia da sua existencia e da sua utilidade foi dada por um missionario carmelita chamado Fr. Manoel da Esperança, o qual nos ultimos annos do seculo XVII foi estabelecer missões entre os indios Omaguas ou Cambebas, conforme se deprehende da cópia imperfeita de uma carta de outro religioso carmelita, que em 1738 missionava entre aquelles indios.

Os Cambebas ou Omaguas destas missões, tantas vezes perturbadas desde 1690 pela ambição dos jesuitas hespanhóes, fabricavam botijas, baldes e outros vasos em que conduziaiam ou conservavam suas bebidas e fructos.

Conta-se que o seu primeiro cuidado, quando recebiam hospedes ou visitas dos missionarios, era offerecer-lhes um desses utensíis de nova especie, cheios de bebidas espirituosas ou frutas de suas terras.

Pouco habituados ao uso dessas bebidas, davam-lhes os europeus muito menor apreço do que aos vasos, que as continham, nos quaes era facil á perspicacia do missionario enxergar um artefacto digno da maior attenção.

Com effeito, como naquelles lugares as terras são em geral encharcadas, mormente na estação invernosa, e a humidade para o europeu era origem de molestias perigosas, receberam logo a borracha uma appliração mais util, sendo empregada para calçado, como um preservativo da humidade, e dahi proveiu o fabrico de botas e sapatos dessa materia.

Conhecido no Pará o uso deste calçado, tornou-se geral e não tardou a passar a Portugal, onde em 1755 já estava tão generalizado que o rei D. José tambem quiz ter botas cobertas de gomina elástica e para esse fim remetteu o governo uns poucos de pares para a cidade do Pará, a fim de serem convenientemente preparados.

A sua applicação estendeu-se ás mochilas dos soldados, sendo em 1797 remettidas no bergantim *Gavião* 2.250, que por ordem do governo tinham sido cobertas.

Na França as suas applicações industriaes foram logo animadas pelos esforços da sciencia; assim em 1768 o cirurgião Macquer apresentou á academia das sciencias de Pariz uma *memoria* justificando as vantagens da substituição do metal pela gomma elástica no fabrico das algalias, o que foi logo adoptado, percebendo os fabricantes grandes lucros pelo notável commerçio destes instrumentos.

Só muito mais tarde e no ultimo anno do seculo passado, foi que o ministerio portuguez, aceitando o offerecimento do cirurgião do exercito Dr. Francisco Xavier de Oliveira, autorizou-o a fixar a sua residencia no Pará, a fim de fabricar iguaes instrumentos e fazer desenvolver essa industria monopolizada pelos franceses, que aproveitavam a nossa matéria prima.

O fisco principiava já a entrever na gomma elastica um ramo de rendas incalculaveis, quando os successos extraordinarios da França, agitando o mundo inteiro, lhe perturbaram os calculos. Então a exportação desappareceu totalmente, como era natural, em presença das batalhas, que ensanguentavam a Europa e da paralysação geral da industria.

Depois do restabelecimento da paz geral, a gomma elastica reappareceu timida e vacillante; mas acorçoada pela crescente demanda em varias fabricas, começoou a ganhar terreno no commercio.

Assim, a sua producção já importante quando o Brazil se declarou independente, constituiu um dos nossos ramos de exportação, embora ainda de valor insignificante. (1)

A gomma elastica, como genero de exportação, foi pela primeira vez incluida nas pautas em 1825, em virtude do decreto de 31 de Maio do mesmo anno; mas sómente em 1827 é que se encontra declaradamente que houve exportação della, não existindo documentos dos dous annos antecedentes.

No relatorio da commissão da exposição industrial do Pará, em 1861, lê-se o seguinte a respeito da gomma elastica

« Até 1840 era este artigo exportado pela maior parte em sapatos e em outras fórmas, apenas em quantidades diminutas, valendo então a de melhor qualidade de 6\$ a 7\$ por arroba.

« Em 1850 já a exportação em sapatos tinha diminuido consideravelmente, e nesse anno exportava-se apenas 138.873 pares, augmentando então a quantidade exportada em bruto para uso das fabricas a 92.026 arrobas, valendo de 12\$ a 15\$ por arroba.

« De 1854 a 1855 cessou completamente a exportação em sapatos e naquelle ultimo anno subiu a exportação em bruto a 178.840 arrobas, tendo chegado a valer o exorbitante preço de 36\$ por arroba.

« Em 1856 a 1857 soffreu este genero uma reacção, tendo diminuido consideravelmente de valor e voltou ao preço de 11\$ a 12\$ por arroba. »

No periodo de 1858 até meiodos de 1861 teve nova alta. O preço da gomma elastica, subindo até 25\$ por arroba; desceu porém, logo consideravelmente até 15\$, em razão dos acontecimentos politicos que se davam nos Estados Unidos, o que bem graves prejuizos causou á praça do Pará e aos emprededores daquella industria. Com a terminação da guerra reappareceu a confiança e o preço da borracha teve prompta alta.

---

(1) *O Tocantins e o Anapu.* Relatorio apresentado á presidencia do Pará pelo Sr. D. S. Ferreira Penna.

Actualmente—com mais ou menos oscillações—o preço se tem conservado entre 28\$ e 30\$ por arroba.

O termo médio das quantidades e valores da exportação deste producto, nos annos que decorreram de 1852 a 1852, segundo daes officiaes, é o seguinte:

Termo médio: 47.276 @ no valor de 288:346\$151.

Nos annos que decorreram de 1852 a 1873, a exportação tem regulado do modo seguinte:

Annos.	Arrobas.	Valores.
1852—1853.....	158.998	4.430:773\$338
1853—1854.....	158.007	3.577:235\$411
1854—1855.....	177.810	2.713:981\$490
1855—1856.....	140.751	2.261:440\$197
1856—1857.....	91.670	1.395:451\$904
1857—1858.....	106.604	1.224:290\$011
1858—1859.....	116.352	1.880:921\$288
1859—1860.....	170.521	3.402:330\$253
1860—1861.....	164.235	2.863:946\$576
1861—1862.....	153.785	2.405:476\$557
1862—1863.....	198.034	3.232:875\$098
1863—1864.....	232.287	3.265:373\$237
1864—1865.....	281.823	3.619:978\$085
1865—1866.....	236.389	4.628:562\$283
1866—1867.....	321.366	5.844:005\$703
1867—1868.....	337.381	7.598:506\$621
1868—1869.....	317.306	7.836:846\$825
1869—1870.....	332.250	9.728:442\$349
1870—1871.....	4.798.921 kilos.	7.509:491\$000
1871—1872.....	9.944.139 kilo.	10.043:165\$000
1872—1873.....	4.147.492 kilos.	7.378:740\$000

Agora algumas breves considerações ácerca dessa industria, que tanto tem augmentado as rendas da provincia do Pará e que parece-lhe augurar o mais prospero e brilhante futuro.

Disse eu algures: « a seringa é a praga do Amazonas ». Parece isto á primeira vista um contrasenso ; mas é a opinião de todos os que pensam seriamente, de todos que maduramente meditam nestas cousas e que se não deixam illudir pelo brilhantismo das apparencias.

A historia da extração da borracha no valle do Amazonas tem peripecias bem tristes, tem misérias bem pungentes, bem dolorosas. O Amazonas retrograda a olhos vistos, despoçoam-se as suas cidades e villas e o desanimo se vai apoderando dos que meditam e estudam os factos, apezar desse crescimento de rendas e dessa apparente prosperidade. « Ninguem se illuda com o progresso espantoso que apresenta o Pará, dizia ha alguns annos o Dr. J. M. da Silva Coutinho, esse progresso é ficticio, não tem bases ; acaba cedo se o governo não tomar providencias. No fim de 60 annos os seringaes estão mortos, a salsa deve ter desapparecido, assim como

as cupahybeiras, dos lugares mais favoraveis e onde o trabalho é vantajoso. E' preciso depois ir buscar essas drogas no alto Japurá e nas cabeceiras de outros rios, ainda hoje desconhecidos. A grande questão do Amazonas é, portanto, regularizar o trabalho da extracção das drogas, ou melhor—fixar a população—para que a lavoura dos generos alimenticios se desenvolva, para que o progresso das duas províncias seja real. »

O que tem feito a extracção da borracha em favor daquelles que lhe sacrificam a saude e todos os commodos da vida ? Que riquezas têm elles accumulado, que futuro têm preparado para si e para os filhos ? Ao vêr essas caravanas numerosas, que todos os annos partem para essas paragens tão remotas e de onde poucos voltam ao vêr essa espantosa emigração de familias inteiras, de povoações inteiras, devoradas pela vertigem de fabulosos lucros, que abandonam o lar, a pequena lavoura que cultivavam, o socego e a segurança ; que não recuam ante a taquara certeira dos Araras e dos Parintintins ; que vão devassar as brenhas do Madeira, do Purús, do Juruá e do Javary, onde o misero selvagem tinha procurado para si uma guarida ; ao vêr esse movimento periodico, essa emigração em massa, dir-se-hia que esses rios tão ricos de productos e de terras uberrimas, apresentam hoje o espectaculo admiravel de lindas povoações com todos os commodos da vida, com todas as vantagens da civilisação.

E' bem cruel a decepção. Os desertos continuam desertos, onde de longe em longe se avista uma pobre barraca de seringueiro, toscamente feita de páos e coberta com grelos de palmeira. Alli, completamente fóra da accão da autoridade, sem religião e sem lei, vivem os emprezarios dessa industria rodeados da *sua gente ou pessoal*. A honra da virgem, os serviços do operario, a sua liberdade, o seu trabalho durante o dia, o seu descanso durante a noite, tudo pertence a esse regulo caricato, que se chama *patrão* e cuja vontade naquellas alturas é superior á lei !

« A industria extractiva da borracha, diz o Sr. Ferreira Penna, com aquelle bom senso que lhe reconhecem todos, não é fatal sómente ao seringueiro ; seus effeitos perniciosos no estado actual recahem sobre outros ramos de industria e sobre a riqueza e civilisação no interior da província.

« Falla-se dos progressos da capital do Pará ; assim é, sem duvida ; e esse progresso é tão notável, como rapido. O commercio e a navegação aqui florescem de dia para dia ; as rendas crescem de anno para anno ; a cidade acompanha esse movimento de civilisação ascendente ; orna-se de novos edificios, povoa seus subburbios, rasgam-se novas ruas e praças ; o porto enche-se de navios, as dócas de canoas, as ruas de gente, o caes de occiosos ; a illuminação se faz por canalisação ; as letras mesmo tomam certo desenvolvimento . Tudo, enfim, denuncia progresso e prosperidade.

« Mas o interior ? Todo o mundo sabe quão notável é a decadencia de suas povoações. Eu dei tambem uma idéa geral do seu estado pouco satisfactori ; estudei-o com algum

cuidado e indagando a origem dessa decadencia, achei-a quasi exclusivamente na extracção da gomma elastica, industria maldita para o interior e para os que della se ocupavam; industria que rouba quasi todos os braços, quasi toda a força vital da agricultura, desprestigia e desacorçoa todas as emprezas uteis, despovoa as villas, dispensa o commercio e reduz uma parte dos habitantes a nomades, seu residencia certa ou antes com residencia em muitos lugares ao mesmo tempo, fazendo que fujam dos thesouros da agricultura, por que o espetro do trabalho normal os assusta e que procurem a fortuna onde os aguarda a desgraca, a miseria ou a morte! »

Um outro homem pratico e que tinha maduramente meditado sobre este assumpto, assim se exprimia ante os representantes da provincia do Pará:

« Não sei se o exercicio desta industria não é antes fatal aos interesses desta província.

« Por amor de seus avantajados lucros, que só aproveitam áquelles que recebem os productos já preparados, e ao thesouro, que sobre elle levanta grossas sommas pelo imposto que cobra, soffre a populaçao, e as outras industrias da província sentem a falta destes braços.

« Compare-se a estatistica de alguns ramos de producção da província em tempos que floresciam, com a época do desenvolvimento da industria da gomma elastica, e reconhecer-se-ha que as lavoras do algodão, do arroz, do café e da canna foram supplantadas pelos fabulosos lucros que esta outra offerecia; e ainda mesmo agora outras não se desenvolvem por falta destes braços, que outro emprego não procuram.

« Não esqueçamos ainda que os seringaes vão sendo destruidos e que o producto que delles resulta, deve diminuir para o futuro, que registrará então nos annaes de sua historia o tempo que perderam os emprehendedores desta industria, e os males que soffreu a populaçao que a ella se dedica.

« Não a condemno, senão porque, considerando esta industria conforme se passam as scenas de sua existencia nesta província, os homens que a exercem são representados como quantidades inertes ou cifras existentes no fim de uma columna de somnar, como se a humanidade seja uma sociedade em commandita, onde o trabalhador faz o simples papel de uma machina, onde tudo se representa por lucros e perdas, sem lembrarmo-nos que estas quantidades são intelligencias, que essas cifras arithmeticas são a vida, a moralidade de muitos sêres, que são votados por Deus ao mesmo destino que aspiramos. »

Os seringaes têm dado milhares de contos de réis, os cofres provinciales se têm enchido com o imposto sobre a borracha; mas qual o beneficio real que disso tem resultado ao valle do Amazonas? Só a miseria. O estrangeiro leva a borracha como materia prima e dá-nos em pagamento a mesma borracha manufacturada e as suas mercadorias que são annual-

mente destruidas para serem annualmente renovadas ; de sorte que, no dia fatal em que se extinguir essa fonte de receita, no dia em que as seringueiras negarem o seu leite ou forem descobertas e exploradas em outros paizes e já a Africa a colhe e exporta, assim como a ilha de Java e alguns lugares da India o que teremos nós, o que terão por legado esses imprevidentes filhos do valle do Amazonas ?

Ninguem ignora que os seringaes do baixo-Amazonas pelo modo inconveniente por que foram trabalhados, acham-se presentemente quasi todos estragados ou muito enfraquecidos, não compensando o trabalho da exploração, ao menos da maneira por que se obtém o producto em outros lugares. Orio Jary, que fui em algum tempo o centro da produçao da seringa, e onde se reuniu tão grande numero de trabalhadores, acha-se hoje deserto. A população emigrou para o Madeira, o Javary, o Jurná e o Purús, onde ainda a seringa se encontra em abundancia, para abandonal-os mais tarde e ir mais longe e com mais dificuldades procura-las cabeceiras de outros rios ainda desconhecidos.

E depois ?

Pergunto ainda que beneficio verdadeiro, real tem trazido ao valle do Amazonas a extracção da borracha ?

Para responder a esta questão, cita o Sr. F. Penna muito a propósito o seguinte facto :

« Ha seis mezes, conta elle, percorrendo uma parte do vasto Estuario, formado entre as aguas do Pará e as do Amazonas, tive por companheiro de viagem um homem sexagenario, em cuja physionomia scintillavam alguns raios de intelligenzia adquirida pela longa experienzia dos annos.

« Eu disse-lhe que as ilhas por onde passavamos eram ricas ; mas admirando-se desta qualificação, expliquei-lhe que me referia á grande quantidade de gomma elastica que ellas forneciam .

« — Sim, é certo, respondeu-me ; estas ilhas são ricas de seringa e tem dado muito dinheiro ; mas a quem o tem dado ? Tem-no dado aos ingleses e americanos ; sómente aos estrangeiros, da quem somos caixeiros e serventes !

« Contou-me então que ha mais de 40 annos que passava por aquellas ilhas e que ha 30 annos ajuntava-se nellas um mundo de seringueiros, tendo sido elle tambem desse numero ; mas tendo alli perdido douz filhos, sem jámais conseguir fazer fortuna, voltou á lavoura, e pôde pagar, pouco a pouco, o que ficara devendo. « E hoje, disse-me, graças a Deus a lavoura me dá com que passar sem vexame o resto dos meus dias . »

« Dizia-me tambem que ha 40 annos as ilhas estavam no mesmo estado de hoje, sem cultura e sem uma habitação regular ou permanente, com a diferença porém de que então havia por alli muita madeira, muitas frutas, muito cacáo selvagem e hoje nada mais ha disso ! »

Este facto notavel, que facilmente se pôde verificar e é commun a todos os seringaes, revela por si só a infecundidade da industria da borracha para a prosperidade da pro-

vincia. Elle se refere a uma região que, como se sabe, é das menos insalubres, das mais ferteis e das mais apropriadas para a cultura, porém que todavia, em referencia ao interior, se pôde ao mesmo tempo denominar o—*Eldorado dos seringueiros e o cemiterio da civilisação!*

Comprehendo o respeito que se deve á liberdade da industria e nem sou daquelles que odéam a industria da borracha, por não enxergarem nella senão uma immensidate de males e nem um só beneficio. Os que rejeitam-na de um modo absoluto como um grande mal social, não estudaram sua origem, nem sua marcha, nem o seu estado actual.

A industria da seringa é uma industria viciosa e eis ahi toda a origem dos males que produz. Destruir os vicios e impurezas que a nodôam e corrompem, para que seus effeitos e fructos sejam os mais salutares e proveitosos, eis o que cumpre fazer. Ninguem ha que não reconheça que o poder social não deve intervir de um modo directo nos objectos, que tocam á industria ou, que não deve monopolizar a industria e o commercio. Entretanto concordam todos, mais ou menos, que ha grande perigo que o governo abandone e retire a sua influencia tutellar nestas materias, porque, como disse alguem, a liberdade não é o fim da sociedade e sim a prosperidade publica.

Ha igualmente em todo o valle do Amazonas uma quantidade extraordinaria de vegetaes fibrosos, que se forem convenientemente explorados offerecerão com abundancia a materia prima ao fabrico de variados tecidos.

Entre elles muitos se encontram que dando já excellentes fios para certos usos vulgares, prestam-se igualmente ao fabrico de cordas, que poderiam servir com vantagem ao serviço dos navios.

Outros existem que contém em si magnifica estôpa já experimentada no calafeto dos navios, e que serviria tambem para guarnecer moveis e se empregaria igualmente com proveito no fabrico do papel de todas as qualidades. Alguns se encontram que pela natureza de suas folhas, de seus ramos e raizes brandas, flexiveis e resistentes, podem bem ser aproveitados na confecção de chapéos trançados, cestos e outros objectos da industria do cesteiro.

Para as noticias que ahi vou exarar aproveito-me, como fonte principal, dos relatorios do Sr. conselheiro Brusque, apresentados á assembléa provincial do Pará.

**PALMACEAS.**—A rica familia das palmeiras, tão variada em especies, interessante e util, sob diversos aspectos, derramando-se profusamente por todo o valle do Amazonas e seus tributarios, com notavel distinção, por sua quantidade, sobre todas as outras, é bastante por si só para preencher as diferentes applicações de que acima fallei.

Com effeito, diz o Sr. conselheiro Brusque, as denominadas *astrocaryum*, a cuja classe pertencem o *jauary* e o *tucum*; as *acrocomia*, com a *macacaíba* e muitas outras, e bem assim diversas *bactris*, contêm nos longos foliolos de suas immensas folhas fibras tão delicadas, finas e fortes, que

bem serviriam ao fabrício de tecidos regulares, assás consistentes.

As chamadas *mauritia*, em cujo gremio está o *caraná*, o *muruty* ou *burity*, fornecem aos habitantes do vale do Amazonas as excellentes cordas que empregam em usos domésticos. A *piassaba* presta-se ao fabrício de cabos, que servem na marinha, de todas as dimensões e de longa duração.

Emfim, as folhas novas do *tucum*, do *tucuman* e do *inajá*, pertencente áquella mesma familia, podem, convenientemente preparadas, prestar-se, como já se vão prestando, á confecção de chapéos, de lindas esteiras, e de cestas delicadas.

De quasi todas estas arvores extrahe-se uma certa especie de estopa mais ou menos fina, mais ou menos clara, que, quando a industria tomar maior desenvolvimento entre nós, poderá ser com muita vantagem empregada no calafeto de navios e até mesmo no fabrico de papel.

**BROMELIACEAS.**—A familia das *bromeliaceas* não deixa de ser tambem interessante considerada debaixo do ponto de vista de possuir substancias filamentosas, que se encontram em bastante quantidade nas folhas do maior numero das espécies que a compõem.

Diversas especies não cultivadas do genero *bromelia ananas*, assim como muitas outras do genero *bilbergia*, confundidas debaixo dos nomes *carauá*, *crauá*, *crauatá*, e *gravatá*, dão fibras extraordinariamente finas, fortes e seguramente proprias para muitos tecidos; as menos boas ou inferiores se empregam no fabrico de cordas, que possuem grande solidez e resistencia.

A *cillandsia* e em particular a *cillandsia usneoides*, que é a mesma *samambaia*, depois de despida da sua parenchima por meio da maceração dentro d'água, fornece uma substancia fibrosa, de cor negra reluzente, que se assemelha muito á crina, em cuja substituição poderia ser empregada com vantagem, para servir de enchimento dos moveis estufados e para colchões, e ainda mesmo no fabrico de cordas, posto que não sejam de grande duração e resistencia.

Duas plantas de uma outra familia proxima ás *agave americana* e *agave vivipara*, confundidas com os nomes de *gravatá-assú* de *pita* e outros, guardam tambem em suas longas folhas fibras brilhantes e fortes, proprias para diversos usos.

A primeira destas plantas sendo transplantada e cultivada no sul da Europa, assim como no norte d'Africa, abriu bem depressa novas fontes a um importante commercio de cordas e tecidos diferentes.

**Urticeas.** A familia das *urticeas*, geralmente rica de fibras textis, occupa tambem distincto lugar no vale banhado pelo Amazonas e por todos os seus affluentes.

A *umbaúba* ou *ambaúba*, uma das especies do genero *cecropia* encerra na casca de seus ramos e na epiderme do longo pecíolo de suas folhas as fibras bastante finas e tambem fortes, que podem prestar-se á fiação e ao fabrico de tecidos e de cordas.

Mas, sendo extraordinariamente a profusão destas arvores, seria talvez mais vantajoso aproveitá-las para o fabrico de excellente papel, reservando-se as fibras escolhidas para os tecidos, a que se podem prestar.

Neste caso, o Amazonas só, poderia fornecer papel ao mundo inteiro, porque não existem nelle outras arvores, que mais do que estas, cresçam naturalmente em tão grande quantidade.

MALVACEAS.—A familia das *malvaceas* pôde tambem fornecer um bom contingente de substancias fibrosas nos generos *Urena* *Myrodia* *Hibiscus* e outros conhecidos vulgarmente pelos nomes de *malvaíscos* e *malva branca*, que oferecem materia propria para tecidos, cordas e papel.

Uma familia proxima das *Bombaceas* está representada no Amazonas por vegetaes gigantescos, pertencentes aos generos *Bombax*, *Chorisia*, *Eriodendron* e *Carolinea*, conhecidos pelos nomes de *Mungubeira*, *Sumaúmeira*, *Mamaurana* e *Embira-assú*.

Estas interessantes arvores, que bordam as margens do Amazonas e seus affluentes, conservam pela maior parte em seus fructos uma especie de algodão de fibra mais ou menos longa, de côr branca ou pardo claro, que geralmente se emprega no enchimento de colchões, almofadas e outros objectos semelhantes.

Da casca destas arvores tambem se pôde extrahir estôpa, propria, e que se emprega no fabrico de cordas destinadas á navegação interior, bem como no calafeto dos navios.

LECYTHIDEAS.—Na familia das *lecythideas* existe tambem a estôpa, que se destina aos mesmos usos e applicações e especialmente na *bertholetia excelsa* ou *castanheira*, nas diversas especies do genero *lecythis* ou *sapucaia* bem como na *embiriba amarella* e outras especies.

TREPADERAS. — Entre os variados vegetaes desta ordem, que por toda a parte se encontram nas matas das duas províncias do Pará e Amazonas, e que são conhecidos pelos nomes de cipós, e que pertencem a muitas familias, aqui apontaremos sómente os que são conhecidos como mais importantes.

Na familia das *Leguminosas* ha o *Mucuna-urens*, que dá boas cordas, que servem para o serviço da marinha, na das *Apocynéas*, os *Echites*, que tambem fornecem cordas um pouco fracas; e na das *bignoniaceas* diversas *bignonias*, conhecidas vulgarmente com o nome de cipó verdadeiro, que servem ao mesmo fim.

Da casca, e do mesmo talo deste cipó se obtém e se fabricam cestos de toda a especie e outros muitos objectos.

AROIDEAS.—Na familia das *aroideas*, muitas especies do arum arborescentes, como seja o *atingá*, contém em seu tronco substancias fibrosas, que embora grosseiras e asperas, podem ser aproveitadas.

Outras especies, as *epiphites*, conhecidas vulgarmente com os nomes de *imbé*, *tajá*, lançam do alto das mais elevadas

arvores suas longas e finas raizes aereas, de um diametro igual e que pendem ate o solo

Umas sao proprias para liame ou cordas grosseiras; outras porém, convenientemente preparadas e divididas regularmente, servem para fazer-se com elles chapéos, cestos e outros muitos objectos semelhantes.

*Amomeas*.—A familia das *amomeas* ou *caneas* apresenta-nos diversas especies de *Maranthas*, conhecidas pelos nomes *uaruma-meri*, *uaruma-assú*, *uaruma-membeca*.

Da sua haste convenientemente dividida, fabricam-se balaios, curiosas esteiras, gelosias, peneiras e tipitis (1).

Ha tambem uma grande variedade nas especies da *embira*, diferentes conforme as localidades e que empregam os indigenas em diferentes uzos.

Algumas dellas sao ricas de fibras assaz fortes e de resistencia extraordinaria.

Agora, ainda auxiliado pelo relatorio do Sr. conselheiro Brusque, passarei a tratar das plantas fibrosas, conhecidas nas mattas de valle do Amazonas, indicando igualmente a parte da planta, que é empregada no fabrico dos diversos objectos e o uso que delles fazem.

*ALGODOIM* (*Cossipium*).—A parte da planta que se aproveita, é uma especie de algodão, que envolve as sementes.

Emprega-se no fabrico de rês e é proprio para tecidos grosseiros.

Cresce espontaneamente e em abundancia.

*AMBAÚBA* OU *UMBAÚBA*. (*Cecropia palmata* e *cecropia ambaíaba*).

E' uma arvore de ramos distanciados e pouco espessos; a madeira é esbranquiçada, secca e leve, contendo tanto no interior dos ramos como no tronco uma massa molle, côr de chocolate. Esta massa, estendida em panno, applica-se com vantagem sobre as feridas cancerosas. Com as folhas da ambaúba prepara-se um xarope, que se emprega contra a tosse.

Ha duas especies de ambaúba—a roxa e a branca. Esta dá fructos em cachos semelhantes aos da videira, mas os bagos são do tamanho e cor de um figo preto. Contém cada cacho até cincuenta bagos. Para se comerem tira-se a tona, que é aspera.

A *preguiça* vive nesta arvore, de cujos fructos se alimenta.

São as fibras das cascas dos ramos mais novos e os pecciolos das velhas folhas a parte empregada no fabrico de cordas. Podem tambem servir para tecidos e papel.

A *ambaíuba* abunda extraordinariamente nas ilhas e margens do Amazonas, Madeira e outros. Em geral no cimo desta arvore encontra-se uma pequena abelha, que alli faz o seu cortiço, produzindo cada um até 8 libra decêra.

---

(1) *Tipitis*: são uma especie de sacco comprido, susceptivel de destender pela tracção e destinado a exprimir o succo da mandioca.

A dificuldade de transporte do littoral do Perú para o interior, além dos Andes, obrigou os habitantes dessa parte do paiz a lançarem mão da cera da *ambaúba*, que foi extraída em grande escala até estabelecer-se a navegação a vapor do Amazonas.

Hoje preferem a cera preparada na Europa, que lhes chega por menor preço.

ARATICU'-CORTIÇA.—(*Annona palcustris*.)

O fructo desta arvore é uma especie de pinha molle, cheia de massa de côr amarellenta e venenosa, com caroços da mesma côr da massa: tem a casca fina, verde, com alguns picos brandos e curtos.

Ha outro *araticú* branco e doce.

Servem as fibras da casca dos ramos no fabrico de cordas de pouca resistencia, e poderão ser empregadas no fabrico do papel.

BANANEIRA.—(*Musa paradissiaca*).—Ha em grande quau-tidade em todo o valle do Amazonas. No municipio de Villa Bella, vi eu bananas ou *pacovas*, como aqui as chamam, de um tamanho descommunal.

Ha muitas variedades. Conheço as seguintes :

*Pacova grande*.—Cujo comprimento varia de um a dous palmos, e de diametro tres pollegadas. Ha variedades nesta especie.

*Pacovi*; semelhante a pacova grande, porém, de menor diametro. Ha tres qualidades, sendo a mais notavel a *acary-*

*Pacova róxa*, por ter a casca dessa côr.

*Pacova maçã*

*Pacova prata*.

*Pacova Cayenna*. (1)

*Pacova japurá*, ou *cambotas* ou *anã*, por ser mui pequena a arvore.

*Pacova mundurucú*, por ser pintada.

*Pacova de S. Thomé*.

*Pacova inaja*; pequena e extraordinariamente doce.

São as fibras do tronco e dos pecciolos das folhas a substancia, que se aproveita no fabrico de cordas grosseiras, e serve tambem para o papel.

BARRIGUDA, (*Chorisia ventricosa*).—A substancia felpuda, que envolve as sementes, serve para o enchimento de colchões e outros objectos semelhantes.

Poderá talvez fiar-se.

E' pouco abundante no valle do Amazonas.

CARANÁ.—(*Mauritia aculeata*.) Empregam-se as fibras das folhas novas no fabrico de rôdes e cordas.

Estas arvores são bellas palmeiras, delgadas, de mediana grandeza, com espinhos venenosos e que crescem nos lugares

---

(1) Foi transplantada de Cayenna para o Pará pelo 1.<sup>º</sup> tenente da marinha João Gonçalves Corrêa.

do litoral do Amazonas sujeitos á inundação, como tambem em terrenos pantanosos do interior das matas. Dá fructo em cachos grandes. A folha é semelhante á da palmeira *assaky*.

Ha diferentes especies e de todas ellas se extrahem fibras em geral perduraveis e fortes.

Crescem em abundancia nas duas provincias do Pará e Amazonas.

CASTANHEIRO.—(*Bertholetia excelsa*.) Da casca do tronco destas arvores, e quando não tem ainda chegado ao seu desenvolvimento ordinario, se extrahe a estôpa, que serve para o calafeto de navios e poderá provavelmente aproveitar no fabrico do papel.

Tenho para mim, como deploravel, diz o Sr. conselheiro Brusque, a devastação a que estão sujeitas estas arvores pela extracção da estôpa, que contém ; como se não fôra melhor reserval-as para a colheita de seus fructos abundantes e uteis sob diversas relações ; mormente quando é indubitável que se encontram no Amazonas, e a cada passo, os vegetaes de diversas especies, proprios a fornecer tambem a estôpa para o calafeto de navios.

CIPÓ VERDADEIRO.—(*Bignoniaceae*.) Do talo por inteiro ou dividido se fazem laços e todos os objectos da industria dos cesteiros.

COQUEIRO.—(*Cocosbutyracea*.) Aproveitam-se as fibras do epicarpo e com estas se fabricam cordas grosseiras, servindo tambem a estôpa para o calafeto dos navios.

CURAUÁ.—(*Bromelia* e *Bilbergia*.) Estando as folhas completamente desenvididas, dão fibras excellentes.

Dellas se fazem cordas bastante fortes e rêdes muito apreciadas, e serviriam bem para tecidos de bella apparencia pelo brilho do fio.

EMBIRA-ASSU'.—(*Bombax*.) São aproveitaveis as fibras lanuginosas, que envolvem a semente, e as que se extrahem da casca do proprio tronco.

As primeiras servem para travesseiros, almofadas e outros objectos semelhantes. As outras formam boa estôpa, que se presta ao fabrico de cordas grosseiras, bem como para calafetos.

EMBIRA.—(*Xilopia sericea*.) Das fibras da casca se fazem cordas muito fortes e resistentes.

EMBIRA AMARELLA.—(*Lecithidæa*.) De sua casca se extrahem fibras, como as precedentes, com a diferença de serem menos fortes.

Os usos a que se applicam são tambem os mesmos.

GRAVATÁ.—(*Bromeleaceas*.) Em seu estado de perfeito desenvolvimento as folhas offerecem fibras fortes, com que se fazem cordas mais ou menos resistentes, conforme as suas especies.

GRAVATÁ-ASSU'.—(*Agave americana* e *agave vivipara*.) Das fibras das folhas já desenvididas se fazem excellentes rêdes, e boas cordas, proprias para o serviço dos navios.

Dellas tambem se fazem elegantes tecidos.

IMBÉ (*Aroidæ Epiphites*). — E' um cipó ou planta trepa-

deira. Suas folhas contém um succo ácre, e são empregadas no curativo de ulceras. A raiz é purgativa e é aconselhada na hydropsesia. Ha diferentes especies desta planta trepadeira.

Das raizes, despidas ou não da sua casca, fazem-se diversas obras da industria dos cesteiros, chapéos, etc.

INAJÁ (*Maximiliana-Regia*). — E' uma palmeira que dá fructo da feição de um côco pequeno e em cachos. Come-se crú, cosido e assado. O caroço deste fructo serve aos seringueiros, na falta do *urucum*, para dar consistencia á borra-chacha.

Os foliolos desta planta, ainda não abertos, e a epiderme dura e lisa do peciolo das suas folhas, são tambem aproveitaveis.

Servem os foliolos para o fabrico de esteiras e chapéos grossos e as laminas delgadas da epiderme, para peneiras, cestas.

ANANAZ (*Bromelia ananás*). — Empregam-se as fibras das folhas já de todo desenvolvidas.

Servem para cordas, e podem prestar-se, como em outros paizes, para tecidos fortes e brilhantes.

JACITARA (*Desmonchus Macracanthus*). — E' uma planta trepadeira ou cipó, grande, pouco grosso e espinhoso.

Dos talos partidos em pedaços, mais ou menos delgados, fazem-se tranças para assento de cadeiras e outros moveis, bem como cestas, esteiras e outros objectos semelhantes.

JAUARY (*Astrocarium Jauary*). — Dos foliolos desta planta extrahem-se fibras com que se fabricam excellentes rês, boas cordas, e tambem servem para tecidos finos.

MACAUBA (*Acrocomia Sphaerocarpa*). — Das fibras de seus foliolos fazem-se tambem tecidos finos e cordas muito fortes.

MALVAISCO (*Sphæralcia cisplatina*). — Da epiderme do talo desta planta, que cresce até cinco pés de altura, extrahem-se diversas qualidades de estôpa, e que são proprias para o fabrico de cordas, tecidos e papel.

No Solimões ha duas qualidades de malvaisco: o malvaisco commun, a que os indios denominam *iauiiera-caa* (folha de arraia), devido isto ou á forma das folhas ou á propriedade de ser antidoto contra o seu veneno; e malvaisco hespanhol, de flores vermelhas e folhas miudas, parecidas com as do geranio.

Ambas estas qualidades têm propriedades diureticas.

MAMAURANA (*Carolinea princeps*). — E' uma arvore que cresce á margem dos rios, dá uma flor encarnada e branca, e o fructo é semelhante ao do copuassú. O alburno do tronco e dos ramos das duas especies — *Carolinea princeps* e *Carolinea insignis*, como na maior parte das bombaceas, que vivem em terras do Amazonas, offerecem uma especie de estôpa bastante forte, com que se fabricam cordas, servindo tambem aquella substancia para calafetar os navios.

MURITY OU BURITY (*Mauritea vinifera*). — Esta elegante palmeira é uma das mais altas do Amazonas, onde cresce em abundancia, principalmente na zona comprehendida entre

a capital do Pará e a cidade de Santarém, na foz do rio Tapajoz. E' uma palmeira elevada, diz Baena, aprumada, de casca bastante grossa e rija, e o cerne um miolo quasi semelhante ás escovas de côco. No cocuruto desta arvore sahem certas cannas, que na extremidade deitam uma rama parecida na forma com um chapéo de sol. Froduz fructo em cachos. Dentro do fructo ou côco tem um caroço envolvido em massa amarella.

Das fibras de suas folhas, quando ainda fechadas, se fazem cordas, linhas e rêsdes menos resistentes que as do tucum.

MARAJÁ.— (*Bactris.*) E' uma palmeira que produz uma fruta lôxa, e um pouco parecida com a uva. Ha de diversas especies. Os seus foliolos dão fibras com que se fazem alguns tecidos, cordas e redes.

MAXIXI.— (*Cucumis anguria.*) As fibras do talo desta planta são proprias para o fabrico do papel.

MELÃO DE S. CAETANO.— (*Momordica balsamina.*) De seus talos tiram-se tambem fibras que devem servir para o fabrico de papel.

MORORÓ.— (*Bauhinia.*) A sua casca fornece boas fibras, que servem á confecção de cordas tambem fortes.

Ha diversas especies.

MUCAJÁ.— (*Acronomia laeseospatha.*) Dos foliolos, que possue, tiram-se as fibras com que se fazem cordas, e que se podem prestar tambem aos tecidos.

MUCUNAN.— (*Mucuna'-urens.*) Do talo sahem as fibras com que se fabricam boas cordas proprias aos misteres da navegação.

MUNÇUBEIRA.— (*Bombax.*) Da casca do tronco se tiram fibras estopentas, bem como se colhem outras mais delicadas, que envolvem as sementes de diversas especies de bombaceas dos generos *bombax*, *chorisia* e *eriodendron*.

A cõr destas substancias fibrosas varia, segundo as especies; umas são brancas, outras russas, mais ou menos pronunciadas, e serve para enchiamento de almofadas, para cordas e estôpas.

Os indios empregam as que tiram do *eriodendron* de preferencia ao algodão, para guarnecer a base das flexas envenenadas, leves e curtas, que arremessam com destreza notável por meio de suas compridas zara batanas.

Não ha muito, affirma o Sr. conselheiro Brusque, que na Europa se começou a empregar no fabrico de chapéos de castor, a substancia felpuda de uma especie analoga da *bombacea*, que dá na Africa.

Eture nós já se fazem fios e cordões com esta materia.

« A planta conhecida no valle do Amazonas pelo nome de munguba, diz o Dr. Saldanha da Gama, possue doulos predi-cados: a paina (*sumaúma*), que tira-se do pericarpo, semelhante a de uma das nossas *bombaceas*, e que serve para a colchoaria, e as fibras do *liber*, que são de uma tenacidade pouco vulgar (97 grammas, termo médio) »

« Poder-se-hiam obter excellentes cabos desta fibra, e talvez tão fortes, como os da palmeira *caranâ*. »

PALMEIRA REAL.—Das fibras dos foliolos, que são extraordinariamente finas, brandas, flexiveis e fortes, podem-se fazer fios, cordas e tecidos.

PATAUÁ.—(*OENocarpus bacaua.*) Dá fibras grossas e rijas, que nascem na base do peciolo; fibras de côr escura e capillares, que ligam as primeiras, e fibras que unem os foliolos antes de sua separação.

As primeiras servem para cestas e outros objectos semelhantes; as segundas para estôpa e as ultimas para cordas.

PIASSABA.—(*Attalea funifera.*) Possue grossas e fortes fibras, que nascem na base dos peciolos, e que os cobrem antes do seu maior desenvolvimento.

Servem no fabrico de uma multidão de objectos de uso commun, como vassouras e outros. O que dá lhe maior apreço é prestar-se tambem á confecção de cabos de todas as dimensões, c que duram por muito tempo.

SAMAMBAIA.—(*Cilladsia Usnerids.*) As fibras de toda esta planta podem ser aproveitadas no enchimento de colchões, de estôfo, de moveis e no fabrico de cordas, que não são muito duraveis.

SAPUCAIA.—(*Lecythis Ollaria* e *Lecythis sapucaia.*) As fibras quæ se encontram na casca do tronco dão boa estôpa para calafetar, e servem tambem para o fabrico de cordas.

LAMAUMEIRA.—(*Erondendron sumaima.*) As fibras felpudas do fructo se podem fiar. São, porém, apenas empregadas no enchimento de almofadas.

SAMAUMEIRA DE MACACO.—(*Erondendron anfractuosum.*) E' uma arvore alta, de que nascem umas cabacinhos e dentro destas ha uma felpa semelhante ao algodoim. Dá-se o nome de samaumeira de macaco, porque mui guloso do fructo é aquele animal.

As fibras felpudas do fructo têm a mesma applicação que a especie precedente.

SAMAUMEIRA DE TERRA FIRME.—(*Erondendron?*) As fibras que envolvem as sementes, servem aos mesmos usos a que se applicam as duas especies precedentes.

Suppõe o Sr. conselheiro Brusque que poderiam ser empregadas com vantagem as fibras de todas as especies deste genero no fabrico de bom papel e nas preparações de feltro.

TAJÁ.—(*Aroideæ Epiphites.*) As suas longas, finas e fortes raizes aereas, são proprias para o fabrico de cestas e outros objectos semelhantes.

Há diversas especies.

TAUARY.—*Lecythis Binhonia.* Arvore notavel, diz Baena, por suas grandes sapopemas ou largas pranchas que as raizes formam alteando-se sobre o lenho em feição triangular com a base do lado das mesmas raizes.

E' aproveitavel o alburno ou segunda casca. Faz as vezes de papel no uso do cigarro c tambem se poderá prestar ao fabrico de cordas.

TUCUM.—(*Astrocarium vulgare.*) E' uma palmeira de tronco cheio de espinhos e sem ramo algum, diz Buena.

Do cimo desta palmeira partem cinco a sete folhas recor-

tadas, das quaes se extrahem filamentos muito semelhantes ao linho e que se prestam á mais delicada fiação, embora um pouco mais escuros.

O *tucum*, manipulado em delicados cordões, serve para o fabrico de lindas maqueiras para rês, linhas de pescaria e diferentes usos domesticos. Em cordoalhas, torna estas muito superiores ás que são fabricadas com o linho e canhamo europeo, tanto pela sua flexibilidade natural e resistencia, como pela sua longa duração, embora sempre expostas á ação do tempo.

Tambem é aqui muito vulgar o *caruá* ou *carauá* planta bastante fibrosa, de onde se extrahe uma especie de lihu muito alvo, porém mais aspero que o *tucum*. Quando preparado em cordoalhas, torna estas bastante resistentes. São porém sujeitas a pouca duração, quando expostas á humidade. Julga-se que manipulado com alcatrão, poderá servir no apparelho de navios.

« A palmeira do genero *astrocarium*, conhecida vulgarmente por *tucum*, diz o Sr. Dr. J. Saldanha da Gama, é assás importante debaixo deste ponto de vista. A fibra é macia, semelhante á lã e de uma resistencia admiravel, quando empregada em cordas. Infelizmente esta immensa riqueza do nosso solo é aproveitada sómente para redes, tarrafas, linhas de anzol e pequenas cordas; o seu emprego seria muito mais lato, se as nossas fibras textis houvessem sido estudadas convenientemente. »

E em outro lugar:

« Os cabos de *tucum* rivalizam em resistencia com os melhores da industria europea e deviam ser preferidos aos de outras quaesquer fibras. Mas para que isso tenha lugar é necessario verificar a abundancia desta planta nos terrenos do Brazil; calcular o peso de fibras que cada individuo poderá produzir annualmente; e por fim crear-se a industria no valle do Amazonas ou em lugar em que os individuos forem mais frequentes. »

**TUCUMAN.** — (*Astrocarium tucuman.*) E' uma palmeira que produz cachos de côcos amarelos e vermelhos.

São as fibras extrahidas dos foliolos e estes mesmos, ainda não desenvolvidos completamente, as substancias que se empregam em diversos usos.

As fibras são inferiores ás que produz o *tucum* e servem para o fabrico de cordas. Os foliolos são aproveitados na fabrica de esteiras, chapéos e outros objectos.

A mais notavel das palmeiras da familia *Astrocarium tucuman*, a mais elevada e magestosa, é o *tucuman-assú*.

Nasce solitaria e solitaria eleva a copa espinhosa muitas vezes acima do arvoredo, que a circunda. Algumas ha de mais de 30 metros de altura. E' de admirar que tão bella palmeira não tenha ainda sido descripta e nem especialmente classificada.

As demais especies de *tucuman* nascem em touças e crescem á pouca altura, comparadas com a *tucuman-assú*. As palmas deste são mais extensas e grossas e os espinhos at-

tingem até 3 decimetros. O tronco, na juventude, é revestido desses espinhos em camadas circulares, que pouco se vão despegando e cahindo, à proporção que a arvore cresce em idade, de modo que em um tronco velho sólamente de certa altura para cima é que se encontram espinhos.

Os cocos, que produz, differem dos das outras especies no tamanho, na cor, no cheiro e no gosto. São de um sabor agradavel e servem de alimentação aos naturaes do paiz, que lhes dão grande apreço.

Extrahe-se do tucumán-assú um oleo excellente e os indios attribuem á agua do interior do caroço, ainda verde, a virtude de restituir a saude aos olhos.

TURURY.— (*Leeytid.*) E' uma arvore magestosa, diz Baena, cuja tona é forte, alva e distensivel.

Extrahem-se das diversas especies desta arvore uma certa qualidade de fibras, que formam um quasi panno natural.

Algumas tribus as empregam em seus vestidos, que são de uma só peça e sem costura; quando muito lhes adaptam mangas.

Serve ainda entre elles este tecido natural para fazer cobertores, mosquiteiros e esteiras.

Prestam-se tambem como estôpa aos calafêtos e poderiam tambem servir para a fabrica de cordas.

UAISSIMA.— (*Urena lobata.*) As fibras da casca deste vegetal, que cresce em grande quantidade nas immediações dos lagos e nos terrenos pauudosos, são aproveitadas na factura de cordas, que têm em verdade um bello aspecto. Poderiam tambem servir ua confecção de tecidos, que se distinguiriam pela alvura e brilho dos fios.

UARUMÃ.— (*Maranta pitiolata.*) A caule, partida em pedaços, é a substancia que se aproveita destes vegetaes uteis a muitos usos vulgares e domesticos.

E' empregada na confecção de cestos e rotulas ou gelosias para janellas, como usam no interior das provincias do Pará e Amazonas, e a que dão o nome de *japás*.

Ha diversas especies.

URUCU'.— (*Bixa orellana.*) Das fibras da casca do tronco e dos ramos, se fazem telas e diversas cordas.

Sem duvida nenhuma é o valle do Amazonas uma das localidades mais favorecidas pela natureza. E' incalculavel a riqueza que alli se acha depositada, como em reserva, esperando que um dia a mão do homem civilisado e industrioso se estenda para apanhal-a. E' para ahí que deviam convergir as vistas e os esforços do governo, e quaequer que fossem os sacrificios, de sobrejo compensal-os-hiam os resultados. E' uma mina a explorar e sel-o-ha tarde ou cedo. «E' alli, disse Humboldt, que mais cedo ou mais tarde se ha de concentrar um dia a civilisação do globo. » E porque não diríamos: E' alli que está a verda leira riqueza do Brazil ?

Além dessa variedade de productos, que ficam mencionados e que encerram as margens uberrimas do Amazonas e os terrenos banhados pelos grandes e pequenos rios que

lhe são tributarios, muitas outras riquezas existem, que podem e já o vão sendo com vantagem exploradas.

Entre essas riquezas, entre esses productos, não passarei em silencio as diferentes qualidades de oleos, que fornecem diversas substancias vegetaes, muitos dos quaes são preciosissimos, já pelas virtudes therapeuticas, que contém e já pelo suavissimo perfume que exhalam.

Para esta resumida noticia, e bem resumida será ella, além de outras fontes officiaes e particulares, continuarei a soccorrer-me dos importantes relatorios apresentados em 1863 á assembléa provincial do Pará pelo Sr. conselheiro Brusque e do não menos importante trabalho do Sr Ferreira Penna, e que tem por titulo: *A região occidental da província do Pará.*

*Oleo de castanha* — E' extrahido por meio da expressão do fructo conhecido por castanha do Maranhão ou castanha da terra, ou castanha do Brazil e ultimamente por castanha do Pará.

Os indios meio civilisados dão-lhe simplesmente o nome de *castanha* e os selvagens, segundo o dialecto que fallam, chamam-no *nha, nhia ou niâ, juvia, tocari*, etc.

Humboldt e Bompland, que foram segundo me parece, os primeiros botanicos que descreveram a arvore da castanha, deram-lhe o nome scientifico de *bertholetia excelsa*, naturalmente porque domina as demais arvores, que a circundam, por sua altura colossal e notavel robustez. Pertence á familia das *Lecythidaceas*.

As castanheiras não têm sido até hoje descobertas senão nas duas provincias do Pará e Amazonas e nas florestas do Alto Orenoco, mórmente a E. da montanha do Duida.

Na provincia do Pará e em parte da do Amazonas, ellas, por uma singular disposição geographica, determinam geralmente os limites da extensão livremente navegavel dos rios.

Ao norte e ao sul das planicies do Amazonas, diz o Sr. Ferreira Penna, elles ocupam uma larga facha, passando de um lado pelas cachoeiras do Tocantins, Pacajá, Anapú, Xingú, Tapajós e Madeira, e do outro lado pelas do Jary, Parú, Maycurú, Curuá e Trombetas, indo reaparecer nas terras altas e pequenas montanhas de Jamundá e Uatumã.

Assim, para este precioso vegetal, continua o Sr. Ferreira Penna, em vez de um *centro de criação*, propriamente dito, ha duas vastas zonas, que acompanham de longe o curso do Amazonas.

No Tocantins chegam a formar grupos, mesmo em algumas ilhas das cachoeiras, e não começam a aparecer na parte inferior senão onde esse rio torna-se innavegavel pela multidão de rochas que lhe obstruem o leito.

No Pacajá succede o mesmo, aparecendo em numero consideravel junto ás cachoeiras do Uruá e Grande e á de Pendá no affluente Cururuhy; abaixo destes obstaculos do rio, raras vezes vê-se uma ou outra arvore, e essa mesma

não é senão o resultado da dispersão de algumas sementes emigradas da sua zona de criação.

A castanheira vegeta unicamente em terrenos altos e fortes, ao passo que a sapucaia vegeta indifferentemente nesses terrenos ou em varzeas, mesmo quando alagadas durante o periodo das grandes aguas.

Viajando pelo rio Pacajá, conta o Sr. Ferreira Penna, avistei acima de uma floresta alagada a bella cupula de uma castanheira, e bem que se me assegurasse que tudo alli era um extenso igapó (mato alagado), pude penetrar por este até ao pé da arvore e verifiquei que ella se firmava em uma especie de ilha sobre um terreno solido e elevado cerca de dous metros acima do nível do igapó, tendo a ilha talvez 100 a 120 metros de circumferencia. Factos identicos se reproduzem e podem induzir a erros, mesmo a espiritos os mais intelligentes, como já sucedeu a um illustre viajante nosso compatriota, que por um facto identico, mas de certo não bem observado, disse em uma memoria muito estimada, que a castanheira era uma planta *comospolita*.

A castanheira eleva-se a 24 e 30 metros de altura, dominando as florestas vizinhas. Esta arvore gigantesca oferece o mais notavel exemplo do poder das forças organicas na estructura dos seus fructos, especie de côcos arredondados e revestidos de espesso lenho, os quaes contêm sementes triangulares, encerradas tambem n'um tegumento lenhoso. Estas sementes ou amendoas creadas dentro de um ouriço são em numero de 12 a 16.

A immensa altura a que atinge a castanheira não permite facilmente chegar-se a seus galhos para apanhar-lhe os fructos; e quando o permittisse, seria este trabalho perdido em grande parte, pois que tem provado a experencia, que não sendo colhidas em completa madureza, deterioraram-se as castanhas em pouco tempo. E' necessario, pois, esperar a queda espontanea dos ouriços.

A colheita dos fructos que se faz precisamente na época em que começam a desprender-se dos galhos, de fins de Dezembro a fins de Fevereiro, é um trabalho simples, porém que exige a maior precaução contra os perigos que o acompanham.

Volumosos, revestidos de uma couraça de consistencia cornea, e formando, com as amendoas que encerram, uma massa de duas a quatro libras de peso, os ouriços da castanheira, escapando dos altos galhos, onde amadureceram, cahem com tanta força, que enterram-se no chão, abrindo uma cova, mais ou menos profunda, segundo a natureza do solo.

Esta simples enunciação exprime o perigo da colheita, perigo, acrescenta o Sr. Ferreira Penna, de onde extrahi esta noticia, que mais de uma vez tem roubado a vida a colhedores inexperientes.

Para evitar semelhante perigo, costumam armar debaixo da floresta uma ligeira barraca, de coberta, fortemente inclinada para o chão, e alli dentro esperam a hora em que,

depois de agitados pelo vento, os galhos têm desprendido de si todos os ouriços maduros, e conservam-se em quietação completa. O colhedor prudente sahe então do abrigo que o defendera e enche o paneiro com os fructos que vai encontrando espalhados pelo chão. Terminada esta operação, recolhe-se de novo á barraca, e aguarda outra oportunidade para continuar a colheita. Em quanto está refugiado ocupa-se em quebrar os ouriços.

As amendoas da castanheira ou as castanhas, como geralmente se diz, não entraram na ordem dos artigos de comércio senão nos primeiros annos do nosso seculo.

No anno de 1755 eram tão pouco apreciadas que apenas se empregavam para sustento dos animaes domesticos. Este facto está comprovado com uma participação do missionario do Rio Negro Fr. José de Santa Magdalena, declarando que o ajudante da guarnição de Barcellos mandára, na fórmula do costume, uma canôa ás castanhas para se colher com que sustentar as criações.

Talvez tambem não tenha outra origem o nome de *Sapucaya* dada ás amendoas da *Lecythis Ollaria*. Em lingua geral corresponde a gallinha a palavra *Sapucaya*; o que parece indicar que as castanhas desta especie eram o alimento com que se nutriam essas aves domesticas.

Constituem hoje as castanhas um importante genero de exportação do Pará, muito estimado na Europa e nos Estados Unidos, sendo esse paiz, a Inglaterra, a Allemanha e a Russia os seus principaes consumidores.

A castanha da sapucaya é a mais estimada, dando um preço regularmente triplo do da outra; porque além de ser muito mais agradavel ao paladar, oferece a sua colheita muito maior difficultade; as suas amendoas não são, como as da *Bertholelia excelsa*, encerradas dentro de um pericarpio indehiscente, corneo e encouraçado, que exige o emprego de um machado ou de um pesado martello para ser quebrado, de modo a poderem ellas ser extrahidas; pelo contrario desprendem-se do fructo no mesmo momento em que este deixa cahir o operculo ou tampa, que as detinha, dispersam-se pelos igapós e pelas margens das correntes, onde se perdem, ou cahindo em terrenos secos, são logo devorados por uma infinidade de animaes silvestres, que de ordinario esperam com anciadade a sua queda.

A sapucaya occupa na geographia botanica um lugar muito mais importante do que o da castanha do Pará; ella se encontra nas provincias de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pará, Amazonas e em algumas outras em maior ou menor quantidade.

O preço da castanha do Pará regulava ha 60 annos ou pouco mais, a 80 réis o alqueire e por muito tempo conservou-se a 100, 160 e a 200 réis. Mais tarde elevou-se a 500 réis, preço então animador.

O preço normal regula quasi sempre actualmente de 5\$000 a 6\$000 por alqueire; entretanto tem muitas vezes chegado a 7\$000 e a 8\$000.

O preço da sapucaya regula mais ou menos o triplo, conforme a quantidade existente no mercado.

Nestes ultimos 25 annos (1847—1872) regulou do modo seguinte o seu preço, termo médio:

No 1. <sup>o</sup> quinquennio a.....	15100
No 2. <sup>o</sup> , .....	23400
No 3. <sup>o</sup> , .....	33400
No 4. <sup>o</sup> , .....	43890
No 5. <sup>o</sup> , .....	55500

A exportação e colheita da castanha, segundo consta das estatísticas officiaes, tem ido sempre em augmento. O termo medio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos que decorreram de 1836 a 1852, segundo os dados officiaes, que foram presentes em 1862 ao Exm. Sr. conselheiro Brusque é o seguinte:

Termo médio 31.102 alqueires, no valor de 34:269\$760.

Nos annos que decorreram de 1852 a 1862, regulou a exportação do modo seguinte:

	Alqueires.	Valores.
1852—1853.....	79.628	410:380\$100
1853—1854.....	55.181	100:588\$400
1854—1855.....	67.155	216:121\$300
1855—1856.....	55.281 1/2	151:875\$175
1856—1857.....	41.781 1/2	175:645\$100
1857—1858.....	88.844 1/2	290:638\$600
1858—1859.....	83.184	169:838\$945
1859—1860.....	43.988	220:463\$080
1860—1861.....	57.530	238:728\$720
1861—1862.....	45.161	164:996\$750
	617.734 1/2	1.839:276\$170

Termo médio do decennio de 1852 a 1862..... 61.773 183:927\$617

Comparado com o periodo de 1836 a 1852..... 31.102 34:269\$760

Diferença para mais..... 30.671 49:657\$857

Segundo o relatorio do Exm. Sr. conselheiro João Alfredo:

	Alqueires.	Valores.
1863—1864.....	52.641	187:708\$254
1864—1865.....	68.301	269:061\$100
1865—1866.....	55.796	229:709\$550
1866—1867.....	89.385	391:432\$700
1867—1868.....	89.420	316:012\$858
	355.543	1.393:924\$462

Nestes dados estatísticos comprehende-se tambem a castanha sapucaya. Até o anno de 1860 a sua colheita não passava de 300 a 400 alqueires annualmente. Tendo porém obtido no

mercado o subido preço de 12\$, 14\$ e 15\$, tem havido maior concurrenceia de então em diante, sendo exportada para os Estados Unidos e Inglaterra, donde tambem vai para a Russia.

O óleo extrahido da castanha do Pará é fixo, amarelo e claro; conserva mais ou menos o gosto do fructo que o contém. Quando fresco e novo, é empregado nos usos culinarios. É proprio para o fabrico do sabão branco e susceptivel de ser aromatizado.

Tambem serve para luz e pôde ser obtido em grande quantidade.

**ÓLEO DE ANDIROBA.**—É conhecido vulgarmente por azeite de andiroba. É extrahido de amendoas triangulares encerradas dentro de um ouriço, produzido pela arvore yandiroba (*Carapa guyanensis*, d'Aublet), que se encontra em grande abundancia nas ilhas e varzeas das duas provincias do Amazonas e Pará e principalmente nas do baixo Tocantins e nas do grande estuario entre os rios Amazonas e Pará.

O óleo de andiroba é fixo, extremamente amargo e de côr amarella, quando é bem purificado. É empregada pela medicina, dá excellente luz, no que não será talvez excedido por nenhum outro, e por isso é o azeite de que mais uso se faz nas duas mencionadas provincias.

É fabricado pela expressão ou pelo calor a que submettem o fructo, depois de fazerem-no sofrer a maceração. Este ultimo processo é o de que mais geralmente fazem uso. Entretanto muito deixa elle a desejar para chegar ao estado de perfeição: é ainda o mesmo empregado ha dous séculos.

Delle resulta a perda de grande quantidade de óleo e a imperfeição do producto, a qual lhe não permite obter preço mais vantajoso no mercado. Comtudo, nem por isso deixa de ser o fabrico do azeite de andiroba uma industria importante, que occupa grande numero de pessoas e tem sido até agora o seu producto um bom ramo de negocio. Ha dez annos só o Tocantins exportou para Belém 9.865 potes de azeite no valor de 49:325\$000.

A andiroba abunda tanto no valle do Amazonas, que seria incalculavel a porção de óleo, que se poderia obter; uma vez que fossem empregados processos aperfeiçoados.

Na exposição de Paris de 1867, diz o Sr. Dr. J. Saldanha da Gama, foi a andiroba citada como uma das arvores que fornecem boa madeira para vergas e pequenos mastros. As cavernas feitas desta madeira não são tão estimadas. Na mastreação parece resumir-se o seu maior emprego....

O tecido lenhoso contém um principio amargo que o preserva contra a accão malefica dos insectos.

A andiroba racha facilmente e por isso procuram-a para ripas, regoas, etc.

**ÓLEO DE ASSAHY.**—É obtido por meio da decocção do fructo daquelle nome, producto da palmeira *Euterpe oliracia*, que é muito abundante em quasi todo o valle do Amazonas.

E' ligeiramente amargo, fixo e de côr verde escura.

Ainda não são bem conhecidos os seus usos.

OLEO DE BACABA.—E' tambem extraido por decocção do fructo que tem aquelle nome, produzido pela palmeira *Eucarpus bacaba*, que abunda em grande parte no valle do Amazonas.

E' fixo, de côr verde clara e de gosto agradavel. E' empregado para luz e tambem serve para os usos culinarios quando é bem fabricado e puro, podendo substituir o azeite de oliveira.

OLEO DE BAUNILHA.—E' extraido da fava ou semente do fructo da trepadeira *vanilla aromatic*a, que cresce espontaneamente em quasi todas as localidades do Amazonas, Solimões e Rio Negro, sendo sobretudo muito abundante no Japurá.

O fructo ou capsula da baunilha é de 14 a 25 centimetros de comprimento e de 6 a 12 de espessura ; tem a côr verde a principio, que se muda depois em um rôxo-avermelhado. Abre-se longitudinalmente por tres valvulas. As sementes são pequenas, luzidias, de côr negra e cercadas de um succo espesso, arroxead o e muito aromatico.

A baunilha mais estimada deve ser de um rôxo escuro, porém não tanto que pareça negro e nem tão pouco avermelhado. Não deve ser nem muito pegajosa ao tacto, nem muito secca. O aroma deve ser penetrante e agradavel. Uma bage, em perfeito acondicionamento e fresca, deve conter um liquido preto, oleoso e balsamico.

Colhem-se as bagas antes de estarem completamente maduras, mergulham-se por poucos instantes em agua a ferver e vão a secar durante 15 dias, a fim de perderem a humidade superflua. Depois, para que se não evapore o aroma untam-se com oleo de mamona ou de castanha de cajú e fecham-se em caixinhas de folha.

A baunilha é uma substancia aromaticá, cordial e tonica. O oleo é empregado não só para perfumaria, como para aromatizar doces de diferentes qualidades, sorvetes, cremes e sobretudo o chocolate, ao qual dá um gosto particular e torna-o de mais facil digestão e proprio para restabelecer as forças das pessoas convalescentes.

E' de côr vermelho-escura e de cheiro activo e agradavel.

Há duas outras variedades de baunilha, mas inferiores em qualidade.

OLEO DE CUMARÚ.—E' extraido da pequena fava, que se contém no fructo da arvore *Dipterix odorata*, da familia das leguminosas.

A arvore do cumarú é colossal, de folhas pennadas e foliolos alternos ; mede de 20 a 27 metros de altura e 1 metro de diametro. As flores são papilionaceas terminaes, dispostas em racimos ; o fructo é legume ovoide, formado de um tecido esponjoso, contendo uma unica semiente branca por dentro e coberta por uma pellicia escura. Esta semiente é de sabor amargo e de cheiro aromatico particular. Serve principalmente para aromatizar o rapé, quer misturando-a

em pó com elle, quer mettendo-a inteira na caixa que o contém.

Os naturaes guardam-a entre a roupa para preserval-a dos insectos.

E' tambem empregada contra a onzena e ulceracões na boca.

Apezar de haver em grande quantidade e valer em bruto de 320 a 400 réis a libra, é insignificante a sua exportação, como o demonstram os seguintes dados:

O termo medio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos que decorreram de 1836 a 1852, segnndo os dados officiaes, é o seguinte:

Termo medio: 18 @ no valor de 100\$000.

Nos annos que decorreram de 1852 a 1862, a exportação regulou do modo seguinte, na praça do Pará:

Annos.	Arrobas.	Valores.
1852—1853.....	22.978	41:097,680
1853—1854.....	1 447	1:463,800
1854—1855.....	.....	.....
1855—1856.....	14.455	7:401,500
1856—1857.....	9.540	6.724,400
1857—1858.....	51.440	20:916,260
1858—1859.....	5.496	1:467,800
1859—1860.....	30.186	12:810,500
1860—1861.....	2.193	701,120
1861—1862.....	2.354	753,280
	139.789	63:335,340

Termo medio do decennio de 1852 a 1862.....	13.970	6:333,534
Comparada com o periodo de 1836 a 1852.....	48	100\$350
Differença para mais.....	13.959	6:233,484

O Sr. Gustavo Wallis diz que ha uma outra especie de *cumarú*, mui abundante nas matas do Rio Branco, e a que denominam *cumarú do campo*.

Esta arvore, diz elle, dá favas de um cheiro mui agradavel, proveniente de um balsamo depositado em não pequena quantidade nas cotyledones.

Assemelha-se o seu cheiro ao do *cumarú* e d'ahi o nome. Por experiencias continuadas, diz ainda elle, este vegetal sem duvida tornar-se-ha um dia valioso, mesmo na medicina, pois já no estado bruto goza de grande reputação em virtude de suas qualidades. Um simples extracto da resina bastaria para garantir a este interessante producto a mais séria attenção da parte dos facultativos, para cujo fim já desempenhei o necessario cuidado, afim de serem as favas chimicamente estudadas. (1)

(1) Tambem nãs matas do Rio Branco encontrou o Sr. G.

**OLEO DE CRAVO** — E' extraido da semente e da casca da arvore *dicypellium caryophyllum*, da familia das *laurineas*.

Usa-se delle na perfumaria e é tambem empregado nas affecções odontalgicas.

Tambem empregam a propria casca da arvore, ligeiramente preparada ao calor do fogo no mesmo lugar em que a mão destruidora do homem derruba a arvore para extrair-a.

Do cépo que lhe deixaram, renascem novos brotos; mas sómente depois de 30 annos é que fica em estado de prestar-se á nova operação.

A descoberta, no Pará, do pão cravo, é quasi contemporanea dos primeiros estabelecimentos coloniaes desta região. Desde que se fez conhecido na Europa, a sua procura taes proporções tomou, que de 1660 a 1670 não se exportava menos de 10.000 arrobas por anno, segundo se infere de documentos daquelle tempo (1).

Esta consideravel exportação e o preço exorbitante a que subiu, excitaram de um modo extraordinario a cobiça dos negociantes ou fornecedores e a sua extracção se fazia com um frenesi, que não differia muito da loucura.

Representava então o cravo o papel que nos nossos dias tem representado a borracha no Pará e no Amazonas dominava todos os espiritos, distrahia o maior numero de braços e alimentava a cobiça de todos os colonos.

O processo que empregavam na colheita do cravo denunciava instintos selvagens; ninguem já se satisfazia com o despojar sómente a arvore de sua preciosa casca; mas para chegarem mais depressa a seu fim a deitavam abaixo e esfolhavam até á raiz o resto do tronco decepado. Ainda mais; para fazerem render melhor a industria lançavam mão da falsificação por methodos engenhosos que a cobiça lhes ensinava.

O governo da metropole e os governadores procuraram os meios de obstar á devastaçao de tão uteis arvores, de conserval-as, cultival-as e proteger e ennobrecer o seu commercio.

Antonio de Albuquerque, com o fim de dar um golpe no monopolio que se tinha estabelecido, fez baixar o preço do cravo a 65000.

---

Wallis a arvore da *canella*. « Cresce esta interessante arvore, diz elle, que é como a canella ceylanica, da familia dos *louros*, na serra de Cumacú, onde encontrei exemplos veteranos. Bem valia a pena de tornar esta arvore accessivel á mais geral apreciação. Lastimo não ter encontrado sementes.

« A arvore da *canella* atinge dimensões consideraveis, medindo até 3 palmos de diametro o tronco. A casca é grossa, cheirosa e de um sabor doce e forte. Creio que não será inferior á canella de Ceylão. »

(1) Esta noticia ácerca da arvore do pão de cravo devo-a ao estudo e trabalho do infatigavel Sr. Domingos Soares Ferreira Penna.

Gomes Freire pediu e expediu providencias energicas contra a devastaçāo geral das arvores.

Cezar de Menezes representou contra as falsificações.

A cōrte não approvou as medidas tomadas por Antonio de Albuquerque, extranhou-lhe taxar preços nos generos e ordenou-lhe que deixasse o povo vender seu cravo como bem lhe parecesse ; mas providenciou successivamente em medidas convenientes ; assim sujeitou a penas de cadēa e multa os que falsificassem o cravo ou cacāo ; prohibiu o cōrte das arvores dando certos preceitos sobre o modo e o tempo em que esse cōrte podia ter lugar ; prohibiu que em cada anno se exportasse mais de quatro mil arrobas ; ordenou a plantação de 100 pés novos junto ás povoações para se reproduzir e augmentar os seus productos e commercio.

Não sei, diz o Sr. Ferreira Penna, se taes preceitos e ordens foram fielmente observadas ; mas a devastaçāo continuou ainda, posto que em menor escala e provavelmente não parou senão onde já não havia arvores a derribar e troncos a esfolar.

Em principios e meados do seculo passado ainda o cravo aparecia em quantidade não pequena. Assim os jesuitas do Pará em 1728 receberam das diversas missões nos armazens do seu collegio 774 @ e 23 lb., como consta de uma certidão passada pelo respectivo procurador.

Em 1753 só um navio exportou para Lisboa, entre outros generos, 4.344 arrobas e 27 libras de cravo, sendo 2.678 arrobas e 26 libras do fino e 1.666 arrobas e 1 libra do grosso.

Comparando-se esta exportaçāo, aliás parcial, com a que tem havido nos nossos dias, nota-se uma baixa extraordinaria na producção, devendo-se ainda observar que a maior parte da quantidade exportada nestes ultimos 30 annos, é procedente da província do Amazonas.

De 1836 a 1852 a média da exportaçāo, foi de 910 arrobas e 25 libras, e no decennio de 1852 a 1862, foi de 320 arrobas e 9 libras.

Assim a exportaçāo total neste ultimo periodo (de 1852 a 1862), que chegou apenas a 3.203 arrobas e 2 libras, foi menor que a parcial de 1753, que chegou a 4.344 arrobas e 27 libras.

*Oleo de dendê do Para'.* — E' extraído do fructo da palmeira *elacis guyanensis*, da familia das palmaceas.

E' concreto, de cōr amarelo-vermelha e levemente aromatico.

E' empregado nos usos culinarios e tambem no fabrico do sabão chamado amarelo.

*Oleo de umiry.* E' obtido por meio da incisão da casca da arvore *umirium balsamiferum*, da familia das *umiriaceas*. Quando impuro é quasi branco ; mas purificado é perfeitamente branco, claro e transparente e muito aromatico.

E' empregado na perfumaria e tambem na medicina.

Em certas épocas do anno a arvore que o produz está tão

carregada de oleo, que por si mesma o expelle, aromatizando o ar na sua circumvizinhança.

*Oleo de amendoim.*—E' extraido do fructo deste nome. E' fixo, de côr loura e de cheiro especifico.

E' usado como meio culinario e é tambem empregado como meio medicinal contra as affecções rheumaticas.

*Oleo de jacare-cupahyba.*—E' oriundo do Alto Amazonas e extraido da arvore *calaphilum brasiliense*, da familia das *clusiaceas*.

E' fixo, de côr verde escura ou quasi preta e tem um cheiro forte e desagradavel. E' empregado no calafeto das embarcações com melhores resultados do que o breu e alcatrão, segundo affirmam as pessoas praticas nestes trabalhos.

*Oleo de jupati.*—E' extraido por decocção ou pela expressão da polpa do fructo daquelle nome, produzido pela palmeira *Sagus taedigera*, da familia das *palmaceas*.

E' fixo, de côr vermelha e muito amargo. Seus usos não são ainda conhecidos, mas sendo muito semelhante ao oleo de *dendê*, tambem servirá provavelmente para o fabrico do sabão.

*Oleo de mucajá.*—E' extraido do fructo da palmeira deste nome, que abunda no valle do Amazonas.

E' concreto e de côr amarella. A sua applicação não é ainda conhecida.

*Oleo de patauá.*—E' extraido por decocção do fructo da palmeira *aenocarpus distichus*, da familia das *palmaceas*.

O fructo é um coquinho do tamaúho de um cajá; maduro é de côr rôxo-escura, ou quasi preta, dispolpado dá um leite agradavel ao paladar, quando misturado com assucar, e é mui nutritivo.

Da polpa é que se extrahe o oleo, que é fixo, amarello claro e transparente, quando bem purificado e quasi inodoro.

E' empregado na arte culinaria, onde substitue perfeitamente o oleo da oliveira em todos os seus usos. No mercado do Pará é muitas vezes vendido em lugardo outro.

*Oleo de cacáo.*—E' extraido das sementes do fructo assim denominado.

E' concreto e de côr branca. A medicina emprega-o com vantagem.

Nos districtos de Cametá fabrica-se o sabão conhecido pelo nome de *sabão de cacáo*, por ser preparado com as cinzas energicas das cascas deste fructo. Esta industria pôde dar grande interesse aos productores; ella faz esperar que mediante processos mais perfeitos e attenta a boa qualidade do material, venha-se a obter facilmente o sabão de um modo que rivalise com o melhor que apparece no mercado.

Em 1863 a exportação deste genero para o mercado do Pará foi de 2.384 arrobas, que, segundo os preços medios, produziram o valor de 9:536\$000.

*Oleo de Copahiba.* E' extraido, por meio de incisões, da arvore *Cupaiifira officinalis*.

E' fixo, de côr branca amerellada, transparente, de um cheiro forte e sabor acre.

E' empregado nas artes e na medicina, onde seus efeitos são bastante conhecidos.

Este producto natural constitue um interessante artigo de commercio e sua colheita tem ido sempre em augmento desde 1836

Já não abundam estas arvores nas proximidades das margens dos rios navegaveis e conhecidos; é mister ir a longas distancias para encontrar-as em estado de serem aproveitadas. Não é porque tenham de todo desapparecido destas paragens sob o peso da mão destruidora do homem, que lhes arranca até a ultima gotta a seiva da vida; mas porque acredita-se que a arvore que uma vez contribuiu com o contingente do oleo, que lhe extrahiram, não torna mais a produzil-o. Entretanto, parece mais natural suppôr, que, completamente esgotada, a arvore tem necessidade de longos annos para recuperar a seiva perdida e por isso se mostra avara da pouca, que possue, áquelle que já uma vez feriu-a mortalmente.

Seja como fôr, a colheita deste producto deve decrescer em um futuro, que não está remoto. Entregue aos indios semi-selvagens, que são os que principalmente della se ocupam, continuará à mercê de sua imprevidencia e ignorância e a natureza succumbirá por certo aos duros golpes da rude destruição.

Eis o que consta da estatística da exportação deste artigo.

O termo médio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos, que decorreram de 1836 a 1852, segundo dados officiaes, é o seguinte:

Termo médio 3.660 canadas, na importancia de 26:891\$970.

Nos annos, que decorreram de 1852 a 1862, regulou a exportação do modo seguinte:

Annos.	Canadas.	Valores.
1852—1853 .....	8.215	53:597\$725
1853—1854.....	23.984	174:055\$000
1854—1855 .....	8.142	53:602\$000
1855—1856.....	6.030	34:262\$713
1856—1857.....	3.438	33:525\$000
1857—1858.....	3.385	45:547\$500
1858—1859.....	4.064	67:726\$500
1859—1860.....	4.893	86:453\$500
1860—1861 .....	3.394	98:990\$070
1861—1862.....	2.868	76:997\$452
Termo médio do decennio de 1852 a 1862.....	22.571	72:455\$746
Comparada com o periodo de 1836 a 1852.....	3.660	26:891\$970
Diferença para mais.....	18.911	45:563\$776

No periodo decorrido de 1862 a 1868 .

Annos.	Libras.	Valores.
1862—1863.....	152.241	66:416\$690
1863—1864.....	151.384	63:027\$960
1864—1865.....	153.451	65:451\$230
1865—1866.....	187.880	90:893\$000
1866—1867.....	151.353	74:122\$174
1867—1868.....	173.934	101:364\$606

*Oleo de piquiá.*—E' extraido por decocção ou expressão da polpa do fructo da arvore daquelle nome.

E' concreto, de côr branca e tem o gosto do fructo de que é extraido. Ainda não se conhece bem o seu uso e applicação.

Talvez sejam os mesmos que tem o oleo da castanha, com o qual tem muita semelhança.

*Oleo de sassafraz.*—E' extraido da casca e lenho da arvore *Nectandra cymbarum*, da familia das *laurinéas*.

Tem esta arvore mais de 30 metros de altura; as folhas são oblongas, lanceoladas e o fructo é uma baga pouco carnosa e meio envolvida em uma capsula.

A casca da arvore é de sabor amargo e cheiro aromatico; usa-se em infusão contra a debilidade dos orgãos digestivos. O lenho é duro e de cheiro agradável; emprega-se no fabrico de canões.

O oleo de sassafraz é volatil, de um amarello brilhante e tem um cheiro activo e agradável.

E' empregado na medicina, e nas artes substitue a therebentina.

**OLEO DA SERINGA.**—E' obtido do fructo da celebre arvore denominada *seringueira*, cujo leite ou succo coagulado constitue a borracha ou gomma elastica.

O fructo da seringueira é uma grande capsula composta de tres cellulas lenhosas, arredondadas. A amendoa é branca, oleoginosa, de gosto agradável e pôde comer-se sem inconveniente. E' della que se extrahe o leite denominado da seringa. E' fixoe de côr rôxo-clara, assemelhando-se á côr do vinho velho do Porto.

O processo da extracção é o mesmo que o da mamona.

Pôde ser vantajosamente empregado no fabrico de sabão duro e de tinta typographica. Não tem dissecativo como a linhaça, mas, sendo misturado com a gomma copal e therebentina, dá um verniz analogo áquelle que se prepara nas mesmas condições com o oleo de linhaça e pôde ser empregado nas mesmas circumstâncias. Pôde substituir tambem o oleo de linhaça nas preparações que empregam os vidraceiros.

**OLEO DE TAMAQUARÉ.**—Extrahe-se golpeando a arvore do mesmo nome e collocando nos golpes algodão, o qual se imbe de liquido. Espreme-se depois o algodão e passa-se o liquido para uma vasilha.

E' um anti-dartrezo muito energico. Delle fazem aqui

grande uso, untando a parte affectada. Tambem serve para fricções nos casos de rheumatismo.

OLEO DE UCUUBA.— E' extraido da massa interior do fructo da *myristica officinalis*. E' concreto, de cõr branca e bastante inflammavel.

E' empregado contra as affecções rheumatismaes, asthmas e treinores das articulações. Tambem com elle se preparam velas como a da carnaúba e talvez superiores, quando bem fábricadas.

OLEO DE MERITY.— E' obtido do fructo da palmeira deste nome, que existe em grande quantidade no valle amazonense.

Tambem das palmeiras denominadas *Tucumā* e *Inajá* extrahem-se excellentes oleos

Antes de serem purificados têm muita semelhança com o oleo de palma, tão precioso para o fabrico do sabão. O de *Tucumā* sobretudo parece poder perfeitamente servir para este fim.

OLEO DE MACUCU. — Estrahe-se do fructo do mesmo nome. Serve para pintura de casas, etc.

Muitas outras substancias abundam no riquissimo valle do Amazonas, e de que se pôde extrahir excellente oleo.



## II

Não deverei deixar o Solimões, que tão rapidamente percorri, sem registrar um facto importante, que já deveria ter mencionado, quando tratei dos rios Javary e Japurá.

Devendo o Brazil confinar com a republica do Perú pela margem esquerda do rio Javary, desde a sua confluencia com o Amazonas e pela direita da quebrada Santo Antonio, no dia 28 de Julho de 1866 deu começo a commissão mixta de limites, nomeada em virtude da convenção de 23 de Outubro de 1851, á fixação de limites, collocando dous marcos provisórios na foz da referida quebrada Santo Antonio, um á margem brasileira (á esquerda) e outro á margem peruana (á direita) e outro nas vertentes dessa pouco extensa, mas extraordinariamente sinuosa quebrada, do que foi lavrado o competente auto nas linguas portugueza e castelhana, o qual é deste teor: (4)

« Aos vinte e oito dias do mez de Julho do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e seis, quadragésimo sexto da independencia da republica do Perú e quadragésimo quinto da emancipação politica do Imperio do Brazil, sendo chefe supremo do Perú o Exm. Sr. coronel D. Mariano J. Prado, e governando o Brazil Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo, a commissão mixta de limites entre o Perú e o Brazil, se reuniu na quebrada do igarapé denominado de Santo Antonio, affluente esquerdo do caudaloso Amazonas e distante da freguezia brasileira de Tabatinga, edificada na mesma margem, dous mil quatrocentos e dez metros ao rumo verdadeiro de seis gráos e cincuenta minutos N E.

---

(4) Vide o *Diccionario topographico do departamento de Loreto* pelo Exm. Sr. João Wilkens de Mattos.

« A referida comissão estava representada pela fórmula seguinte:

« *Por parte do Perú.* — O Sr. commissario capitão de mar e guerra da armada D. Francisco Carrasco.

« Secretario interino D. Manuel Rouaud y Paz Soldan, cidadão da republica e D. Roberto Suarez, tambem cidadão da republica, como membro auxiliar e encarregado dos trabalhos da secretaria.

« *Por parte do Brazil.* — O Sr. commissario capitão-tenente da armada imperial José da Costa Azevedo, condecorado com o officialato da ordem da Rosa e os habitos das ordens de Christo e S. Bento de Aviz

« Secretario o capitão-tenente da mesma armada João Soares Pinto.

« Membros auxiliares os 1.<sup>os</sup> tenentes da armada imperial Geraldo Cândido Martins, Augusto José de Souza Soares de Andréa e o 1.<sup>º</sup> tenente de engenheiros José Antonio Rodrigues.

« Devendo os referidos Srs. commissarios fixar os limites territoriaes communs aos dous Estados em harmonia com os tratados solemnes celebrados pelos respectivos governos em vinte tres de Outubro de mil oitocentos cincoenta e um, e dezotto (1) de igual mez do anno de mil oitocentos cincoenta e oito; depois de haverem conferenciado präviamente os ditos Srs. commissarios em presença dos estudos feitos praticamente por elles e em harmonia com o disposto nos tratados referidos, concordaram que o dito igarapé de Santo Antonio deve ser o principio da linha divisoria, segnindo o curso delle para o norte verdadeiro até encontrar o rio Japurá, e em direcção á bocca do Apaporis; resolução que satisfaz ao enprimento dos tratados mencionados, tratados que elles têm o dever de cumprir e executar. Em tal virtude disseram: que aceitam o que fica expressado em nome dos respectivos governos, cujos direitos representam e em virtude dos poderes com que se encontram legalmente investidos. Concordaram igualmente os mesmos Srs. commissarios que deverão erigir-se duas columnas fronteiras na bocca da presente quebrada, sendo a construcção dellas por conta dos dous governos e nos termos em que se resolver ao finalizar os trahalhos da demarcação.

« Estas columnas serão de fórmula quadrangular com 10 metros de elevação, afóra as bases, que terão a mesma figura e as dimensões convenientes.

« Na columna que assignala o territorio do Perú, se gravarão as seguintes inscripções:

#### FACE DO NORTE.

« Limites do Perú anno de 1866, chefe supremo da república o Exm. Sr. coronel D. Mariano J. Prado.

---

(1) E' de 22 de Outubro.

FACE DO SUL.

- « As armas nacionaes.

FACE DE OESTE.

- « Latitude 4°, 13', 21" sul, longitude 69° 55'00" ao occidente de Greenwich.

- « Vem da bocca do Javary.

FACE DE LESTE.

- « Segue o igarapé de Santo Antonio.
- « Na columna que corresponde ao territorio do Brazil gravar-se-hão as seguintes inscripções:

FACE DO SUL.

- « Limite do Brazil anno de 1866, governo de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

FACE DO NORTE.

- « As armas imperiaes.

FACE DO OESTE.

- « Latitude 4°, 13', 21", 2 sul, longitude 69° 55' 00" ao occidente de Greenwich.

- « Vem da bocca do Javary.

FACE DE LESTE.

- « Segue o iparapé de Santo Antonio.
- « Ficou tambem resolvido que na vertente do igarapé de Santo Antonio se collocará outra columná de cinco metros de altura, comum ás duas nações, tendo as seguintes inscrições:

FACE DO NORTE.

- « Limite do Perú.

FACE DO SUL.

- « Limite do Brazil.

FACE DE OESTE.

- « Latitude 4°, 12', 59", 36 sul. Longitude 69°, 54', 24" 86 ao occidente de Greenwich.

- « Vem da bocca.

FACE DE LESTE.

- « Segue a fronteira para o norte até o Japurá na linha que vai encontrar a bocca do Apaporis.

« E estipulou-se finalmente, como foi executado, que se fixassem dous marcos de madeira, para que sirvam de assinalamento provisório nos mesmos sítios, em que deverão erigir-se as columnas, e nellas tremularam as bandeiras do Perú e do Brazil durante o tempo da cerimônia.

« Da presente acta de inauguração dos limites entre a Republica do Perú e o Imperio do Brazil se farão quatro do mesmo teor, duas em castelhano e duas em portuguez, as quaes serão assignadas por todos os membros da commissão mixta e pelos particulares presentes, e para que ella tenha toda a validez que merece, serão enterradas as mesmas actas separadas e alternativamente, junto com varias moedas da Republica e do Imperio, em caixões expressamente construídos para esse fim, nos lugares em que ficam estabelecidos os marcos para distinguir o assinalamento dos limites por esta parte.

« E oxalá que este acontecimento sirva para perpetuar a amizade de dous povos americanos, o interesse com que desejam assegurar tão precioso vínculo e os esforços com que procuram seu verdadeiro progresso.

« Outra acta original ficará nos livros das respectivas commissões, outra na secretaria da prefeitura do departamento de Loreto, e ainda outra no archivo da província do Amazonas. Em fé de quanto fica expressado foi subscripta a presente acta no mesmo dia e lugar que nella se declara — *Francisco Carrasco* — *Manoel Rouaud y Paz Soldan*. — *Roberto Suarez*. — *José da Costa Azevedo*. — *João Soares Pinto*. — *Geraldo Cândido Martins*. — *Augusto José de Souza Soares de Andréa*. — *José Antônio Rodrigues*. — *João Wilkens de Mattos*. — *Dr. João Carlos da Rosa*. — *Clemente de Alcantara Toscano*. — *Antonio Luiz de Freitas Velloso*. — *Antonio José Ribeiro*.

Ficando assim assinalados os limites occidentaes da república do Perú com o Imperio do Brazil, partiram por parte do commissario brasileiro, o capitão tenente João Soares Pinto e mais dous auxiliares, e pela do commissario peruano, o Sr. D. Manuel Rouaud y Paz Soldan, para o rio Javary, com instruções que de seus chefes receberam.

Nos primeiros trinta e cinco dias de exploração, para o levantamento da planta do rio Javary, os trabalhos prosseguiram naturalmente, e sem contrariedade, havendo a commissão explorado mais de 2.000 kilometros, e feito as observações necessarias ao perfeito reconhecimento do verdadeiro curso do rio. D'ahi em diante, porém, começaram a aparecer as dificuldades. As aguas do rio diminuiam em quantidade e aumentavam em correnteza.

Navegar proximo á margem não convinha, porque os escravos encalhavam a cada momento; aproximar-se do canal, era retardar-lhes consideravelmente a marcha. E não era só isto; embargos maiores iam frequentemente augmentando. Robustos e possantes troncos de arvores obstruíam o caminho, e para cortal-os consumia-se grande somma de tempo, de fadiga e de trabalho. Os viveres tambem iam escasseando. Era forçoso abandonar as embarcações mais pesadas, e

a commissão sabia que estava percorrendo regiões habitadas por tribus selvagens, e quiçá ferozes.

Ainda se não tinham elas mostrado, mas indícios evidentes tiravam toda e qualquer dúvida sobre a sua existência. A cada passo encontravam-se canôas feitas do tronco da paxiuba, grosseiramente escavadas, remos toscamente preparados a fogo, e o *matapy*, armado nas margens, para a pesca. Estas testemunhas mudas da existência dos selvagens naquelas paragens, cresciam em número à medida que iam subindo o rio. Por vezes, em algumas praias, encontravam-se pegadas de homem recentemente impressas.

Nada se sabia ainda acerca do caráter desses selvagens; entretanto, a sua placidez até então, inspirava tal ou qual confiança sobre os seus hábitos pacíficos. Em consequência, pois, e aumentando-se a escassez dos viveres, foi resolvida a 22 de Setembro a divisão da expedição, e no dia 23 continuavam a exploração, em uma ligeira igarapé e duas pequenas montarias, os Srs. Soares Pinto, José Antônio Rodrigues, Paz Soldan e 14 homens de guarnição.

Infelizmente, embora já bastante reduzida em seu pessoal e recursos, ainda assim não podia a expedição caminhar livremente. O número dos obstáculos crescia cada vez mais; a cifra dos páos diariamente cortados era superior a 12, as embarcações tinham de ser puchadas a braços, e esse rude trabalho empeiorava o estado sanitário da guarnição.

A 5 de Outubro foi despedida a igarapé, por não poder continuar a seguir, e para conduzir os doentes. Um novo obstáculo viera juntar-se aos que já existiam. Eram as pontes atravessadas pelos selvagens sobre o leito do rio, para dar-lhes passagem de uma para outra margem. Para prosseguir, a expedição tinha de cortá-las, e essa operação foi efectuada.

O selvagem, até então pacífico, resolveu vingar-se.

A 10 de Outubro, três flexas despedidas occultamente por entre o mato, deram, como que o primeiro sinal do ataque, que em breve tornou-se a peito descoberto.

Numeroso bando de selvagens da tribo *mayorunas* (1),

---

(1) MAYORUNAS.—Tribo que habita entre Maranôn, Javary e Ucayali. Os indivíduos dela são alvacentos; os homens, barbados. Suppõe-se que descendem ellos dos soldados de Ursua.

Vaguam pelas matas; arrancam as barbas com duas conchas, que lhes servem de pinças.

Suas armas de guerra são: lanças, clavas, flechas, arcos e zarabatanas.

São mui guerreiros, vivem em constante luta com as outras tribus.

As mulheres têm as mãos e os pés mui bem formados, o nariz pequeno e os lábios finos.

Usam os cabellos cortados na frente e longos nas costas. São aceiados.

E' esta tribo pouco conhecida.

arremecam nuvens de flechas hervadas sobre os expedicionarios que estavam desarmados, visto como as continuas alagações sofridas pelas montarias havia humedecido e inutilizado as espoletas.

As mulheres tomaram parte no ataque, combatendo isoladas, na margem opposta áquelle de onde os homens atacavam.

Houve na luta a desesperação do homem desarmado que resiste contra homens armados.

Logo no começo do ataque o capitão tenente Soares Pinto foi ferido mortalmente e falleceu tres horas depois. O Sr. Paz Soldan e mais quatro homens da tripolação foram tambem feridos. Após 15 minutos de resistencia, reconhecendo-se a impossibilidade de afugentar os soldados em numero muitissimo superior, tratou-se da retirada.

O capitão tenente Soares Pinto, já meio desfalecido, foi carregado a braços para a montaria mais pequena, que estava mais afastada do perigo. A outra, onde achavam-se os instrumentos astronomicos, foi tomada pelos selvagens.

Embarcaram na pequena montaria, que mal accommodaria seis homens, nove pessoas contusas ou feridas e um moribundo. Na madrugada seguinte foi o capitão tenente Soares Pinto enterrado em uma praia da margem direita.

Após cinco dias de imensas privações, em que nem faltou a fome, conseguiram os salvados reunir-se ao resto da expedição, que mais abaixo os esperava.

Nesse mesmo dia, 14 de Outubro, a expedição poz se em marcha, descendo o Javary, e a 26 do mesmo mez, apresentou-se a bordo da canhoneira *Ibicuhy*, que se achava em Tabatinga.

Depois desses lamentaveis acontecimentos, por algum tempo ficaram paralysados os trabalhos da comissão de demarcação das nossas fronteiras com o Perú, até que de novo foram continuados sob a direcção, por parte do Brazil do seu commissario o capitão de fragata Antonio Luiz Hoonholtz, hoje barão de Teffé, e por parte do Perú do seu commissario D. Manuel Rouaud y Paz Soldan.

Interrompidos ainda os trabalhos pela morte do commissario peruano, seguiu ultimamente a comissão para o rio Javary, depois da chegada do novo commissario da república peruana o Sr. capitão de fragata D. Guilherme Black, e é de crer que em breve termine a fixação dos limites do Brazil com a república do Perú, apezar das dificuldades com que

---

Os *Mayorunas*, que habitam em Cochiquinas, são doceis e dados ao trabalho.....

Nesse rio (Javary) e á margem esquerda, os extractores da gomma elastica estão constantemente recôcosos dos assaltos dos *Mayorunas*, assim como no Ucayalis. Os transeuntes evitam sempre acampar na margem direita com o mesmo receio.

(*Diccionario topographico do departamento de Loreto* pelo Sr. J. Wilkens de Mattos.)

está lutando e dos perigos que vai arrostando. Os jornaes da província do Amazonas deram ha dias noticia de um pequeno combate travado entre a expedição e os selvagens do Javary, que foram repellidos, proseguindo a commissão em seus trabalhos de exploração.

Oxalá possa terminal-os brevemente.

Ainda um outro facto:

Tambem no dia 5 de Julho de 1781 ergueu-se um padrão na margem austral do Amazonas denominada Solimões na distancia de 1875 braças a leste da foz do Javary, por não haver terreno proprio mais perto em que elle pudesse ser collocado. O seu verdadeiro lugar devera ser no alveo da foz do Javary, situada a 4°, 17' 30" meridionaes e 308° 6'30" a leste da ilha de Ferro; mas a undação irregular desse rio não permitiu que elle fosse alli erigido.

Este padrão, obra do major de engenheiros Euzebio Antonio de Ribeiros, era de madeira, de forma pyramidal, com 48 palmos de altura, incluindo o engradamento e tendo as seguintes inscrições na base.

*Para futura memoria.*

*Na fronteira do estado do Gran-Pará e Maranhão, e da real audiencia de Quito no vice reinado de Santa Fé:*

*Nos gloriosos reinados*

*Da muito alta poderosa, e augusta rainha fidelissima*

*De Portugal e Alyarve*

*A senhora D. Maria I e do senhor D. Pedro III*

*E do muito alto, poderoso e augusto rei catholico*

*Das Hespanhas e das Indias*

*O senhor D. Carlos III.*

Diz Baena, que havia outro de marmore, que não foi alçado por causa da dificuldade do transporte nos igarapés e por terra. Tambem era pyramidal: tinha sobre a cimalha uma cruz, na frente da pyramide logo abaixo da cimalha as armas portuguezas e por baixo destas a inscrição seguinte:

*Sub*

*Joanne V*

*Lusitanorum.*

*Rege*

*Fidelissimo.*

E na base :

*Sub*

*Ferdinando VI*

*Hispania.*

*Rege.*

*Catholico.*

No perfil lateral da piramide:

*Ex Pactis  
Finium Regundorum  
Conventis  
Madriti  
Idib. Januar.  
M. D. CC. L.*

E na base

*Justitia,  
Et Pax  
Osculatæ  
Sunt.*

As aguas do Rio Negro continuam por algumas milhas a nodoar as aguas do Amazonas e durante a época da vasante, ainda perto de Serpa (1), isto é, na distancia de mais de 80 milhas, descobrem-se grandes manchas escuras na margem esquerda do grande rio, e que geralmente são attribuidas ás aguas do Rio Negro.

Deixando o Amazonas á esquerda os desaguadeiros do lago Amatary (2), e á direita os do Rei e dos Auta-

---

(1) Nessa época (da vasante), da confluencia do Rio Negro até quasi á villa de Serpa, distingue-se, cada vez mais pronunciadas, duas gradações na côr das aguas do Amazonas: uma mais amarellenta junto á margem direita, outra mais escura do lado opposto. Figuram douis rios correndo unidos no mesmo leito, mas confundidos inteiramente. Esse combate gigantesco prolonga-se por 30 leguas. Na enchente não sucede o mesmo: não se vê no Amazonas o menor vestigio das aguas do Rio Negro. Sómente mui perto da foz deste, observam-se a espacos algumas largas manchas escuras, que sobrenadam nas aguas barrentas do grande rio. (*Relatorio do Dr. Adolpho de Barros em 1865.*)

(2) Lago da Guiana, na margem esquerda do Amazonas, entre Araúato e Puraquécuara. Perto d'ahi na margem septentrional do Amazonas, entre os desaguadeiros do lago de que toma o nome, 63 leguas acima da fóz do Jamundá e 14 acima da villa de Serpa, fica a aldêa ou povoação de S. José de Matary ou Amatary.

Foi uma das missões em que o benemerito Fr. José das Chagas, o apostolo da mundurucania, mostrou o seu nunca desmentido zelo pela catechese das indios. A elle deve-se a construcção da capella, que hoje está arruinadissima.

Manoel João, indio da tribo Juma, sendo apprehendido ainda de tenra idade, no rio Maturá, pelos muras, que o criaram, veiu depois a ser, em consequencia da sua pouco vulgar intelligencia e vivacidade, o principal ou *tuchaua* da tribo, fundando a maloca, que depois, no meiado do seculo passado, foi a missão de Matary, nome que tomou do rio em cuja proximidade se acha. O

zes (1), recebe o importantissimo rio *Madeira*, o maior dos seus affluentes da margem direita.

Perto da foz do Madeira ficam as «pedras morona,» que têm esta denominação, porque foi ahi que a 28 de Outubro de 1862 encalhou o vapor de guerra peruano *Morona*.

Contra os regulamentos e disposições então vigentes, e a despeito da recusa formal e peremptoria do governo provincial do Pará, havia aquelle vapor deixado o porto de Belém, demandando o Perú pelo Amazonas. Em Gurupá tentaram fazel-o retroceder; mas resistiu á intimação. A fortaleza de Obidos quiz impedir-lhe a passagem, e de parte a parte trocaram-se alguns tiros, logrando entretanto o *Morona* sahir da estreita garganta, que ahi faz o rio e continuar sua viagem, seguindo rio acima, indo porém desastradamente encalhar nas pedras do *Puraquécuara*, hoje denominadas *pedras morona*.

Informado de taes acontecimentos, visto como a presidencia do Pará, expedindo imediatamente o vapor *Belém*, da companhia do Amazonas, se apressara em comunical-os ao presidente do Amazonas, deu este logo as providencias que estavam ao seu alcance para salvaguardar e defender os direitos e interesses brasileiros, pondo á disposição do capitão-tenente José da Costa Azevedo o vapor *Inca*, que para esse fim fôra fretado.

Partindo de Manáos no dia 28 de Outubro, voltou logo no dia seguinte o capitão-tenente Costa Azevedo com a noticia de que o vapor *Morona*, depois de se encontrar com o *Inca*, havia encalhado nas pedras do *Puraquécuara*.

O commandante do *Morona* por diversas vezes solicitou oficialmente soccorros á presidencia do Amazonas, que lh'os prestou, mandando-o rebocar pela canhoneira *Ibicuhy*, que o conduziu a Manáos, onde ficou detido, aguardando a decisão do governo imperial.

« Neste procedimento, disse o presidente do Amazonas á assembléa provincial, n'este procedimento guardei as regras de direito e houve-me com moderação. Não autorisei

---

assento da primeira maloca, que depois passou para o local em que se acha Matary, foi um pouco abaixo.

Ha ainda um outro lago Matary, na margem direita do Madeira, acima da freguezia de Borba, na Mundurucania.

(1) Lagos do Solimões, que desaguam nelle, no Amazonas e no Madeira. Ainda se não acham de todo explorados e presume-se que ocupam quasi todo o territorio comprehendido entre os rios Purús e Madeira.

Em 1838, diz o capitão-tenente Amazonas, Anibrosio Ayres Barroá levou a esses lagos toda a gente de Manáos capaz de pegar em armas e alli deixando-a e voltando sobre a villa, apenas com a gente da sua parcialidade e com intenções que ainda hoje se interpretam horrorosamente, foi em um dos ditos lagos surpreendido pelos *cabanos*, que o assassinaram com a mais revoltante barbaridade.

excessos e violencias desnecessarios. No meu entender, elles seriam um desar para a autoridade brasileira. »

A 21 de Dezembro chegou a Manáos o chefe de esquadra Guilherme Parker com instruções do governo imperial e em virtude d'ellas, conduziu a reboque para o Pará o vapor *Morona*, que se achava detido em Manáos. (1)

Communicando á assembléa provincial do Pará o desenlace desta questão provocada pelo *Morona*, assim como da que provocara o *Pastaza*, outro vapor de guerra peruan, assim referia os acontecimentos o Sr. conselheiro Brusque:

« Chegando á côrte a 22 de Dezembro do anno proximo passado (1862) o representante da republica do Perú, de volta do Rio da Prata, mostrou desde logo desejos de entender-se com o governo imperial sobre a questão pendente entre os dous paizes.

« Como preliminares da negociação sollicitou o ministro residente do Perú na côrte e conveiu o governo imperial, por notas trocadas em 8 e 10 de Janeiro do corrente anno, que se facilitassem os meios necessarios para que o vapor *Pastaza*, que se achava em Cayenna e o *Morona*, que se conservava em Manáos, pudesse regressar livremente ao porto desta cidade, onde deveriam aguardar a solução final, que, por commun accordo, se houvesse de dar ao conflito.

« A negociação envolvia duas questões,—uma de direito, outra de facto.

« Quanto á primeira, era forçoso reconhecer que não estavam ainda organizados os regulamentos especiaes, de que tratam os artigos 2, 4 e 5 da convenção de 1858, para que se pudesse considerar desde logo em plena execução as suas estipulações e nem destas se podia deduzir, que franqueada a navegação do Amazonas aos navios mercantes, ficara ella extensiva aos navios de guerra.

« Para remover estas difficultades, entendeu-se que o meio mais conveniente era providenciar provisoriamente sobre a applicação immediata do principio de navegação garantida por direito convencional entre o Imperio e o Perú.

« Neste intento foi entabolada a negociação sobre as seguintes bases:

« 1.<sup>a</sup> Que se franqueasse desde já a navegação aos navios mercantes, uma vez que se sujeitem aos regulamentos fiscaes e de polícia, que em seu territorio prescrever cada um dos dous governos, modificando-se depois esses regulamentos por mutuo acordo, se não estiverem nos termos dos arts. 4.<sup>º</sup> e 5.<sup>º</sup> da convenção.

---

(1) A 30 de Dezembro chegou ao porto de Belém o vapor *Morona*, depois de sua infelicissima excursão ao Amazonas. Era acompanhado pelas corvetas *Parnahyba* e *Biberibe*.

« Era bello de ver-se, diz um jornal paraense daquella época, a arrogancia de hontem transformada hoje em humildade.... Os nossos brios estavam desafrontados; aonde se recebeu a injuria, ahí se tiron a desforra.... »

« 2.<sup>a</sup> Que se consentisse aos navios de guerra peruanos navegar o Amazonas brasileiro, em reciprocidade de igual concessão por parte da república do Perú aos navios de guerra brasileiros, que houverem de navegar pelo Amazonas peruano, ficando reservado a cada um dos dous Estados o direito de limitar o numero desses navios, aos quaes se concedesse aquella permissão; de conformidade com os principios de direito internacional, admittidos e reconhecidos pelas nações cultas.

« 3.<sup>a</sup> Que se reconheça em principio, que o navio de guerra, que recebe mercadorias a seu bordo constitue-se mercante e como tal sujeito ás condições respectivas.

« Mas o governo imperial considerou sempre qualquer ajuste a este respeito, dependente de uma satisfação precisa pela offensa feita á soberania territorial e pelas faltas em que incorreria o commandante do vapor *Morona*.

« E esta satisfação devia consistir: em reconhecer-se por parte da república a irregularidade do procedimento daquelle commandante, na imposição da multa estabelecida pelo regulamento da alfandega, por não terem sido preenchidas as formalidades fiscaes; e em uma salva á fortaleza de Obidos, por haver o referido comandante desattendido ás intimações que lhe foram feitas nesta cidade, em Gurupá e por ultimo em Obidos, onde resistiu á fortaleza com tiros de bala, dentro dos limites da soberania territorial.

« A questão de facto foi discutida nos protocollos das conferencias celebradas com o representante do Perú na corte em 15 e 22 de Janeiro do corrente anno.

« E em vista das explicações e dos documentos apresentados pelo governo imperial, conveiu o ministro da república do Perú em que efectivamente tinha havido imprudencia da parte do commandante Ferreiros em deixar o porto, a despeito das intimações que lhe fizera esta presidencia; mas que assim procedera sem o proposito de violar os regulamentos do porto e de faltar ao respeito devido á jurisdição do paiz.

« Parecia-lhe entretanto que o vapor *Morona*, como navio de guerra, não carecia de uma permissão especial para subir o Amazonas, e que por conseguinte entendia ser exorbitante a salva á fortaleza de Obidos, como condição para regularizar-se desde logo praticamente a navegação fluvial entre os dous paizes.

« Este ponto foi afinal assim ajustado. Concordou-se em que o vapor *Morona*, ao subir o Amazonas para o Perú, desse uma salva á fortaleza de Obidos e esta lhe corresponderesse, como uma manifestação commun de haver cessado o conflito e achar-se restabelecida a boa intelligencia entre os dous paizes.

« Acertados assim os termos em que foram reguladas, nos protocollos das conferencias, as questões que se suscitaram com a partida dos vapores *Morona* e *Pastaza* para o Amazonas, foi este acordo approvado pelo governo imperial, por nota de 24 de Janeiro, que contém litteralmente as esti-

pulações reciprocas e confirmado pelo ministro peruano sob sua responsabilidade.

« E porque tinham sido tambem aceitos, sobre a base da reciprocidade, os principios acima estabelecidos para regularisar desde logo a navegação fluvial entre os dous paizes, quer pelos navios de guerra quer pelos mercantes, até que sejam confeccionados os regulamentos de que trata a convenção de 1858, o governo imperial na convicção de que o accordo celebrado com o ministro peruano teria a approvação do seu governo, expediu sem demora as convenientes ordens para que o mesmo accordo tivesse inteira execução por nossa parte, ordenando porém que se não cobrasse a multa em que houvesse incorrido o vapor *Morona*.

« Cuidei immediatamente em fazer as necessarias comunicações, para que fosse o accordo cumprido na parte que dependesse das autoridades brazileiras, logo que fosse pelo commandante do vapor *Morona* tambem executado.

« Foi entretanto depois de expedidas aquellas ordens pelo governo imperial, que chegou á corte a communicação do reboque dado ao vapor *Morona*, de Manáos até esta cidade, pela esquadrilha ao mando do chefe de esquadra Parker, segundo as ordens desta presidencia e de acordo com as instruções do governo imperial.

« Então o ministro do Perú, considerando este facto como offensivo ao pavilhão da republica, exigiu satisfações; mas aceitando depois as explicações do governo imperial sobre os motivos que aconselharam aquella providencia, concordou aquelle ministro na conveniencia de dar-se immediata execução ao referido accordo de 24 de Janeiro, trocando-se as notas reversaes de 23 de Abril do corrente anno, pelas quaes foram considerados como terminados e esquecidos os conflitos, que tiveram lugar nesta província.

« Em consequencia, partiu o vapor *Morona*, do porto desta cidade para o Perú, no dia 12 de Julho ultimo, e ao chegar a Obidos deu a salva estipulada, a qual foi correspondida pela fortaleza.

Pouco depois seguiu tambem o vapor *Pastaza*, com o mesmo destino. »

Pouco antes da foz do Madeira, em frente á boca do *Puraquécuara* (1) vê-se o lugar onde em 1870 deu-se a terrível catastrophe do naufragio do vapor *Purús*.

---

(1) Corrente no Amazonas, abaixo da confluencia do Rio Negro, entre *Jatuarana* e a boca inferior do canal *Maraquiri*.

Em língua geral *Puraquécuara* quiz dizer—caminho de puraqué, parece que a denominação que tem esse lugar, lhe provém da abundancia que ha alli desse temivel peixe.

O *Puraqué* é o *gymnotus electricus* de Linnéo, do genero *malaco-pterygiano apodo*, o mais vigoroso e notavel dos da sua especie, e por isso mais conhecido e estudado pelos naturalistas.

Este peixe, diz o muito illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, habita os lagos, igarapés e rios da America meridional,

Este acontecimento é um dos mais tristes e horriveis episódios, senão o mais triste e horrivel de quantos têm presencado as aguas do grande rio.

Eis pouco mais ou menos como teve lugar o acontecimento: Do porto de Manáos, com destino ao Madeira, sahiu ás onze horas da noite de 7 de Julho o vapor *Purús*.

Foram duas horas da manhã do dia 8.

O vapor *Arary*, que havia sahido de Belém, com destino a Manáos, navegava então ao longo da costa do lago do Rei, mui proximo á boca do Paraná, em frente ao Paraquêcuara, e na distancia de oito a dez braças de terra.

Nesse lugar fórmava o Amazonas uma especie de cotovello ou de ponta.

Ambos os vapores navegavam com marcha regular e dirigiam-se um para o outro.

O grande cotovello ou curva formada pelo rio impedia-os de se poderem avistar de longe.

A noite estava escura, posto que luzissem algumas estrelas no céo, e descuidados dormiam os passageiros do *Purús* e do *Arary*, sem se lembrarem da morte que para elles rapida se ia aproximando.

Pouco depois das 2 horas da manhã, o official de quarto do *Arary*, que passeiava no passadiço, distinguindo as luzes de um vapor que caminhava aguas abaixo, mandou despertar o commandante, o qual incontinenti dirigiu-se ao passadiço da caixa das rodas, ordenando em voz alta ao machinista de

---

preferindo os primeiros e os igaropés, por terem aguas menos movediças: é encontrado porém mais particularmente nas provincias do Pará e Amazonas, onde se lhe dá o nome de *pu-raqué*, e os ha ahi em grande quantidade e de todos os tamanhos, chegando alguns a terem cinco e seis pés de comprimento e quasi meio pé de diametro na sua maior grossura. A cõr da pelle é preta, excepto na parte inferior da mandibula e por baixo do pescoço, que é de um bello vermelho. A sua configuração em geral é como a das enguias, pelo que os franceses lhe tem chamado *enguia electrica*.

Tem a propriedade fulminante em alto gráo, dando choques ou commoções electricas vigorosas nos seus inimigos e em tudo quanto o toca, por fórmula que abate e fere de torpor inevitavel e temporario, não só os peixes, como tambem os homens e os mais animaes. Quando a descarga electrica é muito forte e o torpor profundo, sendo ao mesmo tempo dirigida sobre algum ou alguns dos orgãos importantes e essenciaes á vida, acontece algumas vezes seguir-se a morte, a qual sobrevém então por asphixia. O apparelho ou pilhas, onde por uma singular faculdade este animal segregga a electricidade, occupa os lados da cauda e toma o volume de nove decimos do corpo e talvez metade de sua espessura.

A sua composição organica é admiravel e recebe na estructura extraordinarissimo numero de nervos e finas cartilhagens. A sua carne é pouco ou nada utilisada nos usos culinarios, não só por ser mal saborosa, como porque é de consistencia mucilaginosa e de cheiro de alguma sorte desagradavel.

quarto, que diminuisse á meia força daquella com que seguia.

Caminhava o vapor *Purús* aguas abaixo, na distancia pouco mais ou menos de 2 milhas, demorando quarta e meia de rumo por EB da prôa do *Arary*.

O commandante Pereira Leal, a bordo do *Arary*, fez tudo quanto a sciencia ensina, tudo quanto humanamente delle podia depender para evitar o payoroso sinistro. Era tarde. As duas massas se iam cada vez mais aproximando, impel-lidas uma pela força da corrente e do vapor e a outra pela do vapor sómente.

Era já tarde, muito tarde; a mão mysteriosa e sinistra da fatalidade impellia-as uma contra a outra; nada podia mais evitar a catastrophe.

A's 2 horas e 45 minutos teve lugar o abalroamento.

Foi horrivel o choque e mais horrivel ainda a scena de confusão, que teve então lugar.

O *Arary* galgou por sobre o *Purús*, entrando-lhe por um dos lados e fazendo-o afundar-se e quasi unir a pôpa com a prôa.

Lançados violentamente fóra das rêdes e dos beliches, corriam atordoados os passageiros do *Arary*, augmentando a confusão e a desordem. Os gritos e o soluçar das mulheres e das crianças, as imprecações dos homens, a voz vibrante e energica do commandante que mandava a manobra e dava providencias para salvar os naufragos do *Purús* e impedir que tambem por elle fosse arrastado o *Arary* na voragem das aguas; o ranger das taboas que se desconjuntavam, que se partiam; a escuridão sinistra da noite, o ruido das aguas; tudo dava a essa scena um caracter horrivel como um arremedo do inferno,

« E' cousa terrivel um naufragio, disse já um grande poeta; ainda mais, é o ideal da impotencia humana. Lutar, lutar furiosamente, desesperadamente com as ondas e não poder domá-las; estar perto da terra e não poder chegar a ella; ver a algumas braças a salvação e a vida e sentir a mão gelada e humida da morte apertar-nos a garganta; fluctuar e não poder vogar, ter os pés em uma cousa que parece solidja e que é fragil e mobil; estar ao mesmo tempo cheio de vida e cheio de morte; sentir-se prisioneiro, manietado nessa immensa masmorra das ondas; ser agarrado, paralysado, tornar-se brinco e ludibrio das aguas,—é horrivel como o inferno, é uma acabrunhação que paralysa e embrutece. O que nos tem empolgado, o que nos mata, é o mesmo que dá movimento ás aves e liberdade aos peixes. E' com o infinitamente pequeno, diz um philosopho e poeta, que o infinitamente grande nos esmaga; é com gotas que o oceano nos tritura. »

As scenas que se davam a bordo do *Purús* eram ainda mais lamentaveis. Os gritos de terror dos que se achavam no *Arary*, confundiam-se com o gemer dos moribundos, com o estertor dos que se debatiam esmagados, com os gritos pun-gente de socorro que soltavam os do *Purús*.

E o vapor se ia pouco e pouco afundando... De repente ouviu-se um estampido horrivel e as aguas fervendo e espadanando espuma, ergueram-se furiosas, ameaçadoras, como uma immensa montanha e depois cahiram com medonho fragor, abrindo enorme voragem em que submergiu-se o navio.

A caldeira do *Purús* havia arrebatado.

O commandante Leal deu ordens promptas e tomou as medidas necessarias não só para salvar os naufragos do *Purús*, como para restabelecer a ordem e a calma a bordo do *Arary*, no que foi energeticamente auxiliado pelo intelligente tenente coronel Michiles. Os escaleres foram lançados ao rio e a tripolação e os passageiros começaram a recolher das aguas os miserios que alli se debatiam. Levaram o resto da noite nesta piedosa occupação, porém de mais de 200 passageiros que levava o *Purús*, apenas conseguiram salvar 73.

A's 12 horas e meia do dia 8 chegou o *Arary* a Manáos, levando a noticia da horrivel catastrophe.

« Alli, dizia-me ainda ha dias o velho Paixão, pratico do *Arary*, e o decano dos praticos do Amazonas, alli na bocca do Puraquêcuara dormem no fundo do rio, que os devorou, os infelizes passageiros do *Purús*. Quanta desgraça em uma só noite ! Quanta gente morreu ! Pobre imediato do *Purús* ! Era tão moço ; parece que o coração lhe adivinhava... recusou partir, queria despedir-se do serviço do vapor e sómente embarcou para satisfazer a vontade e a imposição do pai. Morreu fechado no beliche ; passou do sonno á eternidade.

« Quem sabe onde reposam os ossos daquelle respeitavel senhora, D. Victoria, a abastada fazendeira do Madeira.

« Hermengildo Braga, estava salvo ; havia conseguido saltar para o *Arary* ; mas de repente lembrou-se dos filhinhos que dormiam no *Purús* e que iam ser arrebatados pela morte.

« E quiz salval-os. Quem se atreveria a embargar o passo a um pai, que corria a salvar os filhos ?

« Em um momento achou-se a bordo do *Purús*, que se affundava, mas imediatamente depois a explosão da caldeira indicou que o misero havia morrido, por não querer que lhe morressem os filhos.

« Vê aquella arvore que alli está pendida para o rio, cujas aguas lhe lambem o tronco, continuou o velho pratico. Pois bem ; um dos naufragos nadou, nadou e conseguiu chegar até ella. Agarrando-se aos ramos, subiu e sentou-se em um galho, esperando alli que amanhecesse o dia. Os que andavam procurando naufragos não o viram, nem o ouviram, posto que bem alto os chamasse. E' tão largo este Amazonas ! Pela manhã seguiu o *Arary* aguas acima e afastou-se do lugar do sinistro. E o pobre homem alli ficou com o olhar perdido no espaço e vendo afastar-se a esperança e a vida. O que poderia fazer alli perdido em meio das aguas ! De um lado o rio e do outro o terreno alagado e movel e quasi tão perigoso como elle.... Quiz descer ; a posição em que estava

torturava-o; talvez caminhando ou agarrando-se ao tronco das arvores, encontrasse um terreno menos alagado, onde pudesse descansar um pouco.

« E preparava-se para descer, quando, lançando os olhos para baixo, viu, cercando-lhe a arvore e promptos a devorá-lo, um bando de jacarés, monstruosos, famintos, que alli estavam immoveis, com as fauces escancaradas e os olhos fitos na presa que consideravam segura.... Pobre homem! continuou o velho Paixão; Deus, porém, compadeceu-se delle; havia-o salvado das aguas, salvou-o tambem dos jacarés. Pouco depois passou por alli uma canôa e os que a tripolavam accudiram aos gritos de socorro que o infeliz soltava. Os jacarés fugiram, abandonando a presa e o pobre naufrago desceu então, escapando milagrosamente daquelle grande perigo. Quantas desgraças, murmurou ainda o velho Paixão, quantas desgraças naquelle noite fatal! » (1)

Quasi defronte da foz do Madeira acha-se situada a villa de Serpa, em uma pequena collina, á margem esquerda do Amazonas e a 270 leguas acima de sua foz.

O seu nome primitivo era *Itacoatiara* (pedra pintada, em lingua geral); por causa de umas pedras que em seu porto são visiveis na vasante e nas quaes se acham traçados diversos hieroglyphos. Tambem teve já o nome de *Abacaxis*.

Serpa ou Itacoatiara ou Abacaxis, tem sido por vezes transferida para diferentes sitios. Foi primitivamente fundada pelos jesuitas no rio *Mataurá*, confluente do Madeira; passou depois para o rio *Canumã*, em seguida para o rio *Abacaxis*, e mais tarde para a margem direita do Madeira e finalmente para o sitio onde hoje se acha.

Em 1759 o governador da capitania do Rio Negro Joaquim de Mello Povoas deu-lhe o predicamento de villa, com a denominação que hoje tem.

Passando em 1833 a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada á categoria de villa, por lei provincial de 10 de Dezembro de 1857.

Actualmente é a villa de Serpa um importante porto da provincia do Amazonas, por servir de entreposto ao avultado commercio do rio Madeira.

Por decreto de 25 de Janeiro de 1872, foi creada alli uma alfandega de quinta ordem, com as atribuições conferidas ás demais alfandegas do Imperio, guardadas as disposições do regulamento annexo ao decreto de 31 de Julho de 1837.

Permitiu-se igualmente que as embarcações com destino á fronteira do Perú e da Bolivia, quando não possam por seu grande calado subir além de Serpa, ahí, com assistencia das

---

[1] Este episodio dos jacarés é verdadeiro, e passou-se tal qual se acha ahí narrado. Como elle, tambem são verdadeiros todos os episodios do naufragio. Baseei-me entre outras peças, na comunicação oficial feita ao gerente da companhia do Amazonas pelo commandante do *Arary*.

autoridades fiscaes da alfandega, baldeem os generos para embarcações menores.

Os bolivianos, descendo pelo Madeira, costumam deixar em Serpa as suas canôas ou *ubás* e descem nos vapores até o Pará, onde vendem as suas mercadorias e se fornecem dos objectos de que carecem.

Ao norte de Serpa vêm-se as ruinas da colonia *Itacoatiara* pertencente á companhia de navegação e commercio do Amazonas e que tantos prejuizos lhe causou.

Na mesma margem em que está Serpa situada, mais um pouco acima, vêm-se ainda os vestigios de um vasto cemiterio indio.

Aqui e alli, a terra diluida pelas enxurradas, cahe e deixa ver ao navegante, que transita por aquellas paragens diversas *igaçabas* ou urnas funerarias em que guardavam os indigenas os restos dos seus maiores.

Muitas dessas urnas têm sido recolhidas pelos transeuntes, como objectos de curiosidade, mas provavelmente sem lhes darem a importancia devida; e dest'arte vão as reliquias venerandas de uma geração inteira tendo um fim para que nunca as destinaram.

Depois de ter recebido o caudaloso e importantissimo rio Madeira, de que me occuparei adiante, recebe o Amazonas as aguas do Arauató, que lhe trazem as aguas do rio Urubú.

E' o Arauató o desaguadeiro mais occidental dos lagos de Saracá.

O Urubú recebe em seu curso as aguas do lago de Canumã, em cujas margens existiu a freguezia de Nossa Senhora da Conceição, e banha as taperas das antigas freguezias de S. Raymundo e S. Pedro Nolasco.

Acima das cachoeiras encontram-se-lhe nas margens extensas campinas apropriadas para a criação de gado, as quaes se estendem até as fraldas das serras da Guyana hollandeza.

Este rio, onde em outro tempo floresceram as missões dos mercenários, acha-se hoje de todo deserto, e as taperas das abandonadas freguezias servem de mocambo a escravos fugidos. Os indigenas davam-lhe o nome de *Burururú*, de uma de suas tribus, mas substituiram-no os portuguezes pelo de *Urubú*, porque é hoje geralmente conhecido.

Habitavam-no, entre outras, as nações Burururú, Guanavena e Cabouquena, contra as quaes em 1664 commetteu Pedro da Costa Favella, em represalia, horrivel carnificina em que pereceram 700 indigenas, foram prisioneiros 400 e incendiaram-se 300 malocas.

Eis o facto que deu lugar a tão lamentavel acontecimento:

Em consequencia das ordens do governador Ruy Vaz de Siqueira, diversas missões, escoltadas por mosqueteiros, internaram-se pelos sertões do Amazonas e de alguns rios que nelle affluem.

Uma destas escoltas, commandada pelo sargento-mór An-

tônio Arnaud Villela, entrou com o missionário frei Raymond, da ordem das Mercês, no rio Urubú, e teve a infelicidade de perder parte dos seus companheiros, com o sén commandante e o alferes Francisco de Miranda, nas mãos dos cabouquenas e guanávenas que com mostras de paz conseguiram illudil-a. Apenas puderam escapar o missionário e o seu companheiro mal ferido e alguns mosqueteiros e índios amigos, que se apressaram em montar as canôas.

Senhores do campo, embarcam-se os selvagens em 45 canoas para a aldeia de Saracá, onde sabiam que se achava o alferes João Rodrigues Palheta, mas pouco antes de chegarem á aldeia encontram-se com elle, que os esperava á frente de 18 soldados e 200 índios em 5 canoas, e os pôe em completa débandada.

Informado o governador de semelhantes acontecimentos resolveu tomar prompta desforra e infligir nos índios do Urubú exemplar castigo.

A 6 de Setembro do mesmo anno saiu de Belém a expedição contra os índios do Urubú, commandada pelo capitão Pedro da Costa Favella. Compunha-se esta expedição de 34 canoas com 500 índios sob as ordens de seus superiores e de quatro companhias de tropas regulares sob o mando de quatro capitães de infantaria e de outros officiaes subalternos.

A 25 de Setembro chegou a expedição á aldeia de Tapajós, hoje cidade de Santarém, e depois de chamar á si muitos indígenas das aldeias domesticadas daquelles contornos, e de refrescar a sua gente, partiu no dia 25º o capitão Favella para o seu destino.

A 4 de Novembro partiu da cidade de Belém o governador com o designio de subsidiar de mais perto a expedição, levando consigo o maior numero de gente que pôde pôr em pé de guerra. Não foi porém além do porto de Mós (1), visto como interesses momentosos de política o chamaram com urgencia á cidade. Em seu lugar partiu o sargento-mor Antônio da Costa, em demanda da expedição.

No dia 25 de Novembro desembarcou o capitão Favella no primeiro porto dos índios inimigos no rio Urubú, e depois de fortificar-se na margem do rio e de deixar ali tropa suficiente para defender as canoas e as fortificações, penetra com a força no interior das matas.

A 7 de Janeiro encontra os cabouquenas já unidos aos guanávenas e outros das serranias do Pará, que marchavam tumultuariamente contra a expedição em bandos numerosos. Travou-se então encarniça la peleja, e depois de tenaz e feroz resistencia, conseguiu Favellá pôr-los em débandada.

A perseguição foi violenta. Os índios accossados por Fa-

---

(1) Chamava-se então aldeia do Xingú e primeiramente aldeia Madeturú.

vella e pelo sargento mór Antonio da Costa, que chegou nessa occasião, reunem-se de novo e de novo e com mais furia continua o combate.

Foi horrivel: morreram 700 selvagens, cahiram prisioneiros 400 e as chammas produzidas pelo incendio de 300 aldeas illumiaram sinistramente essa scena de luto e de sangue.

Assim terminou essa celebre expedição do rio Urubú, o qual d'então em diante pareceu ter ficado fechado aos exploradores.

Consta que o actual presidente do Amazonas o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto pretende mandar exploral-o. Deus queira que possa levar avante o seu intento. Vem appello transcrever aqui as seguintes linhas de um artigo publicado pelo *Baixo Amazonas*.

« Os rios Urubú e Jatapú explorados podem nos offerecer um commercio franco com as Guyanas, como offerece o Tá-pajós com as provincias de Mato Grosso e Goyaz. Poderá exportar valores que augmentarão as rendas provinciaes, chamará para ahi uma população que pelos vapores com facilidade remetterá seus productos para o mercado e será uma communicação directa para os productos das Guyannas, que serão trocados pelos nossos. As vantagens que resultam só o tempo poderá apresental-as, porque para os diversos misteres do homem não ha limites. Franqueando a navegação, quebrado o encanto que tem fechado as suas portas aos homens desde 1864, para ahi affluirão a tirarem proveito do que nelles houver. E' mais um campo que se offerece á sciencia para as suas indagações, é mais um terreno que se entrega á laboura, á industria e ao commercio.

Pela posição geographicā que occupa este rio, a sua flóra é muito prometedora, atravessando regiões alpestres, as suas riquezas naturaes devem participar dessa causa, e assim como a vegetação resente-se do solo, assim tambem devem os mineraes provar a variedade do terreno.

Pobre em mineraes a parte já conhecida do Amazonas, é muito de esperar que nos rios de que tratamos, appareça maior riqueza. Geologicamente fallando, o terreno alli favorece a mineralogia. Quem tomar sobre os seus hombros: esta empreza, tendo de lutar com os gentios e os habitantes: dos mocambos, arriscando assim a vida, prestará serviços reaes, serviços cujas vantagens são incontestaveis e que tende ao engrandecimento da província.

Pela margem esquerda recebe ainda o Amazonas os des aguadeiros dos lagos de Saracá, que lhe trazem as aguas do rio Anibá e ainda o rio Atumã, engrossado com as aguas dos rios Jatapú, Acapucapú, Paraná-petinga, Uruducú, Abac ate, Maripá, Taboary, Atapany e Sanabany.

Os lagos de Saracá são: o Canaçary e o Macuará.

E' incrivel a quantidade de ciganas, que enchem as arvores, que margeam os lagos, apezar de serem constantemente perseguidas por seu implacavel inimigo, o *japacamin*.

E' o *japacamin* uma das aves de rapina mais vigorosas e

elegantes do valle do Amazonas. Varia a sua altura de 35 a 40 centimetros sobre um comprimento até 55 centimetros.

Tem as pernas e o bico de um amarelo vivo e brilhante e a plumagem de um pedrez semelhante ao de gallinha d'Angola. Eleva-se á grande distancia da terra nas horas calmosas do dia e alli desprende o seu canto, que semelha o som agudo de uma requinta. O seu cantar nas alturas serve de barometro aos indios, que quando o ouvem, costumam dizer « temos bom tempo ».

Não ha passaro que escape á sua voracidade e fereza. No centro das florestas virgens, nas campinas e nas margens dos rios, é elle encontrado sempre fazendo presas como um audaz corsario.

Não poucas vezes escrevia-me o Sr. Dr. Romualdo de S. P. de Andrade, a quem devo esta e muitas outras noticias, não poucas vezes tenho-o visto apresentar-se repentinamente no meio de um bando de *ciganas*, aturiás, em lingua geral ou tupica, e precipital-as todas entre as algas do rio, para ir dalli tirando uma a uma, a fim de comer-lhes sómente os miolos. Causa dó ouvir o gransido lamentoso que soltam as pobrezinhas sem entretanto procurarem na fuga meios de salvação !

Parece que cedem á força magnetica do *japacamin*, assim como o jacaré cede á da onça.

E já que fallo nesta ave de rapina, vem appello mencionar uma outra, notavel sobretudo pela aversão que tem ás cobras.

E' a *acauán* ou *macuan*. Canta, parecendo que repele o mome pelo qual é conhecida e isto em tom alto e prolongado.

Tem a cabeça grande e cinzenta, a barriga, o peito e o pescoço vermelhos, as costas pardas, as azas e a cauda pretas, malhadas de branco. Os supresticiosos julgam-na agoureira de grandes males e calamidades. Os indigenas, quando esperam algum hospede, affectam conhecer pelo canto desta ave o tempo em que aquelle deve chegar.

A *acauán* é inimiga das cobras: quando succede ver alguma, tem como que certa senha, que, usando della, aparece logo uma outra *acauán*: repentinamente investem ambas á cobra, por maior que seja esta, por diversos lados, escudando-se em uma das azas: em quanto a cobra está ocupada com a que tem em frente, a outra fere-a pelo lado opposto e dest'arte cançam-na e matam-na para comerem-na.

Diz o Sr. Gonçalves Dias que a *acauán* sustenta os filhos com cobras e pendura as pelles destas, como trophéos, na arvore em que habita. Tambem diz que os ovos da *acauán*, seccos e reduzidos a pó, são um antidoto poderoso contra o veneno das cobras.

E' tambem muito vulgar ahí á margem dos lagos de Saracá, assim como em muitos outros lagos, um pequeno pato de dous centimetros de comprimento sobre um de largura, a que dão o nome de *Ipequy*.

E' o *Ipequy* a especie mais pequena da ordem dos palmipedes. Tem o bico pardo, chato e arredondado na extremi-

dade, e como o do pato, a plumagem é tambem pardaeenta, as pernas vermelhas e a cabeça cireulada de uma facha branca.

Habita as margens dos rios e lages de agua preta e leva constantemente a nadar. Vive só ou quando muito em easal. As femeas põe dous ovos, que produzem sempre um novo easal. Logo que os filhos sáhem da easea ferram o bieo no dorso da māi, junto ao tronco das azas e ahi vivem até poderem proeurar por si o sustento. « Isto assevero, escrevia-me ainda o Sr. Dr. Paes de Andrade, porque tenho por muitas vezes observado. Talvez de um facto semelhante nascesse o que se diz do *pelicano*, isto é, que se sustentam os filhos do proprio sangue da māi. »

Em uma ilha do lago de que teve o nome ou antes na mais formosa ilha do lago, na raiz de uma serra e olhando para o oriente, existe a freguezia de Saracá, hoje villa de Silves, eujo aspecto é por demais magestoso para quem de longe a eontempla.

Aldêa, com o nome de Saracá, sob a direcção dos religiosos mercenarios, foi em 1759 elevada á eategoria de villa, eom a denominacion que hoje tem, pelo governador Joaquim de Mello Povoas.

Eis a cópia do respectivo auto, mandado lavrar pelo dito governador:

« Anno do nascimento de Nossa Senhor Jesus Christo de mil setecentos e einecenta e nove, aos sete dias do mez de Março do dito anno, nesta aldêa de Saracá e praça publica, aonde veiu o Sr. governador desta capitania Joaquim de Mello Povoas, e estando ahi na mesma praça publica da referida aldêa junto o povo della e mais officiaes de milicias, que se aehavam presentes, pelo referido Sr. governador foi dito que elle, em observancia das ordens que sua magestade lhe mandava, erigia esta aldêa em villa, coa o nome de Silves, e que elle assim a dava por creada.

« Logo no mesmo lugar foi levantado o pelourinho, e por todo o povo dito por tres vezes « VIVA el-rei. » Do que tudo mandou fazer o dito Sr. governador a mim escrivão este auto, em que assignaram as testemunhas que presentes estavam. » (*Seguem-se as assignaturas.*)

Passando a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada á categoria de villa, por lei provincial de 21 de Outubro de 1852.

Segundo o ultimo recenseamento, a populaçao da villa e seu termo é de 3.457 almas.

Além da igreja matriz, que é uma das maiores da provin-  
cia, tem a freguezia tres capellas filiaes: a de Nossa Senhora  
do Rosario de Jatapú, edificada por Manoel Antonio, *tuchaua*  
ou prineipal dos Pariquis; a de Sant'Anna do Atumã, edifi-  
eada em 1845 pelo *tuchaua* dos Aruaquis, Caetano e pelo te-  
nente Vicente Ferreira de Macedo; e finalmente a capella de  
Sant'Anna do Paraná-miry, que é propriedade dos herdeiros  
de Crispim Lobo de Macedo, por quem foi edifieada.

Por acto do governo provincial de 16 de Janeiro de 1874

foi o municipio de Silves elevado a termo, com fôro civil e jury.

Os generos que exporta são: cacáo, pirarucú, borracha, castanha, breu, estôpa, cravo, oleo de copahyba e algum tabaco.

A farinha, o milho e o café mal chegam para o seu consumo. O arrôz e o feijão vão-lhe do Pará, e por causa da extracção da borracha vai desinhandando a sua lavoura.

Um dos generos de exportação em que mais prima esse municipio é o da manteiga de ovos de tartaruga.

Não vem fóra de propósito mencionar aqui o processo por que a fabricam nas duas provincias do valle do Amazonas.

Cavam na praia os ovos que as tartarugas alli depositam durante a vasante dos rios. Enchem com elles uma montaria ou canôa pequena, esmagando-os com os pés, como fazem os amassadores de barro, e, deitando-lhes um pouco d'água, deixam à natureza o trabalho de separar das outras materias, que entram na composição do ovo a parte gordurosa, a qual fica na superficie, de onde é tirada para se depurar em taxos ao fogo.

Depois, cu enchem potes com ella, se o lugar em que foi fabricada não fica longe de algum povoado ou porto de embarque, ou levam-na em grandes coxes para esses portos, e dahi passam-na para potes, como aparecem no mercado.

Os coxes são tóros, de muitos palmos, de grandes cedros ou outras quaesquer arvores grossas e pouca rijas, nas quaes abrem um grande bôjo, em que depositam a manteiga, fechando-os depois com uma tampa, tambem de madeira, que calafetam.

Tem elles a vantagem, sobre qualquer vasilha, de virem botando, amarrados a uma espia ou corda e puxados por uma montaria, se a viagem é em agua morta ou em rio abaixo.

No tempo em que o celebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira visitou o Pará, era a manteiga dos ovos de tartaruga uma das industrias ahi mais usadas; e o processo era então pouco mais ou menos o que ainda hoje se emprega. Eis como elle o descreve.

« Juntam-se aos montes nas praias os ovos que se descobrem nellas; se se quer que funda mais a manteiga, deixa-se fermentar, de 4 a 5 dias, mas então ella sahe rançosa e com mao cheiro. Se os ovos se preparam frescos, são logo mettidos em uma canôa, que de propósito está reservada para este uso, e aos pés os vão pisando, como em Portugal se faz ás uvas.

« Sobre os ovos pisados lançam agua, a qual depois de mechida e encorporada com elles, deixa sobrenadar o oleo; com a mesma agua se dissolve parte da clara: as cuias e com preferencia as valvulas das conchas *itans*, são as colheres com que tiram de cima d'água o oleo que sobrenada e o lançam dentro dos tachos. Segue-se irem ao fogo, esfriar depois a manteiga em panellões à parte e delles mudar-se para os potes. Esta manteiga serve para temperar o comer, frigir o

peixe, entreter as luzes domesticas e se encorporar com o breu, quando o fazem para calafctarem canôas.

« Tambem se faz manteiga das banhas da tartaruga, acrescenta elle. Consiste o methodo de as fazer, em frigir simplesmente as banhas. Se as fregem frescas, a manteiga sahe boa para com ella se temperar o comer, nem se lhe presente cheiro, nem sabor máo. Não usam della para luzes, porque nem ella é tanta como a dos ovos, nem se conserva fluida como a delles. »

A'cerca do desovamento das tartarugas prefiro a fazer descripção propria, transcrever aqui a minuciosa noticia que dá o padre Antonio Vieira.

« Nos mezes de Novembro e Dezembro, escreveu aquelle homem, tão conhecedor das cousas do Pará, sahem do rio grande quantidade dc tartarugas, que vêm criar nos areaes dc algumas ilhas, que pelo meio deste Tocantins estão lançadas. O modo da criação é enterrarem os ovos que cada uma põe em numero de 80 até 100, e cobertos com a mesma aréa os deixam ao sol e á natureza, a qual sem outra assistencia ou beneficio da mãi, os eria em espaço pouco mais ou menos de um mez. Destas cóvas sahem para as ondas do mar por instincto da mesma natureza, a qual tambem os ensina a sahir de noite e não de dia, pela guerra que lhes fazem as aves de rapina, porque toda a que antes de amanhecer não alcançou o rio, a levaram nas unhas. Sahem estas tartaruguinhas tamanhas como um caranguej, pequeno, mas nem esta innocencia lhe perdoaram os nossos indios, comendo e fazendo matalotagem porque são delicia e havia infinidade dellas. Os portuguezes as mandam buscar aqui e as têm por comer regalado, e a mesma informação nos deu tambem o padre Manoel de Souza, o qual está já tão grande pratico, que sendo todos os outros, que aqui viemos, mazombos, elle é o que menos estranha esta diferença de manjar.

« A estas mesmas praias vêm no seu tempo quasi todo o Pará a fazer a pesca das tartarugas, que cada uma pesa ordinariamente mais de uma arroba; e assim as tem em curraes ou viveiros, onde entra a maré e as sustentam, sem lhes darem de comer, salvo algumas folhas de aninga, arbusto que nasce pela borda dos rios, sustentando-se delias quatro e seis mczes.

« A carne é como a dc carnciro e se fazem della os mesmos guizados, que mais parecem de carne, que pescado. Os ovos são como os de gallinha, na côr, e quasi no sabor, a casca mais branca e de figura differente, porque são redondos, e delles bem machucados se fazem, cm tachos as bellas manteigas do Pará; e o modo com que se faz esta pesca requer mais noticia que industria, pela muita cautela e pouco resistencia das tartarugas. Quando vêm a desembarcar nestas praias, trazem diante de si duas, como sentinelas, que vêm a espiar com muita pausa; logo depois destas, com bom espaço, vêm oito ou dez, como descobridores do campo, e depois dellas, em maior distancia, vem todo o exer-

cito das tartarugas, que consta de muitos milhares. Se as primeiras ou as segundas sentem algum rumor, voltam para traz e com ellas as demais e todas se somem em um momento; por isso, os que vêm á pesca se escondem todos por detrás dos matos e esperam de emboscada com grande quietação e silencio.

« Sahem pois as duas primeiras espías, passeiam de alto a baixo toda a praia e como estas acham o campo livre, sahem tambem as da vanguarda e fazem muito de vagar a mesma vigia, e como dão a campanha por segura entram á agua e voltam, e depois dellas sahe toda a multidão do exercito com os escudos ás costas e começam a cobrir as praias e a correr em grande tropel para a mais alta dellas. Applica-se cada uma a fazer sua cova e quando já não sahem mais e estão entretidas, umas no trabalho, outras já na dôr daquella ocupação, rebentam então os pescadores da embuscada, tomam a parte da praia e remettendo ás tartarugas, não fazem mais que ir virando e deixando; porque estando viradas de costas, não se podem mais bolir, e por isso estas praias e estas tartarugas se chamam de viração. »

Nesta circumstanciada e muito exacta noticia apenas acrescentarei algumas palavras.

Dias antes do desovamento, costumam as tartarugas ir estacionar nos baixios fronteiros á praia e ahi como sentinelas vigilantes, levam a boiar de instante a instante, como espreitando a praia. No dia anterior ao desovamento, sahem á praia, por alta noite, e mui cautelosamente, duas tartarugas, sendo uma de grandes dimensões e que faz como de ordenança ou guarda costas, e outra pequena, de casco branco, a que denominam «mái das tartarugas». Percorrem ambas a areia mais saliente da praia e se a julgam no caso de servir, traçam alli as linhas divisorias do *taboleiro*, isto é, do perimetro em que devem desovar, e cuja demarcação, salvo caso de força maior, é respeitada pelo exercito das tartarugas. Embora esteja demarcado já o *taboleiro*, nunca sahem á praia para desovar em tempo chuvoso e sómente quando o céo está limpo e sopra vento de leste ou geral.

Terminado o desovamento, voltam ao rio, e alli estacionam, boiando incessantemente e espreitando o *taboleiro*, como para chocarem os ovos á imitação dos jacarés, até que das covas possam sahir as tartaruguinhas.

O rio *Atumã* ou *Uatumã* lança-se no Amazonas entre o lago *Saracá* e o ribeiro *Cararaucú*, cinco leguas acima de sua foz recebe pela margem esquerda o rio *Jatapú* e 35 acima desta o rio *Paranápitanga* pela margem direita. Corre de norte para sul, geralmente em leito desigual e pedregoso. Tem diferentes cachoeiras que mais ou menos lhe embraçam a navegação. São apenas conhecidas as seguintes: *Máximiana*, é a maior das que são conhecidas, *Caparú*, *Uauassú*, *Muruty*, *Balbina*, (pequenas), *Tucumari* (grande), *Itapiranga* (pequena e além da foz do *Paranápitanga*), *Iauá-caca*, *Tabocas* (grandes).

Desta ultima cachoeira para cima é ainda desconhecido o curso do rio.

As aguas do *Atumã* são escuras e piscosas e nas suas margens abundam o breu, o cravo e a copahyba. Nas matas encontram-se diferentes madeiras, sendo mais notaveis as seguintes: angelim, acapurana, carapanáuba, capitari, castanheiro, itaúba, itaúba-jutairana, itaúba preta, itaúba-rana, jacarandá, jutahy-assú, jutahy-miri, louro preto, louro amarelo, louro-branco, macaranduba, murajuba, mapara-juba, macacaúba, pão de rosa, pão amarelo, pão pintado, tatajuba, uacapúrana.

Rega este rio e seus confluentes um extenso territorio ainda pouco conhecido, no qual se presume terem-se refugiado muitas nações indigenas, para se subtrahirem á perseguição dos exploradores. Dellas apenas posso mencionar a tribo dos *Bonaris*, que viviam nas altas florestas do rio *Atumã*.

Eram os *Bonaris* indios de phisionomia alegre e expansiva, de muito boa indole, doces, asseaiados e amigos do trabalho. Levados para Sant'Anna do *Atumã*, por diligencias do padre Nuno Alves do Couto, foram infelizmente ceifados em pouco tempo pela enfermidade, de modo que delles apenas existe uma mulher, que reside em Silves.

Ao illustrado vigario de Silves devo o prazer de transcrever aqui as seguintes palavras do dialecto *Bonaris*:

*Deus Tupan.*

*Céo Moica-paá.*

*Terra Nonó.*

*Ar Cabù.*

*Fogo Uatù.*

*Agua Tuná.*

*Luz Ataquicê.*

*Sol Ueiù.*

*Lua Quecê.*

*Trovao Darará.*

*Chuva Cunobá.*

*Vento Iriané.*

*Frio Tecominhaá.*

*Calor Atupeuá.*

*Rio Tuná.*

*Homem Uqueré.*

*Mulher Uauri.*

*Cabeça Iriopó.*

*Vista Nurubá.*

*Ouvido Pianaré.*

*Filho Mecó.*

*Irmão Mimien.*

*Marido Unhô.*

*Esposa Upuiten.*

*Peixe Uutu.*

*Um Abané.*

*Dous Pademacá.*

*Tres Uruá.*

Cinco *Abacai*.  
Olhos *Nurubá*.  
Velho *Tapoucù*.  
Velha *Nafoucu*.  
Branco *Tiadá*.  
Preto *Tapaiuna*.  
Casa *Abenó*.  
Arco *Urapá*.  
Frecha *Puréná*.  
Corda *Ubudiana*.  
Criança *Pitianhen*.  
Dente *Jorê*.  
Moça *Meacobá*.  
Avô *Tamunhã*.  
Avó *Uemi*.  
Almoço ou jantar *Ahivana-cocen*.  
Dança *Timiará*.  
Segunda feira *Mocoin*.  
Terça feira *Uruá*.  
Quarta feira *Catatié*.  
Quinta feira *Ipina nhuman*.  
Sexta feira *Ianano*.  
Sabbado *Abacaêna*.  
Eu *Nuané*.  
Tu *Jarunuané*.  
Elle ou ella *Amurú*.  
Nós *Aman*.  
Elles ou elles *Itiabá*.

Existem no rio *Atumã* duas povoações : a de *Uatumã*, fundada em 1814 por Chrispim Lobo de Macedo e formada de indios *Aruaquis*, e a povoação de *Jatapú*, fundada em 1819 pelo tuchaua dos *Pariquis* Manoel Antonio da Silva ; sendo esta logo acima da foz do rio, que lhe deu o nome e aquella cinco leguas mais distante.

Immediatamente abaixo da sua entrada no Amazonas, onde toma o nome de *Paraná-miri da Capella*, principia a corrente do *Cararaucú*. E' tão violenta ahí a correnteza do rio, que obriga o viajante a procurar a margem opposta. Na extrema norte ha um *caldeirão*, cujo estampido se faz ouvir a algumas milhas de distancia.

No rio *Jatapú* ha as seguintes cachoeiras conhecidas:

- *Cururú* ou *Cachoeira-grande* : é a maior de todas.
- *Uanamã*: é pequena.
- *Picapan*: é grande.
- *Passarinho*: é pequena.
- *Paraná*: é pequena.
- *Caxiri*: é grande.
- *Carajurú*: é pequena.
- *Sapucaia-roca*: é grande.

Desta ultima cachoeira para cima é desconhecido o curso do rio.

Pela margem direita entra no Amazonas o rio *Urariá* (1) ou *Tupinambarana* ou ainda *Ramos*, nome por que é geralmente conhecido.

Este rio augmenta o volume de suas aguas, recebendo as dos rios *Canumã*—*Abacaxis*—*Apiquiribó*—*Apoquitiba* ou *Apucutaua*—*Maué-assú*—*Maué-miri*—*Maçauary*—*Andirá* (2)—*Mamurú* e *Uaicurapá* (3) e tambem dos lagos *Maximo*, *José-miri* e *José-assu'*.

---

(1) Disseram-me pessoas da localidade, que tinha este rio o nome de *Uraria* porque em suas margens abundava o cipó *uirary*, com que preparam os indios o celebre veneno do mesmo nome.

Fallando deste cipó que em grande quantidade cresce nas margens do Rio Branco, diz o Sr. Gustavo Wallis :

“ Com esta planta a natureza novamente deu a prova de que o aspecto exterior das plantas venenosas, mesmo para os olhos do leigo, não deixa desmentir o seu caracter duvidoso e maligno.

“ Contemplando-se as folhas veem-se cobertas, não só em cima como em baixo, de cabellos vermelhos. A nervura do mesmo modo tem o seu que de extraordinario, partindo do fundo da folha em forma triplice, e mais adiante vai partindo do nervo principal um par de nervos filiaes, correndo assim cinco nervos longitudinalmente pela lamina da folha á ponta. Não só a folha, mas tambem os pedunculos e até os ramos, são cobertos de cabellos. Só os ramos mais desenvolvidos apresentam-se descobertos, tendo porém uma casca grossa e rugosa, sendo esta a parte da planta, que serve para o fabrico do veneno. ”

(2) Nas barreiras da foz do rio *Andirá* encontra-se em grande quantidade excellente tabatinga vermelha e tabatinga branca ou giz.

Disse-me o Rvd. Sr. vigario Manoel Justiniano de Seixas, sobrinho do falecido senhor arcebispo marquez de Santa Cruz, que foi com esse giz, diluido em agua e leite de sorva, que caiou as paredes da velha matriz do *Andirá*, que não só ficaram alvissimas, como não deixam vestigios nas roupas dos que nellas se encostam. Disse-me tambem que havia com abundancia tabatinga amarella da melhor qualidade no rio *Araticú*, cabeceira do *Andirá* e que nas matas que margeam este rio ha arvores de pão-brasil.

(3) Ha no rio *Uaicurapá* á uma legua de distancia da fóz, uma ilha denominada do *Cavallo Marinho*.

Forma ella uma bella collina ; que domina aquellas circumvisinhancas

E' crença geral entre os indios e que se foi tambem transmitido á gente civilisada, que por alli habita, que no cimo da collina existe um lago, que é habitado por um grande peixe, que tem as fórmas de um cavallo. D'ahi pois o nome de ilha do *Cavallo Marinho*.

Sendo ella toda de terra firme, isto é, não sujeita ás inundações, de bello aspecto e de terreno proprio para a lavoura, é entretanto tal o terror que incute o phantastico monstro, que ninguem ainda ousou explorar a ilha, achando-se ella completamente deserta. No verão e quando as praias mostram-se descobertas, encontram-se em diferentes pontos uns como resíduos, nos quaes notam-se ossos, escamas, pennas, etc. Dizem os indios que são as fezes lançadas pelo peixe mysterioso.

O Urariá ou *Tupinambarana* ou *Ramos* não é mais do que um braço que o *Madeira* deita para E., 12 leguas acima de sua fóz, entrando no Amazonas 50 leguas abaixo della (1).

E' ainda conhecido pelo nome de *Furo de Canumã*.

Forma este *furo* a ilha de *Tupinambarana*, mais conhecida pelo nome de ilha de *Maracá*, e que é talvez a maior das ilhas do Amazonas, depois da de *Marajó*.

Demora a ilha de *Maracá* á margem direita do Amazonas, formando na parte superior a foz do *Ramos* e na inferior a do *Paraná-miri* do *Limão*, que a separa de *Villa Bella*.

Na sua longa extensão, que é calculada em 50 leguas, abrange ella a margem esquerda do mesmo *Ramos* até a divisão da ilha em que está situada *Villa Bella* e contém em si diferentes lagos, de que são mais notaveis os seguintes: *Urucurituba*, *Sumauma*, *Paulo*, *Bôto*, *Saracura* e *Muratinga*, nos quaes preparam-se milhares de arrobas de *pirarucú*; e finalmente o *Bahiano*, onde se trabalha em borracha.

Quasi todos esses lagos são habitados e em um delles, o *Sumauma*, a criação de gado tem apresentado resultados satisfactorios, bem como na margem do *Limão*.

No lado da ilha banhado pelo *Ramos*, tambem lisongeiro é o estado da agricultura.

Segundo a opinião mais geral, diriva-se o nome da ilha da tribu *Maracá*, que habitando á beira mar, e envolvida no exterminio que sofreram os *Tupinambás* dos quaes era aliada, teve de fugir, achando nesta ilha seguro asylo.

Diz-nos a historia que exterminados os *Tupinambás*, no tempo do governo do Dr. Antonio Salema, para o norte retirou-se o resto da grande nação, e que detida pelo Amazonas, estabeleceu-se á margem meridional do grande rio.

Tambem diz-nos que com os *Tupinambás* foram levas de outras nações, como os *Maracás*, *Tupiaes*, etc. Dessa reunião de gente de diversas nações, sem duvida de costumes e usos diferentes, parece que nasceu a incerteza em que se acharam os indigenas do Amazonas de reconhecerem nesses restos, que se subtrahiram á perseguição dos conquistadores, os verdadeiros *Tupinambás* e d'ahi certamente procede a denominação de *Tupinambarana* (*Tupinambá* não verdadeiro) (2), que não só deram á ilha, como tambem a seus

---

(1) A' margem direita do *Ramos*, no espaço que fica entre a fóz do *Paraná* de *Maués* e a do lago das *Garças*, observa-se no verão uma especie de *pororoca*, da qual até hoje se ignora a origem. Denuncia-se o phenomeno por um entumescimento rapido na superficie das aguas e sómente naquelle espaço e margem, o qual occasiona uma ondulação mais ou menos forte, segundo a sua maior ou menor intensidade e desapparece com a mesma rapidez, deixando nas areias molhadas da praia o vestigio da sua passagem.

(2) *Rana*, diz o Sr. G. Dias, exprime degeneração, illegitimidade, falsidade de objecto a que se applica. *Itajubá-rana*—ouro falso—*Canarana*—cana bravia—*Juniparana*—jenipapo do mato—*Tupinambá-rana*, filho illegitimo, que não é verdadeiro.

habitantes e a outros da mesma origem e procedencia, que fizeram assento em terras do rio *Uaycurapá* e que annos depois retiraram-se para o rio *Tapajós*, onde fundaram a aldêa de *S. Ignacio*, missionada pelos jesuitas e actualmente conhecida pelo nome de *Boim*.

Quando o padre Christovão da Cunha, em sua viagem de Quito em companhia de Pedro Teixeira, desceu o Amazonas, foi na ilha *Maracá*, que ouviu a narração das façanhas bellicosas das amazonas que Orellana disse ter encontrado na foz do Nhamundá.

E' admiravel a uberdade do solo da ilha de *Maracá*, e aquelles que a procuram para alli se estabelecerem, vêm sempre compensado o trabalho que empregam.

Infelizmente, porém, muito pequena tem sido até agora a corrente da população, e á excepção da margem do *Ramos*, onde ha alguns sitios bem plantados, ainda a ilha se acha muito deserta.

E por fallar na ilha de *Maracá*, não será fóra de proposito dizer aqui algumas palavras ácerca desse celebre instrumento a que dão os indios o nome de *maracá*.

E' o *maracá* dos indios um instrumento de côco grande ou sapucaia, preso a uma pequena vara, e dentro do qual mettem seixos ou caroços de varias frutas, duros e accomodados a fazer muito ruido servindo-se dos menores nas suas festas e dos maiores nas guerras.

O *maracá*, diz o capitão-tenente Amazonas, instrumento sagrado dos *payés*, é uma fruta silvestre, de casca duríssima, configuração oblonga, e oito pollegadas de extensão, a qual secca torna-se ôcca e seus caroços soltos, e como que petrificados, prestam-se ao effeito do som, que se lhe tira por meio de oscillações.

*Martius* negou o uso mistico deste instrumento; entretanto que *Odoland Desnos*, em sua mythologia, eleva o *maracá* a uma divindade do paganismo brazileiro, a qual era invocada nas grandes occurrences da nação.

« Estes *maracás*, escreve o padre Vieira, eram propriamente os seus cymbalos ou sinos, tanto assim que depois que viram os sinos de que nós usamos, lhes chamam *itamaracás*, que quer dizer *maracás* ou sinos de metal. »

Davam o nome de *maracatim* ou *maracatisás* canôas que preparavam para o serviço da guerra e differençavam-se das outras por levarcm hasteado á prôa um *maracá*, com o fim, suppõe alguns de entibiarem, pelo som deste instrumento, o ardor dos contrarios.

Ainda hoje dão o nome de *marucatis* aos nossos navios de guerra e o de *maracatiára* aos commandantes.

O Sr. G. Dias dá o nome de *igaratins* ás canôas em que iam os chefes e que se differençavam das outras em terem um maracá na prôa.

« As maiores embarcações dos indios, diz ainda o padre Antonio Vieira, chamam-se *maracatim*, derivado o nome da palavra *maracá*, que, como dissemos, significa entre elles *sino*, e a razão de darem este nome ás suas maiores embar-

cações, era porque quando iam ás batalhas navaes, quaes eram ordinariamente as suas, punham na prôa um destes *maracás* muito grandes, atados aos gurupézes, ou páos compridos, e bolindo de industria com elles, além do movimento natural das canôas e dos remeiros, faziam um estrondo barbaramente bellico e horrivel.

« E porque a prôa da canôa se chama *tim* (tirada a metáphora do nariz dos homens ou do bico das aves, que tem o mesmo nome), e juntando a palavra *tim* com a palavra *maracá*, chamavam aquellas canôas ou embarcações maiores *maracatim*; e este nome usam ainda hoje e com elle nomeam os nossos navios. »

No Paraná-miri do *Limão*, que divide a ilha de Maracá da ilha em que está assentada Villa Bella, está o lago *Meruxinga*, que é o nome que dão a uma pequena mosca, que alli abunda. Dizem que tal é a quantidade, que ha occasões em que nem se pôde fallar. Observam os que por alli passam, que ellas surgem do fundo do lago e voam logo que chegam à superficie.

A ilha em que se acha situada *Villa Bella*, caheça da comarca de Parintins, é contorneada ao norte pelo Amazonas, ao sul pelo *Ramos*, a oeste pelo Paraná-miri do *Limão* e a sudoeste pelo Paraná-miri do *Limãozinho*. Está situada a villa sobre a barranca do Amazonas, em uma planicie magnifica, que vai terminar nas margens dos lagos da *Francesa*, *Macurani*, *Aninga*, e *Redondo*, e do rio *Paraná-nema*. No centro dessa planicie ha uma campina espaçosa, a que denominam, *Campo grande*.

O lugar que hoje a villa ocupa, era ocupado por uma fazenda, de propriedade do capitão José Pedro Cordovil, que alli foi estabelecer-se com o fim de applicar sens escravos e aggregados á pesca do pirarucú nos lagos existentes na ilha. Obtendo, no reinado de D. Maria I, por sesmaria, todo o terreno comprehendido da foz do logo *Mirity* á do lago *José-assú*, onde ainda hoje se vêm alguns cacaoes por elle plantados, mudou a sua residencia para o lugar que lhe fora concedido e offereceu á rainha o sitio que tinha na ilha e que foi aproveitado, mandando a soberana fundar alli uma missão com o nome de *Villa Nova da Rainha*.

Seu primeiro missionario foi o carmellita Fr. José das Chagas, que lhe prestou immensos e importantissimos serviços. Um delles foi a viagem que fez ao rio *Guarajatuba*, dc onde conduzia varias familias da tribu *Maués*. Estabelecidas estas na nascente povoação, applicaram-se ao trabalho de roças e cafezaes nas margens pittorescas do rio *Paraná-nema* e do lago *Macurani*, proximos ao povoado.

Por alguns annos estiveram alli aquelles indios, mas desgostosos com a retirada do missionario, abandonaram muitos as casas que tinham na povoação e espalharam-se pelos rios *Mamurú*, *Uacurapá* e *Andirá*. Foram tambem a isso obrigados, por haverem sido, quasi ao mesmo tempo, remettidos para a missão, nor ordem do governador, como exillados, alguns indios de uma tribu do Rio Negro, os quaes viviam

em constantes depredações, causando graves prejuizos á colónia portugueza daquelle rio. Não querendo os *Maués* unir-se a estes, preferiram retirar-se.

A mudança de Fr. José de Chagas foi devida a desinteligencias com o capitão José Pedro Cordovil. Retirando-se da missão de *Villa Nova da Rainha*, foi fundar uma outra com *Mundurucis*, que é a actual freguezia de *Canumã*.

Fr. José das Chagas era o verdadeiro typo do missionário, o amigo dedicado dos indíos, que também lhe votavam essa affeição sincera e profunda dos filhos dos selvas.

Tratava os seus cathecumenos com a maior doçura; verdadeiro apostolo da caridade, repartia com eles do que possuia, consolava-os em suas contrariedades, tratava-os com desvelo em suas enfermidades, fornecendo-lhes não só os medicamentos necessários, como a dieta.

E não era sómente aos indíos que estendia a sua generosidade. Possuindo alguma fortuna, della dispunha em benefício publico e principalmente na sustentação e brilhantismo do culto. Em testemunho desta asserção, ainda estão em *Villa-Bella* os ricos paraimentos, que servem nas grandes solemnidades, o frontal, o missal e outros objectos, que por elle foram comprados e doados á matriz.

Também foi por elle doado ao seu convento em Belém, no tempo em que alli serviu de prior, o orgão, que ainda hoje lá funciona.

Depois de uma vida affanosa, toda dedicada as serviço do proximo e á catechese dos indíos, já adiantado em annos e eni estado de caducidade, falleceu na Villa de Borba, deixando nessa parte do Amazonas um nome que por largos annos alli será repetido com a mais profunda veneração e respeito.

Fallava Fr. José das Chagas com muita graça e propriedade a lingua geral ou tupica e no pulpito sómente della fazia uso quando se dirigia aos indíos.

Foi o verdadeiro Las-Casas e Anchietta da Mundurucania. *Villa Bella da Imperatriz* talvez só a elle deva a sua existencia e a sua tal ou qual prosperidade; *Canuman* mereceu-lhe particular solicitude; a aldeia de S. José de Matary foi, por assim dizer, creada por elle; *Borba* sentiu os effeitos de sua mão benficiente; em uma palavra, toda a região da Mundurucania conserva ainda bem viva a lembrança do seu nome, das suas virtudes e dos seus benefícios.

Elevada a missão de *Villa Nova da Rainha* á freguezia, foi per deliberação do conselho geral da província do Amazonas, denominada *Tupinambarana*; e elevada á villa, por lei provincial de 15 de Outubro de 1853, passou a denominar-se *Villa Bella da Imperatriz*.

Seria hoje o municipio de *Villa Bella da Imperatriz* o mais importante da província do Amazonas, se a emigração para os seringaes não houvesse tolhido o seu engrandecimento. A plantação de cacáo desenvolveu-se por algum tempo em larga escala, mas o desejo de *amontoar riquezas em poucos annos*, como costumam apregoar os interessados na extracção

da borracha, veiu paralysar de alguma sorte essa verdadeira fonte de riqueza. Entretanto ainda o municipio de Villa Bella é o que, na provincia do Amazonas, exporta maior quantidade desse genero.

Tambem é feita, em não pequena escala a salga do pirarucú, que é exportado para os mercados do Pará (1).

---

(1) A *salga do pirarucú* é uma das cousas mais curiosas do Amazonas.

E' feita annualmente nos lagos e dura pouco mais ou menos tres meses.

Começa quasi sempre em Setembro, quando já tem baixado os lagos deixando a descoberto as praias.

Principia então a emigração. Os filhos do Amazonas, que habitam o povoado, retiram-se para os sítios em que é costume fazer-se a salga e levam consigo não só os petrechos da pesca, como tudo quanto em casa possuem.

As montarias cortam as aguas dos rios; é uma verdadeira emigração de familias inteiras, que deixam a casa completamente abandonada. Depois de haverem escolhido um sítio asado, levantam uma pequena barraca de palha e alli passam os tres mezes de salga, que chamam de farfura, pescando piracurú, salgando-o e secando-o ao sol em giráos, para venderem-no aos negociantes, que la mesmo o vão buscar.

E' assinl pois que despovoam-se por esse tempo as villas e sítios á margem do Amazonas, ficando seineados de barracas, a que dão o nome de feitorias, os lagos de salga, como o *Parú* e o *Lago Grande* no distrito de Obidos e o *Muriacu* e *Mucuricanan* no distrito de Faro.

Alli, fumando o seu cigarro de *Tauary*, que dura o dia inteiro e ás vezes mais de um dia, vê-se o pescador correndo o lago, sentado á prôa de uma canôa, que leva na pôpa um remo amarrado para aguental-a, e remando de quando em vez, mas muito de manso, à espera que o peixe boie. Fal-o este ás vezes com tal rapidez, quesó a vista fina do pescador adestrado é capaz de conhecer a direcção que tomou, pela impressão da cauda do peixe, que fica á superficie das aguas. Então rapido atira a hastea, feito o necessário desconto e vai pegal-o no fundo, onde mais seguro parecia estar.

Outras vezes reunem-se muitos pescadores, postos em linha, percorrem o lago em unia mesma direcção e todos n'uma mesma posição obrrigada á prôa das canôas, com as hasteas mettidas n'água, mas de modo que a fisga não toque no fundo, o que evitam, tomando primeiro a altura das aguas.

Assim fazem seguir as canôas, á espera que a fisga esbarre no peixe, e logo que o sentem, recuam a hastea e impellem-na com força na direcção que suspeitam ter seguido o peixe. Chamam a isto pescar de fisga, o que não só é mais difícil, por não se poder conhecer facilmente o movimento do peixe pelo simples esbarrar na fisga, como tambem muito mais perigoso, por isso que, sendo o peixe encontrado muito proximo e sendo para diante o impulso dado a hastea, acontece muitas vezes que na occasião em que a fisga entra no peixe, recua de salto a hastea e pôde nesse movimento encontrar o pescador e atravessal-o.

Com os nomes de *pindá-siririca* e *pindá-uiciuáca* designam os indios duas maneiras de pescar o tucunaré que é um dos peixes aqui mais estimados.

Os dados estatisticos da exportação dos generos de Villa Bella, fornecidos pela repartição fiscal não apresentam a realidade della em vista do grande contrabando que alli se faz, podendo-se sem receio de errar, acrescentar áquelles dados mais uma terça parte. O contrabando é feito em pequenas canôas para o porto de Obidos e dellas baldeado para os vapores que navegam das duas provincias. A diminuição na exportação de Villa Bella faz augmentar a de Obidos, de modo que o municipio desta ultima cidade exporta até generos que não possue. Não ha alli, por exemplo, um só

---

Consiste a primeira em ligar pequeninas pennas encarnadas ou outra qualquer materia de igual cõr, como pedaços de baêta chita, etc., ao estorvo de um anzol (*pindá*) em linguagem indigena, de modo que este fique occulto. Isto feito o pescador segurando a vara do anzol, vai com elle frisando de leve e ligeiramente a face d'agua; então o *tucunaré*, que se alimenta de peixinhos, muitos dos quaes tem as barbatanas encarnadas, vendo esta cõr passar a flor d'agua e supondo ser algum dos que ordinariamente faz o seu pasto, arremessa-se contra o anzol com a voracidade de que é dotado, ficando assim fiscgado.

A segunda differe da primeira em que, em vez de ser atada a uma vara a linha do anzol, atam-na á pôpa de uma montaria, que o pescador fazendo correr velocemente á força de remos, faz que o anzol vá tambem correndo á flor d'agua, e dê em resultado o mesmo effeito que a primeira. Nesta segunda maneira, é necessario que a linha seja muito comprida, para evitar que o ruido dos remos affugente o peixe.

A maneira mais curiosa e quiçá a mais difficult de pescar, é com a frecha. E' sobremodo admiravel a destreza e habilidade com que os indios frecham as tartarugas. Lançam para o ar a frecha, que, subindo, descreve uma parabola, e vai certeira cravar-se no animal, que subiu á tona d'gua para por momentos respirar.

Com o harpão, além do pirarucú, prêam peixes de maior corpulencia, como peixe-boi e outros.

Com as rôdes, nas praias e enseadas, a pescaria é assaz productiva, mórmente na passagem das *píracemas* (cardumes) de jara quis, uaracús, sardinhas, etc. Tambem servem-se da rôde para apanhar o peixe-boi. Com ella tapam a boca dos lagos em que elle abunda e harpoam-no na occasião em que, querendo sahir, esbarra com o embarago que lhe puzeram.

Tambem do mesmo modo apanham o irarucú com o *cacury* ou tapagem feita de páos fortes.

A peior maneira de pescar é com o *timbo*, que envenena a agua para envenenar o peixe.

A' noite, com fachos, fazem tambem uma pescaria a que dão o nome de *pira-kerá*. Vão duas montarias quasi unidas, levando na prôa archotes feitos com talas da palmeira *uaramã*. Remam com toda a força e o peixe sobresaltado pelo ruido e deslumbrado pelo clarão, começa a pular nas canôas.

Com a *gaponga* tambem pescam. Amarram um osso de uma pollegada de comprimento e de igual grossura a uma linha de uma braça de comprimento presa a um caniço e fazem-no cahir n'agua. O peixe, acudindo ao ruido, engole o traiçoeiro anzol, que o mata.

guaranaceiro, e entretanto exporta centenas de arrobas de guaraná !

Tem a ilha em que se acha Villa Bella, em seu ambito, 22 lagos, que se dominam Macurani, Franceza, Laguinho, Cacata, Boia-assú, Muratuba, Comprido, Uariboa, S. Braz, Acará-miri, Acará-assú, Lago grande, Rodrigo, Piranhas, Colhereira, Paciencia, Isidro, Tracajá, Taiassú, Meruxinga, Redondo e Aninga.

Os dezenove primeiros dão agua para o rio Paraná-nema.

Ultimamente se tem alli desenvolvido o gosto pela criação de gado e dentro da ilha se acham principiadas 25 fazendas que já contam 850 cabeças.

Quasi no mesmo tempo em que se fundava a missão de Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, começava tambem a povoação de *Luséa*, depois *Maués* e actualmente *Villa da Conceição*.

Está situada á margem direita do rio *Maués* (*Guaraububa*), que á pequena distancia lança suas aguas no *Ramos*.

Foi fundada em 1798 por Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto (e não *Porto*, como se acha no diccionario do capitão tenente Amazonas e na corographia do coronel Ignacio Accioli).

Dos nomes de seus fundadores, isto é, da primeira syllaba do primeiro e da ultima do segundo, formaram a palavra *Luséa*, nome que teve enquanto foi missão.

Elevada á villa, por deliberação do conselho geral, foi-lhe mudada a denominação de *Luséa* pela de *Maués*, que em 1865 foi ainda substituida, por acto da assembléa provincial do Amazonas, pela de *Villa da Conceição*, que ora tem.

Em 1832 foi esta villa theatro de barbaridades praticadas pelos indios *Maués*, que em seu furor assassinaram diversos individuos. Era chefe dessa horda o *tuchaua* Mâoel Marques, que depois de terminada a carnificina, foi levar o facto ao conhecimento do ouvidor, na antiga villa da Barra, hoje cidade de Manáos. O missionario carmelita Frei Joaquim de Santa Luzia, é ainda hoje accusado, provavelmente sem fundamento, de ter insinuado aos indios essa matança.

E' de grande importancia o commercio que faz essa villa, com os individuos que de Cuyabá lhe vão comprar guaraná. A despeza, o trabalho e os riscos são grandes para esses homens que entretanto julgam-se compensados pelo alto preço, por que vendem aquelle genero em Cuyabá. Depois de uma penosissima viagem, desembarca o negociante cuyabano em *Itaituba*, porto do Tapajóz, seguindo dalli por terra até o rio *Manés*.

Segue d'alli embarcado até o porto da *Conceição*, onde, depois de effectuada a compra do guaraná, embarca-o em canôa e segue pelo Amazonas, até o porto de Santarem. Deste porto segue o genero embarcado no vapor da companhia de navegação (limitada) do Amazonas, que mensalmente faz o serviço da linha entre Belém e os portos de Tapajóz até Itaituba, onde é recebido nas canôas, que o tem de conduzir a Cuyabá.

Para a compra do guaraná no Andirá, fazem o mesmo trajecto, com a diferença de seguirem de Itaituba até aquella freguezia, sempre por terra.

O melhor guaraná conhecido é o que se fabrica no rio Mamurú, districto de Villa Bella.

A freguezia de Nossa Senhora do Bom Soccorro do Andirá (1) está situada em uma pequena elevação, à margem direita do rio Andirá, e de onde se descontina um magnifico panorama.

Foi Manoel da Silva Lisbôa, o primeiro que alli estabeleceu-se com uma pequena fazenda de gado e depois delle alguns indios da tribo *Maués*.

Dividido em quarteirões o districto da Villa Nova da Rainha, a que pertencia o Andirá, foi designado este rio como quarteirão e nomeado inspector um indio chamado Chrispim de Leão. No exercicio do cargo praticou este homem, de indole perversa, actos de tanta barbaridade, que foi necessário destituí-lo. Não desanimou porém Chrispim, com esta resolução e seguindo furtivamente para a capital, por tal fórmula illudiu o governo, que obteve deste, não só brindes para uma povoação de indios, que elle phantasiou, como recommendação ás autoridades de Villa Nova da Rainha para o protegerem e lhe darem consideração.

Contando com elementos tão favoraveis, não parou Chrispim de Leão no caminho dos desatinos; até que envolvendo-se na revolução de 1835, conhecida pelo nome de *Cabanagem*, pagou com a vida os males que havia causado. A ultima façanha desse máo homem, foi o incendio lançado por sua propria mão á nascente povoação do Andirá. Antes porém que a immensa fogueira ateada por elle houvesse desapparecido, morria Chrispim de Leão, atravessado por uma bala, lançando um ultimo e satanico olhar para a sua obra de destruição.

Ainda hoje no Andirá fallam desse homem com horror e repugnancia.

Ao mando de Chrispim de Leão, sahiram do rio Andirá os mais sanhudos *cabanos*, que atacaram Villa Nova da Rainha, obrigando os habitantes a procurarem refugio em Obidos. Foi ainda esse bando que forneceu muitos auxiliares para o famoso ponto do *Curumucury*, no districto de Obidos.

Terminada a revolução, foi nomeado inspector um outro indio, tambem Chrispim de nome, com quanto de melhor indole; o qual entretanto não deixou de praticar excessos, sendo o ultimo o facto de haver palmatoriado uma india, pelo que foi condemnado pelo jury de Manáos, não chegando porém a cumprir a sentença.

---

(1) A palavra *Andirá* ou *Andéra*, em lingua geral, quer dizer morcego. Proveiu-lhe esta denominação em consequencia da grande quantidade de morcegos, que alli havia. Hoje tem diminuido consideravelmente essa verdadeira praga.

Por lei provincial de 13 de Maio de 1873, foi transferida a séde da freguezia do Andirá para a margem direita do rio *Ramos*. Parece de summa vantagem essa medida, porque assim evitárá em grande parte os prejuizos que soffre a província do Amazonas com o contrabando, que se fazia pelas aguas do *Ramos*, sem poder ser impedido, quer pela collectoria de Villa Bella e quer pelas autoridades do *Andirá*.

Na margem direita do rio *Abacaxis* está situada a aldêa deste nome.

Foi seu fundador o *tuchaua* *Abacaxis*, dc quem lhe veiu, e ao rio que a banha a denominação que hoje tem.

Em vida desse *tuchaua*, alli chegou o Dr. José Eugenio, que fugia ás perseguições que em nome do governador e capitão general D. Francisco de Souza Coutinho lhe faziam em Belém, e vivendo cerca de quatro annos entre os Mundurucús, promoveu-lhes o aumento da aldêa, então ainda muito resumida. Livre depois o Dr. José Eugenio das perseguições que o fizeram viver no *Abacaxis*, retirou-se para Belém. Desgostoso o *tuchaua* *Abacaxis* com este acontecimento, abandonou a aldêa, então já muito populosa, permanecendo alli apenas dous indios de nomes Manoel Vicente e Alberto Magno. Este apossou-se da casa em que habitára o Dr. José Eugenio.

Depois de alguns annos, um José Machado foi unir-se aos dous moradores da aldêa abandonada, e ahi viveram os tres até o anno de 1835, em que, em consequencia da rebellião que assolou a província do Pará, retiraram-se Vicente e Machado para *Maués*, hoje villa da Conceição, onde se envolveram entre os rebeldes Alberto Magno, porém, continuou a viver em *Abacaxis*.

Ambrožio Ayres Bararoá (1), que, nestes tempos de lutuosas recordações, dictava a lei no Amazonas, mandou fundar um posto militar em *Abacaxis*. No anno de 1840 o conego Antonio Manoel Sanches de Brito convocou o *tuchaua* Joaquim José Pereira, e o animou a levantar uma capella, visto como nenhuma alli havia. Auxiliado o dito *tuchaua* pelo negociante Antonio Gonçalves Marques, deu começo á construção da primeira capella, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, cuja imagem, que ainda existe

---

(1) Ambrosio Ayres Bararoá é o nome do famoso caudilho que prestou relevantes serviços á causa da legalidade por occasião da revolução de 1835. Habitando a freguezia de *Thomar*, então conhecida pelo nome de *Bararoá*, tomou elle este appellido.

Conseguindo reunir grande numero de companheiros, com elles praticou actos de subido valor, infelizmente porém alguns mesclados de notável selvageria.

Commandando uma força no lago *Autaz*, em 1835, caiu prisioneiro, soffrendo morte bárbara da parte dos *Cabanos*, que, antes de lhe fazerem exhalar o ultimo suspiro, suppliciaram-no do modo mais inhumano e cruel.

e é muito perfeita, mandou-a o dito Marques vir á sua custa de Lisboa.

O *tuchaua* Joaquim José Pereira e seus parentes prestaram valiosíssimos serviços á causa da legalidade contra a revolução da *cabinagem*.

O distrito da aldeia de Abaraxis é vastíssimo, comprehendendo os rios Abacaxis e Pracony e os lagos Curupira, Jurupary e outros de menor importancia.

A margem direita do *Ramos*, a seis milhas da foz do Paraná-miri de *Maués*, está situada a pequena povoação denominada *Maçauary*, pertencente ao distrito da villa da Conceição.

Tem uma capella, cujo orago é Sant'Anna, edificada pelo vigario geral padre João Pedro Pacheco (1) e reedificada pelo conego Antonio Manoel Sanches de Brito.

A denominação de *Maçauary* provém de ser conhecido por este nome um velho *tuchaua* (2) da tribo *Maués*, que foi o primeiro a habitar aquellas paragens.

Os limites actuaes deste povoado são formados, na parte superior, pela foz do lago das *Garcas*, e na inferior, pelo lugar denominado *Tabacal*, tendo comunicação com a freguesia do Andirá, pelo *furo* a que dão o nome de estreito de *Macauary*.

Na extensão que estes limites abrangem, estão comprendidos 53 sitios e cerca de 300 vizinhos.

As terras uberrimas, que se estendem do *Tabacal* ao lago das *Garcas* e as de igual natureza no lago *Maçauary*, tem concorrido para a etas affluir alguma população, com cujo trabalho tem se desenvolvido a agricultura, avultando já a exportação, que alli se faz, de tabaco, café, farinha, guaraná, etc., sendo a margem opposta ocupada por cacaueas.

Esforçam-se os habitantes de *Maçauary* para que seja alli creada uma freguesia, medida geralmente reconhecida como necessaria, não só aos interesses publicos como aos particulares, sendo a distancia em que se acham da villa da Conceição, para cujo porto são precisos quasi douis dias de pe-

---

(1) O vigario geral padre João Pedro Pacheco falleceu em Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, a 28 de Setembro de 1837.

Misterio é ainda hoje a causa de sua morte. Havendo soffrido em douis dias consecutivos violentas dôres de cabeça, sem ter tomado alimento alguma, á excepção de algumas chicaras de café, chamou no dia 27 daquelle mês a Roque Newton Pacheco Arupady, que havia sido seu escravo, e pediu-lhe que o sangrasse nos pés e nos braços. Abertas as veias e perdido todo o sangue, expirava elle oito horas depois.

(2) O nome por que as diversas tribus designam o seu chefe ou maior, varia conforme as nações. Dão-lhes umas a denominação de *tuchaua*, outras a de *muruhaná*, e no Rio Negro e proximidades do Orenoco a de *cacique*.

nosa viagem, o motivo que mais atua para proeuararem ver realizado aquelle desejo.

Sem receio de errar, posso assegurar que o paraná-miri do *Ramos* em toda sua longa extensão, é a parte da província do Amazonas onde mais floresce a agricultura e as plantações de cacau, mandioea, tabaco, café, milho, etc., que em ambas as margens se prova que o lavrador alli cura com interesse do serviço do campo, tornando-se assim mais solicto pelo seu bem estar.

Achando-se, porém, todo esse territorio dividido por diversas freguezias, faz esta circunstancia, como é reconhecido, tolher de alguma sorte o seu progresso, convindo, portanto, a criação de uma só freguezia, na parte média do rio, visto que para a inferior aceita, com muito acerto, de ser transferida pela lei de 13 de Maio de 1873, a sede da freguezia do Andirá; e tendo o povoado de Maçauary em seu favor razões de preferencia para sede da nova freguezia, concorreria indubitavelmente este resultado para exito favorável ao commercio e à agricultura.

O rio *Uaycurapá*, que se lança no *Ramos*, é muito abundante em madeiras reaes.

Na sua foz e em uma bella praia está o lugar denominado *Tanaquéra*, onde os jesuitas começaram a edificação de um convento, cujas paredes ainda alli existem, admiraveis sobretudo pela solidez da construção.

Constando que no circuito, que abrange aquellas paredes havia muitas riquezas enterradas, mas de um individuo tem alli ido fazer excaavações, que nenhum resultado tem dado.

No rio *Maué-assú* lançam-se diversos pequenos rios, que lhe engrossam as águas, sendo os mais notaveis o rio *Limão*, na margem esquerda, o *Perquinha*, na direita, e o *Guaranatuba* a poucas milhas da villa da Coneição. Este ultimo, tão espacoso como o *Maué-assú*, é formado á pouca distância pela reunião dos dous rios *Mirety* e *Curanabi*, ambos insignificantes.

Quasi a vinte leguas de distancia ao sul da villa da Coneição, o rio *Paranary*, recebendo o *Amaná*, toma o nome de *Maué-assú*.

Ha no rio *Paranary*, algumas milhas abaixo das eaehoceras que nello existem, uma grande pedra, a que denominam *Pedra do barco*, a qual forma uma gruta de duas braças de fundo horizontal e oito ou dez de comprimento sobre a agua. Vista de longe, semelha um barco atraeado na pedra e dahi o nome que tem. A pedra é calearea, e requissima de conchas fosseis, que muitas vezes, batidas constantemente pelas águas do rio, desprendem-se pouco a pouco da pedra e ficam, como flores, pendentes do teeto da gruta.

Das eabeeeiras do *Limão* passa-se, em tres ou quatro horas, para as do igarapé da *Terra Preta*, affluente do rio *Apoquitiba*, igualmente das eabeeeiras do *Perquinha* chega-se á do *Pená-paraná*, braço do *Maué-miri*, que demora á quem do *Maué-assú*, do lado oriental.

O terreno margeado por esses rios é geralmente fértil e presta-se à cultura do café, fumo, algodão, mandioca, guaraná e outras plantas.

A única tribo oriunda da, hoje, comarca de Parintins, que tem Villa Bella por cabeça, é a tribo *Maués*, que vive em malocas situadas nas terras firmes dos rios *Mamurú*, *Andirá* e *Maué-assú*, e algumas nas proximidades do rio *Tapajós*.

Ha também no rio *Ramos*, à margem direita, uma pequena aldeia de índios *Muras*, que ali se reuniram a convite de alguns moradores, a fim de se applicarem ao serviço da pesca, no que são muito habéis; mas inconstantes, como geralmente são aqueles índios, e dados além disto ao latrocínio, nada se tem conseguido delles.

Foi na freguesia do *Andirá*, que tive occasião de assistir à celebre festa dos índios denominada do *Sahiré*.

O *Sahiré*, diz o capitão-tenente *Amazonas*, é um semicírculo com seu diâmetro, raios, cordas, etc., tudo forrado de algodão ou arminho enfeitado com fitas e coroado de uma cruz da mesma forma forrada e enfeitada. Tres mulheres indígenas o carregam, e é muito raro que uma delas não seja côxa.

Nenhuma das que vi no *Andirá* era côxa.

Levam o *Sahiré*, dansando e cantando um hymno, ordinariamente em honra da Santa Cruz, da Virgem Santíssima e de S. João Baptista, o santo mais popular dos índios os *Amazonas*.

Eis a letra do hymno, que cantam em língua geral:

— *Itá Camuti pupé neiássúcaua pitanguê puranga ité.*

E o estribilho em português:

— E Jesus e Santa Maria!

*Santa Maria cuian puranga; imemboira iauerá iuaté pupé,*  
*oicou curussá uassú pupé; ianga turama rerassú.*

E o estribilho.

— E Jesus e Santa Maria.

A tradução do primeiro hymno é esta:

« Em uma pia de pedra foi baptizado o Menino Deus. »

E a do segundo:

« Santa Maria é uma mulher bonita: seu filho é como ella: no alto céo está n'uma cruz grande para guardar a nossa alma. »

Levam o *Sahiré*, diz ainda o capitão-tenente *Amazonas*, às mais das vezes quando acompanham alguma imagem à igreja para ser festejada ou quando desembarcam a corôa do Espírito Santo, na véspera da Assentão. Nas festas de S. João e de S. Thomé, que são feitas pelos indígenas, ao dito *Sahiré* acompanha de perto um tambor, tocado por um sujeito, que ao mesmo tempo toca uma gaita. O serio e satisfação com que elle desempenha esta original duplicata, importa uma bem agradável curiosidade.

A festa do *Sahiré*, cuja instituição é atribuída aos jesuítas, vai hoje caindo em desuso.

Na comarca do Parintins e sobretudo no município de Villa Bella e na freguesia do *Andirá*, é onde tenho ouvido

fallar mais vezes e quiçá com mais graça a harmoniosa lingua geral ou tupica. Conheço muitas senhoras e de familias bem distintas, que a fallam com muita graça e desembaraço. Sei que no Alto Amazonas, Solimões, Rio Negro, etc., é por assim dizer, a lingua mais conhecida e mais vulgar. O Sr, padre Manoel Justiniano de Seixas, vigario do Andirá, não só falla-a correntemente com os indios da sua freguezia, como, além de um pequeno diccionario que escreveu e corre impresso, está actualmente escrevendo, nessa mesma lingua, um compendio de doutrina christã.

Não me levará a mal o publico o transcrever aqui o capitulo preliminar do mesmo livrinho.

« *Auá taa yané munham.* »

— Quem nos creou ?

« *Tupana.* »

— Deus.

« *Maarama cuité yane munham Tupana ?* »

— Para que nos creou Deus ?

« *Yacuáo arama aé, saicu arama, puranquê arama ichupe, qua-a rupi yaique arama euaca opé.* »

— Para o conhecer, amar e servir e por este meio alcançarmos a vida eterna.

« *Tupana yane munhan serà catuçaua râma ?* »

— Deus nos creou para nos fazer eternamente felizes ?

« *Em em ; Tupana yané munhan catuçaua rama.* »

— Sim ; Deus nos creou para nos fazer felizes.

« *Ma á cuite ya munhan catuçaua rama ya icô ?* »

— E o que devemos fazer para sermos eternamente felizes ?

« *Ya yamué rame yamué caua Christau.* »

— Seguir a doutrina christã.

« *Ma-á cuile yamué caua christau ?* »

— Qual é a doutrina christã ?

« *Yamué caua christau aé yane mué ua-á yané yara Tupana Yezu Christo apostol, itá muçá pucai ua-á ; Tupaoca cuére yane mué.* »

— A doutrina christã é a doutrina de Jesus Christo, que os apostolos pregaram e a igreja nos ensina.

« *Ma-á cuite oica yaué yara Yezu Christo moecauo opé ?* »

— O que contém a doutrina de Jesus Christo ?

« *Yané yara Yesu Christo moé caua ricó—1.º Supicara itá ya yuiare arama cê cê ;—2.º Satamé caçara yanunatu arama ;—3.º Quá rupi Tupana putare yané reco catu rama.* »

— A doutrina de Jesus Christo contém: 1.º as verdades que devemos crer ;—2.º a lei que devemos guardar ; 3.º os meios que Deus estabeleceu para nos santificar.

« *Ma me cuite yauacema supicaua itá ya ruiarearama cê cê ?* »

— Onde se acham as verdades que devemos crer ?

« *Supicaua itá ya uacema opain catu ruiar arama cê.ca symbolo apostolo itá pupé.* »

— As verdades que devemos crer se acham em resumo no symbolo dos apostolos.

*Mame cuite yuptaçuca yumuecaua yununyatu arama ?*

— Onde está contida a lei que devemos guardar?

« *Satumecaçaua yunun gaturama yupataçuca Tupana e Tupaoca Mondoçara itá pope.*

— A lei que devemos guardar está contida nos mandamentos de Deus e da igreja.

« *Ma-á cuite ; êlêra itá Tupana inum yane catuçaua rama?*

— Quais são os meios que Deus estabeleceu para nos santificar?

« *Pêlera itá Tupana inum yane catuçaua rama aé rapa-á yumueçaua, Sacramento itá irumo.*

— Os meios que Deus estabeleceu para nos santificar são: a oração e os Sacramentos.

O Sr. Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá, residente na capital da província do Pará, escreveu e pretende publicar um volumoso e importante trabalho, denominado: «ANALYSE PHILOLOGICA DAS VÓSES RADICAES DA LINGUA ARIO-TUPI OU IDIOMA TUPINAMBÁ».

A obra tem a forma de dicionário.

Transcrevo aqui, para de alguma sorte dar idéa do livro, o seguinte trecho do prologo:

« Para patentear aos philologos as excellencias da lingua aborigene da minha patria, lingua incovenientemente classifica ta pelos sabios entre as barbaras, porém que eu proverei pertencer á familia aryana e ser assim do sanskrito, zend e grego, e como um protesto vivo contra a opinião dos que lamentam que o portuguez se vá degenerando e transformando entre nós, publico o presente trabalho, excerpto de meus ineditos sobre a ethnographia brasiliaca, estudos em que de ha muito me occupo, e que publicarei successivamente, quando as circumstâncias me o permittirem. »

« A lingua *tupy*, chamada vulgarmente geral, diz o Sr. Gonçalves Dias, tinha uma grammatica que, pelo bem ordenado de cada uma de suas partes mereceu de ser comparada á grega e á latina: demonstra mais habito de reflexão do que o que encontramos no povo que a fallava; abunda, como bem nota Marius, em expressões, que indicam certa familiaridade com as considerações metaphisicas, concepções abstractas, a ponto de bastar para exprimir e explicar as verdades e os mysterios da mais espiritual de todas as religiões, do christianismo; e, reina em toda ella tal ordem, tal methodo, que alguém disse já que os *Tupys* não estavam em estado de ter formado. Se não o estavam, e já o tinham feito, a consequencia é, que depois disso haviam decahido. »

Sobre a mesa em que traço estas linhas tenho a cópia de uma interessante carta, escripta em lingua geral pelo *tuchnua* Vicente, e dirigida a um individuo a quem lhe morrera a filha. Com que delicadeza lhe dá elle os pezamos e procura consolal-o!

Eis a cópia da carta:

« *Aiana re iassiú, cariuá, ne ra era umanú, iché chaquá, chasse ne peá, tenuá moiramé. Tupana u senú iné aé peré, ne raiera miri, ussuanti iné : ariana re iassiú !* »

A traducção é :

« Basta de chorar, branco ; tua filha, morreu ; eu sei que muito deve doer-te o coração. Deixa, porém, quando também Deos chamar-te a si, tua filhinha correrá a encontrar-se contigo. Basta de chorar ! »

Não sei que autor, fallando dos indios, dizia : « Em religião e costumes são os indios por extremo barbaros, porque não tem fé, nem lei, nem rei, motivo por que é sabido lhes faltam em sua lingua estas tres letras—F. L. R. »

E' bem singular e extravagante querer que os vocabulos dos dous idiomas — tupy e portuguez — correspondentes áquellas idéas, devessem de necessidade começar pelas mesmas iniciaes !

Logo apôs os desaguadeiros ; que com mais ou menos minuciosidade mencionei, entra n'ê margem esquerda do Amazonas e a 175 leguas da sua foz o celebre rio *Nhamundá* ou *Jamundá*.

Suppõe-se geralmente que nasce nas montanhas Guy da anna, correndo na direcção de N. a S., banhando as abas da serra Itacamiaba, e atravessando os lagos de Faro, onde banha a outr'ora aldeia de Jamundá, hoje a decadente villa de Faro, indo lançar-se no Amazonas por diferentes braços ou bocas, das quaes a mais occidental é o limite da província do Pará com a do Amazonas.

O Sr. Ferreira Penna, porém, suppõe que este rio deve vir da região central, compreendida no espaço que fica entre o alto *Trombetas* ao norte e o *Uatumá* ao sul.

Descendo d'ahi o Jamundá, diz elle, ao principio corre provavelmente a E S E, por entre montes ; recebe pequenos affuentes, dirige-se depois a S E, atravessando pequenas cahoeiras e entra n'uma planicie ou valle espaçoso, densamente arvorejado, mas ás vezes alagadiço.

Acompanhando essa planicie, emite de sua margem esquerda um braço, que, com seu nome, a atravessa para lançar-se no Trombetas, exactamente no ponto em que este rio, saltando a ultima cahoeira, entra tambem na planicie.

Em quanto atravessa esta região plana, continua o Sr. Ferreira Penna, o Jamundá é quasi obstruído por uma infinidade de ilhas, que o acompanham em suas sinuosidades até perto da confluencia do *Pratucú*, não excedendo a sua largura de 250 metros, que, no verão, reduzem-se ainda a 150, e mesmo a 100, conforme a maior ou menor duração da estação secca.

Antes de encontrar o *Pratucú*, deixa a planicie e então as suas margens tornam-se altas e ás vezes montuosas.

O *Pratucú*, que é um ramo menor, corre mais ou menos paralello, por algum tempo, ao *Jatapú* (tributario do *Uatumá*) segue a E., e reune-se ao Jamundá, cerca de 36 milhas acima de Faro. Seu curso é bastante sinuoso e por entre montes ou serras pouco altas, como quasi todas as desta região, e em sua barra no Jamundá divide-se em tres braços designaes, por ter ahi de permeio duas ilhas.

No ponto de juncção dos dous rios, as aguas se dilatam

consideravelmente, formando uma vasta bahia, quasi toda rodeada de terras altas e montes: um pouco abaixo está a extensa ilha *Capixauramonha*, toda composta de terrenos pedregosos, mas cobertos de arvores.

Dous serros se erguem na margem direita defronte das duas pontas dessa ilha: o do *Dedal*, fronteiro á ponta superior e o do *Copo*, em frente da ponta inferior: este ultimo é um alto rochedo, que fica quasi a pique sobre o rio....

..... Desde a confluencia do *Pratucú*, o Jamundá é um rio vasto e magnifico, de um azul profundo, correndo quasi sempre por entre montes revestidos de uma vegetação vigorosa, recortado de pontas e enseadas e bordado de praias de areia alvissima, accidentes constantes que o acompanham até o lago de Faro.

Aqui terminam as serras ou collinas que o acompanham; aqui desapparecem as praias de areia e a vegetação bri-lhante; aqui acabam os terrenos accidentados e começa a planicie quasi nivellada do Amazonas; aqui está em fim a verdadeira foz do Jamundá.

Com effeito, apenas se fecha o lago ao lado oriental e o Jamundá recolhe-se a um leito pouco largo, entra ahí logo na margem direita o *Cabury*, o primeiro braço ou Paraná-miri que o Amazonas lhe envia.

O rio perdeu então o seu aspecto soberbo; seu leito é aca-nhado, sua marcha torna-se vacillante, sua côr mesmo des-botou-se um pouco com o pequeno contingente d'aguas esbranquiçadas do *Cabury*; a vegetação perdeu todo o es-plendor e apenas as margens são orladas por uma estreita zona de arvores mediocres alternando com as gramineas e cyperaceas e outras plantas herbaceas, que cobrem a vasta superficie do littoral. O rio toma, não o rumo de N. a S., como se tem pretendido, mas o rumo geral de E. N. E. até o Paraná-miri do *Caldeirão*. Nesta secção é acompanhado, proximamente á margem, de uma serie de lagos, ou consi-deraveis, como o *Carauary*, *Algodoal* e *Arâkiçauá*, ou me-diocres, como o *Maracana*, *Ubim*, *Abaucú*, etc., em cujas praias apparecem numerosos sitios com pequenas plantações, como nas varzeas muitas choupanas de vaqueiros e capa-tazes das fazendas de gado.

A partir do lago *Arakipana*, que é o ultimo desta secção, o rio alarga-se até 300 metros, volta-se para o N., pas-sando pelo lugar denominado *Repartimento*, onde recebe na margem direita, que agora é oriental, o Paraná-miri do *Cal-deirão*, que vem do Amazonas.

Placido, largo e ainda crystallino, o Jamundá, recebendo este contingente do Amazonas, muda completamente de phy-sionomia; seu leito estreita-se e profunda-se muito; a marcha é arrebatada, suas aguas tomam uma côr amarello-olivatica, perdendo logo toda a sua transparencia.

D'aqui em diante o seu rumo geral, até perder-se no Trom-betas, é N. E., fazendo porém numerosos flexões, ora para N., ora para E., e raras vezes para N. N. O.

As margens continuam bordadas de uma estreita franja de

arvores, atrás da qual se vêm sómente plantas herbaceas e varios lagos. Nesse trajecto deixa á esquerda o furo da *Paciencia*, que dá entrada para o lago *Piraruará*, o de *Caraná*, *Maryapiry* e *Sapuruá*, que vem dos lagos de iguaes nomes. Na margem direita ou oriental vêm-se tambem alguns furos insignificantes, que vem dos pequenos pantanos, que a acompanham.

Segundo o Sr. Ferreira Penna, entra o Jamundá no Trombetas, defronte da ponta *urúá tapera*, com 100 metros de largura, ficando ao norte de sua foz a ilha *Jacitara*.

E pois, acredita elle, que, ao contrario do que se tem pretendido, é o Jamundá tributario do Trombetas e não do Amazonas.

« Este facto, acrescenta o Sr. Ferreira Penna, não é um simples assumpto de interesse geographicó; elle afecta tambem aos interesses das duas provincias, Pará e Amazonas, de que esse rio é limite official »

E' o Jamundá ou Nhamundá o celebre rio em cuja foz pretendeu Orellana haver combatido com mulheres guerreiras a que denominou *Amazonas*.

Os indigenas davam-lhes o nome de *icamiabas*.

« Tambem se diz, escreveu em suas *Memorias do Maranhão*, o padre José de Moraes, que nas cabeceiras deste rio ha um lago (1) de onde se tiram umas pedras verdes com muitos e vários feitiços, de que se infere, com grande evidencia, ser algum barro, que dentro d'agua (como coral) se conserva molle, e em quanto assim está se formam delle as figuras que querem, mas depois de tirado d'agua se faz tão duro como um diamante e não cede ao ferro e aço mais duro e de tempera mais forte, que pôde haver.

---

(1) Eis uma das lendas mais conhecidas ácerca da celebre pedra.

Referem os indios que perto das cabeceiras do famoso Nhamundá existe um fôrmozissimo lago a que dão o nome dc *Yaci-uaruá*, que quer dizer—espelho da lua—e a quem era consagrado.

Dizem que em certa quadra do anno e em determinada lunação, faziam as *icamiabas* (mulheres sem marido) á margem desse lago, uma grande festa dedicada á lua e á māi da mueraquitan que alli morava.

Depois de assim se purificarem por alguns dias, porque a festa era expiatoria, mergulhavam no lago, em horas adiantadas e quando nas aguas limpídas e tranquillas do *yaci-uaruá* reflectia-se a luz pallida do astro da noite.

Da māi da mueraquitan recebiam então a pedra com as configurações que desejavam, porque era certo que trazida á luz do sol, tomava a consistencia, que se lhe observa, sendo impossivel dar-lhe qualquer outra forma.

Aos homens da tribo favorecida distribuiam as *icamiabas* as ditas pedras quando por elles eram vizitadas em certas épocas do anno.

« Mostrando-se uma destas pedras a um lapidario de Lisboa, disse que pelo toque mostravam ser pedras finas. Dizem que estas pedras são as verdadeiras pedras neofriticas, e que tem a mesma virtude. E' certo que Mr. de la Condamine faz um grande apreço dellas e pôde ser que os lapidarios de França lhes descubram algumas virtudes.

« Chamam-se estas pedras, pela lingua dos indios, *puú-raquitan*, e dizem alguns (*relata refero*) não acredito, que as mulheres amazonas as dão aos homens, que uma vez no anno vão comunicar com ellas. O certo é que ha estas pedras entre os indios, e eu tive uma grande, e ainda não se sabe o lugar onde se acham e de onde se tiram. Destas tive algumas, e uma de maior grandeza, que representava o pescoco e a cabeça de um cavallo, e que foi para Bolonha, para o celebre museu do Summo Pontifice Benedicto XIV. »

A parte superior do rio Jamundá é habitada por indios de diversas tribus, e a inferior por populaçao civilisada.

O terreno regado por este rio produz em abundancia cacáo, breu, castanhas, cravo, cumaru, estopa, jutahy-cica, oleo de copahyba, fumo e borracha.

A villa de S. João Baptista de Faro, que teve sua origem em uma aldêa dos indios *uaboys*, estabelecida abaixo da confluencia do historico Nhamundá ou Jamundá com o Pracutú, acha-se situada na extremidade occidental de um bello lago, de tres milhas de comprimento e duas de largura, e na margem esquerda do mesmo Jamundá, para onde foi transferida pelos padres capuchos da Piedade, que a missionaram.

Ainda hoje mostram os praticos do lugar o sitio em que existiu a antiga aldêa dos *uaboys* ou jamundás, nome com que geralmente costumam designar os indios que habitavam naquelle região.

As duas linhas de montes que acompanham o rio, diz o infatigavel Sr. F. Penna, e que defronte e ao sul do lago se abaixam até confundirem-se com a planicie, o extenso lago com suas aguas aniladas; o contraste da planicie que alli perto começa, com a serra fronteira à villa e a entrada larga e magestosa do Jamundá, dão á localidade um aspecto naturalmente aprazivel e de algum modo grandioso.

Em 1768 o governador e capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, elevou a aldêa dos indios *uaboys* à categoria de villa, dando-lhe o nome de Faro.

Esta solemnidade fez-se no dia 21 de Dezembro de 1768. Estando presentes o ouvidor Feijó, o parochio e diversas outras pessoas qualificadas, procedeu-se a pilouros para a eleição dos juizes e procuradores da camara, que deviam servir no primeiro triennio de 1769 a 1771. No dia 27, depois de levantado na praça o pelourinho, abriram-se os pilouros, e os que sahiram eleitos, tomaram logo posse dos seus respectivos lugares.

Nas posturas que foram promulgadas nesse mesmo dia acham-se as seguintes disposições, que revelam o empenho com que se promoviam os interesses da localidade:

« Ninguem, diziam as posturas, fará casas senão segundo

o rísego deixado pelo intendente geral Luiz Gomes de Faria e Souza, tendo cada casa fundos para quintaes, em que são obrigados a plantar pacoveiras, mamoeiros, laranjeiras, limoeiros e mais frutas para abundância dos moradores.

«As casas serão cobertas de telhas feitas na olaria da villa.»

Depois, reflecte o Sr. F. Penna, a relaxação metteu-se de permeio e com ella veiu a perda da villa, que hoje é quasi uma tapera.

Já alli, por conta do Estado, houve uma olaria, eujos restos ainda são visiveis, assim como uma fabrica de fiação e tecidos de algodão.

Possue actualmente o seu districto algumas fazendas de criação de gado e suas matas tambem abundam em salsa, oleo, eravo, castanha, etc. Tambem exporta em grande quantidade faleas de *itaúba* para o porto de Belém.

Entretanto, e a despeito de tanta riqueza, eontrista ver o estado de decadencia a que tem ehegido esta villa, digna sem duvida de melhor sorte.

O contracto celebrado pelo governo da província do Pará com a companhia de navegação e eommercio do Amazonas, estabeleecendo uma linha regular de vapores para Faro, alimentou a esperança de ver aquella localidade sahir do torpor em que se acha.

Infelizmente porém foi esse contracto pouco depois substituído por outro, que tirando ao municipio de Faro aquelle elemento de prosperidade e de progresso, fez desapparecer a promessa de tornar uteis suas vastas campinas e de levar a esse isolado extremo occidental da província o commerçio e com elle o desenvolvimento da industria e da civilisação.

Em consequencia da progressiva decadencia da villa, solicitaram alguns dos principaes fazendeiros de Faro e obtiveram em 1859 da assembléa províncial a transferencia da séde da mesma villa para a margem septentrional do lago *Algodoadal*.

« Esta localidade, diz ainda o Sr. Ferreira Penna, tem a vantagem de achar-se quasi no centro do municipio e nas proximidades das principaes fazendas de criação e sitios de cultura ; se todavia attender-se a que o lago, talvez por causa da sua eonsideravel expansão, não é accessivel durante o inverno, mesmo a embarcações, que navegam no Jamundá, e, durante o verão, ás pequenas canôas, porque nesta ultima estação fica reduzido quasi a pequenos poços ; reconhecer-se-ha que a localidade para onde a lei mandou transferir a villa, não melhora as condições desta, nem o commerçio do municipio. »

O que é certo, é que, com grande satisfação dos habitantes da villa, nunca mais se tratou de realisar a mudança.

A populaçao do municipio de Faro é ealculada em pouco mais de 4.000 almas.

Na margem austral do Amazonas, defronte da boca mais occidental do Jamundá, denominada *Boca dos Caldeirões*, e que serve de limite, da banda septentrional, ás duas províncias do Pará e Amazonas, está a entrada superior do Paraná-

miri do *Juruty*, que depois de um curso de quasi tres milhas, lança-se de novo no grande rio, fronteiro á costa do *Cororó*.

No meio desse Paraná-miri, onde elle faz uma grande curva, está a boca do lago *Juruty*. Nada apresenta ahi de notavel, por sua muita estreitesa, em consequencia da divisão que soffrem as aguas com a outra embocadura do lago, que tem a denominação de *Balaio* e que vem sahir na altura da ilha de *Maraca-assú*, depois de ter corrido de oeste para leste cerca de dez milhas.

Do repartimento desses dous canaes segue-se pelo *igarapé grande* do lago—de norte para sul, isto é, do Amazonas para o centro das terras. A proporção que se adianta a viagem, vai-se alargando o canal até tomar a extensão de 150 metros, que conserva até a sua sahida no lago, depois de um ecurso talvez de 15 milhas.

A margem esquerda desse canal é baixa e alaga todos os annos, ao passo que a margem direita, em quasi todo o seu prolongamento, é a encosta de uma formosa serra, de cujas vertentes despenham magnificos regatos de aguas crystal-linas.

O declive dessa montanha não é ingreme e os habitantes aproveitam, com suas pequenas plantações, as terras vizinhas, que são de uma uberdade incomparavel. Na planura do cume, escrevia-me o illustrado Sr. Dr. Paes de Andrade, acha-se a mais abundante camada de *humus*, que tenho visto.

Alli cresce de tal modo a canna de assuear, que é preciso muitas vezes dividil-a em tres ou quatro pedaços para poder ser conduzida, o cacáo vem tão soberbo como na mais fresca varzea; a mandioca, o algodão, o tabaco, o guaraná, todas as plantas intertropicaes emfim satisfazem a ambição do lavrador mais exigente.

Sobre a serra encontram-se todas as madeiras de econstrucción civil e naval e de marceneria, peculiares das terras do Amazonas.

Por esse eanal sahe-se no extremo occidental do grande lago. Apresenta este uma bacia de algumas milhas de largura, que se estende de oeste para leste por entre margens de terra firme, terminadas em praias de areáa até a ponta denominada do *Jacaré-pompon*, onde toma o rumo de sudeste e continua na mesma direcção até terminar, sempre por entre margens muito amenas.

E' grande o comprimento deste formoso lago e aeredita o Sr. Dr. Paes de Andrade que as suas cabeceiras estão na altura da ponta do *maracá-assú*. As terras das margens tem muitas ondulações e são todas cobertas do florestas, apenas tocadas pela mão do homem.

Não longe da margem meridional, já quasi nas eabeeeiras existe uma alta montanha, na qual cresce espontaneamente o guaraná, que é aproveitado pelos indios.

E' abundante de madeiras de diferentes qualidades, de oleo de copahyba e de outros productos. As terras ahi são fertilissimas. As aguas procedem de uma infinitade de peque-

nos regatos, que correm em leitos de areia, e por isso são puríssimas e de uma transparencia tal, que, na profundidade de 4 metros, podem-se contar os peixinhos, que saltam na areia.

O principal manancial, porém, deriva-se da vertente da serra e forma pequenas cachoeiras ou cascatas, antes de ir sumir-se no lago.

O lago de Juruty foi povoado outr'ora pelos indios das tribus *Maués* e *Mundurucús*, e chegou a possuir uma população superior a 1.200 almas. Para missionar os indios alli estabelecidos, foi mandado o padre Antonio Manoel Sanches de Brito, o qual fez de tal sorte prosperar a missão, que em 1820 foi elevada a freguezia.

Houve alli um bom estabelecimento de moer canna, pertencente a João Pedro da Silva, uma importante fazenda, de propriedade do capitão Romualdo de Souza Paes, e mais uma engenhoca e olaria pertencentes ao padre Sanches de Brito. A mão da revolução, porém, passou por alli, tudo isto desapareceu com a *cabanagem*, e hoje mal se podem distinguir os vestígios de taes estabelecimentos, que foram completamente abandonados.

Existe ainda a antiga freguezia, que demora na banda meridional do lago, sobre uma ponta, a quatro milhas de sua entrada. Tem uma sofrível igreja, coberta de telha e ultimamente reparada pelo concurso do povo, que não quer abandonala-a, apezar de alli já não residir o parocho.

Por uma lei provincial do 3 de Dezembro de 1859, foi transferida a séde desta freguezia para a margem direita do Amazonas, onde começou a estabelecer-se em 1863, na terra firme, que decorre da boca do igarapé *Balaio* até a ponta do *Maracá-assú*, que limita com Obidos, da qual está distante 15 leguas.

Esta medida, na opinião de gente mais sensata, foi bem aconselhada, pois que consultou devidamente ao mesmo tempo os interesses da população e os do commercio. O lugar escolhido reune as vantagens e condições seguintes: É bastante elevada e fica ao abrigo das maiores enchentes do Amazonas, fica mais proximo possível da borda do rio; é de uma salubridade incontestável, e tem excellente agua potável no lago *Jará*, que lhe fica proximo. O orago da freguezia é Nossa Senhora da Saude. Ha alli um bom templo.

Limita a freguezia do Juruty pelo oeste com o município de Villa Bella da Imperatriz pela serra de Parintins, e a leste com Obidos pela ponta do Maracá-assú, tendo umas 35 milhas de costa no Amazonas.

Na margem direita do Amazonas e em frente á foz do Nhamundá, corre a serra de *Parintins*, que é a divisa oficial das duas províncias do Pará e Amazonas, na ponta mais saliente da serra e que caminha para o rio. (1)

---

(1) Os limites das duas províncias são os seguintes: a província do Pará confina ao norte com a Guyana Franceza pelo rio Oyapok; ao sul com a república do Perú e as províncias de Goyaz

Em uma curva que esta serra descreve, já dentro da província do Amazonas e proxima á parte inferior do Paraná-miri de Parintins, vê-se ainda o aterro e palissada mandada fazer pelo antigo governo da barra do Rio Negro, com o fim de servir de registro ás embarcações, que entrassem na antiga capitania.

Pretendeu o presidente J. B. de Figueiredo Tenreiro Aranha servir-se dessa mesma obra e para o mesmo fim e alli collocou um destacamento sob as ordens de um sargento de nome Vasconcellos. A experiença porém incumbiu-se de demonstrar que nenhuma utilidade havia em semelhante medida e pouco tempo depois foi dissolvido o destacamento, deixando-se alli abandonadas diversas madeiras, que haviam sido compradas para edificação de uma casa ou quartel.

Desde muito tempo que se olha para a serra de Parintins como um ponto magnífico a fim de alli establer-se uma repartição fiscal, incumbida de impedir a entrada e saída de embarcações que se queiram furtar ao pagamento dos respectivos impostos. A experiença porém tem mostrado que nenhuma vantagem offerece aquella localidade para uma repartição de semelhante ordem. Forte como é a corrente do rio junto a aba da serra, desde a ponta mais saliente até a foz inferior do Paraná-miri, e havendo em toda essa extensão grande quantidade de pedras, é claro que nenhuma embarcação por alli navega, procurando todas ellas a margem oposta e por alli seguindo desembaraçadamente.

Em grande, em muito grande escala faz-se o contrabando na província do Amazonas. E' um verdadeiro escandalo, que tende a tomar as mais gigantescas proporções, e são os districtos de Villa Bella, Conceição e Silves es que mais generos exportam livres de impostos. Remettem-nos em pe-

---

e Mato Grosso; a leste com a província do Maranhão pelo rio Gurupy; e a oeste com a província do Amazonas pelo rio Jamundá e serra de Parintins e com a republica de Nova Granada.

Occupa uma superficie de 40.000 leguas quadradas.

A província do Amazonas confina ao norte com as Guyanas Hollandeza e Ingleza e com a republica de Venezuela, ao sul com a republica do Perú e com a província de Mato Grosso, a leste com a província do Pará e a oeste com as republicas de Venezuela, Nova-Granada e Equador.

Occupa uma superficie de 60.000 leguas quadradas.

Comprehende a província do Amazonas as tres seguintes regiões: *Guyana, Mundurucania e Solimões*.

Facilmente percebem-se, á vista de um mappa, estas tres grandes e distintas divisões naturaes, effeito da disposição particular do territorio, a saber: Amazonas, Solimões e Rio Negro. Comprehende a primeira — a parte da Guyana e Munduracania, banhada pelo Amazonas, desde a foz do rio Jamundá até a confluencia do Rio Negro, a segunda todo o paiz banhado pelo Solimões, e a terceira todo o Rio Negro.

quenas embarcações para o porto da cidade de Obidos, no Pará, e ahi fazem-nos embarcar nos vapores que escalam por aquele porto.

Se porém collocassem uma repartição fiscal no lugar denominado *Irajá*, á margem direita do Amazonas, e um pouco abaixo da foz inferior do Ramos, tendo á sua disposição uma lancha a vapor para cruzar da foz do Paraná-miri do *Espirito Santo* até perto do de Parintins, sem duvida que o contrabando não poderia mais ser feito como até agora.

Supponho que esta medida foi lembrada por uma comissão que o actual presidente do Amazonas mandou a Villa Bella com o fim de estudar a questão e escolher uma localidade apropriada para estabelecer uma repartição auxiliar da collectoria de Villa Bella.

Não é porém só pelo Amazonas que o contrabando pôde ser feito. Pouco acima de Villa Bella, á margem esquerda do Amazonas, proximo á foz inferior do Paraná-miri do Pacoval ou do Cararaucú, está a foz do lago *Cabury*, que muitos acreditam ser a foz superior do Nhamundá, pela qual pôde o contrabando ser feito sem nenhum risco, sendo conduzido para a villa de Faro e seus districtos nos mezes de Fevereiro a Julho. Para o contrabandista é este caminho muito mais seguro que o do Amazonas.

Só no mez de Julho de 1873 embarcaram no vapor *Belém*, da companhia de navegação a vapor (limitada) do Amazonas, os seguintes generos do districto da Conceição (Maués), subtrahidos aos direitos:

Oleo de copahyba.....	268	canadas
Peixe.....	418	@
Estôpa.....	46	@
Cacáu .....	90	@
Cumarú .....	42	lb.
Couros de veado.....	30	

E a embarcação que trouxe estes generos voltou carregada com vinte e tantos contos de réis de mercadorias.

O Sr. conselheiro João Pedro Dias Vieira, quando administrhou a província do Amazonas, lembrou-se de mandar limpar o *furo* do Cabury, com o que despenderam os cofres provinciales a quantia de 500\$000, que se tornou infructuosa, e continuará a sel-o, enquanto se não puder evitar a invasão dos madeiros. A corrente, que alli é impetuosa, faz com que todos os cedros e outras arvores, que por alli descem, tenham obstruído a sua entrada em espaço mui considerável. Não sei que razões teve o Sr. conselheiro Dias Vieira, para mandar limpar o dito *furo*, mas parece que de muito mais vantagem aos interesses fiscaes da província, teria sido a lembrança de mandar fechal-o.

Se com a desobstrução daquelle *furo* tem a província do Amazonas a vantagem da facil comunicação com as fazendas de criação de gado do município de Faro, ficando-lhe a condução menos dispendiosa, tem entretanto a desvantagem

gem de offerecer aos contrabandistas um caminho seguro, para se furtarem ao pagamento dos impostos.

Mas deixemos este assumpto.

Olham os indigenas para a serra de Parintins, com certo temor supersticioso, e não é sem acatamento, que por ella passam. Dizem que alli ouvem tocar sinos à noite, o que, diz o capitão tenente Amazonas, se attribue á tradição de algum estabelecimento jesuitico, que abandonado, tinha sido invadido pelo mato, e em sua espessura perdido os sinos. (1)

Em 1837 rolou do cimo da serra uma pedra de um metro de comprimento, pouco mais ou menos, na qual mui distintamente se vêm esculpidas as letras A F P. Quem teria ido alli abril-as? Ainda nas fraldas da serra se acha a pedra, como a esperar que lhe vão decifrar a significação das quelles mysteriosos caracteres.

« A montanha dos Parintins, diz Baena, assumiu este nome dos sylvicolas assim denominados, que a habitaram.

« Altos arvoredos a enramam até a sua lomba, que é uma planura onde dizem ter existido uma aldêa dos ditos Parintins, fundada pelos jesuitas: e que os mesmos aldeanos se revoltaram contra os que lhes ministravam a doutrina, queimaram as casas, esboroaram a igreja, enterraram os sinos e transfugiram para as brenhas. Ainda dura na circumvizinhança a tradição oral de que em todas as noites de natal se ouvem os sinos sotterrados. »

E' mui rica a serra de Pirintins em madeiras da melhor qualidade, sobresahindo entre todas a bella *muirapinima*. (2)

---

(1) Os sinos da serra de Parintins me fazem recordar o pheno-meno, ou como melhor nome tenha, da collina que se encontra á margem direita do rio *Portel*, abaixo da primeira cachoeira.

Eis o que ácerca della contou a um viajante francez, o Sr. Chaton, um *tuchaua* daquellas paragens.

« Ha nesta collina, disse com ar mysterioso, uma cousa extraordinaria. que eu e todos quantos passam durante a noite, temos visto algumas vezes. Sahe da collina um grande clarão, que illumina até o rio, e entretanto não se vê chamma alguma.

« O Sr. Chaton acredita, que aquella luz phosphorescente, denuncia que alli existe uma mina de carvão de pedra.

« O Sr. Manoel Luiz, seu companheiro de viagem, confirmou-lhe o que referia o *tuchaua*, acrescentando — que é tal o terror, que aquelle facto incute, que não ha quem até agora tenha tentado subir a montanha, para prescrutar a causa do phemoneno. Continuando o Sr. Chaton a opinar pela existencia de uma mina de carvão, insistia o *tuchaua* em negal-a, dando-lhe a seguinte poetica versão, que era a que corria no lugar, e que elle plainente acreditava.

« Aquella montanha, disse, é o palacio da *mãi d'agua*, que aqui habita, e o clarão que se vê durante a noite, é produzido pela illuminação daquelle habitação! »

(2) « A *muirapinima*, diz Baena, é uma arvore cuja madeira é betada de feição, que se equivoca com o variegado casco da tartaruga, enquanto se lhe não confundem as ondas com que realça muito a sua qualidade. »

E' talvez a mais linda madeira do valle do Amazonas.

Dizem que ha alli tambem o *pao-brazil*, posto que nenhum dado seguro haja para asseverar a sua existencia.

Disseram-me que é prodigiosa a quantidade de ninhos d' *japim*, que enchem as matas da serra de Parintins.

O *japim* encontra-se em grande quantidade em todo o valle do Amazonas. E' talvez o passaro que mais ahí abunda e não é o menos notavel de todos.

Ainda uma vez aproveito-me do trabalho do intelligent e infatigavel Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, a quem peço licença, para aqui transcrever uma memoria sua ácerca desse curioso passaro, dirigida á académia real das sciencias de Stockolm.

“ O *Japiim* ou *japim*, como se diz em algumas provincias do norte do Brazil, *cheochéo* em outras do sul do mesmo Imperio, e tambem *Japuri* e *Guacho* em algumas das centraes, é o passaro da America Meridional, que em francez se chama *cul jaune*, em inglez *black and yellow dow of Brasil*, em italiano *gazza* ou *zalla di Terra-Nuova*. Em Cayenna da-se-lhe o nome de *Casique*.

Este passaro pertence na sciencia ornithologica á familia ou especie *cassicus* ou á *oriolus* (Gmel.)

Ha-os de duas variedades, uns que ostentam as cores preta e amarella (*cassicus icteronotus*), e são os legitimos *japiins* e mais geralmente conhecidos; outros que trajam as cores preta e encarnada (*cassicus haemorrhous*), menos vulgares e pouco conhecidos: são os *japiins da mata*.

Na familia *cassicus* ha, além deste genero, um outro mais elegante e formoso, o qual não pôde por fôrma alguma confundir-se com qualquer dos individuos daquellas duas variedades acima mencionadas, em quanto pertença á mesma familia: é o *cassicus cristatus* ou *cacique huppé*, vulgarmente chamado Japú ou em lingua tupy *Iapú*.

E' a este genero que Jorge Maregravius denominou *Jupuba* e não aquelle outro, como erradamente acreditou Buffon.

Segundo a opinião deste mesmo autor, possue a sciencia mais douos outros generos, o *cacique verde de Cayena* e o *cacique da Luisiania*; delles porém não tenho conhecimento, nem me consta que alguem os tenha visto no Brazil.

O *Japiim* ou *Cassicus icteronotus* offerece á vista uma fôrma elegante e esbelta. A cor dominante da sua plumagem é a preta, isto é, o preto assetinado (*noir-ncir satin* dos franceses); o *amarello jalde* apenas é visivel na parte media e central das azas em disposição oblonga e tambem no dorso, desde o meio da espinha vertebral até junto da cauda e na parte opposta e correspondente do baixo ventre, porém aqui em espaço muito menor.

Exala de si, tanto das carnes, como da plumagem, um cheiro fetido e nauseabundo, semelhante ao mixto de baratas e castoreo a que o vulgo chama *catinga de japiim*, o qual não pôde confundir-se com outro qualquer.

Este cheiro não só dominava durante a vida, como ainda persiste depois da morte por muitos annos. A carne deste

animal não presta para os usos culinarios, por se achar impregnada do dito cheiro por demais activo, devido seguramente á alimentação quasi privativa de formigas, insectos e pequenas cobras, de que faz predilecta procura.

O tamanho ordinario do seu corpo é quasi igual ao da pêga, porém sempre para menos, e por isso alguns autores lhe tem chamado *picus minor*. Tem o bico comprido, ponteagudo e de côr alaranjada; os olhos são de um bello azul celeste e a iris preta; as unhas fracas e delgadas; o seu maior comprimento regula entre 12 e 14 pollegadas.

O *Japiim* habita por todo o Brazil e Guyanas. Vive em sociedade e aos bandos, ocupando a mesma arvore com os seus numerosos e singulares ninhos. Ráro é o sitio ou fazenda rural, aonde haja alguma arvore, quer no porto do desembarque, quer na campina do terreiro, que deixe de apresentar á contemplação dos admiradores da natureza o aprasivel espetaculo dessa graciosa familia alada, cantando seus acórdes e balouçando-se em maravilhosos ninhos.

Já tive occasião de contar em uma só arvore 53 desses ninhos e segundo me informam, vê-se ainda maior numero delles em algumas arvores do interior do sertão. Os ninhos pendentes dos galhos nem sempre são todos habitados ou ocupados, porque como estes passaros emigram no começo do inverno para o centro das matas, nessa occasião os abandonam e na sua volta ou regresso, que costuma succeder no principio do verão, fabricam outros novos e não se servem mais dos antigos, os quaes muitas vezes ainda existem pendurados no mesmo lugar e só com maior demora apodrecem e cahem no chão.

Pôde-se assegurar que estes animaes residem seis meses (o verão) proximo dos lugares povoados e outros seis meses (o inverno) no centro das florestas ou das capoeiras, onde vivem vida errante de arvore em arvore, mas sempre em bandos ou associados, cuidando da criação dos filhos.

Os ninhos representam uma especie de sacola comprida, arredondada, sob a forma de uma abobra (*cucurbitaceae*) de dous e meio a tres palmos de comprimento, sendo a cavidade interior de meio pé ou pouco mais de diametro e mais folgada no seu fundo do que na entrada, o que lhes dá uma figura ventriculosa na parte inferior.

A entrada é praticada na parte superior e lateral, um pouco obliquamente para baixo, em uma especie de cupula como de alambique, a qual cobre o alto daquelle artefacto. Os ninhos são de côr escura pela banda de fóra e feitos de filamentos e cipós finos, tirados com arte, por meio do bico, das folhas das palmeiras *merityseiro* (*mauritia vinifera*), *assahyseiro* (*euterpe oleracea*), *bacabeira* (*cenocarpus bacaba*), *tucumaseiro* (*astrocarium tucumá*), e outras e de varias *tilandsias*, mormente da especie conhecida pelo nome de barba de velho (*tillandsia usneoides*), etc. Os cipós finos e filamentos são compridos e imitam á primeira vista *piaçaba*.

Tecem os ditos ninhos com os bicos e as unhas, com grande habilidade e ligeireza, e acabam a sua obra dentro de tres a

cinco dias, conforme as distancias onde vão procurar as matérias. No fabrico desta obra os operarios não observam o grande preceito architechtonico geral, de lançarem primeiramente os alicerces, para depois seguirem por diante com o resto do edifício. Como excepção de regra, começam a trabalhar de cima para baixo, fazendo primeiramente o telhado e perto delle abrindo a porta de entrada, para continuarem depois até a base ou fundamentos. Desde que o buraco da entrada fica tecido e patente, por lá entram e sahem os operarios, embora o fundo não esteja arrematado e portanto susceptivel de ser franqueado.

Vai nisto o instincto !

Em cada ninho encontram-se dous e ás vezes tres ovos. Ha uma unica postura de ovos por anno e essa só tem lugar no principio do verão, em fins de Maio a Junho. A incubação dura um mez. Durante o periodo da desovação e incubação, os machos não só não entram dentro dos ninhos, como nem mesmo dormem nos galhos da arvore, onde estão pendentes aquelles. Ao approximar da noite retiram-se os machos para alguma capoeira cerrada mais proxima e ahi dormem, até que ao amanhecer regressam para a arvore onde deixaram as femeas.

Na convivencia e intimidade destes passaros, vê-se constantemente um outro passaro, de cor preto-azul lustroso chamalotado, de vulto pouco maior do que o *japiim*, chamado *uiráuna*, que em lingua geral dos indios ou *tupy*, quer dizer *passaro preto*, o qual, quanto a mim, não é senão a *pêga do Brazil*.

Este genero de volatil, não cuidando nunca de fazer ninho para si, onde possa pôr os seus ovos, aproveita-se dos momentos de ausencia de alguns *japiiins*, introduz-se nos ninhos destes e lá os deposita de mistura com os delles, que em tudo são semelhantes. O *Japiim* não descobrindo ao principio o logro, que lhe foi pregado, choca os seus e os alheios ovos e começa depois a crear os passarinhos ; logo porém que chega a conhecer o erro e que pôde distinguir os estranhos dos legitimos filhos, expulsa os enjeitados e lança-os fóra do ninho. Muitos destes morrem ao abandono por entre o capim ou mato rasteiro, por estarem ainda mal emplumados.

Como já disse procuram as arvores altas e de difícil acesso para assentarem os seus ninhos ; e mais ainda tenho observado que sempre os collocam nas extremidades dos galhos e por via de regra a arvore tem no meio do seu tronco uma ou mais casas de formigas de fogo ou de cupim ou de cabas (insectos e animaes coleopteres, que dão ferroadas), os quaes os ajudam a defenderm-se da invasão dos inimigos. Nestas aggressões reunem-se todos, mostram valor e actividade e quasi sempre sahem victoriosos da luta, devido certamente este bom successo á sua muita actividade e discrição.

O *japiim* é omnívoro e pouco delicado na escolha da sua alimentação ; tudo lhe agrada e o contenta ; sustenta-se de insectos, de pequenas cobras, de grãos, bagas e fructos.

As *laurineas*, as *myrthaceas*, as *passifloras*, as *musaceas*, as *phytolaccas*, as *aurantiaceas* e ou tros individuos do reino vegetal, contribuem largamente para o regalo do seu paladar.

Tem o grito sonoro e forte, mas breve ; ouve-se a sua voz ou canto em distancia, sem que se tenha descoberto ainda o lugar onde esteja pousado. Como vive em bandos, está constantemente a chilrar, desde que amanhece até que anoitece e a repetir o mesmo canto ou estribilho, que é *chéo chéo, chéo chéo, chéo chéo*.

No entanto parece que em suas variações de gorgeios arremeda os outros passaros, excepto ao *tamurú-pará*, cujo canto é forte, prolongado e semelhante ao rufo de um tambor.

A respeito deste passaro contam os indios um apolo go engraçado e moral.

Dizem que no tempo em que os passaros fallavam, os *tamurú-parás* irritados por serem arremedados em seus gorgeios pelos *japiins*, os desafiaram para um combate em que estes ficaram derrotados ; e tão sanguinolenta foi a carnificina, que os *tamurú-parás* flearam com os bicos vermelhos do muito sangue derramado e assim os conservam até hoje. Mudaram logo depois da batalha o seu gorjeio para outro mais difficult, que é o de que agora tem usado, cuja decifração ou traducção em vulgar significa á maneira de ameaça aos *japiins* o seguinte :

« Olhem lá se nos arremedam, lembrem-se de que o sangue de vossos avós andam nos nossos bicos ! »

Cumpre observar que o *tamurú-pará* é um passaro preto, de bico encarnado, pouco maior do que o *japiim*; do tamanho da *uirauña*; acoinpanha-o para toda a parte: faz o seu ninho no chão em buracos por entre as raizes das arvores e canta quasi a todas as horas á maneira de rufo de tambor, forte e prolongado.

Finalmente o *japiim* quando canta, toma uma posição notavel e forçando em cima do galho onde pousa, inclina-se bastante para diante, abre as pennas da cauda, saccode a cabeça varias vezes e solta o seu gorjeio, que é muito variado e por isso diz-se que elle arremeda os outros passaros.

Este animal domestica-se com facilidade no nosso lar, canta quando lhe parece ; come de tudo ; porém dura pouco tempo vivo. Parece que se fina de tristeza, por sentir-se privado da liberdade e dos companheiros do campo.

A' vista desta descripção feita *d'après nature*, com minucioso estudo e diligente observação, pôde-se comprehender bem em quantos erros cahiram *Maregravius*, *Adrovandus*, *Edwards*, *Belon*, *Brisson*, *Descourtile* e outros naturalistas, sem duvida arrastados pelas informações inexatas e por observações incompletas e mal apreciadas.

Tudo quanto fica narrado ácerca do *cassicus icteronotus* tem inteira applicação ao *cassicus hæmorrhous*, cujos habitos, costumes, indole e intelligencia são completamente semelhantes. Sómente ha diferença em ter este vulto mais pe-

queno do que o outro, e em vez de amarella, ser encarnada a plumagem do dorso, desde o meio da columna vertebral até junto da cauda.

Nos encontros das azas e no baixo-ventre não tem pendas encarnadas; tudo é preto. Além disto o *japum da mata* distingue-se ainda, porque evita quanto pôde, o contacto com a sociedade humana e por isso procura as florestas, em quanto que o outro lhe dá a preferencia, a ponto de vir imediatamente assentar moradia ao pé de qualquer sitio ou roçado, que de novo se abre no meio dos nossos sertões, e ahi fixa a sua habitação amena e encantadora. »

Além da serra de Parintins, as mais notaveis da provin-  
cia do Amazonas são as que constituem a cordilheira da  
Guyana e limitam o Brazil com as possessões hollandeza e  
ingleza e com a republica de Venezuela.

Eis, entre outras, as seguintes:

*Itacamiaba*: nas vertentes do rio Jamundá ou Nhamundá.  
Em consequencia da sua elevação e das rias ventanias, que  
allí reinam, não tem vegetação alguma, pelo que dão-lhe  
tambem o nome de *Serra Pellada*.

*Pararaina*: tem uma extensão de mais de oitenta leguas.

*Cristaes*: de grande vegetação e em cujo cimo ha um  
grande e profundo lago, sombreado por espesso bosque.  
Tem legua e meia de circumferencia.

*Rabino*: tambem de grande vegetação; é entretanto muito  
ingreme e de subida extremamente difícil.

*Cunauaru* e *Carauati*: estas ficam junto ás vertentes do rio  
Madeira.

*Andauari* e *Chauida*: proximas á cachoeira de S. Fi-  
lippe. (1)

---

(1) DOS APONTAMENTOS SOBRE O RIO BRANCO, publicados pelo Sr. José Paulino von Hoonhotz, extrahio as seguintes informações sobre esta importante cachoeira:

“ A primeira cachoeira que se encontra no alveo do rio, é a de S. Felipe, que se devide em tres secções distintas:

A primeira, conhecida, pelo nome de *Rabo da cachoeira*, é uma immensa bacia, chamada vulgarmente *perdo*, formada pela queda e rapido movimento de aguas, que transportam grande quantidade de areás, as quaes accumulando-se, formam um banco perigosissimo.

A segunda secção, chamada *Pancada grande*, é produzida por um arrecife, que corta transversalmente o leito do rio, com interrupções em diversos lugares, onde existem canaes, mais ou menos profundos.

Na occasião da cheia é difícil vencer-se a impetuosidade das correntes, que ahi se geram; e só com o decrescimento das aguas é que se consegue varar a cachoeira, e ainda assim com riscos imminentes.

A ultima secção, conhecida por *Pancada pequena*, é obstaculo de pequeno peso.

Entre a *Pancada grande* e a *pequena*, deriva-se pela margem esquerda um canal sinuoso, por onde parte das aguas do rio Branco vão lançar-se abaixo do *Rabo da cashoeira*.

*Carauamá, Vacari, Sapará e Pecané*: mais ou menos distantes das margens do rio Branco.

São tambem notaveis as serras:

*Cucuhi*: é a nossa fronteira com Venezuela; na margem esquerda do rio Branco, acima de Marabitanas. (1) Sobre ella passa a linha divisoria, a qual partindo do extremo occidental da serra *Pacaraina* e passando por esta, se dirige para as cachoeiras do *Cunhari*.

*Tunui*: na margem direita do rio Negro, entre os rios *Içana* e *Hié*. (2)

*Jacamim*: na margem direita do rio Negro, abaixo da cachoeira *Maraçabi*.

E' esta cachoeira a divisa ou raia entre o alto e o baixo rio Negro e dividia antigamente os respectivos governos.

Principia dahi a difficultar-se a navegação.

---

E' o furo denominado *Cujubim*, por onde se pratica a navegação em batelões e pequenas embarcações no tempo da enchente.

As aguas por ahi se despejam com grande velocidade e formam uma forte *corredeira*, que actualmente se vence á força de espia; porém, mesmo assim, o canal só se presta á navegação em muito pequena parte do anno, por falta de agua e pela grande quantidade de pedras que o obstruem.

Depois da cachoeira de S. Philippe, só na vasante extrema ha serios riscos para a navegação. O que chamam *Cachoeirinha* é um baixio de pedra, que os praticos sabem evitar. »

(1) Existiu ahi em Marabitanas, a antiga fortaleza do seu nome, mandada levantar pelo governador Manoel Bernardo de Mello e Castro, em 1763, para defesa da fronteira. Era um quadrado, cujo lado para o rio tinha dous baluartes. Parte desta fortaleza imergia pela enchente. A pesar de haver sido reparada em 1843, hoje della apenas existem as ruinas.

(2) O *Içana* ou *Iquiari* lança-se na margem direita do rio Negro, cerca de 400 braças abaixo da povoação de Nossa Senhora da Guia. Suas vertentes são na nossa linha de limites com Venezuela.

O curso do Içana é obstruido por cachoeiras entre as quaes se distinguem as de nome *Arary*, *Carurú* e *Tenui* ou *Tunui*, junto á serra do mesmo nome.

Nas suas margens acham-se aldeados indios das tribus *Arequinas*, *Siuct-tapuia*, *Jauarité-tapuia*, *Quati-tapuia* e *Barés*, que fabricam farinha, ralos e balaios, objectos de permuta entre elles e os comerciantes.

O rio *Hié* ou *Guassiyé* lança-se na margem direita do rio Negro, a 45 milhas do Cucuhy. Na sua fóz e margem direita assenta a povoação de S. Marcellino.

Também pelas suas vertentes passa a vossa linha de limites com Venezuela.

E' dificil a sua navegação, por ter o curso obstruido por sete cachoeiras e uma *corredeira*.

Dessas quedas d'agua as que apresentam maior obstaculo são as de nome *Cumati* e *Quati*, e todas ellas, na época da enchente, ficam mais ou menos submergidas, com excepção da primeira, que sempre conserva grande diferença de nível.

Por este rio, communicam-se os habitantes dessas paragens com povoações de Venezuela, mediante um pequeno tranzito de terra.

Ha ainda as serras dos rios *Maraviá* e *Cananari*, as quaes fórmam as cachoeiras do *Apaporis*, *Japurá* e *Madeira* (1).

Tambem ainda se encontram na região do Solimões, a serra *Canariá*, que margêa o rio do mesmo nome, e o monte *Tabatinga*, entre as fronteiras de Loreto e a povoação de Tabatinga (2).

E' nesta zona que habita a tribu dos *Ticunas*, de que passarei a dar uma breve noticia.

Eis o que relativamente a essa tribu escreveu no seu *Diario da viagem ao Rio Negro* o ouvidor Ribeiro Sampaio :

« São os *ticunas* de um natural preguiçosissimo. Na sua philosophia professam o miseravel dogma da metempsycose ou doutrina pithagorica da transmigração das almas para outros corpos, ainda dos irracionaes. Adoptam o rito judaico da circumcisão em um e outro sexo, sendo pela maior parte as mães as ministras da operação que celebram com grandes festejos, impondo os nomes aos circumcidados.

São tão apegados á idolatria, que aos mesmos já doutrinados nas nossas povoações não é possivel poder persuadir que deixem o seu idolo, pois constantemente se lhe está achando em suas casas.

---

(1) As cachoeiras do *Apaporis*, são as seguintes: *Hiá*, *Miri*, *Cupati* e *Furna*. Esta é a mais notável.

Com 20 dias de viagem em igaré ou canôa, da foz do *Japurá*, chega-se á barreira do *Inambú*, onde se acha collocado o marco que symbolisa os limites entre o Brazil e o territorio granadino. Aqui demora a primeira cachoeira do *Japurá*, a qual os indios denominam *Inambú-cachoeira*. A um dia de viagem chega-se á segunda, chamada *Cachoeira-assú* ou dos *Coretús*; a terceira é chamada *Uaimi-cachoeira* e fica proxima ao igarapé *Pinima*: a quarta tem o nome de *Arara-cuara*, e a quinta o de *Maracaná*.

Daqui por diante nada mais se sabe.

Da cachoeira dos *Coretús*, com 6 dias de viagem, encontra-se o *Cauinari*, affluente do *Japurá*, onde demora a cachoeira *Tapiiracaiuera* (Ossos de velhas). Segundo o *Cauinari*, ao setimo dia de viagem, encontra-se o *Pama*, affluente do *Cauinari*. Porto da confluencia do *auinari*, fica a cachoeira denominada *Uviá*. Esta cachoeira é antes um canal de duas leguas de extensão e 20 braças de largura. As margens são penedias alcantiladas de 40 braças de altura; por esse canal passa o rio, como que resentido não só de semelhante angustura, como da inclinação do leito, do que resultam um movimento e fragor assombrosos.

(2) A povoação de Tabatinga acha-se situada na margem septentrional do Solimões, perto da confluencia do rio Javary. E' defendida pela fortaleza do mesmo nome, levantada em 1776, de ordem do governador Athayde Teive, pelo major Domingos Franco.

Pela facilidade de navegação a que alli os rios se prestam; pela frequencia com que vém a esse lado da fronteira os nossos vizinhos a trazerem generos de commercio, é esse ponto militar de inuita importancia e a chave de nossa fronteira pelo lado do Peru.

Pelo recenseamento de 1872 verificou-se que Tabatinga possuia 201 fogos e 786 habitantes, sendo 784 livres e 2 escravos. Do sexo masculino eram 501 e 285 do sexo feminino, sendo 741 nacionaes e 45 estrangeiros.

E' este idolo uma medonha figura feita de diversos cabaços e coberta por cima da casca de uma arvore, chamada *aichama* que parece estôpa, da qual fazem tambem alguns toscos tecidos para as suas cobertas. Ao idolo chamam *ho ho*, nome que dão ao diabo.

O distintivo desta nação consiste em um risco negro e estreito das orelhas até o nariz. As mulheres não usam de cobertura nenhuma; os homens porém se cobrem pela cultura com a casca acima referida.

Tem porém os Tecunas a singular arte de prepararem as aves e passarinhos, que matam com esgaravatana, de tal sorte que ficam inteiros com todas as suas partes, enchendolhes a pelle com algodão ou sumauma, com o que contribuem para se mandarem para a Europa em beneficio da historia natural.

O Sr. Wilkens de Mattos, no seu importante *diccionario topographicico do departamento de Loreto*, dá minunciosas noticias a respeito dos Ticunas.

Andam nus, trazem os cabellos compridos e soltos sobre as espaduas e aparados á meia testa.

Usam collar de dentes de tigres e macacos e ornam os braços com uma banda de algodão, por elles tecida e enfeitada com pennas encarnadas e amarellas de tucano.

Crêm no espirito bom e máo, temem a este e acreditam que aquelle, depois de morrerem, apparece-lhes para comer fructas com os mortos, levando a estes para a sua habitação.

Sepultam os cadaveres em vasos de barro, collocando-os assentados e com as mãos e pés atados juntos, e a face voltada para o nascente. Acompanham o cadaver as armas do finado as quaes são previamente quebradas e provem-o das melhores frutas, que podem obter na occasião. Terminada a ceremonia do enterramento, ha uma grande festa, que consiste de bebidas fermentadas feita de aipim e outras raizes. (1)

---

(1) Para estas festas ou antes, para todas as suas festas, usam sobretudo os indios das bebidas fermentadas, a que dão o nome de *Caissuma*, e *Pajauaru* ou *Caixiri*.

A *Caissuma* é preparada com popunha socada e humedecida com agua. Tambem preparam-na com pacova e macachera ou aipim. Dizem ser bebeda muito agradavel.

Quanto ao *pajauaru* ou *Caixiri*, preparam-no do modo seguinte: ralam a mandioca, espremem-na no *tipiti*, desprezam o caldo e da massa fazem grandes beijús, que torram no forno de fazer farinha de mandioca.

Quando cosido, preparam sobre taboas ou tabocas uma cama de folhas de bananeiras, da espessura de uma pollegada, sobre a qual collocam em ordem os beijús. Borrifam-nos com agua e espalham sobre elles folhas picadas de mandioca, a que chamam *manisoba* e cobrem-nos com outra camada de folhas de bananeiras, da mesma grossura que a inferior. Collocam por cima e dos lados taboas de peso suficiente, de modo a não desmoronar-se a pilha.

As mulheres logo que chegam á puberdade, são encerradas em um lugar vedado á vista dos estranhos á familia ; ahí permanecem todo o tempo preciso á promptificação dos manjares e bebidas para a festividade em honra á virgem. No dia aprasado, a joven recebe um banho geral de tintura forte de genipapo, e depois de ornada de seus enfeites de pennis, é apresentada aos convidados, entre os quaes é de rigor achar-se um *Page* (1) e o futuro esposo que os paes da joven lhe destinam.

---

Passados tres ou quatro dias, descobrem-nos e depositam os beijús, que já cobertos de mófo, em grandes panellões, que tapam hermeticamente com folhas sobrepostas umas as outras e amarradas com sipó.

Dous dias depois descobrem-os e encontram os beijús humidos tendo deixado correr um liquido de côramarellada e crystallino e com o sabor de vinho branco. Cada panellão dá do tal liquido um copo de meio quartilho.

Estes beijús, dissolvidos n'agua, tornam-se, segundo a qualidate da maudioca, da côr de gemma de ovo ou pardacenta e formam um caldo da espessura do creme de leite, desabor agradavel muito refrigerante e diurectico.

A esta bebida dão tambem os indios o nome de *Caixiri*.

Dous ou tres dias depois, quando já a fermentação se tem efectuado, torna-se então a bebida inebriante, de gosto desagradavel e só accommodada ao paladar, já muito habituado, dos indios.

Destillada, dá excellente aguardente chamada de *beijú*.

(1) *Pagés* são os sacerdotes e ao mesmo tempo os medicos dos indigenas.

« *Piagé, piache, piaye* ou *piaga*, diz o Sr. Gonçalves Dias, era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o auguré e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America.»

Hans Staden escreve *paygi*; o padre Vasconcellos *payé*; e Damião de Góes *page*.

Fugindo dessa tal qual sociedade que tinham, diz ainda o Sr. Goncalves Dias, retiravam-se as cabanas afastadas e obscuras ao eco das arvores, á lapa dos rochedos ou ás cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava e de cuja visita se abstinham: alli impondo-se privações; padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso, e durante longas noites passadas no silencio apenas interrompido pelo borborinho confuso das matas, dados á maceração, ao jejum, tornavam-se os *pages* excessivamente nervosos e de uma sensibilidade exquisita.

O respeito que inspiravam aos demais fazia com que ainda mais se respeitassem e a consideração em que eram tidos, redobrava aquella em que si tinham a si proprios.

Os segredos que possuíam obtidos pela observação e experiençia ou herdados de seus antecessores, eram como o sello da sua autoridade e o caracteristico do seu valimento para com Deus. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seus costumes, e quanto empregavam para grangear prestigio. Supunha-se delles como na idade média dos que se clausuravam, que um guerreiro não deixava as suas tabas o seu modo de vida, as suas festas, os seus jogos, as suas guerras, senão por uma vocaçao forte, por um chamado providencial.

Collocado no centro do salão, o *Page* tomando a mão direita da joven, prediz a sorte que lhe aguarda, depois do que, cantarolando em torno della, vai arrancando-lhe os cabellos que estão soltos sobre as espaduas. A esta ceremonia acodem todos os convivas, que a essa hora já se acham bastante embriagados e cada um por sua vez dansando e cantando em roda da joven, lhe vai tambem arrancando os cabellos. Ao cabo de meia hora está a moça pellada e soffrendo horrivelmente.

---

Eram portanto reputados entes superiores, e em falta de amor, inspiravam um respeito cégo e um temor incrivel. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, a menos incompleto dos seus conhecimentos e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura ou provocar uma enfermidade artificial.

Com a reputação que tinham não lhes era tambem muito difficult atribuirsem-se todos os acontecimentos favoraveis ou desfavoraveis, sobrevindo a um guerreiro ou a uma tribu, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seu prestigio, que julgava-se serem elles os que inspiravam aos guerreiros o espirito de força e que delles dependia o bom exito das emprezas; pelo que eram seguidos os seus conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seus anathemas. Se vaticinavam a morte a alguem, nenhuma salvação havia para este, que, levado pela imaginação e prejuizos, se deixava vencer do desanimo, de modo que o terror e a convicção da fatalidade imminente, paralysava-lhe o gyro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario tambem, conhecendo elles quanto grande era a influencia do moral sobre o physico, bastava que com algumas ceremonias grotescas assegurassem a vida a qualquer enfermo, para que estes em certos casos se restabelecessem.

Tambem em diferentes lugares do interior das duas provincias do valle do Amazonas, encontram os viajantes certos sitios a que dão o nome de *Pagés*, por haverem sido a residencia desses medicos, sacerdotes e prophetas dos indios.

Nunca por ahi passam esses filhos das selvas sem depositarem, com religioso respeito, alguma offerenda para o espirito do mysterioso personagem que alli vivera, e acreditam que sem essa oblação não chegariam sem perigo ao fim da jornada, porque levariam consigo a maldição do espirito invisivel, que paira naquelle sitio.

Eis o que a respeito destes costumes refere um viajante:

“ Tinhamos já perdido de vista as ilhas de Souzel e navegamos aguas acima com toda a força. Pela volta das 11 horas passamos a ultima habitação christã. Com effeito, duas horas depois ouvimos à prâa o grito de *Page!* o *page!* e decorridos alguns minutos passavamos junto a um rochedo, na margem esquerda, no qual jasiam depositadas no chão algumas flechas

“ Este rochedo, chamado pelos gentios *Page*, é por elles venerado e as flechas que alli tinhamos visto, significavam uma ameaça a todos os que ousasse invadir seu territorio; entretanto, a despeito da ameaça, aumentamos de força para vencer a correnteza, que naquelle lugar era por demais violenta.

“ Ao passarmos pelo *Page* tivemos o cuidado de parar por um momento, para apanharmos as flexas com que o tinham presenteados os gentios.”

Então as aias, que são tres das mais idosas dentre as convidadas, arremessam a joven para o lado do noivo, que a attrahe a si, terminando assim a solemnidade nupcial.

São os *Ticunas* pacificos, doceis, frances e honestos; imberbes, rosto redondo e o nariz delgado. Praticam a poligamia.

A um respeitavel sacerdote da provincia do Amazonas e que por muitos annos viveu no Solimões, devo a descrição de um baptismo conferido a um menino *ticuna*. O digno sacerdote, que m'a referiu, foi testemunha ocular dessa scena grotesca, ou, servindo-me de suas palavras, desse espectaculo doloroso entremeiado de damas ao som de gaitas toscamente fabricadas de não sei que madeira e taboco.

Mascarados uns com tinta vermelha e preta, referiu-me elle e outros com rodilhas de panno e folhas na cabeça, invadiram diversos indios o lugar em que se achavam reunidos os paes da criança e os maiores da tribu, e logo após os primeiros mascarados entrou um outro grupo formado por individuos cobertos com pelles de diferentes animaes, arremedando cada individuo o animal de que trazia a pelle ou ave com cujas pennas se enfeitava.

Depois a criança, pintada de *carajurù*, foi collocada no hombro de uma mulher e mettida no centro de um grande circulo, formado por homens e mulheres, o qual de quando em vez se abria, separando os sexos.

Era uma especie de dansa frenetica, furiosa, em que os sons dos instrumentos desafinados se misturavam e confundiam ccm o som rouco das vozes, que repetiam constantemente a palavra *kea!*

Então, á um signal do chefe, abriu-se o circulo e cada qual começou a dansar, por sua vez, com a mulher que lhe ficava em frente, uma especie de dansa ligeira, cheia de movimentos lascivos e trejeitos, voltando em seguida para o seu lugar. Depois, agitando o maioral uma especie de tridente que empunhava, abriu-se o circulo e a apresentadeira da criança, que se havia retirado a um banco, em meio do silencio geral approximou-se, cantando, do maioral, que, entre gestos e palavras mal distinctas, beliscou com o dêdo pollegar e o index tão fortemente a cabeça da criança, que lhe veio immediatamente o sangue.

Esta terrivel ceremonia foi repetida por mais duas vezes em fórmula de cruz.

Terminada ella, começaram de novo a tocar os rouscos instrumentos, até que a um signal do chefe dirigiram-se todos ao panellão em que se achava o *rajaparú* em fermentação. Após copiosa libaçao, encaminharam-se para a mesa, formada de folhas de pacoveira, estendidas no chão, e onde assados e cosidos achavam-se pedaços de macacos, catitús, araras, etc.

Terminou o festim entre momices e gritos que soltavam, quando em cuias bebiham o *pajauarú*.

O nome que puseram á criança foi de Urutac.

Visinha dos *Ticunas* é a tribu dos Cambebas ou Omaguas,

que se diz oriunda da Columbia, de onde emigrada, entrou no Solimões, acima do rio Japurá.

Os primitivos *Cambebas* davam ás suas cabeças a fórmā das cabeças de tartaruga, para se não confundirem com as nações antropophagias; o que conseguiam, comprimindo a cabeça dos recem-nascidos até obterem aquella fórmā.

São guerreiros e costumam cortar a cabeça ao inimigo para levantarem-na como trophéo em suas malocas, fazendo dos dentes collares com que se adornam.

Sua arma é a frecha, diz o capitão-tenente Amazonas, que arremessam com a estolica, em vez do arco. E' ella uma palheta de cerca de dous pés de comprimento, em uma de cujas extremidades tem cravado um dente de fera, curvo voltado para a outra extremidade. Encurvada a palheta com a frecha applicada á convexidade do dente, seu elasterio ou extensão decide do alcance, como a mira do emprego.

Termino esta pequena noticia sobre os ticusas e cambebas, escrevendo algumas linhas mais ácerca das armas de que se serviam e ainda se servem as diversas tribus indigenas.

Além do arco e frechas communs, de que todas elles mais ou menos se servem, são mais notaveis a *zagaia*, o *curabi*, o *tacape*, o *tangapema*, o *tamarana*, o *cuidatú*, o *murucu*, e a *zarabatana* ou *esgaravatana*.

Os arcos são armas curvas, ordinariamente feitas da madeira *pão d'arco*, ou tambem da palmeira *paxiuba* ou ainda de qualquer outra madeira susceptivel de curvar-se em arco de circulo, por effeito de uma corda preparada com fios de carauá e encerada com uma preparação chamada breu de frecha, presa a cada extremidade do lado convexo.

Umas vezes os arcos são completamente envolvidos por fios extrahidos das palmeiras tucum ou tucuman; outras vezes, não. São instrumentos de que se servem os indios para arremessarem ao longe as frechas.

As frechas são instrumentos offensivos de que mais geralmente se servem os indios, ou para a caça e a pesca ou para a guerra. São especies de settas, compostas de duas partes distintas, a haste e a ponta. A haste é ordinariamente feita da propria taboca, sendo delgada e direita, e a ponta ou *suumbá* é feita ou de madeira rija aguçada como paracaúba, maçaranduba, ou de palmeira paxiuba ou de outra qualquer madeira menos rija, porém armada a sua extremidade inferior de pedaços aguçados de ossos longos de animaes ou ainda dos proprios ferrões da arraia e das espinhas de peixes.

Estas frechas são aladas umas e outras não. As aladas são as que tem pennas de varios passaros collocadas uma pollegada abaixo da extremidade superior e no sentido longitudinal. Estas são as de que se servem para maiores distancias, ou arremessadas directamente ou descrevendo uma parabola. As outras são exclusivamente empregadas para pequenas distancias.

Ha tres especies de frechas usadas na guerra, diz o Sr.

Gonçalves Dias, *uagike comm*, a harpoad ; *uagike méran* ; e a outra para caça de animaes menores, *uagike-bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eliptica, feita de taquara ; tostam-na para ficar mais dura e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido della, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da frecha harpada, que tem pollegada ou pollegada e meia de comprimento, é feita de pão d'arco ou de *airi*. E' fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos e tambem na guerra. A sua ferida é perigosa, por ser de difícil extracção.

As frechas da terceira especie são obtusas e matam por contusão : tomam para isso uma vara que tenha tres ou mais nós, formando como um botão de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras, untam-nas com cera, passam-nas ao fogo, para que penetre melhor e assim fazem tambem com os arcos.

A *zagaia* é uma frecha alada, contendo na ponta tres farpas hervadas, duas das quaes são postas obliquamente.

O *curabi* é uma frecha pequena e curta, quasi sempre hervada. O indio bravio tral-a ordinariamente em punho.

O *tacape* é um instrumento feito de madeira preta ou vermelha, de cinco ou seis pés de comprimento, com uma rondella ou moca na extremidade, da gressura de uma pollegada no meio, aguçada na ponta e cortante como um machado.

A *tangapema* é uma especie de espada ou alfange de que se serviam nos sacrificios.

A *tamarana* é um pão faceado, de quatro lados oppostos e iguaes, porém mais grossos em uma das extremidades a que punham franjas de algodão e outros ornatos.

Baena descreveu-a do modo seguinte: « A *tamarana*, assim como o *cuidarú*, é uma especie de clava de cinco palmos de comprimento, chata, esquinada, de duas pollegadas de largura e mais grossa para uma das extremidades.

O *cuidarú*, é uma arma curta, a modo de clava, chata, esquinada, de quatro palmos de comprimento e tres a quatro pollegadas de largura: E' mais grossa para uma das extremidades, e feita de madeira rija, quasi sempre de pão vermelho.

O *murucú* é a mesma arma, feita de igual madeira, porém, em ponto maior, para ser brandida com ambas as mãos. Costumam golpear-a, de modo que ao entranhá-la se quebra na ferida.

A *zarabatana* ou *esgaravatana* é uma das armas mais terríveis e certeiras de que se servem os indios. Dentro do tubo interior introduzem uma pequena setta hervada de paxiuba (*huamiri*) e na extremidade superior da setta enrolam um pouco de sumaúma ou a'godão, de modo que feche hermeticamente o orificio do cylindro e offereça tal ou qual resistencia ao ar, para ser expellida com mais violencia.

Voltemos agora ao rio Madeira, talvez o maior dos affluentes do rio-mar e sem duvida nenhuma um dos mais importantes pelos valiosissimos productos, que encerram suas margens, admiravelmente uberrimas, e tambem por ser a poderosa arteria, o caminho mais facil não só para as provincias de Mato Grosso e Goyaz, como para a fronteira da Bolivia.

Segundo a opiniao mais geral é formado o caudaloso rio Madeira, da juncção, em deffernetes pontos, de tres grandes rios: o *Guaporé* ou *Itenez*, o *Mamoré* e o *Beni*; estes dous vindos da Bolivia e aqueile da provincia de Mato Grosso.

O ponto da juncção destes tres grandes rios, segundo o sargento-mór de engenheiros, R. Francisco de Almeida Serra, é a  $11^{\circ} 55' e 46''$  de latitude sul, e a  $22^{\circ} 34' e 14''$  de longitude a oeste do meridiano do Rio de Janeiro.

O Madeira corre no rumo de N N O da sua nascente á foz do rio *Beni*, e dahi no rumo de N até a do *Abuná*, e finalmente no de N E deste ponto a ré a sua embocadura, no Amazonas.

Lança-se na margem direita do grande rio, na latitude  $3^{\circ} 23' e 43''$  S e longittude  $358^{\circ} e 52'$  E da ilha de Ferro, segundo ainda as observações do sargento-mór de engenheiros, Almeida Serra.

Pelas voltas do Amazonas acha-se a foz do Madeira distante de Belém 275 leguas, cinco acima da villa de Serpa (1) e 25 abaixo do Solimões e da confluencia do Rio Negro.

Em Baetas, 95 leguas acima da sua foz, é a sua largura de 400 metros, pouco mais ou menos, e em Santo Antonio, a 90 leguas acima de Baetas, esta largura não excede de 200 metros.

A sua profundidade até Santo Antonio regula de 10 a 12 metros.

A velocidade de suas aguas, na foz, é de  $0^m36$  por segundo; em Borba, a 25 leguas acima de  $0^m61$ , e finalmente em Baetas, a 70 leguas acima de Borba, de  $1^m8$ .

O seu declive é avaliado em 0,44 por legua.

O volume d'agua que fornece por hora ao Amazonas é representado pelo enorme algarismo de 6.870 metros cubicos(2)

(1) Depois de escriptas as linhas acima, chegou-me a noticia de que a assembléa provincial do Amazonas acaba de elevar a villa de Serpa á categoria de cidade, com o nome de *Itacoatiara*.

(2) Em Baetas a corrente é de  $3\frac{1}{2}$  milhas; de 1 em Borba e de 600 braças na foz. Em uma hora o Amazonas recebe do Madeira 2.250.000.000 de palmos cubicos de agua. A profundidade não varia da foz á villa de Borba 25 leguas acima: achei quasi sempre 6 braças no canal, e dahi á aldêa dos Muras 5. Informaram-me os praticos que até a cachoeira de Santo Antonio o rio é tão fundo ou talvez mais do que nos lugares por onde passámos. O facto da subida do vapor *Guajará* em 1854 até a povoação de Crato, no mez de Setembro, quando o rio está mais secco, prova que ha fundo sufficiente para navios que demandem de 6 a 8 palmos d'agua em todo tempo. Durante os seis mezes de inverno, de Dezembro a Maio, grandes barcos podem chegar ás cachoeiras. (*Relatorio do Dr. J. M. da Silva Coutinho, de 1861.*)

A área comprehendida pelo seu vale é calculada em 16.000 leguas quadradas.

Os indigenas davam-lhe o nome de *Caiari*, que Francisco de Mello Palheta substituiu pelo de *Madeira* (1), em consequencia da grande quantidade de troncos ou madeiros que incessantemente são arrastados pela correnteza.

O rio *Guaporé* ou *Ytenez* nasce na província de Mato Grosso, corre na direcção de E S E e une-se ao *Mamoré*, depois de ter banhado o forte do Príncipe da Beira. Em seu trajecto recebe os seguintes affluentes, que lhe engrossam as aguas: S. Nicolão, S. Simão, S. Martinho, Rio Negro, Rio Branco, Magdalena, Ypurupuro ou Machupo.

O rio *Mamoré* é formado da reunião dorio *Sara* com o rio *Chapare*, e tem por affluentes os rios *Secure*, *Tijamuchi*, *Apere*, *Rapulo*, *Yacubuma*, *Yvare*, *Matucare* e outros de menor importancia.

O *Beni* corre das montanhas do departamento de *La Paz*, na Bolivia, e banha em seu trajecto campinas de luxuriante vegetação.

---

(1) Tambem constantemente pelo Amazonas encontram-se grandes tóros de cedro e de outras madeiras arrastadas pela correnteza; porém o que mais recrêa os olhos do viajante, fatigado da monotonia do rio, é a quantidade de ilhas, verdadeiras ilhas, de canarana, que o enchem. Deixo á pena habil do Sr. G. de Amorim a descripção desse singular espectáculo:

« Pelo rio Amazonas e por alguns dos seus tributários descem grandes massas de capim agigantado, a que no paiz dão o nome de *canarana*, as quaes formam verdadeiras e vistosas ilhas, que vão fluctuando até encontrar um baixo, uma ponta de terra ou alguma grande arvore que as faça parar. Acontece muitas vezes trazerm no meio cedros secos e outros madeiros enormes, caídos das margens do rio e que formam, com seus grossos troncos, o nucleo da ilha. Outras vezes vêm-se nellas arbustos com dous, tres e mais metros de altura, arrancados pelas massas de canarana com os pedaços do terreno, e que vão navegando mui direitos e em toda a pompa e esplendor de sua rica vegetação tropical, levando pendentes dos ramos ninhos de formosos passarinhos, que lhes esvoaçam em torno, alegres e indiferentes á mudança ou talvez mesmo contentes com a viagem ! »

« Confesso que nunca vi espectáculo tão original e tão gracioso como esses comboios pittorescos das ilhas de canarana. A massa de seus ramos encruzados em todas as direcções é tão compacta que, ainda mesmo quando não leva arvores secas enlaçadas, pôde-se andar de pé sobre ellas; e muitas vezes as grandes canchas varam-lhe em cima, para dar descanso aos remeiros sem interromper a viagem e sem necessidade de governo. »

Não são só as avesinhais, que alli têm seus ninhos, os unicos habitantes: tambem lá se encontram jacarés, cobras de varias qualidades e grandezas, garças e outras grandes aves aquáticas, que parecem achar prazer naquellas aventurosas peregrinações. Algumas destas ilhas fluctuantes percorrem centenares de leguas e é vulgar, logo que se chega proximo ás costas do Pará, encontrar-as ainda antes de se avistar a terra; porém ahi já em muito diminutas proporções, porque as ondas do oceano as tem desfeito ou dividido. »

Era já mais ou menos conhecido o Madeira no tempo da viagem do capitão Pedro Teixeira a Quito.

Em 1716 o capitão-mór do Pará João de Barros Guerra, de ordem do governador Christovão da Costa Freire, á frente de uma expedição subiu o Madeira até o rio *Maissy*, a fim de castigar os indios *Torás*, por descerem o Amazonas para atacarem as canôas dos regatões, como por varias irrupções que fizeram ás aldéas de Canumã e Abacaxis.

Segundo Baena, não passou o capitão-mór Barros Guerra das barreiras do Manicoré, 75 leguas acima da foz do Madeira.

Sendo obrigado a abandonar a expedição por grave incomodo de saude, teve a infelicidade de naufragar e morrer, por lhe haver cahido sobre a canôa, que o conduzia, uma grande arvore que se desprendera da ribanceira, alluida pelas aguas do rio. Na sua ausencia continuaram as hostilidades contra os indios, dirigidas pelo capitão de infantaria Diogo Pinto da Gaia e pelo sargento-mór das ordenanças Francisco Fernandes.

Reduzidos os indios aos ultimos apuros, foram obrigados a depôr as armas e a sollicitar a paz, que lhes foi concedida, mediante a condição de se aggregarem á aldêa de Abacaxis, hoje Serpa.

Em 1723, segundo Baena, ou em 1725 segundo o capitão tenente Amazonas, foi o rio Madeira conhecido, pela primeira vez, até a parte superior das cachoeiras. Era então governador do Pará o general João da Maia da Gama. A noticia que por alguns individuos incumbidos do *descimento de indios* (1) do Madeira lhe foi dada, de que acima das cachoeiras havia habitações de gente branca, que não sabiam se eram portuguezes ou hespanhóes, motivou a expedição que mandou o dito general ás ordens de Francisco de Melio Palheta.

Subia Palheta as cachoeiras e encontrou perto da foz do Mamoré uma canôa de indios castelhanos, dirigida por um mestiço, que o levou ás missões hespanholas, na aldêa da *Exaltação de Santa Cruz dos Cujubas* situada na margem ocidental do Mamoré, entre os rios *Iruiname* e *Maniqui*.

---

(1) *Descer indios* ou *descimento de indios* era a expressão que julgaram mais propria para amenisar a crueldade e a violencia dessas celebres expedições, que tinham por fim escravisal-os.

Entravam as *bandeiras*, (expedições) em seus rios, assaltavam suas malocas, intimavam-lhes a rendição, percorriam as matas, como se fizessem uma caçada de homens, atiravam sobre os que recusavam submeter-se e captivavam os outros, a pretexto de civilisal-os.

*Curral-caicára*, em lingua indigena--era o nome affrontoso que davam ao lugar em que eram depositados como mercadoria, como animaes, os infelizes filhos das selvas para serem depois vendidos como escravos. Ainda hoje conserva, como vivo testemunho desse trafico vergonhoso, o nome de *Caiçára* uma povoaçao do Solimões, porque para alli eram levados os indios escravizados no rio Juruá.

De volta da sua expedição nada disse Palheta ácerca do *Beny*, que havia de encontrar entre as cachoeiras, nem do *Guaporé*, que tanto na entrada como na saída do *Mamoré* não podia deixar de ver.

Posto que esta viagem não fosse propriamente de exploração, ficou entretanto dahi em diante conhecida uma parte muito importante do paiz e de seus limites provaveis.

Em 1737, estabeleceram os padres jesuitas uma missão nas imediações da primeira cachoeira, a que, do nome da missão chamou-se de Santo Antonio, e subindo o rio até a confluencia do *Mamoré*, e nelle entrando, passaram a praticar com outros missionarios no territorio do Perú.

Em 1742, um individuo de nome Manoel de Lima, desceu de Mato Grosso pelo Guaporé e Madeira até o Amazonas, entregue sómente á descrição da corrente e sem saber até onde iria parar.

Em 1760 o capitão general (governador de Mato Grosso) que já em 1752 visitara o Baixo-Guaporé, foi fundar no lugar onde pouco antes existia a missão hespanhola de Santa Rosa, uma fortaleza denominada de Nossa Senhora da Conceição, que em 1776 foi substituida, por achar-se inteiramente arruinada, pelo forte do Príncipe da Beira (1).

---

Tal foi o meio de que se serviram esses primeiros exploradores das matas do Amazonas, para atrahirem os indios aos benefícios da civilisação!

Felizmente a carta de lei, datada de 6 de Junho de 1755 aboliu semelhante commercio, até então considerado muito legal e declarou os indios do Pará e do Maranhão isentos de toda a escravidão.

Esse reconhecimento dos direitos sagrados de tantos milhares de homens, essa lei santa e humanitaria, que vinha pôr côbro a tantas scenas de atrocidade e violencia, é representada pelo grande ministro de D. José, por esse homem extraordinario, que se chamou Sebastião José de Carvalho e Mello, depois marquez de Pombal.

(1) Uma legua e um terço depois da barra do *Itonamas*, na margem direita do Guaporé, 490 leguas além da cidade de Mato Grosso.... existe o forte do Príncipe da Beira, começado em 1776, a fim de proteger a navegação de Mato Grosso para o Pará pelo Madeira, e substituir o Presidio da Conceição, que houve em outro tempo, um pouco abaixo, sobre a mencionada margem; está fundado em terreno espacoso, que declina suavemente para todos os lados, e livre da inundação, que neste lugar chega a 48 palmos de altura: ha uma lagôa proxima ao rio, que principia 27 braças distante do fim da esplanada, na direcção da capital do baluarte, que olha para o S S O.

O forte do Príncipe é fortificação regular, a melhor que temos em toda a fronteira: consta de um quadrado de 60 braças do lado exterior, fortificado segundo o sistema de Vauban; tem fosso, estrada coberta, quatro praças d'armas e esplanada; entra-se no forte por douz portões, um que está em frente ao rio e outro a meio da cortina, que olha para o N N O....

..... O Guaporé forma em frente ao forte uma enseada não pequena. (*Luiz d'Arlincourt.*)

Em quanto alli estava chegou uma expedição vinda do Pará com petrechos de guerra.

Desde então foi tomando incremento a navegação do Madeira e Guaporé.

Foi por ella que o distrito de Mato Grosso se aprovisionou não só da artilharia, petrechos e munições de guerra, mas também de outros artigos do seu mercado, como sal, ferro, aço, cobre, louça, líquidos e ainda fazendas secas.

Foi por ella que se retirou o governador D. Antonio Rolim, e que transitaram na ida e volta seus sucessores imediatos, bem como diversos magistrados e officiaes militares e finalmente foi por ella que por muito tempo se transmittiu a correspondencia com a corte de Lisboa, fundando-se entre tanto nas margens dos rios alguns povoados de ephemera duração. (1)

De 1780 a 1790 foi o Madeira explorado scientificamente pela commissão de engenheiros, que levantou a carta da província, para servir de base ao tratado definitivo de limites entre o Brasil e as possessões hespanholas.

A ultima viagem da commissão ao Madeira foi dirigida pelo sargento-mór de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que verificou as observações feitas anteriormente, acrescentando algumas notícias importantes sobre lugares e rios não mencionados no primeiro diario. O seu trabalho por isso é o mais perfeito sobre este rio.

Na secretaria da província do Amazonas existe a carta da província, que levantou essa commissão, desenhada pelo Dr. em mathematicas José Joaquim Victorio da Costa. (2)

A' margem direita do Madeira e 25 leguas acima da sua foz, acha-se assentada a villa de Borba, hoje muito decadente.

Esta villa, antiga aldea de *Trociano* (3) e depois freguezia de *Araretama*, foi fundada em 1728 pelo padre João de Sam-paio, religioso jesuita, junto ás primeiras cachoeiras do rio Madeira.

Desse sitio, que foi o seu primitivo assento, trasladou-se para a foz do rio *Jamary*, affluente do Madeira e por isso teve a donominação de aldêa das cachoeiras ou mais geralmente de *Jamary*.

---

(1) Tratado de geographia pelo Sr. senador Pompéo.

(2) Relatorio do Dr. J. M. da Silva Coutinho 1861.

(3) *Trociano* era o instrumento de guerra de quasi todos os gentios do Pará, diz o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira,— como o havia na aldêa antigamente chamada do *Trociano*, hoje villa de Borba. Serve ao gentio de caixa de guerra para as suas chamadas, e também para os avisos, que de parte a parte fazem umas a outras aldêas, quando ha novidade que participar aos aliados, que estão mais distantes. De sorte que a primeira aldêa que houve o signal do *Trociano*, o participa á outra sua imediata, fazendo o mesmo signal, e assim em breve tempo se avisaem ainda as que estão mais remotas. Também serve para chamada de baile e se distingue pelo differente toque.

Hostilisada constantemente a nova povoação pelos indios Muras, mudou-se para *Camuan*, na foz do rio *Gi-paraná*, hoje rio *Machado*, e em seguida para a foz do rio *Baeta*, outro affluent do Madeira onde tomou a denominação de *Araretama*. D'ahi finalmente trasladou-se para o lugar em que actualmente se acha.

Em 1756, quando elevada á categoria de villa, substituiu o nome de Trocano pelo de Borba.

A villa de *Borba* já floresceu, já teve seus tempos de gloria e o que é para admirar, quando as circumstancias não eram tão favoraveis como hojc; quando no Amazonas não havia navegação a vapor.

Não sei que máo fado persegue este immenso valle do Amazonas aqui parece que o mundo não caminha, retrograda; aqui as povoações em vez de augmentarem e crescerem, diminuem e desapparecem. Revendo-se os mappas e as corographias da provincia, reconhece-se que a tendencia á ruina e a destruição é endemica neste valle, como as febres que nas cabeceiras dos rios dizimam a populaçao.

O Rio Negro, por exemplo, outr'ora tão povoado e florescente, é hoje quasi um deserto e povoações que ainda em 1833 existiam, como Lamalonga, S. Bernardo, Camanáos, S. Miguel de Iparama, Nossa Senhora de Nazareth de Curiana, Loreto, S. João de Mabé, Carvoeiro-novo e Carmo, nem dellas hojc existem as ruinas.

Esse desmoronamento, essa destruição vai atacande tambem as povoações que ainda restam.

« Barcellos, outr'ora capital do Rio Negro, ainda mostra os alicerces do palacio dos governadores de que era residencia, e só a tradição revela que ahi tivessem existido um quartel, um armazem real e um hospicio carmelitano.

« La jasem os marmores que os portuguezes conduziram com destino á fronteira do *Cucuhy* para assignalar os nossos limites com Venezuela e que só tem servido de marcos da nossa incuria e imprevidencia. (1) »

---

“ Fazem-o de algum tronco de arvore, cuja madeira seja dura e compacta, que não suffoque o som que procede das pancadas das vaquetas. A *cupi-ihua* é uma das mais empregadas. Escavam o tronco ao fogo e dão polimento à obra com os dentes de cutia, caititú e concha uruá, com que lhe abrem seus lavores.

« Nem todos tem o mesmo numero de aberturas, mas duas, tres e mais. A forma tambem varia, pois o que descreve Gumilla, no seu *Orinoco ilustrado*, tem a figura de um rebecão.

« As vaquetas são duas maças, á maneira de embolos de seringa, com estopadas feitas de nervo de borracha, ou com os engaços do cacho da palmeira *patauá*. Para o tocar, suspendem-no do chão com o cipó *timbó-títica*, sobre duas forquilhas.”

(1) *Melhoramentos do Amazonas* pelo Dr. João Ribeiro da Silva Junior.

A morte prematura do autor impediu que elle terminasse esse importante trabalho.

Os jesuitas tiveram em Borba uma bem montada olaria. No lugar em que esteve esse estabelecimento, diz o Dr. Silva Coutinho, ainda vi escavações, de onde se tirava o barro e achei alguns pedaços de tijolos fabricados, ha mais de um seculo, em bom estado. Vi tambem os grossos alicerces de uma igreja que elles começaram, mas que não foi concluida. Existem ainda os restos de dous canos de esgoto subterraneos, que, partindo do lugar do antigo hospicio, vão ter ao rio.

O tabaco preparado em Borba passava, até muito pouco tempo, por ser o melhor de todo o Brazil.

Eis o processo empregado na sua manipulação:

Depois de ter chegado a planta ao seu completo desenvolvimento, isto é, quando as extrenidades das folhas começam a murchar, são estas colhidas e postas a seccar á sombra. No fim de quinze a vinte dias tira-se o tallo das folhas, a nervura principal, e formam-se molhos fortemente aperdados com embira, que é substituida no fim do processo pela jacitara.

Os molhos de duas libras tem um e meia pollegada de diâmetro e seis e meio palmos de comprimento.

O fumo, que era genero que em grande abundancia, em época não mui remota exportava a província do Amazonas, é hoje objecto de importação!

Tal é a cegueira pelos lucros phantasticos que a borracha offerece, que essa importante lavoura foi quasi que de todo abandonada, com excepção do municipio de Maués, onde ainda se cultiva.

E não ha reflexões por mais sensatas e não ha conselhos ou ameaça de um futuro assustador, que façam retirar o povo da seducção que, mais tarde ou mais cedo, ha de leval-o ao abyssmo.

O Madeira, o Purús, o Rio Branco ahi estão offerecendo suas terras prodigiosamente uberrimas ao lavrador; elle as vê, mas cega-o, fascina-o a seringuira, e eil-a após essa miragem, que, illudindo-o, acarreta-lhe a miseria, as enfermidades e a morte.

O clima de Borba é aprazivel e saudavel, em razão da posição em que se acha collocada, e seu terreno fertilissimo presta-se admiravelmente á cultura da mandioca, do milho, do arroz e do cacáo.

E' Borba, apezar de muito decahida, a povoação mais importante do rio Madeira.

A' margem esquerda do mesmo rio e acima de Borba, foi fundada em 1802 uma povoação com o nome de S. João do Crato. O fim que para isto teve em vista o governador D. Francisco de Souza Coutinho, foi o de facilitar as communicações commerciaes entre o Pará e as capitanias de Goyaz e Mato Grosso.

Nada entretanto foi possivel conseguir, em consequencia da insalubridade do clima.

Por algum tempo serviu esse lugar de presidio, até que, commandando o sargento Manoel Baptista de Carvalho o des-

tacemento collocado naquelle ponto e procurando a maneira de evitar a morte, que alli o esperava e da qual já começava a sentir os primeiros assaltos, mandou incendiar as poucas casas que então havia, e attribuindo este acontecimento ao acaso, abandonou o lugar, retirando-se com o destacamento.

A povoação de S. João do Crato passou para o lugar de Baetas e por lei provincial de 1868 foi transferida a séde da freguezia para a povoação de *Manicoré*.

Muito pouco importantes são as demais povoações, como *Sapucaia-oroca* (1) e sitios de *Mandihy* e *Boa-Vista*.

Do *Diario Astronomico*, que escreveram os officiaes engenheiros, mandados em 1781, na commissão de demarcação de limites, extraio, pela sua importancia e raridade, o seguinte roteiro da viagem pelo rio Madeira até a foz do Guaporé:

---

(1) A respeito desta pequena povoação, contam os indios do Madeira a seguinte lenda:

Pouco abaixo do lugar em que se acha assentada *Sapucaia-oroca*, referem os indios que existiu outr'ora uma outra povoação muito maior do que esta e que um dia desapareceu da superficie da terra, sepultando-se nas profundidades do rio.

E' que os *Muras*, que então a habitavam, levavam vida desordenada e má, e nas festas, que em honra de *Tupana* celebravam, entregavam-se a dansas tão lascivas e cantavam cantigas tão impuras, que faziam chorar de dor aos *anga-turámas*, que eram os espíritos protectores, que por elles velavam.

Por vezes os velhos e inspirados *pagés*, sabedores dos segredos de *Tupana*, haviam-nos advertido de que tremendo castigo os ameaçava, se não rompessem de uma vez para sempre com a prática de tão criminosas abominações.

Mas cegos e surdos, os *Muras* não os viam e nem os ouviam.

E pois um dia, em meio das festas e das dansas e quando mais quente fervia a orgia, tremeu de subito a terra e na voragem das águas que se erguiam, desapareceu a povoação.

As altas barrancas, que ainda hoje alli se vêm, atestam a profundidade do abysmo em que foram arrojados a povoação e os reprobos...

Depois, muitos annos depois, foi que começou a surgir a actual povoação, que ainda não pôde attingir ao grão de importância da que fôra submersa.

Foram de novo habitual-a os *Muras*; mas em breve, por entre a escuridão da noite, começaram a ouvir, tranzidos de medo, como o cantar sonoro de gallos, que incessante se erguia do fundo das águas.

Consultados os *pagés* venerandos, que perscrutavam os segredos do destino, declararam estes que aquelle cantar de gallos, ouvido em horas mortas da noite, provinha daquelles mesmos *anga-turámas*, que deploraram outr'ora a miserrima sorte da povoação submersa e que sempre protectores dos filhos da tribo dos *Muras*, serviam-se do canto despertador dos gallos da *Sapucaia-oroca* (gallinheiro, em lingua indigena) submersa, para recordarem o tremendo castigo por que passaram seus maiores e desviarem a nova geração do perigo de sorte igual.

E' esta a lenda que deu origem ao nome da pequena povoação—*Sapucaia-oroca*.

« Entrando pelo rio Madeira se deixará por estibordo o Amazonas, e com prôa ao S O se navegará pela margem oriental acima, encontrando nella, em distaneia de 11 leguas e meia a boca do rio Tupinambarana.....

« Navegando mais 11 leguas se chegará á villa de Borba, e largando deste porto acima, que pela distancia de quasi 2 leguas vai na direcção de E, tornando depois ao seu rumo geral de S O, se deixará por estibordo a boca do furo Uautás, que dista quatro leguas e meia da villa de Borba. Deste furo para cima corre o rio no rumo do S, na distancia de quasi sete leguas, em que se encontram notaveis praias e ilhas, sendo a primeira a da *Mandiúba*, logo adiante duas paralelas, chamaadas de *Carapanatuba*; e quasi onde o rio torna ao seu rumo geral está a ilha do *Jacaré*, e duas leguas superior se acha as ilhas de *José João*; deixando mais por estibordo a boca do rio *Aripuaná*, que fica 17 leguas acima do *Uautás*.

« Da referida boca do *Aripuaná*, se segue a viagem no rumo geral, encontrando logo as ilhas das *Araras*, que tem quatro leguas de comprido, e a costa da margem oriental, por onde se navega, de altas barreiras de oeres de diferentes cores, desembocando nella, defronte da ultima ponta das sobreditas ilhas, o rio do mesmo nome.

« Proseguindo a viagem se encontrará duas leguas adiante a ilha *Uruá*, que tem outras duas leguas de comprido, e mais duas superior em a mesma margem oriental a boca do rio *Mataurá*, que fica distante do rio *Aripuaná* dez leguas e meia. O rio *Mataurá*, communica-se com o *Tupinambarana* pelo rio *Camuam*.

« Da boca do *Mataurá* para cima leva o *Madeira* a direcção de O por quasi tres leguas, e dellas para diante busca outra vez o seu rumo geral até a boca do rio *Anhangatiny*, que dista do *Mataurá* cinco leguas e meia. No meio deste intervallo se acha a ilha do *Genipapo*, que tem duas leguas de extensão, com grandes praias, e trabalhosas correntezas.

« Da foz do *Anhangatiny*, segue o rio a direcção de O por quasi duas leguas, voltando depois ao seu rumo geral até a boca do rio *Manicoré*, que desagua no *Madeira* em a margem oriental, sete leguas distante do *Anhangatiny*. Entre a distancia em que ficam estes douis rios, se encontram as duas grandes ilhas e praias chamadas do *Matupiri* e *Mouracatuba*.

« Continuando a viagem pelo *Madeira* acima, rumo de O até o rio *Capaná*, que fica tambem sete leguas e meia distante do *Manicoré*, se encontram varias praias, e se fazem diversas voltas, sendo uma tão opposta, que logo de S se vira ao N, onde se acham as ilhas conhecidas pelo nome de *Jatuaranas*, que são tres, e comprehendem tres leguas na curva, que alli desereve o rio.

« Proseguindo da boca do rio *Capaná* para cima, se navegará no rumo de E a distancia de duas leguas, fazendo depois dellas prôa de S por ser esta a direcção, que o rio *Madeira* aqui leva com algumas pequenas voltas. Tres leguas superior á dita boca, se encontrarão as ilhas de *Urupé*, que

em duas leguas de comprido, e cinco acima está a ponta da ilha do Marmello, que tem tres leguas de extensão, ficando pouco antes do seu extremo superior, na margem oriental, a boca do rio do Marmello ; e duas leguas acima, as duas illhas de Aruapiara, que tem duas leguas de comprido, e formam tambem a boca do rio do mesmo nome, que se deixará por bombordo no meio das referidas ilhas, distante do Capaná onze leguas e meia.

« Do extremo superior da ultima ilha Aruapiara se navega com prôa de O na distancia de seis leguas, e continuando duas mais com rumo geral de S O se encontrará na margem occidental á boca do pequeno rio Baêtas, ficando meia legua antes a boca do igarapé Jarauary. Pouco acima da boca do dito rio Baêtas se encontra uma ilha do mesmo nome, e proseguindo avante com prôa de S a ilha dos Muras, que fica seis leguas do rio Baêtas e quatorze distante do Aruapiara.

« Seguindo viagem se costeará a ilha dos Muras pela parte oriental, aonde se encontram muitas praias e grandes correntezas, ainda que menores que as do outro lado. Esta ilha notavel tem a sua direcção de N a S, com quasi tres leguas de comprido e uma de largo. Do extremo della se navegará com prôa de O, por ser o rumo, que alli leva o rio ; uma legua acima quasi á terra de bombordo, se encontrarão as tres ilhas chamadas de Santo Antonio ; e tendo navegado naquelle rumo a distancia de quatro leguas, corre o rio ao S, com cuja prôa se avistará logo a ilha dos Pagões ou Saraima, e uma legua superior a ilha dos Piriquitos, que tem uma legua de comprido. Duas acima está o igarapé Pirayuara com uma ilha immediata, que tem o mesmo nome e uma legua de extensão.

« Da bocca deste igarapé se dirige o rio outra vez para O, em que se demora a distancia de duas leguas para tornar ao S. Tres leguas acima daquella ultima ilha se encontram a das Piraybas, que tem duas leguas de comprimento, formando todas ellas grandes e vistosas praias. Outras tres leguas acima das Piraybas principiam as tres ilhas das Arraias, que se acham ao longo do rio com duas leguas de extensão. Superior a ellas, na distancia de uma legua, se chegará á boca do pequeno rio das Arraias, que fica na margem occidental e distante da ilha dos Muras vinte duas leguas.

« Proseguindo viagem mais duas leguas com prôa do S, volta o rio pela extensão de uma legua com a direcção de S E, aonde se acha a ilha chamada do Batuque, em que o rio torna ao S. Acabada a dita ilha, que tem uma legua de comprido, se segue logo a das Flechas com duas leguas. Ambas estas ilhas se acham encostadas á margem oriental do rio. A quatro leguas e meia acima das Flechas está a bocca do rio ou igarapé Maissy ; e legua e meia superior se acha a do rio Machade, ambos na margem oriental e este distante do rio das Arraias onze leguas e meia.

« Desta situação para cima leva o rio Madeira o rumo de S S O, e a uma legua de distancia se acha a bocca do igarapé

do Jacaré. Tem defronte uma ilha do mesmo nome, bem como o Machado outro tambem do seu nome. Segue a ilha dos Papagaios, e depois desta a das Abelhas. As referidas ilhas ficam diminuidas na passagem do verão porque seccam os igarapés ou canaes, que as separam da terra firme. Acima da bocca do Jacaré duas leguas se encontra uma grande praia, cuja latitude austral é de 8°9'. Do fim da referida praia se navega com prôa de S O até o igarapé Maiacypé, que fica por bombordo na distancia de tres leguas, e voltando aqui o rio a O se encontra legua e meia superior na margem austral a bocca do pequeno rio Pauanémá e á uma legua mais em a mesma margem o igarapé Puncam, da bocca do qual volta o rio ao S, ficando pouco mais acima duas ilhas do mesmo nome. Vogando mais quatro leguas e meia se deixará por bombordo a bocca do lago ou igarapé Puinaré, defronte de uma ilha do mesmo nome, desaguando duas leguas superior em a margem oriental do Madeira o rio Jamary, que dista do Machado quatorze leguas e meia.

« Partindo deste lugar, rio acima, com prôa de S, se encontrará a uma legua de distancia a ilha de Mariuhy, que tem meia legua de comprido, e a pouco mais de uma fica a ilha das Guaribas, sendo a costa de E destas ilhas de grandes e altas barreiras, com suas pontas de pedras, que formam trabalhosas correntezas.

« Da ilha das Guaribas corre o rio para O e nesta volta se deixa por bombordo a tapera do Trocano, lugar em que residiram ultimamente os moradores da villa de Borba.

« Navegando mais uma legua se encontram as ilhas do Mandihy, que comprehendem quasi duas leguas na sua extensão. Dellas volta o rio para o seu rumo geral de S O, e subindo por este rumo pouco mais de duas leguas se encontrará a famosa praia do Tamauduá, aonde se fazem as mais vantajosas pescarias de tartarugas, por irem a ellas muitas desovar desta praia até pouco mais de uma legua se dirige o rio para o O, e vencida ella prosegue por mais de tres leguas a direcção de S, ficando em ambas as margens as boccas de muitos lagos até a primeira cachoeira, chamada de Santo Antônio que dista do Jamary 12 leguas e meia.

« Acabada de conseguir a passagem da dita cachoeira, se proseguirá avante quasi uma legua pelo rumo do S. e voltando a distancia de outra com o rumo de S O, se encontrão muitos e altos penedos, que atravessam o rio, e formam nelle uma grande correnteza e sirga, a que chamam do Ma-eaco, a qual se passa com bastante trabalho, ficando pouco mais acima uma praia, aonde se costuma descansar, já distante da dita cachoeira de Santo Antônio duas leguas e meia.

« Proseguindo o rio e correntezas aciona, se chegará á segunda cachoeira, chamada do Salto, aonde é indispensavel descarregar as canoas e estivar o varadouro, que tem mais de 250 braças de extensão pela falda de um monte ou morro de lagedo e terra, que ha de ter mais de 60 palmos de alto, com aspero declive.

«Desta cachoeira se navega com prôa de S, encontrando-se uma legua acima infinitos penedos dispersos por toda a largura do rio, o que produz trabalhosas correntezas e enfadonhas voltas, até se navegarem tres leguas e meia de caminho, aonde se encontra a terceira cachoeira, chamada dos Morrinhos, que se costuma vadear pelo canal do meio e quasi sempre em meia carga.

«Vencida pois a passagem desta cachoeira se prosegue uma legua de viagem com prôa de O, e mais tres e meia a de SO, encontrando-se nesta distancia uma grande ilha, em que ha fortes correntezas, e na margem oriental do Madeira a boca do rio Jacipará; della para diante torna aquelle rio á direcção de O; navegando pouco mais se encontram tres ilhas conhecidas pelo dito nome e bastantes correntezas. Tres leguas acima se acha uma ilha chamada de Sant'Anna, aonde volta o rio ao SO; encontrando-se duas leguas superior, na margem occidental, a boca do rio Maparaná, e uma acima a quarta cachoeira, conhecida pelo nome de Caldeirão do Inferno, que dista da cachoeira dos Morrinhos dez leguas.

«Da sahida do dito Caldeirão corre o rio no rumo de SO, e havendo por elle navegado uma legua se encontra a quinta cachoeira chamada do Giráu.....

..... «Da dita cachoeira se proseguirá com o mesmo rumo a distancia de duas leguas, vencendo-se nellas trabalhosas correntezas; e mudando depois o rio para o S até a distancia de cinco leguas e meia, se encontrará a sexta cachoeira, chamada dos Tres Irmãos, que dista do Girau sete leguas e meia.

«Vencida esta cachoeira, se navegará com prôa de O a distancia de quatro leguas pelo Madeira, que nesta paragem é muito estreio e guarnecido pela costa austral de collinas, que terminam na margem do rio e pela septentrional de terras elevadas, havendo no alveo do rio differentes penedos fóra d'agua, que produzem incommodas correntezas até a setima cachoeira, chamada do Paredão, a qual dista da sexta cinco leguas e meia.

«Com a prôa a O se continua a viagem, vencendo repetidas correntezas até a oitava cachoeira, conhecida pelo nome da Pederneira, distante da do Paredão tres leguas.

«Acabada esta trabalhosa passagem se prosegue a vante com o rumo de SS O, deixando em a margem occidental, distante quatro leguas, a boca do rio Abuná.

«Deste lugar volta o Madeira no rumo de SE, e vencidas com esta prôa quatro leguas e meia, se muda para a do S por mais duas leguas e meia, com que se chega á nona cachoeira, chamada das Araras, que fica 11 leguas da Pederneira.

«Proseguindo viagem e rumo do S com a opposição de continuadas correntezas, se chega á decima cachoeira, intitulada do Ribeirão, que está situada tres leguas acima da das Araras.

«Vencidas pois as grandes diffículdades daquelle horrorosa

cachoeira, que tem duas leguas de comprido, se continuará a viagem por entre pêndos e correntezas até a distancia de meia legua, aonde se encontra a undecima cachoeira, chamada da Misericordia.

« Da dita cachoeira se dirige o rio pelo rumo do S até a decima segunda cachoeira, conhecida pelo nome do Madeira, que dista da Misericordia duas leguas.

« Vadeada que seja aquella cachoeira, se navega com prôa de S até a boca do rio Mamoré, que fica duas leguas distante da cachoeira do Madeira, e deixando por estibordo na direcção de S O o rio Madeira, se prosegue avante a distancia de uma legua, com o mesmo rumo do S, ficando por bom-bordo um pequeno rio d'agua negra e meia legua superior a decima terceira cachoeira chamada das Lages.

« Proseguindo viagem, se chegará com legua e meia de caminho á decima quarta cachoeira, denominada do Pau-Grande.

« Largando a dita cachoeira agua acima e rumo do S se encontrará na distancia de duas leguas a decima quinta cachoeira, conhecida pelo nome das Bananeiras. Nesta cachoeira se varam quasi sempre as canôas por terra, tendo o rio mais ou menos agua, o qual neste lugar é larguissimo e cheio de inumeraveis ilhas, pedras, correntezas e saltos, sendo esta cachoeira e a do Ribeirão as duas mais escabrosas e extensas, pois em qualquer das grandes sirgas ou saltos, de que se compõe, arrebentando o cabo por que se puxa cada uma das canôas, não só se farão em pedacos, mas difficilmente se salvará a gente que nellas fôr.

« Vencida a dita cachoeira e algumas correntezas que se lhes seguem, se navegará com prôa de E a distancia de uma legua; e com prôa de S legua e meia para chegar á decima sexta cachoeira, chamada do Guajará-assú.

« Conseguida esta cachoeira e as seguintes correntezas, que enchem quasi todo o quarto de legua de distancia, se acha a decima setima cachoeira, intitulada Guajará-mirim, que sem notavel trabalho se vence, proseguindo avante até uma ilha, que o rio alli forma, e em que termina uma legua de distancia.

« A respeito de cachoeiras não se pôde dizer positivamente nem o seu estado, nem o tempo, que se gastará em passar cada uma dellas. Dous palmos d'agua mais ou menos lhes fazem uma consideravel diferença, pois esta pequena quantidade basta para diminuir em umas as sirgas e saltos, facilitando-lhes breves canaes, e em outras fazer succeder tudo pelo contrario, augmentando a ruina das canôas e a demora dos seus concertos; não fallando ainda nas molestias, que provém aos indios, quando andam dias continuados trabalhando dentro d'agua, mórmente se o rio traz repique.

« Deixando pois a dita ultima cachoeira, se navega com o rumo de S E até deixar por bombordo a boca do rio Pacanova, e levando deste lugar a direcção do S, e interpolada de muitas e diferentes voltas, se chegará a duas pequenas

ilhas, conhecidas pelo nome das Capiuaras, que ficam nove leguas e tres quartos distantes do Guajará-mirim.

« Das ditas ilhas para cima augmenta o rio tantas e tão successivas voltas, que seria confusa a sua narração, sendo entre elles as de maior extensão as S e S E até chegar á foz do rio Mamoré, que fica 16 leguas e meia das Capiuaras. »

Muitos e importantes tributarios levam suas aguas a engrossar o volume das do Madeira.

Os mais notaveis d'entre elles são: o Aripuaná, Mariaipauá, Mataurá, Anhangatini ou Uatininga, Manicoré, Rio dos Marimellos ou Araxiá, Uruapiara, Machado ou Giparaná, Jamary e Capanan.

O rio *Aripuaná* lança-se na margem direita do Madeira. Segue no rumo de S terá de largura na foz oitenta braças pouco mais ou menos; estreita um pouco acima e vai com 50 a 60 braças até as suas cachoeiras, que são cinco e distam da foz 40 leguas proximamente. Este rio cursa muito longe e pôde ser navegado, durante o inverno, em barcos que demandem de 8 a 10 palmos d'agua.

Mais clara e de melhor gosto que a do Madeira (1) é a agua deste rio. Dizem os naturaes que ha extensas campinas nas cabeceiras. As copahybeiras abundam nas margens deste rio, de seis leguas da foz em diante.

Na parte superior tem os indios *Araras* algumas aldeias assim como tres tribus denominadas *Hiauareti-tapué*, *Anera-tapui* e *Matanaüs*, que alguns praticos suppõe serem ramificações da primeira.

Os *Araras* são intelligentes e dedicam-se á agricultura, plantando o necessario á sua alimentação. Durante algum tempo, diz o Sr. Dr. Silva Coutinho, estiveram aldeados cerca de 200 nas proximidades da villa de Borba e com suas labouras abasteciam o povoado.

O rio *Mariaipauá* lança-se na margem direita do Madeira, tendo 30 braças de largura na foz. A sua extensão é calculada em mais de 30 leguas. Em suas margens abundam as copabibeiras e castanheiras.

O rio *Mataura*, que tambem se lança na margem direita do Madeira, segue no rumo de S S O. « Tem 40 braças de largura, diz o Dr. Silva Coutinho, e fundo durante o inverno para canoas de 6 a 8 palmos de calado. O major Serra, continua o mesmo Sr. Dr. Coutinho, diz em seu diario que este rio communica-se com o Canuman. Os praticos do lugar, a quem consultei, nada sabiam a tal respeito. Esta comunicação parece-me impossivel por causa do Aripuaná; rio que cursa muito longe. Era preciso que o Canuman passasse além das cabeceiras do Aripuaná para comunicar-se com o Madeira por meio do Mataurá, circumstancia que não é muito provavel. »

---

(1) As aguas do Madeira, na parte superior, são barrentas, e na inferior, á quem das cachoeiras, são de um verde claro.

Na parte superior do Mataurá ha algumas malocas de Muras.

A tribu dos Muras é a que mais espalhada se acha nas margens do Madeira e de seus affluentes. Pretendem-se oriundos do Perú. São de estatura regular e em geral barbados. Gozam de má reputação.

« O Mura, diz o sr. Dr. Coutinho, não tem dignidade; é ladrão, velhaco, bebado e vadio. »

O rio *Anhangatini* ou *Uatininga* é de pequeno curso. E' preta a côr de sua agua, assim como a do *Manicoré*.

O rio dos *Marmellos* ou *Araxiá* entra na margem direita do Madeira com 80 braças de largura. A 30 leguas da foz encontram-se 7 cachoeiras, uma das quaes tem 50 palmos de queda no tempo da maior vasante. Pelas outras passam canôas de mediana grandeza, sem muito incommodo. Acima das cachoeiras, não mui distante das margens, ha serras que não são altas. O rio entra depois em um grande campo, que se prolonga á direita e á esquerda, o qual é de aréa e tem uma rara vegetação de capim, que secca logo no começo do verão. Em compensação abundam algumas arvores fructíferas, como cajueiros, axiuás, muruxis, sorvas pequenas, etc.

Da margem esquerda do Tapajoz prolongam-se grandes campos da mesma natureza que estes e a noticia das campinas do Aripuaná, do Abacaxis, de Canuman e outros rios, levam a crer que os campos occupam todo o interior (1).

O rio dos *Marmellos* é tambem rico de copahybeiras na parte superior e de seringueiras nas proximidades da foz.

Nelle vivem os indios *Turás*, *Muras*, *Araras*, *Matanauis* e outras tribus desconhecidas.

As aguas das cabeceiras deste rio, diz o Dr. Silva Coutinho, são da côr de café.

O rio *Machado* ou *Gi-paraná* (machado do rio) é maior que o dos *Marmellos*. De seis leguas da foz em diante a largura torna-se tres a quatro vezes maior. Encontram-se algumas ilhas de grandeza mediana, ricas de seringueiras e castanheiras. Continúa o rio por uma campina, que dizem os naturaes ser o prolongamento da dos *Marmellos*.

Antes de ahí chegar e ainda na região das florestas, ha sete cachoeiras, das quaes só uma tem tres palmos de queda no verão; as outras passam-se bem.

Muitas aldéas de *Turás*, *Araras*, *Matanauis* e *Urupás* estão estabelecidas nas margens deste rio, que possue em abundancia as melhores drogas do paiz.

Fallando deste rio, diz, em sua *Navegação ao Rio Madeira*, o Sr. J. Gonçalves da Fonseca (2):

« Entrega este rio as suas aguas ao Madeira por entre uma ribanceira alta: divide-se em dous braços, por lhe dar esta

(1) *Relatorio do Dr. S. Coutinho sobre o Madeira, 1861.*

(2) Este livro foi mandado publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1826.

figura uma ilha de pouca largura, porém de dilatado comprimento, que correndo com o rumo do mesmo *Gi-paraná*, dizem ser necessário dous dias de viagem para a vencer. O canal da parte de leste tem de largura na boca, entre a terra e a ponta da ilha, 257 varas portuguezas, e o da parte de oeste tem 177, que todas fazem 434, boca total do mesmo rio, o qual navegando-se por espaço de duas horas mostrou ser o seu rumo sueste e á leste é a sua entrada. Observou-se a altura e se achou estar a sua desembocadura em nove gráos de latitudo austral. »

O nome de *Gi-paraná* ou machado do rio, lhe puzeram os indigenas, por acharem nelle uns mariscos semelhantes ás ostras e bastante fortes, cujas conchas lhes serviam para cortar páos miudos.

O rio *Uruapiara* é de agua preta e cursa longe. Propriamente não é elle, e sim o lago do mesmo nome, que se lança no Madeira. Nos terrenos banhados por este rio abundam as seringueiras. Em suas margens vaga uma parte da tribo dos *parintintins*.

Em extremo, selvagens e indomaveis, os parintintins têm-se mostrado até hoje avessos e hostis a todo e qualquer contacto civilizador.

São antropophagos e vivem em guerras continuadas com as tribus vizinhas. Os mundurucús são os seus mais encarniçados inimigos e os vão de dia em dia dizimando. Diz o capitão-tenente Amazonas, que a nação dos parintintins, que passa por muito bem conformada e clara, tem a extravagancia de se deformar, estendendo artificial e excessivamente os beicos e as orelhas.

Pela ferocidade e antropophagia, diz o Dr. Silva Coutinho, a tribo dos *parintintins* distingue-se entre as outras. Estes indios parece que declararam guerra á humanidade. A sua flexa vôa ao indígena, assim como ao branco e ao preto; todos são inimigos. Elles não querem relações com os civilizados, fogem de encontral-os, talvez com razão. Pessoas antigas e praticas informaram-me que entre os parintintins ha desertores, aos quaes attribuem em parte o procedimento dos indios. Também dizem que esta tribo habitara outr'ora nas proximidades do mar, porque nas aldéas abandonadas tem visto algumas pinturas de peixe do mar e de quadrupedes, que não vivem nas matas.

No centro da aldêa ha uma casa reservada, no topo de algumas estacas fincadas no interior é que se acham pintadas as figuras dos animaes, que são necessariamente os ídolos do culto. Se assim é, os parintintins imigraram do littoral, depois de muito maltratados, e agora no Madeira exercem a vingança contra qualquer pessoa, supondo pertencer á raça dos seus perseguidores.

O parintintim é laborioso, intelligente e muito dado á agricultura; planta mandioca, milho, arroz, batatas, etc.

Dizem todos que é a melhor gente para o trabalho. E pena que se mostrem tão hostis ao contacto da civilisação.

O rio *Jamary*, que se lança no Madeira com 240 varas de largura, é maior que o rio dos Marmellos. Tem fundo de 35 a 40 palmos pelo inverno, e em suas margens abundam as drogas mais valiosas do paiz. Os parintintins têm muitas aldêas na parte superior e os Turás na parte inferior. (1) Com 12 dias de viagem da foz, encontram-se grandes campinas. Os praticos, diz o Dr. S. Coutinho, dão noticia de uma tribu que vaga nas cabeceiras do *Jamary*, que tem a cutis clara e os cabellos avermelhados. Estes indios são mui bravios; não procuram relações, nem ainda com os outros indios. Só por duas vezes têm sido vistos.

O rio *Capanan* é de agua preta, tem 50 braças de largura, proximamente, e fundo para canôas, que demandem de 8 a 10 palmos. Lança-se na margem esquerda do Madeira. O major Serra diz que este rio se communica com o Purús no fim de 12 dias de viagem. Está porém quasi averiguado que semelhante comunicação não pôde existir. « A pequena diferença de nível que apresenta o terreno entre os dous rios, diz o Dr. Silva Coutinho, a grande elevação das aguas pelo inverno, podem occasionar a abertura de canaes, que partem do que tem o leito mais alto. E' o que se vê entre o Japurá e o Solimões, na parte superior e inferior, entre o proprio Madeira e o Amazonas. As mesmas razões concorrem para a reunião das aguas das chuvas no interior, formando lagos, que durante o inverno vão desaguar nos rios directamente ou em canaes, que os communicam. Para exemplos temos os lagos de Auamá e Piurara, no rio Solimões; o de Silves, no Amazonas e outros muitos entre o rio Branco e Padauary, entre o rio Negro e Japurá. A comunicação que dizem haver entre o Purús e o Madeira, abaixo das cachoeiras daquelle e acima das deste, sem o menor embargo, parece impossivel. O terreno eleva-se da margem do Amazonas para o interior; a diferença de nível pôde não ser distribuida uniformemente, mas não deixa de existir; o braço que parte do alto Madeira a confluir no Purús, sendo franca a navegação deste até a foz, ha de correr necessariamente sobre um plano inclinado, tanto quanto é o do Madeira na extensão das cachoeiras, com pouca diferença. A queda tornar-se-hia insensível, se por ventura o caminho percorrido fosse muito grande e neste caso uada se ganhava

---

(1) Os *Turás* ou *Torás*, entre outros costumes singulares, têm o de enterrar a creança de peito, cuja mãe morre amamentando-a. Se morre tambem o pai, com elle enterram o filho, principalmente se está doente. Com marido e mulher fazem a mesma cousa. Ha annos um indio já meio civilizado, voltou para a tribu e alli casou-se; mas acontecendo enfermar gravemente a mulher e vendo-se em perigo de ser enterrado com ella, teve de fugir, levando-a consigo, e foi procurar abrigo na freguezia de Borba.

com a navegação pelo Purús. A distancia, pelo contrario, entre elle e o Madeira é pequena, segundo alguns praticos, e pelo que se pôde concluir da disposição hydrographica desta parte do valle do Amazonas; por consequencia para chegar-se ao ponto superior das cachoeiras do Madeira tem-se de vencer as mesmas difficuldades, quer por um, quer por outro lado. (1)

O rio Madeira tem mais de 50 ilhas até a cachoeira de Santo Antonio. Muitas são grandes, tendo 2, 3 e até 4 leguas de comprimento. A das Araras é a mais importante pela grandeza e abundancia de seringaes, como porque tem muitas terras altas, onde não chegam as enchentes ordinarias, razão por que é povoada.

Eis a relação das ilhas, segundo ainda o Dr. S. Coutinho:

1	denominada	Capitary.....	com	.....	braças.
1	»	—Urucurituba.....	»	100	»
1	»	—Sebastião.....	»	1.500	»
1	»	—Rosario.....	»	600	»
2	»	—Valentim.....	»	100	»
1	»	—Maracá.....	»	1.200	»
1	»	—Aximin.....	»	1.000	»
1	»	—Mangiricão.....	»	50	»
1	»	—Guaiaba.....	»	100	»
1	»	—Trucaná.....	»	200	»
1	»	—Borba.....	»	450	»
1	»	—Guajará.....	»	70	»
2	»	—Mandihy.....	»	3.000	»
2	»	—Cara panâtuba.....	»	200	»
1	»	—Sapucaia ou Jacaré.	»	300	»
1	»	—José João.....	»	80	»
1	»	—Aripuaná.....	»	70	»
1	»	—Araras.....	»	12.000	»
1	»	—Uruá.....	»	4.500	»
1	»	—Miriti.....	»	1.500	»
1	»	—Genipapo.....	»	3.000	»
1	»	—Matopiri.....			
1	»	—Murassutuba.....	»	1.500	»
2	»	—Jacuarana.....	»	1.500	»
2	»	—Onças.....	»	200	»
1	»	—Jurará.....	»	100	»
1	»	—Marmellos.....	»	4.000	»
1	»	—Uruapiara.....	»	2.500	»
1	»	—Baetas.....	»	9.000	»
1	»	—Muras.....	»	1.500	»

---

(1) Relatorio sobre o rio Madeira, pelo Dr. S. Coutinho, 1861.

3	»	—Santo Antonio.....	} Não estão calculadas as braças destas últimas ilhas.
1	»	—Pagé.....	
1	»	—Piriquitos.....	
1	»	—Pirahyuara.....	
1	»	—Pirahybas.....	
3	»	—Arraiás.....	
1	»	—Flechas.....	
1	»	—Sem denominação (1).....	
1	»	—Puncan.....	
3	»	—Mariay.....	
2	»	—Guaribas.....	
1	»	—Mandihy.....	

Ha no rio Madeira 45 cachoeiras e 3 correntezas. Contavam 21 cachoeiras os primeiros exploradores e 19 os modernos, por considerarem duas—o *Guajará-assú* e o *Guajará-mirim*, que constituem uma só cachoeira.

A rocha que constitue as cachoeiras até a dos *Tres Irmãos*, é de granito de diferentes especies, aparecendo d'ahi por diante o micaschisto com veeiros de silex, alguns de grande força, como na cachoeira da *Pederneira*, onde perfeitamente se distingue o contacto e o metamorphismo. (2)

A primeira cachoeira é a de *Santo Antonio*. É formada de pequenas ilhas ou antes de penedos, que se acham proximos á margem oriental do rio.

A segunda cachoeira, e que é a maior e a mais bella de todas, é a do *Salto do Theotonio*. Tem alli o rio 250 braças de largura e o salto é de 50 palmos aproximadamente. É formada por uma corda de penedos, que atravessam o rio de uma a outra margem, por entre os quaes se despenha a agua em quatro volumosos canaes, com altura de 50 palmos, pouco mais ou menos; e, como do nascente corre uma comprida restinga de pedras, parallela á dita corda de penedos, que prende e encontra as aguas de tres canaes, formam outro de pouca largura, que os corta. É tão forte ahi a quēda das aguas, diz o Dr. S. Coutinho, que na parte superior parece que o rio está em vibração.

A terceira cachoeira é denominada dos *Morrinhos*. É formada por muitas e pequenas ilhas, acompanhadas de varias pedras, que estão dispersas por toda a largura do rio. Tem tres canaes, passando-se quasi sempre pelo canal do meio.

A cachoeira denominada *Caldeirão do Inferno*, é formada por muitas ilhas. Tem uma infinidade de rochedos, todos com rumos diversos e oppostos. Tem tres diferentes sirgas e uma legua de extensão.

(1) Creio que estas 3 ilhas são: a do *Jacaré*, a dos *Papagaios* e a das *Abelhas*.

(2) Relatorio do Sr. Dr. A. de Barros Cavalcante de Lacerda, em 1865.

A cachoeira *Caldeirão do Inferno*, diz o Dr. S. Coutinho, não desmente o seu nome, pois é um verdadeiro inferno toda essa região, onde o viajante tem sempre a morte diante — ou entre as pedras e correntezas, ou na ponta da seta do malvado *Caripuna*.

Estes indios acham-se nas cachoeiras mais perigosas e costumam assaltar os viajantes para roubarem, principalmente se a tripulação é diminuta.

Na opinião dos que mais de perto os conhecem, os *Caripunas*, além de indolentes, são depravados e de máos instintos. Muitos viajantes têm sido victimas de sua indole perversa. Apresentam-se humildes, se a comitiva é grande, e prestam-se a auxiliar a varar as canôas nos grandes saltos; porém, ostentam-se arrogantes e ferozes quando vêm pouca gente. Costumam pôr na frente as mulheres para mais a geito poderem furtar, e adestram as crianças desde os mais tenros annos nesse vergouhoso exercicio. Pedem importunamente quanto vêm, e até o que não lhes cahe debaixo dos olhos, e enfadam-se quando não satisfeitos.

Assim, pois, em vez de auxilio, constituem um obstaculo e um perigo á navegação daquellas ainda desertas e remotas paragens.

Andam os *caripunas* completamente nus, sendo pequeno o numero dos que vestem a *cascara*, que é uma especie de camisola feita da casca d'arvore de que usam os indios da Bolivia.

Por toda a compostura trazem as mulheres uma folha verde com que occultam o distintivo do sexo. Os homens apanham o cabello sobre a nuca, atam-no com uma tira de panno ou de envira e prendem na extremidade algumas pennas de arara ou papagaio. Solta ao vento deixam as mulheres a madeixa, e uns e outros cortam na frente o cabello.

Descendo ao ultimo gráo de abjecção, os *caripunas* vendem temporariamente mulheres e filhas, violentando-as ao trafico nefando, quando por ventura a elle se recusam.

Essa degradação, que raro se encontra nos povos selvagens, tem suas raizes mais remotas nas relações dos antigos viajantes de Mato Grosso. Os *caripunas* constituem a este respeito uma excepção infeliz entre as tribus do Amazonas.

O *caripuna* é dado com excesso á embriaguez, de que faz um motivo de festa, para a qual se atavia com os seus melhores enfeites.

Extrahem do milho e da mandioca o licor predilecto, mas usam tambem de outros fructos. Não fabricam a farinha, mas folgam quando lh'a dão os viajantes. Extremamente immundos, comem os bichos e insectos mais repugnantes. São bons remadores e fazem de casca de pão as canôas de que usam.

Fortes e ageis, correm longas horas atrás da caça sem experimentar cansaço e só empregam a flecha, quando o animal, de fatigado, já quasi não foge. Tem para si que o

homem civilisado não supporta, como elles, o exercicio, em consequencia do uso do sal. (1)

« A nação *caripuna*, diz o author do *Roteiro do Madeira*, é inteiramente selvagem; tem o rosto mascarado de vermelho, as orelhas furadas e nellas trazem ossos; a cartilagem do nariz tambem furada, atravessando por este furo um tubo de gomma alambreada, muito dura, que terá tres pollegadas de comprido e quatro linhas de grosso. Alguns têm umas curtas barbas ou bigodes, e do meio delles lhes pendem uns semelhantes tubos, porém mais grossos e compridos; ornam a cabeça com um circulo guarnecido de curtas pennas, sendo as da parte posterior de araras, as quaes lhes cahem sobre as costas. São muito desconfiados, ladrões, robustos e ferozes. »

Uma legua acima do *Caldeirão do Inferno* encontra-se a cachoeira denominada do *Girau*. Um quarto de legua antes de chegar a ella, encontra-se uma grande correnteza, estreitando-se mais adiante tanto o rio, que precipitadamente lança as suas aguas por um salto de bastante altura e por diferentes canaes, havendo dahi para cima uma infinitade de penedos e de ilhas, que formam grandes correntezas muito trabalhosas. Tem um varadouro de 350 braças de extensão a fóra o declive da subida e descida.

Nesta cachoeira (*Girau*), diz o Dr. A. de Barros, a imensa massa de agua do Madeira escôa-se por um apertado canal de 20 braças de largura. Todo o perigo provém disso e não da diferença do nível, que nesse lugar não é grande.

Na distancia de sete leguas e meia da cachoeira do *Girau*, encontra-se a dos *Tres Irmãos*. E' formada de uma grande quantidade de pontas de pedras unidas, encostadas á margem austral do rio.

O lugar mais bello do Madeira diz o Dr. S. Coutinho, é a região dos *Tres Irmãos*. Ahi levanta-se uma bella cordilheira de 800 palmos de altura bordando o rio pela margem esquerda.

A cachoeira do *Paredão*, que dista cinco leguas e meia da dos *Tres Irmãos*, é formada por duas pontas de pedra, uma encostada ao lado direito e outra ao esquerdo, no extremo de duas ilhas, o que faz douis volumosos canaes. Termina esta cachoeira, pela parte esquerda, por onde se vadeia, com varios penedos em linha recta, que lhe são parallelos, e que terão 12 braças de comprimento e 3 varas de grossura, semelhando ás ruinas de uma muralha artificial, o que deu origem á denominação de *Paredão*. Junto a elle passa um canal de pouco mais de 3 varas de largura.

Continuando rio acima, encontra-se tres leguas distante a cachoeira denominada *Pederneira*, que é formada de uma infinitade de pedras, as mais dellas cobertas de agua, que formam precipitadas e espumosas correntezas.

---

(1) *Relatorio do Sr. Dr. A. de Barros, de 1865.*

Em seguida a esta e na distancia de onze leguas, existe a cachoeira denominada *Araras*, formada de muitas ilhotas e pedras, que tornam as passagens mais ou menos difficul-tosas.

Após esta vem a mais temivel de todas, a do *Ribeirão*. Uma legua antes do seu primeiro salto ou sirga, principiam a annunciar os successivos penedos e correnteza que se encontram; vencida aquella primeira sirga, se lhe segue segunda e terceira, que ainda se passam com as canôas car-regadas, o que já não é possivel na quarta sirga, que equi-vale a uma grande cachoeira. Vencido este quarto abrolho seguem-se logo duas sirgas e muitas correnteza até chegar ao *Ribeirão*.

O *Ribeirão*, diz o Sr. Dr. A. de Barros, offerece um cu-rioso phenomeno hydrographico: é a desigualdade do nivel d'agua na direcção da normal. Do alto da cachoeira prolon-gam-se á quem, pelo meio do rio, alguns ilhotes de pedra, sendo o leito mais elevado do lado direito. Por este motivo o nivellamento das aguas não pôde effectuar-se logo depois da queda. Pela parte inferior da ultima ilhota correm então, da margem direita para a esquerda, as aguas velozes e fre-mentes, por causa dessa diferença de nivel e dos cachopos, que constituem outras tantas pequenas cachoeiras. Mais para diante, a direcção e força da corrente modificam-se, seguindo as aguas pela diagonal, até finalmente confundi-rem-se com as das margens.

A cachoeira denominada da *Misericordia* e que dista apenas meia legua da do *Ribeirão*, é de curta extensão e formada por um grande penedo, que está unido á terra, tendo de-fronte outros tres penedos, por entre os quaes se passa. É perigosa com o rio cheio, por lançar a agna, que corre pre-cipitada pelo lado ou ponto do mencionado penedo, tendo o risco de poderem d'allí rolar as canôas para cima dos tres, que estão de-fronte.

Duas leguas acima da cachoeira da *Misericordia* encontra-se a cachoeira denominada do *Madeira*. Annuncia-se ella por uma grande sirga ou salto, e em seguida mais duas sendo preciso para as vencer, descarregar as canôas e trans-portar as cargas por terra, por espaço de 300 passos, e tor-nando-as outra vez a carregar, segue-se a viagem com prôa de S até uma ponta em que acaba a cachoeira. Tem meia legua de extensão e é toda cheia de pequenas ilhas e um sem numero de pedras dispersas por toda a largura do rio, que neste lugar é bastante grande.

A cachoeira das *Lages*, que se segue, é pequena e pouco perigosa; assim como a immediata, denominada do *Pau Grande*; posto que na vasante do rio não deixe de ser algum tanto perigosa.

Duas leguas distante do *Pau Grande* apresenta-se a ca-choeira das *Bananeiras*, que é summamente perigosa: gas-tam-se na sua passagem alguns dias, sendo necessario des-carregar as canôas, para poderem vadear os diferentes saltos e canaes de que ella se compõe.

As cachoeiras do *Guajará-assú* e *Guajará-mirim*, que constituem apenas uma só cachoeira, são de pequena extensão e muito pouco perigosas. Entretanto dá algum trabalho a passagem, sendo quasi sempre preciso pôr as canoas à meia carga.

As cachoeiras do Madeira, segundo os obstaculos que apresentam, podem ser classificadas em quatro ordens:

- 1.<sup>a</sup> ordem:—Theotonio—Girau—Ribeirão—Bananeiras,
- 2.<sup>a</sup> ordem—Madeira—Caldeirão do Inferno.
- 3.<sup>a</sup> ordem—Santo Antonio—Paredão—Pederneira—Arara
- Pau Grande—Guajará.
- 4.<sup>a</sup> ordem—Morinhos.

As correntezas são: Macacos—Tres Irmãos—Periquitos e Misericordia.

Destas, a maior é a segunda e depois a quarta.

A respeito de cachoeiras, diz o autor do *Roteiro do Madeira*, não se pôde positivamente dizer nem o seu estado, nem o tempo que se gastará em passar cada uma dellas. Dous palmos d'gua mais ou menos lhes fazem uma considerável diferença, pois esta pequena quantidade basta para diminuir em umas as sargas e saltos, facilitando-lhes breves cañaes, e em outras fazer succeder tudo pelo contrario, aumentando a ruina das canoas e a demora dos seus concertos.

« A variação de 2 a 3 palmos do nível, diz o Dr. Silva Coutinho, muda completamente o estado das cachoeiras. No mesmo lugar em que hontem passou-se a remo, sem perigo, é preciso hoje descarregar e empregar o maior cuidado. Em menos de uma hora a cachoeira passa do turbilhão, medonho á placidez do lago. »

Muito, é certo, diminuem esses escolhos, de que está se meado o rio, as transacções e o movimento commercial entre o Brazil e a Bolivia; mas o homem que dispõe actualmente da polvora, do vapor e de outros agentes poderosos, mais tarde ou mais cedo ha de conseguir triumphar desses obstaculos que lhe parecem querer esbarrar o caminho.

E' o Madeira um dos rios mais povoados da província do Amazonas; nestes ultimos annos sobretudo a população tem corrido para alli attrahida pelas vantagens, que ainda oferece a extracção da borracha. O clima até pouco acima de Borba é habitavel, mas nas proximidades das cachoeiras e além, as febres intermitentes e as infecções paludosas atacam e dizimam aquelles que ahí procuram fixar-se.

« Não acredo na insalubridade absoluta do valle do Amazonas; não direi, como em 1857, se dizia no senado: Os rios do Pará são tão insalubres que nem os proprios animaes podem viver em suas margens! Não sómente aqui podem viver e vivem homens e animaes, como parece pelo contrario que é esta zona em extremo saudavel, por isso que as molestias são rarissimas, e não poucos são os exemplos de longevidade.

« A uniformidade da temperatura do valle amazonico, dizia em 1866 o Sr. professor Agassiz, a pouca intensidade

das variações thermometricas influem sobre o caracter dos habitantes. Todavia, o clima, uniforme e humido, é muito mais do que se poderia suppôr, incomparavelmente mais do que algumas pessoas o tem descripto. A salubridade deste clima, é em grande parte devida á accão quasi constante de um vento que sopra uniformemente de E para O, e que aliás nada mais é do que a grande corrente dos ventos geraes. Esta corrente entra na immensa abertura formada pelo Amazonas, e sob o valle do grande rio. Uma branda viração faz-se alli constantemente sentir, e produz uma evaporação, graças á qual a temperatura baixa e o solo não se esquenta indefinidamente. A constancia desta viração refrigeradora, torna o clima do Amazonas agradavel, e até mesmo um dos mais agradaveis. De manhã, a temperatura é fresca, o ar sereno, só perto do meio dia, é que o calor vai-se tornando mais e mais intenso, em razão da accão directa dos raios solares; mas depois das 3 horas da tarde, volta o fresco, o qual, á medida que se aproxima a noite, torna-se cada vez maior. Estas leves diferenças na temperatura produzem, como se vê, durante o dia, sensações diversas, mas em summa a impressão total, geral, é favorável, e não se parece de forma alguma com a prostração que resulta inevitavelmente de um dia inteiro de calor excessivo.

Não é inutil insistir nestas cousas. A opinião geral com efeito, é que o clima do Amazonas é dos mais insalubres. Não ha um só viajante que o não descreva de um modo assustador. E' o paiz das febres, dizem todos. E' certo que ha febres, e que elles são, por assim dizer, estacionarias em certos lugares; mas a causa dellas parece dever ser antes attribuída aos propries habitantes, aos seus costumes, á sua maneira de viver, ao seu modo de alimentação sobretudo, do que á natureza ou ao clima. Citaremos um facto entre mil para corroborar esta asserção. Perto da cidade de Manáos, um tanto ao norte, ha uma bahiasinha serena e pouco funda, cujas aguas se acham ao facil alcance dos habitantes. E poís, é-lhes ella de summa utilidade dá-lhes agua para beber; é nella que vão lavar roupa; servem emfim para mil diversos misteres. A temperatura das aguas dessa bahia é de 33° a 34°. Facilmente se concebe pois que em taes condições, uma agua cheia de materias animaes ou vegetaes, sujeitas á fermentação, deve ser deleteria, impotavel, e tornar-se para quem della usa um lento, mas infallivel veneno. Um pouco mais adiante demora um igarapé de aguas frescas e limpidas, cuja temperatura não excede de 21° e que ministram uma bebida mais sã e agradavel; porém.... para isso seria necesario que, o dar mais alguns passos, por natural indolencia ou por desmazelo proveniente do habito, os habitantes preferem beber com a agua a febre de que é fóco a bacia situada mais ao seu alcance. »

E em outra parte:

« O ar atmospherico nesta terra conserva um tal equilibrio e harmonia, entretendo uma tão agradavel temperatura, que

os reinos propagam e crescem com uma potencia admiravel. »

O que é verdade tambem, o que parece querer destruir de alguma sorte a amenidade do clima,—é que nas *cabeceiras* da maior parte dos rios e em alguns lugares em que predominam condições anormaes,—as febres e as infecções paludosas ameaçam de morte os que mais ousados delle se approximam.

Quaesquer porém que sejam as causas que para isso concorram, é certo que poderão ser combatidas e destruidas pelos esforços do homem. A proporção que os rios se forem povoando, que a laboura se fôr desenvolvendo, que os pantanos forem desapparecendo, que o trabalho intelligente do homem fôr conquistando as matas; quando os vapores cruzarem os rios e o sibilo da locomotiva levar a vida e o movimento a essas solidões immensas, sem duvida desapparecerão essas causas da actual insalubridade, e o Madeira, assim como os demais rios, offerecerão seus thesouros, sem esse apparato assustador de que ainda se revestem.

Termino esta breve noticia sobre tão importante rio, citando as palavras que em 1867 dizia á presidencia do Amazonas o Dr. Silva Coutinho.

« O Madeira é o caminho natural da província de Mato Grosso e devia ser preferido ao Paraguay pela razão altamente politica de pertencer-nos exclusivamente.....  
.....A grande vantagem politica deste caminho liga-se o interesse commercial e o desenvolvimento da industria e da civilisação, que é patente. Uma grande região, hoje deserta, rica em productos naturaes, seria animada pelos transportes e daria importancia ao paiz. A Bolivia só pôde desenvolver-se com a navegação do Madeira. O Brazil, concedendo-lhe este grande favor em troca de outros, ainda lucra muito, porque o commercio desta republica virá a ser nosso.

O territorio, que hoje constitue a província do Amazonas, foi por carta regia de 3 de Março de 1755 e que abaixo vai transcripta,—dirigida ao governador e capitão-general do Gram Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, pelos fundamentos nella declarados, de se poder administrar justiça com maior brevidade e para evitar delongas aos moradores do Rio Negro, elevado á categoria de capitania, subalterna da do Pará, com a denominação de capitania de S. José do Rio Negro.

Eis a integra da dita carta regia :

« Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão general do Gram-Pará e Maranhão, amigo—Eu El Rei vos envio muito saudar.

« Tendo consideração ao muito que convém ao serviço de Deus e meu, e do bem commun dos meus vassallos moradores nesse Estado, que nesse se aumente o numero dos fieis alumiados das leis do Evangelho, pelo proprio meio da multiplicação das povoações civis e decorosas; para que attra-hindo a si os racionaes, que vivem nos vastos sertões do mesmo Estado, separados da nossa santa fé catholica e até

dos dictames da mesma natureza, e achando alguns delles na observancia das leis divinas e humanas soccorro e descanço temporal e eterno, sirvam de estimulo aos mais que ficarem nos matos, para que, imitando tão saudaveis exemplos, busquem os mesmos beneficios e attendendo a que aquella necessaria observancia de lei, si não conseguirá para produzir tão uteis effeitos, si a vastidão do mesmo Estado, que tanto difficulta os recursos ás duas capitaes do Gram-Pará e de S. Luiz do Maranhão se não se subdividisse em mais alguns governos a que as partes possam requerer para conseguirem que se lhes administre justiça com maior brevidade e sem a vexação de serem obrigados a fazer tão longas e penosas viagens, como agora fazem.

« Tenho resoluto estabelecer um terceiro governo nos confins occidentaes desse Estado, cujo chefe será denominado governador da capitania de S. José do Rio Negro. O territorio do sobredito governo se estenderá pelas duas partes do norte e do occidente até ás duas raias septentrional e occidental dos dominios de Hespanha; e pelas outras duas partes do oriente e do meio dia lhe determinamos os limites que vos parecerem justos e competentes para os fins acima declarados.

« Para a residencia do mesmo governador sou servido mandar erigir logo em villa a aldêa que mandei novamente estabelecer entre a boca oriental do rio Javary e a aldêa de S. Pedro, que administraram os religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

« E por favorecer aos meus vassallos que habitarem na referida villa, hei por bem conceder-lhes todos os privilegios, prerogativas, isenções e liberdades seguintes:

« Os officiaes da camara que forem eleitos na fórmula da ordenação deste reino, e servirem na referida villa: hei por bem que tenham e gozem de todos os privilegios e prerogativas que têm e de que gozam os officiaes da camara da cidade do Gram-Pará, capital desse Estado, para o que se lhes passará carta em fórmula.

« Os officios de justiça da mesma villa não serão dados de propriedade, nem de serventia a quem não fôr morador nella. Entre os seus habitantes, os que forem casados preferirão aos solteiros para as propriedades e serventias dos ditos officios. Porém os mesmos moradores solteiros serão preferidos a quaesquer outras pessoas de qualquer prerogativa e condição que sejam, ou destes reinos ou do Brazil ou de qualquer outra parte, de sorte que só aos moradores da dita villa se dêm esses officios.

« E por mais favorecer aos outros moradores: hei por bem que não paguem maiores emolumentos aos officiaes de justiça ou fazenda do que aquelles que pagam e pagarem os moradores da cidade do Pará, assim pelo que toca á escripta aos escrivães, como pelo que pertence ás mais diligencias que os ditos officiaes fizerem.

« Por favorecer ainda mais aos sobreditos moradores da referida villa e seu destricto: hei por bem de os isentar a

todos de pagarem fintas, talhas, pedidos e quesquer outros tributos; e isto por tempo de doze annos, que terão principio do dia da fundação da dita villa, em que se fizer a primeira eleição das justiças que hão de servir nella: exceptuando sómente os dizimos devidos a Deus dos fructos da terra, os quaes deverão pagar sempre como os mais moradores do Estado.

« E pelo que desejo beneficiar esse novo estabelecimento: sou servido que as pessoas que morarem na sobredita villa não possam ser executadas pelas dívidas que tiverem contrahido fóra della e do seu districto. O que porém se entenderá sómente nos primeiros tres annos contados do dia em que os taes moradores forem estabelecer-se na mesma villa, ou seja na sua fundação ou no tempo futuro.

« Bem visto que deste privilegio não gozem os que se levantarem com fazenda alhêa, a qual seus legítimos donos poderão haver sempre pelos meios de direito, por serem indignos dessa graça os que tiverem tão escandaloso e prejudicial procedimento.

« E para que a referida villa se estabeleça com maior facilidade, e essas mercês passam surtir o seu devido efeito: sou servido ordenar-vos, que aproveitando a occasião de vos achardes nessas partes passando á referida aldêa, depois de haverdes publicado por editaes o conteúdo nesta e de haverdes feito relação dos moradores que se offerecem para a povoar, convoqueis todos para determinado dia, no qual sendo presente o povo, determineis o lugar mais proprio para servir de praça, fazendo levantar no meio della o pelourinho: assignando área para se edificar uma igreja capaz de receber um competente numero de freguezes, quando a povoação se augmentar, como também as outras áreas competentes para as casas das vereações e audiencias, cadêas e mais officinas publicas, fazendo delinear as casas dos moradores por linha recta, de sorte que fiquem largas e direitas as ruas.

« Aos officiaes da camara que sahirem eleitos, e aos que lhes sucederem ficará pertencendo darem gratuitamente o terreno que se lhes pedirem para casas e quintaes nos lugares que para isso se houver delineado, só com a obrigação de que as ditas casas sejam sempre fabricadas na mesma figura uniforme pela parte exterior, ainda que na outra parte interior as faça cada um conforme lhe parecer, para que dessa sorte se conserve sempre a mesma formosura na villa e nas ruas della a mesma largura, que se lhe assignam na fundação.

« Junto da mesma villa ficará sempre um districto, que seja competente, não só para nelle se poderem edificar novas casas na sobredita forma, mas também para logradouros publicos. Esse districto se não poderá em tempo algum dar de sesmaria, nem de aforamento, em todo ou em parte, sem especial ordem minha, que derogue esta; porque sou servido, que sempre fique livre para os referidos efeitos.

« Para termo da referida villa assignareis na sua fundação aquelle territorio que parecer competente, e nelle po-

derão os governadores dar de sesmaria toda a mais terra que ficar fóra do sobredito districto; dando-a porém com as clausulas e condições que tenho ordenado; excepto no que pertence á extensão da terra, que tenho permitido dar a cada morador, porque nos contornos da dita villa e na distancia de seis leguas ao redor della, não poderão dar de sesmaria a cada morador mais do que meia legua em quadro, para que augmentando-se a mesma villa, possam ter as suas datas de terra todos os moradores futuros.

« Permitto comtudo que dentro da sobredita distancia de seis leguas se conceda uma data de quatro leguas de terra em quadro para a administrarem os officiaes da camara e para do seu rendimento fazerem as despezas e obras do conselho, aforando aquellas partes da mesma terra, que lhes parecer conveniente, comtanto que observem o que a ordenação do reino dispõe a respeito destes aforamentos.

« Fóra das ditas seis leguas, darão os governadores as sesmarias na fórmas das ordens que tenho estabelecido para o Estado do Brazil.

« Depois de haverdes determinado os limites do novo governo, que mando estabelecer, encarregareis delle interinamente, até eu nomear governador, a pessoa que vos parecer que com mais autoridade, desinteresse e zelo do serviço de Deus e meu e do bem commun daquelle povos, pôde exercitar um lugar de tantas consequencias e promover um novo estabelecimento, que é tão importante.

« Semelhantemente, depois de haverdes determinado a fundação da villa na referida fórmā, impondo-lhe o nome de Villa Nova de S. José, elegereis as pessoas que hão de servir os cargos della, como se acha determinado pela ordenação.

« E hei por bem que na mesma vilia haja (por ora) dous juizes ordinarios, dous vereadores, um procurador do conselho, que sirva de thesoureiro, um escrivão da camara, que sirva tambem da almotaceria; e um escrivão do publico judicial e notas, que servirá tambem das execuções.

« O que se entende, enquanto a povoação não crescer, de sorte que sejam necessarios nella mais officiaes de justiça, porque sendo-me presente a necessidade que nellas houver, proverei os que forem precisos.

« E chegando os moradores do numero declarado na lei da creaçāo dos juizes de orphāos, se procederá na eleição delle conforme dispõe a mesma lei. Os officiaes da camara farão eleição dos almotaceis e se constituirá alcaide na fórmā da ordenação, tendo seu escrivão da vara.

« As serventias dos officios do provimento dos governadores provereis nas pessoas mais capazes, sem donativo pelo tempo que podeis, enquanto eu não dispuzer o contrario.

« E para conhecer dos agravos e appellações tenho nomeado ouvidor de nova capitania, com correição e alcada em todo o seu territorio.

« O que tudo me pareceu participar-vos para que assim o executeis, não obstante quaesquer ordens ou disposições con-

trarias, promovendo a fundação do dito governo e villa capital delle, com o cuidado que espero do zelo com que vos empregais no meu real serviço.

« Escripta em Lisboa a tres de Março de mil setecentos e cincuenta e cinco.—*Rei.*—Para Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão general do Gram-Pará e Maranhão, ou quem seu cargo servir. »

Em 1758 tomou posse da nova capitania o primeiro governador o coronel Joaquim de Mello Povoas, sendo a capital o lugar da antiga aldêa de *Mariuá*, que passou a ser villa com a denominação de Barcellos.

Foi tambem de 1755 creada a vigararia geral do Rio Negro pelo bispo do Pará D. Fr. Miguel de Bulhões e provida no Dr. José Monteiro de Noronha, tão conhecido pelo seu importante « *Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as ultimas colonias do sertão da provincia,* » escripto na villa de Barcellos, ne anno de 1768.

Por carta regia de 18 de Junho de 1760 foi confirmada a vigararia geral do Rio Negro.

Possuia então a nova e sem duvida florescente capitania de S. José do Rio Negro uma população não inferior a 100.000 almas com cerca de 30.000 fogos, distribuidos nas aldêas seguintes:

Saracá, Itacoatiara, S. Raymundo, Conceição, S. Pedro Nolasco, Matary, Trocano, Coary, Teffé, Parauari, Caiçara, Fonte-Boa, Eviratena, S. Paulo, Javary, Maripi, Barra, Jahú, Pedreiras, Aracari, Cumaru, Mariuá, Caboquena, Bararoá, Dari, Santa Izabel, Camanáo, Camará, Castanheiro, Coané, Curiana, Guia, Iparaná, Loreto, Mabé, Maraçabi, Sant'Anna, Santa Bárbara, S. Filipe, S. Marcellino, S. Pedro, Carmo, Santa Maria, S. Martinho e Conceição.

Em 1759, foram elevadas pelo governador, coronel Joaquim de Mello Povoas á categoria de villas as aldêas de *Itacoatiara* com o nome de *Serpá*; de *Saracá* com o nome de *Silves*; de *S. Paulo dos Cambibas* com o nome de *Olivença* e *Teffé* com o nome de *Ega*: e á categoria de lugares as aldêas de *Aracari* com o nome de *Carvoeiro*; *Caboquena* com o de *Moreira*; *Caiçara* com o de *Alvarães*; *Coari* com o de *Alvellos*; *Cumaru* com o de *Poiares*; *Dari* com o de *Lama-Longa*; *Eviratena* com o de *Castro de Avelams*; *Jahú* com o de *Airão*; *Parauari* com o de *Nogueira* e *Taracotena* com o de *Fonte-Bôa*.

O furor de alusitanar o paiz, diz o capitão tenente Amazônas, parou ao aspecto da primeira cachoeira do Rio Negro acima das quaes conservaram as povoações seus primitivos nomes brazileiros.

Para regularidade da administração creou o decreto de 30 de Junho de 1759 uma provedoria de fazenda e uma ouvidoria, para as quaes foi nomeado o Dr. Lourenço Pereira da Costa.

Em consequencia da declaração de guerra por parte da Hespanha colligada com a França contra a Inglaterra e Portugal (1762), mandou o governador do estado, Manoel Ber-

nardo de Mello e Castro, em 1763, fundar as fortalezas de *S. Gabriel e Marabitanas* no Rio Negro e expellir das malocas dos marabitanas os hespanhóes que se achavam nella estabelecidos: expedindo para isto uma consideravel força ás ordens do governador interino o coronel Gabriel de Souza Filgueiras.

Para suprir a insufficiencia da villa de *S. José do Javary* para o registro da fronteira do Solimões, que pertencia ao destacamento alli existente, mandou o governador estabelecer um piquete no lugar denominado *Tabatinga*, onde pouco depois fundou o sargento-mor Domingos Franco uma povoação a que deu o nome de *S. Francisco Xavier da Tabatinga*.

Em 1768 o governador do estado Fernando da Costa de Atahyde Teive mandou fundar no rio Içá a povoação de *S. Fernando*, como um posto avançado contra os hespanhóes.

Em 1771 foi criado um tribunal de fazenda, composto do Ouvidor como provedor, de um escrivão como contador, e de mais um escripturário, um ajudante e um almoxarife.

Em 1772 tomou posse do governo da capitania o seu segundo governador o coronel Joaquim Tinoco Valente, havendo governado interinamente depois da morte do governador Povoas, Gabriel de Souza Filgueiras, Nuno da Cunha de Atahyde Verona e Valerio Corrêa Botelho.

Em 1788 tomou posse do governo da capitania Manoel da Gama Lobo d'Almada, para que fôra nomeado depois da sua exploração dos confluentes do Rio Negro e do Rio Branco.

Em 1791 transferiu o governador a capital da capitania de Barcellos para a villa da Barra, hoje cidade de Manáos, por lhe parecer de muito mais vantagem este ultimo ponto, na confluencia de tres grandes rios, e centro das tres divisões naturaes da capitania, de onde mais prompta e efficazmente podia estender-se a accão administrativa.

De dia em dia diz o capitão-tenente Amazonas, novos estabelecimentos revelavam a dedicação, o esmero e a sabedoria daquelle governador..... Distava todavia muito o paiz do engrandecimento de que era susceptivel: mas esse demonstrando a presença de uma transcendente capacidade, foi de sobrejo para suscitar zelos ao governador do estado D. Francisco de Souza Coutinho, o qual despertando-se da probabilidade de vir a ter por sucessor no governo do Estado do Pará a Manoel da Gama, empenhou seu valimento na corte tão aleivosamente, que recebeu o dito Gama em 1798 um aviso della (1), recommendando-lhe de não comprometter a fazenda em especulações, nem abusar do seu emprego para fazer a sua fortuna: ao que elle respondeu com a remessa do

---

(1) Baena dá a este aviso a data de 17 de Julho de 1797.

inventario a que fez proceder do seu mesquinho haver de militar (1).

---

(1) Ao favor do um amigo devo a seguinte cópia do inventario remettido para Lisboa pelo calumniado coronel Manoel da Gama. E' um documento importantissimo.

« Por esta da minha propria letra escripta, eu abaixo assignado certifico debaixo do juramento dos Santos Evangelhos: por tudo que ha de mais sagrado na religião catholica romana que professo, pela hostia consagrada que reverente adoro e temo com o mais profundo respeito: que eu não possuo pedras preciosas algumas; nem posso de ouro ou prata senão o seguinte.

« Dous pares de fivelas de ouro de sapatos com o peso, ambos os pares, de 13½ oitavas e 21 grãos.

« Um par de fivelas de ouro de calção com o peso de 17 oitavas e 4 grãos.

« Uma fivelha de ouro de pescocinho com o peso de 9 1/2 oitavas e 10 grãos.

« Um par de botões de ouro de punhos de camisa com o peso de 8 oitavas e 8 grãos.

« Uma cadêa de ouro de relogio e sua chave com o peso de 7 oitavas.

« Um cordão de ouro servindo de cadêa de relogio com o peso de 7 oitavas e 5 grãos.

« Um castão de ouro de que não sei o peso em uma bengala de cana da India.

« Um annel, da invenção de Bartholomeu da Costa encastoados em ouro.

« Os galões de ouro de suas fardas e um chapéo.

« Um espadim de prata dourada com seu gancho tambem de prata.

« Dous relogios de prata.

« Um par de esporas de prata com as suas fivelas tambem de prata.

« Um faqueiro com doze talheres e nelle doze colherinhas para chá, espumadeira e tenaz, tudo de prata.

« Dous talheres mais de prata.

« Uma colher de prata de tirar sopa.

« Uma colher de prata de tirar arroz.

« Uma salva de prata com o peso de 136 oitavas.

« Seis castiçaes cobertos com casquinha de prata, em um delles uma bandeira com um varão de prata.

« Um espirituador com seu pratinho de prata, com o peso de 38 oitavas.

« Uma barra de ouro com o valor de 23\$000, segundo a sua competente guia.

« Uma barra de ouro com o valor de 15 20\$000, conforme a guia.

« Dinheiro.—Em trinta meias dobras 192\$000. Em moeda provincial 520\$760.

« N. B. Todo o sobredito (em que bem se vê que entram bens de meu uso) não chega a quatro mil cruzados.

« Tenho por cobrar da fazenda real a importancia de 2:084\$422 dos meus soldos vencidos até o dia de hoje, liquido dos soccorros com que tenho sido assistido e da quantia com que pela real permissão de Sua Magestade socorro em Lisboa as minhas irmãs; cuja sobredita importancia se acha destinada para acabar de pagar a quantia que devo á administração dos fundos da

Em 1798 mandou o governador do estado retirar a séde da capital da capitania do lugar da Barra para a villa de Barcellos, conforme o aviso que impetrára, de 3 de Agosto de 1798, para dest'arte dar golpe de morte á prosperidade da capitania. (1)

Ao golpe terrivel da mudança da capital havia precedido o da extincção do directorio pela carta regia de 12 de Maio de 1798, tambem impetrada pelo mesmo governador do estado, pelo facto de que era este o elo que conservavam os indigenas unidos á sociedade.

Era o directorio um regulamento dado pelo governador do estado do Gram-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 3 de Maio de 1757, para regular a administração dos indios.

Todos quantos lhe tem applicado a critica, diz o capitão-tenente Amazonas, concordando em sua inexequibilidade, explicam-na pela deficiencia de homens habilitados para o seu desempenho em qualidade de directores.

O marquez de Queluz, que mais attentamente parece ter estudado o directorio pronunciando-se a respeito, diz: «Em-fim, o directorio, dado pelo alvará de 15 de Agosto de 1758, nos parece quasi todo bem pensado, mas faltaram-lhe executores.»

---

extincta companhia do commercio do Pará, a qual, ainda co-brando a dita importancia, lhe resto alguma cousa.

« E não possuo mais dinheiro algum, que páre em meu poder, nem que eu tenha dado ou remettido para enthesourar na mão de outrem, nem em moeda, nem em cousa que o valha, nem di-vida alguma activa para cobrar, senão o meu soldo vencido, que deixo dito.

« Rio Negro em 22 de Janeiro de 1798.—Manoel da Gama Lobo de Almada. »

(1) A boa escolha que o governador do Rio Negro tinha feito do lugar da Barra para assento do governo, unida a sua energia: excitada pela ambição de gloria, que é talvez o mais poderoso movel das acções humanas nas emprezas arduas, produziu uma distincta prosperidade de commercio e cultura. Este homem verdadeiramente amigo do bem publico não cessava de promover com pasmosa actividade tudo quanto conspirar pudesse para a felicidade dos habitadores. De anno em anno surdiam estabeleci-mentos novos e todos proficos. Alli se padejou pão de arroz moido em atafona movida por bestas. Estabeleceu-se uma fabrica de pannos de algodão de rolo, na qual haviam desoitó teares e dez rodas de fiar com vinte e quatro fusos cada uma. Fez-se uma fabraca de calabres e cordas de piassaba para as canôas. Construiu-se uma nora para ministrar agua á excellente fabrica da fecula do anil e a uma horta cujas plantas, regadas ao teor da Europa, rece-biam facilmente das aguas o efecto da sua benefica influencia na fertilisacão do solo disposto em alforbes. Estabeleceu-se uma ola-ria, cujo arranjoamento de amassaria, estendedorou e fornos cal-ciñatorios e de torrefacção da telha e ladrilho, era por extremo bem concebido. Agricultou-se arroz no Rio Branco, do qual se colhiam mais de mil e duzentos alqueires annuaes. Creou-se uma

A injuria feita á probidade do coronel Manoel da Gama pelo governador do estado D. Francisco de Souza Coutinho, e o empenho que mostrava em retardar-lhe o progresso da capitania do Rio Negro, haviam-no mortalmente affectado, de modo que a 27 de Outubro de 1793 acabrunhado de desgostos, repousava aquelle benemerito varão nos braços da morte das injustiças, da calunnia e da inveja dos homens.

Manoel da Gama Lobo d'Almada chegou ao Pará em 1770 no posto de major, em companhia dos colonos masaganistas. Em 1771 commandou a fortaleza de Macapá, e em 1788 tomou posse do governo da capitania do Rio Negro. Morreu em Barcellos, deixando um nome, diz o capitão tenente Amazonas, que ainda hoje se não pronuncia sem respeito e saudade.

O conde dos Arcos tomou a si rehabilitar a memoria daquelle benemerito varão. Em um officio dirigido em 1804 ao governo da metropole demonstra a conveniencia de transferir-se a séde do governo da capitania do Rio Negro para o lugar da Barra, como o tinha sido até 3 de Agosto de 1798, e como o mais efficaz instrumento da sua prosperidade, propõe para governador da mesma capitania o coronel de engenheiros José Simões de Carvalho.

Não chegou porém o coronel Carvalho a tomar posse do governo do Rio Negro, porque morreu em Villa Nova da

---

officina de velas de cera para provimento das igrejas das villas, julgados e povoações, cuja cera vinha em pão do Solimões. Lavrou-se a terra com arado para a sementeira e cultivo do anil. Estabeleceu-se um açougue regular em que se talhava e vendia carne de vacca vinda do Rio Branco, em cujas campinas imensas e pingues o mesmo governador, a despezas suas, havia posto gado vaccum de excellente qualidade, cavallar e muar, importado das terras dos hespanhóes, na certeza de que a visivel bondade daquelles campos assalitrados faria crescer rapidamente a produçção destes animaes a ponto de que não só chegaria para alimentar os moradores do Rio Negro mais ainda para estes exportarem para o Pará. Estabeleceram-se douos pesqueiros no Rio Branco, um na margem esquerda 22 leguas acima da sua embocadura, e o outro na margem direita defronte da boca do rio Uanuman...

« Eis o spectaculo, que ateou no governador do Estado do Pará uma inveja perfeitissima, que por extremo o indisposz contra um homem verdadeiramente zeloso do serviço do principe e amante da publica utilidade; de cujo genio creador receiaiva que a noticia chegasse a concitar na corte a lembrança de o fazer seu successor no governo do Estado; e para baldar esta possibilidade tratava de cortar pelo credito e merecimento daquelle homem, denegrindo e offuscando a sua pessoal reputação perante o throno soberano, na certeza de ser acreditado por um irmão, que nesse momento occupava um dos lugares do gabinete (D. Rodrigo de Souza Coutinho), e de não ser desconcertada a sua calunnia e acirrada intriga pelas cartas officiaes do Gama, buscando como buscava interceptal-as para mais empecilhar a verdade.» (*Compendio das eras da provincia do Pará* por BAENA.)

Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, onde se acha sepultado, de uma indigestão de ovos de gaivota.

Em consequencia disso foi em 1805 nomeado e tomou posse em 1806 de governador da capitania o intendente da marinha e dos armazens reaes no Pará o capitão de mar e guerra José Joaquim Victorio da Costa. (1)

Teve a capitania do Rio Negro sete governadores de nomeação regia, além de quatro governadores e um governo interinos, até que a nova ordem constitucional estabelicida, em Portugal, fez baixar o decreto de 29 de Setembro de 1821, pelo qual se installou alli, como nas outras provincias uma junta provisoria, eleita em 3 de Junho de 1822 e composta dos cidadãos Antonio da Silva Craveiro, Bonifacio João de Azevedo, Manoel Joaquim da Silva Pinheiro e João Lucas da Cruz, a qual entrou no governo em lugar do governador nomeado o coronel Antonio Luiz Pires Borralho, que ainda não havia tomado posse do cargo.

Enviou o Rio Negro dous deputados ás cōrtes constituintes de Portugal, que foram João Lopes da Cunha e José Cavalcanti de Albuquerque.

Proclamada a independencia do Brazil, o decreto de 20 de Outubro de 1823 aboliu as juntas provisorias, nomeando para as provincias presidentes com conselhos electivos. Nestas nomeações não se contemplou o Rio Negro, que continuou a ser administrado até 1825 pela sua junta provisoria.

Nessa época, sendo presidente do Pará José Felix Pereira de Burgos, depois barão de Itapicurú-mirim, e constando-lhe a agitação em que se achava o Rio Negro, pelos conflictos suscitados entre o ouvidor e a junta provisoria, tomou a deliberação de mandar dissolver a mesma junta e de nomear para alli commandar as armas o capitão Hilario Pedro Gurgião; do que tudo deu parte ao governo geral, que approvou todas estas medidas, por aviso de 8 de Outubro de 1825.

As instruções que haviam baixado do governo geral a 26 de Março de 1824, designando nominalmente todas as provincias e o numero de deputados, que elles deveriam dar á assembléa geral, nenhuma menção fizeram do Rio Negro. Sómente em 8 de Novembro de 1825, por occasião da extincão da junta provisoria, officiando o governo á presidencia do Pará, pediu informações sobre o estado e causas da decadencia da provincia do Rio Negro.

Portanto, depois da proclamação da independencia, o governo do Brazil não contemplou o Rio Negro como província, não obstante o art. 2.<sup>º</sup> da constituição, que determinou que o imperio ficasse dividido nas provincias que então existiam.

Depois dessa época, ocorreu no mez de Junho de 1832 uma sublevação do povo e tropa, que proclamaram o Rio

---

(1) Diz o capitão tenente Amazonas que tornou-se o governador Victorio da Costa, tão conhecedor da lingua tupy ou geral, que até corrigia os proprios indigenas.

Negro província, nomearam presidente por aclamação o ouvidor da comarca Manoel Bernardino de Souza Figueiredo, o qual, bem que protestasse, percorreu entretanto as ruas mais públicas da villa da Barra debaixo do pallio.

Foi igualmente acclamado commandante das armas o tenente Boaventura Bentes.

Em seguida lavraram os insurgentes uma acta de desmembração do Pará, deputando ao governo imperial o religioso carmelita Fr. José dos Innocentes, o qual procurando dirigir-se ao Rio de Janeiro pelo Madeira, foi impedido pelo presidente de Mato Grosso e obrigado a retroceder.

O presidente do Pará José Joaquim Machado de Oliveira apenas teve conhecimento de semelhantes acontecimentos, fez marchar uma força commandada pelo tenente coronel Domingos Simões da Cunha para reprimir os insurgentes. Prepararam-se estes para a defesa, fortificando com trincheiras os pontos das Lages e do Bomfim, pouco abaixo da villa da Barra, e nelles assentaram 30 peças de artilharia e acamparam para cima de 4.000 homens.

Foram porém batidos os sublevados e no dia 10 de Agosto foi dissolvida a província, que, voltando a ser comarca, foi administrada pelo commandante da força expedicionaria.

Por varias vezes pretendeu-se restabelecer a comarca do Rio Negro na sua antiga categoria de província. A distancia em que se achava a capital da província do Pará da cabeça daquella comarca, cujas fronteiras limitam não menos de seis Estados; o risco que havia do apparecimento de conflictos territoriaes, que as autoridades de jurisdição limitada não poderiam prevenir, não lhes restando outra alternativa a não ser a de testemunharem impasseis a offensa dos direitos nacionaes, a espera de ordens e instruccões tardias, ou antes a de aggravarem as questões por excesso de zelo ou por falta de conhecimento preciso da materia, eram razões bem ponderosas para o restabelecimento da província.

Além disso, muito mal se fazia sentir a acção da autoridade presidencial naquellas paragens tão remotas, distantes da capital do Pará 300, 400 e 500 leguas; muito pouca ou quasi nenhuma fiscalização podia ella exercer sobre as autoridades subalternas, de modo que era uma necessidade imprescindivel o restabelecimento da província.

« Em quanto a comarca do Rio Negro, dizia no senado o então visconde de Abrantes, foi administrada por governadores, no tempo da monarchia absoluta, prosperou; a secretaria e a thesouraria do Pará podem offerecer documentos valiosos ao estado de progresso em que ia o Rio Negro durante a administração particular dos governadores; a renda publica tinha augmentado, a colonização tinha prosperado, a populaçao tinha-se avantajado, havia um tal ou qual commercio regular com a capital e com os estados vizinhos, haviam estabelecimentos industriaes, que se achavam em via de progresso..... desde que esse passado foi posto á margem, a comarca do Alto Amazonas definhou-se e como que desapareceu! »

A comarca do Alto Amazonas ou do Rio Negro compunha-se então:

Na parte ecclesiastica: de 1 vigararia geral, 23 parochias, sendo 5 despovoadas ou decadentes, 1 seminario, creado em 1848, e filial ao do Pará, e 3 missões estabelecidas em Porto Alegre, no Rio Branco, no Japurá, Içá e Tonantins, e finalmente no Andirá, que era a unica que ia apresentando alguns resultados.

Na parte civil e judiciaria: 1 comarca com um juiz de direito; 2 julgados ou termos municipaes com juizes letreados; 4 municipios, compostos de 1 cidade e 3 villas, e de 15 delegacias ou subdelegacias.

Na parte estatistica: 21.982 habitantes livres e 710 escravos, ao todo 22.692 almas (segundo o incompleto recenseamento de 1851); não se comprehendendo naquelle cifra uma multidão numerosa de indigenas pacificos ou irregularmente aldeados ou das tres missões.

Na parte da navegação commercial: faziam a navegação entre a comarca do Alto Amazonas e a província, propriamente dita do Pará, 40 a 50 barcos e canôas, de porte de 15 a 16 tonelladas, e mais de 2.000 canôas de diferentes lotações empregavam-se em muitos e variados ramos de negocio para Mato-Grosso (1) e até ás fronteiras dos estados estrangeiros

---

(1) « Essa navegação, porém, em gyro continuo, escrevia ao ministerio do imperio o Sr. J. B. de F. Tenreiro Aranha, portanto e tão ramificados rios e pelos tão vastos lagos desta província, é penivel quando se sóbe através das fortes correntezas das aguas que correm sempre com impetuosidade para baixo, mormente nos seis meses de Janeiro a Julho, que são os da enchente, que vem desses depositos immensos do inferior. »

O vapor, porém, veio acabar com esses embargos e abrir nova era á navegação do Amazonas e seus affluentes.

Por vezes apareceram tentativas para a navegação a vapor no Amazonas. Em 1826 um barco dos Estados Unidos surgiu na capital do Pará, com importante carregamento, no intuito de subir pelo Amazonas para o Perú. Foi, porém, embaracado e teve de voltar, visto como era privativa dos nacionaes a navegação do interior.

Em 1828 uma sociedade com o titulo de—promotora da agricultura, industria e navegação,—pretendeu estabelecer-se no Pará. O presidente da província nomeou uma commissão para dar parecer sobre a utilidade da empreza.

Foi promptamente satisfeito, e esses trabalhos foram publicados no Pará, e transcriptos com honrosa menção na Inglaterra, no Apêndice do padre Amaro.

Não foi, porém, avante.

Em 1837, sob a direcção do presidente da província, se quiz organizar outra sociedade para fazer-se a navegação a vapor pelo Amazonas e aguas do Pará. Nomeou-se uma commissão para apresentar o projecto, que foi aprovado e publicado no jornal *Treze de Maio*. E tendo-se já inscripto um numero consideravel de acções, ficou tudo sem andamento, em consequencia da retirada do mesmo presidente.

Em 1836, apresentou o Sr. J. B de F. Tenreiro Aranha um pro-

vizinhos e de uns para outros lugares do interior, em todos os sentidos, elevando-se o numero das pessoas, que as tripolavam, inclusive mulheres, a mais de 6.000.

Na parte politica: 4 collegios eleitoraes, 55 eleitores de parochia e 1.965 votantes qualificados.

Na parte militar: 1 commando geral militar, creado por portaria de 5 de Julho de 1837, e que comprehendia todo o seu territorio; 5 pontos militares na fronteira; 168 praças de linha, 65 da guarda policial destacada, 1.339 praças de um batalhão da guarda policial, 1.902 do corpo de tra-

---

gramma para, com auxilios do corpo legislativo e do governo, emprehender-se a dita navegação. Declarou-se-lhe, porém, que era isso da competencia da assembléa provincial, em vista do art. 10 do acto addicional.

Nesse mesmo anno de 1838 e no de 1839, por duas resoluções da assembléa provincial do Pará, foram concedidos privilegios a quem emprehendesse e fizesse a dita navegação nas aguas do Pará e para a ilha de Marajó. Nenhum resultado tiveram.

Em 1840 passou na assembléa provincial uma lei concedendo privilegio por 10 annos e uma prestação de 40.000\$ á companhia ou emprezario que estabelecesse a dita navegação a vapor pelo Amazonas e aguas do Pará.

Em 1841, na camara dos deputados, por outra resolução se concedeu privilegio por 40 annos á companhia de Joaquim Antonio Pinheiro e outros, para fazer a mesma navegação pelo Amazonas. Ficou sem andamento no senado.

Em 1842, o negociante e proprietario Joaquim Francisco Danin, estabelecido no Pará, trazendo dos Estados Unidos uma barca a vapor, pretendeu formar uma companhia para a navegação com o privilegio e o auxilio concedido pela lei provincial de 1840. Achando-se tudo na melhor disposição para dar-se principio á navegação, não quiz o presidente da província prestar o auxilio pecuniário concedido pela lei, de modo que viu-se obrigado o emprezario a fazer voltar a barca para os Estados Unidos, ficando o Amazonas ainda por essa vez privado de ser navegado por vapore.

Em fins do mesmo anno de 1842 subiu pela primeira vez o Amazonas o vapor de guerra *Guapiassú*, commandado pelo 1.<sup>º</sup> tenente José Maria Nogueira, que publicou o roteiro de sua viagem feita em 10 dias, não incluindo os dias em que esteve fundeado, desde o porto de Belém até o de Manáos, sendo pela metade do tempo a viagem de volta á capital do Pará.

Conduzia este vapor uma commissão enviada pelo governo imperial para explorar o Rio Branco, composta do coronel Frederico Carneiro de Campos, do capitão de engenheiros Innocencio Yelloso Pederneiras e do eugenheiro Toulois.

Foi ainda o mesmo vapor que sulcou pela segunda vez as aguas do grande rio. Saliu em Novembro de 1847 do porto de Belém, sob o commando do 1.<sup>º</sup> tenente Lassance, conduzindo o conselheiro Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo, então capitão de fragata, incumbido de fazer recrutamento de marinheiros pelos lugares do Amazonas.

Foi igualmente o mesmo vapor que subiu pela terceira vez o Amazonas; em Dezembro de 1851, conduzindo o presidente da nova província, J. B. de F. Tenreiro Aranha e as autoridades que o acompanhavam. Gastou nessa viagem 17 1/2 dias, sa-

dores, instituido pela lei de 25 de Abril de 1838, e que tão bons serviços prestou á provincia (1).

A instrucção publica era dada em um seminario, onde se ensinavam as linguas latina e franceza, e em 8 escolas de instrucção primaria.

---

hindo de Belém no dia 10 de Dezembro e chegando a Manáos a 27 do mesmo mez, em consequencia da demora havida nos portos intermedios.

Em 1847, na lei do orçamento, passou da camara dos deputados para o senado uma autorisação para empregar o governo 100:000\$000 na compra de um vapor para a navegação do Amazonas. Ficou, porém, sem efeito.

Em 1848, quando se discutia a lei do orçamento na camara dos deputados, propôz um deputado que se incluisse nella a mesma disposição para a compra do vapor, que já havia passado na lei do anno anterior, havendo mais uma emenda para que o governo fosse autorisado a estabelecer a navegação a vapor pelo Amazonas e nas aguas do Pará com vapores de guerra ou com prestações a alguma companhia.

Nenhuma dessas propostas foi, porém, aprovada.

Em 1850 decretou a assembléa geral, e foi sancionada, a seguinte lei:

« O governo é autorizado a estabelecer desde já no Amazonas e aguas do Pará a navegação por vapor, que sirva para correios, transportes, rebocagem até ás provincias vizinhas e territorios estrangeiros confinantes, consignando prestações a quem se propuzer a manter a dita navegação, ou empregando embarcações do Estado. »

Finalmente foi organizada a companhia de navegação e commercio do Amazonas, de que mais detidamente e em lugar opportuno me occuparei, e o dia 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1853, em que começou as suas viagens, abriu uma nova era ás duas provincias do Amazonas e Pará.

(1) « Francisco José de Souza Soares de Andréa, oficial da imperial ordem do Cruzeiro, marechal de campo graduado do exercito do Brazil, presidente e commandante das armas, da província do Pará, etc.

« Faço saber a todos os seus habitantes, que a assembléa legislativa provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte :

Art. 1.<sup>o</sup> O governo fica autorizado a estabelecer em todas as villas e lugares da província corpos de trabalhadores destinados ao serviço da lavoura, do commercio e das obras publicas.

« Art. 2.<sup>o</sup> Estes corpos serão compostos de indios, mestiços e pretos, que não forem escravos e não tiverem propriedades ou estabelecimentos á que se appliquem constantemente.

« Art. 3.<sup>o</sup> A organisação, divisão, regimen e economia dos mesmos corpos será da competencia do governo, que lhes dará commandantes e officiaes tirados das classes dos officiaes dos antigos corpos ligeiros, ou d'entre os cidadãos mais idoneos, residentes nos respectivos districtos.

« Art. 4.<sup>o</sup> O serviço a que estes corpos ficam destinados será contractado por quem delles precisar, perante o juiz de paz do districto, precedendo licença dos commandantes respectivos, que serão responsaveis ao governo pela igualdade e segurança de tales contractos.

Na parte financeira havia: 1 recebedoria de rendas geraes, creada em 1837, e em 18 collectorias, produzindo aquella apenas o rendimento annual de 2:000\$000, e estas o de 4:778\$800 (1).

Em 1843 foi discutido, e passou na camara dos deputados, um projecto para se elevar a provincia a comarca do Rio Negro, com a denominação de província do Amazonas, com uma assembléa provincial de 20 membros, e dando um deputado e um senador á assembléa geral.

Este projecto, porém, ficou embaracado no senado.

Uma das difficuldades para a adopção da medida que conferia o predicamento de província ao territorio do Rio Negro era o não ter elle todos os requisitos precisos de renda e suficiente pessoal habilitado para a gestão separada de uma administração provincial.

O benemerito Sr. conselheiro Jeronymo Francisco Coelho julgou, porén, conjurar este incoveniente com o seguinte projecto de sua lavra, offerecido á assembléa geral em 1850.

1.º A comarca do Rio Negro ou Alto Amazonas fica restabelecida na categoria de província com a denominação de S. José do Rio Negro. O seu governo, porém, será filial e su-

---

« Art. 5.º Os individuos que formarem estes corpos não poderão sahir da villa ou lugar, a que pertençam, sem guia dos seus commandantes, que declare o lugar e o fim a que se dirigem. Compete aos juizes de paz fazer prender e remetter aos respectivos commandantes aquelles que vagarem por seus districtos e não apresentarem a guia aqui exigida.

« Art. 6.º Logo depois da publicação da presente lei, o governo fará proceder ao necesario alistamento de todos os individuos comprehendidos no art. 2.º

« Art. 7.º Ficam revogadas todas as disposições em contrario.

« Mando, portanto, etc.—*Francisco José de Souza Soares de Andréa.* »

(1) As rendas com que se mantinha florescente a capitania, foram indo em decadencia, a ponto de que não chegavam para a decima parte das despezas.

Pela repartição geral a somma total da arrecadação era de 2 a 3:000\$ por anno, e assim devia de ser, porque lugares havia em que as collectorias, ou não arrecadavam, nem lançavam nos livros cousa alguma, ou nada remettiam para a repartição central.

Depois da instalação desta província, já sómente pela recebedoria desta capital tem entrado para a thesouraria, pois ainda não chegaram as remessas das outras collectorias, nos mezes de Janeiro e Fevereiro, a quantia de 911\$488, sendo bem de presumir, por esses outros dados, que as rendas, pela repartição geral, em um anno poderão chegar pelo menos a 12:000\$000, e que logo que o comércio e a navegação por meio de vapores, fôr em maior escala para o Perú e para os outros Estados vizinhos desta província mediante certos direitos, será o computo das rendas, aproximado senão equivalente, ao das despezas que hajam de fazer-se.

Ainda mais reduzidas, senão extraviadas, as rendas provincias, com quanto sejam em grande quantidade os generos es-

balterno ao da provincia de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

2.<sup>º</sup> A sua capital será na cidade da barra do Rio Negro, enquanto de outro modo não fôr designado pela assembléa provincial.

3.<sup>º</sup> Os limites de separação territorial com a nova província filial de S. José do Rio Negro, ficam provisoriamente marcados no rio Amazonas, a saber: pela margem esquerda, a boca superior do rio Nhamundá ou Jamundá, seguindo em todo o seu desenvolvimento o leito do dito Nhamundá, rio acima para o norte; e pela margem direita do Amazonas a montanha denominada—Parintins—como era a antiga divisa, ficando dependentes os limites interiores e tudo quanto fôr relativo á extrema e territorio da nova província, da fixação definitiva, que deverá ser feita por decreto do governo, e depois de havidos todos os esclarecimentos e informações precisas sobre as localidades.

4.<sup>º</sup> Haverá em exercicio e com o ordenado de 3:000\$000 um vice-presidente nomeado pelo governo geral, bem como haverá douz subtítulos designados para servirem em sua

---

peciaes e de alto apreço desta província, e as imposições sobre elles as mesmas que agora são, apenas chegavam a 3:000\$000 por anno; e era tal a confusão ou desordem em que a arrecadação se achava, que, nos proprios balanços do tesouro provincial dados á presidencia do Pará, não se mostrava ao menos quanto se arrecadava em cada um dos annos pelas collectorias, por isso que, com esses dados, omissos e heterogeneos de annos diversos não se podia saber ao certo qual era a arrecadação de toda a província em cada exercicio: o que mui paciente estava e se sentia era que esses resultados não correspondiam ao valor dos productos especiaes desta tão abundante e vastissima província, porque nella não se arrecadava ainda nem o meio dizimo.

Dadas as primeiras ordens e instruções, logo que entrei na administração aqui, começaram algumas collectorias a apresentar resultados, que certamente offerecem provas satisfactorias e evidentes do grande aumento das rendas provinciales no presente e no porvir, porquanto a collectoria desta capital, que tinha arrecadado em todo o anno de 1831 a somma de 1:229\$244, sómente nos dous primeiros mezes de Janeiro e Fevereiro deste anno, já tem arrecadado 3:143\$360, e a collectoria de Villa Nova, que em todo o prelido anno de 1831 arrecadou 109\$640, já no mezo de Janeiro tem arrecadado 324\$640, cujos dados são suficientes para conhecer-se que as rendas peculiares desta província, que não chegavam a 3:000\$000 por anno, neste virão a ser de 20:000\$000 e nos seguintes ainda de muito mais, se porventura o commercio, agricultura, a pesca e todos os ramos de industria, que se trata de activar e desenvolver, chegarem a fazer reproduzir e melhorar tudo quanto aqui a natureza tão liberal está offerecendo.”

(Relatorio apresentado em 30 da Abril de 1852 ao ministerio do imperio pelo primeiro presidente da província do Amazonas João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.)

falta ou impedimento. O vice-presidente terá um official ás ordens.

5.<sup>º</sup> Tambem haverá um commandante geral militar, com um secretario, para os objectos relativos á força militar, serviço da guarnição e fronteiras. O dito commandante militar, além das vantagens de exercicio, terá duas cavalgaduras e 600\$000 de gratificação annual.

6.<sup>º</sup> Haverá mais para o serviço da guarnição e fronteiras um corpo fixo de linha, composto de quatro companhias e da força de 400 praças.

7.<sup>º</sup> A província constituirá uma só comarca, e o respectivo juiz de direito terá o ordenado de 2:400\$000, e se lhe contará o tempo de serviço de mais metade do que efectivamente servir: além das honras de desembargador, que lhe ficarão competindo depois de um quatrienio de exercicio daquelle cargo de magistratura na dita província.

8.<sup>º</sup> A comarca terá tres termos ou julgados municipaes, a saber: o da Barra, comprehendendo a villa de Barcellos, o de Ega e de Maués, todos tres com juizes municipaes letrados, vencendo o ordenado de 600\$000, contando-se-lhes tambem mais metade do tempo de serviço; e tendo a villa de Barcellos fôro civil e conselho de jurados, e os juizes substitutos de que trata o art. 19 da lei de 3 de Dezembro de 1841. Os juizes municipaes letrados, alternarão com o juiz de direito na abertura das sessões dos jurados e correigões.

9.<sup>º</sup> Haverá um só commando superior de guardas nacionaes, e o commandante geral militar poderá accumular este emprego.

10. A província do Gram-Pará continuará a dar tres deputados e um senador á assembléa geral, e a do Rio Negro dará dous e um senador.

11. O vice-presidente, commandante geral militar e magistrados, que servirem no Rio Negro, não poderão ahi ser eleitos nem senador nem deputados geraes ou provincias.

12. O numero de membros da assembléa legislativa provincial do Gram-Pará fica elevado a 36, sendo oito eleitos pela província do Rio Negro.

13. Haverá um delegado geral de polícia, que será bacharel formado, com o ordenado annual de 800\$000, e se lhe contará este serviço como de magistratura e com direito a accesso de juiz de direito. A este delegado competem as mesmas funcções na província do Rio Negro, que ao chefe de polícia do Pará.

14. Para arrecadação dos impostos geraes e pagamentos das despezas e serviços geraes haverá uma recebedoria de rendas, composta de um administrador com 1:200\$000, de ordenado annual, um escrivão e um thesoureiro, cada um delles com 800\$000, um amanuense com 400\$000 e um continuo, que servirá de porteiro com 360\$000.

Haverá mais um ajudante do procurador fiscal da thesouraria com 600\$000.

15. Pela thesouraria do Pará se auxiliará o cofre da rece-

bedoria das rendas do Rio Negro, com a quantia que fôr necessaria para suprimento de deficit que houver, e conforme as ordens do governo geral.

46. O vice-presidente da provincia do Rio Negro, annualmente enviará á assembléa legislativa provincial, no tempo de suas sessões e por intermedio do presidente do Pará, um relatorio do estado dos negocios publicos daquella provincia que sejam relativos a objectos provinciaes e municipaes, indicando as necessidades, a que a sobredita assembléa deva prover de remedio, e indicando as medidas, que para esse fim lhe parecerem mais apropriadas. As camaras municipaes na mesma occasião, e pelo intermedio do referido vice-presidente, remetterão os seus relatorios, balanços e orçamentos, para ser tudo presente a assembléa provincial.

47. O vice-presidente do Rio Negro, terá todas as atribuições que as leis em vigor conferem aos presidentes de província, especialmente a de 3 de Outubro de 1843, com a declaração, porém, de que todos os actos por elle ordenados, tendo logo de ser executados, como o exige o bem do serviço publico, ficam sujeitos a ulterior e definitiva resolução do presidente do Pará, a quem se dirigirão sobre todos os objectos e em todos os casos em que os presidentes de província se dirigem ao governo geral.

48. A nova província continua na parte ecclesiastica a fazer parte da diocese da província do Grão-Pará.

Semelhante projecto, sôbremodo deficiente para as necessidades que reclamavam prompto remedio, continuando a collocar a nova província na dependencia da província do Pará, e sem a automática necessaria, não conseguiu ser adoptado, e a comarca do Rio Negro ou do Alto Amazonas continuou a fazer parte da província do Pará, até que pela lei n.º 582, de 5 de Setembro de 1850, foi de novo elevada á categoria de província, com a denominação de—Província do Amazonas.—

Eis a intrega da lei:

Art. 1.º A comarca do Alto Amazonas, na província do Grão-Pará, fica elevada á categoria de província, com a denominação de província do Amazonas. A sua extensão e limites serão os mesmos da antiga comarca do Rio Negro.

Art. 2.º A nova província terá por capital a villa da Barra do Rio Negro, em quanto a assembléa respectiva não decretar a sua mudança.

Art. 3.º A província do Amazonas dará um senador e um deputado á assembléa geral: Sua assembléa provincial constará de 20 membros.

Art. 4.º O governo fice autorizado para crear na mesma província as estações fiscaes indispensaveis para arrecadação e administração das rendas geraes, submettendo-as depois ao conhecimento da assembléa geral para a sua definitiva approvação.

Art. 5.º Ficam revogadas as leis em contrario.

A installação da nova província do Amazonas, teve lugar no 1.º de Janeiro de 1852.

Dos archivos da camara municipal de Manáos, antiga villa da Barra do Rio Negro, extrahe o seguinte e importante documento da solemne inauguração da nova província do Amazonas, que ahi vai fielmente transcripto.

### CAMARA MUNICIPAL.

SESSÃO EXTRAORDINARIA DO DIA 1.<sup>º</sup> DE JANEIRO DE 1852.

*Presidencia interina do Sr. Rodrigues do Carmo.*

« A's nove horas menos dez minutos da manhã, feita a chamada, se acharam presentes os Srs. vereadores Barroso, Pão-Brasil, Roberto, Brandão, Paula Azevedo, Manoel José de Macedo, Fleury e Pedro Mendes Gonçalves Pinheiro: verificado pelo Sr. presidente existir numero legal para formar casa, declarou aberta a sessão e em seguida passou a nomear uma commissão para receber o Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Ferreira Aranha, presidente nomeado para esta província do Amazonas, que se deve achar na casa ás nove horas para prestar juramento e tomar posse da mesma, como tudo se acha concluído na acta da sessão de 29 de Dezembro ultimo, cuja nomeação recaiu nos Srs. vereadores Brandão, Fleury, Pinheiro, Paula Azevedo e Pão-Brasil.

A' hora indicada compareceu o mesmo Exm. Sr., que foi recebido e introduzido pela commissão da sala das sessões, tomou assento ao lado esquerdo do Sr. presidente da camara, depois do que mandou este proceder á leitura da carta imperial, por onde Sua Magestade o Imperador houve por bem nomear o mesmo Exm. Sr. para presidente desta província, e finda a leitura da dita carta imperial, deferiu a este o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, nos termos seguintes: « Juro aos Santos Evangelhos defender o Imperio, manter as liberdades constitucionaes, executar as leis, promover, quanto em mim couber, os melhoramentos moraes e materiaes desta província do Amazonas; assim Deus me ajude. »

Findo este acto, levantou-se o Sr. presidente e convidou o mesmo Exm. Sr. a tomar assento á sua direita, o que assim foi effectuado, declarando aquelle, em voz alta e intelligivel, que em virtude da sobredita carta imperial, e do aviso expedido pelo ministerio do imperio de 7 de Junho do dito anno, dava a camara municipal posse da província ao Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, presidente para ella nomeado. E passou logo o Sr. presidente da camara a convidar o 1.<sup>º</sup> vice-presidente nomeado Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda para prestar o devido juramento deste cargo, cujo juramento lhe foi effectivamente

deferido da fórmula mencionada, e repetindo o 2.º vice-presidente o conego Joaquim Gonçalves de Azevedo; o 3.º o coronel João Henrique de Mattos e o 6.º o cidadão Manoel Thomaz Pinto «assim o juro». O Sr. presidente da camara, sendo o vice-presidente nomeado em 5.º lugar passou a presidencia desta ao Sr. vereador immediato em votos, o que feito, deferiu este á aquele o juramento nos mesmos termos acima mencionados, e reassumiu novamente a presidencia.

O Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo permissão á camara, desfíru igualmente o juramento dos Santos Evangelhos, com as formalidades que constam do termo retro, a João Wilkens de Mattos, que por carta imperial de 18 de Agosto do anno proximo passado, foi nomeado para secretario do governo desta província.

Concluido que foi o que acima fica declarado, saiu a camara em companhia do Exm. presidente da província e mais autoridades e cidadãos outros, que se achavam presentes e se dirigiram á capella do seminário episcopal, onde foi celebrado o religioso acto de acção de graças, dirigindo-se depois ao palacio do governo, onde foram pelo Exm. presidente da província empossados dos seus cargos os empregados nomeados pelo governo de Sua Magestade o Imperador para chefes de diversas repartições. Logo se recolheu ao paço della, acompanhando o Exm. Sr. presidente, e ahi na sala de suas sessões, tomando novamente assento o mesmo Exm. Sr. ao lado direito do Sr. presidente da camara, declarou em voz alta, que em virtude da lei de 5 de Setembro de 1850 installava a província do Amazonas para a qual fôra nomeado presidente por carta imperial de 7 de Junho do anno proximo passado do que lavrou o secretario da presidencia o competente auto, que foi assignado por elle presidente, pelos vereadores da camara, pelas autoridades e mais cidadãos, que presentes estavam.

Finalmente, depois de ter a camara deliberado que se fizesse publico por editaes todas as occurrencias nesta mencionadas e que se comunicasse a todas as camaras da província, convidou o Sr. presidente da mesma ao Exm. Sr. presidente da província para que se dirigisse á igreja de Nossa Senhora dos Remedios, matriz provisória desta cidade, a fim de ahi assistirem ao solemne *Te-Deum laudamus* em acção de graças por tão satisfactorios acontecimentos e levantou a sessão, mandando lavrar esta acta que com os demais membros assignou. E eu Clementino José Pereira Guimarães, secretario, que a escrevi. (*Seguem-se as assignaturas.*)

De 1852 a 1874 tem sido a província do Amazonas administrada por 14 presidentes.

A população dessa immensa província, igual em superficie á quarta parte do imperio, e talhada pela natureza para conter em si tres estados grandes e poderosos, é por demais reduzida, sendo apenas avaliada em pouco mais de 60.000 almas.

Segundo algumas estatísticas, sem duvida nenhuma muito imperfeitas e incompletas, a sua população era:

Em 1788 de.....	30.800	almas.
1821 > .....	34.692	>
1825 > .....	32.732	>
1848 > .....	22.772	>
1849 > .....	22.762	>
1851 > .....	29.904	>
1856 > .....	41.819	>
1861 > .....	46.187	>
1866 < .....	40.443	>

No *ensaio corographico* de Baena vem uma taboa numérica da população da comarca do Rio Negro, que se resume da maneira seguinte:

RIOS.	POVOAÇÕES.	HABITANTES LIVRES.
Negro.....	26	8.031
Branco .....	3	697
Uapés .....	1	122
Xié.....	1	40
Amazonas até Ta-		
batinga.....	13	5.265
Madeira .....	2	601
Canumã .....	1	366
Maué-assú.....	1	1.689
Fura Urariá.....	1	253
Uatumã .....	1	332
Jatapú.....	1	485
	51	17.881
Escravos em toda a comarca.....		962
Total, exceptuados os indios sel-		
vagens.....		18.843

Na comarca do Rio Negro, diz ainda Baena, desvaneceram-se os lugares de S. Marcellino, da Conceição, de S. Felippe e de S. Martinho do Rio Branco e a villa de S. José do Javary, no Solimões. As villas e mais povoações, que permanecem ainda, apresentam-se mui pouco fornidas de habitantes: não ha taboa de população desta comarca que não patenteie de anno em anno um decrescimento sensivel: vê-se ainda na de 1821 o numero de 34.692 habitantes; na de 1825 o de 32.732; na de 1827 o de 16.403; e na de 1831 o de 16.243; e por consequencia no espaço de 10 annos a população mediterranea perdeu 18.479 moradores, perda que se diz occasionada da diserção dos indianos, do contagio das sezões e bexigas e das correrias dos Muras.

O Dr. João Antônio de Miranda, no relatorio que em Agosto de 1840 apresentou á assembléa provincial do Pará, dava á comarca do Rio Negro, de 30 a 40.000 almas.

O capitão-tenente Amazonas, contestando em parte os calculos de Baena, ponderando que a extincção ou desaparecimento de muitas habitações outr'ora existentes em certos lugares não pôde considerar-se como prova do decrescimento da população, por ser conhecido que os moradores têm mudado a sua residencia para as cabeceiras de inumeros lagos, rios e igarapés, e reconhecendo finalmente a impossibilidade de um arrolamento exacto, apresenta, como resultado da sua propria observação e das fracas e incompletas noticias, que começo a colligir em 1840, um mappa de toda a população naquellea época, excepto os selvagens, com distinção das classes ou raças de que se compõe, a saber: brancos naturaes do paiz e mui poucos estrangeiros; mamelucos, que são o apuro da raça indigena por sua união com os brancos; indigenas genuinos, nascidos no gremio da sociedade; cafuzes ou caribocas, que são a degeneração da raça indigena, por sua união com os negros; e estes ultimos.

O referido mappa resume-se nos seguintes algarismos :

	Almas.
Amazonas.....	14.766
Solimões.....	5.865
Baixo Rio Negro.....	14.899
Rio Branco.....	1.070
Alto Rio Negro.....	3.984
	<hr/> 40.584 <hr/>
Brancos.....	3.454
Mamelucos.....	10.871
Indigenas.....	23.339
Mestiços.....	1.980
Escravos.....	940
	<hr/> 40.584 <hr/>
Por 100 :	
Brancos.....	9
Mamelucos.....	29
Indigenas.....	58
Mestiços.....	4
Escravos.....	3
	<hr/> 100 <hr/>
Fogos.....	4.530

Em 1788, segundo Baena, o numero de fogos da comarca do Rio Negro era de 29.568.

Segundo o recenseamento confeccionado em 1852 e geralmente reconhecido como muito incompleto, era a população da província do Amazonas de 29.798 almas, sendo 7.815

homens livres e 225 escravos, 8.772 mulheres livres, e 117 escravas, 6.776 menores livres do sexo masculino e 117 escravos, e do sexo femenino 5.685 livres e 146 escravas.

De dous quadros estatisticos da populaçao da provincia extrahi o seguinte :

Em 1849:

Homens livres, maiores.....	6.073
Idem idem, menores.....	4.956
Mulheres livres, maiores.....	6.167
Idem idem, menores.....	4.786
Homens escravos, maiores.....	198
Idem idem, menores.....	140
Mulheres escravas, maiores.....	231
Idem idem, menores.....	131
Estrangeiros.....	80
Indios.....	
Total.....	<u>22.762</u>

Em 1851:

Homens livres, maiores.....	7.815
Idem idem, menores.....	6.776
Mulheres livres, maiores.....	8.772
Idem idem, menores.....	5.685
Homens escravos, maiores.....	225
Idem idem, menores.....	117
Mulheres escravas, maiores.....	272
Idem idem, menores.....	136
Estrangeiros.....	106
Indios.....	
Total.....	<u>29.904</u>

Diferença para mais no ultimo..... 7.142

Assim como se não pôde attribuir certamente esta diferença a crescimento tão rapido da populaçao em dous annos, disse o presidente do Pará no relatorio que apresentou ao presidente inaugurador da provinica do Amazonas, assim tambem não pôde deixar de reconhecer-se que ainda mui diminuta foi a que se deu no segundo quadro; porquanto aquella diferença é devida á falta de se não ter inscripto no primeiro a populaçao dos lugares de Tabatinga e Moreira, e de se ter retirado para o interior a populaçao de Santa Isabel, Moura, Carvoeiro e outros do Rio Negro, e nem se quer se fez menção de alguns outros populoso lugares da provinica, cuja omissão se acha de alguma sorte corrigida no segundo quadro, com o numero mais approximado de pessoas.

Todavia, continua o presidente do Pará, ainda no quadro do anno de 1851, assim como no de 1849, nota-se que, ten-

do-se inscripto em ambos o numero dos escravos e estrangeiros, houvesse a tão sensivel falta dos indigenas, devendo-se ter lançado pelo menos o consideravel numero dos que se acham domesticados das tribus Maués, dos rios Mamurú e Andira; Mundurucús, dos rios Abacaxis, Canumá e Muruámuratuba; Uaraquis e Pariquis, do rio Uatumá; Mundurucús, dos rios Madeira e Purús e das povoações do Amatary, Uautás e dos lagos Manacapurú e Manaquiri, que se acham em torno e proximos dessa capital, e outros que se acham pelos rios e lagos ainda mais distantes, já em povoações e estabelecimentos de lavoura, ou dados á pesca, navegação, etc.

A serem incluidos, como penso que devem ser, todos esses habitantes naturaes dessa província, pelo menos aquelles que se acham baptisados e já de alguma sorte uteis á sociedade, estou que o quadro da sua população poderá ser elevado a mais de 100.000 pessoas, sem se incluirem as hordas barbaras, errantes e ainda desconhecidas.

Fallando do recenseamento de 1866, dizia o illustrado Sr. Tavares Bastos: «Com quanto se deva considerar aquelle total de 40.443 almas, como o da população conhecida, aldeada ou catechizada, com excepção das tribus com que não ha pratica habitual de commercio, é elle com tudo manifestamente insignificante. E' uma gotta d'água naquelle oceano. »

Eis como se achava nessa época distribuida a população pelos diferentes districtos:

Manáos .....	6.404
Tauapessassú .....	1.398
Canumã .....	529
Borba .....	2.335
Crato .....	5.998
Moura .....	707
Rio Branco .....	268
Barcellos .....	646
Thomar .....	824
Marabitanas .....	618
S. Gabriel .....	1.223
Serpa .....	1.533
Silves .....	3.426
Alvellos .....	1.433
Teffé .....	1.894
Fonte Boa .....	651
S. Paulo de Olivença .....	1.007
Tabatinga .....	624
Villa Bella .....	4.333
Andirá .....	1.097
Conceição (Maués) .....	3.609

O recenseamento de 1873 approxima-se um pouco mais da verdade, mas não é ainda a sua legitima expressão. Indica,

rei algumas diferenças entre os dous recenseamentos (1866 e 1873) e que atestam o augmento da população:

	1866.	1873.
Teffé .....	1.894	2.237
Barcellos .....	646	944
Serpa .....	1.533	2.569
Andirá .....	1.097	1.747
Canumã .....	529	1.896
Thomar .....	824	875
S. Paulo .....	1.007	2.184
Alvellos .....	1.433	2.078
Rio Branco .....	268	355
Cudajaz .....		2.175
Tabatinga .....	624	786

E' claro que nestes recenseamentos não se acham comprehendidos os indios ainda não catechisados e dos quaes não é possivel conhecer o numero, por habitarem alguns delles, ou a maior parte das tribus, regiões até agora não exploradas, ou mal conhecidas.

Podem, entretanto, ser approximadamente calculados de 30 a 40 mil almas. (1)

---

(1) A catechese dos indios tem merecido attenção [particular da parte do Exm. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, actual presidente da provincia.

Existem na provincia tres missões, denominadas: Caldeirão, S. Pedro e S. Francisco.

Eis as noticias que dellas nos fornece o relatorio da presidencia do corrente anno:

**CALDEIRÃO.**—A localidade em que está fundada esta missão é alta, vistosa e arejada; proxima á matas de boas madeiras de construcção e perto de um igarapé de excellente agua. Porém, como todos os pontos do rio Solimões, é muito sujeita a piuns e a carapanans.

O lugar em que está a missão tem 898 braças de frente, compõe-se da igreja e de 22 casas bem preparadas, além de outras mais pequenas, que servem de fornos e outros misteres...

... A população, quasi toda ella de indios catechisados, é de 176 almas e emprega-se no cultivo da mandioca e cereaes, na construcção de canôas, na pesca e na caça, que muito abundam naquelle ponto.

Ha alli para mais de 100 cabecas de gado...

**S. PEDRO.**—Esta missão foi fundada pelos padres missionarios franciscanos observantes, na margem direita do rio Madeira, duas milhas ao norte do lago de S. Pedro, abundantissimo em tartarugas e peixes de diversas qualidades...

Compõe-se a sua população de 75 habitantes, todos elles indios muras... São docéis e obedientes ao seu pastor.

Ha na missão uma capella, quasi concluida, e 14 casas. Os habitantes têm feito 24 roças de mandioca e algumas plantações de cereaes; possuem 14 canôas de diversas dimensões e empregam-se

Fallando da populaçāo da provincia, dizia o Exm. Sr. presidente, no relatorio apresentado no corrente anno á assemblea provincial:

« Calculando-se approximadamente, segundo os dados officiaes existentes, pôde-se afirmar que a populaçāo da provincia é de 74.216 almas, numero quasi igual a que foi adoptado pela repartição de estatistica do Imperio.

Compõe-se a provincia do Amazonas de 4 comarcas, 7 municipios, 3 cidades, 6 villas com 22 freguezias.

As cidades são: Manáos, capital, antiga villa da Barra ; Teffé e Itacoatiara, antiga villa de Serpa.

As villas são: Silves, Villa Bella da Imperatriz, Conceição, antiga villa de Maués ; Barcellos, Cudajaz, Alvellos. (1)

São freguezias e povoações mais notaveis, Canumã, Moura, Tabatinga, Tauapessassú, Thomar, Borba, Manicoré, Fonte Boa, Tonantins, Manacapurú, S. Paulo e Rio Branco.

A comarca da capital (Manáos) foi creada por decreto de 26 de Julho de 1850.

A comarca de Solimões foi creada pela lei de 7 de Setembro de 1853 e constituida a 19 de Março de 1855.

A de Parintins foi creada pela lei de 24 de Setembro de 1858.

A do Rio Negro foi creada por lei de 30 de Abril de 1873 e constituida a 25 de Setembro do mesmo anno.

Consta igualmente a provincia do Amazonas de um dis-

---

na agricultura, pesca do pirarucú, caça, construcçāo das casas e canôas e limpeza das ruas da povoação.

S. Francisco.—Missão também fundada pelos padres missionarios na confluencia do rio Preto com o Madeira, em terras firmes, altas, abundantes em caça e excellentes para agricultura.

Os dous rios, nas suas proximidades, são abundantes em pescado de diversas qualidades e em tartarugas.

Consta a populaçāo de 135 indios Araras, quasi todos maiores, porque as crianças, antes dos pais serem aldeados, tinham sido com facilidade tomados pelos regatões.......

Compõe-se o aldeamento de uma capella e 55 casas boas, além de outras pequenas que servem para fornos e outros serviços : entre aquelle numero conta-se uma destinada para nella funcionar a escola publica e outra para residencia do missionario.

Os habitantes preparam para mais de 60 roças de mandioca, milho e bananeiras ; e no anno proximo findo, além da farinha, gasta no consumo, venderam 300 alqueires ao preço de 5\$ a 7\$ cada um.

Além disso possuem 26 canôas, que se empregam na pesca.

Onze rapazes já sabem ler, escrever, contar e fallar sofrivelmente a língua portugueza.

O serviço da catechese está sob a direcção do superior dos missionarios capuchinhos padre Samuel Mancini.

(1) Cudajaz e Alvellos (antiga freguezia do Coary) foram elevadas á categoria de villas por lei provincial do 1.<sup>º</sup> de Maio de 1874.

tricto eleitoral com seis collegios, e conta 111 eleitores e 7.903 votantes.

Elege um senador, dous deputados geraes e 20 deputados provincias.

Barcellos, ou antes Mariuá, foi a primeira capital da capitania de S. José do Rio Negro.

Está situada na margem direita do Rio Negro. O indio Camandri, chefe dos Manáos, foi o seu fundador.

Logo acima da villa, e servindo-lhe de limite, corre um grande igarapé de agua branca, denominada *Pai-grande*. No tempo da cheia do Rio Negro, nos mezes de Fevereiro e Março, as aguas deste rio represam as do *Pae-grande* e vêm-se perfeitamente a separação das duas aguas de côres diferentes. No meio da villa, e cortando-a, corre um outro igarapé muito menor, a que dão o nome de *igarapé da ponte*.

Por ordem do governador do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que a visitou em 1754, foi a antiga aldeia de Mariuá designada para servir de residencia á commissão mixta de demarcações, portugueza e hespanhola.

O mesmo governador, em 1758, elevou-a á categoria de villa com o nome de Barcellos, e no anno seguinte teve alli lugar a reunião da commissão, da qual, por parte de Portugal, era chefe o mesmo governador, e por parte da Hespanha, D. José Iturriaga.

Em 1780 estabeleceu alli residencia o general plenipotenciario João Pereira Caldas, commissario das demarcações do Rio Negro e Mato Grosso.

A villa de Barcellos, que já possuiu um palacio, que era a residencia dos governadores, uma casa de polvora, um quartel, uma ribeira de canôas, uma olaria, uma fabrica de pannos de algodão, um armazem real e um convento carmelitano, acha-se hoje na maior decadencia. O mato invadiu o palacio dos governadores, cujos alicerces ainda existem, e na margem do rio ainda vêm-se grandes peças de marmore, que deviam ser transportadas para a fronteira, a fim de servirem de marcos na linha divisoria.

E' Barcellos a villa do Amazonas, diz o capitão tenente Amazonas, onde concorreram em maior numero illustres personagens e onde, não obstante o deserto em que está encravada, se pôde observar a diplomacia européa em todo o apuro de sua duplidade e cavillação, officiosidade e cortezia.

Cultiva-se alli, em pequena escala, o algodão, o café e o tabaco, a despeito da espontaneidade com que se presta o terreno, que tambem dá em abundancia o cacáo, e deu em outro tempo em grande quantidade o anil. (1). Fabricam-se

---

(1) E' de lamentar que se ache completamente perdida no Amazonas a cultura do anil, que tanto promettia.

Em 1787 dirigiu o ministro dos negocios da marinha e do ultramar uma carta ao governador do Rio Negro, recommendando-lhe

alli rôdes de maqueira, primorosamente bordadas de pendas.

Em Barcellos nasceu (a 4 de Setembro de 1769) o insigne poeta amazonense Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Era filho de Raimundo de Figueiredo Tenreiro Aranha, e neto de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, capitão-môr de Gurupá e provedor da fazenda real no Pará.

Orphão de pai, logo na primeira infancia, e de māi aos sete annos, deveu Tenreiro Aranha a sua educação e o desenvolvimento de sua intelligencia aos desvellos de seu padrinho, o vigario geral José Monteiro de Noronha, que o mandou estudar no convento de Santo Antonio, em Belém, e depois nas aulas maiores dos padres mercenarios.

Nomeado pelo governador Martinho de Souza e Albuquerque director dos indios de Oeiras, passou dahi, em recompensa dos importantes serviços que prestára nesse lugar, para o de escrivão da abertura da alfandega do Pará, e depois para o de escrivão da mesa grande.

Foi Tenreiro Aranha um dos mais inspirados, senão o mais inspirado poeta, que tem produzido o Amazonas.

Os seus sonetos são notaveis pela elegancia e correcção da phrase, e entre elles passa como um verdadeiro primor o que vai ahi publicado na nota e que tão popular é no Pará (1).

Foi escripto por occasião do assassinato de uma mulher

---

a cultura e manufactura do anil e fazendo-lhe sensatas observações sobre a sua manipulação. Aquelle governador, aproveitando-se da idéa e das instruções que se lhe davam, cuidou seriamente da cultura do anil, sob tão bons auspicios, que nos annos que decorreram de 1787 a 1797 só elle forneceu ao laboratorio de Lisboa, por conta da fazenda real, 677 arrobas e 6 libras, exportando os particulares, no mesmo periodo, 736 arrobas e 3 libras.

(1) Eis o soneto:

« Si acaso aqui topares, caminhante,  
Meu frio corpo, já cadaver feito,  
Leva piedoso com sentido aspecto  
Esta nova ao esposo, afflito, errante.

« Diz-lhe, como de ferro penetrante  
Me viste, por fiel, cravado o peito,  
Lacerado, insepulto e já sujeito  
O tronco frio ao corvo altivolante.

« Que de um monstro inhumano, lhe declara,  
A mão cruel me trata desta sorte,  
Porém que allivio busque á dor amara;

« Lembrando-se que teve uma consorte,  
Que, por honra da fé que lhe jurára,  
A' mancha conjugal prefere a morte. »

mameluca, chamada Maria Barbara, por um individuo, que tentou violental-a (1).

Tambem a ode, que escreveu em honra de Manoel da Gama Lobo de Almada, antigo governador do Rio Negro, é uma bella producção, capaz por si só de fazer a reputação de um bom poeta.

Como prosador, foi tambem Tenreiro Aranha escriptor de grande merecimento.

E' pena que sómente escapasse á voracidade do tempo e ao facho incendiario da revoiução o pequeno volume que tenho á vista, publicado em 1850 por seu filho João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da provin-cia do Amazonas.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha falleceu a 25 de No-vembro de 1811, e não a 11 do mesmo mez, como consta de um artigo biographico, publicado na revista do instituto historico.

A cidade de Manáos (antiga villa da Barra) é a capital do Amazonas. Provem-lhe o nome de uma das mais importan-tes tribus, que dominaram o Rio Negro e alguns dos seus affluentes.

Está situada em uma pequena eminencia, á margem es-querda do Rio Negro, 10 milhas acima de sua foz e a 930 milhas da capital do Pará, e é cortada de igarapés, que se transpõe por meio de tres boas pontes de madeira.

« Pequena embora, diz o Sr. Tavares Bastos, Manáos o cupa uma situação extremamente pittoresca e um ponto geographico da maior importancia. Como S. Luiz, no Mis-sissipi, ella domina o largo espaço da navegação interior pelo Solimões e pelo Rio Negro; vê o Madeira internar-se pelo coração da Bolivia, o Purús cortar o Perú, e tem a quatro dias de distancia o porto do Pará. Creando a capital de uma provin-cia, lançava-se talvez a primeira pedra da capital de um grande imperio, em que não sonha o presente, mas que por ventura está escripta nos destinos do futuro. »

Possue a cidade de Manáos alguns edificios publicos e particulares que attrahem a attenção, sobresahindo entre elles a igreja matriz, que está a terminar-se, e que será o primeiro e o mais imponente e magestoso templo do Ama-zonas. Possue ainda a igreja de Nossa Senhora dos Remedios e a do Hospicio de S. Sebastião, administrado pelos religiosos capuchinhos.

Além destes tres templos, convém igualmente mencionar a capella do seminario episcopal, notavel pela sua elegancia e singeleza.

---

(1) O assassinato dessa mulher, perpetrado no caminho da fonte do Marco, nas immediações da cidade de Belém, foi attribuido a um soldado, que por isso foi condemnado á morte e soffreu a pena, protestando por sua innocencia.

Annos depois, ralado de remorsos, fazia o verdadeiro assas-sino, á hora da morte, publica confissão do seu crime.

O seminario episcopal de Manáos foi criado em 1848 pelo bispo D. José Affonso de Moraes Torres. O abandono em que o zeloso prelado achou a maior parte das freguezias do Amazonas, a falta quasi absoluta de sacerdotes de que pudesse lançar mão para provel-as convenientemente, a grande repugnancia que encontrava da parte dos poucos que havia em sahirem da capital do Pará, onde mais ou menos viviam cercados dos commodos da vida, para se empregarem nas remotissimas parochias do Amazonas, taes foram as razões que levaram o prelado a crear este seminario, que tem sido mais ou menos auxiliado pela assembléa provincial do Amazonas.

O edificio em que funcciona é sobremodo acanhado; é porém de crer que, augmentando-se os recursos da provincia, não duvide ella concorrer para que tome mais largas proporções aquelle util estabelecimento.

O palacio do governo é actualmente uma casa particular, meio arruinada e de acanhadissimas proporções. No pavimento terreo funcciona a secretaria da provincia.

A assembléa provincial, o lyceu, a bibliotheca publica e a repartição das obras publicas funcionam em um elegante palacete, ultimamente concluido, a esforços do actual presidente, o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto. Este palacete, depois de ter consumido quantia superior a 70:000\$, achava-se abandonado e exposto á accão destruidora do tempo. Com a sua conclusão muito lucrou a província, porque, além da decencia das accommodações que encontraram as repartições que alli funccionam, fizeram os cofres provinciales uma economia mensal de 150\$000, e eximiram-se de fazer concertos em predios particulares, que, a despeito de grandes despezas, nunca poderiam ser collocados nas condições de se prestarem aos misteres a que eram destinados.

A camara municipal, que tambem funccionava em um predio particular, terá brevemente um edificio proprio para as suas sessões.

Foi collocada a primeira pedra para elle no dia 1.<sup>º</sup> de Janeiro do corrente anno, na praça denominada—Pedro II.

Tambem, a esforços do actual presidente, o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, foi lançada, no 1.<sup>º</sup> de Janeiro de 1783, a primeira pedra de um vasto edificio, destinado para hospital da santa casa da misericordia, na quadra de terra, que demora entre as ruas do Progresso e José Clemente, concedida pelo governo imperial.

Tem a cidade de Manáos, dividida em 3 bairros, 499 casas, das quaes 255 são cobertas de telha e 244 de palha. Entre as primeiras ha 18 sobrados ou casas assobradadas. Tem mais 20 ruas, 11 travessas, 7 praças e 3 estradas. Ha alli 52 casas commerciaes.

Além de um bem montado estabelecimento de educandos artífices, inaugurado a 25 de Março de 1858, possue tambem uma companhia de aprendizes marinheiros, creada por decreto de 17 de Janeiro de 1871 e inaugurada a 21 de Agosto de 1872.

Tem os seguintes limites a freguezia que comprehende a cidade de Manáos. Confina pela parte de leste com a freguezia de Serpa, na foz do lago Arumá inclusive, á esquerda do Amazonas, de onde corre a linha á margem opposta, entrando pelo rio Uautás até a boca do rio Japéim, inclusive o paraná-miri do Pantaleão até a foz do rio Mamory. Desta linha para o sul limita com a freguezia de Borba (1).

A 8 ou 9 milhas abaixo de Manáos vê-se o lugar denominado *Lages*, onde em 1832 levantaram os revoltados do Rio Negro uma especie de fortificação, que foi confiada á direcção do carmelita Fr. Joaquim de Santa Luzia. Quando por aquelle simulacro de fortificação passou a barca de guerra *Independencia*, que de Belém conduzia força ao mando do tenente coronel Domingos Simões da Cunha para suffocar a revolução, foi saudada com alguns tiros, cujas pontarias eram dirigidas pelo dito carmelita.... A barca *Independencia*, entretanto, passou incólume.

A população da cidade de Manáos é calculada em 5.000 almas.

A villa de Cudajaz fica á margem do Solimões. Foi o lugar em que, em 1864, apontaram pela primeira vez os irmãos Rocha Tury, quando se propuseram a explorar o lago Cudajaz e o rio Purús.

Em 1871 foi elevada á categoria de freguezia, e por lei provincial do 1.<sup>º</sup> de Maio de 1874, á categoria de villa.

A laboura continua ainda a ser alli completamente nulla. Não ha campinas proprias para a criação de gado, mas os Srs. Rocha Tury acabam de abrir um campo artificial, aproveitando a margem de um lago proximo á villa, e alli montaram uma fazenda, que conta já um crescido numero de cabeças de gado vacum e cavallar.

O principal ramo de commercio, que alli se faz em grande escala, é o da extração da borracha, que é preparada no lago Cudajaz. A pesca do pirarucú é igualmente feita em larga escala. Tambem exporta salsa parrilha.

A sua população, calculada, segundo o recenseamento de 1873, em 2.475 almas, é quasi toda emigrada do Pará e Baixo Amazonas. Possue a villa seis casas de commercio e um armazem de grosso tructo.

A villa de Alvellos (antiga freguezia do Coary) fica á margem oriental da bahia do Coary, quatro leguas acima da sua foz.

Foi sua primeira situação no rio Paratary, oito leguas acima da fóz, donde trasladou-se para o dasaguadouro do lago Anamá, e dahi para a ilha Guajaratiba, donde depois passou-se para a actual situação. Em 1758 foi elevada á categoria de *lugar* com a denominação dc Alvellos ; em 1833

---

(1) Depois de escriptas estas linhas, tive noticia de que a assemblea provincial havia, na sessão do corrente anno, alterado estes limites.

foi qualificada simples freguezia, com a primitiva denominação de Coary, e por lei provincial do 1.<sup>o</sup> de Maio de 1874 acaba de ser elevada á categoria de villa, com o nome de Alvellos.

Segundo o ultimo recenseamento, é de 2.078 almas a população do seu termo.

O rio *Coary*, que forma a bahia em que está assentada a villa, é um affluente do Solimões, no qual se lança, à margem direita, por duas bocas, entre os rios Purús e Teffé, ou mais approximadamente, entre o rio Mamiá e o ribeiro Uariaú.

As demais povoações carecem de importancia, e a sua descrição tornar-se-hia fastidiosa, por monotonía. Todas ellas mais ou menos se parecem. Um amontoado de casas de palha, com algumas bem raras de telha, e em geral uma igreja meio arruinada, eis o spectaculo que todas ellas mais ou menos apresentam. A vida dos seringaes vai matando a vida dos povoados.

A instrução publica, de alguns annos a esta parte, vai tomando no Amazonas notável desenvolvimento.

Além de um lyceu bem montado e regularmente frequentado, tem a província mais 36 escolas publicas do ensino primário, sendo 28 para o sexo masculino e 8 para o feminino.

O lyceu possue todos os preparatorios exigidos para as academias do Imperio. As matrículas são gratuitas e os compendios são os adoptados no imperial collegio de Pedro II e no lyceu paraense.

São regulares os vencimentos dos professores do lyceu, bem como os dos professores primários. Vencem estes anualmente 1:200\$000. O director geral da instrução publica tem 3:000\$000 de vencimentos.

A camara municipal da capital creou em Agosto de 1872 duas escolas nocturnas, que já se acham funcionando, para os adultos, e os que, por qualquer circunstancia, não puderem frequentar as escolas que funcionam durante o dia.

Com a instrução publica despende a província do Amazonas annualmente a quantia de 70:000\$000, pouco mais ou menos.

Publicavam-se em Manáos os seguintes jornaes :

- *A Estrella do Amazonas*.
- *O Jornal do Amazonas*.
- *Jornal do Rio Negro*.
- *Catechista*.
- *Amazonas*.
- *O Correio de Manáos*.
- *O Monarchista*.
- *Cinco de Setembro.* (1)

---

(1) Este foi o primeiro jornal publicado depois de ser elevada a comarca do Rio Negro á categoria de província.

- *Jornal do Norte.*
- *Chrysalida.*
- *Reforma Liberal.*
- *Commercio do Amazonas.*
- *O Rio Negro.*
- *Diario do Amazonas.*
- *Boletim Official.*

Os cinco ou seis ultimos numeros continuam a ser publicados.

Em Itacoatiara (antiga villa de Serpa) publica-se um periodico intitulado *Itacoatiara*.

As rendas da provincia do Amazonas vão progressivamente augmentando. Os dados seguintes fallam bem alto.

Foram as rendas em :

1852 de.....	18:767\$889
1853 de.....	29:566\$802
1854 de.....	33:165\$103
1855 de.....	46:246\$173
1856 de.....	54:848\$296
1857 de.....	61:972\$193
1858 de.....	65:568\$714
1859 dc.....	83:748\$327
1860 de.....	101:929\$616
1861 de.....	90:220\$485
1862 de.....	93:347\$803
1863—(semestre isolado).....	57:289\$271
1863—1864.....	122:346\$400
1864—1865.....	130:350\$753
1865—1866.....	178:038\$781
1866—1867.....	226:097\$554
1869—1870.....	420:338\$744
1870—1871.....	365:468\$691
1871—1872.....	499:685\$653
1872—(semestre).....	242:990\$771
1873—1874.....	515:374\$000

No exercicio de 1866—1867 tinha a provincia do Amazonas: 4 açouques, 3 boticas, 1 bilhar, 1 fabrica de sabão, 121 casas de seccos e molhados, 2 lojas de alfaiate, 2 ditas de funileiro, 1 de drogas, 1 de ourives, 2 officinas de ferreiro, 3 de marnearia, 1 de pentieiro, 2 de sapateiro, 4 olarias, 3 padarias.

Destes estabelecimentos, 76 eram brazileiros, 68 portuguezes, 6 ingleses e 4 de diversas nacionalidades.

Estiveram empregados nelles 118 cajeiros, sendo 87 brasileiros, 28 portuguezes, 4 ingleses e 1 de outra nacionalidade.

Pagaram estes estabelecimentos para os cofres provincias a somma de 2:810\$000 de impostos.

No commercio fluvial denominado de regatões, foram empregadas 113 embarcações de vela, com 445 toneladas, e tripoladas por 259 marinheiros: pagaram de impostos a quantia de 9:386\$046.

No commercio de cabotagem, isto é, entre a província do Amazonas e a do Pará, empregaram-se 23 embarcações, sendo 4 a vapor, todas com 1.645 toneladas, e tripoladas por 315 marinheiros.

Pagaram de impostos a somma de 668\$940.

A exportação provincial no exercício de 1871—1872, montou á cifra de 3.375:088\$005.

O genero de mais exportação foi a borracha, que elevou-se á somma de 1.588.132,616 kilos.

Segue-se o pirarucú seco, que apenas se exporta para o Pará, e que no citado exercício subiu á somma de kilos 1.245.513,481.

Couros de boi e veado, estopa, guaraná, manteiga de tartaruga, óleo de copahyba, piassava e salsa, também foram generos de grande exportação.

Em Abril do corrente anno, sahiu do porto de Manáos para Hamburgo o brigue dinamarquez *Familiens Haab*, primeira tentativa de navegação directa do Amazonas para a Europa, levando a seu bordo os generos seguintes:

Castanha.....	128.200	kilos
Borracha.....	6.410	"
Salsa.....	250	"
Óleo de copahyba.....	340	"
Piassava em rama.....	2.600	"
Cacáo.....	300	"
Couros diversos.....	43	
Madeira e n toros, met.....	142	

O carregamento que levou para Manáos foi avaliado em 180:000\$000.

Semelhante tentativa e outras, que sem duvida se lhe seguiram, muito concorrerão para o desenvolvimento do commercio e o aumento das rendas da província.

Um outro facto, que augura importantes vantagens para o commercio do Amazonas, é o contracto de navegação directa da Europa para Manáos, celebrado a 19 de Março de 1873 entre o governo da província e o commendador Alexandre Paulo de Brito Amorim. Em virtude desse contracto obriga-se o empresario a estabelecer uma linha de navegação directa, a vapor, entre o porto de Manáos e diferentes praças

estrangeiras, fazendo seu ponto de partida da cidade de Liverpool, com escala pelo Havre, Vigo e Lisboa, e dentro do Imperio pelas cidades do Pará, Santarém e Obidos, e dentro da provincia do Amazonas na villa de Serpa, podendo tambem tocar em S. Luiz do Maranhão, quando convier aos interesses da navegação e do commercio. Obriga-se tambem o emprezario a estabelecer em Manáos uma casa de grosso tracto com mercadorias importadas da Europa.

Obriga-se a provincia a conceder ao emprezario a subvenção de 90:000\$000 por cada anno do primeiro quinquennio, e a de 100:000\$000 annualmente nos quinquennios seguintes até a terminação do contracto.

Em Abril do corrente anno, chegou a Manáos o vapor *Mallard*, primeiro ensaio da nova empreza.

Eis o quadro demonstrativo da quantidade, unidade, qualidade e valores dos generos exportados da provincia do Amazonas no exercicio de 1871—1872.

<i>Quantidade.</i>	<i>Unidade.</i>	<i>Qualidade.</i>	<i>Valores oficiais.</i>	<i>Impostos.</i>
33.140.456	k. litros.	Algodão em caroço. Azeite animal.....	44.8160	4.8446
1.370.807.759	k.	Borracha fina e entrefina.....	20:343.8708	2:034.5370
503.402	k.	Dia grossa.....	2.456:677.473	292:203.5240
216.821.455	k.	Dia sernamby.....	241:769.5510	92.5339
1	lata.	Banha de tartaruga.....	241:982.930	28:934.5094
294.073.179	k.	Cacao.....	7 $\frac{1}{4}$ :715.5337	7:471.5533
332.706.620	k.	Castanha.....	35:685.8361	3:568.5536
392.116.048	litros.	Dito.....	41:785.505	4:178.5550
413.200	k.	Cafe.....	442.5982	44.5298
73	k.	Canella.....	446.0000	44.5600
15.451.705	k.	Couros de boi secos e salgados.....	6:811.5619	681.5161
4.107	numeros.	Ditos de veado, onça e outros animaes.....	643.5400	64.5440
113.494	k.	Cumaru.....	71.542	7.5454
3	k.	Casca preciosa.....	3.000	300

1.189.729	K.	Carne secca e de salmoura.....	566\$180	56\$617
20.889.280	K.	Estopa.....	7:572\$134	757\$213
545	K.	Fio de tecum.....	2:090\$000	209\$000
36	K.	Farinha de tapioca.....	5\$760	\$576
3.296.056	K.	Guaraná.....	7:668\$442	766\$844
355	numeros.	Maqueiras de tucum e travessas.....	344\$000	34\$100
936	potes.	Mixira.....	7:650\$000	765\$000
11.10	metros.	Muirapinima.....	22\$200	2\$220
23.616.148	litros.	Óleo de cupahiba.....	28:447\$944	2.844\$794
3	caixas.	Ovos de tartaruga.....	40\$000	4\$000
1.245.513.510	h.	Pirarucú secco e de salmoura.....	358:828\$698	17:939\$891
70.473.250	K.	Plassava em cordas e em rama.....	29:423\$200	2:912\$520
430.462	K.	Puxiry.....	690\$983	69\$098
527.384	K.	Peixe-boi seco.....	148\$882	7\$444
364.644	K.	Sebo em rama e coado.....	199\$827	42\$538
22.187.170	K.	Salsa intanicada e por intanifar.....	48:833\$854	4:883\$384
7	numeros.	Redes de mürüty.....	45\$500	4\$550
782.253	K.	Tajaco.....	2:958\$450	295\$845
20	K.	Tucum em rama.....	22\$000	2\$200
111	metros.	Taboas de cedro.....	24\$420	2\$442
42.688	K.	Tambaqui.....	15\$445	\$772
v	K.	Urucú.....	32\$306	3\$230
3.375:088\$005				370:845\$308

